Universidad de Huelva

Departamento de Historia I

Cacela-a-Velha no contexto da Actividade Marítima e do Povoamento Rural do Sudoeste Peninsular nos séculos XII-XIV

Memoria para optar al grado de doctora presentada por:

Cristina Alexandra Tété Garcia

Fecha de lectura: 6 de julio de 2015

Bajo la dirección de los doctores:

Juan Manuel Campos Carrasco

Francisco Gómez Toscano

Huelva, 2015

CC BY NC ND

Departamento de Historia I

Cacela-a-Velha no contexto da Actividade Marítima e do Povoamento Rural do Sudoeste Peninsular nos séculos XII-XIV

Memoria para optar al grado de doctor presentada por:

Cristina Alexandra Tété Garcia

Bajo la dirección de:

Dr. Juan Manuel Campos Carrasco
Dr. Francisco Gómez Toscano

Huelva, 2015

TESIS DOCTORAL

Cacela-a-Velha no contexto da Actividade Marítima e do Povoamento Rural do Sudoeste Peninsular nos séculos XII-XIV

PRESENTADA POR:
Cristina Alexandra Tété Garcia

DIRIGIDA POR
Vº Bº Dr. Juan M. Campos Carrasco

Vº Bº Dr. Francisco Gómez Toscano

Huelva, Abril de 2015

Universidad de Huelva
Escuela de Doctorado

AUTORIZACIÓN PARA LA DEFENSA DE LA TESIS DOCTORAL EMITIDA POR EL DIRECTOR Y EL TUTOR Y POR LA COMISIÓN ACADÉMICA DEL PROGRAMA DE DOCTORADO

DATOS DE LA DOCTORANDA:

Apellidos y nombre: **Tété Garcia, Cristina Alexandra**	NIF/ Pasaporte: 06976170 1ZZ1	Nacionalidad: Portuguesa
Dirección a efectos de notificaciones: Largo do 25 de Abril, 1C-2ºA, 8000-157 Faro – Portugal		
Teléfono: +351 289 824 088/ Móvil: +351 963 955 479	EMAIL: cgarcia22@live.com.pt	

DATOS DE LA TESIS DOCTORAL:

Título: *CACELA-A-VELHA NO CONTEXTO DA ACTIVIDADE MARÍTIMA E DO POVOAMENTO RURAL DO SUDOESTE PENINSULAR NOS SÉCULOS XII-XIV*
Programa Oficial de Doctorado al que se adscribe y órgano responsable: PATRIMONIO HISTÓRICO Y NATURAL. DEPARTAMENTO DE HISTORIA I
Línea de investigación a la que se adscribe y órgano responsable: Investigación, Protección y Conservación del Patrimonio Arqueológico: desde la Prehistoria al Mundo Medieval. Patrimonio Arqueológico Urbano (Área de Conocimiento: Arqueología"

A CUMPLIMENTAR POR EL DIRECTOR Y POR EL TUTOR DE LA TESIS DOCTORAL: (en caso de que el Director y Tutor sean la misma persona, no es necesario cumplimentar los campos relativos al Tutor ni se precisa la firma de éste).

Director/es:	**Tutor/es:**
Dr. Juan Manuel Campos Carrasco	Dr./Dra.:
Dr. Francisco Gómez Toscano	Dr./Dra.:
Dr./Dra.:	Dr./Dra.:
como Director/Tutor de la Tesis Doctoral antes indicada **AUTORIZA** LA DEFENSA DE LA MISMA.	

En Huelva a, 8 de Mayo de 2015

Firma del/los Director/es de la Tesis Doctoral

Fdo.: Francisco Gómez Toscano Fdo.: Juan M. Campos Carrasco Fdo.:

Firma del/los Tutor/es de la Tesis Doctoral

Fdo.: Fdo.: Fdo.:

A CUMPLIMENTAR POR LA COMISIÓN ACADÉMICA DEL PROGRAMA DE DOCTORADO:

Cumplidos los criterios de calidad aprobados para este Programa de Doctorado por Comité de Dirección de la Escuela de Doctorado de la Universidad de Huelva y una vez valorada la Tesis Doctoral presentada por el Doctorando y haber incorporado éste las modificaciones y/o cambios que esta Comisión Académica le pudiera haber indicado, **se AUTORIZA** en reunión de fecha 11 de Mayo de 2015 **LA DEFENSA** de la misma.

En Huelva a, 11 de Mayo de 2015

Firma y sello del Presidente de la Comisión Académica

Fdo. Celeste Jiménez de Madariaga

Universidad de Huelva
HISTORIA, GEOGRAFÍA, ARTE, PREHISTORIA, ARQUEOLOGÍA

Às estrelas deste meu céu

João

e

Benjamim

Agradecimentos

A tese de doutoramento só foi possível porque me foi concedida uma bolsa de doutoramento pela Fundação para a Ciência e para a Tecnologia e porque Dália Paulo e Alexandra Gonçalves, directoras regionais da Cultura do Algarve depositaram, sem reservas, confiança no meu trabalho.

Na Universidade de Huelva fui recebida como amiga, o que fez toda a diferença no estado de espírito que mantive durante este longo trajecto. O meu orientador Juan Campos Carrasco ajudou-me a preservar os objectivos perante a vastidão de informação coligida, a conservar elevada motivação e ritmo de trabalho, teve uma paciência inexcedível e usou a acutilância, quando a situação assim a exigia. Do meu orientador Francisco Goméz Toscano recebi alento e carinho, conselhos sábios, antecipou, aplacou situações difíceis e fez-me herdeira de bastante bibliografia. Com Nuria Vidal, sempre disponível, partilhei a compreensão feminina do mundo. A Biblioteca da Universidade possui um acervo respeitável e as colegas bibliotecárias trataram com tolerância a distracção lusa.

A Câmara Municipal de Vila Real de St. António diligenciou os meios que foram possíveis nos trabalhos de campo e de gabinete. Foi gratificante ter como interlocutor o vereador e poeta José Carlos Barros. No Centro de Informação e Investigação de Cacela, Catarina Oliveira e Miguel Godinho são solidários, actuantes e sempre criativos, partindo para novos projectos a partir desta base cultural comum. Patrícia Dores inventariou, tratou e classificou a colecção arqueológica islâmica de Cacela. Incansável, esta equipa tem sido a guardiã deste acervo patrimonial. Sandra Ribeiro foi o pilar do registo topográfico das intervenções arqueológicas de Cacela. A Divisão de Urbanismo e Espaço Público não hesitou perante o desafio de desenhar dezenas de peças cerâmicas, devendo a João Catarino, Celina Torres e Ricardo Fernandes a qualidade gráfica da colecção do Poço Antigo. Joice Veia acompanha-me nestes trabalhos desde 2001, compilando e tratando em AutoCad todos os desenhos de campo e desbloquendo a minha ignorância em informática. Agradeço aos presidentes da junta de freguesia, António Solá e José Roberto pela disponibilidade e apoio prestado, bem como aos funcionários do município que participaram nos trabalhos arqueológicos.

A CCDR Algarve integrou os trabalhos arqueológicos nos quadros comunitários vigentes. O presidente João Guerreiro defendeu um projecto duradouro e sustentável em prol do Património Cultural de Cacela e da região algarvia. Ana Rosa Cardoso fez a articulação entre

as linguagens patrimonialista e eurocrata nestes complexos processos administrativos. Ana Paula Lopes ensinou-me a organizar encontros científicos. Carlos Viegas, representante dos serviços centrais de Lisboa, ralhou muito e ficamos amigos.

Do Campo Arqueológico de Mértola, Cláudio Torres enviou o estímulo e a ajuda para lançar a base das campanhas arqueológicas em Cacela. O CAM foi ainda o centro científico de acolhimento da presente bolsa de doutoramento. Com o seu espírito pragmático, Susana Goméz resolveu prontamente as situações colocadas nas questões metodológicas e executivas e agradeço as suas opiniões no campo das cerâmicas islâmicas. Juntamente com Alícia Candón e Clara Rodrigues, foram as minhas primeiras parceiras "arqueológicas". As colegas Armanda Salgado e Filipa Medeiros foram continuamente bombardeadas por mails, fazendo chegar ao Algarve muitos documentos das preciosas bibliotecas mertolenses.

Conheço a competência do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra desde 1992. Eugénia Cunha acorreu aos primeiros sinais de vestígios antropológicos e em Cacela ficou Francisco Curate a coordenar a exumação da necrópole medieval e o posterior estudo nos laboratórios da Universidade.

Este projecto nasceu no Parque Natural da Ria Formosa em 1998, um tempo de companheirismo e debate intelectual, salientando a(o)s colegas e amiga(o)s Maria João São Brás, Edith Marques, Carla Soares, José Carlos Fernandes, Graça Silva, Armando Moura, António Santana, José Cavaco, Madalena de Jesus, Paula Noronha, Paula Martins, Fernanda Ramires, Eunice Porfírio, António Capela, Silvério Lopes, Filomeno Machado e incentivado pelo director Luis Cancela da Fonseca.

Devo também uma palavra de agradecimento aos companheiros de trabalhos arqueológicos no Largo da Fortaleza, a incansável amiga Sofia Macedo, Gustavo Assunção, Soraia Rocha, Cristina Monteiro, o "vizinho" Alexandre Valinho e Francisco Sousa Lobo, que nos transmitiu valiosa informação sobre engenharia militar histórica.

Fico grata a Luis Alçada, filantropo de São Brás de Alportel que fui encontrar em Lisboa a gerir uma empresa de criação de sistemas de informação na plataforma Filemaker (Caltec) e a Rui Landeiroto que operacionalizou as bases de dados deste projecto.

Agradeço a Luis Filipe Oliveira a paciente revisão de alguns textos e as conversas esclarecedoras sobre o Algarve medieval. O Professor Adel Sidarus acedeu amavelmente em ler o capítulo 3 e agradeço as suas construtivas críticas. O Luis Fraga deu-me as bases da

geografia histórica, as nossas conversas foram uma fonte de inspiração e tem a melhor biblioteca particular do Algarve. Jared Fantasia foi de uma dedicação e rigor, que conferiu a qualidade gráfica à cartografia deste trabalho. Maria Helena Horta fez o impensável: a revisão geral desta tese imediatamente após a entrega das suas provas doutorais. Ao Miguel Velez coube a tarefa de encerrar o processo, através da denominada formatação final do documento, uma disputa "mano a mano" com o sistema. São provas de amizade que me tocam e honram.

Durante o estudo foi necessário recorrer a outras áreas científicas, que enriqueceram a informação histórica. Teresa Borges esteve sempre disponível para esclarecer todas as dúvidas "biológicas" desta "chata". Maria João Valente abraçou o estudo da colecção faunística de Cacela, integrado na especialidade de Arqueozoologia da Universidade do Algarve. Tomasz Boski foi de uma generosidade científica invulgar. Carlos Afonso deu um contributo precioso na área da malacologia. Jonathan Haws e Hugo Veríssimo analisaram e identificaram os restos faunísticos do Poço Antigo.

José Alberto Alegria ensinou-me a beleza de construir na natureza. José Centeno Jorge ensinou-me o outro lado da Arquitectura. Maria Cátedra e Jorge Freitas Branco alargaram a minha visão da Antropologia Social. A excursão geológica realizada com César Andrade, Conceição Freitas e Teresa Drago foi muito profícua. Com Alice Fernandes trocamos interessantes informações sobre a evolução linguística no Algarve e combinamos a agenda de comemorações de encerramento de teses.

A Brigada Fiscal da Guarda Nacional Republicana, que tem jurisdição sobre a Fortaleza de Cacela, autorizou e apoiou os trabalhos arqueológicos e actividades inerentes ao projecto. Na Loja do Navegante e na biblioteca do Instituto Hidrográfico encontrei rigor e empenho em ajudar a encontrar o que procurava.

Agradeço a amabilidade dos vizinhos em Cacela, D. Maria de Fátima Medeiros Assunção, D. Isabel e Sr. João. Algumas pessoas partiram. Recordo com saudade o Capitão Assunção, que aceitou com entusiasmo a interrupção da actividade agrícola para se realizarem as escavações arqueológicas no Poço Antigo. O amigo João Mangas era o arquivo de memória da terra. E os sempre prestáveis, Rui e Manuel "Balita".

Louve-se os princípios de cidadania da Associação Arqueológica do Algarve, que participou de forma voluntária nas escavações arqueológicas, quando todos os meios se tinham esgotado.

Um forte abraço a Mary Campbell, Bill Finlay, Marjolijn de Puydt e Irene Killian. A craveira intelectual de Rigtje Best-Beekman e a sua humorada companhia iluminaram Cacela.

Fico grata a Pedro Bandeira Fernandes e Carlos Fonseca da Reconceito, por terem aplicado a tecnologia de levantamento por laser scanner 3D no Poço Antigo. Agradeço ao colega Frederico Tátá Regala, às colegas arquivistas Madalena Guerreiro e Luisa Pereira e ao Nuno Inácio, o apoio que me deram em diversas fases do trabalho.

A todos os que participaram nas escavações arqueológicas e nos trabalhos de limpeza e preservação arqueológica em Cacela, obrigada por interessarem-se e cuidarem do nosso Património Cultural.

Para encerrar, a todos os que me rodearam e acarinharam, pais Rosalina e Américo, Irmãos, Família e Amigos, obrigada por me terem feito sentir que tinha escolhido um bom caminho.

Índice

Resumo 12

Resumen 14

Abstract 16

Capítulo 1: INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS 18

1.1- Os trabalhos pioneiros de historiografia e arqueologia 18

1.2- A investigação moderna 22

1.3- A arqueologia medieval 25

1.4- Cronologia do projecto de Cacela 28

1.5- Objectivos e carácter inovador da investigação 33

1.6- Métodos de investigação 35

1.6.1. Pesquisa histórica 35

1.6.2 Metodologia arqueológica 37

1.6.3 Classificação dos materiais cerâmicos 43

Capítulo 2: CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA 51

2.1- A Região 51

2.2- Cacela no sotavento algarvio 56

Capítulo 3: COMPOSIÇÃO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICA ENTRE A CONQUISTA ISLÂMICA E A FORMAÇÃO DOS REINOS PENINSULARES 60

3.1- A conquista da Península Ibérica e o emirado omíada de Córdova 60

3.2- A organização do território pelo califado de Córdova 67

3.3 Os primeiros reinos de taifas 76

3.4 A dinastia almorávida dividida entre Al-Andalus e Magrebe 81

3.5 Rebelião e segundos reinos de taifas 84

3.6 O império almóada 88

3.7 A conquista do al-Andalus pelos reinos peninsulares 92

Capítulo 4: CACELA, ENTRE A ALCÁÇOVA ISLÂMICA E A FORTALEZA QUINHENTISTA 97

4.1- Igreja de Nossa Senhora da Assunção 98

4.2- Fortaleza setecentista 101

4.3- Casa Paroquial 103

4.4- Casas da Câmara 106

4.5- Praça do Pelourinho e Cisterna 107

4.6-Arqueologia no Largo da Fortaleza 108

4.6.1 Sequências estratigráficas e estruturas 108

4.6.2 Estruturas subterrâneas: os silos 127

4.6.3 Análise dos materiais 136

4.6.3.1 Moluscos 137

4.6.3.2 Cerâmicas 142

4.7- Arqueologia no Baluarte Sudoeste 160

4.7.1 Sequências estratigráficas e estruturas 160

4.7.2 Cerâmicas 165

4.8- Cemitério Antigo e sector Oeste 165

4.8.1 Sequências estratigráficas e estruturas 165

4.8.2 Cerâmicas 169

4.9- Sector Nascente 171

4.10- Muralha sul 175

4.11- Muralha Norte 178

4.12- Interpretação histórico-arqueológica 188

Capitulo 5:A OCUPAÇÃO EXTRA-MUROS DE CACELA: O BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO 196

5.1- A construção e a arquitectura 201

5.2- O abandono e a derrocada do bairro 219

5.2.1 Os objectos de metal e osso 226

5.2.2 A fauna 231

5.3- A fase de deposições arenosas 235

5.3.1 Objectos de metal e osso 239

5.3.2 Fauna 243

5.4- A análise das cerâmicas 245

5.4.1 Recipientes de armazenamento e transporte 249

5.4.2 Louça de cozinha 263

5.4.3 Louça de mesa 282

5.4.4 Contentores de lume 298

5.4.5 Objectos de uso doméstico 302

5.4.6 Objectos de uso lúdico 305

5.5- Interpretação histórica 306

Capitulo 6:POVOAMENTO RURAL DO ALGARVE ORIENTAL NA BAIXA IDADE MÉDIA: A NECRÓPOLE DE CACELA-A-VELHA 311

6.1- Introdução 311

6.2- Enquadramento histórico 312

6.3- Os dados da Arqueologia 317

6.4- Os rituais funerários 323

6.5- Alguns dados paleo-biológicos 333

6.6- Interpretação histórica 337

Capitulo 7: GENTE E GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM 341

7.1- As fronteiras marítimas 341

7.2- As pessoas 351

Capítulo 8: 356

CONSIDERAÇÕES FINAIS 356

Bibliografia 368

Dicionários 368

Fontes históricas 368

Estudos 370

Cartografia 402

Indice Figuras 403

RESUMO

Cacela-a-Velha é uma pequena povoação do Algarve oriental, situada sobra arriba miocénica, bordejada por laguna protegida do oceano por cordão arenoso.

Actualmente, Cacela e zona envolvente integram-se no Parque Natural da Ria Formosa, que os tem protegido da devastação urbanística que assolou a região algarvia. Conheci Cacela através daquela instituição, que me ensinou a compreender a dinâmica dos sistemas naturais e o papel das populações locais na construção da paisagem. Circunstâncias institucionais levaram-me à realização de escavações arqueológicas de emergência em 1990 e 1992. Dali em diante, moveu-me a curiosidade por aquele belo lugar.

Cacela é um sítio pacato e pouco povoado, rodeado por bons campos agrícolas, enfrentando um mar calmo e vazio de vida marítima. Um presente que contrasta com a descrição de al-Idrisi do "castelo forte e bem povoado", porto de mar no século XII. Projectos financiados pela União Europeia permitiram realizar novas escavações arqueológicas e, inclusive, criar uma equipa vocacionada para o estudo, salvaguarda e valorização do Património Cultural em Cacela.

A presente tese de doutoramento sintetiza o trabalho de investigação desenvolvido nos ultimos anos. Foi utilizada uma metodologia de correlação de diferentes elementos de análise histórica: as fontes documentais, cartografia antiga e cartas de solos; os estudos arqueológicos do Bairro Islâmico do Poço Antigo, da Necrópole Medieval de Cacela e do Largo da Fortaleza; a análise dos parâmetros construtivos e evolução do conjunto edificado de Cacela-a-Velha; prospecção de campo e inquérito de cariz etnográfico; a consulta dos estudos de geomorfologia, biologia e arqueozoologia.

O castelo de Cacela situava-se no ponto de confluência entre o delta do Guadiana e o rio de Faro (actual Ria Formosa) na época medieval. Cacela foi porto estratégico para a navegação que pretendia aceder à cidade de Faro pelo sotavento e para as embarcações que pretendiam subir o rio Guadiana. A fortificação existia, pelo menos, desde o século X e sofreu alterações nos períodos sequentes. No reinado dos almóadas, o interior da alcáçova recebeu obras, como a construção de uma área de armazenamento de cereais e alojamentos na zona inferior. Cacela expandiu-se em direcção ao porto, surgindo um bairro novo junto da foz da ribeira das

Hortas.

O seu castelo tinha jurisdição sobre o território ocidental do Baixo e Médio Guadiana e orla costeira até Tavira, marcado por um considerável povoamento.

A conquista cristã alterou profundamente a sua estrutura social e territorial. Entregue à Ordem de Santiago, a comenda de Cacela criou as bases da organização paroquial do espaço rural do Algarve oriental através da construção da primeira igreja na região. Foi criada a Mouraria, que acolheu os moradores islâmicos do termo. Situado entre a cidade de Tavira e a fronteira luso-castelhana, o termo do enclave de Cacela foi reduzido gradualmente. Alterações na geomorfologia lagunar terão contribuído para o seu despovoamento. Cacela receberá nova obra de fortificação no século XVI por via do impulso da ocupação das praças norte-africanas e do reforço defensivo da linha do Guadiana.

Este estudo é um contributo para a compreensão do passado histórico de Cacela-a-Velha no contexto do povoamento, evolução da paisagem e actividades marítimas do sudoeste peninsular.

Neste trabalho foi seguido o antigo Acordo Ortográfico

20 de Dezembro de 2014

RESUMEN

Cacela-a-Velha es una pequeña población del Algarve oriental, situada sobre materiales miocénicos, bordeada por una laguna protegida del océano por un cordón arenoso.

Actualmente, Cacela y sus alrededores, se integran en el Parque Natural da Ria Formosa, que los ha protegido de la devastación urbanística que asoló a la región algarvia en pasadas décadas. Conocimos Cacela a través de aquella institución que nos enseñó a comprender la dinámica de los sistemas naturales y el papel de las poblaciones locales en la construcción del paisaje. Diversas circunstancias institucionales nos llevaron a la realización de excavaciones arqueológicas de emergencia en 1990 y en 1992. De ahí en adelante fue la curiosidad la que nos atrajo a este bello lugar.

Cacela es un lugar pequeño y poco poblado, rodeado por buenas tierras agrícolas, que se enfrenta con un mar tranquilo que parece libre de vida marítima. Es una realidad presente que contrasta con la descripción de *al-Idrisi* que la consideraba un "*castelo forte e bem povoado*", un puerto de mar en el siglo XII.

Proyectos financiados por la Unión Europea permitieron realizar nuevas excavaciones arqueológicas y, además, crear un equipo con vocación al estudio, protección y valorización del Patrimonio Cultural en Cacela.

La presente Tesis de Doctorado sintetiza el trabajo de investigación desarrollado en los últimos años. Se llevó a cabo con una metodología que correlaciona diferentes elementos de análisis histórico: las fuentes documentales, cartografía antigua y mapas de suelos; los estudios arqueológicos del barrio islámico de Poço Antigo, de la Necrópolis Medieval de Cacela y del Largo de la Fortaleza; el análisis de los paramentos constructivos y la evolución del conjunto edificado de Cacela-a-Velha; prospección de campo y encuestas de cariz etnográfico; la consulta de los estudios de geomorfología, biología y arqueozoología.

El castillo de Cacela se situaba en el punto de confluencia entre el delta del Guadiana y el río de Faro (actual Ría Formosa) en época medieval. Cacela fue un puerto estratégico para la navegación que pretendía acceder a la ciudad de Faro desde sotavento y para las embarcaciones que tenían que subir por el río Guadiana. La fortificación existía, por lo menos, desde el siglo X, aunque sufrió alteraciones en los períodos siguientes. En el período almohade el interior de la alcazaba experimentó obras, como la construcción de un área de

almacenamiento de cereales y las del asentamiento de la zona inferior. Cacela se expandió en dirección al puerto, surgiendo así un barrio nuevo junto a la desembocadura de la ribera de las Hortas. Su castillo tenía jurisdicción sobre el territorio occidental del Bajo y Medio Guadiana y la orla costera hasta Tavira, marcado por un considerable poblamiento.

La conquista cristiana alteró profundamente a su estructura social y territorial. Con la entrega a la Orden de Santiago, la encomienda de Cacela creó las bases de la organización parroquial del espacio rural del Algarve oriental, a través de la construcción de la primera iglesia en la región. Se creó la Morería, que acogió a los moradores islámicos del término. Situado entre la ciudad de Tavira y la frontera luso-castellana, el término del enclave de Cacela se fue reduciendo gradualmente. Alteraciones en la geomorfología lagunar habrían contribuido a su despoblamiento. Cacela recibirá una nueva obra de fortificación en el siglo XVI a través del impulso de la ocupación de las plazas norte-africanas y del refuerzo defensivo de la línea del Guadiana.

Este estudio es una contribución para la comprensión del pasado histórico de Cacela-a-Velha en el contexto del poblamiento, evolución del paisaje, y actividades marítimas del Sudoeste peninsular.

ABSTRACT

Cacela-a-Velha is a small village in eastern Algarve, located on a Miocene cliff. It is bordered by a lagoon protected from the ocean by a sandy barrier island.

Nowadays Cacela and its sourroundings lie within the Ria Formosa Natural Park (Parque Natural da Ria Formosa), which has protected it from the Algarvian urban destruction. I discovered Cacela through that institution, which provided me not only with the knowledge on the dynamics of its natural systems, but also on the local population's role in landscape building.

Institutional circumstances allowed me to proceed with archaeological emergency excavations from 1990 to 1992. After that, it was the beauty of the area that moved me to further research.

Nowadays Cacela is a quiet, slimly populated site, surrounded by good agricultural fields, facing a calm sea and void of maritime life—a situation that clashes with al-Idrisi's description of a strong and well populated castle and sea port in the 12th century.

I started by reading the available bibliography about the area. European founding projects allowed new excavation and the gathering of a reasearch team for the study, protection and management of Cacela's cultural heritage.

This thesis synthesizes the research developed in the last few years. The applied methodology correlated different historical elements: document sources, including ancient cartography and soil maps; archaeological data from the Islamic Quarter (Bairro Islâmico) of Poço Antigo, the Medieval Necropolis of Cacela and the Fortress Square (Largo da Fortaleza); the analyses of building parameters and evolution of Cacela's architecture; field survey and etnographic inquiries; and consultation of geomorphology, biology and zooarchaeology studies.

During the medieval period, the castle of Cacela was positioned on the confluence of the Guadiana and Faro (or Ria Formosa) rivers. It was a strategic port, accessing the city of Faro at the west and the Guadiana River at the east. The fortress itself existed since at least the 10th century and was later modified several times. In the Almohade period, the *alcazaba* (Alcáçova) had some works, including the construction of a warehouse for cereals and lodgings. Cacela expanded to its port area, a new quarter next to Hortas creek (ribeira das Hortas). Its castle

had jurisdiction over the Middle and Lower Guadiana, as well as the coast to Tavira, a territory with significant population.

The 13th century Christian conquest significantly changed the social and territorial structure of Cacela. The area was then given to the Santiago Order, and the trust (comenda) of Cacela began the parochial organization of rural Algarve after constructing the first church in the region. A moorish quarter (mouraria) was established to accommodate the local islamic population. In between the city of Tavira and the Portuguese-Castillian border, the trust of Cacela was gradually reduced. Changes in the lagoon geomorphology contributed to its depopulation. In the 16th century, new works in the fortress were taken to help with the defense of the Guadiana area after the Portuguese occupied several North African sites.

The main objective of this study is to understand the past history of Cacela's port and castle within the medieval Southwestern Iberia settlement and landscape evolution.

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS

1.1- Os trabalhos pioneiros de historiografia e arqueologia

A obra historiográfica de Vicente Salgado, "Memórias eclesiásticas do Reino do Algarve" editada em 1786, foi a primeira obra de análise erudita das fontes clássicas e medievais. Foi professor de latim em Silves e manifestava curiosidade invulgar pela localização de povoados de época romana. Nesta obra, o autor teve como objectivo coligir inscrições epigráficas e localizar os povoados, vias e acidentes naturais descritos nas fontes antigas ou famosos desde o período islâmico (Fraga, 2003; Santos, 1997: 23). Vicente Salgado associou à obra a análise de informações dos habitantes instruídos e de vestígios arqueológicos, incidindo o seu estudo particularmente em Ossónoba, Carteia, Estoi, Tavira e Silves (Salgado, 1786).

No século XIX, o académico algarvio João Baptista da Silva Lopes escreveu a primeira obra de geografia histórica do Algarve. A "Corografia ou Memoria económica, estadística, topográfica do Reino do Algarve", dada à estampa em 1841, reuniu dados sobre história das povoações, geografia, agricultura, pesca e artes, usos e costumes, topografia, vias, informação tratada e ilustrada com mapas, plantas e tabelas (Santos, 1997: 23). O autor observou um método rigoroso na consulta e análise das fontes: cartas corográficas e militares do Algarve, estudos hidrográficos, informações em conversas com os pescadores, consulta de "pessoas versadas no Algarve" e "sábios da Nação". Relativamente à "parte histórica e antiguidades, em que receava meter-me", o autor examinou documentos na Torre do Tombo e as Memórias da Academia Real das Ciências. Na prefação da obra, testemunhou que por razões que não conseguiu apurar, foi perseguido por alguns habitantes e atormentado com 1888 dias de "rigorosa" prisão, que lhe arruinaram a saúde e escassa fortuna (Lopes, 1841: 3).

De facto, descreveu com exactidão os acontecimentos históricos, como por exemplo, em Faro "bonita cidade, importante povoação no tempo em que foi tomada aos mouros por el-Rei D. Afonso III em 28 de Março de 1249 em resultado da avença feita com o alcaide Aloandro e almoxarife Aben Barran, que a tinham pelo Miramolim, rei de Marrocos …". A respeito de Cacela observou: "conserva as ruínas dos antigos paços do concelho, as casas da residência do pároco, e sacristão com mais quatro ou seis moradas: para a banda do norte se tem encontrado alicerces e ruínas, que indicam ter sido ali a antiga vila" (Lopes, 1841: 323, 387).

Sebastião Estácio da Veiga foi o pioneiro da investigação arqueológica no Algarve, inserindo-se na corrente do romantismo e da germinação de novas ciências que se propagava na Europa. Nascido em Tavira, este engenheiro de minas desenvolveu paralelamente actividade científica a partir de 1860 até falecer em 1891. A arqueologia tinha nascido como ciência por impulso da Academia das Ciências de Lisboa, nela inserindo-se Estácio da Veiga e eleito académico em 1876. O notável arqueólogo fez o levantamento de vestígios arqueológicos na totalidade da região algarvia, realizou escavações arqueológicas sistemáticas e recolheu materiais principalmente das épocas pré-histórica e romana e alguns de cronologia medieval. Fundou e organizou o Museu Archeologico do Algarve. Redigiu a obra em quatro volumes, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, entre 1874 e 1878. O trabalho foi terminado e publicado, apesar de o Estado ter cortado o apoio financeiro para a realização da investigação de campo (Santos, 1997: 24).

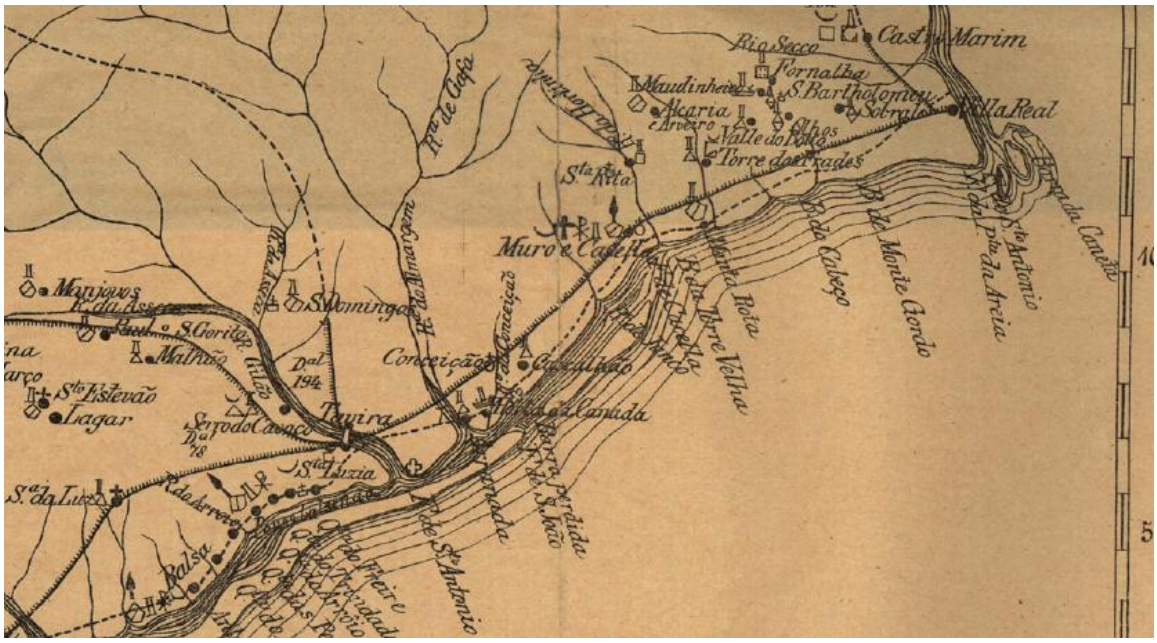


Figura 1: Carta Archeologica do Algarve de 1889 de Sebastião Estácio da Veiga (parcial relativo ao levante algarvio). Fonte: Veiga, 1904-1905.

Estácio da Veiga elaborou a Carta Arqueológica do Algarve, utilizando a base cartográfica de Silva Lopes (Figura 1). No sotavento algarvio registou vários achados islâmicos nos concelhos de Loulé, Faro, na cidade de Tavira, quintas do Arroio e Trindade, Serro do Cavaco, sítio da Arrancada, Castro Marim, Alcoutim e Laranjeiras. Passamos a transcrever as referências de Estácio da Veiga os testemunhos medievais identificados na freguesia de Cacela:

1) "Além do elemento árabe, que mais aparentemente predomina com as ruinas do antigo castelo, onde após a conquista chegou a alojar-se a brava cavalaria de Santiago" (Veiga, 1887, vol.II: 397).
2) "… já a quinta do Muro tinha fornecido um precioso monumento epigraphico moçárabe, de que a seu tempo e em lugar próprio darei notícia circunstanciada, e bem assim havia manifestado muitos vestígios de arrasados edifícios romanos" (Veiga, 1887, vol. II: 397).
3) Apareceu (um machado de pedra) a pouca distância da "velha muralha mourisca" (Veiga, 1887, vol.II: 422).
4) "Em Cacela há muitos desses pseudo-celeiros, e um deles verifiquei estar parcialmente tomado pela muralha junto à porta, à direita de quem vai ver e admirar o menosprezo e abandono dos monumentos nacionais" (Veiga, 1887, vol.II: 423).
5) Identificou na Manta Rota[1] uma torre que interpretou como uma vigia de "Hisn-Castalla" e muitos fragmentos de louça vidrada e "daqueles preciosos jarrões ornamentados de relevo, que eram cingidos de inscrições cúficas" (Veiga, 1887, vol.II: 401).
6) Na Manta Rota também existem subterrâneos. "Lá vi um completamente despejado, como que oferecendo-se à mourama dos tempos que vão correndo para algum serviço útil. Não sei como não têm aproveitado aquela vasilha em disponibilidade para urna eleitoral! Tem escapado!" (Veiga, 1887, vol. II: 423).
7) Torre octogonal localizada no lugar da Torre dos Frades[2]. Estácio da Veiga terá encontrado possivelmente silos com "louças capituladamente árabes" (Veiga, 1887, vol. II: 423-425; Garcia, 2008: 154).
8) "A outrora florescente vila de Cacela, hoje arrasada a ponto de não se conhecerem os antigos limites da sua grandeza, foi sucessora de mui anteriores populações, desde tempos remotíssimos, pois ali se acha largamente caracterizada a civilização neolítica, a romana e a árabe, como verifiquei, fazendo em vários lugares mui proveitosos reconhecimentos" (Veiga, 1887, vol. II: 580).

Mais tarde, escreveu em jeito de desabafo: "Alguma coisa já tenho feito na grande área que vai do litoral marítimo desde as praias de Cacela até à vila de Castro Marim; mas com referência ao que falta, pode dizer-se que ainda está quase tudo por fazer. Deve-se esperar que, se para a governação deste país forem no futuro preferidos aos políticos furibundos verdadeiros

[1] Lugar situado junto do mar, cerca de dois quilómetros a este de Cacela
[2] Propriedade situada a cerca de três quilómetros a nordeste de Cacela.

homens de ciência, os estudos arqueológicos começarão a adquirir a importância que lhes têm usurpado até hoje. … Então o aparecimento de monumentos virá resolver muitas dúvidas e esclarecer a verdade" (Veiga, 1905: 115).

José Leite de Vasconcelos (1858-1941) foi o fundador e primeiro director do Museu Etnográfico Português em 1893, actualmente designado Museu Nacional de Etnologia e Arqueologia. Fazia regularmente "excursões arqueológicas" pelo sul do país, para adquirir peças antigas recolhidas pelos agricultores locais e recolher informações de carácter etnográfico, arqueológico e histórico. Na freguesia de Cacela adquiriu duas candeias metálicas[3], publicadas na revista *O Arqueólogo Português* (Vasconcelos, 1902: 119). Publicou ainda na referida revista anotações soltas dos seus cadernos de campo, que chamou "Coisas Velhas". Nelas, deu notícia de alguns achados arqueológicos de época romana nas freguesias de Cacela e Castro Marim (Vasconcelos, 1917: 126; 1919-1920: 225-230).

De passagem por Cacela, impressionou-se com o que ouviu da população: "Na área em que jaz a actual Cacela devia ter assentado uma importante povoação romana, - tantos são os vestígios que nela ainda restam da vida do povo-rei! Alem do que fica apontado, vê-se, ou acha-se, por lá o seguinte: na base da muralha da fortaleza porções de *opus signinum*; um fuste de coluna em uma porta de uma casa; fragmentos de tegulas e de tijolos (cilíndricos e de forma de quarto de circulo); mármores em paredes de casas, ou soltos. Conta a tradição que o mar se adiantou, e se descobriu ou descobre dentro dele um poço e alicerces de edifícios " ... Mais diz o povo que Cacela fôra outrora tão grande, que três ferradores que lá havia, em diversos pontos da povoação, não se ouviam entre si, quando estavam martelando o ferro" (Vasconcelos, 1919-1920: 230).

David Lopes (1867-1942), professor, arabista e sócio da Academia das Ciências, desenvolveu a sua actividade em Lisboa. Transcreveu fontes árabes, estudou a origem das palavras e topónimos de origem árabe, dando um contributo decisivo no estudo da história muçulmana no *Gharb-al-Andalus*. Publicou n'O Arqueólogo Português, a análise e estudo de moedas árabes encontradas na freguesia de Castro Marim (Lopes, 1895).

A presente síntese sobre a contribuição dos investigadores pioneiros nos estudos historiográficos do sotavento algarvio encerra-se com a obra do primeiro investigador de História Local, Francisco Xavier de Ataíde Oliveira. Ataíde Oliveira (1842-1915), doutor em

[3] Ver figuras 12 e 18, no cap III.

Teologia e Direito, jornalista e escritor algarvio, legou uma vastíssima obra de história, arqueologia e recolha de tradições, inspirando-se em autores como Silva Lopes e Estácio da Veiga. As suas Monografias de alguns concelhos do Algarve traçaram o quadro do povoamento, usos e costumes locais, caracterização da população, principais edifícios e monumentos, toponímia e achados arqueológicos na viragem para o século XX. Referiu-se à "antiga Vila de Cacela, que as ondas do oceano diluíram e que pouco distaria do actual sítio da Igreja. (…) é um pequeno centro de população com uns vinte fogos. E tempo houve – segundo a tradição não muito antiga afirma – que neste sítio havia apenas a casa do pároco e do sacristão. (…) Tudo desapareceu; e hoje somente quem tenha o privilégio de conhecer a linguagem das ondas, pode, por seu intermédio, colher a verdadeira resposta (Oliveira, 1999: 192, 203)[4].

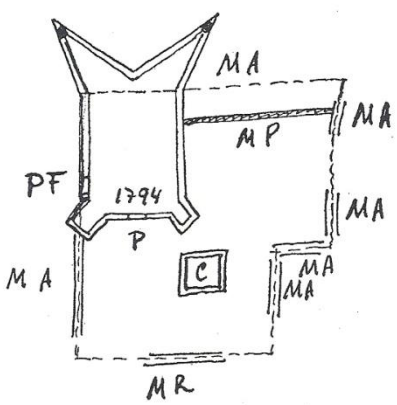
1.2- A investigação moderna

Garcia Domingues (1910-1989), nascido em Silves foi um intelectual notável, que marcou de forma indelével a história luso-islâmica (Sidarus, 1997: 17). Eminente arabista e professor na Universidade do Algarve, promoveu o estudo das fontes árabes e os primeiros ensaios históricos relacionados com as origens islâmicas de algumas localidades algarvias, como Cacela (Figura 2).

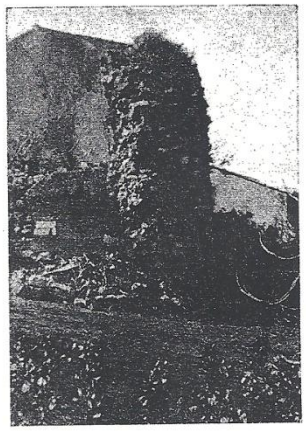
Destacamos[5]: *Aben Mafom e a conquista do Algarve pelos portugueses na "Adh-dhakhyra As-sanya"*, publicado na revista Brotéria em 1955; *Património cultural arábico-algarvio,* publicado pela Casa do Algarve em 1956; *O Garb extremo do Andaluz e "Bortuqal" nos historiadores e geógrafos árabes,* conferência apresentada na Sociedade de Geografia de Lisboa em 1960; *Ossónoba na época árabe*, publicada nos Anais do Município de Faro em 1972; a transcrição da *Crónica da Conquista do Algarve* na mesma revista.

Garcia Domingues apresentou ainda a primeira teoria sobre os limites da alcáçova de Qastalla e referiu que "a designação de Qast:âlla derivava do facto de, nessa região, existir uma série de pequenos castelos que, no seu conjunto, fechavam, por oriente, a entrada no Algarve" (Domingues, 1960: 341; 1956).

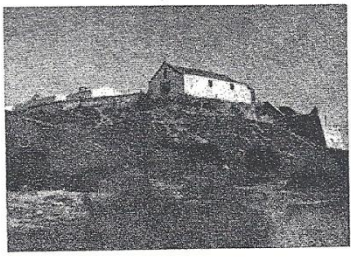
[4] A primeira edição da Monografia do concelho de Vila Real de Santo António é de 1908.
[5] Esta selecção "interessada" no objecto Cacela, não dispensa a consulta da bibliografia completa de Garcia Domingues (Sidarus, 1997). Recentemente, Abdallah Khawli (2003) escreveu um artigo comentado sobre um estudo inédito de Garcia Domingues sobre Tavira.



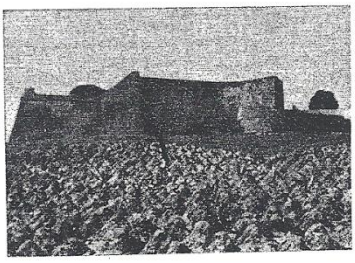
1



2



3



4

ASPECTOS DA FORTALEZA DE CACELA que foi, no século X, sede do feudo dos Banu Darraje.

1 — Esquema topográfico das ruínas da fortaleza de Cacela. **MR** — Restos de muralha romana. **MA** — Vestígios da muralha árabe. **M. P.** — Muralha medieval portuguesa. **P** — Porta de entrada para o Fortim construído em 1794. **C** — Cisterna árabe. **PF** — Porta falsa do Castelo hoje entaipada.

2 — Ruínas da muralha romana, a norte.

3 — Aspecto da velha fortaleza de D. Paio Peres Correia, vendo-se, ao centro, a igreja de traça medieval.

4 — Aspecto oriental do Fortim, moderno, vendo-se, ao norte, vestígios da muralha árabe.

Figura 2: Fortaleza de Cacela. Fonte: Domingues, 1956

.

José Pedro Machado (1914-2005), natural de Faro, licenciado em Filologia Românica, foi um intelectual com elevada produção de estudos, autor do Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa e escreveu vários ensaios sobre toponímia das povoações algarvias (Machado, 1974, 1976, 1997).

António Borges Coelho, professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, organizou a compilação das fontes árabes sobre o território português e em 1973 publicou a obra *Portugal na Espanha Árabe*, integrando a biografia do poeta cacelense Ibn Darrague com a transcrição de alguns dos seus poemas (Coelho, 2008).

O historiador José António Pinheiro e Rosa (1908-1995), fundador da revista *Anais do Município de Fa*ro, publicou na série "Pharonensia Monumenta Historica" a transcrição de documentos dos séculos XIV a XVI, bem como artigos relevantes de pesquisa histórica sobre a cidade de Faro.

Filho da cidade de Olhão, Alberto Iria (1909-1992) iniciou a publicação sistemática de fontes documentais portuguesas e estudos históricos algarvios, possibilitando novas análises e interpretações para a região algarvia. A obra monumental *O Algarve e os Descobrimentos,* de 1949, foi publicada enquanto director do Arquivo Histórico Ultramarino, integrada na obra *Descobrimentos portugueses,* de João da Silva Marques. Publicou ainda estudos relevantes, como: *Da importância geo-política do Algarve, na defesa maritima de Portugal, nos séculos XV a XVIII*, de 1976; *O Algarve nas cortes medievais portuguesas do século XIV. Subsídios para a sua história*, de 1982.

Natural de Vila Real de Santo António e professor local, Hugo Cavaco tem dado forte contributo para a investigação histórica no Algarve Oriental. A sua dissertação de mestrado, orientada por Borges Coelho, "A dinâmica portuária e aduaneira do levante algarvio na 2ª metade do século XVIII", marcou o início da sua actividade de investigador de História Local. O seu trabalho pautou-se pela leitura e transcrição paleográficas das fontes escritas das épocas medieval e moderna, disponibilizando documentação importante existente nos arquivos nacionais e estrangeiros. A motivação, encontramo-la numa dedicatória simples: "À minha família, aos meus alunos, ao povo do meu concelho" (Cavaco, 1990). Entre as obras publicadas, destacamos: *A antiga vila de Cacela e o seu* alfoz, 1983; Visitações *da Ordem de Santiago no sotavento algarvio*, 1987; *Cacela no século XVII. Dez anos de governo autárquico*, 1990; *Castro Marim quinhentista. O foral novo e o tombo da Comenda*, 2000.

João Carlos Garcia, professor na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, publicou vários trabalhos sobre a formação da fronteira no sudoeste da Península Ibérica, na época medieval, fornecendo interessante informação sobre o enquadramento histórico-militar da região no período formação dos reinos ibéricos (Garcia, 1982; 1983; 1986; 1989).

Adel Sidarus, docente universitário, tem escrito diversos artigos sobre a história islâmica no território luso, organizando e analisando as fontes árabes e oferendo interpretações históricas, conjugadas com achados materiais relevantes (1993, 1994, 1997, 2001, 2004).

Luis Filipe Oliveira, professor na Universidade do Algarve, publicou recentemente a Visitação à Comenda de Cacela mais antiga que se conhece, 1478-1482. Especialista em História

Medieval, o seu trabalho tem incidido na análise e interpretação rigorosa das fontes documentais e estudos da fase de guerra e conquista cristã (Oliveira, 1999; 2004; 2008; 2009).

Outros historiadores têm dado importantes contributos para a história do Algarve medieval, como Oliveira Marques (1987; 1989), Maria de Fátima Botão (1989, 2009), Cristophe Picard (1997; 2000), Alexandra Gradim (2006) ou Maria Filomena Barros (2007).

A epigrafia medieval árabe foi tratada inicialmente pelas investigadoras Ana Labarta e Carmen Barceló, apoiadas no primeiro estudo de A. Nykl de 1940. Fizeram o levantamento das inscrições epigráficas portuguesas, no qual incluiram a pia de abluções encontrada em Cacela (Labarta e Barceló, 1987)[6]. Em 1995, Mário Barroca defendeu uma tese fundamental, *Epigrafia Medieval Portuguesa: 862-1422*, publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Relativamente à numismática, destacamos o labor de José Rodrigues Marinho que, desde 1964, estudou de forma sistemática as moedas árabes encontradas em Portugal, nomeadamente um conjunto de moedas, encontrado em Castro Marim.

Finalmente, devem ser mencionados os exemplos de resiliência das revistas de história local, como os *Anais do Município de Faro*, *Al'Ulya* – Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, *Al-Rihana* – Revista Cultural do Município de Aljezur e *Xelb* – Revista do Município de Silves. A Associação de Estudos e Defesa do Património Histórico-Cultural de Silves promoveu as Iªas Jornadas de Silves em 1992, com a intenção de criar um espaço aberto de reflexão histórico-filosófica e crítica social, que infortunadamente foram interrompidas. Mereciam igualmente ter continuidade as Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia, publicadas pela Câmara Municipal de Loulé.

1.3- A arqueologia medieval[7]

A primeira intervenção arqueológica oficial realizada em testemunhos da época muçulmana, no Algarve, pertenceu a José Luis de Matos em 1971. Aconteceu no sítio arqueológico do

[6] Ver figura 14 no capítulo III.

[7] Pretende-se neste capítulo e precedentes realçar as publicações mais relevantes no âmbito do nosso trabalho, para a compreensão do período medieval islâmico no sotavento algarvio, sem intenção de apresentar um inventário exaustivo.

Cerro da Vila (Loulé), onde foi posto a descoberto um forno cerâmico islâmico e vários silos com materiais daquele período (Matos, 1983; 1991).

Em 1981, Rosa Varela Gomes iniciou um conjunto de publicações sobre as escavações arqueológicas realizadas na cidade de Silves, que culminou com a tese de doutoramento sobre a evolução da cidade no período islâmico (Gomes, 2002; 2003, 2006, 2011). Pela relevância desta cidade do Gharb-al-Andalus, pela extensão das áreas escavadas e quantidade dos materiais encontrados e publicados, este estudo constitui uma referência da arqueologia islâmica em Portugal.

No sudeste algarvio, a escavação de emergência na alcaria de Vale do Boto (São Bartolomeu, Castro Marim) em 1981 revelou interessantes achados (Gonçalves, Catarino e Arruda, 1980; Catarino, Arruda e Gonçalves, 1981). Falta o estudo dos materiais deste importante arqueo-sítio, bem como do Montinho das Laranjeiras (Coutinho, 1999; 2003) e Lezíria (Arruda e Dias, 1985), junto do rio Guadiana e Tejo do Praio, a oeste de Faro (Arruda, Almeida e Freitas, 2003), na perspectiva das produções cerâmicas e actividades locais no período islâmico.

Teresa Júdice Gamito (1936-2006), foi a primeira portuguesa professora catedrática em Arqueologia e leccionou na Universidade do Algarve. Realizou várias escavações arqueológicas em Faro, nomeadamente, no cemitério romano na Rua das Alcaçarias (1984), Horta da Misericórdia (1984, 1992/93, 1997-2000), sede da Polícia Judiciária (1987), acompanhamento arqueológico de obras camarárias, como no Arco do Repouso (1991) e Arco da Vila (1993). Estes trabalhos permitiram-lhe verificar que "a cidade foi fundada sobre uma ilhota de origem sedimentar, no meio dos sapais da Ria Formosa, a qual só séculos mais tarde se ligou à terra firme e se desenvolveu ao longo de mais de 2000 anos, formando uma pequena colina artificial" (Arnaud, 2007; Gamito, 2007). Fez incursões no interior algarvio, resultando interessantes trabalhos de carácter etnográfico e arqueológico sobre o povoamento serrano (Gamito, 1990; 1994)[8].

Em 1987 realizava-se em Lisboa o IV Congresso Internacional *A cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, por iniciativa do Campo Arqueológico de Mértola. Este encontro permitiu que os investigadores portugueses a especializarem-se em arqueologia medieval, pudessem apresentar e discutir os seus trabalhos e deu forte impulso à investigação académica

[8] Interessa referir ainda no âmbito desta temática o interessante trabalho realizado sobre a alcaria islâmica "Alcariais de Odeleite" (já desaparecida), publicada por Santos, 2006, 2007, 2010.

neste domínio. Relativamente ao Algarve, foram apresentados estudos de Faro (Gamito, 1991), Silves (Gomes, 1991; Gomes e Gomes, 1991) e Cerro da Vila (Matos, 1991).

Em 1997, Helena Catarino, docente da Universidade de Coimbra, defendeu a tese de doutoramento fundamental para a compreensão do povoamento do interior serrano*, O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica* (Catarino, 1992; 1993; 1994; 1995; 1997-1998; Catarino e Inácio, 2009).

O panorama da arqueologia medieval do sotavento algarvio alterou-se em 1996 com a criação do Campo Arqueológico de Tavira, presidido por Maria Garcia Pereira Maia, ex-conservadora do Museu Nacional de Arqueologia. Maria Maia, com Manuel Maia, dirigiram escavações arqueológicas na cidade de Tavira ao longo de treze anos, fazendo importantes descobertas sobre a época islâmica. Assim, os estudos realizados indicam que Tavira teria sido fundada nos finais do século X e no século XI era já densamente povoada. Foi identificado um troço da muralha almóada, construída em taipa ciclópica (Maia, 1999; 2003; 2004; 2006; Maia e Maia, 2002).

Seguiu-se uma nova geração de arqueólogos municipais com a missão de fazer o acompanhamento de obras e que têm desenvolvido investigação arqueológica nos centros históricos de Loulé (Luzia 2002; 2003a; 2003b; 2006; 2009; Cunha, Marques, Silva, 2002), Faro (Paulo, 2000; Álvaro, 2009) e Tavira (Covaneiro e Cavaco, 2005; Covaneiro, Cavaco e Lopes, 2008; Cavaco e Covaneiro, 2009; Paulo 2006).

Finalmente, a Universidade do Algarve, através do curso de mestrado em Arqueologia Islâmica tem promovido estudos no âmbito do período islâmico da região (Paulo, 2006; Gonçalves, 2008; Cavaco, 2011; Pessanha, 2012; Serra, 2013). A especialidade de Zooarqueologia tem lançado as bases de estudo da dieta alimentar das populações e reconstituição do meio ambiente medieval, que pode tornar-se um exemplo regional de cooperação interdisciplinar.

Pela proximidade geográfica e afinidade cultural, são importantes os trabalhos realizados em Mértola, na ilha de Saltés, os esforços hercúleos em descortinar a Huelva islâmica na actual estrutura urbana, os trabalhos de valorização e estudo arqueológico de Niebla e os vários estudos publicados em Sevilha.

As reuniões científicas regionais têm dado um forte incremento ao desenvolvimento de estudos nesta disciplina, como o congresso ibérico *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*[9], o *Encontro de Arqueologia do Algarve*[10] e o *Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*[11]. Em 2004, a Universidade do Algarve recebeu o *IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, tendo as comunicações sido publicadas na revista *Promontoria*.

1.4- Cronologia do projecto de Cacela

Corria o ano de 1990, quando fui chamada a intervir em Cacela-a-Velha, no âmbito de uma escavação arqueológica de emergência do forno romano apanhado por abertura de valas para plantio de pomar. Desconhecia então que parte de mim iria estar afecta a este lugar intrigante rodeado por uma bela paisagem.

Presentemente, Cacela-a-Velha é a fortaleza e a igreja envolvidas por um casario simples e por campos semi-abandonados. Um cenário pouco condizente com a descrição medieval de um castelo forte e bem povoado, construído à beira-mar. Reconstituir o passado histórico de Cacela, ainda que de forma parcial, foi um trabalho de minúcia, traduzido na recolha de indícios, vestígios de muros e enrocamentos, fotografias antigas, fontes documentais, observação de aparelhos construtivos quando possível e análise das características da arquitectura rural. Informações agregadas, claro, a campanhas arqueológicas, que permitiram entrever a antiga organização do povoamento em Cacela-a-Velha.

A intervenção arqueológica decisiva foi a descoberta do Bairro Islâmico do Poço Antigo em 1998 (Figura 3). Tarefa assumida pelo Parque Natural da Ria Formosa (PNRF) no contexto das suas atribuições e objectivos de cooperar para o desenvolvimento sustentável do território. A iniciativa congregou a participação da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António (CMVRSA), Campo Arqueológico de Mértola (CAM) e Comissão de Coordenação da Região do Algarve (CCDRA)[12]. Os proprietários do terreno do Poço Antigo, Capitão Henriques

[9] Realizado apenas nos anos de 1993, 1994 e 1995, promovido pela Universidade do Algarve e pela Universidade de Huelva.
[10] Realiza-se anualmente em Silves desde 2001, promovido pela autarquia silvense.
[11] Este encontro ibérico realiza-se de forma intermitente desde 1993. Actualmente, o seu renascimento advem do esforço da Universidade de Huelva, municípios de Aroche e Serpa e Direcção Regional de Cultura do Alentejo.
[12] A CCDRA apoiou a investigação arqueológica em Cacela, integrado nos programas FEDER e Interreg IIIB. Posteriormente, esta entidade lançou um programa de desenvolvimento sustentável em torno de um conjunto de aldeias algarvias com valor patrimonial, que permitiu criar um projecto de financiamento para Cacela-a-Velha no âmbito do Programa ProAlgarve. Para mais informação, consultar Freitas, 2002.

Assunção e D. Maria de Fátima Carrilho Medeiros Henriques Assunção apoiaram com entusiasmo os trabalhos arqueológicos.

A direcção da escavação arqueológica coube a Susana Goméz e Alicia Candón do CAM e a autora pelo PNRF. Esta intervenção foi efectuada em duas campanhas de 15 e 30 dias, somando 45 dias de trabalho. Foi posto a descoberto um conjunto sepulcral medieval cristão sobre habitações abandonadas no final do período almóada. Foi aberta uma pequena sondagem no espaço do Cemitério Antigo, com o objectivo de aferir a presença islâmica no extremo oeste da povoação.

A denominação do Poço Antigo adveio do testemunho do Senhor João Mangas, morador em Cacela-a-Velha, que narrou a história de um poço existente naquele lugar, que abasteceria a aldeia de água potável. De tempos a tempos, um menino de barrete encarnado, um mourinho, saía do poço em corrida desenfreada e, quando era visto pelos habitantes, de imediato voltava a refugiar-se no poço[13].

Em 2001, foi realizada nova escavação arqueológica no sítio do Poço Antigo (Garcia, 2002; 2012; Garcia e Curate, 2010)[14]. A parceria foi alargada ao Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, sendo Francisco Curate co-responsável pelos trabalhos arqueológicos. A escavação arqueológica foi realizada em duas campanhas de 75 dias cada, com a duração total de quatro meses e meio no ano de 2001. A primeira campanha iniciou-se em 14 de Maio e terminou em 31 de Julho. Contudo, verificando-se que a necrópole cristã estendia-se por toda a área e encontrava-se deposta sobre as estruturas islâmicas, foi necessário prolongar os trabalhos até 9 de Dezembro do mesmo ano, com o objectivo de atingir o nível islâmico na área entretanto aberta. Nesta fase, foi realizada a obra de consolidação da parede de taipa localizada a nascente do povoado, que mereceu acompanhamento arqueológico. Em 2004, o Centro de Informação e Investigação do Património de Cacela (CIIPC) da CMVRSA, no âmbito de um projecto financiado pela União Europeia[15], promoveu a escavação arqueológica na Fortaleza de Cacela (Figura 4).

[13] Este poço foi recentemente localizado junto da ribeira. Agradece-se a Teresa Patrício, membro da associação local ADRIP, a informação prestada.
[14] Financiado pelo programa comunitário FEDER (art. 10º), projecto «Urbanismo islâmico do sul peninsular e norte de África», no âmbito da Acção Piloto Portugal-Espanha-Marrocos.
[15] Projecto Castrum - Salvaguarda e Valorização dos Castelos, do programa MEDDOC III-B.

Figura 3

Microtoponímia de Cacela-a-Velha

(foto Lúcio Alves, 1998)

Administrada pela Brigada Fiscal da Guarda Nacional Republicana, esta instituição não só autorizou os trabalhos arqueológicos como prestou sempre apoio logístico às acções realizadas. Esta intervenção foi realizada em parceria com a Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos e teve direcção científica de Sofia Macedo e da autora com Francisco Sousa Lobo como consultor. Foram postos a descoberto muros do período islâmico e troços de muralha de tipologia construtiva variada (Garcia, Macedo e Lobo, 2006).

Entretanto, foi apresentada a tese de mestrado na Universidade de Huelva, subordinada ao tema "Intervenção integrada no património cultural e sustentabilidade do mundo rural. Um modelo arqueológico para o Algarve", fundamentação teórica da intervenção no contexto do desenvolvimento do sotavento algarvio (Garcia, 2008).

Em 2007, o CIIPC do município vila-realense promoveu novos trabalhos arqueológicos, pelo que foi possível ampliar a escavação no Largo da Fortaleza. A campanha realizou-se entre 7 de Maio e 3 de Agosto. Foram postos a descoberto silos, alguns de dimensões razoáveis, mas não foi possível atingir o fundo das estruturas, cheias de entulho medieval. Esgotados os fundos financeiros da campanha, foi lançado um pedido de ajuda, a Associação Arqueológica do Algarve respondeu, voluntariou-se e os trabalhos prolongaram-se até 26 de Setembro.

Foi editada a obra "Cacela, terra de levante. Memórias da paisagem algarvia" (Garcia, 2008), carta do património arqueológico, arquitectónico e etnográfico que constituiu uma base de abordagem histórica no Algarve oriental.

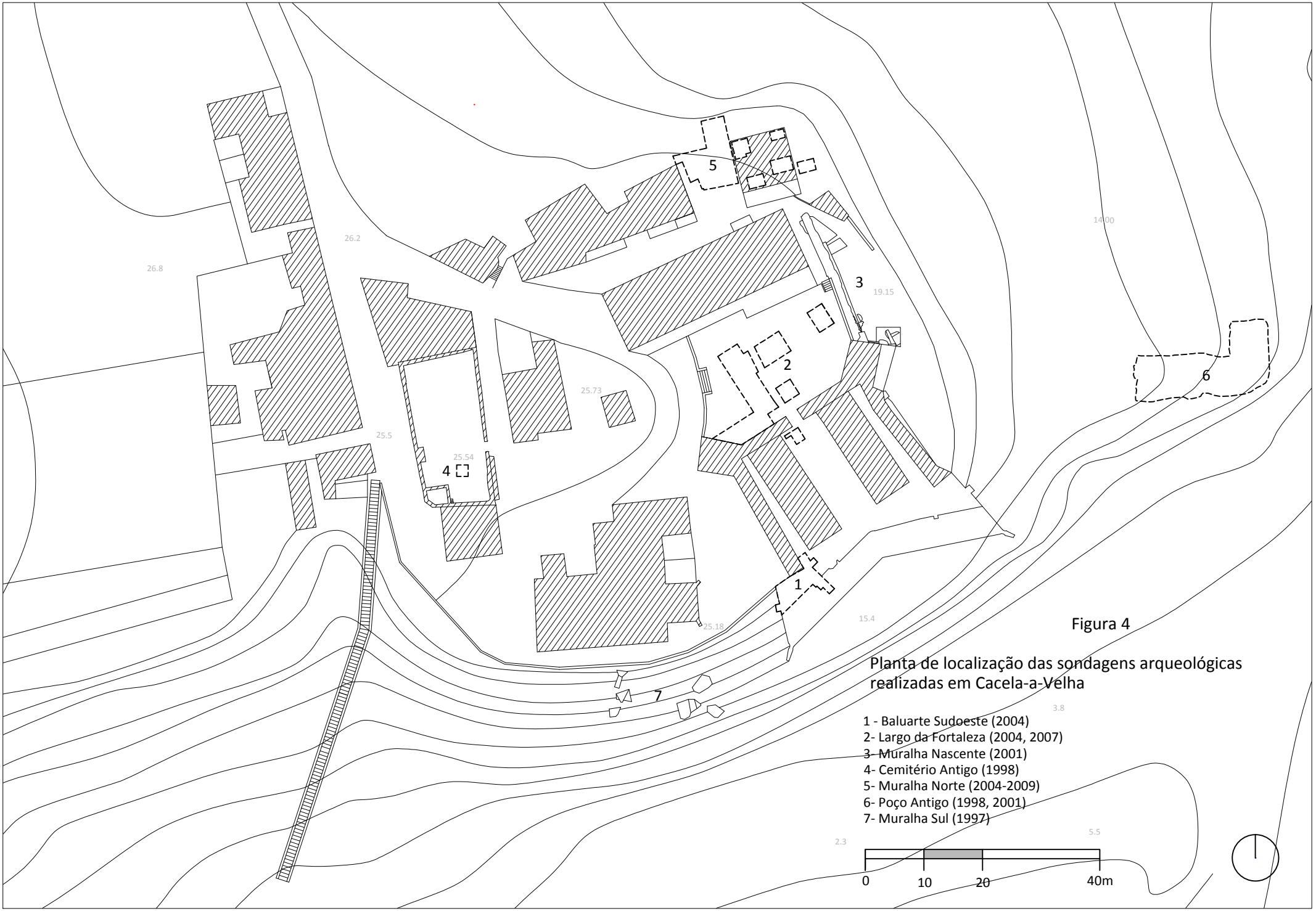


Figura 4

Planta de localização das sondagens arqueológicas realizadas em Cacela-a-Velha

1 - Baluarte Sudoeste (2004)
2- Largo da Fortaleza (2004, 2007)
3- Muralha Nascente (2001)
4- Cemitério Antigo (1998)
5- Muralha Norte (2004-2009)
6- Poço Antigo (1998, 2001)
7- Muralha Sul (1997)

No âmbito da realização de dois projectos de construção de moradias em Cacela-a-Velha, a empresa Palimpsesto[16] realizou sondagens arqueológicas entre 2004 e 2009 (Figura 4). Foram abertas valas de pequena dimensão e feita a escavação arqueológica até ao nível de afectação de obra. Estes trabalhos confirmaram a presença da muralha islâmica medieval no sector nordeste de Cacela-a-Velha.

Em 2010, foi aprovada a bolsa de doutoramento pela Fundação para a Ciência e para a Tecnologia[17]. Estavam criadas as condições para desenvolver, entre 2010 e 2014, a compilação, análise e interpretação histórico-arqueológica sobre Cacela na Idade Média. A autora, em colaboração com a equipa do CIIPC, participou em reuniões científicas, ensaiando métodos de abordagem de conteúdos científicos e desenvolvendo novas linhas de investigação (Garcia, Dores, Oliveira e Godinho, 2012; Oliveira, Inácio, Garcia, Dores e Godinho, 2013; Garcia e Dores, 2013; Garcia, Valente, Dores, Curate, Veia, Oliveira, Godinho, Goméz, Fraga, Macedo, Calado e Fantasia, 2013; Garcia, Oliveira, Dores e Godinho, 2014).

O culminar desta fase corresponde à presente tese de investigação que consubstancia o programa de doutoramento "História Natural e Cultural" do Departamento de História I da Universidade de Huelva.

1.5- Objectivos e carácter inovador da investigação

Pretendemos com este estudo contribuir para o conhecimento histórico da região algarvia. São elementos fundamentais da memória colectiva, como tal testemunhos desse percurso histórico, o património arquitectónico e etnográfico, a tradição oral, as fontes históricas e as estruturas arqueológicas. Na nossa pesquisa no âmbito das ciências sociais, todos estes elementos encerram dados válidos. Com diferentes graus de valoração qualitativa, estes dados constituem "conquistas cumulativas" que concorrem para a corroboração das hipóteses.

A estratégia analítica consistiu em desenvolver uma rede descritiva de forma a organizar posteriormente o caso de estudo. Nesta tarefa, deparamo-nos inevitavelmente com questões e desafios, transformados em proposições teoréticas. Foram seleccionados os materiais e

[16] Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos por Alexandre Valinho, João Marques e Sara Almeida.

[17] Bolsa de doutoramento com a referência **SFRH/BD/60743/2009**.

desenhadas as fichas descritivas Os dados serviram análises qualitativas e quantitativas, permitindo trabalhar em duas linhas que se entrecruzaram e fortaleceram a estratégia analítica (Yin, 2009: 130).

As análises quantitativas reportaram-se a alguns campos de análise neste estudo de caso em que as questões maiores eram de ordem qualitativa. A revisão da literatura nesta fase contribuiu para encontrar lacunas de informação histórica e tópicos de interesse na preparação do nosso caso de estudo. Os dados qualitativos permitiram explicar, explorar e avaliar o caso de estudo (Yin, 2009: 133).

O repertório analítico foi pacientemente construído, utilizando a lógica de correspondência de padrões. As hipóteses rivais fundadas em outro tipo de observações e influências funcionaram como variáveis independentes com o objectivo de testar o processo de análise do nosso caso de estudo, Cacela medieval (Yin, 2009: 136).

Assim, numa primeira fase, definiram-se os objectivos referenciais, pilares na construção de problemas e questões, fixação de metodologias e determinação de metas:

a) Inventário dos elementos patrimoniais de carácter arquitectónico e arqueológico;
b) Relatórios arqueológicos e laboratoriais;
c) Cartografia histórica;
d) Compilação das fontes históricas;

Transcorrida esta primeira etapa e perante os resultados inicialmente obtidos, formularam-se os objectivos da presente investigação:

1) Limites e organização da Alcáçova islâmica;
2) Arquitectura doméstica e vida quotidiana da população na fase final do período almóada, séculos XII-XIII;
3) Conquista cristã e povoamento do território na segunda metade do século XIII e XIV;
4) Evolução da fortificação nos séculos XIII-XVI;

Assim, partimos do princípio que a análise, selecção e cruzamento dos dados concorrem para o conhecimento do período de transição que ocorreu entre o povoamento islâmico, a fase de guerra e ocupação e o povoamento da região do Baixo Guadiana. Como vimos, este período

histórico é bem conhecido do ponto de vista dos movimentos militares e políticos. Contudo, desconhecemos modos de vida[18], migrações, construção da paisagem e arquitectura.

A nossa pesquisa procurou abranger as questões-chave e o maior conjunto possível de evidências. Propomos analisar as fontes medievais portuguesas e árabes do ponto de vista desta região. Partimos do pressuposto que as características naturais do Baixo Guadiana, uma zona de raia, de povoamento instável e, por vezes, de indefinição, mantiveram, contudo, alguma ligação ou coesão entre os habitantes e as actividades desenvolvidas. Cremos que o nosso trabalho pode contribuir para caracterizar as comunidades islâmicas da primeira metade do século XIII, o seu destino após a conquista da zona ocidental do Guadiana, a articulação com a instalação de novos poderes na região, a chegada de novos moradores, as práticas de exploração dos recursos naturais e a evolução arquitectónica dos lugares.

1.6- Métodos de investigação

1.6.1. Pesquisa histórica

Em face dos objectivos definidos, foi necessário actualizar a pesquisa bibliográfica, fontes históricas publicadas, arqueologia almóada no *Gharb al-Andalus*, ocupação humana da orla costeira nas regiões do Algarve e Andaluzia no período medieval e contextualização histórica dos eventos de carácter político-militar e povoamento do Baixo Guadiana entre os séculos XIII e XVI.

Esta fase de revisão da literatura foi bem sucedida, através da utilização de programas informáticos, particularmente um sistema relacional de bases de dados, realizado através do programa Filemaker. Assim, no decorrer da leitura de alguns documentos e do registo da informação numa base de dados simples denominada "Biblioteca", verificou-se que a quantidade de informação produzida necessitava ser adequadamente tratada e transformada em dados relevantes e evidentes para o estudo em curso. O acto de seleccionar a informação que deveria integrar o registo era um trabalho selectivo e subjectivo, separando de forma terminante os dados do seu contexto. Dado que se tratava de lidar com dados qualitativos,

[18] Neste campo, têm contribuído os estudos zooarqueológicos realizados por alunos de mestrado da Universidade do Algarve, sob a coordenação de Maria João Valente, que em conjunto, darão um forte impulso na caracterização da dieta alimentar e paisagem medieval algarvias.

considerou-se que deveria ser evitado o registo simplificado ou reduzido, correndo o risco de perder informação importante. Assim, o registo deveria ser mantido no seu contexto e na sua complexidade. Ora, tratando a informação como dados potenciais, os registos acabavam por se expandir rapidamente e de forma não uniforme. Neste sentido, o rigor e justeza da nossa análise foi determinada pela qualidade do registo dos dados, o seu contexto e a acessibilidade à informação. Em síntese, verificando a diversidade, complexidade e quantidade de informação científica a recolher, armazenar e categorizar, tornou-se necessário investir no *software*, de forma a, com a experiência entretanto adquirida, aumentar a funcionalidade e eficácia daquela informação.

Foram então criados novos sistemas de registo de informação, com acesso eficaz aos diferentes tipos de informação, armazenamento mais consistente da informação e sistema de ligação entre dados conexos. Assim, o grupo de palavras-chave passou a ser comum a todas as bases de dados, permitindo agrupar e reduzir informação de uma forma sólida em função de atributos cronológicos, geográficos, históricos e temáticos. O campo das palavras-chave foi revisto e alargado com a intenção de abranger as temáticas do presente estudo, passando a integrar, por exemplo, os seguintes itens: "Al-Andalus", "Gharb", "Magrebe", "Al-Andalus docs", "Castela docs", "Portugal docs", "Algarve Património", "Andaluzia", "Arqueologia funerária", "Fortificações", "Arquitectura", "Cartografia", "Corografia", "Etimologia Lexicologia", "Metodologia", "Paisagem", "Geomorfologia", "Alta Idade Média", "Baixa Idade Média", e "Materiais Medievais".

A Ficha Bibliográfica, era inicialmente constituída pelos seguintes campos: Autor, Título, Data, Arquivo, Cota, Localização, Sumário e Palavras-chave. Foram acrescentados campos, que a seguir se descriminam:

i) Número de série (numeração automática de cada novo registo);

ii) Referência bibliográfica completa, de acordo com norma de publicação adoptada;

iii) Valoração do documento, dado em função da importância do conteúdo perante o objectivo da presente investigação);

iv) Campo-contentor de imagens (para inserção de fotos, mapas);

v) Notas (comentários, discussão e reflexões pessoais, elementos constitutivos do método analítico e descritivo).

Pensamos assim ter melhorado o sistema existente e a informação passou a ser correctamente armazenada e identificada. A base de dados bibliográfica contém presentemente 1240 registos.

No capítulo terceiro procuramos analisar a complexa corrente de eventos que ocorreram no extenso território do Algarve e da Andaluzia num período de tempo alargado, que sustentam modelos lógicos de comportamento social (Yin, 2009: 149). Ou seja, cruzamos a descrição dos acontecimentos militares, políticos e actos administrativos ocorridos entre os séculos IX e XIII com os dados publicados de resultados arqueológicos no antigo espaço do Gharb. E obter uma percepção da evolução histórica e povoamento humano entre o final do período islâmico e a instalação das monarquias ibéricas. Esta base permitiu ainda interpretar os dados arqueológicos e paleobiológicos[19] da necrópole cristã do ponto de vista da conquista e povoamento do Baixo Guadiana, diligenciada no capítulo 6.

Na fase analítica da componente arqueológica pretendeu-se estabelecer paralelos entre a região algarvia e as restantes povoações e portos costeiros existentes no contexto do golfo ibero-marroquino através da análise das tipologias arquitectónicas e arqueológicas. Por isso, a base de dados integrou estudos arqueológicos e artigos científicos de sítios costeiros com funções portuárias, de vigilância da entrada em rios e acesso a cidades ou com actividade piscatória. O objectivo seria perceber o carácter do povoamento e funções operativas de Cacela.

1.6.2 Metodologia arqueológica

A prospecção arqueológica e inventário do património cultural imóvel da actual freguesia de Vila Nova de Cacela foram realizados no âmbito de trabalho de mestrado e encontra-se publicado (Garcia, 2008). Sempre que possível, procedeu-se a recolha de elementos de diagnóstico, como análises petrográficas e de argamassas, levantamentos fotográficos, análises de radiocarbono, sondagens geotécnicas, prospecção de campo e recolha do testemunho oral junto dos anciãos moradores na zona.

As escavações arqueológicas foram precedidas da implantação de uma quadriculagem no terreno integrado no sistema geodésico nacional. Este trabalho esteve a cargo do Gabinete de

[19] Francisco Curate, do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra procedeu à exumação dos restos osteológicos em campo e fez o trabalho laboratorial de descrição analítica e interpretação do conjunto sob a orientação de Eugénia Cunha.

Topografia do município vila-realense, realizado por Sandra Ribeiro. Foram implantadas estações, designadas por P000, P9001 a P9009, pontos fixos georreferenciados com coordenadas Gauss e cotados no terreno O eixo sul-norte foi identificado de maneira crescente com números de 1 a *x* e o eixo nascente-poente foi identificado com as letras do alfabeto, de A a Z. As quadrículas mediam 2 metros de lado.

Foi aplicado o sistema de escavação arqueológica e princípios de estratigrafia arqueológica de (1991). Assim, as escavações arqueológicas realizaram-se levantando sucessivamente as camadas naturais, designadas por unidades estratigráficas, as "ue", numeradas por ordem de surgimento. As estruturas verticais, vulgo muros e silos, receberam ordenação própria, antecedida pela letra M ou S. No caderno de campo foi feito o registo diário da escavação, metodologia e descrição das acções realizadas, desenho de esboços com altitudes, principais achados e descrição das unidades estratigráficas. Dispunha-se ainda de fichas de inventário de unidades estratigráficas, peças cotadas, sepulturas, reduções e ossários e identificação de estruturas. Foi feito o registo gráfico das estruturas encontradas à escala 1:20 e fotografia digital e em diapositivo. Os materiais foram recolhidos e embalados em sacos com etiquetas envolvidas em plástico, a fim de evitar a sua degradação.

A escavação do sítio do Poço Antigo (Figura 5) foi realizada em duas campanhas, de 1998 e 2001. Na campanha de 1998 as unidades estratigráficas foram registadas com nº de ordem de aparecimento e ano de escavação (por exemplo: ue12/98). Na campanha de 2001, a área escavada foi dividida em sectores (Sector Poente - SP; Sector Central – SC; Sector Nascente – SNste; Sondagem Norte – SN). As unidades estratigráficas foram registadas com nº de ordem de aparecimento, sector e ano (por exemplo: ue14SC/01). As peças foram identificadas com o acrónimo (Cacela Velha/Poço Antigo, ano, unidade estratigráfica e nº de inventário (por exemplo: CV/PA/98/37/956).

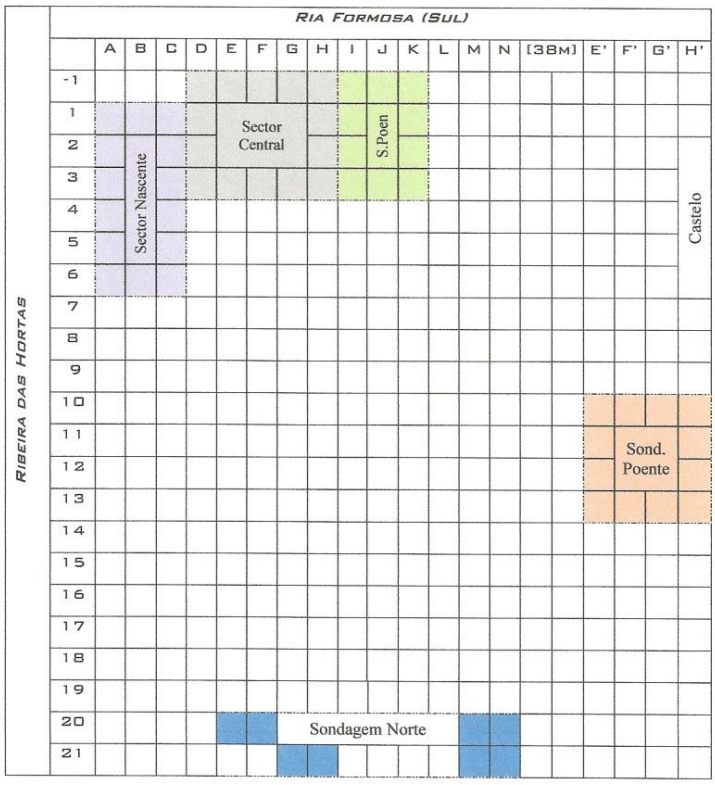


Figura 5: Quadriculagem implantada no sítio do Poço Antigo, Cacela-a-Velha

A descoberta da necrópole cristã abrangeu os sectores, poente, central e nascente e condicionou os objectivos inicialmente afirmados de estudo do povoamento islâmico, impondo um ritmo, metodologias e abordagem diferentes. Todas as sepulturas foram registadas em fichas antropológicas de campo, da autoria de Alicia Candón Morales, investigadora do Campo Arqueológico de Mértola, abrangendo campos relevantes nas áreas da arqueologia funerária, da paleopatologia, da anatomia óssea, da tafonomia e da paleodemografia. Após a remoção do esqueleto, dando-se o caso de ser visível a estrutura da fossa, esta foi devidamente registada com número próprio de unidade estratigráfica.

No sítio do Poço Antigo foi escavada uma área total de 200m^2, registadas 180 unidades estratigráficas, levantados 74 esqueletos e reduções, recolhidos diversos materiais, destacando-se cerca de 9000 fragmentos cerâmicos, 1670 restos faunísticos e 490 materiais não cerâmicos.

Ainda neste ano de 1998, foi decidido avançar para a plataforma superior da fortaleza (Figura 4). Assim, foi implantada uma quadriculagem com eixos orientados norte-sul no Cemitério Antigo e abertas duas quadrículas de 2x2 metros, A e B. A escavação destas quadrículas revelou na camada 2 o último momento do uso funerário daquele espaço. Foi registada uma

elevada densidade de enterramentos no interior de caixões, que se sobrepunham uns aos outros e valas comuns, sem orientação uniforme. Corresponderiam aos enterramentos efectuados no decorrer da epidemia de pneumónica que avassalou o Algarve, particularmente nos anos de 1916-1918. O cemitério terá sido desactivado após esta catástrofe.

Na fortaleza de Cacela, os trabalhos iniciaram-se em 2004. A participação do Engº Sousa Lobo nos trabalhos alargou o objectivo da intervenção, o estudo do sistema construtivo da fortificação setecentista. Foram abertas quatro sondagens arqueológicas no interior e exterior da Fortaleza: S1 no baluarte sudoeste da fortaleza (39,84 m^2), S2 no Largo da fortaleza, S3 no topo do torreão noroeste e S4 no pátio interior da fortaleza, junto do paramento norte (4,63 m^2).

A sondagem 1 revelou a fortificação, desenhada por Alexandre Massaii (Guedes, 1988). As sondagens 2 e 4 revelaram estruturas e materiais de época islâmica. A sondagem 3 não teve resultados relevantes (apenas o enrocamento da torre sem materiais arqueológicos), pelo que foi encerrada após a escavação de cerca de 40 cm de profundidade.

Nesta campanha foram registadas 81 unidades estratigráficas e recolhidos 20 sacos (20x45 cm) com cerâmicas, fauna, malacologia e vidro.

Em 2007, a autarquia vilarealense pretendia elaborar um projecto de reformulação paisagística do largo da Fortaleza e da cisterna, pelo que solicitou a realização de escavações para identificar eventuais estruturas arqueológicas. Foi decidido alargar a área escavada a partir da sondagem 2 aberta em 2004. A sondagem 5 tinha orientação norte-sul, ligava a sul com a sondagem 2 na quadrícula 1 e prolongava-se para norte, pelas quadrículas 2 e 3. As sondagens 6 e 7 tinham orientação este-oeste. A sondagem 6 estendia-se a partir da quadrícula 1 para nascente, nas quadrículas 4, 5 e 6. A sondagem 7 ligava com a quadrícula 3 e prolongava-se para nascente.

Na área junto da fachada da fortaleza, S5/Q1, foram postos a descoberto compartimentos possivelmente de cronologia islâmica associados a um conjunto de silos ou fossas entulhados com materiais islâmicos. Na zona norte da S5, surgiram muros e pavimentos sobrepostos às construções islâmicas, estruturas que se prolongavam para a S7, terminando abruptamente.

No Largo da Fortaleza foi escavada nos anos de 2004 e 2007 a área total de 128,44m^2, registadas 148 unidades estratigráficas e recolhidos 514 sacos com cerâmicas, metais, fauna, malacologia, vidro, osso trabalhado e amostras de terra.

A colecção osteológica do Poço Antigo foi transportada para as instalações do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (IAFCTUC). Francisco Curate procedeu à limpeza, inventário e catalogação através da marcação de uma sigla a tinta-da-china sobre fina camada de verniz. Posteriormente executou a reconstrução de algum do material e a análise antropológica dos restos ósseos humanos através de uma panóplia de análises macroscópicas, microscópicas, radiológicas e químicas (Curate, 2003). No capítulo 6 apresenta-se o estudo arqueológico e antropológico deste conjunto funerário.

Os restantes materiais arqueológicos foram depositados nas instalações do Centro de Informação e Investigação do Património de Cacela da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António. O CIIPC, a par da limpeza, catalogação, inventário e preservação dos materiais arqueológicos, tem desenvolvido uma linha de trabalho de análise, desenho e estudo das cerâmicas islâmicas, no âmbito da investigação sobre Cacela Islâmica. O trabalho de inventário, descrição e desenho dos materiais esteve a cargo de Patricia Dores.

Os desenhos manuais de campo de todas as estruturas identificadas nas campanhas arqueológicas realizadas em Cacela, foram digitalizados e vectorizados no programa AutoCad. Posteriormente, foram implantados numa base topográfica comum, o levantamento arquitectónico e topográfico da povoação de Cacela-a-Velha (Padrão, 1967). Deste modo, passou-se a dispôr de uma ferramenta fundamental para o estudo da evolução do povoado nas sucessivas épocas.

Relativamente ao bairro islâmico do Poço Antigo, foram analisadas e estudadas as estruturas arqueológicas compostas por muros e fossas, suas técnicas construtivas e funcionalidades. Foi concluído o estudo analítico detalhado e interpretação histórica do conjunto cerâmico, obtendo-se a tipologia da cerâmica islâmica de Cacela. No que refere os restantes materiais, foi efectuada uma análise geral de metais e osso trabalhado, insertos no capítulo 5 deste trabalho. A fauna e malacofauna foram analisadas por Jonathan Haws e Hugo Veríssimo (UALG) e Carlos Afonso do Centro de Ciências do Mar da UALG.

As intervenções realizadas no Cemitério Antigo, Baluarte Sudoeste e Muralha Nascente, que integram o capítulo 4, onde se apresenta o estudo das construções e uma análise geral e cronologia dos fragmentos cerâmicos encontrados.

A intervenção no Largo da Fortaleza, inserta no capítulo 4, forneceu muitos elementos construídos e materiais arqueológicos. Foi feita a interpretação das unidades estratigráficas e das estruturas associadas. A malacofauna foi inventariada e classificada no laboratório de Arqueologia da Universidade do Algarve, sob orientação da docente especializada em Arqueozoologia Maria João Valente.

As escavações de acompanhamento de construção de moradias na Muralha Norte, foram realizadas entre 2004 e 2009, sob a direcção de Pedro Aldana, João Nuno Marques, Alexandre Valinho e Sara Almeida, da empresa Palimpsesto. No total, foi intervencionada uma área aproximada de 108 m^2. Foram consultados os relatórios das intervenções no âmbito do presente estudo[20].

Verificou-se alguma dificuldade em articular as unidades estratigráficas e estruturas de todas as intervenções arqueológicas realizadas na plataforma superior de Cacela-a-Velha, uma vez que tinham um sistema de identificação semelhante. Assim, optou-se por numerar as diferentes campanhas (sondagens) de 1 a 11 e as unidades estratigráficas passaram a ser antecedidas por esta numeração:

- Baluarte Sudoeste: sondagem 1;
- Largo (e interior) da Fortaleza: sondagens 2, 3, 4, 5, 6 e 7;
- Cemitério Antigo: sondagem 8;
- Muralha Nascente: sondagem 9;
- Muralha Norte: sondagem 10;
- Muralha Sul: sondagem 11.

A utilização de bases de dados em ficheiros Filemaker e Excel permitiu aplicar métodos descritivos, analíticos e comparativos das características, textura, cotas, áreas de ocorrência e inter-relações das camadas. Os materiais arqueológicos foram estudados com o objectivo de identificar funcionalidades associadas aos espaços domésticos, a caracterização da dieta alimentar dos habitantes, o padrão do povoamento local e a sua relação com o espaço envolvente. Por outro lado, a análise comparativa das sequências estratigráficas conjugada com

[20] Agradeço a amabilidade dos colegas da Palimpsesto, que deram informação sobre os trabalhos arqueológicos e cederam cópias dos relatórios.

o estudo dos materiais recuperados e a leitura dos restos construtivos permitiu identificar horizontes históricos.

Em síntese, o conjunto das intervenções arqueológicas realizadas em Cacela-a-Velha permitiu recolher um conjunto de vestígios de cronologia medieval que reportam a organização do espaço habitacional e da vida quotidiana no período almóada, a evolução da fortificação medieval e o papel de Cacela no contexto particular da conquista do Algarve pela Ordem de Santiago ao serviço de D. Sancho II.

1.6.3 Classificação dos materiais cerâmicos

> *"… Ninguna tipología es buena …, ninguna es mala: tanto el análisis ceramológico como la clasificación tipológica sólo son métodos de trabajo al servicio del investigador, nada más; una tipología no tiene valor universal y sólo sirve a organizar racionalmente y de manera explícita un lote más o menos abundante y complejo de documentos arqueológicos; es un instrumento de la investigación. Al final, no habrá que olvidar que en Saltés así como en otros yacimientos, tiene que servir a una historia social de los modos de vida en las casas medievales"* (Bazzana e Montmessin, 2005: 261)

A realização da tarefa de classificação e análise das cerâmicas de Cacela-a-Velha seguiu uma metodologia, que passou pela selecção da amostra, adopção de um modelo tipológico, elaboração de base de dados, inventário, descrição e classificação das peças e, finalmente a análise e interpretação histórica do conjunto. A base de dados denominada "Estudo descritivo e analítico da cerâmica medieval de Cacela Velha" foi inspirada na ficha descritiva de cerâmicas do Campo Arqueológico de Mértola. Esta base de dados foi estruturada no sistema Velneo Vrunner e realizada por Miguel Ângel López Domínguez e Jesus de Haro[21]. Patricia Dores preencheu a base de dados e realizou o inventário, descrição e classificação tipológica da colecção. O desenho de peças do bairro islâmico do Poço Antigo foi realizado na autarquia vila-realense por Patricia Dores (PD) e Joice Veia (JV)[22] e foram passadas para o programa AutoCad por Celina Torres (CT) e Ricardo Fernandes (RF)[23]. As peças provenientes do Largo

[21]Agradecemos a amabilidade dos colegas que nos disponibilizaram a base de dados, mesmo quando o contrato não foi cumprido pela autarquia vilarealense.
[22] Espaço Internet de Vila Nova de Cacela, C.M.V.R.S.A.
[23] Divisão de Urbanismo e Espaço Público, C.M.V.R.S.A.

da Fortaleza e Cemitério Antigo foram desenhadas por Teresa Barros (TB) e Celso Candeias (CC). As peças foram restauradas por Guilhermina Bento do Gabinete de restauro do Campo Arqueológico de Mértola e por Maria José Sousa, Ana Sofia Raposo, Maria José Brás, Susana Laneiro e Susana Gomes do Laboratório do Museu Municipal de Faro.

Foram seleccionadas para classificação e análise tipológica as colecções do Bairro do Poço Antigo e do Largo da Fortaleza. No bairro do Poço Antigo foram recolhidos 8380 peças e fragmentos durante os trabalhos arqueológicos de 1998 e 2001. A selecção do conjunto para análise incluiu as peças completas ou semi-completas, os fragmentos que permitiam reconstituir a forma da peça, bem como os fragmentos indeterminados com decoração de interesse. Foi reunida uma amostra de 1756 peças, correspondente a cerca de 20% do acervo (Figura 6).

O modelo de análise e classificação cerâmica foi desenvolvido através do inventário e estudo da colecção do bairro do Poço Antigo: a análise detalhada foi possível porque existiam desenhos e fotografias da maior parte das peças e restauro das peças mais emblemáticas do conjunto. Posteriormente, a tipologia cerâmica de Cacela foi completada com o material do Largo da Fortaleza.

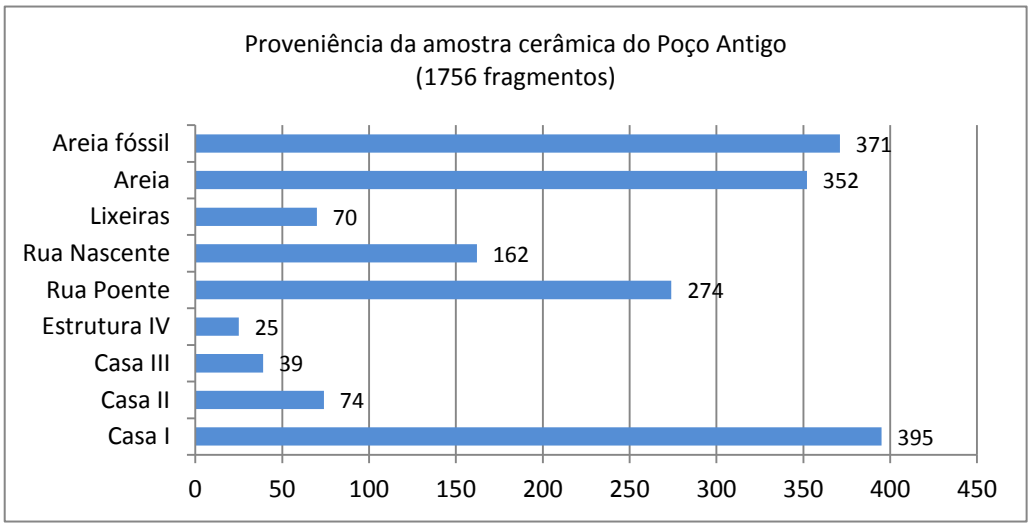


Figura 6: Distribuição da amostra cerâmica do Poço Antigo

No Largo da Fortaleza, foram recolhidos cerca de 7700 exemplares em níveis de abandono e cavidades subterrâneas. Os materiais cerâmicos encontravam-se em mau estado de conservação, carecendo de reconstituição, restauro e desenho. Foram estudadas as unidades

estratigráficas ue52, 58, 62, 63 e 64, inseridas no silo 7, ue29 do silo 4, ue41 do silo 3 e os níveis de abandono ue23 e 42. Esta amostra constava de 4704 fragmentos cerâmicos (Figura 7).

Foram seleccionadas as peças que permitiam reconstituir o perfil, 632 elementos. Ficaram fora da amostra, por exemplo, as peças semi-completas compostas por vários fragmentos, que careciam reconstituição e desenho.

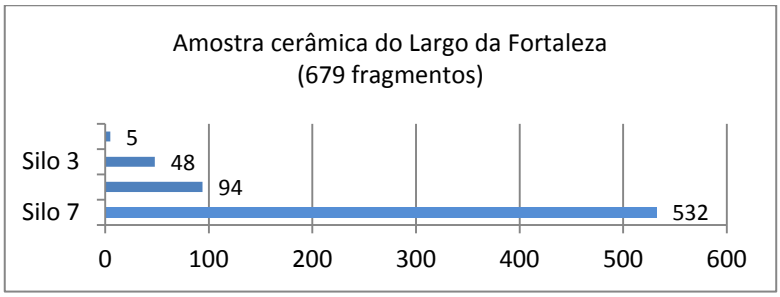


Figura 7: Distribuição da amostra cerâmica do Largo da Fortaleza

Na tarefa de descrição e classificação tipológica das peças, adoptamos o trabalho pioneiro de Guillermo Rosselló (1991), o artigo fundamental sobre os nomes da cerâmica medieval de Cláudio Torres, Susana Goméz e Manuela B. Ferreira (2003), que integra a análise linguística dos termos, o que obviamente traz um rigor acrescido nos campos da terminologia e tipologia funcional e formal. Finalmente, utilizamos a actualização daquele trabalho feita por Susana Goméz (2004) na sua tese de doutoramento. Consideramos que estes trabalhos correspondem e adequam-se ao universo do acervo cerâmico islâmico de Cacela.

Deste trabalho resultou a reflexão sobre o significado de alguns vocábulos e a adopção da seguinte matriz de classificação da cerâmica islâmica de Cacela:

1- Recipientes de armazenamento e transporte	1.1 Talha
	1.2 Suporte ou sopé de talha
	1.3 Tampa de talha
	1.4 Pote
	1.5 Cântaro
	1.6 Cantil
2- Louça de cozinha	2.1 Panela
	2.2 Caçoila
	2.3 Caçoila de aplicações plásticas verticais
	2.4 Alguidar
	2.5 Malga
	2.6 Almofariz
	2.7 Funil
3- Louça de mesa	3.1 Tigela e tigelinha
	3.2 Jarra e jarrinha
	3.3 Jarro e púcaro

	3.4 Bilha
	3.5 Garrafa
	3.6 Copo
	3.7 Taça
4- Contentores de lume	4.1 Candil
	4.2 Candeia
	4.3 Candeia de pé
	4.4 Fogareiro
	4.5 Braseiro
5- Objectos de uso doméstico	5.1 Tampa
	5.2 Testo
	5.3 Vaso
	5.4 Trempe
	5.5 Trípode
	5.6 Piveteiro
	5.7 Peso de rede
	5.8 Tinteiro
	5.9 Alambique
	5.10 Alcatruz
	5.11 Cossoiro
6- Objectos de uso lúdico	6.1 Tambor
	6.2 Pedras de jogo
	6.3 Miniaturas
7- Indeterminados decorados	

Foi reconhecida a identidade de um conjunto de recipientes de forma semi-esférica, fundo plano ou convexo, alisamento das superfícies e por vezes, brunido no interior. Este conjunto de 83 utensílios apresenta marcas de uso intenso de fogo nas paredes exteriores. Recordam as tradicionais malgas, de uso individual ou colectivo, que no século XX ainda eram largamente utilizadas no mundo rural. Por isso, estas peças islâmicas foram denominadas malgas e incluídas no trem de cozinha. De facto, a forma latina do termo "malga" tem derivados em várias línguas românicas, podendo este termo ser antigo, anterior ao século XIII. Da mesma forma, Catarino (1997-98: 758), tinha integrado as malgas na cerâmica de cozinha.

Utilizamos o termo genérico "vaso" para designar recipientes de forma aberta e paredes verticais, que podem ter tido diversas funções, conforme a dimensão ou tipo de decoração.

Os materiais de construção cerâmicos referem-se exclusivamente às telhas, estas com poucas variações, pelo que se optou por incluir a sua análise no capítulo dedicado à arquitectura e técnicas de construção (vide item 5.1).

Depois de concluir a tarefa de classificação, progredimos para a análise e interpretação histórica do conjunto. Sem olvidar a nossa circunstância incipiente nesta matéria, socorremo-

nos de algumas obras de referência do sudoeste da Península Ibérica. Os trabalhos de investigação arqueológica e académica de Rosa Varela Gomes sobre a cidade de Silves são consideráveis e reunem um acervo impressionante de materiais arqueológicos. Foram seleccionadas particularmente os estudos da camada 2 da Alcáçova (Gomes, 1981; 2003: 49), a camada 3 e o interior da casa da Residência Paroquial (Gomes, 2006: 150, 156) e os compartimentos 13, 14 e 16 e as unidades 1, 3, 4 e 5 da camada 3 da Arrochela que revelaram contextos claramente de época almóada (Gomes, 2011: 212). A tese de doutoramento de Helena Catarino (1998) sobre a ocupação islâmica do interior algarvio inclui o estudo arqueológico completo do Castelo de Salir, abandonado no final da época almóada. Existem vários trabalhos sobre a cerâmica islâmica de Mértola, nomeadamente os artigos principais de Cláudio Torres (1991), Khawli (1993) e Susana Goméz (2001, 2004). Sobre Niebla, foi consultada a monografia arqueológica daquela cidade e do seu território, dirigida por Juan Campos, Francico Goméz e Juan Peréz (2006), que incluiu os níveis de ocupação e materiais dos finais do período islâmico no século XIII. Foi ainda consultado o estudo cerâmico de Yolanda Benabat (1997) do Corte de Santa Maria 7, em Niebla. A proximidade de Huelva ao levante algarvio, torna-a igualmente uma ocupação humana de referência para Cacela, pelo que incluímos o estudo arqueológico de Nuria Vidal *et al* (2008) sobre a alcaria de La Almagra. O importante porto de Saltés foi escavado por várias equipas e a análise e estudo da cerâmica islâmica foi coordenada por André Bazzana (e Cressier, 1989; e Montmessin, 2005). A esta bibliografia de referência não podia faltar Sevilha, capital do território e importante centro de produção oleira do sudoeste andalus. A profusão de publicações sobre esta matéria, por vezes de difícil acesso limitou a sua consulta. Por isso, utilizamos alguns artigos de Pilar Lafuente (1995, 1999 e 2003). Foi ainda consultado o tratado de cerâmica almóada de Cádis de Francisco Cavilla (2005), um verdadeiro pilar neste assunto. Finalmente, foi considerado o trabalho precursor de sistematização da cerâmica almóada de Jerez de la Frontera de Susana Fernández Gabaldón (1987).

Quando se tornava necessário alongar o olhar para o Mediterrâneo Central, socorremo-nos dos importantes estudos que incidiram em Denia (Azuar Ruiz, 1985, 1989) e Murcia (Navarro Palazon, 1986).

A tonalidade das pastas indica a origem da matéria-prima e eventualmente dos fabricos oleiros (Figura 8). Contudo, a aferição de zonas de produção carece de análises químicas de amostras cerâmicas provenientes de diferentes sítios arqueológicos e dos barreiros actualmente existentes.

Figura 8: Fábrica de cerâmica de Cacela da segunda metade do século XIX. Fonte: Oliveira *et al*, 2013.

No âmbito do presente trabalho, foi possível arrumar as pastas em função de tonalidades que eram evidentes a olho nu:

i. - Pastas brancas, beges e laranjadas muito claras;
ii. - Pastas alaranjadas;
iii. - Pastas vermelhas e vermelho-escuras;

A tradição de produção oleira no sotavento algarvio é antiga (Oliveira *et al*, 2013). Consideramos inspirador o estudo químico da cerâmica portuguesa de Charles Lepierre (1899). No sotavento algarvio identificou os seguintes centros de produção: Tavira, Santa Rita, Cacela, Moncarapacho, Santa Catarina, Olhão, Faro, distinguindo-se Loulé como o centro produtor da melhor louça comum do país (Figura 9).

Loulé tinha 25 pequenas oficinas de estrutura familiar que produziam formas elementares, mas "*que não deixavam de ter alguma elegância*". Apresenta os exemplos de cântaros altos e esguios com duas asas e boca estreita. O autor salientou o lindo vidrado das peças, como o amarelo citrino e o vermelho, com uns toques verdes. As matérias-primas de primeira qualidade eram argila branca que servia para todo o tipo de louça, excepto louça de ir ao fogo e para fabricar

vidrados e a argila vermelha, que só servia para recipientes para conter ou transportar água fresca e depois de cozida ganhava a tonalidade tijolo escuro.

Figura 9: Rua de oleiros em Loulé, 1919 (foto de Joaquim Nogueira publicada na Ilustração Portugueza)

Lepierre referiu ainda outros barreiros em Loulé, como uma marga branca esverdeada (também para recipientes de água), que depois de calcinada ganhava a côr "vermelho acastanhado claro", uma argila vermelha raiada de branco que se transformava em vermelho vivo (adequado para vidrados), barro "ariusco" vermelho vivo para misturar e barro vermelho para recipientes de ir ao fogo. As olarias de Moncarapacho usavam argila de côr alaranjada "camurça" para produzir louça e ladrilhos para pavimentos. A pequena aldeia de Santa Rita (distante de Cacela-a-Velha 2 km) era especializada no fabrico de panelas, caldeirões, frigideiras e bilhas para água fresca usando argilas de qualidade, de tom amarelo terroso que ganhavam cores vermelhas (Lepierre, 1899: 88-91).

De facto, as cartas de solos do Algarve mostram que Loulé, Moncarapacho e Santa Catarina localizam-se em zonas de solos calcários pardos ou vermelhos de calcários margosos miocénicos com horizontes argilosos (Kopp et al, 2000: 112). A zona de Tavira agrega estes solos calcários a solos mediterrânicos vermelho-amarelados de arenitos isentos de calcários de arenitos miocénicos, com horizonte rico em argila. Entre Tavira e Cacela existem manchas razoáveis de solos calcários vermelhos normais de calcários margosos miocénicos com

horizonte de teor elevado de argila. Cacela/Santa Rita situam-se na zona dos Barros, solos calcários espessos e ricos em argila, castanho-avermelhados de intrusões basalto-doleríticas do terciário (Kopp et al, 2000: 86, 108, 134).

Aparentemente, seria possível que o sotavento algarvio tivesse capacidade para produzir a maior parte das pastas, claras, alaranjadas e vermelhas que integram a cerâmica doméstica islâmica. Mas como já foi referido, só um projecto abrangente poderia lançar luz sobre estas questões.

No caso do presente estudo, o material cerâmico de Cacela será analisado, tomando como modelo teórico a existência de zonas de irradiação da produção oleira (Fernández Gabaldón, 1987, Cavilla, 1992; Lafuente, 1995, Goméz, 2004):

a) Produção local: sotavento algarvio, com prováveis centros oleiros em Loulé, Faro, Moncarapacho, Tavira e Baixo Guadiana (Cacela, Santa Rita, Manta Rota). Abrange as produções do barlavento algarvio (Silves).
b) Produção regional: Alentejo e região andaluza até Niebla/Saltés;
c) Produção supra-regional: via marítima abrangendo Sevilha (vale do Guadalquivir), Magrebe, Mediterrâneo central e costa atlântica (Lisboa).

CAPÍTULO 2:
CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA

2.1- A Região

O Algarve integra o território marítimo e costeiro do golfo ibero-marroquino, parcela marginal do oceano Atlântico, em forma de "fundo de saco". Denominado *sinus gaditanus* por Estrabão, este mar era bem conhecido do mundo antigo antes da conquista romana. Os seus limites abrangem a sul o Rif marroquino, a norte o Promontório Sagrado, Algarve e Andaluzia e estendem-se para leste até ao Estreito de Gibraltar. Heráclès deu o nome "Colunas de Hércules" ao Estreito, o fim da civilização grega e do Mar Mediterrâneo. O mar ibero-marroquino encontrava-se "fora das colunas de Hércules" (Vanney e Ménanteau, 2004: 25-28; López, 1987: 617).

No extremo ocidental do Algarve, o Promontório Sagrado foi descrito por Avieno no séc. IV d.C.: "… lá onde declina a luz sideral, emerge altaneiro o cabo Cinético, ponto extremo da rica Europa, e entra pelas águas salgadas do Oceano povoado de monstros" (Barata, 1997: 118).

Desconhece-se se os povos marítimos e comerciantes teriam difundido superstições e histórias de medo sobre o Mar Tenebroso com o propósito de salvaguardar a exclusividade do mercado oceânico.

Estrabão no séc. I d.C. descreveu na sua obra *Geografia* a Turdetânia, povoada pelos Turdetanos, entidade geográfica e política que abrangia a costa do sudoeste ibérico, situando-se nela a cidade de Ossonoba: "…A Turdetânia é uma região extremamente próspera; e porque produz todas as coisas e em grande quantidade, esta prosperidade é duplicada pela exportação; porque o que sobra dos produtos vende-se facilmente dado o grande número de navios mercantes. Isto torna-se possível graças aos rios e também aos estuários, que, como já se disse, parecem rios e como rios são navegáveis, não só com barcos pequenos, mas também com barcos grandes, desde o mar até às cidades do interior, porque é plana em grande extensão toda a costa entre o Cabo Sagrado e as Colunas" (Barata, 1997: 126).

O enclave algarvio apresenta características climáticas muito próprias, decorrentes do encontro dos dois ambientes naturais, o Atlântico e o Mediterrâneo. Compõe-se de um mosaico de regiões único e singular, pela estrutura dos fundos oceânicos, pela ecologia da

paisagem, pela história e pelo equilíbrio instável do território. Uma combinação de factores físicos e humanos, da qual se conhece parcialmente o significado (Vanney e Ménanteau, 2004: 30-37).

Encaramos como base geográfica do nosso estudo o território costeiro do *Gharb-al-Andalus*, o sudoeste da Península Ibérica com particular incidência na bacia de Cádis, delimitada por esta cidade e o cabo de São Vicente. O *Gharb* abrangia os territórios de Cádis, Mérida/Badajoz, Niebla, Huelva/Saltés, Santa Maria de Faro, Lisboa e Beja e a "cidade luz" Sevilha. Sevilha foi desde o califado omíada um centro de governo e influência. "Não constituía uma entidade política ou administrativa mas apresentava suficiente originalidade para os autores distinguirem o ocidente ou al-Gharb do centro e do oriente do al-Andalus" (Coelho, 1999: 21). Na segunda metade do séulo XIII, este vasto território foi dividido nas regiões do Algarve, Alentejo, Lisboa e Andaluzia.

O Algarve, antiga província de *Ossónoba* ou Santa Maria de Faro é um território de 5.000 km^2. A geomorfologia determinou a distinção de paisagens bem distintas no Algarve (Figura 10): a serra, constituída por xistos e grauvaques do Paleozóico, com altitudes entre 100 e 900 metros; o barrocal, abrangendo os calcários e dolomitos jurássicos, com altitudes entre os 50 e os 300 metros; e o litoral, que corresponde aos depósitos menos coerentes (argilas, arenitos e calcarenitos) do Cretácico e Cenozóico, com uma altitude até aos 50 metros. A geologia também determinou as cores dos solos: o "pardo" dos xistos e grauvaques da serra; o "vermelho" das margas e arenitos triásicos com as suas fortes cores vinosas; "cinzento" dos calcários e dolomitos do Barrocal; o "dourado" dos arenitos e margas cretácicos e terciários nas arribas do Sotavento (Ramalho, 1987: 190-191; Kopp et al, 2000: 9).

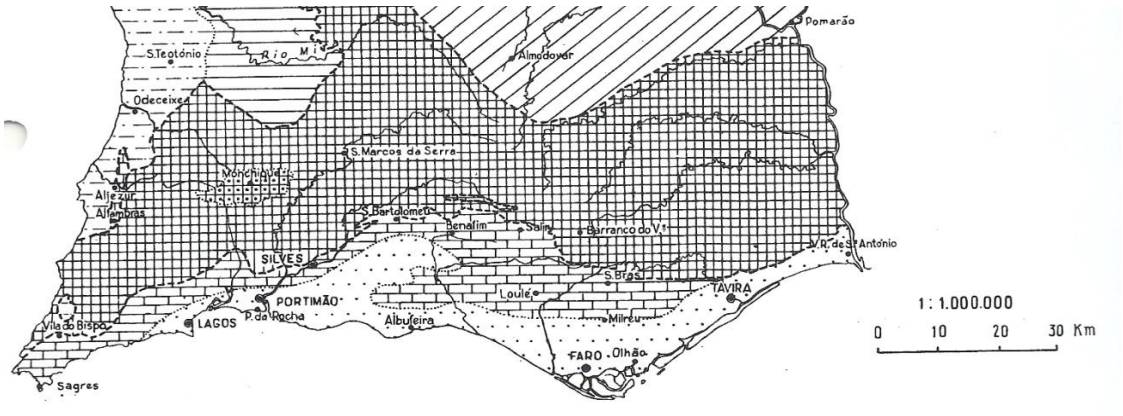


Figura 10: Unidades de paisagem do Algarve: Litoral, Algarve calcário e Serra, segundo Feio (1983).

A dinâmica geológica do Algarve determinou vários tipos de solos entre formações carbónicas muito antigas e recentes sedimentos de baixios, entre sedimentos marinhos, fluviais ou lagunares e rochas magmáticas. As formações marinhas xisto-argilosas e de grauvaques formam os solos da serra. Seguem-se vales estreitos e férteis de formações fluviais e lagunares avermelhadas (grés de Silves) com conglomerados, rochas arenosas, xistos e sedimentos margo-carbonatados. O barrocal é formado por margas argilosas marinhas e calcários duros, muitas vezes dolomíticos, ocasionalmente com sais, xistos multicolores e outros sedimentos marinhos. O litoral é formado por depósitos de sedimentos arenosos costeiros, arenitos diferentemente consolidados, calcários moles, conchas, margas e grés calcário e formações quaternárias de margas, dunas, terraços de rios e mares, campinas, aluviões e coluviões (Kopp et al, 2000: 12).

É uma terra de contrastes cujo clima alterna entre as influências atlânticas e do deserto do Saara, sendo o Levante a característica primordial desta zona (Braudel, 1983: 259). No século X, al-Razi escrevia que na região predominava a chuva com vento suão e ventos de levante (Crónica Geral de Espanha, vol II, 2009: 39).

"O litoral algarvio goza de condições climáticas especiais, devido ao efeito moderador do Atlântico, e ainda à protecção oferecida pelas serras, cujo desenvolvimento este-oeste abriga aquela região dos ventos e da precipitação dos quadrantes de norte. O clima do litoral do Algarve é influenciado durante o Verão pelas brisas marítimas diurnas, que amenizam as temperaturas e, durante o Inverno, as serras de Monchique e do Caldeirão limitam os efeitos das massas de ar polar continental, frio e seco, abrigando-o da Nortada que caracteriza de forma geral a faixa costeira ocidental" (Andrade, 1990: 85).

O clima desta região é um clima temperado com verão quente e seco. O valor médio anual da temperatura média do ar é 17ºC em Faro e 20ºC em Sevilha, precipitação concentrada e praticamente exclusiva dos meses de Inverno, com valor médio anual da ordem de 500 mm a 700 mm, oscilando com a altitude. "A evapotranspiração aumenta para leste ao longo da faixa costeira, tal como a amplitude térmica diurna. Em consequência, o regime de escoamento das ribeiras afluentes à Ria Formosa é concentrado e torrencial, exclusivo dos meses de máxima precipitação no Inverno, contrastando com os caudais nulos ou quase nulos, durante a maior parte do ano. Este regime reflecte, evidentemente, a variabilidade sazonal da precipitação e alerta para o significado que têm os valores médios de escoamento se comparados com os máximos e mínimos anuais (Andrade, 1990: 83, 581).

"A faixa litoral portuguesa está sujeita a um regime de ventos que, nos seus traços gerais, depende em grande parte dos episódios de migração sazonal do núcleo anticiclónico dos Açores e em menor escala da localização do núcleo de baixas pressões da Islândia (…). No sotavento, predominam os ventos de oeste e os dos quadrantes noroeste e sudoeste. Ao primeiro e último quadrante, correspondem frequências elevadas dos mais altos valores de velocidade registados. O rondar do vento é uma característica típica dos ventos do Algarve. Durante a noite sopram habitualmente de Norte, com velocidades baixas, e de sudoeste ou sul durante a manhã. Ao longo da tarde, assiste-se ao rodar para sudoeste ou oeste, com aumento de velocidade. As calmas concentram-se geralmente ao princípio da noite e manhã. Este regime geral é interrompido pelo vento de Levante, característico do sotavento algarvio. Habitualmente, ocorre com persistência de alguns dias nos meses de menor pluviosidade, desde a Primavera ao Outono, do quadrante sueste, podendo atingir velocidades altas, e é responsável por vaga e ondulação por vezes alterosa, do mesmo quadrante, que afectam sobretudo a faixa litoral exposta a sueste, e com particular intensidade o troço que se estende para leste de Tavira" (Andrade, 1990: 78-80).

A paisagem da serra prévia à intervenção humana foi descrita por Malato-Beliz como "…composta por florestas xerofíticas de quercíneas com folha perene, de azinheira*, Quercus ilex subsp. Ballota*, e sobreiro, *Quercus suber* (…), sob o domínio quase exclusivo do clima mediterrâneo de baixa pluviosidade e irregular distribuição anual das chuvas. … As matas de azinheira dominariam a região entre Mértola e Tavira.Entre Tavira e Loulé, observam-se formações de alfarrobeira, *Ceratonia siliqua* e de zambujeiro *Olea europaea var. sylvestris* do norte de África" (Malato-Beliz, 1990: 68).

Os poucos habitantes do sertão eram alcunhados de "*montanheiros*" pelas populações do litoral, descendo "ao Algarve", somente pelo dia de São João Baptista, em 29 de Agosto, e dias de alguns mercados. Deste modo, justificavam a ideia de que " … *a serra algarvia seria como que um mundo à parte, um enclave … entre dois mundos diferentes (Alentejo e Algarve) que se teria mantido como uma espécie de ilha de arcaísmo, um reduto de técnicas agrárias muito antigas enquanto aqueles assistiam ao progresso e inovação na agricultura*" (Bastos, 1987: 21).

No barrocal depara-se uma paisagem habilmente construída ao longo dos tempos. Aproveitando a protecção pela serra dos ventos norte, a exposição a sul, as elevadas temperaturas e os recursos aquíferos, as comunidades humanas souberam tirar vantagem do clima subtropical muito quente e seco de influência oceânica, favorável a muitas plantas (Feio,

1983: 107-109). Malato-Beliz considerava que " … o Barrocal apresenta fortes características mediterrânicas, semelhantes às vigentes na orla norte de África, encontrando-se aqui exclusivamente, plantas mais ou menos comuns naquela zona africana, como o esparto, *Stipa tenacissima,* a palmeira-anã, *Chamaerops humilis,* o gálio, *Galium concatenatum* e a eufórbia de clemente, *Euphorbia clementei*" (Malato-Beliz, 1990: 70). As árvores que beneficiam melhor deste clima, graças às suas raízes profundas e à sua capacidade de resistência são a oliveira, a figueira, a amendoeira e a alfarrobeira. " … A oliveira, *Olea europaea,* é uma espécie exótica, tendo sido introduzida antes dos romanos, possivelmente no tempo dos fenícios e julga-se que a sua introdução tenha sido efectuada pelo Algarve". Entre Olhão e Manta Rota, encontram-se as oliveiras " … mais velhas e espectaculares do Algarve" (Goes e Silva, 1986: 5).

As formações de azinheira constituíram a paisagem primitiva do baixo Algarve, " …todavia, o relativamente elevado fundo de fertilidade dos solos, facilmente conduziu à proliferação de pomares (particularmente de citrinos) e de hortas, salpicadas de alfarrobeiras, *Ceratonia siliquia.* Nos locais mais inclinados, menos acessíveis e mais pedregosos, o corte das árvores e os fogos deram origem a densos matos calcícolas, nos quais se destacam as pequenas e alvas flores da esteva de Montpellier, *Cistus monspeliensis,* combinadas com os tons rosados das de roselha grande, *Cistus albidus* e com o amarelo acastanhado-avermelhado da folhagem do terebinto, *Pistacia terebinthus*" (Malato-Beliz, 1990: 70). Mariano Feio apontou outras formações presentes nas colinas calcárias, como " … o carvalho, *Quercus coccifera*, a oliveira selvagem, *Olea europea var. oleaster,* as lentilhas, *Pistacia lentiscus* e o medronheiro*, Arbutus unedo"* (Feio, 1983: 107-109). Este autor identificou ainda a introdução em época indeterminada de um grande número de plantas tropicais, como " … o agave, *Agave americana* e a figueira da Índia (Barbarie), *Opuntia ficus-indica et O. tuna,* dois cactos da América Central perfeitamente aclimatizados; a batata-doce, que desempenha um papel importante na alimentação; o amendoim (adoptado pelos algarvios com a designação de alcagoita, introduzida nos Descobrimentos); a tamargueira e outras plantas introduzidas com mais ou menos sucesso, como a bananeira (produz frutos raquíticos), a cana de açucar, o algodão, etc" (Feio, 1983: 107-109).

A imagem de um Algarve florido e inebriante foi exemplarmente traçada por Malato-Beliz, " … penetrar no Barrocal, é penetrar no paraíso das plantas aromáticas. Tão elevado número de plantas odoríferas, deve-se, em grande parte, ao domínio de rochas calcárias e de solos carbonatados, aliado a baixa queda de chuva e a elevado índice térmico. Com efeito, ao atravessar esta extensa língua calcária, no período primavera-verão, é forte e inebriante o perfume exalado por este tipo de plantas, em grande maioria, pertencentes à família das

labiadas. São por exemplo, o pólio, *Teucrium polium subsp. capitatum,* o prásio, *Prasium majus,* as siderites, *Sideritis linearifolia* e *S. romana*, a marioila, *Phlomis purpurea,* a salva brava, *Phlomis lychnitis,* a betónica alemã, *Stachys germanica subsp. lusitanica,* o hossopo bravo, *Micromeria graeca,* o orégão, *Origanum virens,* a bela luz, *Thymus mastichina* e o rosmaninho, *Lavandula stoechas subsp. luisieri,* às quais se juntam as madressilvas, *Lonicera implexa* e *L. etrusca,* entre outras mais" (Malato-Beliz, 1990: 70).

2.2- Cacela no sotavento algarvio

A palavra Cacela deriva do latim CASTELLU- pelo ár. QasTallâ (DOELP, I, 303b), segundo Machado. Alice Fernandes[24] acrescentou que a evolução -ST- para –ç- em moçárabe, que está atestada em apelativos e topónimos, deveu-se a influência árabe, onde o fenómeno era comum.

O Castelo de Cacela –*hisn*-, implantado sobre a arriba costeira dominando uma vasta extensão de mar entre a foz do Guadiana e a cidade de Tavira, integrava a área geográfica da "bacia de Cádis" e constituiu uma referência na defesa da costa ocidental do al-Andalus.

Cacela-a-Velha encontra-se protegida das águas oceânicas pela península de Cacela que integra o cordão dunar da Ria Formosa, sistema natural que já existia na época romana. A península de Cacela foi em tempos ilha-barreira, que na época medieval terá deslocado e ligado à superfície terrestre. Este sistema lagunar estende-se ao longo de 60 km da costa oriental algarvia, entre o Ancão e a Manta Rota. Inclui um cordão dunar quase paralelo à orla continental, formado por 2 penínsulas e 5 ilhas-barreira arenosas que servem de protecção a uma vasta área de sapal, canais e ilhotes. As barras móveis, espaços existentes no cordão dunar estabelecem a comunicação entre a Ria e o Oceano. A península de Cacela liga a nascente com a praia da Manta Rota e, a poente encontra-se separada da ilha de Tavira pela barra do Lacem. Este sistema ecológico tem sido o garante das actividades antrópicas de toda esta zona costeira, como a pesca, mariscagem, moluscicultura, produção de sal e piscicultura. É uma zona de produção natural de bivalves e maternidade de muitas espécies piscícolas.

[24] Agradece-se a informação de Maria Alice Fernandes, Linguista da Universidade do Algarve que afirmou ainda que "o –a- final de Cacela tanto pode provir da substituição do –o- final românico pelo sufixo topográfico árabe –a-, como ser etimológico".

Este espaço encontra-se classificado como Parque Natural da Ria Formosa, como zona de uso extensivo e limitado de recursos naturais, correspondente a "áreas destinadas à exploração dos recursos marinhos ou áreas em que a exploração dos recursos marinhos não deverá afectar as condições naturais do meio, nomeadamente a sua produtividade natural" (artºs 8º e 9º do Decreto Regulamentar nº 2/91 de 24 de Janeiro). Constitui uma área de grande interesse botânico e a laguna funciona como viveiro de espécies marinhas. É uma importante área de produção de moluscos bivalves, tais como a amêijoa e a ostra. É ainda uma Área Importante para as Aves Europeias (Directiva Aves 79/409/CEE, geminada com o Parc Naturel Régional des Landes de Gascogne) e está incluída na Lista de Zonas Húmidas de Importância Internacional ao abrigo da Convenção de Ramsar, desde 1980, por constituir zona de invernada de aves provenientes do norte e centro da Europa, constituir zona de passagem para as migrações entre o norte da Europa e a África e abrigar espécies raras.

A aldeia de Cacela-a-Velha localiza-se sobre falésia Miocénica exposta a sul, à cota de 26 metros. Compõe-se de "conglomerados e siltes de Cacela com predominância de siltes glauconíticos amarelo-torrados" depositados por transgressão marinha (Manupella, 1992; Ramalho, 1987: 210-213). Verifica-se uma acelerada diminuição desta formação, em virtude da intensa actividade antrópica (abertura do caminhos, actividade agrícola, obras de reconstrução da fortaleza) e escorrências superficiais após pluviosidades intensas, facilitadas, aliás, pela inclinação acentuada do terreno, entre 9 e 25%. As fontes documentais referenciam uma intensa actividade agrícola neste espaço, pelo menos, desde o séc. XVIII.

Encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 2/96 de 6 de Março), expressando um "agrupamento arquitectónico rural de suficiente coesão, de modo a poder ser delimitado geograficamente, e notável, pelo seu interesse histórico, arqueológico e científico" (Lei n.º 13/1985, art. 8º). A classificação foi alargada com Zona Especial de Protecção ratificada por despacho superior de 15 de Janeiro de 1987.

Este espaço rural é marcado por uma rede densa de pequenas linhas de água delimitadas pela ribeira da Almargem, a poente e o rio Guadiana, a nascente. A rede hidrográfica do Algarve é constituída pelo sistema do Rio Guadiana, no seu troço internacional inferior e pelos cursos de água que desaguam directamente no mar e que se denominam Ribeiras do Algarve. As ribeiras do Rio Seco e o Barranco dos Casarões, que atravessam a serra de Cacela, são tributárias do Rio Guadiana e correm no sentido poente -nascente. As ribeiras do Lacem, Junco, Cacela e Pedra Alva nascem na serra, atravessam o barrocal e correm para sul, em

direcção à orla litoral. A ribeira da Gafa nasce na serra de Cacela e entronca na ribeira da Almargem, um dos principais cursos de água das ribeiras do Algarve.

A aldeia de Santa Rita marca a transição da paisagem serrana para as terras do barrocal, de longa tradição agrária. Encontra-se implantada sobre uma faixa composta por arenitos de Silves do Triásico (também visível na zona do Pocinho), pelo complexo margo-carbonatado-evaporítico de Silves do Jurássico, com sal-gema e gesso e pelo complexo vulcano-sedimentar básico e dolomitos intercalados do Jurássico (Oliveira, 1987-88: folha 8).

A serra de Cacela localiza-se no declive nascente da serra do Caldeirão, distribuindo-se entre as cotas de 60 e 250 metros, abrangendo dois terços da freguesia. A paisagem serrana foi modelada por uma faixa piritosa composta por turbiditos (grauvaques, siltitos e pelitos) da formação de Mira do Carbónico, Paleozóico, correspondente ao período aproximado entre 360 e 286 milhões de anos. A esta formação corresponde um relevo com vertentes de declives muito acentuados e múltiplos pequenos e estreitos vales. Os desníveis provocam elevados índices de erosão e escorrência superficial das águas, de que resulta uma espessura dos solos bastante reduzida. Os solos derivados daquelas massas rochosas são solos mediterrâneos pardos de xistos ou grauvaques e litossolos de xistos ou grauvaques, isto é, solos esqueléticos, argilosos, limosos, pouco espessos e muito pedregosos, que surgem nas encostas superiores e no cume (Feio, 1983: 93; Carta de capacidade e uso do solo, 1959: folha 50-D).

No Barrocal, são visíveis os conglomerados de calcários do Jurássico, a poente da ribeira de Cacela e a sul de Casas Novas e Areias e calcários e dolomitos com nódulos de sílex do Jurássico, entre as ribeiras da Manta Rota e do Álamo, Torre de Frades, Arrife e quinta de Manuel Alves. As variações do nível do mar no Quaternário provocaram a deposição de terraços marinhos a diversas altitudes. Existem ainda vestígios de antigas praias, constituídos por calhaus rolados e areias, depositados a várias cotas (Ramalho, 1987: 213-214). Refira-se ainda a existência dos conglomerados e siltes miocénicos (Terciário) de Cacela nas arribas e na zona entre as ribeiras do Lacém e do Álamo, com limite, a norte, de poente para nascente, a Fazendinha, cruzamento da Nora, quinta das Amendoeiras, a nascente da ribeira de Cacela, o Caliço e Pirinéu e serro da Mina; as areias e cascalheiras do Plistocénico (Quaternário) localizadas a poente da ribeira de Cacela, os sítios a sul das Casas Novas, Nora, Areias, Marcela; a montante da ribeira da Manta Rota, os sítios da Coutada e Cruz do Morto e a poente da ribeira do Álamo, o sítio de Manuel Alves. "Em síntese, o barrocal integra conglomerados e siltes miocénicos, predominando nas pequenas arribas costeiras de Cacela

siltes glauconíticos amarelo-torrados, ocorrendo para interior conglomerados grosseiros fortemente consolidados. A jazida fossílifera da ribeira de Cacela é o local tipo desta unidade". (Manupella, 1992: 18).

CAPÍTULO 3:
COMPOSIÇÃO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICA ENTRE A CONQUISTA ISLÂMICA E A FORMAÇÃO DOS REINOS PENINSULARES

3.1- A conquista da Península Ibérica e o emirado omíada de Córdova

A conquista do sul da Península Ibérica resultou da estratégia centralizadora do califa *al-Walid* de Damasco (705-715), que, após ter-se apoderado do Magrebe, a partir de 711 passou a dominar o espaço marítimo do golfo ibero-marroquino (ver Anexo 1). A expedição militar, após a travessia do Estreito iniciou-se em Sevilha e nas províncias ocidentais. Os protagonistas da expedição militar no território ibérico foram *Mūsā ibn Nusayr* (emir do califa na Ifriquia e Magrebe), seu filho *Abdelaziz* (que veio a ser o primeiro governador do Al-Andalus) e o militar berbere *Tárique ibne Ziade* (Picard, 1998; Domingues, 1972: 26).

Os habitantes do espaço algarvio mantiveram a sua autonomia em contrapartida do pagamento de um tributo anual, do acolhimento das guarnições militares nas principais praças-fortes e da aceitação de distribuição de terras pelos ocupantes, o que veio a fomentar o povoamento e o início da islamização da região (Picard, 1998: 26).

Córdova foi capital do al-Andalus e a organização administrativa terá seguido o modelo eclesiástico de época visigótica, em que o bispo seria o único que podia exercer de interlocutor representativo das comunidades hispano-godas, distribuídas por paróquias rurais. A divisão do al-Andalus em coras seguiu esta antiga divisão episcopal, por sua vez herdeira da divisão das províncias romanas da Hispania em *civitates*. Deste modo, os limites das *kūras* de *Labla* e *Ossónoba* (Faro) corresponderiam aproximadamente à área das dioceses de Niebla e Ossónoba (Campos, Goméz e Perez, 2006: 354; Vallvé, 1986: 237, 319).

A *kūra* de *Ossónoba* abrangia o actual território do Algarve e tinha Silves por capital. Confinava a leste com os territórios de *Labla* (Niebla)/ *Išbīliya* (Sevilha)[25], a norte com a *kūra* de *Bāŷa* (Beja) e a sul e oeste com o oceano Atlântico. Nesta região, o cristianismo ter-se-á mantido mais enraizado e densamente distribuido, como demonstram a pervivência do culto de São

[25] No século X, é possível que Niebla pudesse integrar a cora de Sevilha (Vallvé, 1986: 227).

Vicente, a magnificiência da basílica de Faro ou ainda, a referência ao falecimento no ano de 726 do clérigo de Tavira, *Adulteus* (Real, 1998: 40). Garcia Domingues (1972: 12) referindo uma fonte árabe do século XIII, reportou que a cidade de Santa Maria do Ocidente seria o porto de Ossónoba nesta época.

Na opinião de Campos Carrasco (*et al*, 2006: 354), o bispado de Niebla localizar-se-ia entre os rios Guadiana e Guadalquivir, abrangendo a campina de Huelva e o Andévalo Ocidental.

Nesta fase, a organização territorial deve ter sido incipiente e deveria corresponder a sistemas de tributação (Acién, 1984, 27; Sidarus, 2004: 113). Por volta de 740, as populações, descontentes com o excesso de carga fiscal, revoltaram-se no Magrebe e no Al-Andalus. O califado enviou corpos militares da Síria e Egipto com o objectivo de colonizar o território (Acién, 1984, 28). De facto o governador iemenita de Sevilha, *Abu l-Sabbah al-Yahsubî*, terá desempenhado um papel importante na orientação dos iemenitas no ocidente, distribuindo a divisão (*jund*) do Egipto pelos distritos de Ossonoba, Beja e Tudmir (Murcia) e a divisão de Emésa pelos distritos de Niebla e Sevilha, liderando revoltas contra o califado e acabando morto pelo futuro califa Abderramão I (Domingues, 1972: 27-31; Dozy, 1932: 268). Beja terá sido o primeiro foco de islamização e arabização do espaço português (Sidarus, 2004: 116).

Em Damasco, o califado omíada foi aniquilado em 750 pelos Abássidas e o filho sobrevivente, Abderramão ibn Moauia fugiu para o norte de África. Conseguindo congregar forças apoiantes, atravessou o golfo em 755, penetrou no Al-Andalus e em 756 recuperou o emirado omíada, com o cognome '*Abd al-Rahmān I* (756-788).

A islamização do sudoeste peninsular deu-se, deste modo, de uma forma progressiva, lado a lado com o estado de permanente sublevação durante o período omíada. Na base das revoltas e rivalidades estavam causas religiosas e independentistas. Mas a elas uniram-se outras de carácter económico e social, como a pressão fiscal do emirato. A nobreza hispano-goda, com extensa base territorial, conseguiu conservar a sua influência ao nível urbano e da administração local até à entrada dos contingentes almóadas (Campos et al, 2006: 357-360; Domingues, 1972: 34). Os militares-colonos (Sidarus, 2004: 116) dividiam-se em facções, alguns a favor do império abássida a Oriente. Por exemplo, os elementos do clã egípcio *Yahsubī* de Beja e Ossónoba encabeçaram várias revoltas na região entre 763 e 775, até serem derrotados e refugiarem-se em Silves (Domingues, 1972: 31; Picard, 1998: 26). As fontes documentam no ano de 786 a existência em Ossonoba do cadi *Abū Mudar Muhammad ibn*

Ibrāhīm ibn Muzayn, descendente de um clã iemenita. Esta família desempenhou vários cargos oficiais no al-Andalus, mantendo forte ligação à região de Ossonoba (Sidarus, 2004: 117-118). Grupos familiares berberes continuavam a atravessar o Estreito de forma contínua. Este "caldeirão" de culturas atingiu na primeira metade do século IX um ambiente de guerra civil movida pelos diversificados movimentos independentistas (Acién, 1984: 34).

Acresce ainda as incursões cristãs no espaço do al-Andalus com regularidade, tanto por via terrestre como marítima. Por exemplo, em 844 os normandos atacaram Lisboa, os campos de Sevilha, onde acamparam algum tempo, subiram o Guadiana até Mértola e chegaram a Beja, regressando a Alcácer, onde aguardava o resto da esquadra (Domingues, 1972: 33). A segunda invasão em 859 já deparou com aquele território costeiro vigiado, que ofereceu resistência em Sevilha e Algeciras (Picard, 1997: 75).

Em 868, a cidade de Mérida foi o foco da revolta contra as políticas emanadas de Córdova e muladis, berberes e moçárabes mobilizaram-se contra o poder centralizador. A cidade foi tomada pelo emirado, que destruiu parte das suas muralhas e o chefe do clã *Marwān* foi morto. O seu filho, *Ibn Marwān al-Jilliqî «el hijo del Gallego de Mérida»* (m. 889), manteve a sua rebeldia contra o poder omíada na província de Mérida, ganhando partidários entre moçárabes e berberes, nomeadamente de Beja, Silves e Faro. Por volta de 874, instalado na alcaria de Badajoz, ampliou as habitações e dotou-a de muralhas, convertendo-a em sede do seu poder (Picard, 2000: 43-51).

O seu aliado, *Bakr ibn Yahyâ ibn Bakr* conquistou a medina e região de *Ossonoba*. Filho de um cristão chamado Zadulfo recuperou o hagiotopónimo da cidade de Santa Maria, anterior à conquista islâmica (Martínez, 1996: 43; Dozy, 1932: 261). O seu filho, *Bakr* manteve uma administração rigorosa e um bom exército, tendo o território controlado e os viajantes podiam circular com tranquilidade, encontrando bons pontos de hospitalidade. A ele ficou a dever-se a fortificação da cidade, com as suas magníficas portas de ferro e a sua igreja. Fazia a vassalagem aos emires e manteve-se governador da província, apesar de manter a aliança com os restantes revoltados. Terá morrido nos princípios do emirato de Abdemerrão III (Domingues, 1972: 35; Dozy, 1932: 261). Neste período conturbado, Niebla, sob a chefia de *ibn Jasib*, pagava tributo a Córdova em troca de protecção (Guraiéb, 1957: 341).

O exército emiral sofreu uma pesada derrota cerca de 876 na região de Ferreira do Zézere, contra os rebeldes muladis apoiados por Afonso III das Astúrias, provocando a propagação da rebelião a outras regiões. Entre os aliados, contava-se o rebelde muladi de Coimbra e a revolta

alastrou-se aos muladis de Saragoça, os *Ibn Qâsi* e os *Ibn Hafsûn* de Málaga. Por esta altura, a *fitna* dos *muladis* tinha-se alargado igualmente aos chefes árabes e berberes, que se movimentavam com suas tropas, ora conquistando castelos e cidades, ora recuando posições, num remoinho de alianças e discórdias. Esta situação correspondia a fortes sentimentos autonómicos e de necessidade de ampliação dos respectivos domínios (Picard, 1997: 93).

Esta conjuntura bélica afetou naturalmente os processos produtivos, provocando anos de fome no al-Andalus (Acién, 1984: 35; Una Crónica anónima…, 1950: 118).

No final do emirado, os principais reinos independentes eram Bobastro, chefiado por '*Umar ibn Hafsūn*, a região de Tudmir de *Bāisam ibn Ishāq*, a zona de montanha no alfoz de Jaén de *'Ubaid Allah*, Sevilha e Carmona de *Ibrahim ibn Hayyay* e Mérida do famoso *ibn Marwān*, o Galego. O emir *Abdallah* centrou-se no combate dos rebeldes na zona central do al-Andalus, principalmente Bobastro, Jaén e Sevilha, mas a rebelião alastrou-se a Algeciras, Málaga e Niebla, perante a incapacidade do emirado em travar o avanço da guerrilha. O caudilho de Niebla, *Utman ibn Amrun,* viu confirmada a posse do território em troca do pagamento de tributos e "hostilizar e fazer guerra de guerrilha aos sevilhanos" (Guráieb, 1950: 165; 1952: 56; 1954: 329; 1958: 341). *Ibn Hafsūn* "era o campeão dos renegados", aliando-se aos chefes locais, aumentando o seu poder, saqueando alcarias e campinas. No ano de 891 o monarca *Abdallah* defrontou e venceu *Umar ibn Hafsūn,* determinando uma reviravolta no crescente poder dos rebeldes. Assim, após várias peripécias, Sevilha e Carmona passaram para o controle do emirado, restaurando-se as redes comerciais com Córdova (Guráieb, 1955: 341-345; 1959: 341).

Neste contexto histórico, as populações do al-Andalus eram submetidas à arbitrariedade e imposição de pesados tributos dos chefes rebeldes. Ou sujeitos a autênticos massacres, como os habitantes *muladis* e cristãos de Sevilha e Elvira. Muitos prisioneiros de guerra cristãos eram enviados como escravos para o Magrebe. O cultivo dos campos regrediu e a escassez de alimentos criou miséria (Guráieb, 1954: 330-332, 343; 1958: 339; Hadj-Sadok, 1949: 15).

Ibn Rustih refere que naquele tempo, os habitantes da orla costeira do Mediterrâneo central estavam permanentemente sujeitos aos eventuais ataques de berberes do al-Andalus e do Magrebe (Hadj-Sadok, 1949: 71).

Testemunho desta instabilidade na região algarvia, foi a provavel ocultação de um tesouro monetário na zona rural a poente de Castro Marim. Marinho (1995-1997) analisou este conjunto de dirhames de prata de *'Abd al- Rahmān I* (756-788), *al-Hakam I* (796-822), mas a larga maioria das peças pertencia aos reinados de *'Abd al- Rahmān II* (822-852) e *Muhammad I* (852-886). O numismata defende que a emisssão de moeda terá cessado em 893/4, justificando os cortes e divisão em fragmentos que observou na maior parte das moedas (Marinho, 1995-1997: 446; Lopes, 1895: 97).

Os primeiros testemunhos de islamização de Sevilha integram-se no reinado de *'Abd al-Rahmān II*. Assim, a mesquita maior foi fundada em 829, a muralha da medina foi reconstruída em pedra em 844-845 e a alcáçova foi construída em 889-890 (Valor, 2008: 18, 180).

Na província de Niebla, a geografia das rebeliões e os topónimos de origem muladi (Almonte, Monte Mayor) demonstram a preponderância da população moçárabe e muladi nas zonas rurais mais afastadas da capital. O contingente militar sírio de Emesa, que se uniu ao precedente de árabes iemenitas, estabelecidos na medina de *Labl*a, receberam as melhores terras da campina, situadas entre Niebla e Huelva (Campos et al 2006: 359-360). Em Saltés, um lote de materiais cerâmicos atesta a presença islâmica na ilha na segunda metade do século IX (Bazzana e Bedia, 2005: 320).

A prospecção de campo realizada no território de Niebla permitiu verificar que o povoador muçulmano manteve as *villae* rusticas e outros assentamentos romanos como unidades de exploração, sobrepondo a maioria das vezes as suas alcarias aos restos dos habitat precedentes e aproveitando grande parte dos seus materiais de construção. O modelo característico da época baixo imperial foi o povoamento estável e permanente de *villae* rústicas, denotando-se uma relativa dispersão especializada por zonas, segundo o tipo de assentamentos: instalações fabris e industriais localizavam-se próximo das margens e os habitats preferentemente sobre elevações topográficas. A escolha dos locais teve como denominador comum a provisão de água doce e a acessibilidade da costa, com amarras e embarcadouros. Assim, o comprova o modelo de povoamento da campina onubense desde a Antiguidade até à época baixo-medieval (Pozo, Campos e Borja, 1996: 43, 152; Campos et al, 2006: 322).

O porto fluvial de Mértola manteve a sua dinâmica comercial até, pelo menos ao século VII, como atestam os vestígios arqueológicos encontrados, dos quais destacamos, no âmbito do presente trabalho, uma torre e muralha de controlo do rio e defesa do seu porto (Lopes, 2003:

86; Goméz e Lopes, 2008). A comunidade cristã continuou a existir no século VIII (Dias e Gaspar, 2006: 135), indiciando o seu lento processo de islamização. Os primeiros materiais cerâmicos correspondem ao séc. IX, caracterizados por um fabrico pobre e tosco e modelado deficiente. Nesta fase, a população deveria ser muito escassa e limitada ao recinto fortificado (Gómez, 2004: 728).

Mas a concentração de habitats de época emiral parecem situar-se em locais elevados do interior serrano. As prospecções de campo e escavações arqueológicas realizadas por Helena Catarino revelaram arqueo-sítios com continuidade de ocupação nos períodos visigótico e muçulmano e os que foram abandonados no período tardo-romano ou visigótico. Os primeiros parecem ter sido estruturas de carácter familiar, localizados na área de protecção de povoados de altura. Obedeceram a diferentes estratégias de povoamento, na margem de afluentes do Guadiana, em zonas agro-pastoris ou mineiras. O castelo velho de Alcoutim e o castelo das Relíquias, fortificações que controlavam pequenos territórios, foram construídos no século IX. Os trabalhos arqueológicos realizados permitiram reconstituir dados históricos da região, enquadrando estas fortificações na história doal-Andalus. Assim, o castelo Velho de Alcoutim sofreu incêndio e destruição nos inícios do século X, seguido de reconstrução, provavelmente no contexto da implantação do califado de Córdova. Verificou-se o seu abandono progressivo a partir do período das taifas, segunda metade do século XI até à época almorávida (Catarino, 1997-98: 393-402, 541-552; 2002: 38).

Na região de Silves, os testemunhos das populações destas épocas ainda são escassos. Silves, cidade portuária banhada pelo rio Arade, teria igualmente sido aliada do emirado nesta época. No seu arsenal foi preparado um navio em 846, que saíu com destino ao país dos normandos, transportando uma embaixada liderada por *al-Gazāl* (Domingues, 1972: 34; Picard, 1997: 67). Os trabalhos arqueológicos revelaram a "continuidade da ocupação humana entre os séculos VI/VII e o século VIII, ou seja entre os últimos tempos cristãos e os primeiros anos da administração islâmica da cidade". A presença omíada evidencia um "conjunto coerente de testemunhos, por certo com carácter habitacional". Provavelmente a construção do recinto fortificado foi iniciada no final do emirado, conforme análise estratigráfica e dos materiais, corroborada por datação absoluta (Gomes, 2002: 104, 110; Gomes, 2003: 508; Gomes, 2006: 28). De acordo com alguns autores, *Bakr* terá residido em Silves, onde tinha um conselho, uma chancelaria e tropas bem armadas e preparadas (Dozy, 1932: 261).

Talvez o achado mais interessante da região algarvia, neste período, seja a coluna romana de Milreu com uma inscrição árabe. A coluna foi encontrada junto do santuário e encontrava-se epigrafada com invocações funerárias de membros de uma família de *muladis*. A família residia no sítio de Alfama, no árabe *al-Hamma*, que significa "caldas termais, fontes quentes". Sidarus e Teichner concluíram que a gravação teria sido feita numa fase incipiente da islamização, anterior ao século X, provavelmente nos finais do século IX ou inícios do séc. X. Foi ainda encontrado neste local um nível com materiais cerâmicos do séc. X (Sidarus e Teichner, 1997; Teichner, 1993: 97).

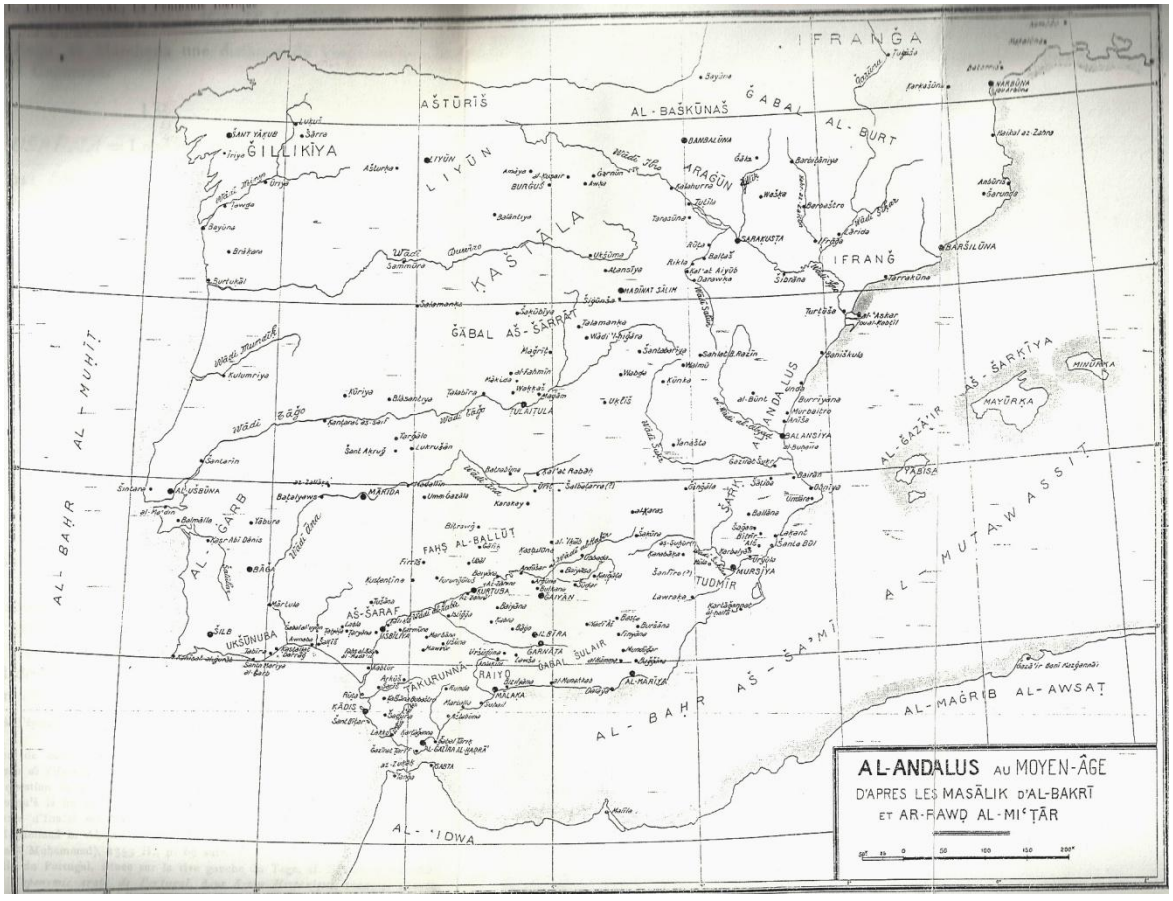


Figura 11: O Al-Andalus nos séculos XI e XII. Fonte: Lévi-Provençal, 1938.

3.2- A organização do território pelo califado de Córdova

Os primeiros anos do califado (Figura 11), aproximadamente entre 916 e 930, foram tempos de fome, peste e privação para as populações do al-Andalus (Una Crónica anónima…, 1950: 118, 146, 154).

Os reinos cristãos do norte continuaram a fazer investidas periódicas, tendo o exército de Ordonho II de Galiza e Leão destruído Évora em 913. "… O resto dos habitantes do algarve e de outras regiões afligiram-se sobremaneira por esta calamidade de Évora e, conceberam tão grande temor do inimigo, que se dedicaram a reparar as suas muralhas e a fortificar os seus castelos" (Una Crónica anónima…, 1950: 112). A população de Évora fugiu para outros lugares, como Beja e Ossónoba. Um ano mais tarde, *'Abd Allāh Ibn Marwān* de Badajoz, neto de *al-Jilliqi*, reconstruiu as muralhas de Évora e entregou a cidade a um antigo aliado, *Mas'ud ibn Sa'dún*, para que a repovoasse (Viguera e Corriente, 1981: 83, 91; Sidarus, 1994: 26). Beja começou a perder influência a favor dos eixos Mértola-Santa Maria-Silves e Badajoz-Évora-Alcácer (Sidarus, 2004: 121).

Apesar da ameaça comum do reino cristão, os chefes rebeldes de Ossónoba, *Yahyā ibn Bakr*, de Beja, *Sa'id ibn Málik* e de Niebla, *Ibn 'Ufayr*, sustentaram rivalidades entre si e acabaram por se unir contra *Ibn Marwān*. Contudo, apressaram-se a pedir tréguas perante a rapidez e consequências da refutação de Badajoz nos campos de Beja. Badajoz invadiu ainda o território (montanhoso?) dos berberes, de localização desconhecida (Sidarus, 1994: 25-30; 2001: 161-163).

'Abd al-Rahmān III (912-962) concentrou os seus esforços na conquista e submissão dos reinos rebeldes do levante andaluz e em 928 caíram os bastiões de Bobastro, Alicante e Valência (Viguera e Corriente, 1981: 168). Avançou então sobre as *kūras* do Gharb e " …a eles foi com todo o seu poder". Impôs forte cerco a Badajoz (que caiu dois anos depois), conquistou Beja e dali partiu para a costa, ficando "sete noites de *ŷumādā* II (3 de Agosto de 929)" em *Ossónoba*.

O historiador cordovês Ibn Hayyān descreveu com detalhe os acontecimentos: " …ali estava o rebelde e criminoso dissidente, pertinaz no erro, Jalaf ibn Bakr, a quem al-Nāsir, de caminho, já tinha tomado a fortaleza chamada ar-Riqā', apoderando-se de propriedades, apetrechos e armas". Após negociações com a população e o seu governador, este manifestou o seu arrependimento e obediência incondicional, " …pagou os impostos de alojamento e

tributos e pediu que o confirmasse no seu posto, onde seria leal, pagaria pontualmente as páreas e se portaria bem com os súbditos. Como estes manifestaram grande desejo de o ter, descrevendo-o favoravelmente, al-Nāsir aceitou o seu arrependimento com boa-fé, confirmou-o no governo do seu país e deixou-o depois de fixar-lhe umas páreas, que levaria pontualmente todos os anos à sua capital, e fê-lo comprometer-se com o bom trato dos súbditos e a não acolher trânsfuga, nem fugitivo, condições que aceitou todas e a que se obrigou. Al-Nāsir renovou-lhe a concessão da cora de Ossónoba, ao regressar da sua feliz expedição... e entrou em Córdova após 93 dias de campanha" (Viguera e Corriente, 1981: 188-189).

A confirmação de alguns chefes locais nos cargos de governador e a nomeação de muladis moçárabes e judeus em cargos estatais fez parte da estratégia de organização do estado islâmico e de apaziguamento dos povos do al-Andalus (Figura 12). Contudo, numa fase posterior passou a nomear pessoas directamente ligadas ao poder central cordovês. Por exemplo, os elementos fornecidos pelas fontes indicam que após a morte de *Jalaf ibn Bakr*, foram nomeados governadores de fora da província, como *Muhammad ibn Tumlu*s confirmado no cargo em 931, *Lubb ibn 'Abdallah* deposto em favor de *Mūsā ibn Hakam* em 936 ou o ano de 941, em que *Muhammad ibn Ahmad* foi destituído a favor de *Muhammad ibn Sulayman* (Viguera e Corriente, 1981: 184, 293, 354; Picard, 2000: 56).

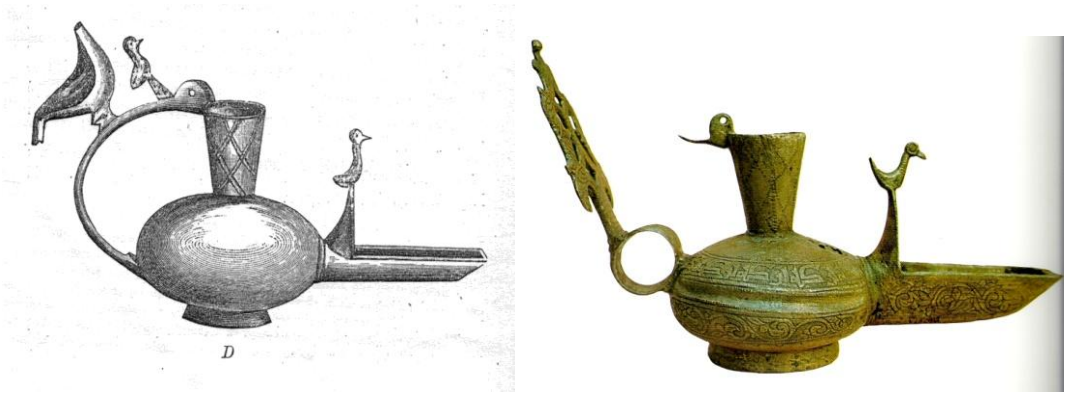


Figura 12: Candil metálico encontrado no sítio da Horta, Cacela. Ao lado, candil em bronze que surgiu ao largo de Algeciras. Época califal (Torremocha e Martinez, 2001: 194).

No ano de 929 *'Abd al-Rahmān III* adoptou o título de "Príncipe dos crentes", inaugurando o califado omíada de Córdova.

A construção da cidade palatina de *Madīnat al-Zahrā*, próximo de Córdova foi mais um sinal da vitalidade deste reinado. A construção do recinto fortificado de Silves terá sido iniciada neste período (Gomes, 2003: 508), bem como o alargamento da cidade portuária de Saltés (Bazzana e Bedia, 2005: 133). Em Niebla, os trabalhos arqueológicos realizados permitiram concluir que o califado cordovês materializou-se em obras de recuperação da muralha (mantendo-se a área da cidade romana) e na construção da mesquita (Campos e Goméz, 2001; Campos et al, 2006: 363).

O Gharb foi dividido em circunscrições territoriais, *kūra*, governadas por um *wālī*. *Al-Rāzī* e *al'Udri* registaram Sevilha e Niebla como coras militarizadas pelo *yund* de Hims e Beja, Ossónoba, Badajoz, Évora e Mérida pelo *yund* do Egipto. Teriam pequenos contingentes militares, sendo regiões pacificadas e que não apresentavam ameaça ao poder central (Garcia Gomez, 1967: 242; Valencia, 1993: 10). O dinamismo destas províncias verificava-se ainda pela nomeação de altos dignatários da corte de Córdova para ocuparem cargos administrativos no Gharb. Veja-se o caso de *ibn Hay al-Tujībi*, natural de Córdova, que foi secretário da chancelaria de *al-Mansūr* e a sua carreira culminou no Gharb, ocupando o cargo de cádi em Beja e Faro (Picard, 2000: 60).

O facto de se ter mantido a dinâmica social e cultural e o crescimento económico das regiões, nomeadamente na zona andaluza, contribuiu para a imagem de prosperidade do século X. Porém, Acién (1984) alertou para a interrupção do abastecimento de cereais e ouro do Magrebe (através de Tahart e Siylmasa), que provocou a deficiência de cereais e, consequentemente a fome, em algumas zonas do al-Andalus. De facto, as fontes referem períodos de fome entre as populações do al-Andalus, nos anos de 915-916 e 926-927, em que as secas provocaram a escassez de trigo e a subida de preços (Viguera e Corriente, 1981: 88-92).

O historiador cordovês *al-Rāzī* descreveu estes territórios e suas capitais de uma forma bondosa, conferindo atributos de fertilidade das terras, abundância de água e labor das gentes que habitavam a região a poente de Córdova. Assim, Sevilha era afamada pela beleza e qualidade dos seus olivais. No seu termo, *Aljarafe,* havia abundância de algodão, mel e figos frescos e secos de boa qualidade, bem como pomares e terras cerealíferas. Estes produtos eram escoados pelo rio Guadalquivir e levados para muitas partes e para "terra de ultramar". Na costa tinha marinhas de sal de qualidade e faziam-se boas pescarias (Crónica Geral de Espanha, 2009: 69).

Niebla assentou no substrato geológico de calcarenitos valendo-lhe o cognome de "a Vermelha". Localizada nas margens do rio Tinto, Niebla foi o centro de uma região de muito comércio e os bens circulavam por terra e por mar. Possuía ainda uma boa rede de caminhos que ligavam a Ossónoba, Beja e Badajoz. O termo de Niebla proporcionava bons solos agrícolas onde se cultivavam olivais e vinhas. *Al-Rāẓī* destacou ainda a pesca de mar e recolha de cártamo para a tinturaria (Crónica Geral de Espanha, 2009: 69; Lévi-Provençal, 1953: 91).

Os trabalhos de prospecção e escavação arqueológica permitiram verificar o aumento do povoamento rural a partir de meados do século X e sua consolidação nos séculos XI e XII. "Desde mediados del siglo XI hasta bien entrado el siglo XII todos los asentamientos rurales vivieron su momento de esplendor, y se mantendría el sistema de propiedad. No se han encontrado rastros de estructuras defensivas en superficie, por lo que la mayor parte de estas aldeas serían agrupamientos abiertos de viviendas". A muralha romana de Niebla terá sido reutilizada nas obras de fortificação da cidade no século X ou talvez em período anterior. A construção da mesquita será igualmente do período califal (Campos *et al*, 2006: 361-363).

Na ilha de Saltés, os materiais cerâmicos dispersos pelo espaço urbano, abandonado no final da época almóada revelaram um povoado com alguma importância entre a segunda metade do século X e os inícios do século XI, entrando na primeira fase do período das taifas (Bazzana e Bedia, 2005: 320-328). Saltês era ponto de encontro para os mareantes e suas embarcações, situando-se ali uma indústria de ferro e um estaleiro naval. Uma comunidade de cristãos habitava a ilha (Valencia, 1993: 15).

Nas margens do rio Guadiana localizava-se a cidade de Mérida, cuja grandiosidade remontava à fundação romana, a cidade de Badajoz, grande e com boa gente e Mértola, o castelo mais forte do termo de Beja. Antiga *Pax Iulia* edificada por Julio César, o primeiro a "*quadrar e partir a terra*", Beja tinha boa terra de sementeira, pastos, produção de colmeias, tratamento de peles e extracção de minério (Cintra, 2009: 62, 65).

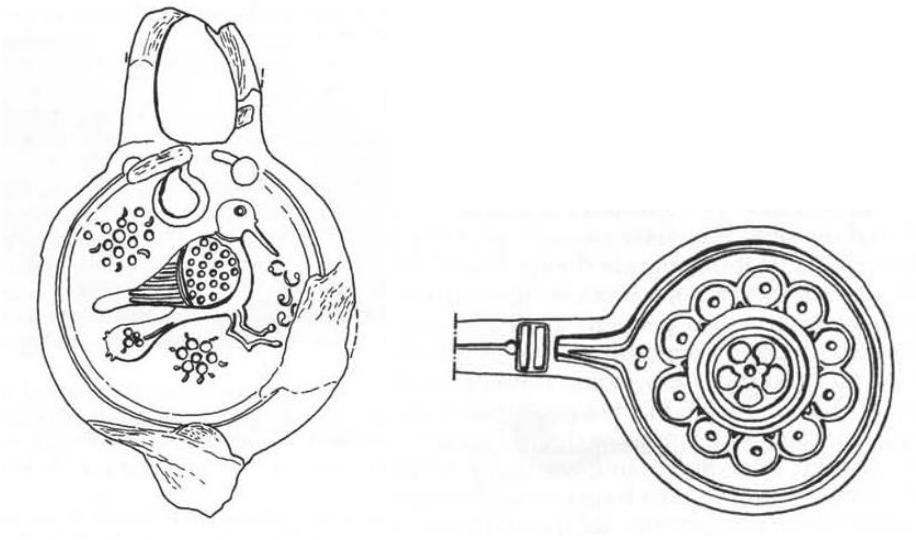


Figura 13: Candil de pasta bege com motivos estampilhados. Califado, inícios do séc. X. Encontrado provavelmente em Alvor (Kemnitz, 1993-94: 443)

Neste período do califado, observou-se o crescimento urbano em zona exterior à muralha de Mértola. Uma sondagem arqueológica realizada no interior do castelo revelou igualmente vestígios de ocupação habitacional nesta época (Goméz, 2004: 210; Candón *et alii*, 2001).

A *kūra* de *Ossónoba* limitava a nascente pelo rio Guadiana com a *kūra* de Niebla e a norte com a *kūra* de Beja, com fronteira nas serras algarvias. A sul alongava-se com o oceano e com ilhas, que formavam zonas abrigadas para aportar as embarcações. Faro seria a sede administrativa deste território, de tipo médio com um bom porto. As escavações arqueológicas no quintal da Judiciária, no extremo norte da medina, puseram a descoberto estruturas habitacionais com silos e poços estreitos. Uma cisterna continha materiais de cronologia califal, indiciando a ocupação mais antiga daquela zona. Esta zona habitacional teria sofrido remodelações nos períodos almorávida e almóada (Gamito, 2007: 60).

Na opinião de *al-Rāẓī*, Silves seria a melhor vila do Algarve, cidade de tipo médio bem fortificada e famosa pela sua elite cultural (Figura 13). A serra, além da caça, albergava a reserva de madeira da província. A região era ainda apreciada pelos seus abundantes recursos aquíferos e qualidade dos solos para a agricultura e criação de gado (Crónica Geral de Espanha, 2009: 67; Torres, 1997: 435). Grandes obras de terraplanagem em Silves terão precedido a ampliação do recinto fortificado no período califal. Entre o numeroso espólio deste período, foram encontrados materiais importados de diferentes regiões do al-Andalus e do Médio Oriente, em particular no espaço da alcáçova, indiciando a dinâmica desta cidade naquele período. Este nível de ocupação estava também marcado pela presença de

compartimentos feitos de blocos de arenito vermelho bem aparelhados e dispostos obliquamente. No exterior do castelo foram descobertas prováveis construções associadas a materiais integrados cronologicamente no século X, configurando um aumento populacional daquele povoado (Gomes, 2003: 431; 2011: 326).

Foram encontradas inscrições funerárias em Silves, de *Hisam ibn 'Ali ibn Jalifa*, cidadão mencionado numa pedra tumular com inscrição cúfica característica do al-Andalus e, nas terras de Salir, *Muhammad ibn Sa'd*, cuja inscrição funerária com incorrecções ortográficas reforçava a sua provável origem rural (Barceló e Labarta, 1994: 233; 1994a: 237).

Na zona serrana do Algarve oriental, observou-se uma forte densidade de povoamento no período califal ou durante os primeiros reinos de taifas na continuidade do que tinha sido verificado na região de Mértola por James Boone. Foi ainda verificado que o maior número de povoações ocupava o flanco das zonas de montanha e as alcarias de maiores dimensões situavam-se em zonas planálticas. O castelo velho de Alcoutim sofreu obras de remodelação após incêndio e destruição de edifícios na primeira metade do século X (Catarino, 1997-98: 394, 556-560). No sítio da Corte do Gago (Lopes, 1895: 98) foram encontrados 15 dirhemes do califado de Córdova, referentes ao reinado de *'Abd al- Rahmān III* (912-961) e seu filho, *Al-Hakam II* (961-976). Directamente relacionados com actividades no rio estavam os sítios do Montinho das Laranjeiras (Coutinho, 1993), localizado a sul de Alcoutim sobre um antigo povoado romano e os Alcariais de Odeleite, localizado na margem da ribeira de Odeleite (Santos, 2010). Em ambiente ribeirinho localizava-se o povoado rural de Vale do Boto, de antiga ocupação romana. Os silos e níveis de abandono incluíam materiais dos séculos X e XI. Sobre os solos habitacionais e nas camadas superficiais dos silos depositavam-se materiais de época almorávida e almóada (Catarino, 1997-98: 132, 246).

Na zona serrana ocidental, o castelo de Aljezur constitui o seu monumento emblemático. No sítio denominado Alcaria (a cerca de 4 km de Aljezur) foi identificada uma alcaria islâmica com necrópole. No interior de silos encontrava-se um conjunto cerâmico com uma diacronia longa. Assim, foram identificados materiais califais, dos reinos de taifas e almorávidas, abrangendo o período entre o século X e os inícios do século XII (Silvério, 2001: 51-57).

A antiga *villa* romana do Cerro da Vila teve ocupação humana da época califal, comprovada por níveis arqueológicos selados e coerentes. Os materiais foram encontrados no interior de silos ou associados a um forno cerâmico coevo e evidenciavam ocupação de época califal que perdurou no período das taifas (Matos, 1983; 1991; 1997: 459).

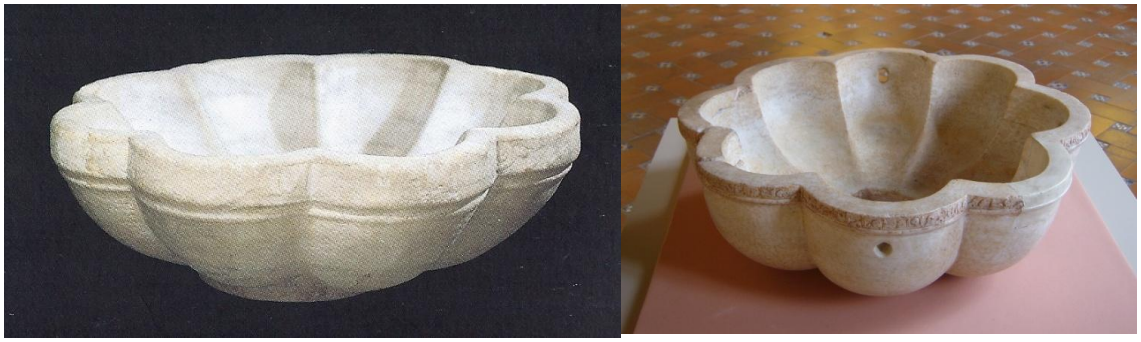


Figura 14: Pia de abluções de mármore com inscrição no bordo da palavra *basmala* (em nome de Deus). Encontrada em Cacela (Macías e Torres, 1998: 265). Ao lado, pia de mármore com inscrição de 970/971, encontrada na Casa del Chapiz, Granada. Museu Arqueológico y Etnológico de Granada (foto da autora).

O califado cordovês teve uma política de defesa costeira e domínio marítimo, fundamentada numa frota de marinha de guerra. *'Abd al-Rahmān III* pretendeu controlar qualquer navegação, reunindo navios e mareantes das cidades costeiras aliadas que patrulhavam a costa de Algeciras a Tudmir. Os portos de acolhimento da frota califal foram Algeciras e Pechina-Almeria. Cruzou o Estreito e apoderou-se do porto de Tânger, integrando-o no seu reino. Em 932, conquistou o porto de Ceuta, porta de ligação da costa africana com Algeciras, porto do al-Andalus, mantendo boas relações com os senhores berberes locais. A cidade de Arzila, na costa atlântica, pediu ajuda na sua defesa contra a dinastia reinante dos idrísidas, afirmando a sua lealdade e obediência ao califado cordovês. Era uma cidade bem defendida e com bom porto. No ano de 936 a esquadra califal regressou ao *Magrib* e, a partir de Ceuta tomou Melila, Nakūr e Yarāwa, reforçando o controlo e costeiro (Viguera e Corriente, 1981: 245, 285). A partir de 940, *'Abd al-Rahmān III* concedeu salvo-condutos a alguns reinos, como Barcelona e Amalfi para exercer comércio, chegando os produtos por mar a terras do al-Andalus (Viguera e Corriente, 1981: 342, 358).

No reinado de *al-Hakam II* (971-976) dá-se a terceira invasão escandinava, registada nas crónicas oficiais no ano de 966. Uma frota de 28 navios e 2.500 homens atacou Santiago de Compostela, Lisboa, as costas atlânticas sudoeste e sul, tendo sido derrotados em grande batalha naval junto do rio Arade, pela esquadra do porto de Sevilha (Domingues, 1972: 37). *Al Hakām* tinha o almirantado e suas frotas distribuído por vários portos, dos quais os mais importantes eram Pechina-Almeria e Sevilha. Silves era um importante estaleiro naval. Os normandos constituíam uma ameaça permanente para as costas ocidentais do al-Andalus e o estado de permanente instabilidade no *Magrib* e na *Ifrīqiya* eram situações que exigiam uma

frota naval em estado de alerta e pronta a levantar ferro. Assim, quando os sistemas de espionagem e vigilância davam o aviso, o almirantado preparava as frotas, aguardavam notícias dos movimentos do inimigo e, quando necessário, navegavam em direcção ao Algarve, a partir de Sevilha ou para Ceuta (o porto principal no norte de África), a partir de Algeciras (Garcia Gomez, 1967: 48, 76-88, 104-116).

Al-Hakam II deixou como tutor do filho menor, *Hishām II*, o general *Ibn Abī 'Amir, al-Mansūr* (o Vitorioso), que governou o al-Andalus com pulso de ferro. Foi um monarca estimado, tomando algumas medidas populares, como por exemplo, a abolição de impostos sobre a azeitona. *Al-Mansūr* (978-1002) estreitou relações com o norte de África e granjeou a deslocação de muitas tribos berberes para o al-Andalus, que foram engrossar os efectivos do exército (Acién, 1984: 40) e aumentar o povoamento rural.

Figura 15: Possível fragmento de bilha vidrado melado com decoração em verde e manganés. Ref. CV/PA/98/16/528. Ao lado, fragmento decorado com verde e manganés. Ref. CV/PA/01/2/387. Encontrados no bairro islâmico do Poço Antigo. Cronologia provável: finais do século X/XI.

Natural de Cacela, *Abu Amr Ahmad ibn Muhammad ibn Darrag Al-Kasttali* (958-1030) foi secretário da chancelaria do califa *al-Mansūr* e frequentava a corte de Córdova. A sua família, *ibn Darrag*, terá dado o nome ao castelo: *Qastalla Darrag*. Como era normal entre os homens letrados da época, dedicou-se às artes literárias, sendo considerado na sua época "*entre os sábios e os poetas de primeiro plano*". *Abu Amr* assistiu à desagregação do império omíada e ao processo de formação dos reinos taifas (Lévi-Provençal, 1938: 192; Coelho, 2008: 43).

Até ao ano da sua morte, 1002, *Al-Mansūr* promoveu uma estratégia militar contínua contra os reinos cristãos e ganhou forte protagonismo. Sucederam-lhe o seu filho '*Abd al-Malik al-Muzaffar* (1002-1008) e neto '*Abd al- Rahmān III Sanjūl* (1008-1009), cujo comportamento

ruinoso provocou em 1009 a sangrenta revolta de Córdova (Ghejne, 1999: 45). A incapacidade governativa dos califas a partir de 1008 e a eclosão da revolta dos berberes de Córdova em 1009 até à conquista da cidade e morte do califa *Hishām II* em 1013 provocou a disputa pelo califado entre as linhagens omíada e hamúdida. Esta situação durou até 1031, ano em que *Abū Hazm Jahwar ibn Chahwar,* de família árabe-andaluza antiga, conquistou a cidade de Córdova, extinguindo a dinastia omíada.

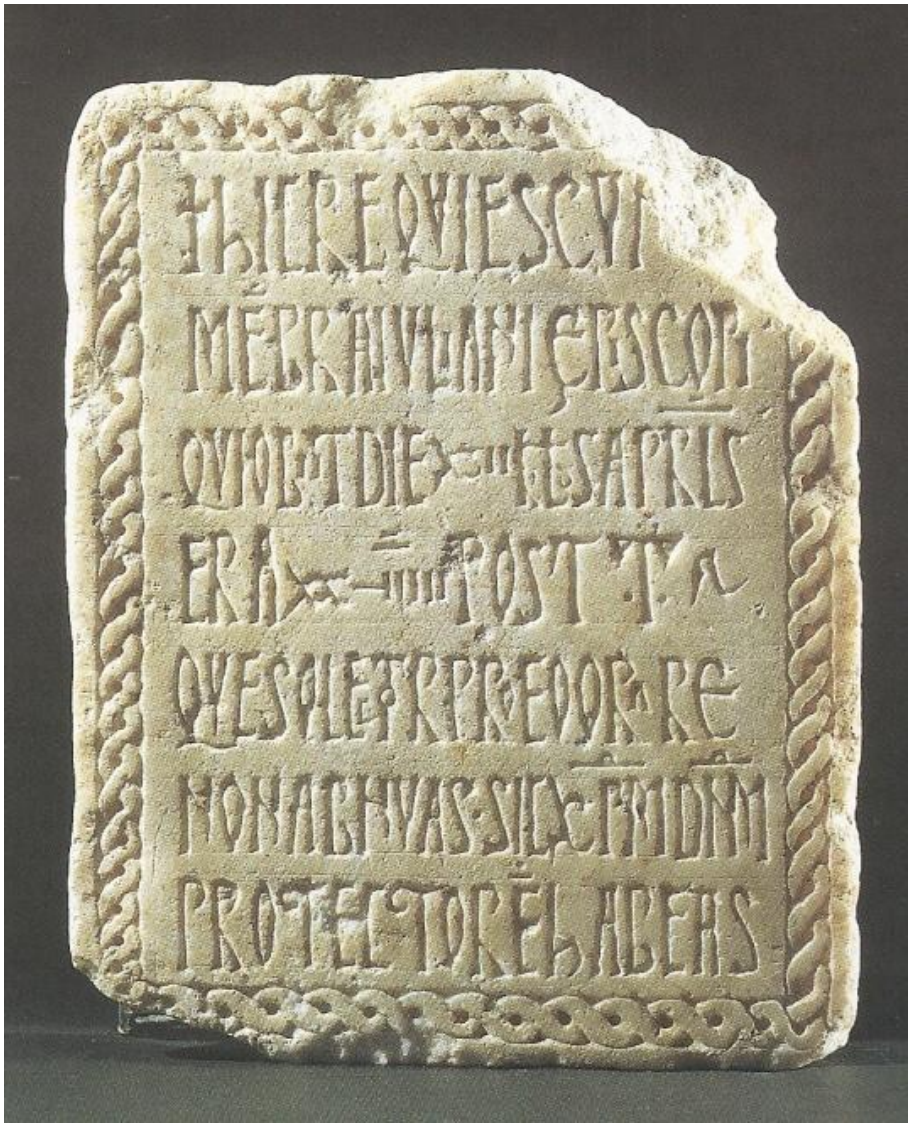


Figura 16: Lápide de mármore do bispo Julião falecido em 987. Encontrada na Fonte Salgada, Tavira (Macías e Torres, 1998: 88).

A presença de uma comunidade moçárabe de relevo no Gharb tem vindo a ser defendida por alguns autores, como Garcia Domingues (1972), José Mattoso (1987) e Manuel Real (1998). Comunidades cristãs habitavam as cidades, como Niebla e Saltés, mas também o campo, em aldeias chefiadas por líder religioso (Roldán, 1997: 203-207). Em *Ossónoba* existiu uma igreja

cristã no tempo da família dos *Banū Bakr*, que deu o nome de Santa Maria à cidade e as Cantigas de Santa Maria de Afonso X fizeram perdurar a lenda da imagem da Virgem colocada sobre as suas muralhas. Estácio da Veiga encontrou na Fonte Salgada, nas proximidades de Tavira, uma lápide do bispo Julião, falecido em 21 de Março do ano de 987, no reinado de *al-Mansūr* (Dias, 1998: 88). "A [sua] importância histórica é por demais evidente, dando-nos notícia de um bispo que não consta dos catálogos episcopais nem se encontra referido por outra fonte escrita. Por outro lado, ela espelha a presença de uma comunidade moçárabe de certa importância, perfeitamente organizada, no Garb-Al-Andaluz" (Barroca, 2000: 41-44).

3.3 Os primeiros reinos de taifas

Ao desmembramento do califado de Córdova prosseguiu a anarquia e a formação de estados independentes entre famílias árabes e berberes, sediadas em várias cidades do império, tais como, Sevilha, Badajoz e Granada.

Neste contexto, a maioria dos reinos de taifas da região do *Gharb* formou-se entre 1013 e 1023, período em que os hamudidas ainda governavam Córdova. Durante esta fase, os habitantes das províncias viram-se obrigados a financiar e sustentar os estados com grande sacrifício, em troca da salvaguarda da vida e da propriedade (Ghejne, 1999: 55). Após a morte, em 1031, do último califa Hishām III, o *Gharb* passou a ser disputado e dominado pelos abádidas do reino de Sevilha e pelos aftássidas que tinham capital em Badajoz.

Sevilha viveu neste período um crescimento populacional, que se traduziu em forte expansão urbana para arrabaldes em distintos lugares da cidade e construção de novo alcácer, entre 1052 e 1063. Os dados arqueológicos confirmaram mesmo a saturação urbana nos finais do século XI. Foram identificadas várias instalações artesanais e fornos de cerâmica (Valor, 2008: 20, 180).

As cidades declararam a sua independência, maioritariamente a favor das famílias antigas do tempo da conquista. Picard (2000: 67-73) afirmou que a família *Banū Hārūm* de *Ossónoba* ocupava cargos administrativos desde o califado, congregou o apoio dos muçulmanos, convertidos (*muwalladūn)* e moçárabes da região e formou-se como estado independente em 1016. Esta família conseguiu manter a sua autonomia até 1051, data em que ficou sob o poder do reino abádida de Sevilha. Neste tempo, o nome da cidade foi alterado para *Shantmariyya al-*

Gharb, por impulso da comunidade piscatória, demonstrando a vitalidade deste grupo e o ambiente de concórdia entre os cidadãos de Faro.

Ibn 'Idārī[26] registou o ultimo monarca de *Šantamarīyat al-garb*, de nome *Muhammad ibn Sa'īd ibn Hārūn*, conhecido como *al-Mu'tasim*. Proclamado em 1041, *Al-Mu'tasim* reinou com justiça, autoridade e política de prosperidade até 1051, quando *al-Mu'tadid* ocupou a província. Pode partir em liberdade e passou a residir em Sevilha até ao seu falecimento (Dozy, 1932, tomo I: 222).

Silves terá ascendido a capital económica, política e cultural da província de *Ossónoba* neste período, em que os seus estaleiros navais, empregavam a madeira da serra de Monchique, "quando se generalizam e multiplicam as ligações marítimas no interior da bacia ocidental do Mediterrâneo, quando emergem os grandes portos de Génova ao norte, de Tunis-Amalfi ao sul e de Málaga-Sevilha a ocidente" (Torres, 1997).

Figura 17: Base de tigela vidrada com decoração em manganés. Ref. CV/PA/01/2/2991. Ao lado, base de tigela com decoração em corda seca. Ref. CV/PA/98/8/126. Peças encontradas no bairro islâmico do Poço Antigo, cacela. Cronologia provável: século XI.

Silves esteve no poder dos *Banū Muzayn*, prestigiada família ossonobense de ascendência iemenita instalada na região desde o tempo da conquista. A distribuição de terras pelos habitantes valeram-lhes a proclamação de todas as terras vizinhas. O alfoz de Silves foi igualmente conquistado e o comando da região algarvia foi entregue a *Muhammad*, filho de *al-Mu'tadid* (Dozy, 1932, tomo III: 54; Sidarus, 2004: 118).

[26] Apesar de ter escrito em Marrocos em 1306, Borges Coelho (2008: 572) informa que estaria bem informado sobre os acontecimentos peninsulares.

Huelva/Saltés estava, desde 1012, sob o domínio *'Abd al-'Aziz al-Bakrī*. De origem árabe, o seu reinado ganhou importância e reputação até ser invadido por *al-Mu'tadid* e abdicar em seu favor em 1051/1052. Também lhe foi permitido saír do reino e viver em Sevilha (Dozy, 1932, tomo I: 222). A cidade foi descrita como sendo, marítima, terrestre e bem defendida por *al-Himyari,* que utilizou como fonte principal o geógrafo da familia reinante *al-Bakri.*(Lévi-Provençal, 1938: 44).

Em *Labla* (Niebla), revoltaram-se os descendentes dos iemenitas *ibn Yahyā al-Yahsubī,* que tinham mantido os cargos administrativos da cidade de Niebla desde a conquista e assumiram os destinos de uma região povoada de famílias árabes. *Ahmad ibn Yahyā al-Yahsubī al-Lablī* foi proclamado em 1023/1024 e faleceu em Niebla em 1041. Sucedeu seu irmão *Muhammad*, designado *Abū 'Abd Allāh*. Atacado pelo reino de Sevilha em 1051/1052, viu-se obrigado a procurar hospitalidade em Córdova. O seu tio *Nāsir ad-Dawla* ainda resistiu durante dois anos às investidas do exército de *al-Mu'tadid,* até fugir definitivamente para Córdova (Dozy, 1932, tomo I: 223). Niebla foi sempre o principal núcleo urbano da "Tierra Llana onubense" nos períodos emiral-califal e reinos taifa. Junto a ela, Huelva, "notablemente empequeñecida con respecto a los momentos anteriores, desempeñó el papel de puerto siempre dependiente o bien de la primera, o bien de Sevilla" (Vidal et al, 2008: 101).

Badajoz ficou sob o poder do amirida *Sābūr al-Saklabī*, fugido de Córdova. A partir de 1022 Badajoz tornou-se o centro de poder da dinastia berbere dos *al-Aftas*, que sucederam a *Sābūr*, após a sua morte. Desde 1045, *Muhammad* expandiu o reino para Coimbra, Santarém, Sintra e Lisboa. Resistiu às investidas abádidas, mas cedeu Coimbra aos cristãos. Contudo, após a sua morte, o reino ficou dividido entre os dois filhos que lutaram entre si, aliando-se a vizinhos cristãos e muçulmanos. Ganhou *'Umar Al-Mutawakkil*, que resistiu aos almorávidas até 1094 (Torres, 1992: 397). Formaram-se ainda os reinos de Múrcia, que incluiu Almeria e Granada. Em Mértola passaram a dominar os *Banū Tayfūr*. Málaga e Algeciras tornaram-se igualmente autónomos (al-Idrisi, 1989: 80; Dozy e Goeje, 1866: 208; Picard, 2000: 67-83). O geógrafo Al-Bakri, descreveu o al-Andalus como territorio de "*ŷihād* e zona de defesas fronteiriças - *ribāt* -, rodeado por este, norte e parcialmente oeste por diversas naciones infieis" (Vidal, 1982: 39).

Sevilha foi uma das taifas mais poderosas deste tempo. O seu governo foi ocupado pelo iemenita abádida *Abū l-Qāsim Muhammad ibn Ismā'īl* até 1042, antigo funcionário da administração de *al-Mansūr*, proprietário fundiário que formou um exército privado e com ele consolidou o seu território. *Al-Mu'tadid* (1042-1069) suprimiu os pequenos principados

berberes de Ronda, Jerez e Arcos, reforçando o seu poder. Entre 1050 e 1053, anexou o sul do extremo ocidental do *Gharb*, Niebla, Huelva-Saltés, Silves, Faro, Moura e Mértola e manteve confrontos com os aftássidas de Badajoz. Em 1063, ano em que nomeou o seu filho, *al-Mu'tamid* como governador de Silves, a cidade de Sevilha foi atacada pelas forças de Fernando I. Quando sucedeu a seu pai, o rei-poeta nomeou o amigo *Ibn 'Ammār,* vizir de Silves e quando este foi chamado para Córdova, ficou o filho, *al-Mu'tadd* como vizir da cidade. *Al-Mu'tamid* continuou a política expansionista da dinastia e tomou Córdova, Jaén e Múrcia (Cheikha, 1997: 71; Ghejne, 1999: 61).

Neste período dos reinos taifas, as alcáçovas das cidades receberam melhoramentos e novas construções, exteriorização do desenvolvimento económico e da política de legitimação do poder local. Verificou-se ainda o reforço das construções militares. Nas capitais vivia-se em ambiente de prosperidade e esplendor cultural. No termo de Badajoz, por exemplo, assistiu-se à construção de residências nas redondezas da capital e obras na alcáçova. Em Moura foi construído o minarete da mesquita em 1052 (Picard, 2000: 79; Torres, 1997: 438).

Na alcáçova de Silves foi escavado um nível arqueológico com compartimentos e materiais do século XI, sobrepostos ao nível califal. Gomes identificou-o como uma área palatina provavelmente contemporânea da administração de *al-Mutamide*, que evocou com saudade o Palácio das Varandas em Silves. No espaço da medina, a larga maioria dos materiais arqueológicos datados dos séculos X e XI estava depositada em silos (Gomes, 2003: 412; 2011: 302, 326).

O vigor do povoamento rural no Alto Algarve Oriental manteve-se no século XI, durante os reinos de taifas. Os povoados de planície não teriam estruturas defensivas, sendo aglomerados abertos e integrados no meio ambiente (Catarino, 1997-98: 558; Campos *et al*, 2006: 363).

Figura 18: Candil de bronze de dois bicos. Encontrado na quinta da Fidalga, Cacela (Vasconcelos, 1902: 120). Ao lado, candil de dois bicos com ave sobre a asa. Encontrado na Andaluzia. Cronologia provável: finais do século XI (Bernus-Taylor, 2000: 119).

Entretanto, a norte, Fernando I, *o Magno* fundador da dinastia de Navarra, iniciou uma política expansionista. A partir de 1060 atacou os reinos de Toledo, Sevilha e Badajoz, que pediram tréguas e passaram a ser seus tributários. Em 1064 Coimbra foi conquistada. Após a sua morte em 1065, o reino foi dividido entre os três filhos. Assim, Galiza e Portugal couberam a Garcia, Castela a Sancho II e Leão a Afonso VI. Sancho II foi assassinado, Garcia ficou aprisionado até à sua morte e Afonso foi reconhecido como rei legítimo dos três reinos. Afonso VI reiniciou a política de conquista na Península, submetendo Cória e Toledo em 1085, conquistou e fez descer a linha da fronteira cristã para o vale do Tejo (Macías, 1992: 426). Perante esta ameaça, as taifas andaluzas adquiriram consciência da necessidade de uma frente comum islâmica, coincidente com a ascensão almorávida no Magrebe. Numa fase inicial, os pedidos de ajuda aos almorávidas partiu de iniciativas individuais e desconexas (Viguera, 1992: 365-367).

As forças almorávidas vindas do Magreb entraram no al-Andalus em 1086 pelo porto de Algeciras, pertencente à taifa de Sevilha. O califa *Yūsuf ibn Tāshfīn*, com o apoio de reinos do al-Andalus, como Badajoz, Sevilha, Granada e Málaga, venceu Afonso VI na planura de Zalaca, junto de Badajoz, naquele ano. Então reuniram-se os estados com o emir muçulmano e reforçaram os laços de aliança que os unia contra o reino cristão. *Yūsuf ibn Tāshfīn* tomou posse do porto de Algeciras e regressou ao Magrebe (Lévi-Provençal e García Goméz, 1988: 203-207).

Em 1089, voltou a desembarcar no al-Andalus e marchou com os estados aliados para terras do Levante. Divisão, disputas entre os estados aliados e campanhas de extorsão de Afonso VI aos reinos de taifas agudizaram-se, ficando claro para o califa a situação do território ibérico. Regressado a África, empreendeu nova viagem ao al-Andalus no ano seguinte, instalou-se em Córdova e submeteu Granada e Málaga. Em 1091 submeteu Carmona e a cidade de Sevilha, enviando *Al-Mu'tamid* e sua família para o exílio em Agmat. *Al-Mutawakkil* de Badajoz (1072-1094) tentou evitar a aproximação dos almorávidas, fazendo um pacto secreto com Afonso VI, em que lhes fez cedência das praças de Santarém, Sintra e Lisboa, ou seja, a linha defensiva do Tejo. Badajoz caiu em 1094 em poder almorávida (Lévi-Provençal e García Goméz, 1988: 261-207; Picard, 2000: 88). A região de Niebla e Huelva/Saltés terá sido conquistada nesta data. Escavações arqueológicas em Saltés revelaram uma diminuição acentuada da quantidade do material cerâmico dos finais do século XI, denotando provável quebra de actividade urbana (Bazzana e Bedia, 2005: 328).

O poeta cacelense *ibn Darrag Al-Kasttali* faleceu em 1030, em pleno período das taifas.

3.4 A dinastia almorávida dividida entre Al-Andalus e Magrebe

Descendentes da tribo berbere dos *Lamtūnah*, formaram em Qayrawān, importante centro religioso da Ifríquia, um ramo de cariz religioso denominado *al-Murabitūn*. Caracterizavam-se pela sua devoção, ascetismo e zelo guerreiro. Habitando núcleos dispersos entre o rio Níger e o mar Mediterrâneo e apesar das resistências a uma regra tão rigorosa e extrema, conquistaram o Magreb e criaram um novo império, com sede em Marraquexe (Ghejne, 1999: 69).

O reinado almorávida marcou uma viragem no predomínio do Magrebe no al-Andalus (Viguera, 1992: 367). O governo da região ibérica assentou na entrega da administração das grandes cidades a cadis, membros da aristocracia almorávida e alfaquis, sacerdotes e consultores jurídicos. Uma aristocracia que seguia com respeito fanático os tratados de jurisprudência malikita, adaptando-a aos interesses privados e do poder, afastando-se da população, que considerava ignorante (Huici, 2000: 17). Os moçárabes foram tratados com alguma intransigência e cristãos e judeus maltratados.

Os principais impostos foram suprimidos e trouxeram alguma estabilidade ao território. Verificou-se um aumento quantitativo e qualitativo de contactos e relações comerciais entre o al-Andalus e o Magrebe e aumentou o fluxo de berberes magrebinos para a península ibérica (Vidal, 2003: 81). Um documento jurídico do princípio do século XII, relativo a um contrato celebrado em Saltés, indica que a cidade teria importância e população para ter serviços de notariado (García, 2001). No sítio do Vale do Boto foram encontradas duas moedas do rei almorávida *'Ali ibn Yūsuf* (1106-1143), denotando a continuidade de actividade comercial nesta região (Lopes, 1895: 102).

Contudo, a tentativa de unificação almorávida do al-Andalus encontrou fortes obstáculos, porquanto a cristandade peninsular estava animada por forte espírito de cruzada internacional. A norte, Teresa e Henrique de Borgonha casaram em 1096, tendo sido constituído o Condado Portucalense. Os almorávidas mantiveram a ofensiva aos cristãos alcançando em 1108 vitória em Uclés e atacando o Porto em 1111 e Coimbra em 1117.

No Magreb, o poder almorávida continuou a debater-se com a oposição e conflito tribal e a ameaça turca e cristã (francos). Por volta de 1121, iniciava-se o movimento almóada.

Ibn Tumart, da tribo masmuda do Atlas foi o fundador de uma nova oligarquia de base teocrática, *al-muwahhidun* (Acién, 1984: 44). O lema dos reformistas era suprimir os abusos e corrigir os costumes, implantar o reino de Deus e a sua justiça no mundo (Huici, 1956, tomo I: 89). A universalidade da sua mensagem angariou muitos seguidores entre os diferentes povos e tribos. Assim, tornou-se líder de um movimento de renovação religiosa e de um exército (Fierro, 2009: 5).

O monarca almorávida *'Ali ibn Yūsuf* (1106 – 1143) mobilizou as forças militares hispânicas para o norte de África, deixando os territórios do al-Andalus desprotegidos. Esta situação facilitou o avanço cristão. A expedição de Afonso I de Aragão por terras andaluzas até Granada em 1125/1126 e a instalação de Afonso Henriques em Coimbra em 1131 provocaram a instabilidade das populações e na facção almorávida a implementação de novos agravamentos fiscais e de construções defensivas em várias cidades. A contestação da população contra o excesso de impostos, muitos não previstos na lei islâmica, generalizou-se (Khawli, 2001: 25; Sidarus, 1992: 35).

Por esta altura, o primeiro califa almóada, *'Abd al-Um'min* (1132-1163), após ter conquistado o norte de Marrocos e parte da Argélia, apoderou-se finalmente de Marraquexe em 1147 (Fierro,

2009: 7). Neste mesmo ano Afonso Henriques, rei de Portocale desde 1143, conquistou Lisboa e Santarém e Afonso VII de Castela conquistou Almeria.

A muralha de Sevilha sofreu obras de reconstrução e a expansão da cidade ter-se-á iniciado no período almorávida (Valor, 2008: 22, 181).

Na medina de Silves, o achado de silos entulhados nos finais do século XI sugeriram obras de renovação urbana naquela zona durante o período almorávida, que terão atingido o cúmulo em época almóada. Na alcáçova, a muralha continuou a ser ampliada e foram construídas algumas habitações no séc. XII (Gomes, 2011: 312; 2003: 508).

Em Faro, verificaram-se, possivelmente, obras de ampliação e remodelação habitacional nas zonas norte e oriental da medina, ainda em época almorávida, que terão tido continuidade na época almóada (Gamito, 2007; Paulo, 2000; Álvaro, 2009).

Os vestígios arqueológicos islâmicos mais antigos de Tavira remontam aos finais do século XI. Terão sido recolhidos numa fossa, selada, associada a um nível construtivo de alicerces e esgotos de habitações. Esta zona habitacional foi demolida para dar lugar à construção da muralha, possivelmente de cronologia almóada. A fossa continha um conjunto homogéneo de peças, como o famoso vaso de Tavira, um cantil, uma floreira, uma tigela com decoração de corda seca total e verde com manganés e uma tigela vidrada de côr branca com decoração epigráfica (Maia e Maia, 2002: 66; Maia, 2012).

Em Mértola terá ocorrido processo semelhante. Uma sondagem arqueológica no castelo de Mértola revelou um canal de escoamento de uma latrina e sua fossa negra entulhada com materiais do século X aos finais do século XI (Candón *et alii*, 2001: 559). Os silos 4 e 5 da alcáçova de Mértola, entulhados com materiais enquadráveis nos períodos almorávida e almóada (o domínio de *Ibn Qasi* de um ano terá deixado poucos testemunhos estratigráficos na povoação de Mértola), poderão ser o reflexo de obras de renovação no espaço edificado, que só foi abandonado no final do período almóada (Macías, 1993: 32; 2006: 56).

A construção das muralhas de Aljezur e Albufeira terá sido iniciada no período almorávida, tendo as obras sido concluídas na época almóada. No castelo de Aljezur foi identificado um conjunto de compartimentos de habitações, alguns com lajeado, anteriores ao período almóada e um vazadouro no exterior da muralha com materiais cerâmicos de cronologia almorávida e almóada (Silva e Gomes, 2002; Garcia, 2006; Lourenço, 2008).

3.5 Rebelião e segundos reinos de taifas

Este período caracterizou-se por forte contestação político-religiosa e instabilidade territorial, pela formação de reinos com dimensão territorial reduzida, em mutação constante e de efémera duração (Khawli, 2001: 23). As revoltas no al-Andalus sucederam-se a partir de 1144/1145 e foram instigadas por chefes religiosos. Estas rebeliões geraram novo ciclo de reinos de taifas no al-Andalus.

O Algarve foi a primeira região a manifestar o seu apoio aos almóadas, a partir do movimento dos *murīdūn*. *Ibn Qasī* de Silves, de origem muladi, liderou um movimento místico-político, o muridismo, com raízes na doutrina sufista, promovendo a pregação religiosa por todo o território algarvio. Khawli (2001) sintetizou este percurso: "La disparition des deux premiers soufis (en 1141 ou 1143) laisse la porte ouverte devant *Ibn Qasī*, non seulement pour la direction du mouvement des *murīdūn*, mais pour proclamer la guidance de la société andalouse … Dans la partie occidentale, où les tendances ascéticomystiques sont amplement diffusées, au moins dans le milieu rural, c'est le mouvement soufi d'*Ibn Qasī* qui fait prévaloir son projet politique basé, notamment, sur le mahdisme". Assim, assumindo-se como líder espiritual e político, conseguiu militarizar o movimento com a ajuda dos chefes de Évora, *Ibn Waẓīr* e de Silves, *Ibn al-Mundir*. Em 1144 tomou o castelo de Mértola e proclamou-se *Mahdi* (Messias). Neste período, Silves, Mértola, Évora e Beja cunharam moeda, assinalando a sua soberania política e autonomia económica. *Ibn Waẓīr* de Évora autonomizou-se, derrotou as forças de *Ibn Qasī* e proclamou-se rei de taifa, que durou até 1157 (Sidarus, 1992: 35; 1993: 53).

As fontes referem a existência na costa atlântica de Aljezur de um ribát deste movimento. Escavações arqueológicas de Rosa e Mário Varela Gomes na Ponta da Atalaia em Aljezur puseram a descoberto um convento, formado por pequenos edifícios interpretados como mesquitas, um minarete, uma mesquita maior e um conjunto de celas ou oratórios de cronologia almorávida-almóada (Gomes e Gomes, 2005: 41-71).

Na zona oriental, *Ibn Mardanīsh* provocou revoltas em Málaga, Valencia, Múrcia e Córdova, até atingir Sevilha e Granada. Os aspirantes a governantes lutavam entre si, procuravam alianças com muçulmanos e cristãos, até ao ponto de serem tributários dos mais fortes. Nas terras do norte, os reinos cristãos tinham problemas idênticos, mas um fim em comum, reconquistar o que eles consideravam ser a terra dos seus antepassados (Ghejne, 1999: 56). Assim, este período caracterizou-se por um profundo avanço cristão.

O exército almóada avançou para a Andaluzia, desembarcou no porto de Algeciras em 1145/1146 e ocupou algumas cidades que não ofereceram resistência. Finalmente, com o apoio das forças locais conquistou Sevilha, convertida em capital da região do al-Andalus. A cidade de Niebla estava integrada na *kura* de Sidonia ou Sevilha no período das taifas (al-Idrisi, 1989: 80; Dozy e Goeje, 1866: 208). Os termos de Beja, Évora e Badajoz ficaram sob o controlo de *Ibn Wazīr* e o irmão *Abu al-Hasan Muhammad*. Badajoz foi rapidamente recuperada pelo seu cádi, *Ibn al-Haggām*. Em Silves *Ibn Qasī*, fez um acordo com Afonso Henriques e foi assassinado pela população da cidade em 1151. Segundo Khawli (2001), "la ville portuaire de *Santa Mariyya al-Garb*, comptait, avec Loulé, parmi les premières cités à s'être soumises au pouvoir masmudien. La ville se trouve alors gouvernée par l'amiral *'Isā ibn Maymūn*, membre de la célèbre famille originaire de Dénia responsable de la direction de la flotte almoravide".

No arrabalde oriental de Silves, junto do rio, foi estabelecida a zona de actividades artesanais, como metalurgia e tinturaria, delimitada por muralhas e torres. Esta área foi ampliada na época almorávida (Gonçalves, 2009).

'Abd al-Mūmin consolidava o seu poder no Magreb e preparava novas expedições bélicas. Mandou construir uma esquadra sólida nos portos dos dois lados do Estreito e nomeou *'Abd Allāh ibn Sulaymān* como almirante da esquadra de Ceuta e seu filho, *Sayyid* governador das costas do Estreito. Realizou importantes obras em Rabat e Alcácer Ceguer, portos marítimos criados para as grandes expedições. Algeciras era o porto marítimo de ligação entre os dois continentes (Huici, 1959: 64, 249).

No ocidente peninsular, Afonso VII cercou e tomou vários castelos, atingindo a zona de Córdova entre 1144 e 1152. Afonso Henriques até 1160 conquistou Palmela e Alcácer do Sal. De ora em diante as forças cristãs controlavam a linha do Tejo, fazendo regularmente incursões a sul, em território adversário. Esta fronteira estava sob a responsabilidade dos chefes locais de Évora, Santarém e Badajoz, que se incluíam entre os revoltosos. Em 1154, os reinos de taifas pediram novamente auxílio à dinastia berbere dos Masmuda no Magreb. Alguns deslocaram-se a Marraquexe (ou Salé), colocando-se sob a protecção do novo califa almóada. Entre eles, contavam-se o almirante da frota almorávida em Cádiz, *Ibn Wazīr*, senhor do Algarve, que foi nomeado almoxarife de Silves e *'Ali ibn al-Hayyam*, senhor de Badajoz (Acién, 1984: 44-45; Huici, 1959: 67).

Apesar das principais capitais de taifa estarem sob o domínio almóada, as regiões continuavam desgovernadas. Nesta conjuntura, Tavira alcançou a sua autonomia em 1151, chefiada por um

pirata de nome *'Ali al-Wuhaybī*. A alcaria de Tavira terá entretanto sido muralhada, tornando-se num *hisn,* conforme descrição do contemporâneo *al-Sala*. Tornou-se porto de "aventureiros e malvados", cujas actividades de pirataria e bandoleirismo causavam grandes danos ao longo das costas do al-Andalus e de Marrocos. Em 1154, *Ali al-Wuhaybī* ocupou Niebla durante a noite, surpreendendo os habitantes enquanto dormiam. Contudo, o governador de Córdova e Sevilha, ao recuperar a cidade, causou forte mortandade entre os habitantes da urbe e seu termo, o que lhe valeu a destituição do cargo (Huici, 1959: 68-75; 1956: 235; Khawli, 2001: 25; Sidarus, 1992: 35).

Estes episódios da história do sudoeste peninsular encontram algumas contradições nas fontes escritas árabes e cristãs. Ambrósio Huici Miranda (1954 e 1959) dedicou-se a desemaranhar aqueles relatos, corrigindo e propondo cronologias devidamente justificadas, pelo que os próximos parágrafos baseiam-se essencialmente na conferência "Los almohades en Portugal", actualizada pela leitura de um novo manuscrito de Ibn Idari. Assim, em 1154 *'Abd al-Mūmin* enviou para o al-Andalus novos governadores, filhos seus, *Yusuf* e *Sa'id Utman* que reuniram as forças almóadas de várias cidades. *Ibn 'Atiyya*, conselheiro e vizir de Yusuf, governador de Sevilha dedicou-se a consolidar a posição almóada no terreno, fazendo várias investidas nas ocupações dos reis cristãos e recuperando diversos castelos no espaço de Córdova e Sevilha. Granada rendeu-se ao poder almóada. Posteriormente, em 13 de Fevereiro de 1157, sitiou Tavira por terra, enquanto uma esquadra bloqueava o acesso ao mar. O cerco durou dois meses e finalmente, em 11 de Abril de 1157, os rebeldes renderam-se e reconheceram a autoridade califal. Cacela foi o centro das operações militares daquele numeroso exército. Foi então o território do actual Algarve ocupado e nomeado seu governador, *Ya'qub ibn Yanun, al-Jazrayi.* A campanha terminou com a rendição sem luta de *Tasfīn al-Lamtūnī*, instalado em Mértola (Huici, 2000: 235; 1959: 70-75).

Ainda naquele ano, o califa almóada lançou a operação de conquista terrestre e marítima de Almeria, socorrida pelas forças cristãs de Castela e do reino de Múrcia. O exército de Afonso VII e os seus aliados rebeldes tiveram de recuar, perdendo Almeria e os castelos de Baeza e Ubeda. Manteve-se o reino de Múrcia nas mãos do rebelde *Ibn Mardanīs*. Morto Afonso VII, as forças cristãs não esmoreceram e a cidade de Ávila, sob o comando do conde Sancho Giméno invadiu a área de Sevilha, corria o ano de 1158. O governador do Algarve, *Maymun* acudiu com o seu exército e morreu no campo de batalha, bem como os chefes de Ronda e Badajoz e alguns homens da confiança pessoal do monarca magrebino. Os nomes destes homens perduraram nas crónicas da época (Huici, 1954: 75-83). Apesar de tudo, foi um

território com forte dinâmica social, cultural e mesmo, económica, por onde circulavam peregrinos, bens, mercadores e exércitos. Por exemplo, *Al-Uryani* de Loulé foi homem de letras, fixou-se em Sevilha e foi mestre do murciano *Ibn al-Arabi* (Huici, 1954: 60, 75-83; 1959: 81).

O geógrafo Al-Idrisi nasceu em Ceuta em 1099/1100 e faleceu em 1165. Viajou pela Península Ibérica e em 1138 mudou-se para a corte de Palermo, por convite do rei Roger II da Sicília (1121-1154), onde iniciou a redação da sua obra geográfica. Terminou a sua obra em 1153 (Al-Idrisi, 1989: 18-20). A sua descrição geográfica revelou os circuitos terrestres e marítimos do al-Andalus, importante registo da rede que unia as povoações e permitia a circulação de pessoas com os mais diversificados fins, bem como mercadorias variadas.

Figura 19: Mapa de al-Idrisi. Fonte: Amores, 1991.

3.6 O império almóada

Em 1160 '*Abd al-Um'min* conquistou a *Ifriqiya* e conseguiu unificar o Magrebe. O actual Algarve ficou integrado na jurisdicção de Sevilha e a região passou a constituir uma importante força de apoio ao califado almóada no al-Andalus.

Contudo, '*Abd al-Um'min* debatia-se com várias fragilidades, no seu próprio território e no espaço ibérico contra Afonso Henriques, Afonso VIII de Castela e *Ibn Mardanīs* no oriente peninsular. Veio a falecer em 1163 em Rabat.

Seu filho, *Yusuf I*, nos primeiros anos de reinado preocupou-se em obter o reconhecimento do seu poder no Magrebe. Entretanto, livres da ameaça almóada, as conquistas de Afonso Henriques e Giraldo sem Pavor no Alentejo e Estremadura espanhola "adquiriram um carácter espectacular". Entretanto, em 1165, o mercenário Giraldo sem Pavor, ao serviço dos portugueses, assaltou Évora, Trujillo e Cáceres e vendeu-as aos cristãos. Ao lado de Afonso Henriques, atacou Serpa, Juromenha e atingiu Badajoz em 1169. Fernando II de Leão, pactuante com o rei Miramolín, o califa *Yūsuf I* (contra o irmão Sancho III de Castela), enfrentou e aprisionou o rei português em Badajoz, juntamente com as tropas almóadas, obrigando-o a recuar para o Guadiana. No entanto, as hostilidades permaneceram. No ano de 1171, o califa reuniu poderoso exército e avançou com ele para o al-Andalus. A parte oriental da Andaluzia só se entregará por volta de 1172. Entretanto, *Yūssuf I*, regressado a Sevilha, triunfou sobre as forças de Ávila, retomou Badajoz e atacou Toledo. Ambos os reis cristãos apressaram-se a assinar tréguas com o califado em 1173, por um período de 5 anos. Desamparado, Giraldo colocou-se ao serviço de *Yūssuf I*. Beja, na sua condição de cidade fronteiriça, portanto militarizada, continuou a ser alvo de ataques permanentes e só terá recomeçado a ser povoada a partir de 1173 (Huici, 1954: 22; 2000: 231-272, 291).

O período florescente em Sevilha decorreu nos primeiros anos da dinastia almóada até à derrota de Navas de Tolosa, em 1212. As obras de renovação da cidade terão arrancado em 1171, concluídas com a construção da Torre del Oro. Os trabalhos arqueológicos atestaram que a maior parte das vivendas almóadas de Sevilha foram construídas de raíz na segunda metade do século XII. Assim, a cidade pré-almóada recebeu uma "renovação radical" do casario, construção de novos bairros, sistema de esgotos e renovação do traçado viário (Valor, 2008: 22-24, 113-114).

Verifica-se que durante a segunda metade do século XII, à medida que os almóadas consolidavam as posições no território, eram efectuadas obras de reforço e alargamento dos recintos amuralhados ou mesmo construção de fortificações. As cercas defensivas de Niebla e Tejada la Nueva foram ampliadas e construíram-se muralhas de taipa. As fortificações de Aznalcóllar, Alpízar, Villalba del Alcor, Trigueros e *Gebal-Oyum* (Gibraleón) terão sido reedificadas para defesa de Sevilha neste período (Vidal et al, 2008: 100).

A actual cidade amuralhada de Niebla, com 16 hectares, foi construída nos finais do século XII. O período almóada pleno correspondeu à ampliação das ocupações anteriores (romana, califal, taifa e almorávida) e concretização de um vasto programa de reforma urbana na medina, que incluiu o traçado de uma nova cerca poligonal definida por muralha de taipa, 5 portas e 47 torres quadrangulares ou octogonais e maciças. "...Al mismo tiempo que se construye la muralla, el caserío se extiende por primera vez fuera del recinto murado". Esta zona do arrabalde teria sido habitada entre os séculos XII e XIV e a partir do século XV foi transformado em baldio de uso agrícola (olival) e lixeira (Campos *et al*, 2006: 113, 276, 361-363).

O último grande programa de obras da alcáçova e da medina de Silves foi concluído neste período, com a construção das torres albarrãs e cisterna. No arrabalde oriental, verificou-se nova expansão urbana, com entulhamento de um fosso de existência anterior (Gomes, 2003: 508; 2006: 28; Santos e Abranches, 2010).

Em 1176 *Yūssuf I* regressou a uma Marraquexe assolada pela peste, que terá atingido também cidadãos do al-Andalus. Em 1178 o infante Sancho de Portugal lançou uma algara no vale do Guadalquivir, chegando a Triana, na margem direita do Guadalquivir. Os portugueses assaltaram ainda vários castelos na planície onubense e apoderaram-se de Saltés (Huici, 2000: 274-278).

A esquadra califal, sob o comando de *Ganim ibn Mardanis,* ripostou contra o porto de Lisboa em 1179, apoderando-se de duas naves. O almirante almóada atacou depois a costa atlântica e foi derrotado e feito cativo pelo almirante português Fuas Roupinho na zona de Porto de Mós. Desenrolaram-se confrontos navais na costa do barlavento algarvio até a esquadra portuguesa ser vencida em 1180 e morto Fuas Roupinho. Em terra, das continuadas algaras entre os dois campos inimigos, realçamos as que afectaram as populações do sul. Assim, em 1182 os portugueses assaltaram castelos da região do Aljarafe, regressando pelo caminho de Niebla e repetindo o feito no ano seguinte. Certamente estas incursões lucravam em muitos

cativos e despojos de guerra. Novo combate naval na costa algarvia, com provável resultado a favor das forças almóadas (Huici, 2000: 279-285).

Entretanto, em 1179, o Papa Alexandre III havia reconhecido a independência do reino de Portugal.

Em 1184 *Yūssuf I* lançou uma forte ofensiva contra Portugal, o reino cristão mais frágil da península. Atravessou o Estreito com a sua força militar e saíu de Sevilha em direcção a Santarém, base de operações de Afonso Henriques. Fernando II de Leão socorreu os portugueses e juntos fizeram recuar as tropas almóadas, ferindo o califa, que veio a morrer de seguida. Durante o trajecto para Sevilha, "os almóadas passaram a sangue e fogo todo o Alentejo" (Huici, 2000: 303).

Afonso I morreu em 1186 e foi sucedido pelo filho, Sancho I. O Povoador aproveitou os primeiros anos do seu reinado para reorganizar as povoações e castelos arrasados pelas guerras. Em 1189, Sancho I aproveitou a escala em Lisboa de uma forte armada de cruzados frísios e dinamarqueses a caminho de Jerusalém e juntou-se-lhes com a esquadra portuguesa. Atacaram a costa algarvia e assaltaram o castelo de Alvor. Animado com o êxito da conquista, o rei voltou a descer ao longo da costa atlântica com cruzados alemães, flamengos e ingleses e tropas terrestres, que iniciaram o ataque a Silves. Nesta época, Silves tinha fama de albergar piratas que faziam saques em diversos lugares do oceano, fazendo muitos cativos cristãos. Mas os cruzados dedicaram-se a saquear os arrabaldes e a levar os bens para as embarcações, permitindo que o castelo organizasse a sua defesa. Finalmente, após três meses de cerco, Silves rendeu-se. Entretanto, Afonso VIII de Castela fazia algaras na zona do Aljarafe de Sevilha (Huici, 1954: 57; 2000: 342-345; Lopes, 1844: 12-32).

Ya'qūb al-Mansūr (1184-1199) decidiu ripostar e atravessou o Estreito com forte exército no ano seguinte. Levantou amarras em Alcácer Ceguer e desembarcou em Tarifa. Em 1190 firmou tréguas com os reis leonês e castelhano. Avançou para a região do vale do Tejo, entre Santarém e Tomar, enquanto outra força militar cercava Silves, retornando a Sevilha sem vitórias. Na primavera seguinte, o califa avançou para a zona a sul do Tejo, conquistando os castelos de Alcácer do Sal, Palmela e Almada. Dirigiu-se então para Silves e recuperou a cidade, regressando ao Magrebe. Apesar da unificação do Algarve, sob o poder almóada, este território e o de Sevilha estavam permanentemente sob a ameaça dos inimigos. Em 1195-1196, *al-Mansūr* venceu os cristãos nos campos de Alarcos e fez duas campanhas na Estremadura castelhana. Terminou a reconquista da província do al-Andalus, agora reduzida,

com Sevilha como sede do governo. Foram estipuladas tréguas por dez anos (Huici, 1954: 68; 2000: 345-378).

O aparente crescimento da população urbana da região onubense pareceu coincidir com a concentração do povoamento rural. Algumas alcarias consolidaram-se como lugares centrais que abrigaram parte da população das alcarias abandonadas ou destruídas pela conquista almoáda. Outra parte desta população rural ter-se-á estabelecido na cidade e introduzidas alterações no seu urbanismo. "… Mundo rural y mundo urbano, en estrecha conexión, explican este fenómeno y ven modificadas sus estructuras de poblamiento". A insegurança do território perante o avanço das contínuas incursões de portugueses e leoneses terá sido um factor primordial nos movimentos populacionais e na política de fortificação e defesa do império almoáda, "… política que nos ha dejado algunas de las mejores obras de fortificación almohade en Sevilla, Badajoz, Cáceres, Jerez de la Frontera, Écija, Niebla, etc." (Campos *et al* 2006: 367).

Faro tinha uma abertura em arco na muralha, por onde passava uma fusta, que se guardava dentro das muralhas e quando necessário era lançada à água e navegava para a costa marroquina (Machado, 1978: 250).

Tavira durante a fase de conquista almóada já era uma povoação com alguma dimensão e passou a ter direito a governador (Huici, 1954: 65). Os trabalhos arqueológicos realizados em Tavira demonstraram intensa alteração do traçado e acrescentamento da área urbana neste período. Foi descoberto importante troço de muralha na vertente sul, junto do rio em contexto arqueológico de época almóada, bairros habitacionais no interior da cerca muralhada e no arrabalde norte, junto de torreão coevo, conjuntos construtivos associados a materiais cerâmicos da primeira metade do século XIII (Maia e Maia, 2002: 70; Cavaco, 2011: 76).

O bairro da alcáçova de Mértola começou a ser construído no período almorávida e concluído na época subsequente. Foram ainda realizadas obras na mesquita e melhoramentos nas muralhas na época almóada (Macías, 1996: 147).

O castelo de Salir é uma fortificação almóada, com um conjunto de casas coevas, sobre estrutura anterior de época indeterminada. Os trabalhos arqueológicos permitiram identificar a fase de conquista do castelo, por um nível de destruição e incêndio que encerrava armamento e peças de guerrear (Catarino, 1997-98: 512).

Na última década do século XII iniciou-se um ciclo de maus anos agrícolas, antevendo-se um século de sofrimento para a população do Al-Andalus.

3.7 A conquista do al-Andalus pelos reinos peninsulares

As tréguas foram quebradas por Afonso VIII (1158-1214), reinando *Muhammad al-Nasir* (1199-1213), filho de *al-Mansūr*. Após o êxito militar cristão na batalha de Navas de Tolosa, em 1212, as algaras multiplicaram-se no al-Andalus. Em 1217, os portugueses cercaram e conquistaram Alcácer do Sal com a ajuda de cruzados alemães e frísios. A praça foi entregue à ordem de Santiago. No percurso para a Terra Santa, as 25 naves não encontraram resistência para fundear na ria de Faro e os cruzados puderam atacar, saquear e levar da cidade de Santa Maria muitos despojos (Alemparte, 1999: 99).

A sucessão de califas após o reinado de *al-Mansūr*, a sua ausência do al-Andalus (depois de *al-Nasir*), a sua juventude, as mortes violentas, as intrigas e guerras internas provocaram nova fragmentação territorial e a multiplicação em pequenos reinos. Na zona oriental *Ibn Hud* de Múrcia protagonizou em 1228 a sublevação anti-almóada, com o apoio de Granada, Córdova e Málaga. No ano seguinte, os almóadas abandonavam Sevilha e os habitantes da cidade uniram-se a Múrcia (Huici, 2000: 429-478; Valor, 2008: 23). Os caudilhos andaluzes, como *Muhammad ibn Nars al-Ahmar*, senhor de Arjona e Granada, *al-Baja* em Sevilha, *ibn Hud* de Murcia, *ibn Mahfuz*, proclamado em 1234 em Niebla e *Alhamar* de Málaga e Almeria, declararam a sua independência (González, 1985: 167). *Ibn Mahfuz* terá ambicionado asenhorear-se da região algarvia (Valencia, 1998: 95). A Cronica da Conquista do Algarve (Machado 1978: 244-250) refere que os reis muçulmanos locais "eram em grande desvairo uns com outros" antecipando que não ofereceriam muita resistência às forças cristãs. Tavira teria um caudilho de nome Abem Fabilla e em Silves estaria Alamafom. Faro ainda estava sob o controlo de Miramolim, rei almóada de Marrocos.

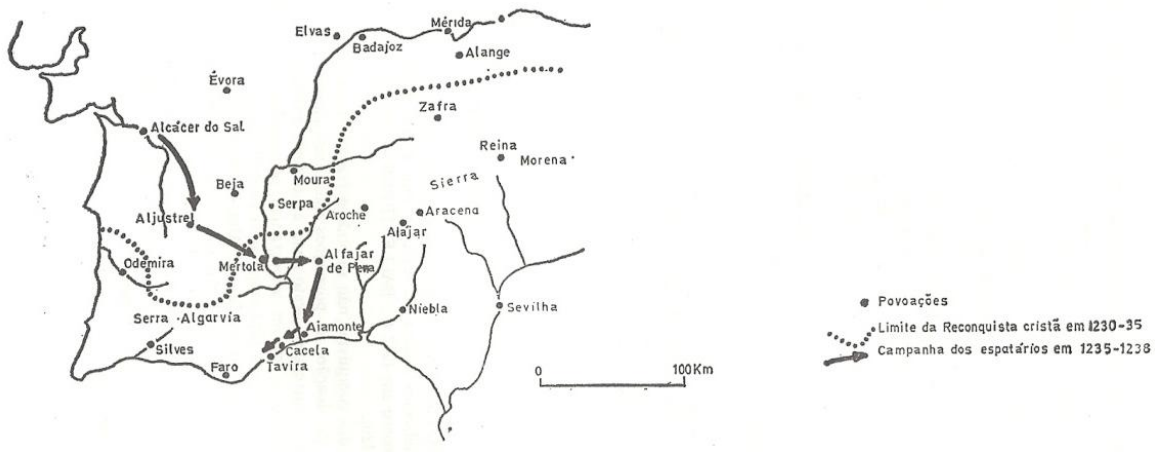


Figura 20: O sudoeste da Península Ibérica na primeira metade do século XIII. Fonte: J. C. Garcia, 1989.

João Carlos Garcia (1986; 1989) sintetizou o avanço militar dos cristãos: Afonso IX de Leão conquistou Mérida e Badajoz em 1230, consolidando as suas posições na linha do médio Guadiana. Na zona ocidental, as hostes de Sancho II de Portugal (1223-1245) e a Ordem de Santiago avançaram para o Alentejo, conquistando as praças de Moura e Serpa em 1232, Aljustrel em 1234 e Mértola, Alfajar de Pena e Aiamonte por volta de 1238. Até 1240, as praças de Cacela e Tavira tinham sido ocupadas. Em 1242, a capital do barlavento algarvio, Silves foi tomada. Afonso III (1248-1279) terminou a conquista do Algarve, ocupando Porches e Albufeira e finalmente, Faro em 1249. Em Faro, foi utilizada a frota, que ocupou o porto e o canal, impedindo a aproximação das galés muçulmanas (Machado, 1978: 250). As povoações conquistadas foram entregues às ordens de Santiago e de Avis. Com excepção de Porches entregue a Estevão Eanes, chanceler-mor durante todo o reinado, que angariou vasto património no território nacional.

A partir de 1231, Fernando III de Leão e Castela (1217-1252), então aliado do califa almóada *Al-Māmūn*, decidiu intervir na conquista dos territórios rebeldes da Andaluzia, acabando por tomar Córdova em 1236. A conquista de Córdova abriu aos exércitos de Castela e Leão o vale médio do Guadalquivir. Desta forma, entre 1240 e 1243, castelhanos e leoneses ocuparam sem encontrar resistência toda a campina até Marchena, Morón e Estepa, as serras cordobesa e sevilhana. Em 1246 caíram Arjona e Jaén e a fortaleza de Alcalá de Guadaira foi ocupada, em aproximação de Sevilha. Em 1247, Carmona negociou a paz. Em 1248 Sevilha rendeu-se após prolongado cerco (González, 1985: 167).

Na conquista de Sevilha, Raimundo Bonifaz era o almirante da frota de Fernando III. Reuniu naves, galés, carracas e outras embarcações menores para a batalha naval, que foi fundamental na tomada da cidade. As forças em terra foram controladas por Paio Peres Correia (Crónica, vol. IV, 2009: 443-485; Tuñon, Valdeón e Dominguéz, 1991: 105).

A conquista, efectuada maioritariamente no assédio mais ou menos prolongado das cidades e vilas andaluzas (em poucas ocasiões se tomaram praças de assalto), derivou geralmente na entrega destas povoações, esvaziadas de população muçulmana, que partiam livremente com seus bens móveis. Foi o que sucedeu em Baeza, Úbeda, Córdova, Arjona, Jaén, Sevilha e já em tempos de Afonso X (1252-1284), em Niebla e Jerez e, mais tarde, em Tarifa, Algeciras e Antequera. Contudo, muitas localidades medianas e pequenas constituíram acordos com os castelhanos e as populações puderam permanecer nos seus lugares, mantendo a propriedade plena das suas terras e o mesmo regime fiscal (González, 1985: 169).

Após a conquista de Sevilha mantiveram-se alguns enclaves muçulmanos semi-autónomos, como Niebla e a zona gaditana e mesmo no interior, Jaén e Córdova. Mantiveram-se núcleos muçulmanos em várias povoações, como Alcalá de Guadaira, Sanlúcar, Alcalá del Rio, Tejada. Em Écija permaneceu a quase totalidade da população muçulmana. Mesmo em lugares estratégicos como Arcos (González, 1980: 62). Em Huelva permaneceram igualmente algumas povoações mouras, como Atalaya del Velix e Cuartos (García, 2002: 93).

Ibn Mafuz, aliado de Fernando III, acompanhou-o na conquista de Jerez, Santa Maria do Porto e Cádis (Crónica Geral de Espanha, vol. IV, 2009: 490). Os castelhanos entraram em Jerez em 1253 e passaram a dominar a baía de Cádis desde 1258, iniciando incursões contra o norte de África.

As hostilidades entre os reinos cristãos adviram da controvérsia da posse do vale do Guadiana e das praças algarvias conquistadas então por Paio Peres Correia, ao serviço do rei de Castela. Em 1251-1252, o monarca português terá feito incursões em Aroche e Aracena, que desencadeou a guerra luso-castelhana em 1253. Em 1255 Afonso III doou os castelos e termos de Cacela e Aiamonte à Ordem de Santiago, reforçando o seu apoio militar à causa portuguesa. A paz definitiva só foi firmada em 1267, na Convenção de Badajoz. Afonso X entregou a posse definitiva do Algarve ao seu neto, infante Dinis, em troca da desistência da pretensão portuguesa na região entre o Guadiana e o Guadalquivir (Mattoso, 1991: 195; Machado, 1978: 249; Marques, 1986: 12).

No reinado de Afonso X, a presença castelhana na Andaluzia consolidou-se definitivamente. O monarca castelhano decidiu desferir um golpe profundo no coração do califado. Em 1260, equipou uma esquadra, que saiu da baía de Cádis, apoderou-se de Salé e regressou com grande número de cativos e despojos de guerra (Huici, 2000: 555-558).

O pacto de vassalagem com o reino de Niebla terminou bruscamente em 1262, quando Afonso X cercou e obrigou a cidade a render-se (Domingues, 1955: 25). A partir de 1263, o monarca castelhano iniciou o repovoamento de Cádiz, fechando as saídas para o mar das localidades da zona. Todos estes acontecimentos conduziram a uma insatisfação crescente e à revolta dos mudéjares de Andaluzia e Múrcia em 1264, em simultâneo com o exército de Granada, obrigando à migração forçosa das populações (González, 1980: 34-35). Afonso X ocupou militarmente Jerez, Guadalete, baía de Cádiz até Vejer e Alcalá de los Gazules. Esta ofensiva quase recuperou o reino de Múrcia para os muçulmanos. Em 1269 terminava a dinastia almóada de Marraquexe.

Afonso X procurou reforçar o território conquistado, mudando populações mudéjares para sítios de menor importância estratégica, procurou eliminar as antigas autoridades muçulmanas e instalou guarnições cristãs nas fortalezas, como em Jeréz. Também comprou terras a muçulmanos, instalando povoadores cristãos, como em Arcos. A revolta mudéjar de 1264 interrompeu este processo, levando à expulsão radical e fuga das populações muçulmanas para Granada e Magrebe. Apenas alguns mudéjares se conservaram en *aljamas* (González, 1980: 34; 1985).

Os cristãos enfrentavam o problema da travessia fácil para os exércitos do norte de África através do estreito de Gibraltar. A Andaluzia era um território fronteiriço frente aos nazaríes de Granada e ao poder muçulmano do norte de África. Por isso, as zonas de maior perigo foram entregues às ordens militares: Segura, Estepa e Medina Sidonia à ordem de Santiago. Ao mesmo tempo potenciaram-se os grandes concelhos, base da política de repovoamento: Baeza, Córdova, Sevilha e Cádiz, bem como outros núcleos como Úbeda, Andújar, Jaén, Écija, Carmona, Arcos ou Jerez. Mas o repovoamento da Andaluzia não resultou fácil. As guerras causaram grandes estragos no mundo rural e a revolta mudéjar de 1264, esvaziou o campo andaluz. Em 1275, o sultão *Abu Yusuf Ya`qub* desembarcou em Espanha com um enorme exército e assegurou o domínio do Estreito com a ocupação de Algeciras (Mackay, 1977: 78; Tuñon, Valdéon e Dominguéz, 1991: 106).

Sancho IV tomou Tarifa em 1292, mas fracassou perante as muralhas de Algeciras, que se manteve na posse dos muçulmanos. Em 1340, a frota merinída cruzou o Estreito e, unida a Granada, tentaram conquistar a base naval de Tarifa, onde se encontrava a frota castelhana. A batalha do Salado foi um desastre para as forças muçulmanas. Foi um caminho longo até à ocupação de Algeciras em 1344, que permitiu o domínio marítimo pelos reinos cristãos (González, 1985: 167; Haggar, 1996: 162).

CAPÍTULO 4:
CACELA, ENTRE A ALCÁÇOVA ISLÂMICA E A FORTALEZA QUINHENTISTA

O objectivo deste capítulo é identificar e analisar os elementos arquitectónicos e arqueológicos de Cacela-a-Velha que podem ajudar a compreender a organização e ocupação do espaço da antiga alcáçova islâmica. A conquista cristã provocou profundas alterações no povoamento do território e certamente na estrutura defensiva. A alcáçova de Cacela alterou progressivamente as suas funções. Tentamos ainda identificar os elementos construtivos da nova fase de ocupação e períodos subsequentes até ao século XVIII.

As reedificações levadas a cabo após a destruição de Cacela pelo terramoto de 1755 tiveram como objectivo militar a construção de uma fortaleza marítima. As restantes estruturas defensivas terrestres foram definitivamente abandonadas.

Durante os anos em que intervimos em Cacela, procuramos sempre socorrermo-nos de elementos complementares de análise. Reunimos indícios da presença da muralha e coligimos levantamentos e relatórios de diferentes especialidades, com o objectivo de contribuir para a percepção da cerca medieval de Cacela.

Figura 21: Cacela-a-Velha em 1967. Fonte: J. C. Padrão, 1967.

Cabe aqui referir o pioneirismo do arquitecto Joaquim Cabeça Padrão (1921-1993), que desenvolveu o primeiro trabalho de "Prospecção, Preservação e Recuperação de Elementos Urbanísticos e Arquitectónicos Notáveis na Região do Algarve". Os seus estudos caracterizavam-se pelo rigor e detalhe, apresentando soluções inovadoras de reabilitação e recuperação patrimonial. O trabalho realizado por Cabeça Padrão (1967) constituiu a base de classificação de Cacela como Bem de Interesse Público e a sua colecção fotográfica revela detalhes arquitectónicos hoje desaparecidos (Figura 21).

4.1- Igreja de Nossa Senhora da Assunção

Provavelmente edificada sobre antiga mesquita, esta igreja paroquial já existia na primeira metade do século XIV (Figura 23). De facto, no inventário de igrejas de 1320-1321, do conjunto de onze templos algarvios constava a Igreja de Santa Maria de Cacela (Marques, 1987: 55). A porta lateral de forma ogival feita em calcário da região integra-se nesta fase. De orientação poente-nascente, é uma construção de alvenaria feita sobre planta de três naves com cinco tramos de arcos de perfil quebrado, assentes sobre capitéis octavados. Tem cunhais revestidos de cantaria aparelhada e cobertura de duas águas em telha de canudo. No século XVI, o templo foi objecto de obras de melhoramento. Integra-se na escola algarvia do mestre André Pilarte.

Figura 22: Testemunho fotográfico do Torreão sul, de cronologia medieval.

Figura 23: Igreja Matriz e torreão fronteiro, encostado ao muro. Fonte: J.C. Padrão, 1967.

Felizmente, a arquitectura religiosa renascentista algarvia foi estudada por José H. Correia. Assim, o portal principal de moldura rectangular clássica era rematado pelos bustos de São Pedro e São Paulo, enquadrados em molduras quadradas. Encontrava-se encimado por quatro pináculos em forma de fogaréus. As pilastras estreitas que ladeiam o portal são preenchidas com capiteis compósitos, alinhando-se elementos decorativos de "apurada execução e expressão erudita" (Correia, 1987: 45-46). Deste período seria ainda o arco triunfal da capela-mor. Em 1554, a igreja tinha a obra praticamente acabada e adro demarcado. Templo de uma só nave, foi ampliada para três naves. O portal principal "he de pedraria lavrado de obra romana bem feito e grande com medalhas e o hábito de Santiago em cima lavrado, em huma pedra e bem feito com duas vieiras" (Cavaco, 1987: 250, 269). A capela de Nossa Senhora dos Mártires apresenta data tardia de 1586.

Em 1617 a porta lateral do templo encontrava-se localizada na fachada oposta à actual, isto é, a fachada sul. A parede sul, pela sua exposição marítima fragilizaria o edifício, que necessitava de cuidados regulares (Cavaco, 1990: 270). Em 1664, foi mandado fazer um poial entre a porta da igreja "que fica para o mar" e o ossário (Cavaco, 1990: 290). O conjunto de ossos

descoberto em 1997, durante a obra de drenagem da muralha sul, junto da cabeceira da igreja, pode corresponder a este ossário. A alteração da localização da porta lateral para a fachada norte deverá ter-se verificado durante a reconstrução após o grande terramoto.

Figura 24: Interior da igreja matriz de Cacela. Fonte: J.C. Padrão, 1967

Destruída parcialmente com o terramoto de 1755, foi reconstruída em 1795. O retábulo da capela-mor em madeira policromada é do século XVIII (Figura 24). Da obra de reconstrução terão sido abertos os janelões e reconstruídas as capelas laterais do lado sul, que tinham sofrido derrube.

O campanário da igreja é referido numa acta da vereação da Câmara de 1662, alertando para a necessidade de consertar a sua parede. O embasamento foi descrito como sendo de pedra e cal e o resto de pedra e barro calafetado com cal e areia (Cavaco, 1990: 246). Esta torre sineira terá sido coroada por cupulim na obra do século XVIII.

A Casa da Misericórdia foi adossada ao alçado norte da igreja. A entrada ladeada por moldura de pedra ostenta lintel gravado com a seguinte inscrição: "O Provedor Manuel Gonçalves Crespo Capitão-Mor desta Vila – 1750". A Misericórdia de Cacela foi fundada em 1675 e extinta em 1823.

4.2- Fortaleza setecentista

A Fortaleza de Cacela é uma estrutura trapezoidal com meios baluartes na frente marítima e torreões alongados na frente terrestre. Os baluartes integram duas guaritas de alvenaria de desenho barroco. No interior, as casas da guarda com cobertura de telha de canudo de duas águas e beirado simples, definem um pátio com poço. O pavimento é de seixos e lajeado. A frente da fortificação foi construída para a defesa a tiro de canhão (Callixto, 1985).

O aspecto actual da fortaleza deve-se à obra de reconstrução diligenciada após o terramoto de 1755 e à recuperação promovida pelos Edifícios e Monumentos Nacionais em 1945. Actualmente o monumento ostenta sobre a porta uma lápide alusiva à conclusão em 1794 das "obras de reedificação" da construção arruinada pelo terramoto de 1755, obra promovida pelo governador do Algarve, Nuno José Fulgêncio de Mendonça e Moura, Conde de Vale de Reis (Figura 25).

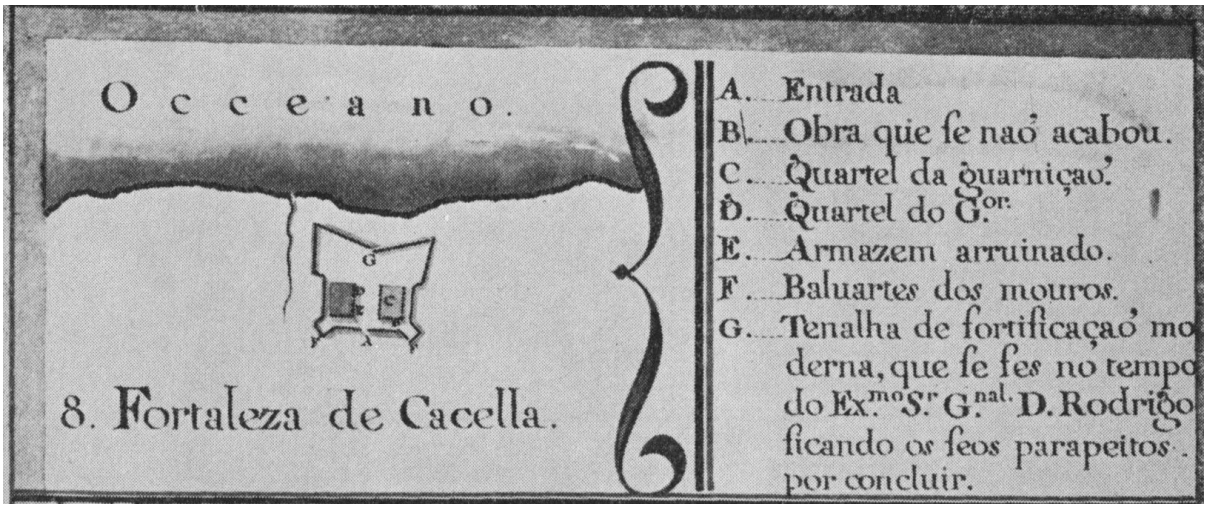


Figura 25: Planta da fortaleza de Cacela desenhada por José de Sande Vasconcelos (ca. 1794). Fonte: Callixto, 1982.

A fortificação que sofreu o terramoto encontra-se representada num desenho de 1621, feito por Alexandre Massaii, engenheiro militar de origem italiana que trabalhava para Filipe III de Espanha (Guedes, 1988). Neste documento, Massaii apresentava um esboço, onde propunha reformular o castelo, adaptando-o às novas tecnologias bélicas (Figura 26). Deste modo, foi possível verificar que a reconstrução realizada foi mais modesta, observando o esboço de Massaii apenas na frente marítima. Assim, o que ressalta na observação do monumento são duas estruturas fortificadas de períodos diferentes que foram habilmente articuladas. Apesar da remodelação para adaptar a construção ao sistema abaluartado, foi mantido o carácter retardatário da frente terrestre (Garcia, Macedo e Lobo, 2006: 182).

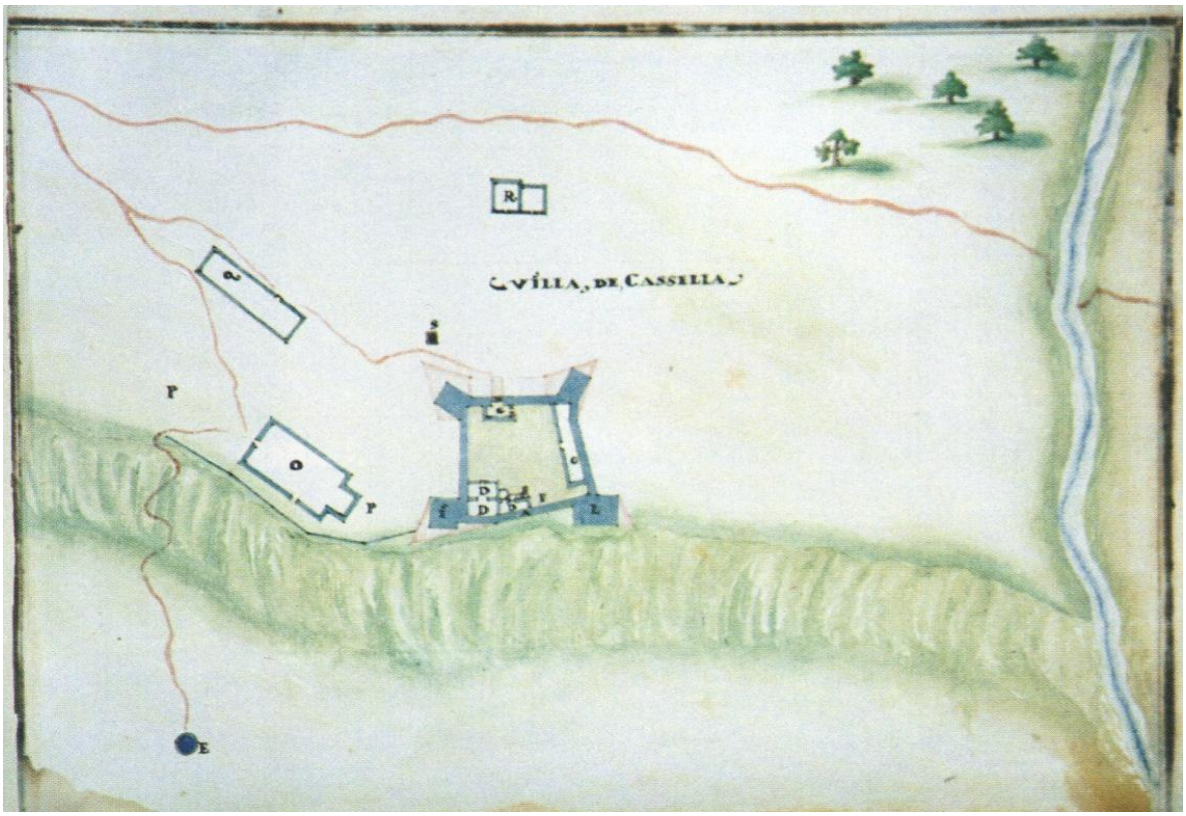


Figura 26: Excerto da planta da Fortaleza de Cacela da autoria de Alexandre Massaii, 1621. Fonte: Museu da Cidade, Lisboa

Nos inícios do séc. XX a fortaleza teve farol para guia dos navegantes, localizado na guarita nascente. O monumento encontra-se sob a responsabilidade da Brigada Fiscal da Guarda Nacional Republicana desde 1897 (Figura 27).

Figura 27: Fortaleza de Cacela. Fonte: J.C. Padrão, 1967

4.3- Casa Paroquial

Integrando a praça da povoação, a Casa Paroquial é uma construção robusta de taipa assente em fundações de alvenaria e suportada por contrafortes (Figura 28). Localiza-se numa pequena plataforma, na zona mais elevada da povoação, entre os 26 e 27 metros acima do nível médio do mar

Figura 29).

Inclui um pequeno pátio (Figura 30). A cobertura de telha de canudo de duas águas, assenta sobre encaniçado e travejamento de madeira. Originalmente, possuía beirado duplo. É um conjunto harmonioso de cronologia provavelmente quinhentista que sofreu obras de remodelação no século XVIII.

Figura 28: Casa Paroquial e Cisterna. Fonte: J.C. Padrão, 1967

Figura 29: Fachada sul da Casa Paroquial. Fonte:J.C. Padrão, 1967

O Cemitério Antigo e a Casa Paroquial encontram-se unidos por uma estrutura forte e compacta em pedra (Figura 31).

Figura 30: No lado direito, muro de logradouro da Casa Paroquial, ladeado por aparelhos de pedra. Fonte: J. C. Padrão, 1967.

Figura 31: Pormenor dos aparelhos de pedra existentes entre o Cemitério Antigo e Casa Paroquial. Fonte: J. C. Padrão, 1967 e C. Garcia, 2002.

4.4- Casas da Câmara

As Casas da Câmara encostavam à muralha norte, no extremo da vila. Eram construções de taipa, com cobertura em telha de canudo sobre encaniçado, travejamento de madeira e beirado duplo (Figura 32).

Estão representadas nos desenhos de Alexandre Massaii. Corresponderiam em 1617 a três casas caiadas com pavimento de sobrado. Funcionaram como Casa da Audiência e outra tinha serviço de cadeia. O acesso era feito através de uma escada, que foi vedada em 1663 por uma "porta de bastidor" com chave mourisca (Cavaco, 1990: 62, 194, 270).

Em 1998 ainda se podiam observar as entradas com moldura em pedra talhada de cunhais chanfrados e verga de traço renascentista.

Figura 32: Casa da Câmara do século XVI. Fotografia em 1998 e fotografia de J.C. Padrão em 1967.

4.5- Praça do Pelourinho e Cisterna

A praça teve em tempos pelourinho, que era caiado (Cavaco, 1990: 194), existindo ali actualmente uma cisterna (Figura 33). O pelourinho foi consertado em 1662 e adicionados dois argolins (Cavaco, 1990: 246). O pelourinho está representado na planta de Alexandre Massaii, de 1621 e na «Carta topográfica dos baldios e terras incultas...», desenhada por José de Sande Vasconcelos em 1775. Por isso, a cisterna será uma obra da segunda metade do século XVIII.

A obra realizada nos anos de 1980 de colocação de calçada e pavimentação da povoação dividiu a praça em dois espaços distintos. A praça enquanto lugar público rodeado dos edifícios e onde desembocam as ruas perdeu o seu papel. Metade foi transformada em via e a outra metade foi deslocalizada para a frente da fortaleza.

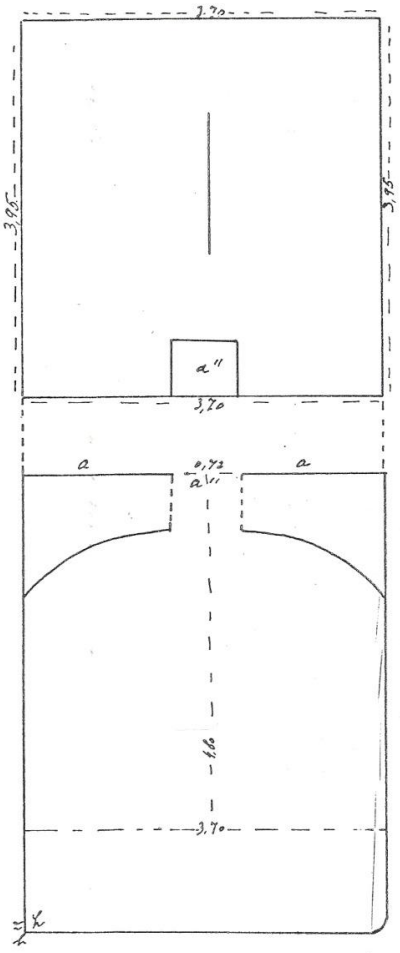


Figura 33: Planta e alçado da cisterna, desenhada em 1877 por Estácio da Veiga.
Fonte: Santos, 1971: 311.

4.6-Arqueologia no Largo da Fortaleza

4.6.1 Sequências estratigráficas e estruturas

A análise e estudo deste sector abrangeram as Sondagens 2, 4, 5, 6 e 7, realizadas nas campanhas de 2004 e 2007 (Figura 34). Os trabalhos iniciaram-se pelo levantamento da calçada e níveis de assentamento da mesma. Esta obra de calcetamento foi realizada em 1980 (ue01 e 02). Seguidamente foram removidas as camadas modernas de aterro e deposições várias com matéria orgânica (ue03, 04, 08, 09, 11). O nosso informador local, Sr. João Mangas, habitante e amigo de Cacela tinha de memória que as obras de execução/reparação da cisterna da fortaleza, envolveram a movimentação de muitas terras que foram depositadas e espalhadas pelo Largo da Fortaleza. Neste espaço existiam alguns obstáculos à execução de espaços abertos de escavação, as palmeiras e canalizações várias de fornecimento de água à fortaleza (ue16, 17).

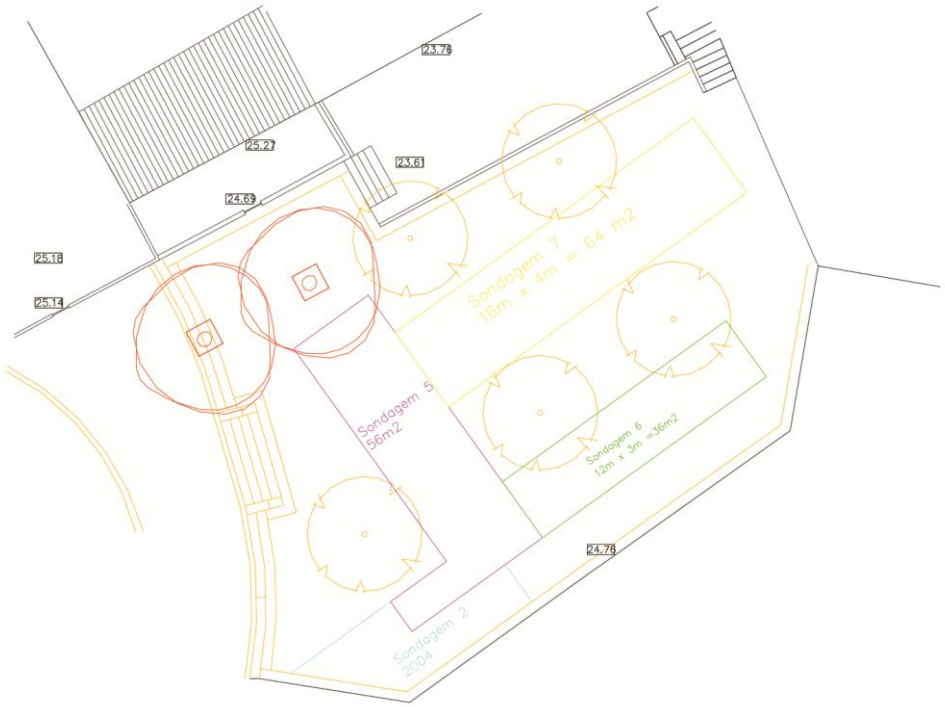


Figura 34: Sondagens arqueológicas realizadas no Largo da Fortaleza de Cacela nos anos de 2004 e 2007

Os trabalhos arqueológicos permitiram identificar os seguintes níveis de ocupação:

1º) Construções pré-islâmicas, hipoteticamente da Antiguidade Tardia.

2º) Construções islâmicas indeterminadas, hipoteticamente do final séc.IX-X.

3º) Ocupação e abandono na época almóada. Segunda metade do século XII-primeira metade do século XIII.

4º) Obras de reforço da fortificação. Construção da ermida de Nossa Senhora dos Mártires e igreja matriz de uma nave. Segunda metade do século XIII-XIV.

5º) Obras de reconstrução da Igreja e Fortaleza. Primeira metade do século XVI.

6º) Construção de algum casario no século XVI-XVII.

7º) Nível de destruição causado pelo terramoto do século XVIII.

8º) Reconstrução da fortaleza na segunda metade do século XVIII.

9º) Nível de lixeiras e abandono dos séculos XIX-XX.

10º) Repavimentação dos espaços públicos em 1980.

A implantação das estruturas antigas e islâmicas ocorreu nas ue23, 33 e 38. Eram terras argilosas amarelada com veios esverdeados, com raízes e escassos blocos pétreos, carvões, caliço e fragmentos cerâmicos. Estas camadas assentavam na rocha-mãe do período Miocénico, designada por ue34.

Verificou-se que a fase de construção almóada alterou substancialmente a organização espacial anterior. Este período de ocupação deixou amplos resíduos da vida quotidiana, maioritariamente cerâmicos, em todos os níveis escavados. Por isso, não foi possível registar níveis estratigráficos de períodos anteriores, mas coincidências entre estruturas e materiais romanos. Não foi atribuída cronologia para a ocupação mais antiga.

O estrato mais antigo compunha-se de um muro e duas fossas de pequena dimensão (Figura 36). O muro E4, de orientação norte-sul tem um comprimento de 7,88 m e larguras de 60 cm (extremo norte) e 50 cm (extremo sul). É uma estrutura de alvenaria com elementos pétreos alinhados de tamanhos entre 15 e 40 cm e ligante forte de argamassa de cal branca e areia (Figura 37). A tabela de interpretação histórica das unidades estratigráficas apresenta-se a seguir:

Nível	*Interpretação Histórica*	*Unidades estratigráficas associadas*	*Estruturas associadas*	*Hipóteses*
0	Nível geológico miocénico	34		
00	Camadas pré-geológicas de implantação de estruturas	23, 33, 38		ue5, ue6
1	Nível de ocupação pré-islâmico	42, 44, 55, 57	E4, E7 Silo 1 (ue30, 32) Silo 2 (camada superior ue39)	
2A	Nível de ocupação islâmica ind.	2_18 2_21	E6, E11, E17 Silo 3 (ue31, 41 e 43) Silo 4 (camada superior ue29) Silo 7 (ue48, 49, 52, 58, 62, 63, 64)	E3, E9 Silo 5 (camada superior ue36) Silo 6
2B	Nível de ocupação – segunda metade do século XII e século XIII	24, 27, 28, 47, 51, 56, 67	E1	E8
3A	Nível de aterro e nivelamento – segunda metade do século XIII		Conteúdo dos silos	
3B	Nível de construção – segunda metade do século XIII-XIV	2_26	E13	
4A	Nível de aterro e nivelamento de época moderna – século XVI	14, 22, 37, 40, 46, 53, 54		ue19
4B	Construção de época moderna – século XVI	20, 35	E2, E10, E19, E21	E18
5	Sismo século XVIII			ue8, 18, 21, 45
6	Nível de construção - segunda metade século XVIII	10, 12, 13, 15, 26, 50	Fortaleza	
7	Aterros e nivelamento - século XIX/XX	6, 7, 8, 11, 59, 60, 61, 65, 66		ue9 (escavação de Estácio da Veiga), ue12
8A	Ligação rede pública de água - século XX	3, 4, 16, 17		
8B	Assentamento de calçada no século XX	1, 2		

Figura 35: Estratigrafia Histórica do Largo da Fortaleza, Cacela-a-Velha.

A face nascente do E4 tinha aplicação de dois rebocos de 3cm cada no extremo sul do muro, junto da parede com cal branca e areia e aplicação seguinte de cal preta e areão. Este último revestimento rematava o canto de junção entre o E1 (muro de construção almóada) e o E4 (Figura 38). No extremo norte, apresentava três camadas de reboco de 20, 15 e 20 mm. Foi ainda registado um testemunho de acrescento de alvenaria na face poente do E4, identificado como E8 (época almóada?). Neste sector foi identificado o E5, um pequeno troço de parede com elementos pétreos alinhados de diâmetro médio de 30/40 cm, com ligante forte de cal branca e areia, que assentava na ue23. Aparentemente, este muro terá cortado o muro E4. Por isso, o consideramos de cronologia semelhante ao muro E1, ao qual está paralelo.

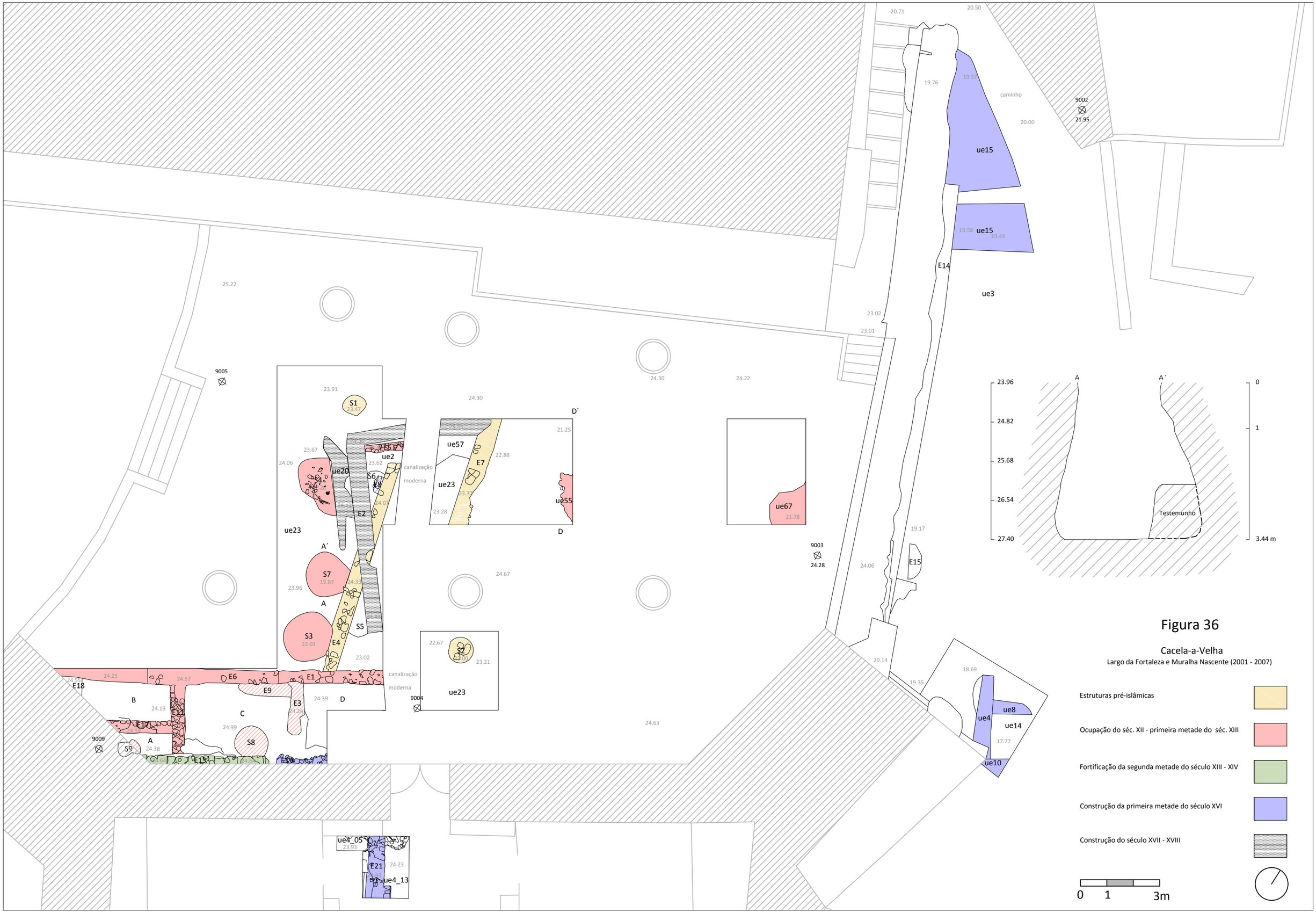

20.71
20.50
19.76
19.57
caminho
20.00
9002
21.95
ue15
19.58
ue15
19.44
E14
ue3
25.22
23.02
23.01
9005
23.91
24.30
24.22
S1
23.47
D´
21.25
ue57
22.88
E7
ue23
23.37
ue55
23.28
D
23.67
24.06
ue20
ue2
23.62
canalização
moderna
S6
24.07
E2
ue23
A´
S7
19.87
24.31
23.96
A
S3
22.01
E4
S5
23.02
22.67
S2
23.21
canalização
moderna
9004
ue23
24.67
24.25
24.57
E6
E1
E18
E9
B
24.19
E3
24.26
24.39
D
E11
C
E17
24.99
9009
S9
A
24.38
S8
E19
24.63
ue67
21.78
9003
24.28
19.17
24.06
E15
20.14
19.35
18.69
ue4
ue8
ue14
17.77
ue10
ue4_05
23.93
E21
24.23
ue4_13
23.96
24.82
25.68
26.54
27.40
A
A´
0
1
3.44 m
Testemunho
Figura 36
Cacela-a-Velha
Largo da Fortaleza e Muralha Nascente (2001 - 2007)
Estruturas pré-islâmicas
Ocupação do séc. XII - primeira metade do séc. XIII
Fortificação da segunda metade do século XIII - XIV
Construção da primeira metade do século XVI
Construção do século XVII - XVIII
0
1
3m

Figura 37: Muro E4 no sector sul, a ser alvo de limpeza, encosta a E1 e assenta no sustrato rochoso. A norte, E4 foi cortado pelo E5. Largo da Fortaleza, 2007.

As ue24, 27 e 28 correspondiam a níveis de abandono almóada associados ao muro E4 e continham restos de estuque vermelho vivo e ocre.

Figura 38: Muro E4 encosta a E1 e silo 3. Largo da Fortaleza, 2007.

A ue24 era um nível de derrube com manchas de cinzas, cerâmica queimada com conchas, pregos, pedras e telhas e forte mistura de material cerâmico islâmico e romano. A ue27 era uma camada que envolvia o extremo norte cortado do muro E4 e assentava na ue23. Era uma camada de sedimentos de cor castanha, de fácies limoso, com carvões, cerâmicas de cronologia aparentemente almóada, elementos grosseiros e caliço.

Paralelo ao E4, o muro E7 continha calcários com diâmetros entre 20 e 40cm, alinhados (Figura 39). Aparentava ter sido reparado em situações diferentes. A face poente deste muro, que pode corresponder ao interior de um compartimento, tinha quatro revestimentos:

1) Reboco de cal branca e areia com 20 mm;
2) Reboco de cal branca e areia com 20 mm;
3) Reboco de cal preta e areão com 30 mm;
4) Camada fina de estuque pintado de cores vermelho vivo e ocre (Figura 40) caída sobre níveis de abandono e derrube, as ue42 e 44[27].

[27] A análise de uma amostra dos fragmentos de estuque pintado da ue44 revelou que os seus principais constituintes eram quartzo e calcite (Freire et al, 2008).

Figura 39: Muro E7 delimitava o limite nascente da plataforma superior.
Largo da Fortaleza, 2007.

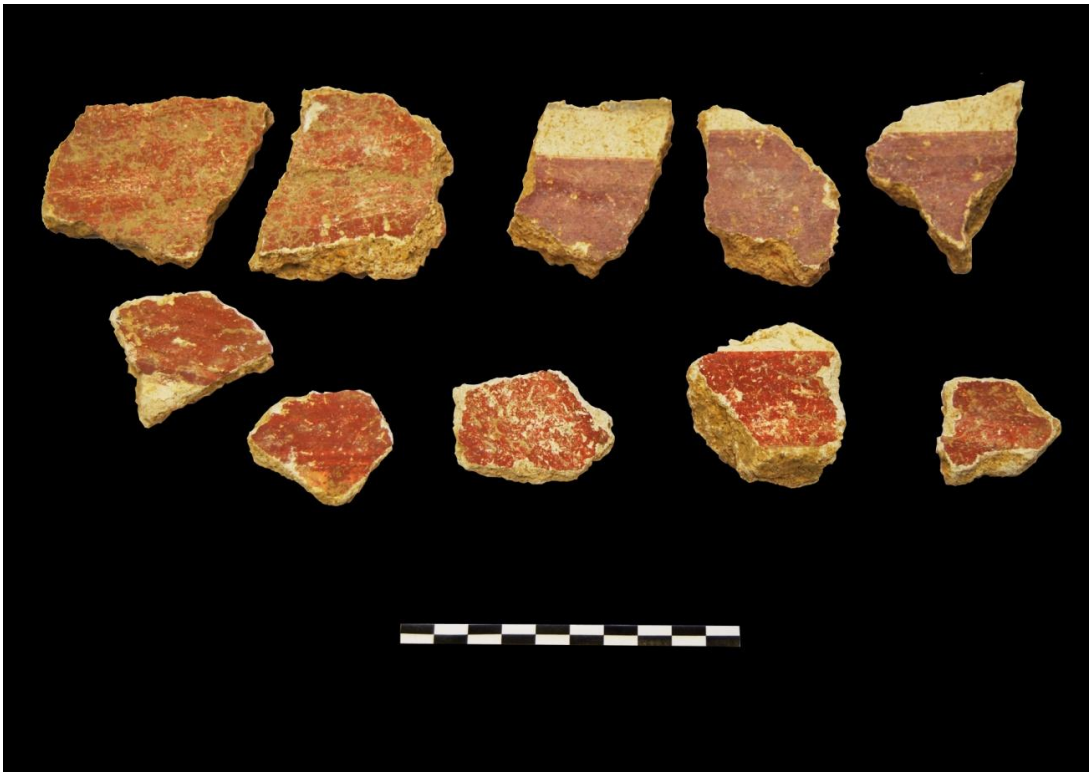


Figura 40: Fragmentos de estuque pintado caído da parede E7. Largo da Fortaleza

.

O nível de abandono a poente do muro E7, identificado como ue42 era uma terra castanha clara siltosa com carvão, caliço, muitos elementos malacológicos e pétreos. Nesta ue42 foram recolhidos quatro fragmentos de cerâmica romana de tipo *terra sigillata*. A ue42 envolvia um conjunto de derrubes, a ue44. Nos derrubes foram recolhidas duas *tesselae* e dois fragmentos de cerâmica de tipo *terra sigillata*[28]. No canto norte desta secção a ue42 assentava sobre pavimento compacto de cal branca, areia, cerâmicas e conchas moídas, a ue57. Estes derrubes selavam um pequeno depósito de forma circular, composto por terras castanho claras com caliço e materiais cerâmicos de época almóada, que foi identificado como ue51. A ue51 depositava-se sobre a ue23, que apresentava uma depressão circular de pequena espessura. Sobre o muro E7 estava depositada a ue47, fina camada de terra castanha siltosa com alguns materiais. A nascente deste muro estendia-se o talude nascente do pequeno maciço onde assentava a povoação antiga (Figura 41).

Figura 41: Talude após a escavação com ue55 ao fundo, 2007. Largo da Fortaleza, 2007.

[28] Materiais romanos, como *tesselae*, cerâmicas, restos de argamassas, fustes de coluna surgiram em todas as campanhas arqueológicas realizadas, misturados em níveis medievais e modernos. Os achados romanos encontrados em contexto arqueológico localizam-se a poente da povoação de Cacela-a-Velha, na quinta do Muro (Garcia, 2008: 130-132).

Na parte superior do talude, o maciço rochoso, ue34 estava coberto por uma camada de barro amarelo com pequenos fragmentos cerâmicos e caliça, a ue56. Esta terra cobria uma canalização, ue55, implantada na ue23 (Figura 42). Este fragmento de conduta de águas pluviais de três aberturas circulares com diâmetros entre 9 e 17 cm, era feito de argamassa de cal branca e areia e tinha a espessura máxima de 60 mm. No fundo do talude, atingiu-se a cota 21.78 e um nível de abandono e lixeira almóada, a ue67, que não foi escavado[29](Figura 43). Foi recolhida uma amostra cerâmica de 17 fragmentos com asas de cântaros de pastas claras, cântaros de pastas alaranjadas pintados, caçoilas vidradas de aplicações plásticas verticais, panelas com marcas de fogo, jarrinhas e um vaso decorado em corda seca total.

Figura 42: Estrutura de condução de águas pluviais, ue55, 2005. Largo da Fortaleza, 2007.

[29] Atingir aquela cota junto do limite nascente actual da plataforma, só foi possível com a decisão da autarquia, em disponibilizar o serviço de uma "bobcat", pequena escavadora de longo braço, que abriu uma sondagem vertical ao longo da muralha de taipa.

Figura 43: Início da escavação do talude na zona norte do Largo da Fortaleza, 2007.

Voltando ao sector sul, foram identificados encostados à fortaleza um conjunto de quatro compartimentos que aparentavam ter dois momentos de construção (Figura 36 e Figura 44). A parte mais antiga compõe-se de três compartimentos, A, B e C, delimitados pelos muros E6, E11 (encostava a E6) e E17 (encostava a E11). Os compartimentos A e B estavam pavimentados por camadas compactas de cal e areia, as ue2_18 e ue2_21. Na limpeza de cortes, observou-se o vestígio de derrube de telhas nestes compartimentos. O pavimento do compartimento A assentava sobre o nível geológico.

Figura 44: Sector sul do Largo da Fortaleza, encostado à fortaleza setecentista.
Largo da Fortaleza, 2004.

E11 era um muro de blocos calcários unidos com argamassa de cal e areia em que a cal se apresentava com forte concentração, conferindo resistência à construção. Apresentava alinhamento norte/sul perpendicular à E10 e E19 e uma largura média de 50 cm. Na sua face este, apresentava duas camadas de reboco de cal, com espessura aproximada de 2 cm bastante degradados. O segundo reboco ligava os muros E1 e E11. Foi possível observar vestígio de pintura de cor azul-cobalto sobre o reboco inicial (Figura 45). O muro E17 tinha 40 cm de largura e prolongava-se sob o torreão poente da fortaleza.

Figura 45: Camadas de reboco na face nascente do muro E11
e vestígios de pintura azul. Largo da Fortaleza, 2004.

Os muros E3 e E9 podem ter integrado este conjunto, delimitando possivelmente o compartimento C (Figura 46). O muro E3 era constituído por blocos envolvidos no topo por uma argamassa forte de cal, interrompido abruptamente na sua secção Sul. Esta estrutura assentava sobre o nível geológico. Neste compartimento foi identificado um pavimento argamassado de cal, areia e tijolo moído, a ue2_10. Os muros E3 e E9 terão sido posteriormente substituídos pelo muro almóada E1 e pavimentos ue5 e 25.

Figura 46: Muros E1, E3 e E9 cortados e cobertos por uma camada de argamassa. Largo da Fortaleza, 2007.

Posteriormente o muro E1, com orientação este-oeste, constituiu o prolongamento do E6, que foi engrossado com reboco de cal branca. O muro E6 tinha aparelho de blocos irregulares e era ligeiramente mais estreito que o E1. O E1 caracterizava-se por um aparelho de lajes de forma rectangular bem aparelhado (dimensões médias 40/44 x 8/10 cm), consolidado com argamassa resistente de cal branca. Tinha um embasamento feito de argamassa de cal, sobre o qual se executou a alvenaria. Os rebocos do E1 tinham cerca de 40 mm de espessura. O

reboco exterior (norte) foi reforçado por um reboco mais grosseiro com cerca de 45mm. O muro E6 apresentava no lado interior vestígios de quatro revestimentos:

1) Reboco de cal preta e areia com 25/30 mm;
2) Reboco de cal branca e areia com 25/30 mm;
3) Argamassa de cal branca, areia, cerâmica moída com 40 mm, que incluía o remate do rodapé;
4) Reboco fino de cal de acabamento do rodapé;

O muro E1 estava associado a pavimentos de argamassa de cal (ue05, 25), interrompidos pela muralha norte da fortaleza setecentista. Os pavimentos eram compactos e compostos por terras argamassada com cal. Nos cortes da quadrícula observava-se o testemunho de derrubes do compartimento D, composto por telhas e blocos calcários.

No sector central da escavação, uma nova estrutura sobrepunha-se ao muro E4. A estrutura E2 era composta por restos de um edifício de alvenaria com canto reforçado por grandes pedras aparelhadas (Figura 47). Esta construção pode ter correspondido a construção concelhia dos séculos XV ou XVI. Seria envolvida por pavimento de seixos rolados com diâmetro médio de 10 cm, ue20. Os seixos foram colocados verticalmente e ligados com argamassa de cal branca e areia. O pavimento interior da construção E2 foi revestido por camadas de argamassa de cal com cerca de 6mm de espessura, ue35. Foram identificados 4 a 6 níveis deste pavimento interior. As E2, ue20 e 35 assentavam nas ue14, 22, 37 e 46, camadas de abandono, que incluíam entre outros materiais, faianças de época moderna.

É possível que o terramoto de 1755 tenha deixado marcas estratigráficas neste lugar, como o cavalgamento do pavimento de seixos (ue20) sobre o muro E2 e os níveis de derrube e de abandono no sector, as ue18, 19, 21, 45 (Figura 36). A ue18 era composta por blocos de calcário de formas angulosas e com diâmetros entre 10 e 15 cm. A ue19 era uma camada de terra castanha clara, limosa, com quantidades de caliça e fragmentos cerâmicos, elementos grosseiros (diâmetro 10 cm) e forte densidade de cerâmicas com abundantes marcas de uso, alguma faiança, malacologia e fauna de médio e grande porte. A ue21 tinha sedimentos de cor castanha arenosa, pouco compacta com alguns elementos pétreos, cerâmica de construção e pequenos fragmentos de cerâmica. A ue45 era um depósito de elementos grosseiros (diâmetro entre 10 e 15 cm), tijolos, telhas e argamassa de cal, envolvidos por sedimentos de cor castanha escura siltosa. Estas camadas apresentavam poucos fragmentos de cerâmica doméstica.

Figura 47: Nível de época moderna, composto por muro E2 e pavimento ue20. Largo da Fortaleza, 2007.

Da fase de obra de construção da fortaleza setecentista, foram identificados pequenos depósitos de lixeira, as ue13, 15 e 26 e de abandono, a ue50.

O nível de ocupação da fortaleza abaluartada, construída em data posterior ao terramoto de 1755 (a lápide sobre a porta indica o *terminus* da obra em 1794), foi identificado arqueologicamente em pavimentos de argamassa que foram sendo sobrepostos junto à entrada da fortificação moderna. Assim, a ue06 terá sido o último pavimento a ser aplicado no local, prolongando-se pelo largo através da ue07. Sob a ue06, poderá estar o pavimento original que envolvia a fortificação. É composto por uma espessa camada de argamassa de cal que nivelou o terreno, a ue10. Esta ue10 encontrava-se depositada sobre o muro islâmico E1. A estes nivelamentos de argamassa de cal junto da entrada da fortaleza, que variavam entre 2 e 8 cm espessura, juntavam-se outros nivelamentos de terras, como a ue12.

Regressando ao talude localizado a nascente do muro E7, verificou-se que estava coberto por uma camada de barro amarelo com pequenos fragmentos cerâmicos e caliça que cobria ainda a

canalização da ue55, a ue56. O resto do talude foi aterrado na época moderna em camadas sucessivas, permitindo ampliar o recinto superior. Foram registadas as ue40, 53, 54, 59, 60, 61, 65, 66 camadas de terras siltosas amarelas com algum caliço e cerâmicas (Figura 48).

Figura 48: Corte DD' com a seguinte estratigrafia (de cima para baixo): superficial ue03, aterros ue40 e 45, abandono ue56 e canalização ue55. Largo da Fortaleza, 2007.

A limpeza do perfil revelou sob a muralha setecentista uma estrutura pétrea, E13, constituída por blocos calcários de média dimensão (entre 30 e 40 cm), talhados, cobertos e ligados por argamassa de cal e areia muito compacta, sendo visíveis restos de caliço (Figura 49). Assentava sobre o muro E11 e sobre um nível argamassado de cal, areia e alguns componentes orgânicos e elementos cerâmicos de pequenas dimensões, com uma espessura média de 4 cm, ue2_26, que acompanhava a E13 em todo o seu comprimento, podendo ser um nível de preparação para o assentamento desta.

Figura 49: Muro E13 sob muralha da fortaleza do século XVIII. Largo da Fortaleza, 2004.

A poente da E13, situava-se uma nova estrutura, a E19, sob a fortaleza do século XVIII (Figura 50). Este muro de blocos de diferentes proveniências, tais como calcários e arenitos de Silves, de talhe regular preenchidos com argamassa de cal e areia, apresentava uma tipologia construtiva diferente da E13. Esta estrutura assentava directamente no nível arenítico miocénico.

Figura 50: Muro E19 sob alçado norte da fortaleza setecentista. Largo da Fortaleza, 2004.

No torreão poente da fortificação, surgiu estrutura em ângulo recto de alvenaria de pedra utilizando argamassa de cal como ligante, não apresentando reboco exterior, a E18 (Figura 51). Uma picagem simples no torreão permitiu verificar que envolvia a E18. Nesta zona, o muro E6 foi cortado para ser implantada a estrutura E18, que assentava no solo geológico.

A Sondagem 4 foi implantada no interior da fortificação do século XVIII e teve como objectivo identificar a entrada principal referenciada no desenho de Alexandre Massaii de 1621. Assim, junto da face sul da muralha NO, foi aberta uma vala com 60 cm por 200 cm localizada entre o pequeno canteiro, ue4_10, localizado entre a muralha e a soleira da actual porta da caserna oeste (Figura 36).

Figura 51: Estrutura de argamassa compacta E18. Largo da Fortaleza, 2004.

Neste sector foi identificado um resto de pavimento em argamassa de cal compacta, a ue4_05. Este pavimento encostava a uma estrutura E21, que correspondia a um muro de alvenaria argamassado constituído por blocos calcários que apresentavam como ligante uma argamassa de cal e areia forte e seguia um alinhamento norte-sul (Figura 52).

Apresentava uma largura média de 55 cm e uma altura de 40 cm, não sendo possível identificar os limites na base. Este muro tinha forma de L. Ao lado foi registado um aparelho de alvenaria de calhaus e blocos calcários com uma argamassa muito fraca, em que a terra era o elemento predominante, ue4_12. No espaço entre esta estrutura e o alçado este da E21, foi identificada uma camada de terras de fácies limoso de tonalidade parda com alguns elementos cerâmicos domésticos e de construção e pequenos nódulos de argamassa de cal na sua composição, a ue4_13. Desta unidade foram removidos cerca de 15/20 cm, não tendo sido finalizada a escavação desta sondagem dados os prazos e as condicionantes de circulação no interior da Fortaleza.

Figura 52: Muro E21 e pavimento ue4_05 no interior da Fortaleza, 2004.

4.6.2 Estruturas subterrâneas: os silos

Os silos de Cacela localizavam-se no interior da alcáçova, junto do poder local, guardiões destas importantes reservas alimentares.

Foram escavados no substrato rochoso constituído por solos silto-argilosos coesivos muito duros de côr amarelo-esverdeada (Nunes, Beiró e Correia, 1999: 5).

Foram identificados nove silos (Figura 36). Os silos 1 e 2 têm dimensões semelhantes e pelas características técnicas aparentam ser contemporâneos e os mais antigos do conjunto. Os silos 5, 6, 8 e 9 não foram escavados e o silo 4 apenas parcialmente escavado. Os silos 3 e 7 foram integralmente escavados. Os silos 3, 4, 5, 6 e 7 aparentavam ser contemporâneos.

O silo 1 (S1), de forma cilíndrica, tinha diâmetro de 87 cm, profundidade de 40 cm e estava forrado com barro seco (Figura 53). A camada superior do silo 1, ue30, era uma terra castanha clara siltosa com abundantes materiais cerâmicos, faunísticos e malacológicos. A camada de fundo, a ue32 era uma terra castanha escura siltosa com alguns materiais, semelhante à ue29 do silo 4.

Figura 53: Silo 1 antes e após a escavação. Largo da Fortaleza, 2007.

O silo 2 (S2), de forma cilíndrica, estava escavado na ue23 (Figura 54). Tinha o diâmetro de 93 cm, 61 cm de profundidade e estava forrado com barro. A camada de preenchimento, ue39 era uma terra argilosa castanha clara com predominância de telhas e continha três grandes lajes de xisto. Junto ao silo 2 localizava-se uma mancha fina de cal, a ue38. As camadas de revestimento dos silos 1 e 2 tinham espessuras entre 5 e 15 mm.

Figura 54: Silo 2 e camada fina de cal (ue38).
Largo da Fortaleza, 2007.

O silo 3 (S3) tinha forma tronco-cónica e revestimento em barro (Figura 55). A boca do silo tinha 80 cm de diâmetro, alargando para 200 cm de diâmetro e 195 cm de profundidade. O seu enchimento superior, a ue31, era uma terra castanha siltosa misturada com despejos de lareira, cerâmica calcinada, restos alimentares e uma moeda portuguesa medieval. A camada de enchimento intermédia, a ue41 era uma terra castanha clara argilosa com presença de

elementos pétreos e poucos fragmentos cerâmicos. O enchimento do fundo do silo foi feito com uma terra argilosa semelhante à ue23, revelando poucos materiais, a ue43.

Na camada 41 foi encontrada um fragmento de revestimento de base de coluna ou rodapé em calcário talhado em baixo-relevo (Figura 56). A simplicidade da representação das folhas de acanto de frente e de perfil domina a sua temática decorativa. Esta peça delicada é análoga aos capitéis clássicos[30] inspirados na arte romana e visigótica datada da segunda metade do século IX, encontrados em Sevilha, Córdova e Granada. O artista, possivelmente de origem local ou regional deveria conhecer o trabalho das oficinas sevilhanas. Ou ter-se-ía inspirado numa visita à mesquita de Córdova, ampliada no tempo de *al-Hakam II*, onde foram preservados elementos arquitectónicos anteriores (Bernus-Taylor, 2000: 95- 96; Bermúdez, 2004: 260-261, 279).

Figura 55: Silos 3 e 7 encontrados no Largo da Fortaleza, 2007

[30] Foram encontrados na região alguns fragmentos marmóreos comparáveis, presentemente depositados no museu local do Cerro da Vila e no Museu Municipal de Faro.

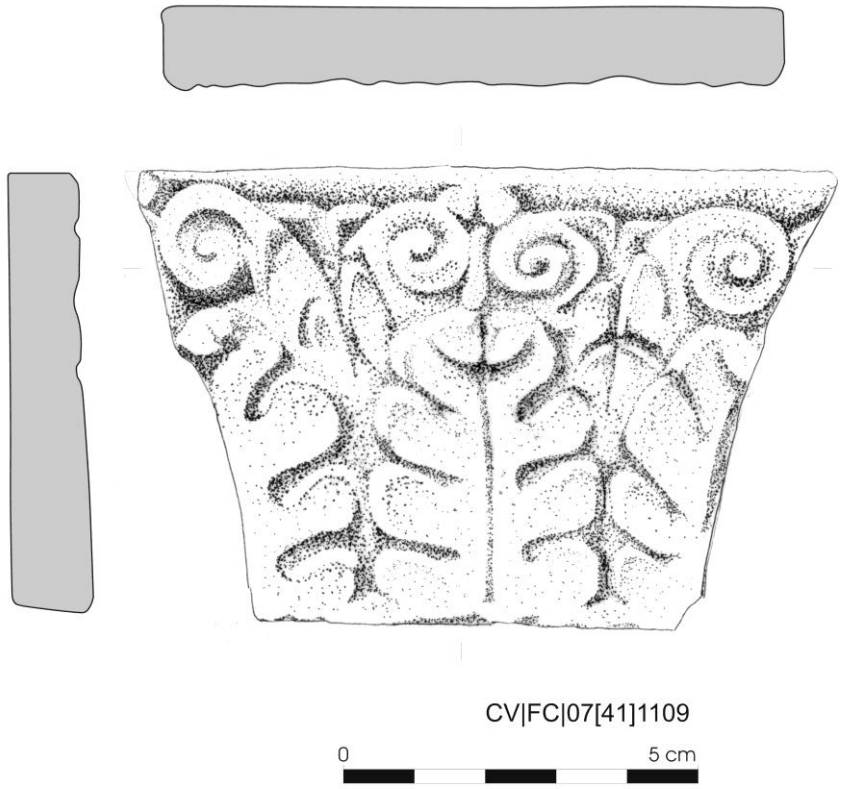


Figura 56: Fragmento calcário decorado em baixo-relevo. Alt. 65mm (CC/TB).

A boca do silo 4 (S4) aparentemente foi fechada com barro vermelho e tijolos com espessura de 15/20 cm. Ficou apenas uma pequena abertura oval com cerca de 70cm de diâmetro, que depois alargava para 165 cm (

Figura 57). A camada superior, ue29, compunha-se de terras castanhas arenosas com muitos materiais cerâmicos, faunísticos e malacológicos. Neste nível, localizou-se uma tíbia humana. Foram retiradas cerca de 145 cm de terra, mas a escavação não foi terminada.

Figura 57: Diferentes momentos de escavação do silo 4. Largo da Fortaleza, 2007.

O silo 5 (S5) situava-se entre os muros E2 e E4, não sendo possível ser escavado. Teria um diâmetro de 170 cm. O enchimento superior, ue36 era semelhante ao enchimento ue29 do silo 4. Este silo foi escavado na rocha-mãe.

O silo 6 (S6) situava-se igualmente entre os muros E2 e E4 e não foi escavado. A ue13 cobria a abertura do silo.

O silo 7 (S7) tinha forma cilíndrica, diâmetro superior de 185 cm e diâmetro máximo apurado de 277 cm. Tinha 345 cm de profundidade. Tinha um preenchimento superior de terra castanha siltosa com materiais pétreos, a ue48 selado por uma camada de cal com cerca de 5 cm de espessura, a ue49. Removidas estas unidades estratigráficas, surgiu nova camada de preenchimento, a ue52. Compunha-se de terras castanho arenosas de tom claro misturadas com forte quantidade de telhas muito fragmentadas, pedras e caliço, carvões, cerâmicas e restos alimentares. Foi registado um peso de tear em cerâmica. Sob esta unidade, a ue58 distinguia-se pela forte quantidade de carvões e malacologia diversa e muitos materiais de construção.

Seguia-se a ue62, uma terra castanho escura arenosa com poucos materiais e finalmente a ue63, terra siltosa de côr cinzenta, com muitos carvões e elementos malacológicos. Foram recolhidos várias peças metálicas, plaquetas de osso e um exemplar de alcatruz. A última camada que preenchia o silo, a ue64, tinha terra castanha com material cerâmico almóada. Esta camada assentava directamente no substrato rochoso, a ue34. Dada a sua profundidade e apresentar perigo impedindo a permanência de um técnico no interior, a autarquia procedeu ao escoramento do silo 7 com cintura de tábuas e cabos de aço com o objectivo de permitir a escavação arqueológico até ao fundo da estrutura (Figura 58).

Figura 58: Escavação do silo 7, após ter sido protegido com tábuas de pinho[31]. Largo da Fortaleza, 2007

O silo 8 (S8) encontrava-se no interior do compartimento C, parcialmente sob a muralha E13 e não foi escavado. Com abertura de forma circular, estava coberto por uma mancha composta por blocos de calcário, cerâmica de construção (telhas de canudo, tijolos), cerâmica doméstica muito queimada, malacologia, fauna e materiais romanos, nomeadamente *tegullae*. Foram ainda identificados alguns fragmentos de vidrados melados e também alguns vidros. Envolvidos nesta camada encontramos raízes e fragmentos de caliço. Verificamos que esta abertura corresponde à localização de um silo encontrado e desenhado por Estácio da Veiga na planta nº 43 datada de 1877, publicada por Luísa Santos (Santos, 1971: 305-307; Figura 59).

[31] Trabalho exemplar conduzido pelo Engº Pedro Vidigal da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

O silo foi encontrado junto do troço noroeste e apresentava a forma tronco-cónica, com dimensões de 1,45m de profundidade, 1,70m de diâmetro do fundo e 1,10m de diâmetro de boca. A dimensão apresentada por Estácio da Veiga difere da dimensão do silo agora encontrado. O silo foi escavado naquela data mas não temos notícias quanto aos materiais encontrados.

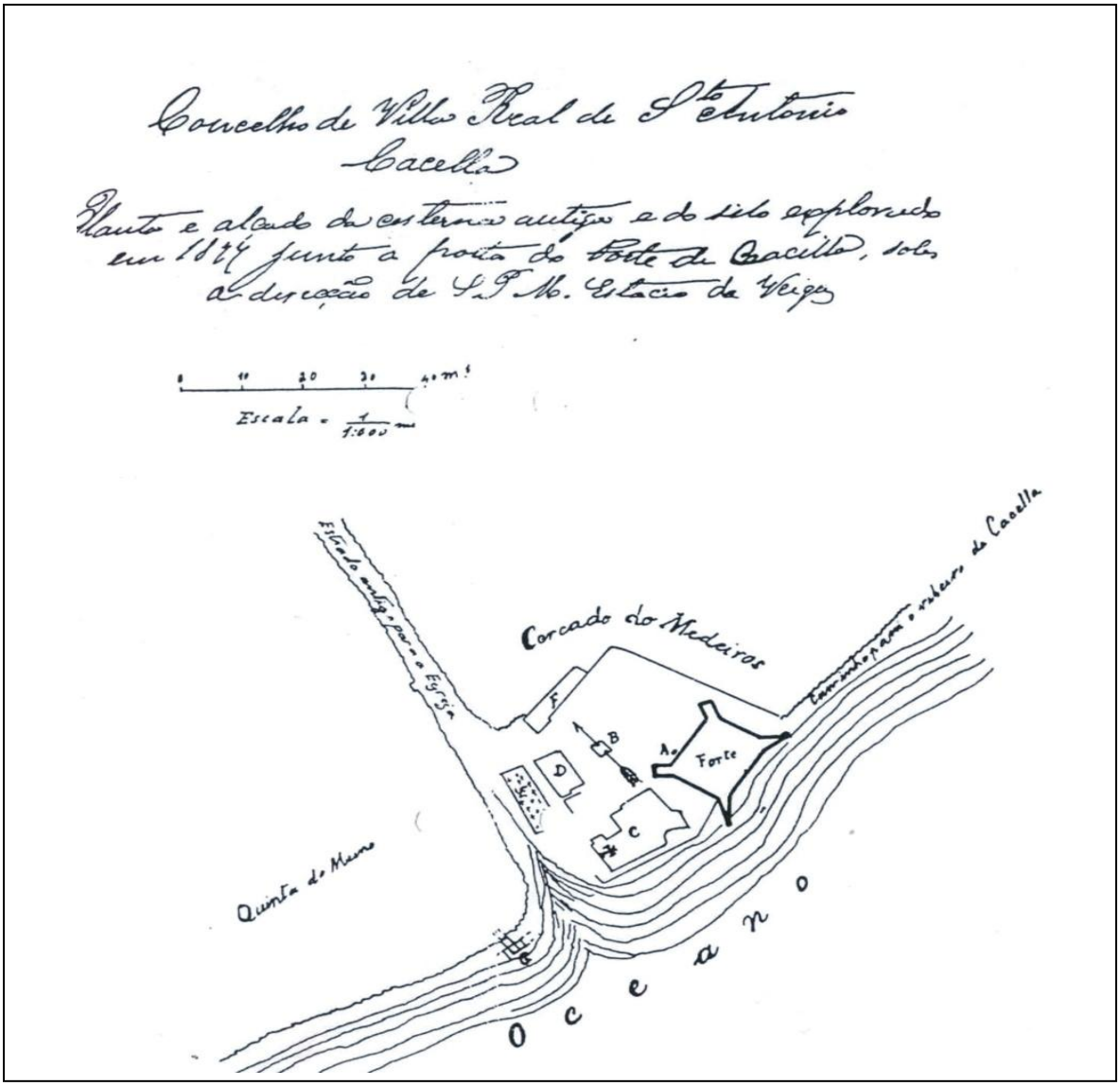


Figura 59: O silo 9 estava sob a muralha noroeste da fortaleza e aparentava ter sido remexido. Planta de localização do silo escavado por Estácio da Veiga em 1877. Fonte: Santos, 1971: 311.

De acordo com o Livro da Agricultura de *Ibn al-Awwam* (Banqueri, 1802: 678-679), os grãos de cereais (trigo, cevada) deviam ser fechados em locais onde pudessem estar resguardados dos ventos, protegidos de roedores, insectos e da humidade, como silos ou celeiros. O fundo,

paredes e boca do silo deviam ser tapados com palha de trigo, a fim de evitar o contacto dos grãos com a parede (Meouak, 2001: 444).

Os silos de Cacela tinham boca estreita, alargando para o corpo de forma cilíndrica ou tronco-cónica. Profundos e alargados, as paredes tinham um revestimento de barro seco. Correspondiam assim aos requisitos necessários para proteger os cereais da humidade (Meouak, 2001: 446).

A alimentação no al-Andalus era de base cerealífera. O trigo era usado para fabricar pão e cozinhar elementos básicos, como papas de farinha, caldos de legumes ou sopa com pedaços de pão molhado (García Sánchez, 1983: 139). No Castelo de Salir, o silo 1 continha sementes de trigo carbonizadas (Catarino, 1995: 13). Faltando a água para amassar pão durante o cerco à cidade de Silves em 1191, os habitantes alimentavam-se da grande quantidade de figos, armazenados em celeiros (Pimenta, 1948: 181).

Após o seu abandono, foram utilizados como contentores de lixo, tendo sido vertidos restos de construções, revestimentos, despejos domésticos com cinzas e restos alimentares, recipientes cerâmicos, objectos de ferro e osso misturadas com terra orgânica (Figura 60).

O tempo de utilização como lixeiras parece ter sido curto porque foram encontrados fragmentos pertencentes à mesma peça em níveis diferentes e porque os materiais cerâmicos correspondem de forma geral ao final da época almóada.

Na maior parte dos sítios arqueológicos do período islâmico no Algarve foram encontrados silos[32]. Os silos encontrados nos castelos de Aljezur (Silva e Gomes, 2002: 349), Albufeira (Gomes, 2002: 342), Salir (Catarino, 1995) e Mértola (Macías, 1992) encontram semelhanças com as estruturas de Cacela.

Os silos 1 e 2 de Cacela aparentam integrar uma fase arcaica, como se pode comparar com os exemplares encontrados na fortificação de Mesas do Castelinho (Guerra e Fabião, 1992: 92) e no sítio da Alcaria (Silvério, 2001: 76). Os silos escavados em Salir, Mértola e o silo A escavado em Aljezur localizavam-se no interior de compartimentos, deduzindo-se que seriam provisões de carácter doméstico. A casa da Arrochela, habitação integrada na medina de Silves aparentemente tinha associados diversos silos de formas e dimensões variadas, denotando a eventual prosperidade dos seus moradores (Gomes, 2011: 307).

[32] Por vezes podem confundir-se com fossas e poços negros, situação para a qual R. Varela Gomes tem alertado em diversos encontros

Estes achados remetem para a questão da arqueologia de estruturas agrárias, produção e acumulação de excedentes agrícolas. O incremento da investigação envolvendo sistemas de armazenamento podem contribuir para o estudo mais abrangente dos espaços produtivos das comunidades rurais, práticas agrícolas, formas de poder local e desigualdade social (Bianchi e Quirós, 2013: 17).

Figura 60: Vista geral da escavação arqueológica no Largo da Fortaleza em 2007

4.6.3 Análise dos materiais

Na impossibilidade de analisar de forma exaustiva os materiais arqueológicos exumados, foi feita uma selecção de unidades estratigráficas representativas dos momentos históricos em estudo:

1) ue23: camada siltosa de côr amarelo-esverdeada, depositada directamente sobre o nível geológico e onde foram implantadas os muros e abertos as cavidades subterrâneas.
2) ue24 e ue27: níveis de depósito de terras castanhas limosas com materiais de construção, cerâmicas de época romana e islâmica, pregos, carvões e malacologia.
3) ue29: ultimo nível de preenchimento do silo 4, cuja escavação não foi concluída. Os materiais cerâmicos identificados nesta camada eram de cronologia almóada. Foi identificada ainda uma tíbia humana entre os restos osteológicos.
4) ue30 e ue32: níveis de preenchimento do silo 1.
5) ue36: nível superior de preenchimento do silo 5.
6) ue39: terras castanhas siltosas com materiais de cronologia almóada que preenchiam o silo 2.
7) ue31 e ue41: camadas superior e intermédia de preenchimento do silo 3, com materiais de cronologia almóada.
8) ue42: nível de abandono com materiais de época romana e malacofauna, junto de derrube de estuque do muro E7.
9) ue47: camada de sedimentos siltosos de tom castanho depositada sobre muro E7.
10) ue56: nível de abandono de terra argilosa amarela, depositada sobre o talude oriental. Possível taipa.
11) Silo 7: continha a mais numerosa e interessante colecção de cerâmica islâmica e fauna encontrada no espaço da antiga alcáçova. Foram ainda recolhidas peças metálicas e objectos trabalhados em osso. Neste trabalho inclui-se uma análise geral das cerâmicas e dos moluscos. Foram analisados os materiais cerâmicos das camadas de preenchimento intermédias e inferiores – as ue52, 58, 62, 63 e 64. Tendo sido encontrados fragmentos da mesma peça nas ue58, 62 e 63 e verificando-se a uniformidade cronológica de todas as camadas que preenchiam o silo, as peças do silo 7 foram analisadas em conjunto.

Os restos faunísticos foram recolhidos de forma sistemática, na sua totalidade, em todas as unidades estratigráficas. Obteve-se um universo representativo que permite realizar análises quantitativas, sob o ponto de vista da dieta alimentar e dos recursos naturais dos habitantes de Cacela.

4.6.3.1 Moluscos

A análise e estudo deste conjunto estão a ser desenvolvidos por Maria João Valente da Universidade do Algarve, que coordena os mestrados de Arqueozoologia[33] desta instituição. Os dados que se apresentam, foram parcialmente apresentados nos VII Encontros de Arqueologia do Sudoeste Peninsular em Aroche (Valente et al, 2013) e IV Reunión Científica de Arqueomalacología de la Península Ibérica (Valente e Martins).

Foram identificados aproximadamente 9 000 restos de moluscos, dos 10 184 recolhidos nas campanhas arqueológicas realizadas no Largo da Fortaleza. Neste capítulo apresentamos a análise dos materiais provenientes dos silos e das unidades estratigráficas do final do período almóada. O espólio dos silos (1, 2, 3, 4 e 5) era composto por 5 662 exemplares. O espólio do silo 7, que foi escavado até atingir o fundo da estrutura (com excepção das zonas escoradas), era composto por 2 055 exemplares. Os níveis de abandono do final do período almóada, ue24, ue27, ue42, ue44, ue47 e ue56, perfaziam 1 169 elementos. No trabalho de identificação e contagem dos restos malacológicos, foi contabilizado o número de restos determinados de cada espécie (NRD), calculado o número mínimo de indivíduos (NMI) e efectuada a pesagem dos exemplares.

A classe dos bivalves domina no conjunto dos moluscos consumidos. Reunindo a informação de silos e níveis de abandono no final da ocupação almóada, obteve-se um quadro do consumo de espécies no castelo de Cacela (Figura 61):

[33] Agradecemos aos mestrandos Eliana Coelho e João de Deus Gomes, que realizaram o trabalho de inventário e catalogação dos materiais.

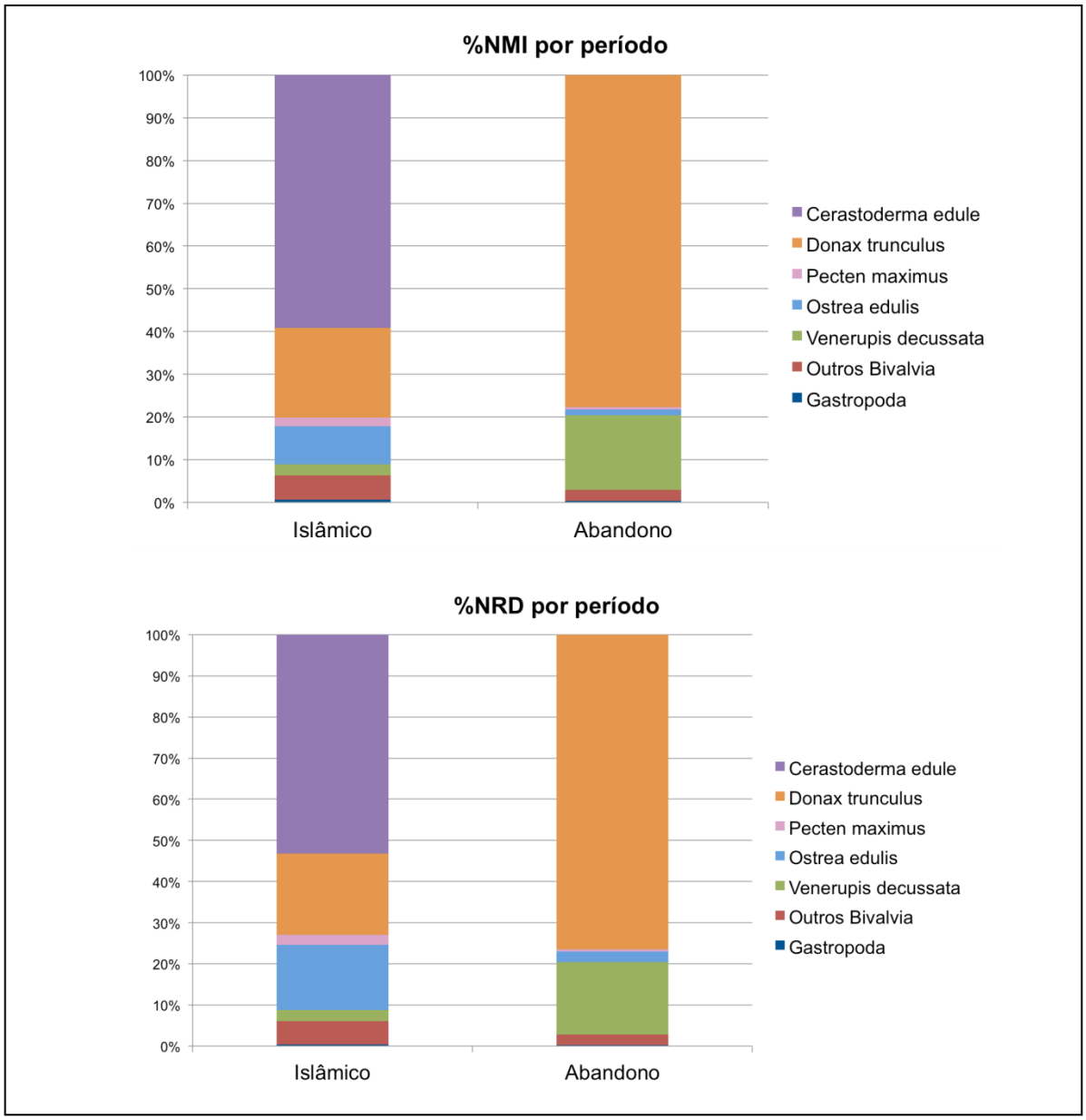


Figura 61: Gráfico de distribuição percentual de moluscos nos níveis de abandono de época medieval do Largo da Fortaleza. Fonte: Valente *et al*, 2013.

Da classe dos crustáceos foi identificado um exemplar de craca no silo 7, *Balanus sp.* Desta cavidade provinham os 5 restos de cefalópodes, provavelmente chocos. Os gastrópodes revelaram raros exemplares marinhos, como os ferro-de-engomar, *Cymbium olla* (9), buzina, *Charonia lampas* (3), canilha, *Bolinus brandaris* (2), fuso, *Turritella communis* (2), búzio, *Cerithium vulgatum* (1), búzia, *Murex trunculus* (1) e um exemplar de *Murex brandaris* na ue56.

Os gastrópodes terrestres estavam reunidos na ue63 do silo 7, 56 exemplares que poderão ter constituído uma refeição no espaço da alcáçova. Foram ainda encontrados alguns exemplares dispersos nas ue27 (2), ue42 (2) e ue44 (6).

No silo 1 predominavam os ostreídeos (28) e a conquilha, *Donax trunculus* (25), seguido de 5 exemplares de vieiras, *Pecten maximus*. (Figura 62) A soma do peso de ostreídeos e vieiras corresponde a 75% do total da amostra desta cavidade. No silo 2, 90% das espécies recolhidas correspondiam a conquilhas. A escavação do silo 4 não foi finalizada, mas das 692 peças recolhidas, 70% correspondiam a conquilhas. Os silos 5 e 6 não foram escavados, recolhendo-se apenas 4 elementos do silo 5.

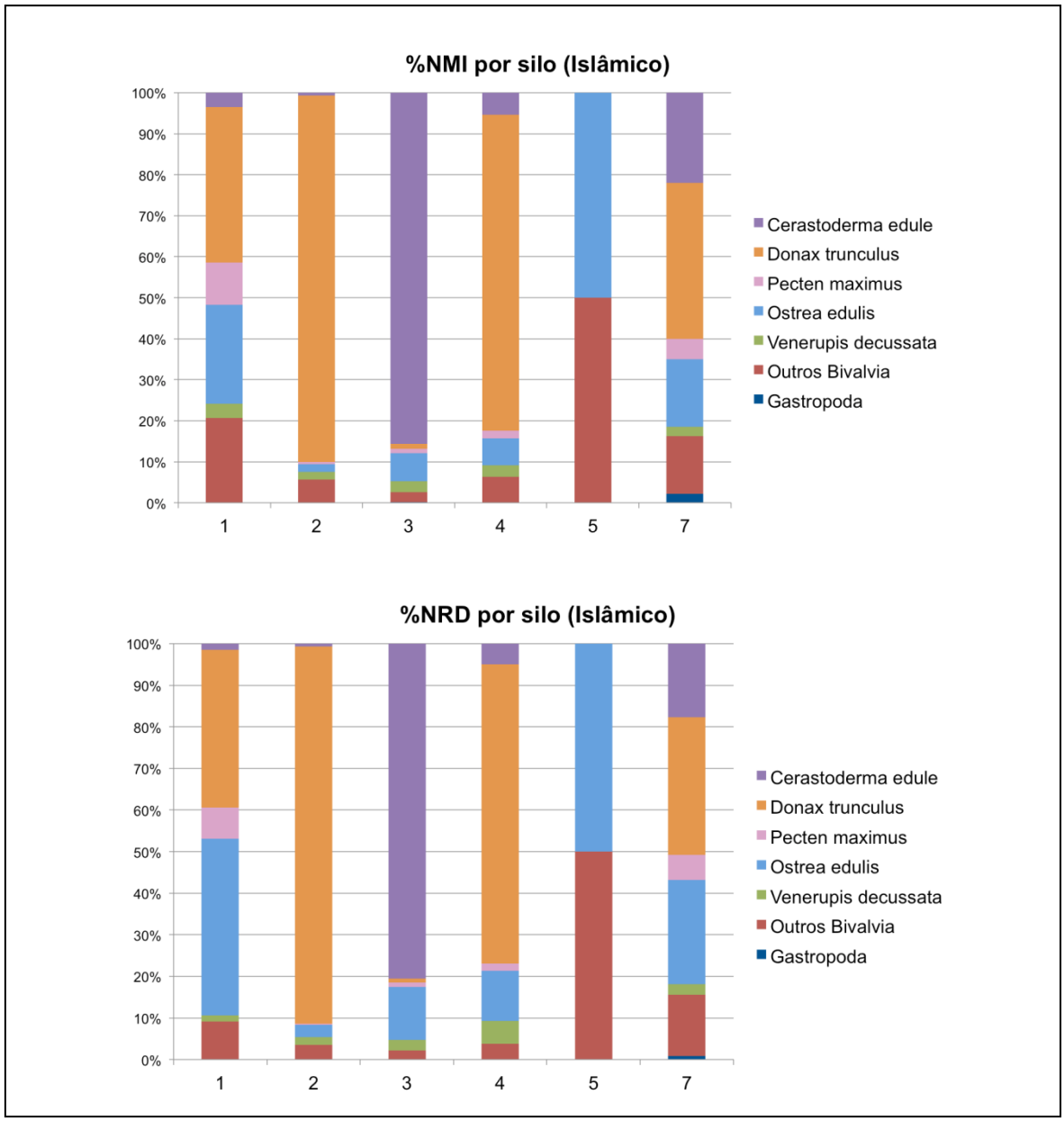


Figura 62: Distribuição percentual de moluscos nos silos do largo da Fortaleza. Fonte: Valente *et al*, 2013.

Os silos 3 e 7 congregaram o núcleo mais numeroso da colecção malacológica de Cacela, 7 193 restos. No silo 3 foram recolhidos 4671 exemplares e no silo 7 foram recolhidos 2 522 restos.

Os cardídeos, presentes nas embocaduras dos rios ou nas barras situadas entre as ilhas-barreira, seriam apreciados. O berbigão, *Cerastoderma edule*, perfazia 80% da amostra do silo 3 e 17% do silo 7. Foram ainda identificadas a presença das espécies *Acanthocardia tuberculata,* berbigão-burro e *Laevicardum crassum*, berbigão-lustroso. No total, o berbigão envolvia 4115 exemplares, aproximadamente 50% da colecção.

A resistente conquilha, *Donax trunculus*, apanhada preferencialmente na baixa-mar costeira, integrava a dieta alimentar desta comunidade. Estava ausente do silo 3. Este donacídeo foi recolhido em contexto arqueológico em grupos numerosos: 574 exemplares na ue63 do silo 7[34]; 65 exemplares na ue52 do silo 7; 172 exemplares na ue42; 285 exemplares no silo 2, 116 exemplares no silo 3 e 37 exemplares no silo 4. Na totalidade foram recolhidos 2 414 elementos correspondentes a cerca de 23% da amostra.

Os ostreídeos, em particular a ostra redonda, *Ostrea edulis*, vulgar nos sistemas lagunares, encontravam-se bem representados nos silos 1, 5 e 7. No silo 4 foram recolhidos 80 exemplares. Estava praticamente ausente dos níveis de abandono. Os 1425 exemplares recolhidos integravam 18% da colecção. Verificou-se alguma uniformidade na distribuição desta espécie nas camadas, tendo sido recolhidos grupos de 10/20, 20/40 e 40/50 exemplares, dois grupos de 80 exemplares[35], um de 318[36] e raros exemplares isolados.

Os venerídeos, actualmente produzidos em viveiro em ambiente lodoso e arenoso, compunham-se apenas de 448 exemplares, 5% do total. Dominava a espécie *Ruditapes decussatus*, conhecida actualmente por amêijoa-boa, com valor comercial. Os exemplares distribuíam-se em pequenas quantidades pelos silos, excepto o silo 5, onde estava ausente. Nos níveis de abandono, a recolha da amêijoa-boa aumentou ligeiramente. Foram identificados raros exemplares de pé-de-burrinho, *Chamalea gallina* e amêijoa-brilhante, *Callista chione*.

Foi registado o consumo de pectinídeos, recursos alimentar nutritivo, em particular a espécie vieira, *Pecten maximus*. Os 229 restos identificados correspondem a 2,4% do total. Ocorriam quase exclusivamente no silo 7. Esta espécie foi recolhida *in situ* em grupos de 1 a 12 elementos.

[34] Analisando as recolhas de conquilhas na ue63 do silo 7, verificou-se que o saco 384 tinha 111 exemplares de conquilhas, o saco 465 continha 235 elementos, saco 415 com 116 elementos.
[35] Saco 429 da ue63 do silo 7 e silo 4.
[36] Saco 28 do silo 3.

Foram encontrados 178 restos de taralhão, possivelmente da família dos *Hiatellidae*. Esta grande concha vivia enterrada em profundidade no ambiente marinho, sendo difícil a sua recolha (Afonso, 2004: 51). Estas espécies foram possivelmente consumidas.

Os glicimerídeos estavam representados por 116 exemplares, correspondendo a maioria à castanhola *Glycymeris violacescens*. Foi identificada em menor número a espécie *Glycymeris bimaculata*. Estas espécies são actualmente muito raras encontrando-se as suas conchas mortas nos areais (Afonso, 2004: 47). Estes grandes bivalves foram recolhidos em contexto arqueológico em grupos entre 1 e 6 exemplares.

A colecção de bivalves estava em bom estado, com fragmentação moderada. As espécies que apresentavam maior índice de fragmentação no silo 7 eram as ostras, as vieiras, as conquilhas e os taralhões, sendo necessário aferir as causas de fracturação.

A maioria dos espécimes não apresentava vestígios de carbonização, o que poderá estar relacionado com o seu consumo ao natural ou passados levemente pelo fogo.

Os gráficos comparativos sobre o peso das valvas denotam a existência de diferenças entre o número de espécies recolhidas e o peso das mesmas (Valente et al.). A elevada fragmentação dos achados malacológicos e relembrando que um exemplar corresponde a uma valva, são dados que restringem a interpretação histórica. Ousamos aventar algumas hipóteses, com a esperança que esta matéria seja alargada a mais contextos arqueológicos algarvios (Figura 63).

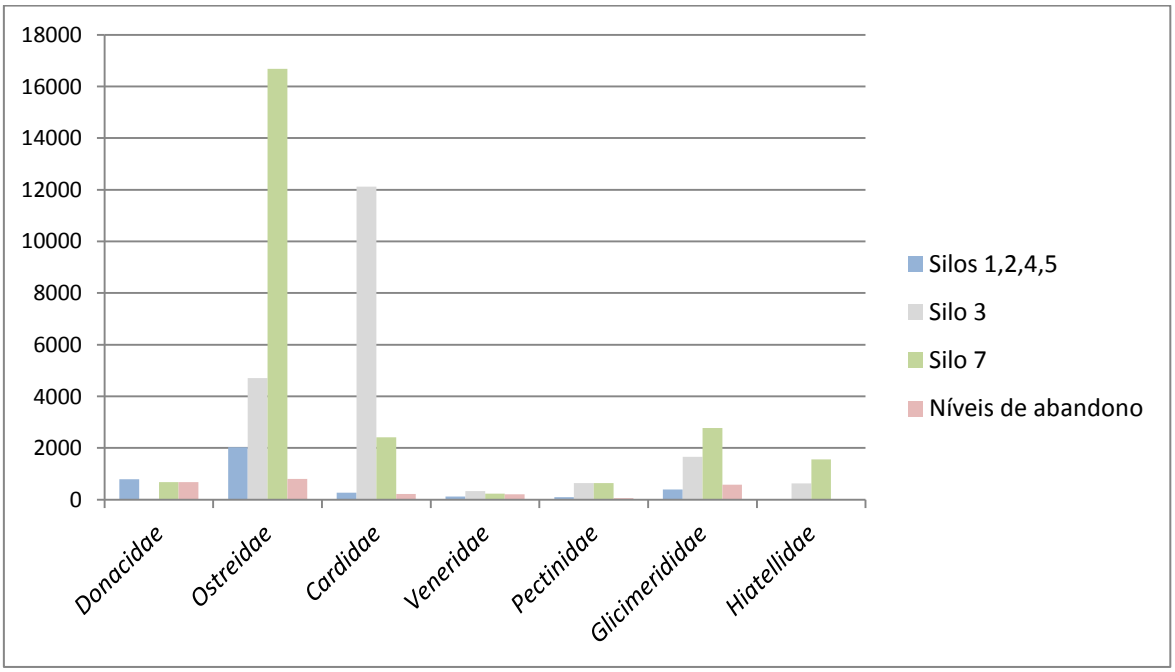


Figura 63: Gráfico comparativo do peso dos moluscos recolhidos no Largo da Fortaleza.

Analisando as espécies pelo seu peso e quantidade, o berbigão foi a espécie com mais recolhas, ultrapassando largamente a recolha de conquilhas, que ocupa o segundo lugar no número de capturas. Sabendo que a valva da conquilha é mais frágil que o berbigão, os valores do peso devem ser considerados com parcimónia. As ostras ocupam este nível de consumo: apesar do número limitado de restos, um terço das recolhas dos cardídeos, o seu peso ocupa o lugar cimeiro da presente amostra.

Apesar da recolha moderada do taralhão e vieira, verificou-se que o seu peso apresentava um valor considerável no conjunto das recolhas de moluscos.

As castanholas podem ter sido consumidas apesar da sua raridade. De facto, o seu registo quantitativo ocupa o último lugar das espécies capturadas, mas o peso eleva esta espécie para o confortável terceiro lugar de ocorrências.

Considerando o valor nutritivo e peso dos moluscos[37], deveriam predominar as refeições de grandes conchas. A ingestão de uma ou duas vieiras ou castanholas poderiam constituir um nutritivo mata-bicho. Os 24 quilogramas de ostras recolhidas sugerem uma centena de refeições, 15 quilogramas de berbigão podem reportar 50 porções e 5 quilos de vieiras podem equivaler a 20 doses. O que já não seria de desconsiderar na reconstituição da dieta alimentar dos habitantes do castelo naquela fase histórica.

Em síntese, predominou a recolha do berbigão (*Cerastoderma edule*), da conquilha (*Donax trunculus*) e da ostra (*Ostrea edulis*) nos ambientes marinho e lagunar próximos de Cacela. A variabilidade das ocorrências nos estratos arqueológicos sugere que a recolha destes moluscos integrava o quotidiano dos moradores do castelo de Cacela e a sua disponibilidade em se aproximar da zona lagunar do delta do Guadiana ou capturar o marisco na área marinha adjacente.

4.6.3.2 Cerâmicas

A cerâmica recolhida nas intervenções arqueológicas realizadas no Largo da Fortaleza totalizou 8369 peças. Muitos fragmentos pertenciam à mesma peça, verificando-se que seria

[37] Atendendo que uma conquilha pesa em média 2,5/3 gramas, são necessárias perto de 80 espécimes para fazer uma porção de 250 gramas. Uma ostra pesa cerca de 20/25 gramas, pelo que 10 exemplares comporiam uma porção de 250 gramas.

possível reconstituir peças completas ou semi-completas. A ausência de tratamentos de colagem e reconstituição e, consequentemente de desenho, dificultou o trabalho de classificação tipológica[38]. As peças foram registadas com o acrónimo do sítio, Cacela Velha/Fortaleza de Cacela, ano da campanha (2004 ou 2007), unidade estratigráfica e nº de inventário (por exemplo: CV/FC/07(63)951). Este conjunto cerâmico revela formas, fabricos e diversidade decorativa que mereciam um trabalho pormenorizado de restauro e catalogação. A amostra estudada de 632 exemplares incluía peças de todos os tipos de louça doméstica (Figura 64):

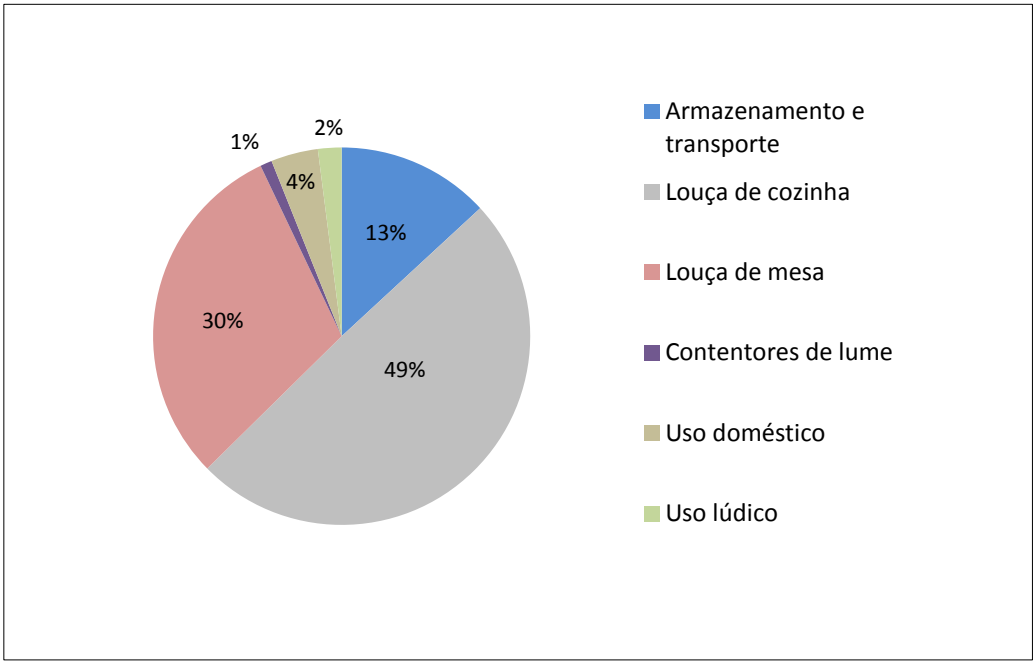


Figura 64: Gráfico de distribuição percentual da cerâmica do Largo da Fortaleza.

A louça de cozinha, composta por 311 fragmentos preenchia metade do espólio cerâmico. A louça de mesa tinha um papel relevante na economia doméstica do Castelo, tendo sido identificados 194 fragmentos. Os 83 fragmentos de recipientes de armazenamento e transporte relevam o terceiro tipo de louça que se evidenciava no conjunto.

Na louça de cozinha evidenciavam-se os fragmentos de panelas, caçoilas, malgas e alguidares (Figura 65). A baixela era composta quase exclusivamente pelas tigelas e recipientes de

[38] A metodologia de classificação tipológica e funcional da cerâmica de Cacela encontra-se desenvolvida no cap.1. As variantes técnicas e formais dos utensílios cerâmicos encontram-se desenvolvidas no cap. 5, na análise do espólio do bairro do Poço Antigo.

líquidos, como jarras, jarros e bilhas de variados tamanhos. O transporte de água para o interior das habitações seria feito por cântaros.

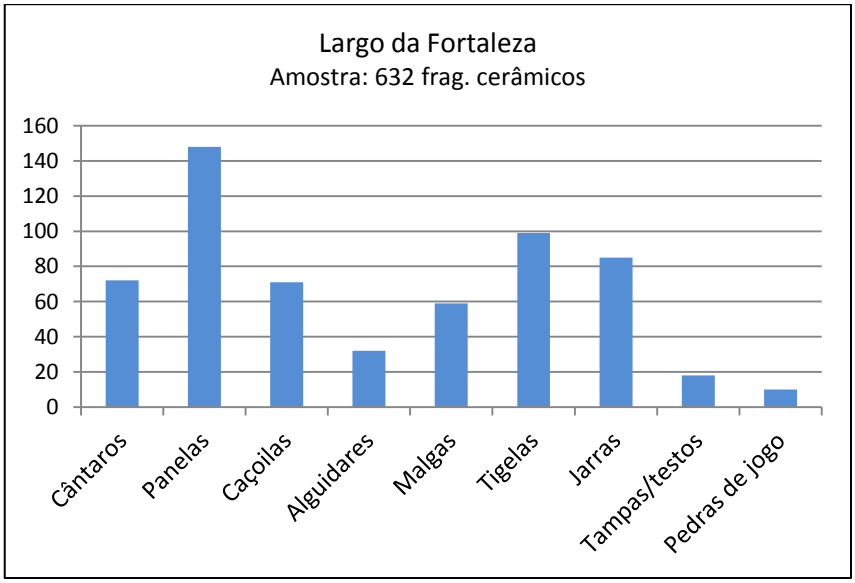


Figura 65: Distribuição funcional dos utensílios cerâmicos do Largo da Fortaleza

As restantes cerâmicas tinham marca presencial, abaixo dos 5%, normal em contextos arqueológicos deste período, como os contentores de lume e as tampas e testos. Os raros exemplares de talhas desta amostra foram encontrados no silo 7, fragmentos de pasta bege com estampilhados de vidrado verde e motivos decorativos vegetalistas e geométricos. A tipologia cacelense viu-se possivelmente enriquecida com um fragmento de bordo espessado quadrangular: o exemplar CV/FC/07/809 de colo troncocónico invertido decorado com caneluras e estampilhado geométrico (Figura 66). A abertura da boca e pouca espessura da parede (11mm) parecem conferir resistência insuficiente a que esta peça tenha uso de suporte de talha. Encontram-se bocas de talha similares no castelo e no bairro da Arrochela em Silves e no castelo de Mértola (Gomes, 2003: 249; 2011: 58; 354; Goméz, 2004: fichas CR/ET/0067/0074). Surgiu ainda pequeno fragmento decorado com figura amendoada (bolbo?) semelhante a peças encontradas no poço-cisterna e na Arrochela de Silves (Gomes, 2003: 51; 2011: 53). Esta decoração surgiu numa tigela vidrada de côr verde no castelo de Salobreña (Goméz Becerra, 1997: 58).

O cantil encontra-se presente em Cacela através de exemplar de pasta bege com revestimento de engobe branco e vestígios de pintura a negro. Enquadra-se no tipo 240 identificado em Saltés, com cronologia da segunda metade do século XII e primeira metade do século XIII

(Bazzana, Bedia e Montmessin, 2005: 282). Existem peças semelhantes nos castelos de Silves e Mértola (Gomes, 2003: 386; Goméz, 2004: ficha CR/PT/0076).

Os quatro exemplares de pote integravam a variante 1, feitos com pastas de tons variados entre os tons vermelho e branco com decoração exterior em caneluras. Um dos exemplares era vidrado de tom esverdeado escuro (Figura 67).

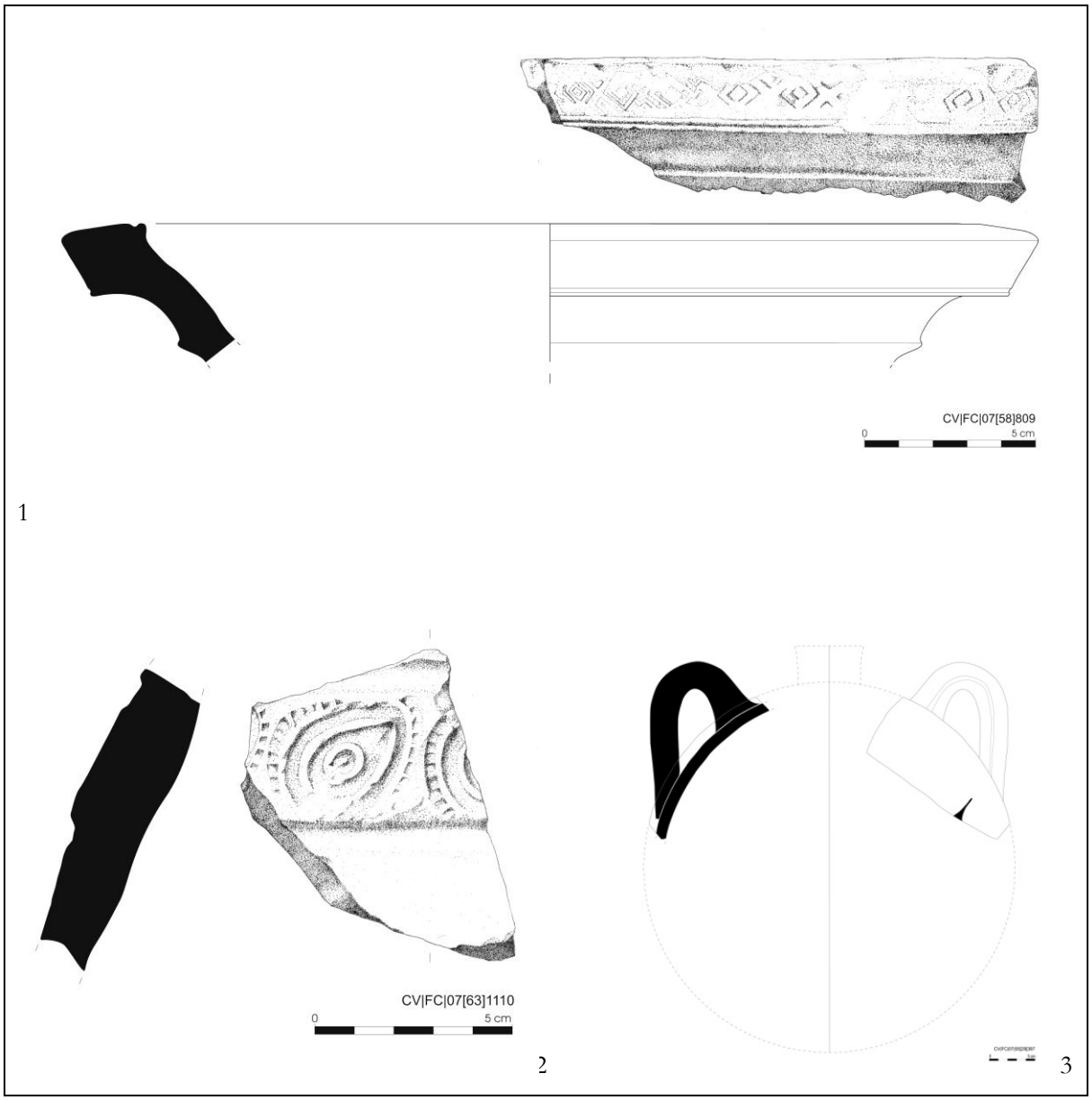


Figura 66: Largo da Fortaleza. 1- Bordo de talha estampilhada com motivos geométricos sob vidrado verde. Ref.CV/FC/07/809 (ue58). Ø boca 228mm (CC/TB). 2- Fragmento de talha estampilhada de forma amendoada. Ref.CV/FC/07/1110 (ue63) (CC/TB). 3- Cantil. Ref.CV/FC/07/397 (ue29) (CC).

1

2

Figura 67- Largo da Fortaleza. 1- Cântaro (variante 3). Ref. CV/FC/07/1090 (ue58). Ø boca 100mm. 2- Fragmentos de pote vidrado esverdeado com caneluras. Ref. CV/FC/07/1111 (ue63).

Os cântaros representavam 11% da amostra. Possuíam pasta alaranjada ou beje e tratamento das superfícies exteriores com engobe ou simples aguada de côr branca ou cinzenta, apresentando pinturas e linhas de côr vermelha e branca. Os fragmentos analisados integravam a variante 2, de bordos salientes, a variante 3, de bordos em moldura e a variante 4, de bordo verical. A pintura de côr vermelha do cântaro 07/1090 tem forte semelhança com peça de Tavira datada dos séculos XII/XIII (Maia, 2003: 306).

As panelas de pasta alaranjada e superfícies alisadas tinham colos variados que abrangiam as três variantes identificadas no Poço Antigo (Figura 68; Figura 69). Formavam 23% do conjunto analisado. Algumas peças apresentavam engobe ou aguada de côr branca ou cinzenta, pinturas de côr branca, caneluras ou linhas incisas junto do colo. Dois fragmentos apresentavam vidrado verde e melado.

Das caçoilas de aplicações plásticas verticais foram recolhidos poucos fragmentos de pasta alaranjada e vidrado melado. As caçoilas integravam 11% da amostra. Tinham pastas alaranjadas, superfícies alisadas e raros exemplares brunidos, com linhas excisas ou linhas de côr branca. A maior parte dos exemplares correspondia a formas carenadas, variante 2.

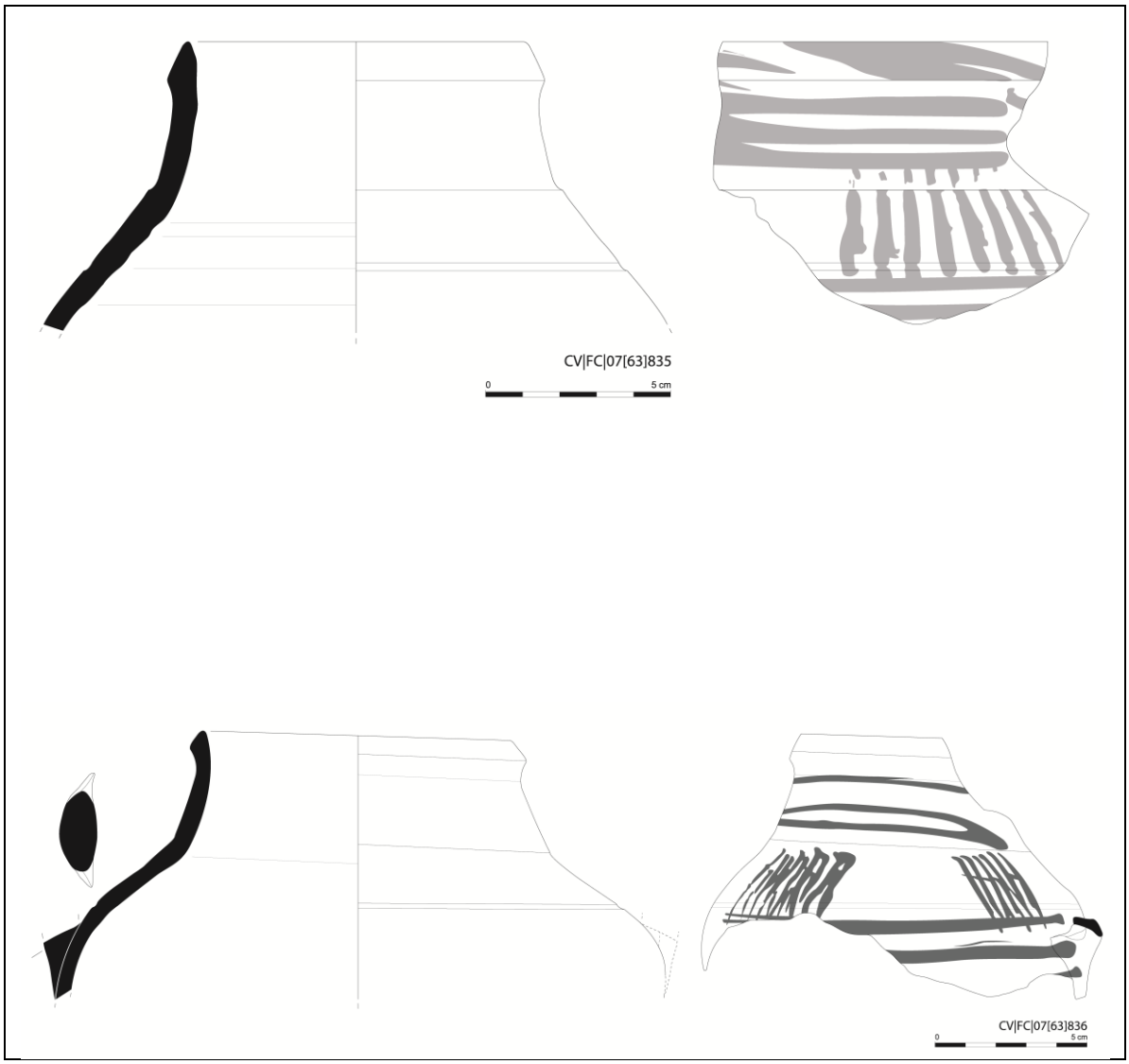


Figura 68: Largo da Fortaleza. Panelas de colo troncocónico (variante 2) de pasta alaranjada. Ref. CV/FC/07/835 (ue63), pintada com linhas de côr branca. Ø boca 88mm (CC); Ref. CV/FC/07/836 (ue63) com superfície exterior pintada de cinzento e linhas de côr branca. Ø boca 100mm (CC).

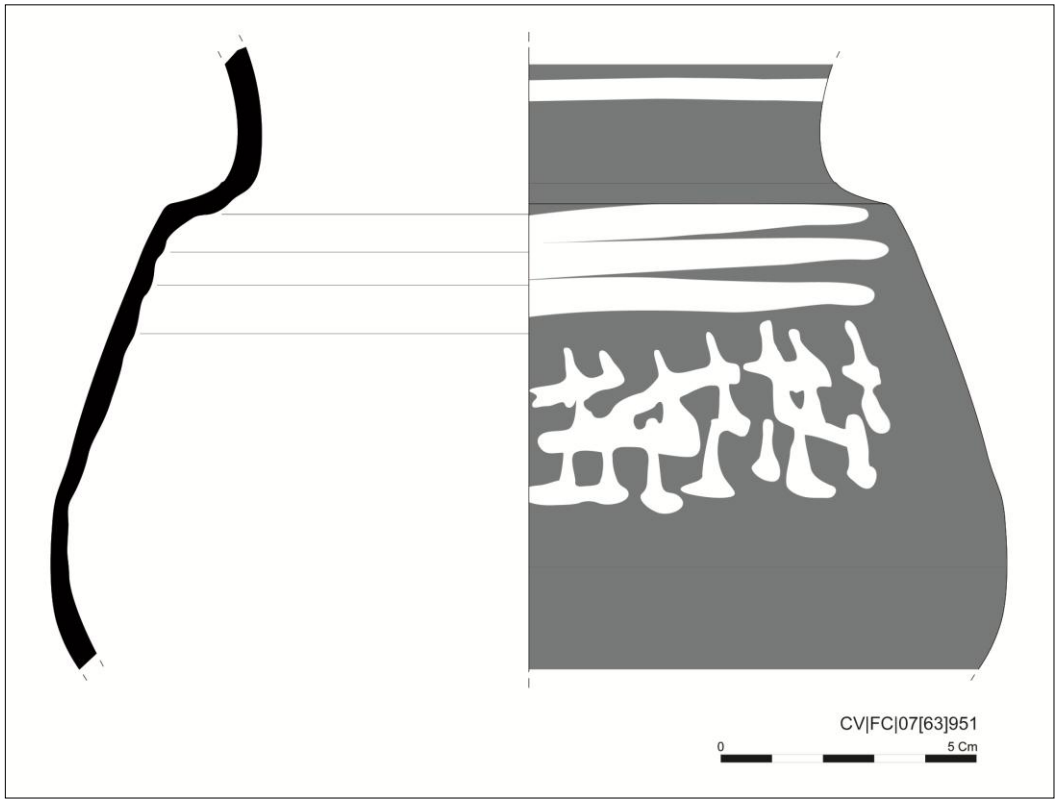


Figura 69: Largo da Fortaleza. Provável panela de corpo globular e colo convexo (variante 3) de pasta alaranjada e pintura com linhas de côr branca. Ref. CV/FC/07/951 (ue63) (CC).

Os fragmentos de alguidar integravam a variante 1 de bordos espessados e salientes, a variante 2 de bordo ligeiramente saliente e a variante 5, de bordo espessado rectilíneo, correspondendo a 5% do conjunto.

A malga seria utilizada como recipiente de aquecimento e ingestão de alimentos, existindo em variadas dimensões. Foram identificadas malgas de forma hemisférica, variante 1 e malgas de suave carena da variante 2 destes objectos. Os fragmentos analisados completavam 9% da amostra.

As tigelas – 16%- e as jarras – 13%- formavam a quase totalidade da louça de mesa. As tigelas tinham pastas de côr alaranjada ou tons claros e vidrados variando entre o verde e melado (Figura 70, Figura 71). As variantes formais identificadas no bairro do Poço Antigo encontravam-se representadas no Largo da Fortaleza. Assim, foram registadas peças carenadas (variante 1), com decoração em manganés (variantes 2 e 4) e hemisféricas com vidrados verde-acastanhados (variante 3).

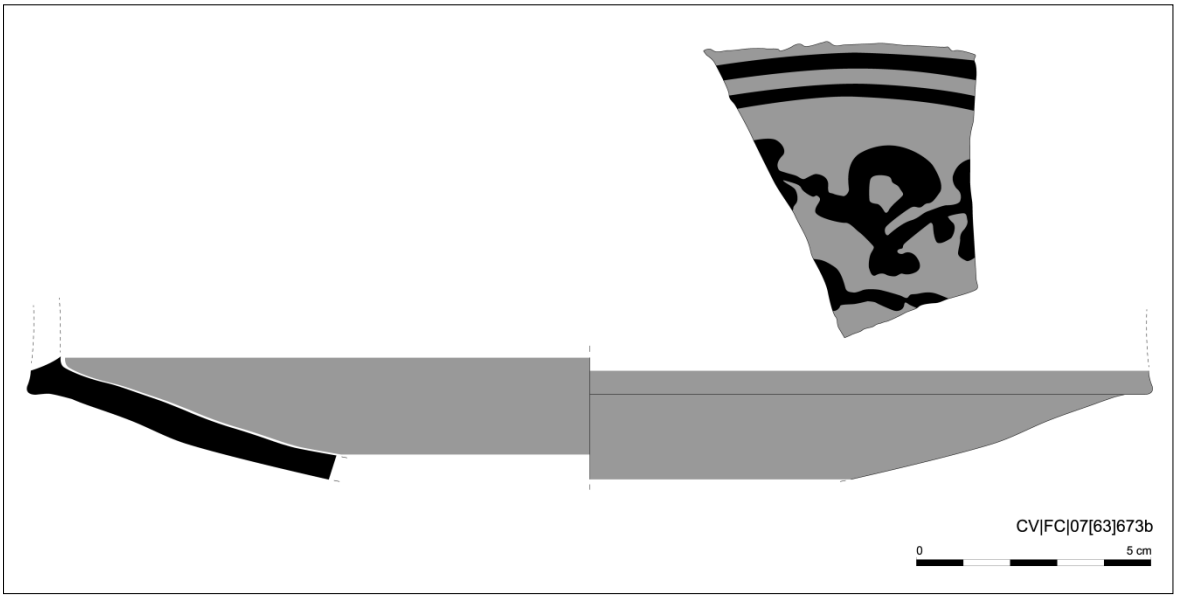


Figura 70: Largo da Fortaleza. Tigela carenada de vidrado melado com pintura em manganês (variante 1). Ref. CV/FC/07/673b (ue63) (CC).

O fragmento de fundo de tigela de pasta alaranjada CV/FC/07/673b apresenta pintura em manganês no interior com possível tema vegetalista circundado por faixa de duas linhas. Este tipo decorativo era característico do período tardo almóada, encontrando-se exemplares similares no castelo de Mértola (Goméz, 2004: ficha CR/VF/0002).

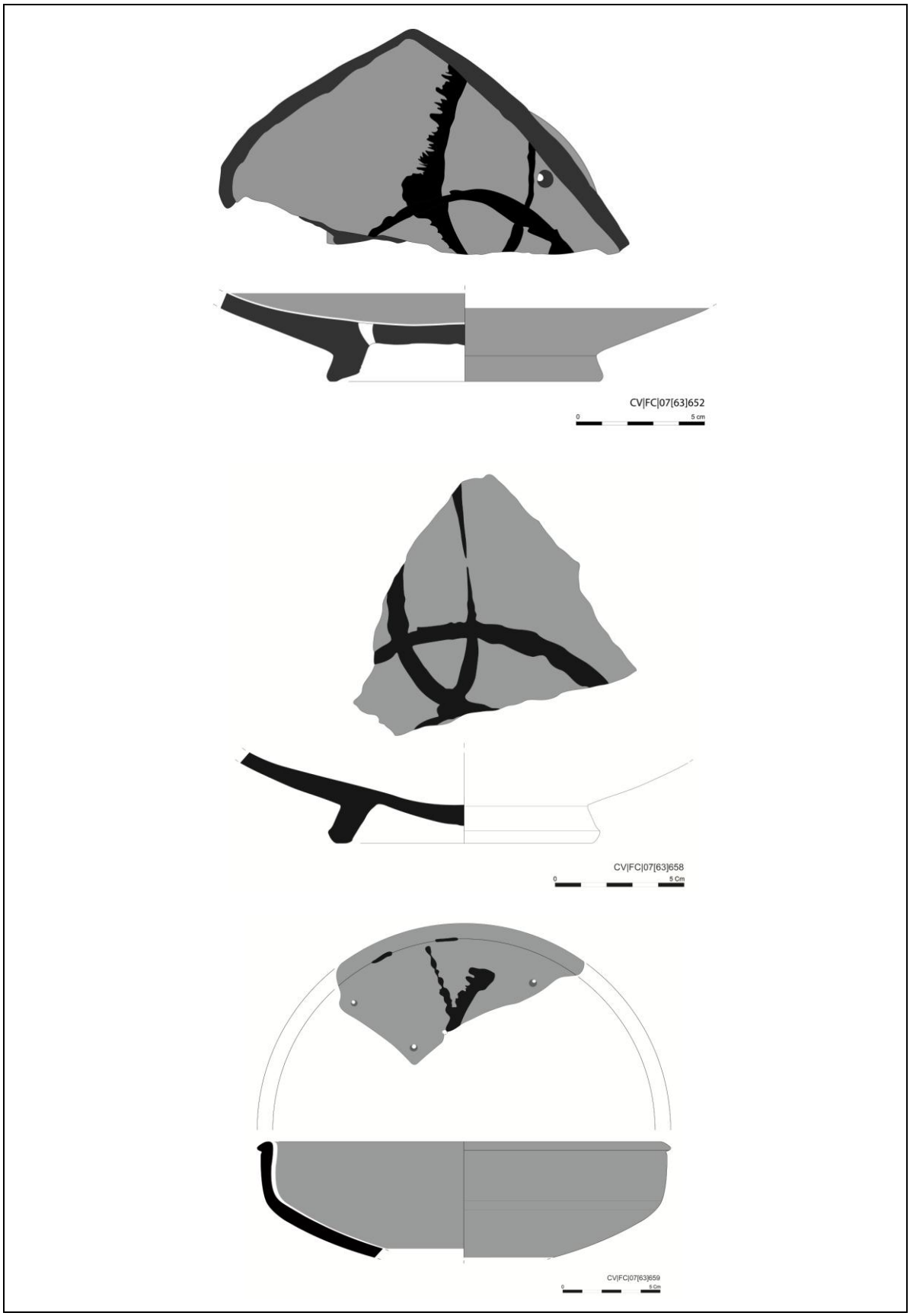


Figura 71: Largo da Fortaleza. Tigelas de vidrado melado com pintura de linhas secantes em manganês. A peça CV/FC/07/659 de ligeira carena integra a variante 2 da tipologia cacelense. Ø boca 188mm (CC).

As jarras de pasta alaranjada eram maioritariamente alisadas, mas podiam apresentar engobe ou aguada de côr cinzenta e branca e linhas decorativas brancas. As dimensões dos fragmentos apontam para peças de pequena dimensão, jarrinhas (Figura 72). Foram identificadas as jarrinhas de corpo globular e colo cilíndrico (variante 1), jarras de pastas claras com decoração em caneluras (variante 2) e as jarrinhas de paredes finas (variante 3).

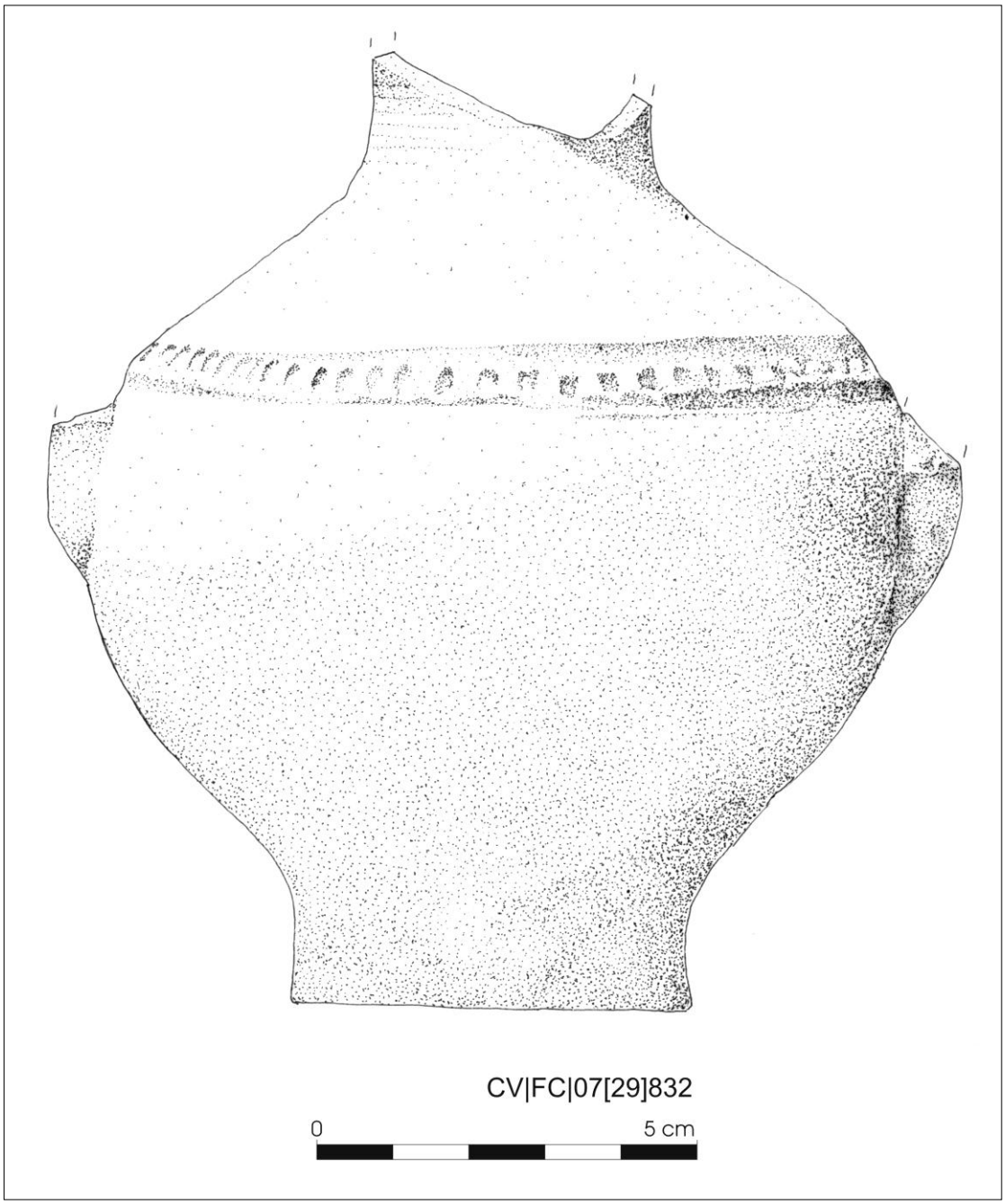


Figura 72: Largo da Fortaleza. Jarrinha de colo cilíndrico estreito (variante 1), decorada com faixa de incisões feitas possivelmente com punção. Ø base 53mm. Ref. CV/FC/07/832 (ue29) (CC/TB).

Foram identificados seis elementos de jarros de pastas alaranjadas de superfícies alisadas, podendo apresentar bordo ligeiramente introvertido e colo cilíndrico (variante 2) ou bordo de moldura, colo convexo e vertedor de forma cilíndrica (variante 3). Estas peças podem apresentar revestimento exterior de côr cinzenta decorada com pinturas de côr branca.

A bilha e copo encontravam-se representados por três fragmentos de pasta alaranjada, dois vidrados melados de bilha e um fragmento engobado do único exemplar de copo encontrado em Cacela (Figura 73). Um fragmento de taça estava depositado no silo 7.

Figura 73: Largo da Fortaleza. Copo com revestimento de côr branca. Ref. CV/FC/07/1045. Ø base 68mm.

Dos contentores de lume, foram registadas candeias e candeias de pé de pastas alaranjadas e claras muito desgastadas pelo uso (Figura 74). As candeias tinham revestimento de vidrado verde ou melado (Figura 75). Os exemplares de candeia de pé eram vidrados de verde, melado e amarelo.

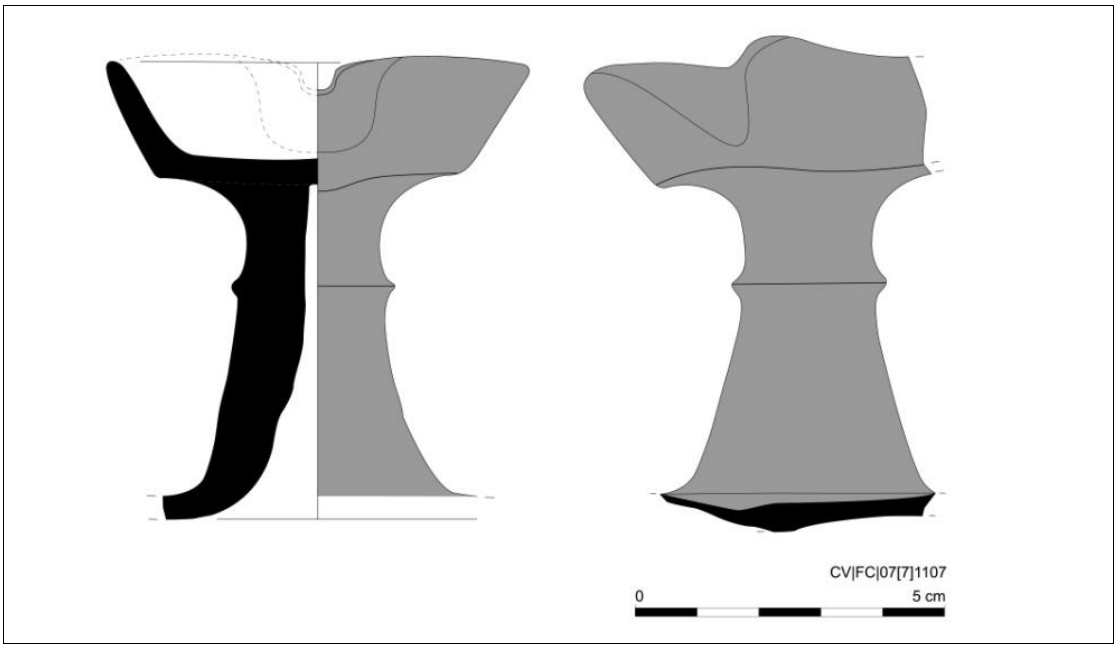


Figura 74: Largo da Fortaleza. Candeia de pé alto de pasta vidrada de melado escuro. Tem defeito de fabrico no pé. Alt. 78mm. Ref CV/FC/07/1107 (CC).

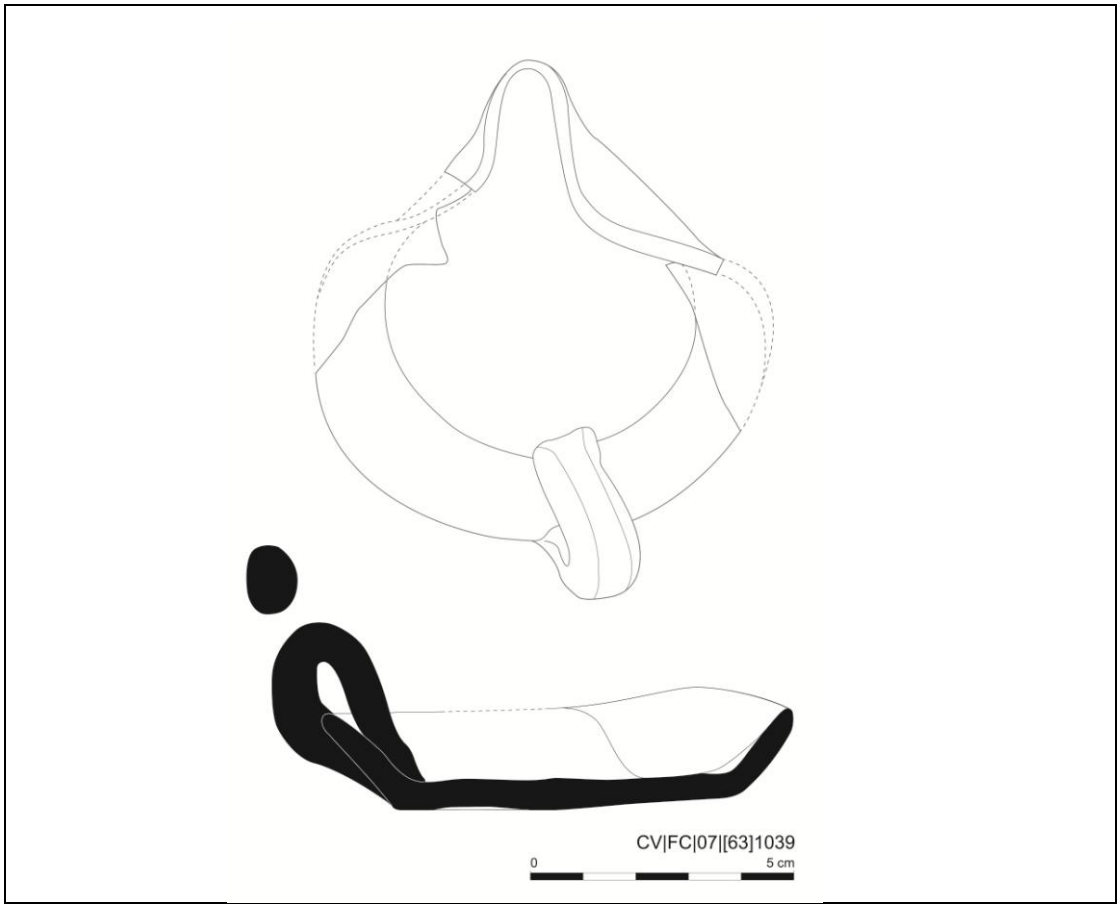


Figura 75: Largo da Fortaleza. Candeia de pasta alaranjada vidrada de verde. Apresenta sinais de uso intensivo e vidrado deteriorado. Ref. CV/FC/07/1039 (CC).

Associados aos utensílios cerâmicos, foram ainda encontrados vários testos e tampas, que completavam 3% da amostra. Os testos de pastas alaranjadas eram de superfícies alisadas ou engobadas de côr branca e um apresentava pingo branco. As tampas eram de pastas alaranjadas revestidas por vidrado verde, verde acastanhado ou melado com traços de manganés.

A tampa CR/FC/07/676 de forma hemisférica decorada com faixa preenchida com tema geométrico em manganês sobre vidrado melado nas superfícies interna e externa (Figura 76) tem paralelos em Silves e Mértola (Gomes, 2011: 115; Torres *et al*, 1991: 523). Esta temática decorativa pode ser encontrada na decoração pictórica de bases de paredes, como na casa de Mañara em Sevilha ou no castelo de Monteagudo (Ojeda, 1999: 137; Navarro e Jiménez: 1995: 93).

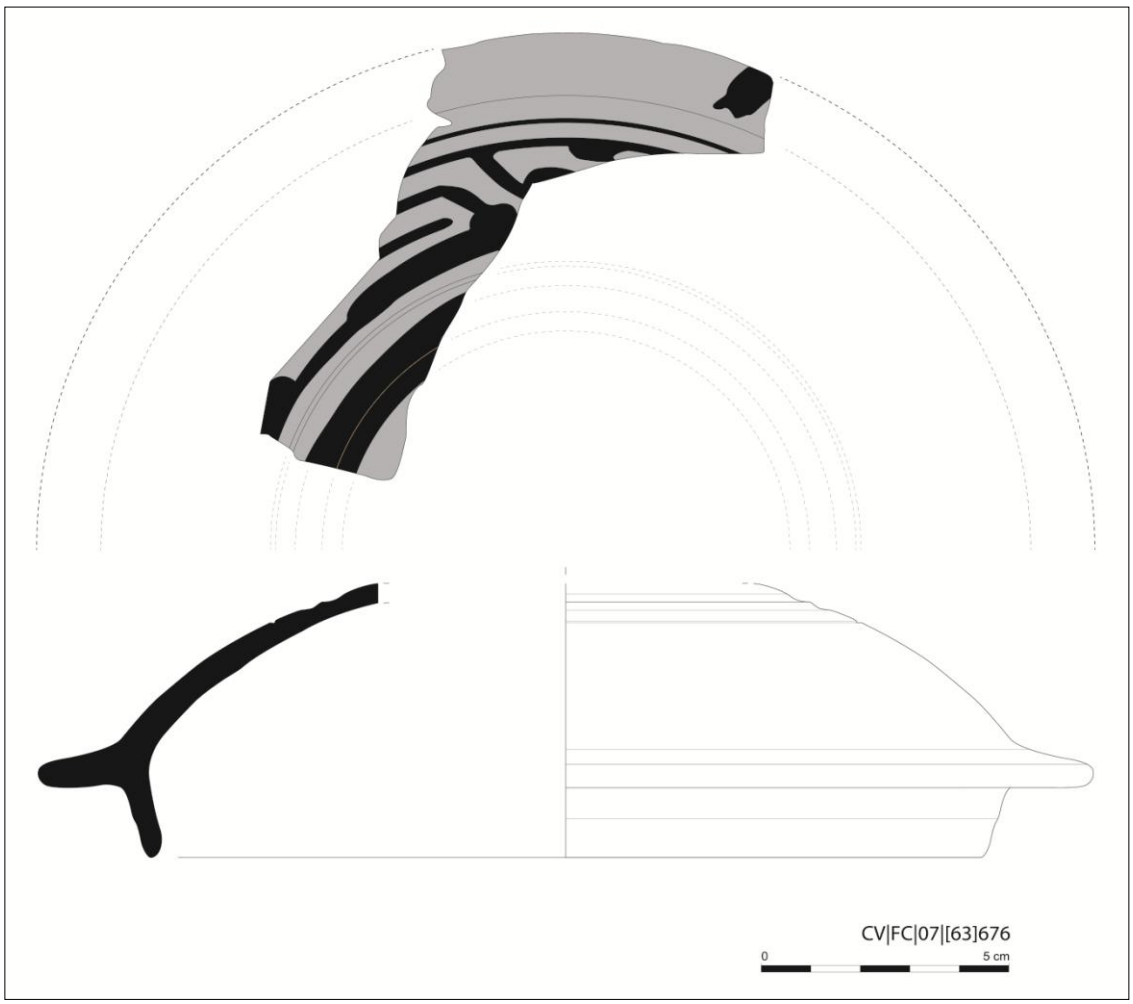


Figura 76: Largo da Fortaleza. Tampa hemisférica de pasta alaranjada revestida por vidrado melado e decorada com tema geométrico em manganês. Ø 163mm (CC).

A tampa CR/FC/07/1105 de vidrado verde nas superfícies interna e externa tem decoração de linhas incisas (Figura 77). A meio do corpo, ligeira carena separa a zona superior da pega e delimita a faixa inferior decorada com incisões curvilíneas. Encontram-se vários exemplares similares em Silves e Mértola (Gomes, 1988: 237; Goméz, 2004: fichas CR/VV/0038 e 41; CR/ES/0082).

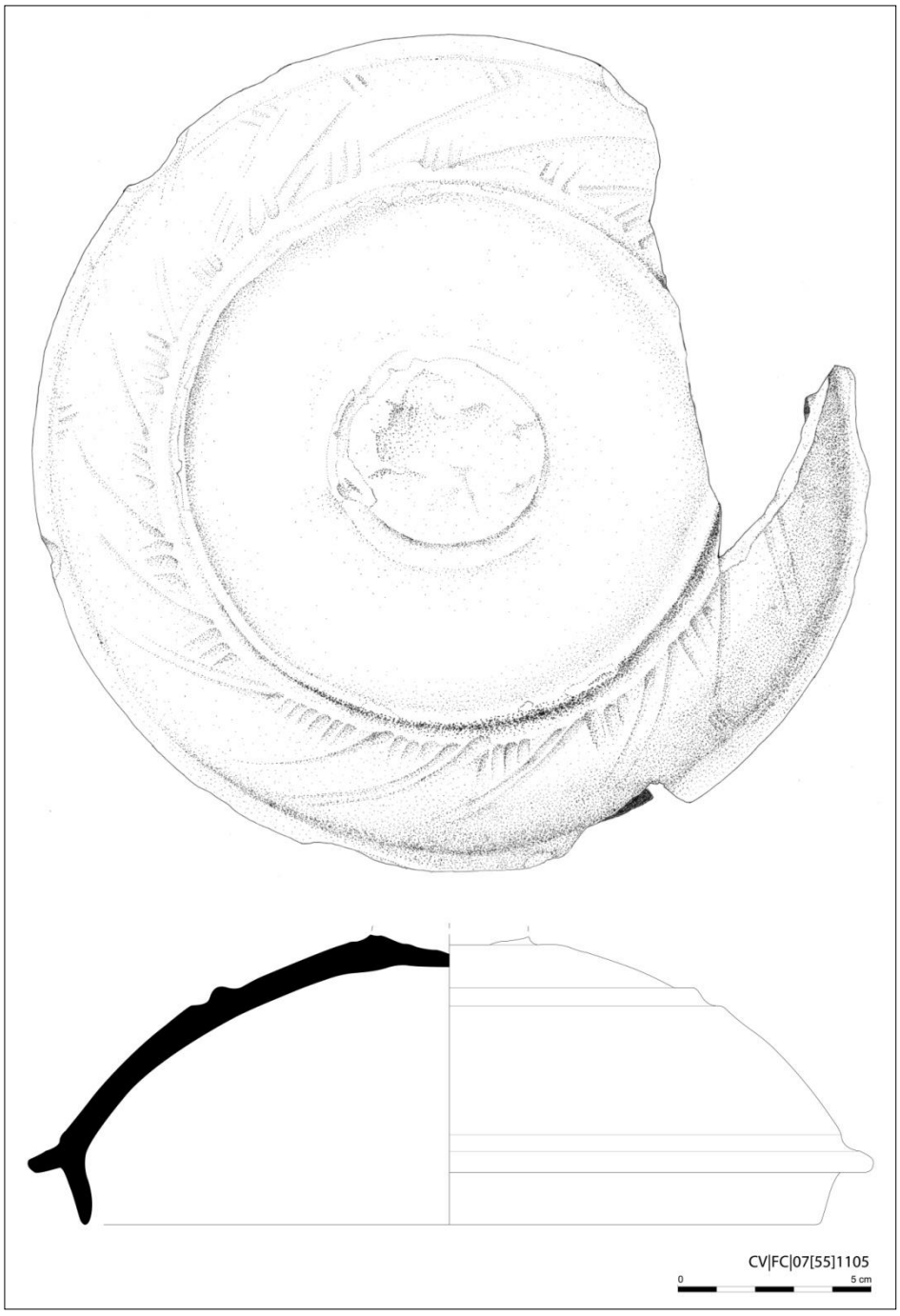


Figura 77: Largo da Fortaleza. Tampa hemisférica em vidrado verde, decorada com incisões. Ref. CV/FC/07/1105. Ø boca 186mm (CC/TB).

No conjunto analisado destacam-se dois fragmentos de vasos de forma cilíndrica pela rara qualidade técnica e temática decorativa. O vaso CV/FC/07/811 de pasta bege e vidrado verde exibe elevada qualidade de execução (Figura 78). O interior encontra-se revestido por engobe claro. As estampilhas compõem-se de duas faixas com o cordão da eternidade separadas por uma bordadura de uma terceira faixa com elementos epigráficos. O aspecto polido do bordo indicia uso intensivo da peça. Pode ter servido como suporte de abluções nos rituais de cariz religioso.

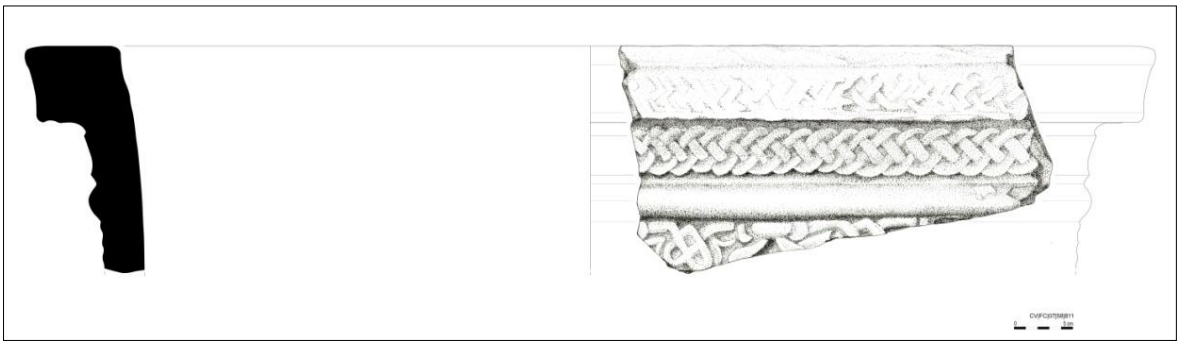


Figura 78: Largo da Fortaleza. Fragmento de vaso vidrado verde.
Ref. CV/FC/07/811. Ø boca 370mm (CC/TB).

Esta peça tem semelhança formal e decorativa com peça procedente de Algeciras, à qual foi atribuída cronologia tardo almóada (Torremocha e Oliva, 2002: 258).

O vaso CV/FC/07/1106 de forma aproximadamente cilíndrica, de pasta alaranjada clara e bordo quadrangular apresenta profusa decoração de figuras amendoadas -eventual bolbo de flor de lótus- em corda seca total sobre fundo vidrado verde (Figura 79). Este desenho decorava um bocal cerâmico de poço encontrado em Ceuta, tendo sido interpretado como uma gota aquosa. A peça foi associada a cronologia dos séculos XII-XIII (Hita e Lería, 2011: 41). Aproxima-se na forma e técnica decorativa de exemplares encontrados no castelo de Mértola (Goméz, 2004: fichas CR/CS/0016, CR/CS/0378).

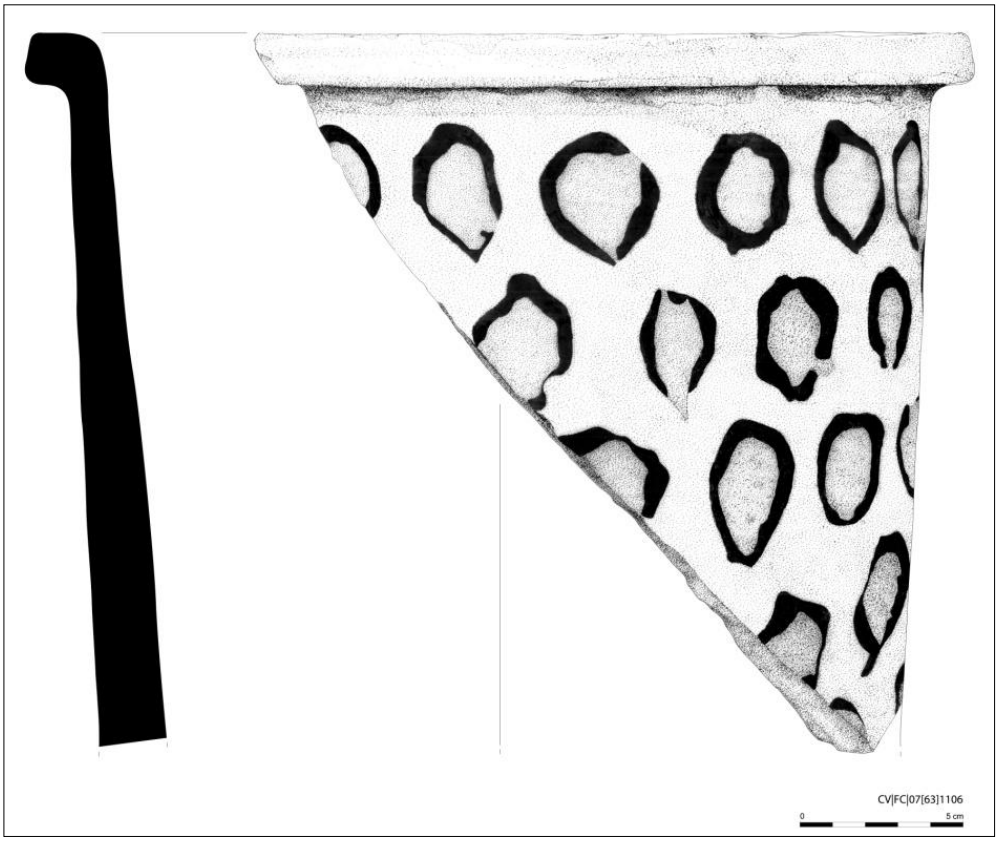


Figura 79: Largo da Fortaleza. Vaso cilíndrico decorado em corda seca total.
CV/FC/07/1106 (ue63). Ø boca 250mm (CC/TB).

Foi ainda identificado um pequeno vaso de forma oval e base ligeiramente plana com superfícies interiores muito friccionadas (Figura 80). De pasta alaranjada e paredes alisadas, estas tinham espessura variável entre 100 e 250 mm. Bazzana, Bedia e Montmessin (2005: 305) alvitraram que estes recipientes de paredes fortes quase verticais poderiam ter sido utilizados para plantar manjericão ou outra planta com uso culinário. Provavelmente estavam colocados em suportes perto do espaço de cozinha.

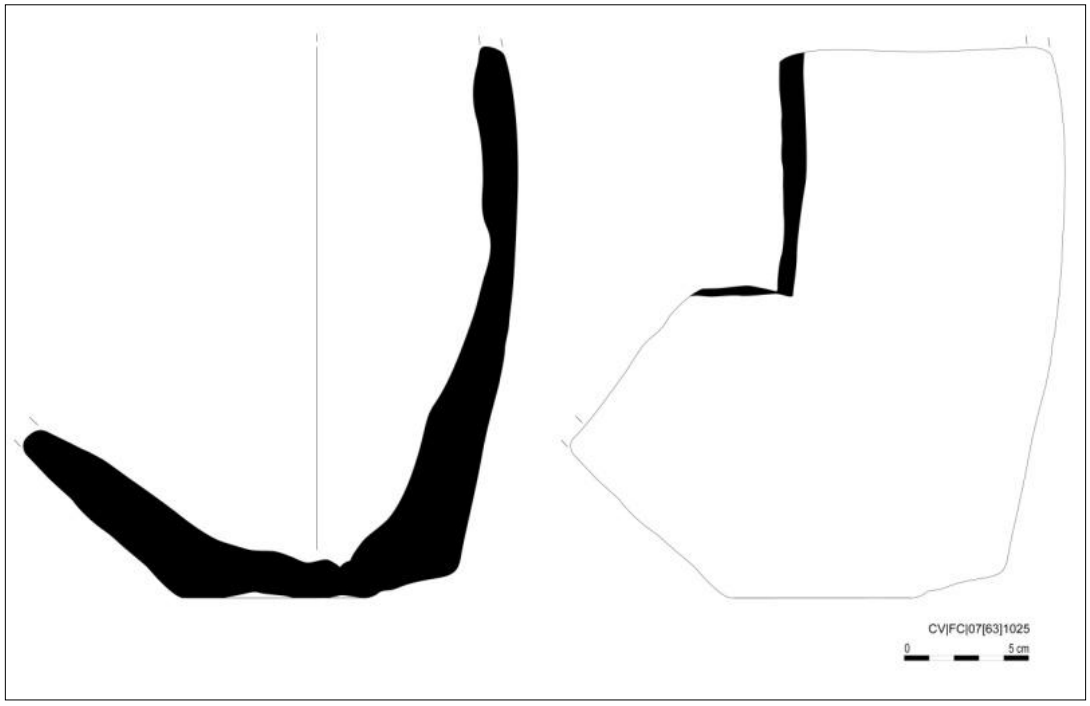


Figura 80: Largo da Fortaleza. Pequeno vaso de pasta alaranjada alisada (ue63).
Ø base 60mm. Alt. 230mm (CC).

A trípode de pasta alaranjada clara e superfícies pintadas de côr branca tinha decoração em aplicações plásticas verticais

Figura 81). Este tipo de peças poderia ir à mesa e ter a função de manter os alimentos quentes durante a refeição (Lafuente, 2003: 283).

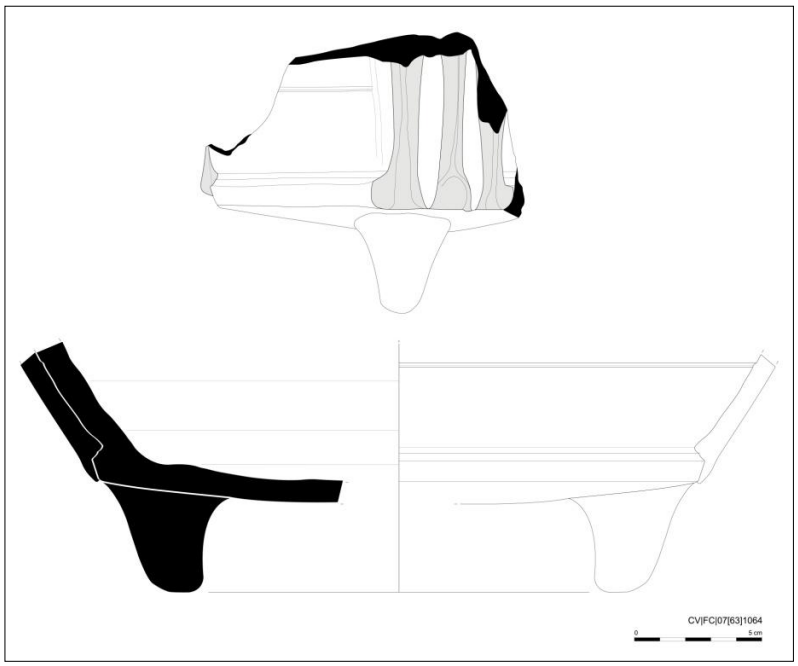


Figura 81: Largo da Fortaleza. Trípode de pasta alaranjada clara com três aplicações plásticas verticais (ue63). Ø base 200mm (CC).

Foram identificadas quatro miniaturas nos achados do Largo da Fortaleza: uma miniatura de jarra de pasta alaranjada clara com superfícies pintadas de côr branca; outra miniatura de jarra de pasta alaranjada e superfícies alisadas; um pequeno jarro de pasta branca e engobe branco com pingos de vidrado verde. O recipiente de essências aromáticas encontrava-se completo (Figura 82). De pasta alaranjada clara e engobe branco das superfícies, bojo decorado em caneluras esta peça representa o primor do trabalho das oficinas locais.

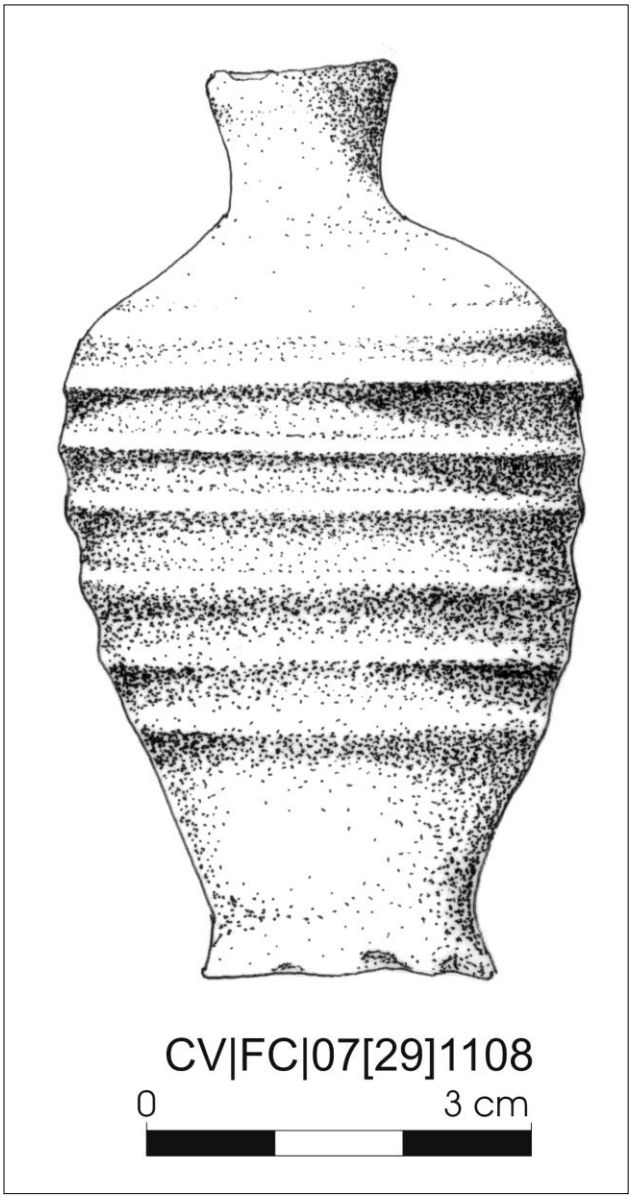


Figura 82: Largo da Fortaleza. Miniatura de pote.
Alt: 71mm. Ø boca: 13mm (CC/TB).

4.7- Arqueologia no Baluarte Sudoeste

4.7.1 Sequências estratigráficas e estruturas

O estudo sintético desta intervenção arqueológica foi apresentado no 3º Encontro de Arqueologia do Algarve (Garcia, Macedo e Lobo, 2006). No presente capítulo faremos uma síntese das sequências estratigráficas, análise de estruturas e materiais cerâmicos e reconstituição da fortaleza quinhentista.

Esta sondagem revelou um elevado interesse histórico porque permitiu comprovar a existência da fortificação representada na planta do engenheiro Alexandre Massaii de 1621 (Guedes, 1988). Sob esta estrutura, surgiu uma pequena fossa parcialmente escavada que continha materiais de época almóada.

A sondagem arqueológica foi delimitada entre uma árvore de borracha de grande porte, *Ficcus robusta* a nascente, um espaço ajardinado a poente e o pavimento de grandes lajes de calcário a sul (Figura 83).

Figura 83: Vista geral da sondagem realizada no Baluarte Sudoeste, 2004.

Inicialmente foram removidos os pavimentos de lajes ue1_01 e de calhaus semi-angulosos ue1_02 e as camadas de assentamento, ue1_03, 1_04 e 1_05.

Surgiram duas canalizaçõesmodernas que atravessavam a sondagem, ue1_08 e 1_11, pelo que a escavação continuou a norte e sul das mesmas.

Sob estes níveis surgiu um muro resistente de alvenaria de calcário com 190 cm de largura, E10 (Figura 85). Esta muralha tinha um alinhamento aproximado este-oeste. A sua face norte estava revestida com reboco de cal.

Figura 85: Baluarte sudoeste, 2004. Muralha E10 e ligação ao torreão E12.

Alargando a escavação para poente, surgiu uma massa compacta de alvenaria com dimensão aproximada de 6,30 x 3,70 m, a E12 (Figura 86). Esta estrutura de forma quadrangular estava ligada ao muro E10. Para sul desta estrutura, verificou-se que o aterro do século XVIII era composto por terra amarela de fácies siltosa com restos de materiais de construção e fragmentos cerâmicos medievais e modernos, a ue1_29.

Figura 84

Cacela-a-Velha

Baluarte Sudoeste - 2004

Muralha e torreão da fortaleza do século XVI

Pavimento de tijoleiras e seixos do século XVI

0 3m

Figura 86: Baluarte sudoeste, 2004. Torreão E12.

Encostavam à face norte da muralha E10, níveis de aterro, as ue1_07, 1_09. A ue1_07 era uma camada de desagregação de elementos argamassados com saibro, terras de cor cinzenta fina e caliço. A ue1_09 era composta por terras de cor parda a ligeiramente alaranjadas, com pedras miúdas e cascalho, pequenos fragmentos cerâmicos e alguns carvões.

Sob estas camadas, surgiram dois troços de pavimentos em conexão, um de tijolos dispostos em espinha, ue1_12 e outro de seixos, ue1_ 13 (Figura 87). Ao mesmo nível dos pavimentos, foi identificada uma camada de abandono com materiais medievais e modernos e vestígios de ter sido revolvida, a ue1_15. Sob este nível, surgiu outra camada de abandono, constituída por terra de fácies limosa e côr castanha escuro, com materiais cerâmicos medievais e modernos, a ue1_16. Esta camada assenta sobre a ue23, camada siltosa castanho esverdeada. Na ue23 foi escavada uma pequena fossa, a ue1_21. Estava preenchida com terra castanha escura, fragmentos de cerâmica doméstica, carvões, fauna e malacologia, ue1_30. Ao lado desta possível lixeira encontrava-se uma zona de combustão, a ue1_22. Entre os materiais cerâmicos

recolhidos, encontravam-se fragmentos de cronologia almóada e moderna. Não foi possível escavar integralmente estas duas unidades estratigráficas.

Figura 87: Baluarte sudoeste, 2004. Vista dos pavimentos ue1_12 e 13. À esquerda localizavam-se as ue1_21, 22 e 23. A muralha E10 aflora no lado direito.

Na limpeza dos perfis foram registadas ainda as camadas de assentamento da fortificação setecentista, formadas por aparelhos de alvenaria de blocos calcários alinhados.

Assim, o pavimento de seixo e tijolo de cronologia quinhentista, pode corresponder às "logias", arcadas abertas situadas sob casas de sobrado, pertencentes à Ordem. Estas casas estavam encostadas à muralha do castelo (Figura 115**Erro! A origem da referência não foi encontrada.**). A planta de Massaii mostra uma fortificação de planta quadrangular e torreões nos cantos (Cavaco, 1987: 276-277; 1990: 64). Esta situação foi confirmada pela Arqueologia que pôs a descoberto parte da muralha marítima e torreão sudoeste.

4.7.2 Cerâmicas

Foram recolhidos 104 fragmentos cerâmicos no decorrer da intervenção arqueológica neste sector.

O nível de aterro setecentista ue29 continha alguns materiais de cronologia almóada como tigelas de vidrado melado, fragmentos de pasta clara com caneluras que poderão corresponder a cântaros e uma boca de jarrinha.

O nível de abandono ue16, com materiais de época moderna tinha registo de louça de cozinha e armazenamento, como asas de panelas, alguidar e cântaros.

A pequena área escavada da ue21 continha unicamente materiais cerâmicos almóadas como jarrinhas de pasta branca pintadas, tigelas, caçoilas, panelas, bordo de alguidar e bordos e asas de cântaros.

4.8- Cemitério Antigo e sector Oeste

4.8.1 Sequências estratigráficas e estruturas

O Cemitério Antigo localiza-se no extremo poente da antiga povoação de Cacela-a-Velha. Delimitado por muro de alvenaria caiado é um espaço de planta rectangular com orientação norte-sul. No canto sudoeste situa-se um ossário composto por duas paredes colocadas em ângulo, construídas em fiadas de argamassa intercaladas com crânios e ossos longos, conjunto em avançado estado de ruína. Subsiste uma arca tumular encaixada na parte central da parede oeste com lápide funerária de José Gil Cardeira datada de 1850 (Figura 88). Este cemitério público foi criado por determinação do Decreto do Ministro do Reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, em 1835, reforçado pelo Decreto de 1844 emitido por António Bernardo da Costa Cabral. Estes diplomas decretavam a proibição de fazer enterramentos no interior das igrejas, declaravam a obrigatoriedade de construir cemitérios públicos em todas as povoações do país e os rituais e regras dos enterramentos. A sepultura, do extravagante proprietário rural José Gil Cardeira, poderá ser indicadora da data de inauguração deste espaço.

Figura 88: Jazigo de José Gil Cardeira de 1850 no Cemitério Antigo.

As sondagens arqueológicas foram realizadas sob a responsabilidade de Susana Gómez, Alicia Candón e a signatária em 1998. Foram abertas duas quadrículas de dois metros de lado, A e B. Foram removidas as camadas superficiais, ue8_00 e 01. A camada ue8_02 correspondia ao uso funerário do espaço, composto por terra castanha escura com elevado número de enterramentos. Tratava-se de inumações individuais, em decúbito dorsal, no interior de caixões em avançado estado de decomposição. Os caixões sobrepunham-se uns aos outros sem orientação uniforme. Entre os enterramentos depositavam-se blocos calcários. Foram identificados restos de mantos mortuários, vestuário, madeira e ferragens.

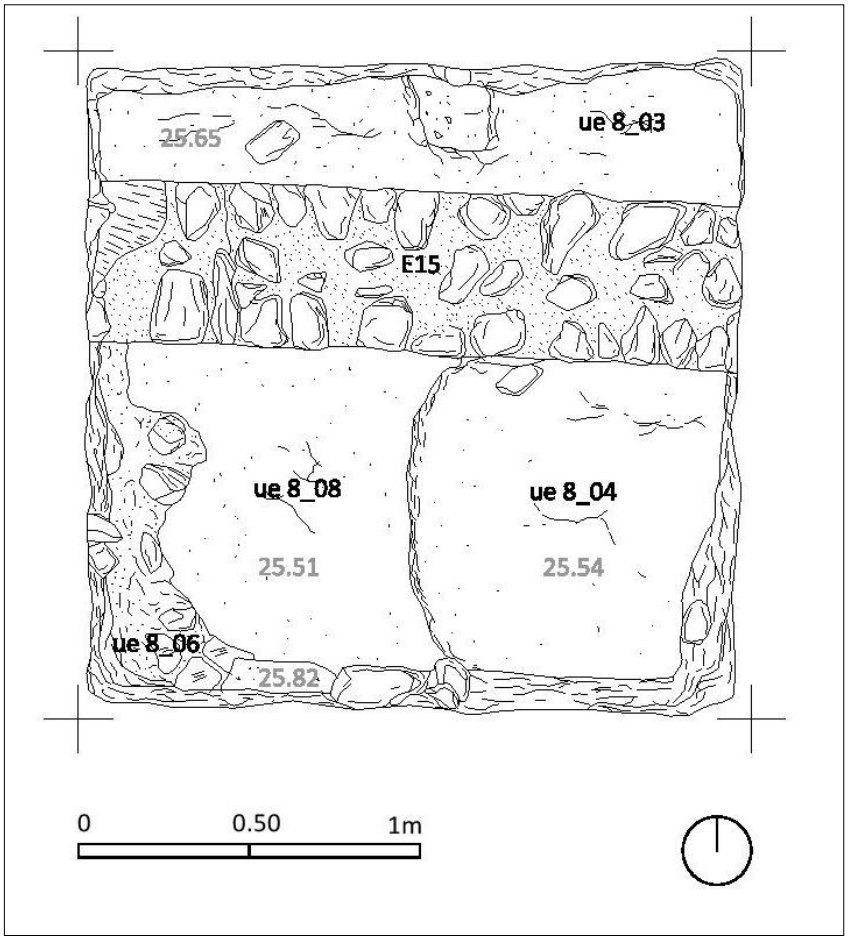


Figura 89: Escavação da quadrícula A. Cemitério Antigo, 1998.

A escavação continuou na quadrícula A (Figura 89; Figura 90). Sob os níveis de uso funerário, estava depositada a ue8_03, uma camada de terra argilosa castanha clara, que envolvia um muro, E15. Este muro, de blocos calcários unidos por terra argilosa, estava orientado no sentido este-oeste e tinha 45 cm de espessura. A sul do muro, foram identificados dois derrubes de blocos, telhas, cerâmicas e alguns carvões, envolvidos pela ue8_03, ue8_03A e B. Sob estes derrubes localizava-se uma lixeira com cerâmicas, fauna e carvões, ue8_05. Removido este nível, surgiu novo derrube de telhas, pedras, cerâmicas e poucos carvões, ue8_06, que assentava sobre camada de terra e pedaços de argamassa, ue8_07. Sob este nível, surgiu uma fina camada de terra castanha com vários fragmentos cerâmicos queimados, a ue8_04. Esta camada estava depositada sobre possível pavimento, constituído por terra compacta com forte proporção de argamassa, ue8_08. A norte do muro E15 foi possível remover a ue8_03 e atingir uma camada semelhante a ue8_07. A exiguidade do espaço impediu o aprofundamento dos trabalhos neste sector. Por questões de calendarização dos

trabalhos, não foi possível alargar a área de escavação, tendo-se sido interrompida a actividade arqueológica.

Figura 90: Quadrícula A no final da intervenção. Cemitério Antigo, 1998.

A fachada oeste do cemitério assentava numa estrutura com maior espessura, indiciando o aproveitamento de uma construção pré-existente (Figura 91).

Figura 91: Fachada oeste do Cemitério Antigo. Fonte: J.C. Padrão, 1967

4.8.2 Cerâmicas

As cerâmicas foram recolhidas quase na totalidade na camada 3 da sondagem A, realizada no Cemitério Antigo. Exceptuam-se 13 fragmentos da camada 3 da sondagem B e um fragmento da camada 4 da sondagem A. No total o acervo do Cemitério Antigo compunha-se de 261 fragmentos. Este conjunto caracterizava-se por ser maioritariamente cerâmica de cozinha, predominando fragmentos de pastas alaranjadas e alisadas com intensas marcas de fogo. As panelas apresentavam por vezes aguadas de côr cinzenta e pinturas de côr branca (

Figura 92). Muitas tinham pança com caneluras. Existiam em maior quantidade as peças de colo cilíndrico curto e corpo globular (variante 1).

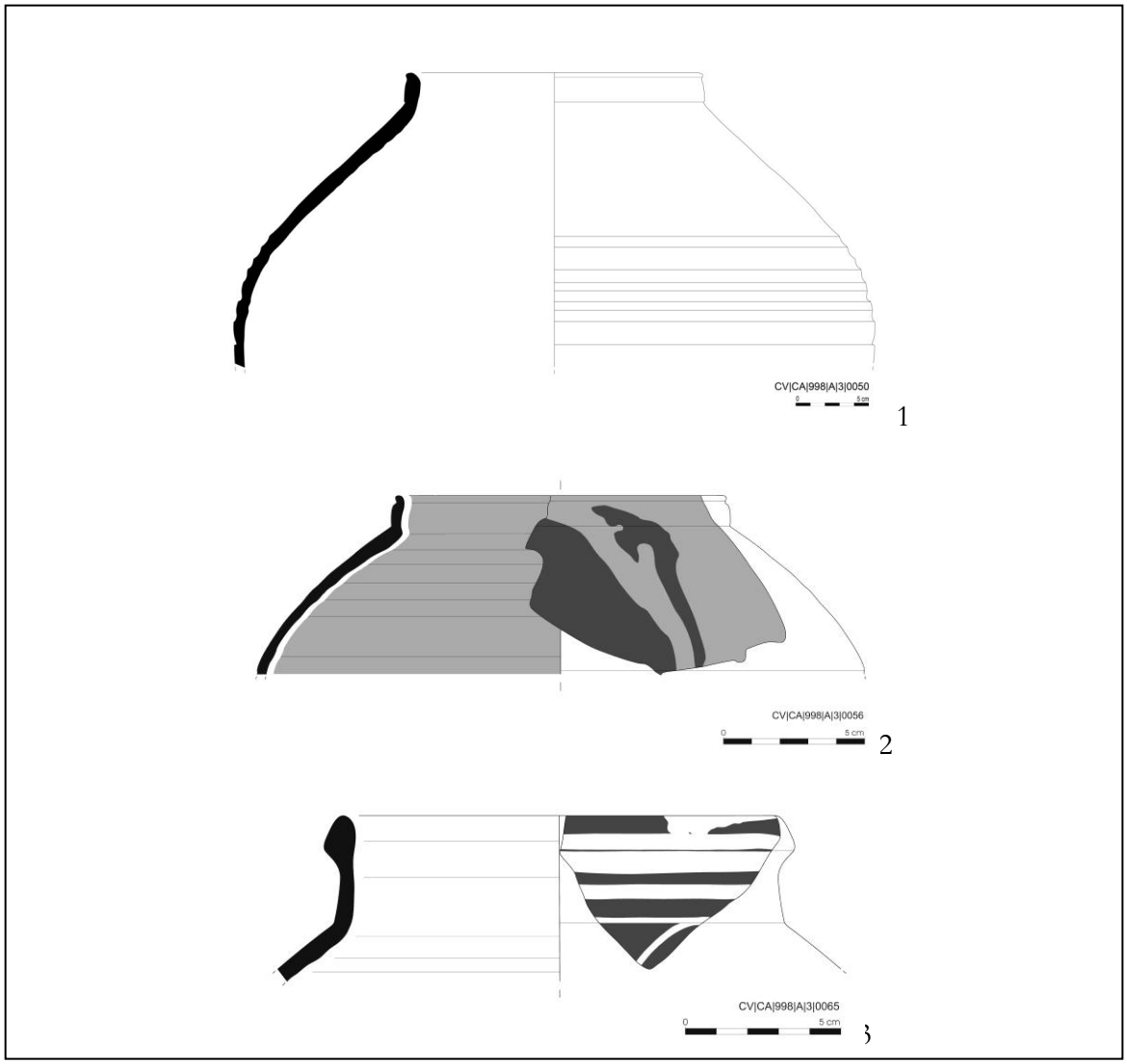


Figura 92: Cemitério Antigo, 1998. 1-Panela de pasta avermelhada decorada com caneluras (variante 1). Ø boca 190mm (CC). 2-Panela de pasta avermelhada com interior vidradomelado e escorrimento no exterior (variante 1). Ø boca 106mm (CC). 3- Panela de pasta avermelhada e decoração de côr branca (variante 1). Ø boca 138mm (CC).

As caçoilas de pasta alaranjada e alisamento das superfícies podem apresentar superfícies com aguada de côr cinzenta. Foi possível identificar a forma hemisférica, que se enquadra na variante 4.

As jarrinhas e cântaros marcavam igualmente presença, as primeiras de pastas alaranjadas e claras ou paredes finas e os segundos de pastas claras com caneluras, sugerindo a variante 3 da tipologia.

Foram recolhidos alguns exemplares de alguidares de pasta alaranjada com cordão inciso no bordo e superfícies com engobe branco. E tigelas carenadas de vidrado melado, assim como vários vidrados de forma indeterminada de tons melados, castanho esverdeado e verde. Foram identificadas malgas, testo e talhas.

O pequeno fragmento de talha vidrada CV/CA/98/49 (Figura 93) enriquece a tipologia cacelense, pela sua decoração requintada com representação da planta de lotus simulando movimento. Esta peça encontra forte semelhança com fragmento descoberto em Algeciras e paralelo com exemplar de Silves (Torremocha e Oliva, 2002: 130; Gomes, 2003: 258).

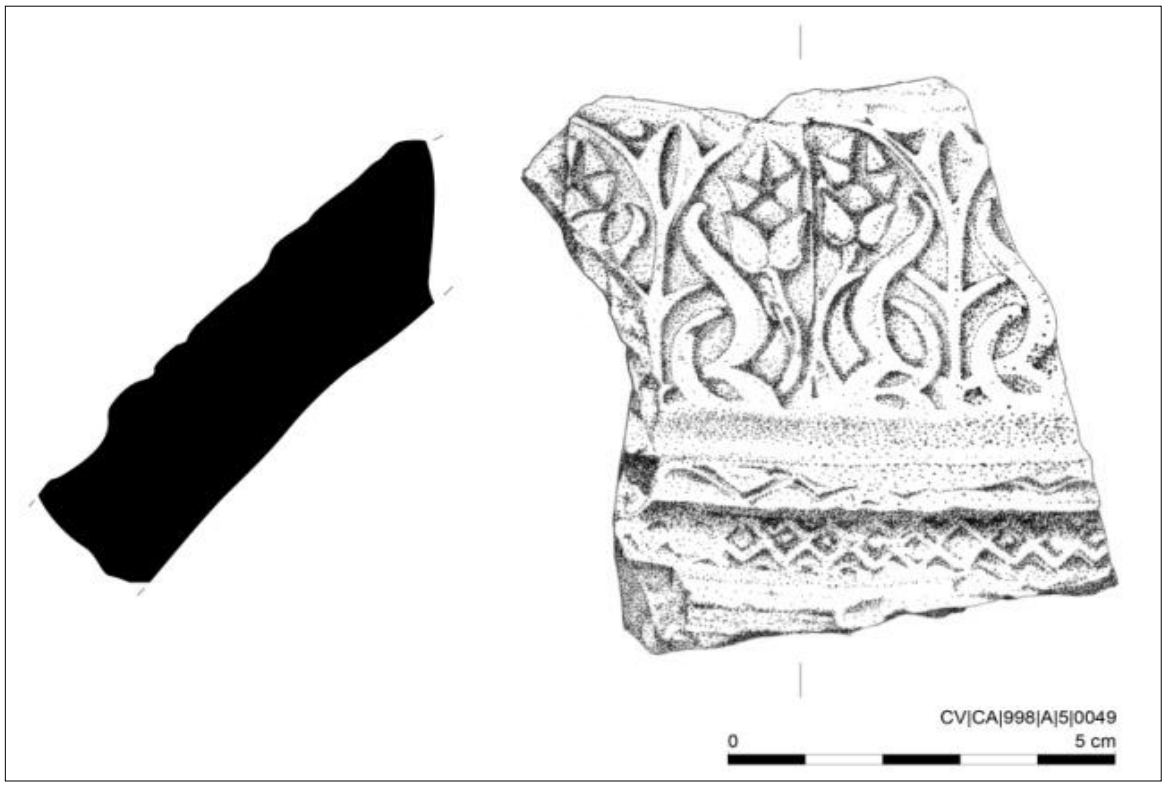


Figura 93: Talha de pasta branca vidrada de verde e estampilhada.
Ref. CV/CA/98/49 (CC/TB). Cemitério Antigo, 1998.

4.9- Sector Nascente

Cacela-a-Velha encontra-se delimitada a nascente por fachada lateral da fortaleza e por uma parede de taipa (Figura 94). Nos anos de 2001/2002, no âmbito do projecto de reabilitação da muralha nascente de taipa, coordenado pelo Arquitecto José Alegria, foi feito o acompanhamento arqueológico daquela obra (Garcia, 2001).

Figura 94: Zona nascente de Cacela-a-Velha antes da intervenção de restauro e reabilitação, 1998.

A parede de taipa assentava num embasamento de alvenaria rebocada e rematada por uma fiada de tijolos, a E14 (Figura 95). Este muro foi construído em fiadas regulares de pedras lavradas com utilização de alguns fustes de coluna. Desconhece-se se a taipa foi feita à face do murete ou um pouco mais recuada. O torreão da fortaleza setecentista sobrepõe-se à estrutura de taipa e do muro de alvenaria.

Figura 95: Aparelho de pedra sob o embasamento da estrutura em taipa do século XVI. Muralha nascente, 2000.

A parede de taipa era constituída por 5 fiadas com as seguintes larguras de taipal (de baixo para cima): 1ª- indeterminada; 2ª- 70 cm; 3ª- 80 cm; 4ª- 77 cm; 5ª- estava cortada pela implantação do murete. A análise petrográfica e microscópica desta taipa foram realizadas pela firma Oz, Ldª (Mesquita e Soares, 1999). A taipa tinha côr cinzenta clara e acastanhada e grãos de areia com dimensões até 3mm, distribuídos de forma homogénea. Continha ainda fragmentos de rocha com dimensões até 10mm e fragmentos de concha e de tijolo com dimensões até 20x30mm. A micro-análise revelou uma constituição de arenitos porosos (com dimensão máxima até 1,5 mm), fragmentos de rocha quartzítica (com diâmetro aproximado até 10 mm), conchas calcárias e fragmentos cerâmicos (cujo diâmetro máximo ronda os 20/30 mm). Verificou-se ainda que a argamassa incluía ainda algumas *tesselae*. As areias tinham inclusão de restos de malacofauna, deduzindo-se que poderiam ser areias marinhas. Foram ainda detectados fragmentos de madeira queimada ou de carvão com dimensões 1x5 mm, que poderão estar relacionados com a preparação da cal. A pasta de ligante de cal incluía grânulos de cal não dissolvidos (dimensões até 2,5 x 5 mm) e continha elevada quantidade de pequenas impurezas, que provavelmente seriam argila. Verificou-se que a areia tinha boa adesão à pasta (Mesquita e Soares, 1999). A muralha apresentava um revestimento de salitre em alguns pontos, indiciando que a água utilizada para fazer a argamassa era salgada. Eram visíveis os buracos dos taipais na parede.

Através do método da contagem dos pontos, foi estimada a seguinte composição em percentagem da taipa: 37,2% de agregados, 52,1% de ligante de cal e 10,7% de porosidade (Mesquita e Soares, 1999). Esta taipa apresentava uma composição semelhante aos troços de taipa localizados na parte posterior do murete sul, junto da igreja.

Figura 96: Calçada localizada sob o muro de taipa. Muralha nascente, 2000.

Foram retirados para análise fragmentos cerâmicos que se encontravam incrustados na taipa. Estas cerâmicas correspondiam a três caçoilas, uma base vidrada de côr castanha escura, dois bordos vidrados melados e uma faiança. Correspondiam a peças de cronologia tardo-medieval e moderna. Assim, a construção desta taipa deverá ter ocorrido entre os séculos XV e XVII, sendo anterior à reedificação da fortaleza de Cacela no século XVIII.

Sob esta estrutura foi identificada uma calçada em calcário rolado, ue15, que circundava a parede de taipa (Figura 96). Na face poente, a taipa encostava a uma parede de alvenaria (Figura 97). Esta parede suportou ainda a construção de uma calçada em degraus. Esta calçada e o pavimento de seixos aparentam ser o caminho de ligação entre o castelo e o Poço Antigo. Nesta plataforma foram ainda identificados restos de muros de alvenaria e um tanque, definido pelos muros ue4, 8 e 10 (Figura 36).

Figura 97: Caminho e escadaria de acesso ao Castelo, separados por parede de taipa. Visível provável encaixe de portão. Muralha nascente, 2001.

A fachada lateral da fortaleza é composta por três partes articuladas entre si (Figura 98; Figura 99; Figura 100):

1) O baluarte construído na segunda metade do século XVIII;
2) O corpo da fortaleza assenta em embasamento de alvenaria em degraus. O troço norte do corpo apresenta aparelho antigo de pedras aparelhadas associado a estrutura de taipa de época moderna que vedou uma entrada lateral (Figura 101);
3) O torreão de planta aproximadamente quadrangular sobrepõe-se a muros antigos.

Figura 98: Muralha nascente, 2004. Embasamento do corpo da fortaleza, identificando-se quatro degraus.

Figura 99: Muralha nascente, 2004. Detalhe do aparelho pétreo e troço de taipa situados no flanco oriental da fortaleza.

Figura 100: Muralha nascente, 2004. Porta lateral da fortaleza entaipada.

Figura 101: Muralha nascente, 2004. Porta lateral da fortaleza vista do interior.

4.10- Muralha sul

O muro de alvenaria que delimita o lado sul da povoação assenta na borda de falésia. A falésia apresenta aproximadamente uma inclinação entre 35º e 40º. Esta formação de siltes glauconíticos da idade miocénica tem sido sujeita a uma acção persistente e danificadora dos agentes meteóricos.

Uma fenda localizada na zona poente do muro permitiu identificar na sua parte posterior um muro de taipa de constituição semelhante à taipa existente no muro do sector nascente (Mesquita e Soares, 1999). A existência de vazios na alvenaria permitiu verificar a sua existência e recolher amostras para análise petrográfica.

Durante a obra de drenagem do topo da falésia executada em 1997 pelo Parque Natural da Ria Formosa (PNRF), foi identificado um fragmento de pavimento antigo de seixos de construção semelhante ao pavimento encontrado no sector nascente (Figura 102). A moldura do pavimento era paralela à fachada sul da igreja. Este alinhamento e orientação da moldura coincidem com o desenho de Massaii. O traço grosso com que Massaii marcou o limite da arriba entre o torreão do castelo e o caminho que conduzia ao poço de água doce na praia tinha esta orientação. Este alinhamento poderá ter utilizado a base islâmica pré-existente.

Figura 102: Pavimento de seixos com moldura encontrada no decorrer da obra de drenagem realizada na falésia em 1998.

Na arriba foram identificados grandes blocos argamassados, aparentando ser contrafortes e restos de muralhas que pertenceram à fortificação medieval (Figura 4; Figura 103). Pode verificar-se que alguns deles mantinham a sua posição original, com base de assentamento na cota 20. A arriba aparentava ter uma segunda linha de muralha em cota inferior. Infelizmente, a inclinação acentuada do talude impossibilitou o desenvolvimento de trabalhos arqueológicos.

Uma acção de voluntariado promovida pela associação local ADRIP[39] de plantação de espécies autóctones com o objectivo de travar a erosão da arriba, permitiu recolher junto dos blocos argamassados cerâmicas de cronologia almóada, tais como vidrados melados e verdes estampilhados.

Figura 103: Arriba sul de Cacela-a-Velha, sendo visível alguns blocos argamassados e troço de muro junto da fachada sul do baluarte, 1998.

A limpeza da vegetação permitiu identificar um torreão de forma semi-circular adossado à muralha (Figura 22), do qual se falará adiante.

[39] A limpeza e plantação da arriba em 1997 puseram a descoberto as estruturas e alguns materiais, informação que foi registada em planta topográfica. Deve-se a Teresa Patrício, responsável por esta louvável iniciativa, o facto de ter identificado o que lhe pareceu ter valor histórico e ter contactado o PNRF.

4.11- Muralha Norte

As intervenções arqueológicas junto da muralha norte foram realizadas no âmbito de processos de licenciamento de construção de duas moradias em Cacela-a-Velha entre 2004 e 2009. Foram dirigidas por Pedro Aldana, Alexandre Valinho, João Marques e Sara Almeida, arqueólogos da empresa Palimpsesto[40] (Figura 4).

Este sector deve a designação à existência de uma estrutura forte de alvenaria antiga que delimita a povoação a norte (Figura 104; Figura 105). A esta muralha foram adossadas duas casas de habitação construídas nas décadas de 1950-1960. José Garcia Domingues (1956) considerou-a parte da muralha romana.

Figura 104: Muralha nordeste de Cacela-a-Velha. Fonte: J. C. Padrão, 1967.

[40] Agradecemos aos colegas da empresa Palimpsesto a amabilidade de cedência dos relatórios de escavação e as informações concedidas sobre os trabalhos realizados, elementos que constituem a base da presente análise.

Figura 105: Muralha noroeste de Cacela-a-Velha. Fonte: J. C. Padrão, 1967.

A argamassa desta estrutura tinha côr cinzenta clara e acastanhada e era constituída por grãos de areia com dimensões até 2mm, distribuídos de forma homogénea. A areia era constituída por quartzo, grãos de areia escura e fragmentos de conchas calcárias. Fragmentos de tijolo com dimensões inferiores a 2mm eram observáveis em reduzida quantidade (Mesquita e Soares, 1999).

As escavações arqueológicas realizadas em 2004 puseram a descoberto a continuidade desta muralha para nascente (Figura 107). É uma estrutura com orientação este-oeste com 200 cm de largura e 120 cm de altura, que denominamos E13. Foi construída sobre embasamento de alvenaria, que se destaca 20 cm (ue212). A sua face externa apresentava aparelho irregular de blocos de calcário de diversos tamanhos e alguns tijolos, ue203 (Figura 108). Mantinha parte do paramento com revestimento de argamassa à base de cal. O interior estava preenchido por blocos de calcário e arenitos, formando um "miolo caótico numa matriz de terras amarelas de granulometria fina e média", denominada ue206. A muralha apresentava uma reparação de taipa, mistura de terras amareladas, argamassa, pequenos elementos pétreos e fragmentos cerâmicos, a ue207 (Figura 109). A taipa estava delimitada a sul por uma estrutura espessa de argamassa com cerca de 20 cm, a ue202 (Aldana e Marques, 2004; Valinho, 2007).

Figura 106
Cacela-a-Velha
Muralha Norte 2004 - 2009

Muralha da Alcáçova. Século X - primeira metade do século XIII

Parede de taipa de época indeterminada

Construção do século XII - primeira metade do século XIII

0 3m

(adap. de Valinho, 2007; Almeida e Marques, 2010)

Figura 107: Muralha nordeste de Cacela-a-Velha. R. Gonçalves, 2007.

Figura 108: Face norte da muralha nordeste, 2004.

Figura 109: Face sul da Muralha nordeste. R. Gonçalves, 2007.

A sul da muralha E13, foram identificados dois muros em ângulo recto, ue217 e ue225 (Figura 110). Eram muros de aparelho irregular, construídos em junta seca sem revestimento. Tinham a largura aproximada de 47 cm. Aparentemente formavam dois compartimentos possivelmente da mesma construção. Foi identificado vestígio do pavimento de terra compactada com pedras de pequena dimensão, ue222. Esta camada estava depositada sobre a ue225, constituída por terras de côr castanha avermelhada compacta e saibrosa, a ue229. O muro ue217 terá cortado um muro de taipa, ue221. A norte do muro, o ultimo nível estratigráfico identificado, ue231, era uma terra castanha amarelada com cinzas e pedras de pequena dimensão. A sul da taipa, foi escavada ue228, semelhante à ue229. Os muros escavados estavam muito destruídos, restando uma ou duas fiadas da base.

Entre a muralha E13 e o muro ue225, surgiu um pequeno troço de muro semelhante aos anteriores, ue226. Alexandre Valinho (2007) interpretou este espaço entre o muro e a muralha como possível caminho de ronda. Entre os dois muros ue225 e ue226, foi identificada uma canalização construída com pedra seca que faz uma curvatura suave, ue227. Esta canalização insere-se num adarve delimitado pelos muros ue217, 225 e 226, com 80 cm de largura e 2,62 m de comprimento, que parece abrir para um arruamento mais larga.

Figura 110: Construções localizadas no interior da alcáçova. A. Valinho, 2007.

No exterior da muralha, foi posto a descoberto um muro quase destruído com 40 cm de largura aproximada, a ue213. Era uma estrutura alinhada com a muralha, de construção tosca de elementos pétreos colocados em fiada. Os vestígios postos a descoberto permitiram verificar que o muro acompanharia a muralha, pelo menos na largura do terreno. Valinho (2007) considerou esta estrutura de época posterior ao abandono da muralha islâmica.

As estruturas situadas a sul da muralha foram desmontadas e foi aprofundada a escavação. As estruturas assentavam numa camada compacta de terras siltosas amareladas misturadas com nódulos de cal e fragmentos de argamassa. O muro de taipa ue221 media de largura entre 61 e 67 cm. Assim, este muro seria uma construção anterior à implantação da habitação e via com canalização, talvez da ápoca inicial da construção da muralha islâmica de Cacela.

A escavação arqueológica continuou a nascente deste sector em 2009 (Marques e Almeida, 2010). Verificou-se o prolongamento da muralha E13, pondo a descoberto mais um troço com cerca de 1,72 m de comprimento (Figura 111). Aparentemente, a muralha termina neste ponto. Uma parede de taipa encostava e sobrepunha-se perpendicularmente à muralha ue10_4. Esta parede tinha entre 70 e 77 cm de largura e altura visível de 60 cm. Era uma taipa de mistura de terras siltosas, cal, inertes triturados e pequenos seixos. Foi possível verificar que

a parede de taipa assentava sobre uma alvenaria compacta composta por pequenas pedras, cerâmicas e argamassa de cal, ue10_12. Ao lado da muralha E13 e parede de taipa ue10_4, surgiu uma massa compacta de cal, areia, grés, calcários e cerâmicas, ue10_17. Esta massa assentava sobre um nível de terra argilosa castanha clara com pequenos elementos pétreos, cerâmica de construção e doméstica e fauna, a ue10_6. A ue10_6 assentava sobre uma terra de composição semelhante, que não foi escavada, a ue10_18. A poente da taipa foi registada uma camada de terra amarela argilosa medianamente compacta com cerâmica, elementos pétreos e carvões, a ue10_15, que não foi escavada.

Figura 111: Troço da muralha norte (E13), sobre a qual assentava parede de taipa (ue10_4). Visível no lado direito, o bloco de argamassa de cal (ue10_17). Fonte: Almeida e Marques, 2010: 9

Para sul desta sondagem, a cerca de 3,60 m de distância, surgiu nova estrutura de taipa, identificada como ue408a (Figura 112). Este muro com 60 cm de largura medidos e altura de 1,30 m, tinha constituição de terras siltosas, cal, inertes triturados e pequenos seixos. Tinha orientação este-oeste e encostava a novo troço, formando um L. Este troço de taipa foi denominado ue408b e era de construção semelhante ao anterior. Tinha largura entre 65 e 70 cm e altura medida de 75 cm. Era visível o embasamento em alvenaria desta estrutura. No canto formado pelas paredes de taipa, foi encontrado um poço negro que foi escavado por baixo daquelas paredes, identificado como ue416. O seu interior estava preenchido por sedimentos soltos castanhos de granulometria fina, elementos pétreos, cerâmica doméstica, vidrada, fauna e malacologia, a ue413.

Figura 112: Parede de taipa situada no sector da muralha norte (ue408 a e b). Fonte: Almeida e Marques, 2010: 32.

No canto inferior da sondagem apareceu um derrube de pequenos blocos, ue418, ao mesmo nível de uma camada de terra castanha clara argilosa, interpretada pelos arqueólogos como um possível pavimento, a ue419. A este dos muros de taipa, foram identificados um nível de derrube de argamassa, a ue411 e terras castanhas claras argilosas, ue415, que não foram escavados.

A cerca de 3,61 m a sudeste da muralha E13, foi aberta nova sondagem. Nela foi posto a descoberto uma massa compacta argamassada semelhante à ue10_17, a ue312. Este bloco argamassado aparentemente assentava sobre as ue307 e 313, que não foram escavadas. A ue307 era uma terra amarela argilosa com cerâmica e fauna. A ue313 era um nível de terras castanhas claras com blocos de argamassa e carvões.

No extremo nascente deste sector foi aberta pequena sondagem que pôs a descoberto um derrube de blocos calcários com orientação norte-sul, a ue10_210. Ao lado, foi registado um nível de terra castanha clara, a ue10_211, que não foi escavada. Sobre o derrube e ue10_211 depositava-se uma camada de terras castanhas claras pouco compactas com algum espólio cerâmico e faunístico, denominada ue10_209. Esta camada prolongava-se para leste, debaixo de um outro amontoado de pedras, denominado ue10_207. Os arqueólogos colocaram a hipótese de existir um muro de contenção sobre a ue10_207, mas a escavação arqueológica terminou neste ponto.

A cerca de 6 m a este da parede de taipa ue10_4, surgiu um muro de blocos calcários com ligante de barro, com dimensões aproximadas de 15/20 cm, denominado ue513 (Figura 113). O muro tinha 45 cm de largura e 70 cm de altura. A 50 cm de altura, o muro tinha uma fiada de tijolos em espinha, sobreposta por nova fiada de blocos calcários.

De ambos os lados do muro foram levantados níveis de derrube de telhas de canudo envolvida por terras de côr castanha clara compacta e argamassa, as ue503 (este) e 505 (oeste). Na ue503 ainda foram recuperados restos do travejamento de madeira da cobertura e neste sector a telha de canudo era mais abundante. Sob a ue503, encontrava-se um nível de terra solta vermelho-alaranjada com vestígios de madeira, que os arqueólogos recolheram para análise futura, a ue507. Esta assentava sobre uma camada argilosa castanho-avermelhada com bocados de argamassa, ue509, entrando-se depois numa terra castanha argilosa, ue512, que não foi escavada. A oeste do muro, o nível de abandono ue508, sob a ue505, era constituído por terras argilosas castanho claras com cinza, algumas telhas, cerâmica doméstica, elementos pétreos de pequena dimensão e alguma fauna. Esta camada depositava-se sobre as ue510 e 511, que integravam terras vermelhas de grés de Silves e terras amarelas argilosas, sem materiais, que não foram escavadas. A este do muro foi registado o topo da ue512, que não foi escavado.

Figura 113: Muro de pedra (ue513). Fonte: Almeida e Marques, 2010: 38

O muro ue513 apresenta semelhanças de forma e técnica construtiva com o aparelho pétreo de um edifício dos séculos XV/XVI, escavado em Silves, no bairro da Arrochela (Gomes, 2011: 20).

A abertura de pequena sondagem no extremo sul do terreno pôs a descoberto a uma altitude aproximada de 20.79, restos de um pavimento feito de argamassa de cal, que os arqueólogos atribuíram ao século XV. Foram ainda registadas várias camadas de compactação que revelavam ocupação "pós-islâmica" (Aldana e Marques, 2004: 12-13). Estes níveis de ocupação podem corresponder aos sucessivos pavimentos das Casas da Câmara, representadas por A. Massaii. De facto, estes dados arqueológicos permitem corrigir o desenho do engenheiro italiano, até porque não seria lógico as construções estarem localizadas no exterior da muralha.

Os materiais cerâmicos recolhidos nos níveis islâmicos das intervenções arqueológicas da muralha norte aparentam ser um conjunto homogéneo de cronologia almóada, com excepção de um ou dois fragmentos[41]. O conjunto publicado remete para tigelas carenadas e esféricas de vidrado melado, fragmentos de tigelas de vidrado melado com decoração em manganés (variantes 1, 3 e 4), jarrinhas (variante 1), caçoilas de aplicações plásticas verticais e carenadas (variantes 1 e 2), malgas, alguidar de bordo espessado saliente (variante 1), cântaros (variantes 2 e 4) e grandes talhas de bordo espesso e saliente (variante 1).

[41] Observação efectuada com base no poster apresentado ao X Congresso Internacional de Cerâmica Medieval do Mediterrâneo (Almeida, Valinho e Marques, 2012).

4.12- Interpretação histórico-arqueológica

A descoberta da Muralha Norte (E13) demonstrou a existência da alcáçova de Cacela-a-Velha (Figura 4). As diferentes etapas de construção e reconstrução em alvenaria e taipa verificadas na estrutura atestam a sua longevidade. Assim, Cacela integrava o conjunto de fortalezas ibéricas de origem possivelmente islâmica. No interior do alcácer existiria a residência do governador, oficiais e funcionários do poder central, a mesquita e o bairro militar. Neste espaço existiam ainda os silos, armazéns subterrâneos de bens alimentares (cereais), cobrados possivelmente aos produtores locais e que permitiam aos residentes resistir a cercos em situação de guerra.

Desconhece-se a origem da alcáçova de Cacela, mas afigura-se verosímil recuar aos períodos emiral ou califal. O achado de peças de boa execução e qualidade artística datáveis do século X, são reveladoras, em nossa opinião, da existência de uma comunidade com vivência inter-regional.

Os troços mais antigos das muralhas de Cacela serão compostos pela estrutura pétrea da muralha norte, pelo conjunto de pedras lavradas situadas no flanco oriental da fortaleza e pelo muro nascente situado sob a parede de taipa moderna. Estes troços caracterizam-se por grandes pedras lavradas onde marcam presença restos arquitéctonicos de época romana. Colocamos hipótese deste conjunto remontar ao período califal ou mesmo emiral (León, 2003: 127-150).

A topografia[42] da pequena elevação onde assentaria a alcáçova revela que a frente marítima estaria naturalmente protegida pelo acentuado declive da arriba, que dificultava o acesso a intrusos. Nos lados norte e este, a plataforma superior descia suavemente, permitindo a ligação fácil com o restante território. No flanco oeste, a plataforma sofre uma ligeira depressão[43] para elevar-se até um pequeno cerro na altitude 29. Assim, se o povoado precisaria de uma muralha robusta e alta nos sectores norte e este, mais exigente seria a defesa do lado oeste. Por isso, talvez se possa aventar a existência de uma atalaia naquele lugar. A atalaia da

[42] Na reconstituição da delimitação da alcáçova foram analisados elementos arqueológicos, topográficos, elementos arquitectónicos antigos de uso persistente e hipotéticos, assentes na informação adquirida. É um esboço, a primeira tentativa de traçar os limites. Só a realização de sondagens arqueológicas poderá clarificar várias situações, como por exemplo a entrada principal.

[43] A oeste do cemitério antigo verifica-se o abaixamento de curvas de nível, zona de linha de água pouco significativa.

18.38
20.26
26.2
26.8
14.00
19.15
21.29
25.73
23.96
25.5
25.54
25.18
15.4
2.3
5.5

Figura 114

Reconstituição da Alcáçova de Cacela-a-Velha

Séculos XII - XIII

Muralha e torreão identificados

Limite hipotético

0 10 30m

vila encontra referência na carta de foral de 1283 e naquele lugar poderia vigiar o poço da vila, presente no desenho de Massaii. Analisando as partes, verificou-se a cota aproximada de implantação da muralha norte foi 20 metros acima do nível médio do mar. O troço visível tem 32 metros de comprimento. No lado oposto, a presença de grandes blocos de alvenaria na arriba fundamentam a localização da muralha na mesma cota. Por coincidência, a nascente, o embasamento em alvenaria da estrutura moderna de taipa situa-se próximo da altitude 20. Por outro lado, a parede do Cemitério Antigo sobre estrutura forte de pedra[44], sugere o limite oeste do conjunto. De facto, verifica-se um desnível de cerca de 1 metro entre o interior, onde se localiza o troço de muro associado a níveis de abandono com restos de cerâmica doméstica islâmica e o exterior do cemitério. Com base nestes elementos, fez-se um exercício e proposta de delimitação da pequena alcáçova de Cacela.

Relativamente aos torreões, aplicamos uma medida padrão a partir dos testemunhos mais sólidos. O primeiro refere-se ao torreão defronte da igreja, que tinha em 1518 a função de campanário, conforme referido pelos visitadores da Ordem de Santiago: "outra campa que está num campanário num torreão defronte da igreja" (Cavaco, 1987: 23). Os restos deste torreão ainda eram visíveis em 1967 (Figura 23). Foram ainda considerados os torreões marítimos representados na planta de Massaii, dada a verificação arqueológica do torreão sudoeste.

No flanco oriental, existe uma porta lateral entaipada possivelmente no século XVI, ao lado do torreão nordeste da fortaleza quinhentista. Esta porta poderia denominar-se "Porta do Mar" em época islâmica. Daria acesso ao arruamento que atravessava o bairro do Poço Antigo com sentido oeste-este, conduzindo ao porto da povoação.

Simulamos ainda a localização da entrada principal da alcáçova. Ficou associada ao caminho antigo ainda em uso de acesso a Cacela-a-Velha, existente na planta de Massaii. A porta deveria ter um acesso em cotovelo e os enrocamentos ainda visíveis sugerem a presença de torreões.

No interior da alcáçova, três patamares articulados entre si, proporcionaram leituras distintas. O patamar superior, ocupado presentemente pelo Cemitério Antigo, Casa Paroquial, cisterna e Igreja, poderia corresponder ao alcácer, espaço militar e mesquita da povoação. Aqui poderiam ser desempenhadas actividades públicas ou associadas à administração do castelo e

[44] Estrutura caiada de branco, pelo que não foi possível identificar o aparelho.

seu alfoz. No patamar intermédio localizavam-se a residência senhorial e dos funcionários e os silos da comunidade. O patamar inferior seria ocupado por bairro possivelmente militar[45] e por arriba, por onde seriam escoadas águas residuais e despejados lixos domésticos.

No exterior nordeste da muralha, alguns muros (ue513, ue10_207) poderiam corresponder aos banhos, açougues ou fangas, construções referidas posteriormente no foral de Dom Dinis (Cavaco, 1983: 57).

Verificou-se a existência de estruturas possivelmente habitacionais anteriores à renovação do espaço construído no período almóada. Os muros E4 e E7 poderão corresponder a ocupação do período tardo-antigo. A sua orientação ligeiramente desviada do eixo norte-sul, a largura a sugerir uma galeria de peristilo, o tom rosáceo das paredes e o achado de *terra sigillata* apontam para uma ocupação de Cacela que pode remontar aos séculos VI/VII[46].

A implantação de novas estruturas em época islâmica, sofrendo um desvio para o sentido noroeste-sudoeste sugere a lenta reorganização do espaço edificado (Tabales, 2010: 18). No sector norte, apresentavam esta orientação os derrubes ue10_207 e ue10_210. Consideramos este conjunto a fase mais antiga islâmica das estruturas evidenciadas pelas escavações arqueológicas em Cacela.

O reforço de taipa da muralha norte e os muros de taipa presentes naquele sector poderão pertencer ao segundo momento de intervenção arquitectónica em Cacela, que poderá ter ocorrido no período das primeiras taifas ou mesmo em época almorávida.

Estes muros de taipa foram provavelmente substituídos por uma intervenção com carácter urbano no periodo almóada. Todos os sectores arqueológicos escavados continham níveis de abandono da primeira metade do século XIII.

Esta descontinuidade no casario em relação com épocas anteriores ao período almóada foi observada em Sevilha. Nesta cidade, importantes obras públicas foram executadas a partir de 1171 (Valor, 2008: 170).

O edifício residencial localizado na zona central[47], teve uma longa actividade, patente no revestimento constante das paredes e substituição de muros para alargamento de

[45] Construções situadas junto da muralha norte.
[46] Cabe agradecer a Maria Maia e Manuel Maia, colegas do Campo Arqueológico de Tavira a visita que realizaram aos trabalhos arqueológicos em 2007, a análise dos elementos e a proposta de datação, que aqui se apresenta.
[47] Construção constituída pelos muros E1, E6, E11 e E17 do Largo da Fortaleza.

compartimentos[48]. O compartimento C teve provavelmente a coloração azul nas paredes. Os muros E4 e E7, enquadrados nesta nova estrutura[49] tiveram paredes rebocadas e acabadas com pintura de côr vermelha.

A aplicação de almagre era frequente nas construções da época almóada, conferindo aos interiores domésticos tons entre o rosa e o vermelho. Assim, em Sevilha e em Mértola salientam-se vários exemplos de mistura de almagre com a argamassa de cal dos pavimentos (Valor, 2008: 108; Macías, 1996: 75). Em Niebla foram encontrados vestígios de decoração com pintura a fresco de côr vermelha aplicada sobre fina capa de cal que revestia a argamassa de cal de uma parede interior (Beltrán e Goméz, 2005: 87). Na medina de Silves, uma casa apresentava as paredes de estuque pintadas de côr vermelha escura e numa habitação localizada no arrabalde oriental da cidade, a pintura almagre nas paredes e pavimentos fundia-se com o vermelho dos arenitos da região (Gomes, 2011: 24; Gonçalves, 2009: 503). Quanto ao testemunho parietal de pintura azul, terá sido aplicado em fase anterior à pintura almagre, desconhecendo-se paralelos cronológicos para o período islâmico.

Na análise desta plataforma superior, foi identificada uma variante: foram identificados fragmentos de *terra sigillata* e *tesselae* nas camadas de abandono junto da parede E7. De facto, as ue42 e ue44 continham somente fragmentos de cronologia romana. Interpretamos estas camadas como provenientes do interior do aparelho de alvenaria E7. Este dado parece atestar a antiguidade dos muros E4 e E7.

Após a conquista do castelo pela milícia da Ordem de Santiago, as suas muralhas terão sido preservadas e mantidas. Neste sentido, foi edificada uma barbacã, muro de primeira defesa que rodeava as muralhas do castelo (Nunes, 2005: 61). Este muro mais baixo que a muralha e de pouca espessura construído no exterior da cerca e próximo desta, foi identificada com a ue213 (Figura 115).

No recinto, verificou-se o abandono e aterro das construções islâmicas. Os santiaguistas iniciaram então a construção de nova fortificação no extremo sudeste da alcáçova. As muralhas da frente marítima e flanco oriental foram reaproveitadas e ter-se-á construído os lados norte e ocidental por forma a criar um quadrilátero com torres nos cantos. Identificamos o muro E13 como um troço desta construção.

[48] Referimos a parede E3 que separava os compartimentos C e D, posteriormente sobreposta por pavimento de argamassa de cal.
[49] Observar o reboco de cal preta e areão que ligava a parede E4 a E1.

A construção da torre de menagem do castelo de Mértola estava concluída em 1292. Nesta altura, Mértola foi a primeira sede nacional da ordem de Santiago, sendo o seu mestre, João Fernandes (Torres *et al*, 1991: 18). A questão que se coloca é de que forma seria feita a gestão dos efectivos santiaguistas nas obras em curso no sudeste algarvio e Alentejo oriental, naquela época. Em Mértola, provavelmente foram utilizados como mão-de-obra combatentes muçulmanos, uma vez que a cidade foi tomada pela força. Mas como se terá conciliado esta obra com outras obras de vulto, como a construção da nova fortaleza em Cacela, é assunto que desconhecemos. Em Mértola, as obras da última década do século XIII sob iniciativa da ordem de Santiago abrangeram a construção de quatro torres quadrangulares no castelo e a construção da torre de menagem. A mesquita foi adaptada ao culto cristão e poucas alterações terá sofrido até ao século XVI, quando o comendador-mor de Mértola iniciou uma reforma geral do edifício (Boiça e Barros, 2002: 579)

Em Cacela, verifica-se que na segunda metade do século XIII terá existido o programa de construção da nova fortificação com alojamento dos militares, da igreja e casas da paróquia. Enquanto decorriam as obras, foi criado um espaço para cumprimento dos rituais religiosos, no exterior do castelo, onde antes existia o bairro islâmico portuário. Ali foi construída a primeira igreja da comenda de Cacela, da invocação de Nossa Senhora dos Mártires com cemitério adossado (Cavaco, 1987: 24, 275; cf. Cap. 6).

Este programa de obras estaria naturalmente associado ao processo de autonomização do ramo português da ordem de Santiago (Boiça e Barros, 2002: 579). Neste período, residiriam na vila de Cacela o comendador da Ordem, o pároco, uma pequena guarnição militar, almocreve ou mercador e provavelmente alguns artesãos, como padeira, peliteiro, ferreiro ou sapateiro (Cavaco, 1983: 57).

Em 1465 o comendador da Ordem, Dom Fernando pediu autorização ao irmão Dom Afonso V, para povoar a vila de Cacela, referindo que já tinha sido vila e povoação, tendo-se despovoado pelas guerras passadas e restando apenas o castelo, onde morava o comendador (Cavaco, 1983: 66).

Em 1475, o castelo de Cacela estava derrubado, de acordo com o relatório do estado das fortificações algarvias, apresentado às cortes reunidas em Évora (Guedes, 1988: 26). Uns anos mais tarde, em 1482, os visitadores da Ordem encontraram as igrejas do sotavento algarvio, incluindo Cacela, muito danificadas (Oliveira, 2008: 144).

No segundo quartel do século XVI, Cacela foi alvo de restruturação arquitectónica, envolvendo a igreja, a fortaleza e arranjo das vias. Em 1554, a igreja tinha a obra praticamente acabada e adro demarcado (Cavaco, 1987: 250). Do lado do mar, a igreja tinha pavimento de seixos calcários de côr cinzenta, demarcada por moldura de pedra. Desconhece-se a extensão da aplicação deste pavimento na Cacela quinhentista, mas vamos encontrá-lo na escadaria e caminho entre a plataforma superior e a ermida de Nossa Senhora dos Mártires. A plataforma superior foi alargada 14 metros através dos trabalhos de aterro do talude nascente. Ali, a muralha já deveria estar quase derrubada, pois foi construída parede de taipa de sustentação da área enchida de terra. Este reforço de taipa foi aplicado igualmente na arriba sul, junto da igreja.

Em 1565, os visitadores do Mestrado de Santiago viram "o castelo todo murado e a muralha reformada de novo, o qual é quadrado e tem em cada canto sua torre". Porém, o Inverno já tinha provocado o desmoronamento de uma torre do lado do mar (Cavaco, 1987: 276-277). De acordo com o desenho de Massaii, a fortificação teria 20 metros de lado (aproximadamente 10 braças) com torreões de 4,5 metros de lado, coincidindo esta medida com a fachada actual.

Dom Sebastião, em revista às fortificações marítimas algarvias no ano de 1573, terá visitado um castelo de Cacela recuperado e pronto para exercer a sua missão de vigilância e defesa do território (Serrão, 1987: 273). De facto, em 1577, Frei João de São José descrevia a vila: "tem boa fortaleza, num teso, sobranceira ao mar". Em 1600 o castelo mantinha-se "muito forte, com duas torres muito boas" (Guerreiro e Magalhães, 1983: 54, 169).

A planta da Vila de Cacela, realizada pelo engenheiro militar Alexandre Massaii entre 1617 e 1621 representa o ultimo testemunho documental antes do terramoto de 1755. A frente marítima da fortaleza encontrava-se derrubada. Massaii registou que o forte era de "pouco efeito", propondo a extinção da povoação, o desmancho da fortificação e o desvio da igreja para zona interior mais protegida, visto não existirem ali moradores, nem guarnição militar (Guedes, 1988: 152).

Da antiga alcáçova restavam "ruínas e alicerces velhos" que permitiam formar a ideia que "foi esta vila, em outro tempo, muito maior do que agora é" (Guerreiro e Magalhães, 1983: 54, 169).

Antigamente foi grande e cercada de muros, que se mandaram arrasar, e os Mouros a habitaram. Henrique Sarrão, História do Reino do Algarve, 1600 (Guerreiro e Magalhães, 1983).

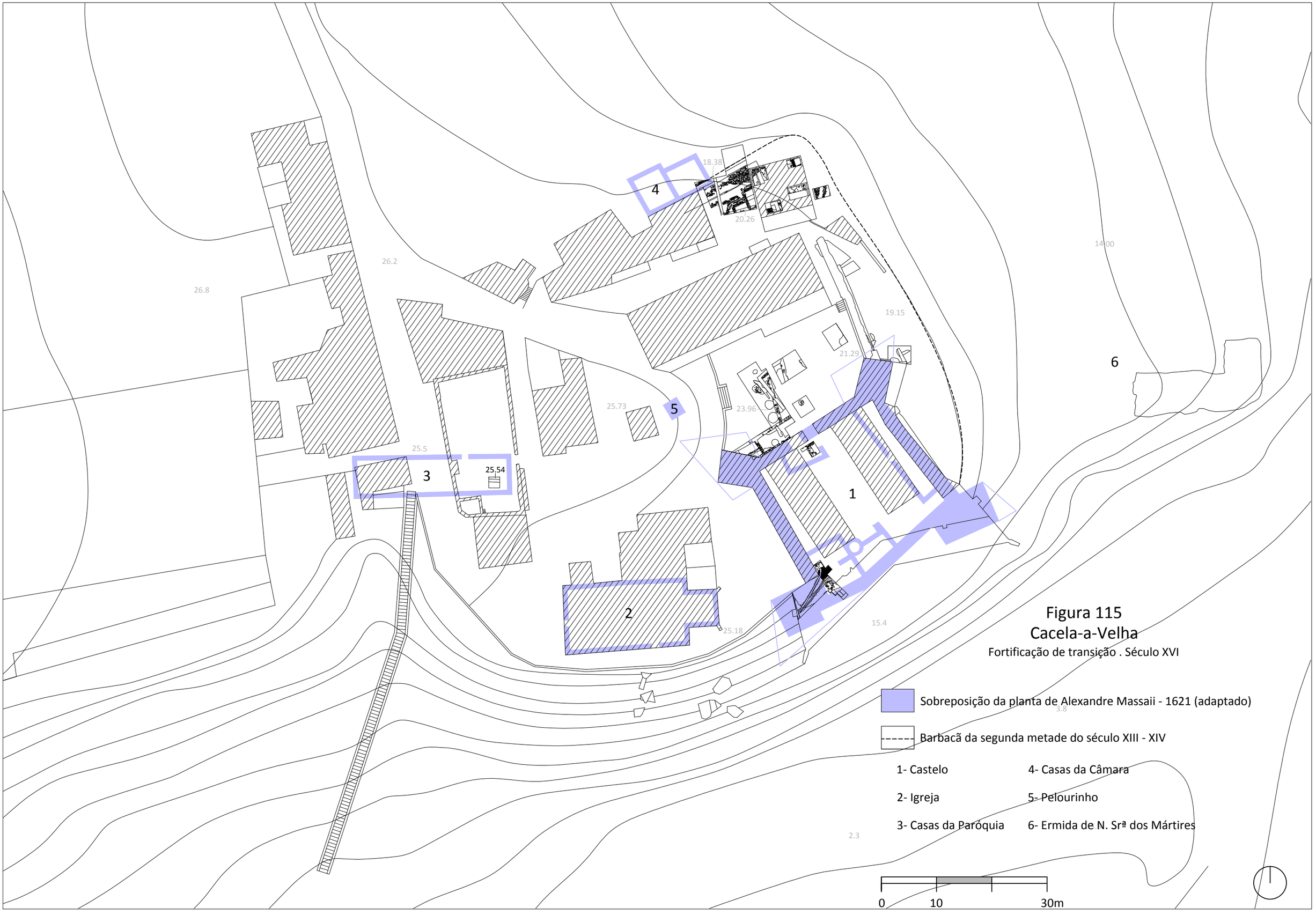


Figura 115
Cacela-a-Velha
Fortificação de transição . Século XVI

Sobreposição da planta de Alexandre Massaii - 1621 (adaptado)

Barbacã da segunda metade do século XIII - XIV

1- Castelo
2- Igreja
3- Casas da Paróquia
4- Casas da Câmara
5- Pelourinho
6- Ermida de N. Srª dos Mártires

CAPÍTULO 5
A OCUPAÇÃO EXTRA-MUROS DE CACELA: O BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO

Na vertente nascente do castelo, o sítio arqueológico do Poço Antigo situa-se em terreno agrícola, próximo da ria e na margem direita da ribeira das Hortas. O terreno tem um declive acentuado, estendendo-se entre a cota dos 20 metros, junto à muralha a poente, e a cota dos 2 metros na margem da ribeira, a nascente. A escavação arqueológica decorreu na zona jusante do terreno (Figura 4 e Figura 116). Exposto a sul, a ligação deste espaço à ria foi interrompida devido à abertura de um caminho de terra batida no século XX.

Figura 116: Escavação arqueológica do bairro do Poço Antigo junto da zona estuarina (CG, 2001).

O microtopónimo Poço Antigo advém da recolha da tradição oral junto de alguns habitantes, que referiram a existência de um poço de água doce naquele lugar. Recentemente, esta informação foi corroborada pelo achado de um poço antigo em pedra.

Este lugar assenta numa frente litoral terrestre composta por conglomerados e siltes miocénicos com predominância de siltes glauconíticos amarelo-torrados (Manupella *et al*, 1987: 29). Os solos associados a esta formação miocénica são solos calcários pardos, formados a partir de rochas calcárias, com percentagem variável de carbonatados ao longo de todo o perfil, de cores pardacentas e sem as características próprias dos barros. A sua génese é também fortemente climática, numa região de baixa pluviosidade e elevada temperatura, pelo que os solos apresentam escassa cobertura vegetal e rápida decomposição de matéria orgânica. Estes solos dispõem de uma moderada reserva mineral, constituída principalmente por feldspatos (Carta de capacidade de uso do solo, 1959: folha 50-D).

Na área da intervenção arqueológica é possível ainda verificar uma camada de sedimentos grosseiros de cor castanho-escura, cascalho e areão, depositadas ao longo da ribeira de Cacela. Segundo Ramalho (1987: 213), este episódio verifica-se após o recuo generalizado do mar, seguindo-se a "deposição de areias feldspáticas com leitos de calhaus rolados, de origem fluvial".

A escavação arqueológica do poço Antigo foi promovida pelo Parque Natural da Ria Formosa e pela Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, em parceria com o Campo Arqueológico de Mértola e o Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.[50] Foi um trabalho empolgante, que contou com elevada motivação por parte de todos os que nele participaram. Os trabalhos arqueológicos foram coordenados conjuntamente com as colegas Susana Goméz e Alicia Candón em 1998 e com Francisco Curate em 2001.

Dado que, na campanha de 2001 foram abertos três sectores e uma sondagem no terreno, distribuídos a equipas, as unidades estratigráficas foram organizadas de forma autónoma por cada sector, evitando, deste modo, a generalização eventualmente apressada de uma camada a toda a área escavada. Daí resultou o registo global de 180 unidades estratigráficas que, no início do nosso estudo arqueológico, foi necessário identificar, interpretar e agrupar. Para tal, foi elaborada uma base de dados no programa "Filemaker" que permitiu utilizar métodos

[50] Os trabalhos arqueológicos integraram o projeto comunitário financiado no âmbito do art. 10º do programa FEDER, designado Acção Piloto Portugal-Espanha-Marrocos, orientado ao nível regional pela Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

descritivos, analíticos e comparativos das características, textura, cotas, áreas de ocorrência e inter-relações das camadas.

Na abertura da Sondagem Norte foi descoberta uma depressão no terreno, que pode ter correspondido a um fosso. Situação similar ocorreu em Saltés, tendo as prospecções geofísicas indicado a presença eventual de um fosso que defendia a parte norte da ilha (Bazzana e Bedia, 2005: 55).

A análise comparativa das sequências estratigráficas conjugada com o estudo dos materiais recuperados, a leitura dos restos construtivos e as datações obtidas pelo método C14, permitiu definir os seguintes horizontes históricos neste sítio arqueológico:

Fase I: A construção e arquitectura do Bairro Islâmico (Figura 117)

Fase II: O abandono e derrocada do Bairro no final do período almóada. Primeira metade do século XIII;

Fase III: A ocupação do sítio arqueológico por areias. Meados do século XIII;

Fase IV: Nível de ocupação medieval cristã. Ermida de Nossa Senhora dos Mártires e necrópole. Segunda metade do século XIII e século XIV;

Fase V: Revolvimentos da época moderna;

Fase VI: Terras agrícolas de ocupação recente;

Relativamente à *Fase I*, fez-se a descrição arquitectónica do bairro islâmico, interpretação da funcionalidade dos espaços domésticos e técnicas de construção utilizadas na sua edificação. Experimentou-se isolar o momento final de ocupação, através da identificação de camadas directamente depositadas sobre os pavimentos das casas ou claramente associadas à construção/manutenção de estruturas. Verificou-se que este momento encontra uma representação material residual e sem expressão no contexto geral do sítio. Na generalidade são pequenos fragmentos cerâmicos ou utensílios de cozinha deixados no último momento de ocupação destas casas. As pessoas tiveram tempo para seleccionar e embalar os seus pertences antes de abandonar o local, ficando para trás os últimos testemunhos de refeições e lixo, maioritariamente recipientes de cozinha, desgastados pelo uso frequente. Assim, no âmbito do estudo tipológico e quantitativo dos materiais destas camadas, foram enquadrados no nível subsequente.

Figura 117

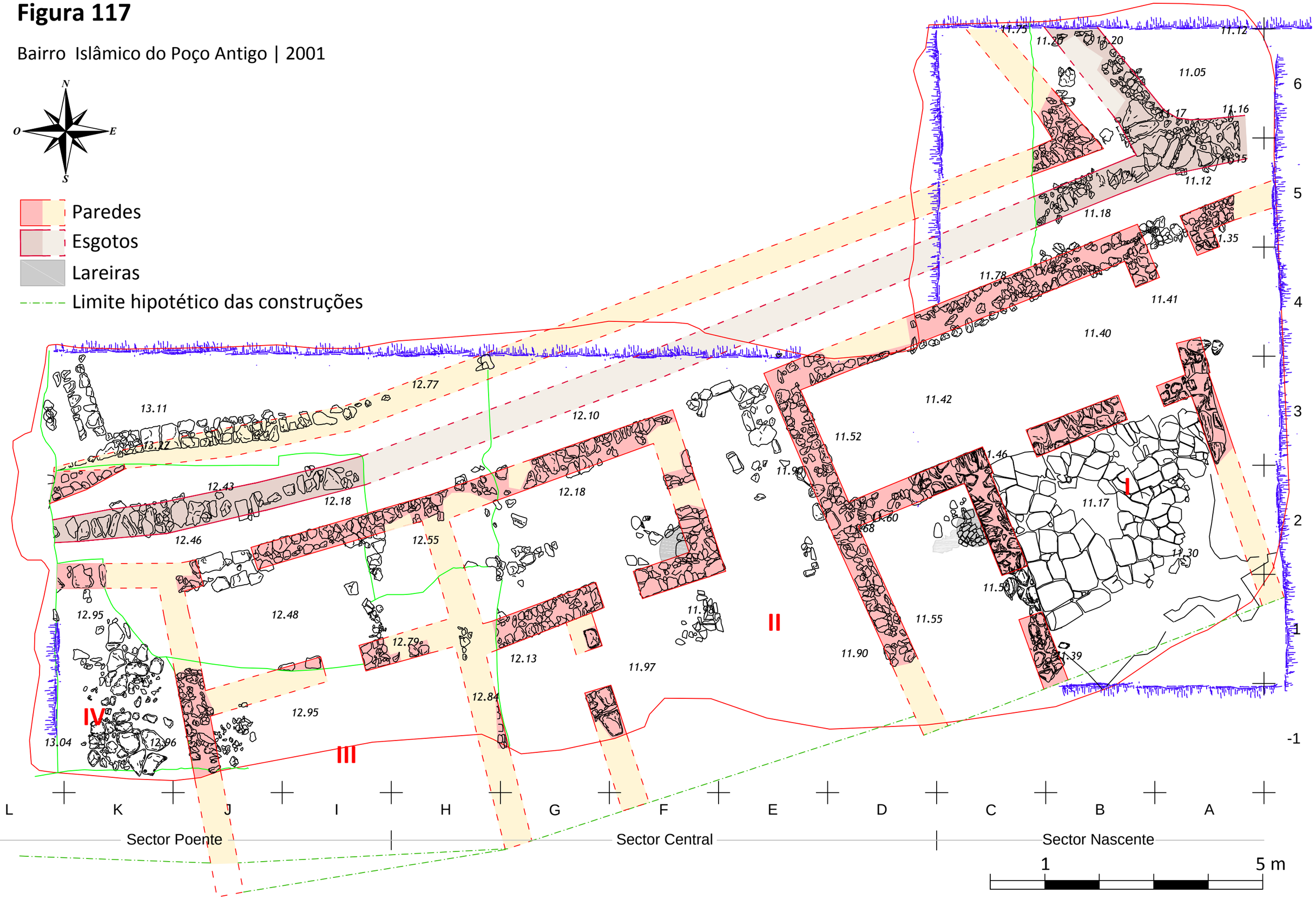
Bairro Islâmico do Poço Antigo | 2001

Paredes

Esgotos

Lareiras

Limite hipotético das construções



Na *Fase II*, verificou-se o abandono e a derrocada parcial das construções, provavelmente no período almóada final, primeira metade do século XIII. Foi analisada a estratigrafia de um momento que integrava os últimos testemunhos físicos (cerâmicas, metais) sobrepostos e envolvidos pelos derrubes de coberturas e paredes.

Na *Fase III* o sítio foi invadido por areias miocénicas que preencheram as construções ainda alçadas e cobriram as ruínas existentes, chegando a atingir 100 cm de espessura. Nestas areias foram recolhidas em quantidade, cerâmicas predominantemente almóadas e restos alimentares.

Ora, somando o processo de abandono e consequente destruição das construções no período de desordem e formação dos novos estados, a Arqueologia pôs a descoberto um conjunto de construções islâmicas com elevado nível de destruição e uma malha de unidades estratigráficas com variadíssimas perturbações.

Na *Fase IV* evidenciou-se a organização espacial dos novos senhorios, a Ordem de Santiago. O lugar foi sacralizado através de uma queimada conduzida, o que provocou o derrube das construções sobreviventes, delimitando, deste modo o novo espaço funerário cristão. Foram descobertas 56 sepulturas e 14 reduções, num total de 74 indivíduos, desconhecendo-se a dimensão real desta necrópole. As fossas das sepulturas foram abertas nas ruínas das habitações islâmicas, cortando restos de telhados, derrubes, camadas e atravessando muros. Algumas sepulturas aproveitam as pedras dos muros na delimitação das suas cabeceiras.

As *Fases V e VI* não foram alvo do presente estudo. Integram-se na *Fase V* as seguintes unidades estratigráficas: 9/98, 14/98, 28/98, 40/98, 12/SN/01, 17SC/01, 20SC/01, 62SC/01, 38SP/01, 39SP/01 e 47SP/01. As unidades estratigráficas associadas à Fase VI são as seguintes: 00SC/01, 01SC/01, 00SN/01, 01SN/01, 01SP/01 e 01/98.

Nos níveis superficiais foram encontradas três moedas: um provável dinheiro de bolhão de D. Sancho II (1123-1248), um ceitil de cobre de Dom Afonso V (1438-1481) e V Reis de cobre de D. José I com a indicação do ano de 1776. Curiosamente estas moedas representam momentos históricos relevantes para Cacela: o período de confronto entre as forças islâmica e cristã, a segunda metade do século XV, em que foram envidados esforços para evitar o despovoamento e a anulação da entidade concelhia de Cacela e sua anexação a Vila Real de Santo António no século XVIII.

5.1- A construção e a arquitectura

Do conjunto de estruturas postas a descoberto, foram identificadas três construções (Figura 117). As prováveis habitações alinhavam-se no sentido poente nascente, paralelamente à falésia a sul e delimitada a norte com arruamento. Na zona sul as fachadas foram interrompidas pelo corte de um talude do caminho de acesso à ribeira. Por sua vez, o arruamento estava delimitado a norte por restos de muros. Os dois troços do arruamento postos a descoberto receberam a denominação de Rua Nascente e Rua Poente.

As casas foram implantadas no substrato geológico escavado em plataformas desniveladas. Esta solução de adaptação em locais declivosos é comum, como se pode verificar nos povoados de Siyāsa (Navarro e Jiménez, 2007) e Yeccla (Ruiz, 2002) no território de Múrcia. Na cidade de Niebla, perante a mesma necessidade de ampliar a zona residencial em época almóada, foi adotada outra solução: numa zona perimetral da cidade com pendente moderada junto do rio, o Desembarcadero, o terreno foi aterrado e construídas plataformas delimitadas por fortes muros de alvenaria nas frentes anteriores e posteriores destes terraços, onde foram construídas as casas (Beltrán e Goméz, 2005: 84; Campos, Goméz e Perez, 2006: 145).

O embasamento das casas era constituído por muros em alvenaria assentes sobre o maciço rochoso, com a largura média de meio metro, correspondentes à medida tradicional do côvado. Os muros foram construídos com fiadas irregulares de blocos de calcário de tamanho mediano (20/30 cm de diâmetro), unidos com barro. A altura destes muros variava entre 0,50 e 1,20 metros. Os muros mais altos estão perpendiculares à maior pendente do terreno e são os elementos separadores entre as casas, como é o caso do paramento poente da casa I. A parte superior destes muros era feita de taipa.

Os pavimentos, com excepção dos pátios, eram de terra batida. No Castelo de Salir, por exemplo, os pavimentos foram feitos com maior cuidado, pequenas pedras, areão e terra batidos, sobre a qual assentava uma fina camada argilosa bem pisada (Catarino, 1997-98: 452). As soleiras entre compartimentos eram feitas normalmente com lajes de xisto. Na entrada das casas, a soleira era de pedra calcária talhada.

O registo arqueológico indica que os compartimentos, com excepção dos pátios, teriam cobertura de telha de canudo assente em massa de cal sobre caniçado depositado sobre barrotes de madeira (conforme testemunho encontrado na casa II), tradição construtiva que

perdurou até à contemporaneidade (Cavaco, 1987: 179). A existência de um barro vermelho escuro com pregos associado à camada de telhas (por exemplo, na cozinha e salão da casa I) pode indicar que em alguns compartimentos, o telhado teria uma camada de barro entre o caniço e as telhas e que os pregos podem ter servido de fixação entre estes elementos e os barrotes. De facto, neste lugar costeiro, quando o vento sopra de nortada ou de barlavento (sudoeste), levanta as telhas dos telhados, se estas não estiverem bem firmes.

As duas cozinhas foram identificadas com base na existência de lareira. As lareiras existem ao nível do pavimento, de forma ovoide ou circular, com um diâmetro que não excede os 50 cm, marcadas por fragmentos de telhas e ladeadas por pedras. Estas zonas de fogo simples radicam nas cozinhas das habitações rurais, como se pode verificar no castelo de Salir (Catarino, 1997-98: 452) e na alcaria de la Almagra (Vidal *et al*, 2008: 67).

Não existem vestígios de sistemas de captação de águas para uso doméstico. Embora o buraco existente no pátio da Casa I possa ter sido um poço, não existem provas claras da existência destas estruturas nas casas do bairro. Por outro lado, a proximidade do bairro à ribeira de Cacela facilitava o acesso à água potável. Talvez por esta razão, não foram incluídos poços no interior das casas e os habitantes abasteciam-se no rio ou em poços coletivos. Por exemplo, foi descoberto recentemente um poço próximo do bairro (a 15 metros), que pode ter sido utilizado pelos seus habitantes.[51]

Apesar de não terem sido descobertas neste conjunto latrinas ou canalizações de esgotos, não deve ser posta de parte a hipótese de que os elementos estruturais relacionados com a captação e o escoamento de esgotos possam localizar-se na zona sul destas habitações, onde possivelmente escoavam directamente para a ria.

Quanto ao momento de abandono, a casa I sofreu degradação e ruina progressiva, iniciado pelo derrube das paredes e pela queda de algumas telhas, que alternaram com depósitos de lixo e abandono até ao derrube final da cobertura. O elevado estado de ruina da casa II não permitiu recolher qualquer informação neste domínio. Já a casa III esteve abandonada algum tempo, sofrendo a deposição de camadas de abandono, até à derrocada da construção.

Passamos agora, a fazer a análise descritiva das estruturas construtivas e níveis de ocupação:

[51] Agradecemos a informação do achado a Teresa Patrício e à equipa do Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela.

Casa I

Localizada no extremo nascente, é a casa mais próxima da ribeira, de planta quadrangular, com uma área de aproximadamente 80 m^2. A fachada sul é inexistente e a fachada nascente foi ocupada pelo mato ribeirinho de piorno, deduzindo-se que nestes sectores existiriam dois compartimentos atualmente desaparecidos. Foram identificados 4 compartimentos: átrio, salão, pátio central e cozinha.

O acesso era feito pela Rua Nascente através de um vão com a largura de 1,15 m, que nos introduz no átrio da casa (Figura 118). Um pouco desviada da entrada, junto da parede (M14) apareceu uma mancha de terra amarelada compactada (ue13SN/01), que foi interpretada como taipa da parede anexa.

Figura 118: Entrada entaipada da casa I

A entrada encontra-se desalinhada com a passagem para o pátio. Estranhamente não existe separação física entre o átrio e o salão. Pode ter existido uma parede ou tabique de separação

entre os dois compartimentos, mas esses vestígios não foram identificados. A entrada encontrava-se entaipada no momento da descoberta.

O pátio é a zona central da casa. É um espaço descoberto, de planta quadrada, com 3,95 metros de lado, que se encontra na cota 11,40. O pavimento é feito de grandes lajes de calcário, xisto e grés de Silves, similar ao pátio descoberto na alcaria do Vale do Boto (Catarino, Arruda e Gonçalves, 1981), localizada na cercania de Cacela.

Apresentava um abatimento central, formando uma cavidade cheia de areia. Sobre esta areia encontravam-se depositados os restos ósseos de um indivíduo em contexto sepulcral. Possivelmente um abalo sísmico provocou o abatimento do pavimento, engolindo as ossadas e a areia.

Um fuste de coluna romana em mármore, que terá servido como banco para assento das pessoas, estava encostado ao muro da cozinha e travado com uma pedra (Figura 119). No pátio foi ainda encontrada uma boca e colo de talha almóada que poderá ter sido reutilizada para delimitar um pequeno canteiro, situação que encontra semelhanças nos achados do pátio da casa 5N de Saltés (Bazzana e Bedía, 2005: 184). O lajeado foi encontrado parcialmente selado por derrube pétreo (ue31/98) e por bolsa de terra acinzentada (ue3/98), interpretada como lixeira.

Figura 119: Pátio da casa I com fuste de coluna, colo de talha e sepultura cristã

A cozinha localizava-se na parte poente da casa e tinha acesso sensivelmente a meio do muro, pelo pátio. De planta rectangular, media aproximadamente 4,07m x 2,05m. O umbral de 0,85m de largura encontrava-se pavimentado com pequenas lajes de xisto. A parede norte apresenta uma abertura na estrutura que parece corresponder a um nicho para arrumos. No

canto norte encontrava-se a lareira (Figura 120) composta por pedaços de telhas carbonizadas dispostas em círculo (ue35/98), sensivelmente sobreelevada relativamente ao nível do solo e ao lado, um amontoado de cinzas e carvões com restos cerâmicos (ue41/98 e ue38SC/01). Era uma estrutura bastante simples, semelhante às lareiras descobertas na casa II da alcáçova de Mértola e na alcaria de La Almagra localizada nas imediações de Huelva (Macías e Torres, 1995: 170; Vidal *et al*, 2008: 67), ou às lareiras das habitações 1 e 3 do castelo de Salir no interior da serra algarvia (Catarino, 1997-98: 469-471). Terra argilosa castanha compacta ou semi-compacta com nódulos vermelhos, pedras e carvões, (ue16/98 e ue29/98) cobriam estes níveis. Num momento da escavação, foi avançado que estas camadas poderiam corresponder a pavimentos. Contudo, verificou-se a deposição vertical dos fragmentos cerâmicos e as camadas não apresentavam compactação homogénea, características não consentâneas com a presença de pavimentos.

Figura 120: Cobertura e lareira da cozinha da casa I

Este conjunto foi selado pelo abatimento do telhado e paredes (ue12/98 e ue14SC/01). O telhado de água única tinha inclinação para o pátio. As telhas da casa I apresentam decoração rectilínea nos bordos transversais.

Acede-se ao salão por duas passagens a partir do pátio e ainda através do átrio (Figura 121). Os dois vãos de ligação ao pátio têm as larguras de 0,86m e 0,71m, sendo que o arranque das ombreiras integra grandes pedras talhadas. O vão nascente foi preenchido com restos de ladrilhos e pequenas pedras. Entre o salão e o átrio existem vestígios de uma parede separadora, que foi eliminada.

Figura 121: Soleira de passagem entre o salão e o pátio. Reboco exterior da casa I.

De forma rectangular alongada, com a dimensão de 6,42m x 2,20m, o salão confina a norte com a Rua Nascente, através do muro 14. Este muro testemunha o reboco exterior das paredes em argamassa de cal com cerca de 1,5cm de espessura, aplicado diretamente na estrutura.

A parede poente tem a altura de 1,20m e foi construída com blocos colocados em fiadas horizontais e unidos com terra e cal (Figura 122).

Figura 122: Muro poente do salão da casa I

A existência de fossas no salão podem indiciar atividades polivalentes deste espaço após o abandono das actividades domésticas. De facto, foi registada uma fossa oblonga no sector poente do compartimento com enchimento superficial de areia misturada com cinzas e tijolos (ue18/98 e ue22/98), com as dimensões de 1,50m x 2,30m (Figura 123). Ao lado, no sector central, uma fossa de pouca profundidade estava preenchida com cinzas (ue20/98 e ue45/98).

O salão foi selado por forte destruição da estrutura, com o abatimento do telhado e abatimento parcial das paredes e revestimentos (ue15/98, 16SN/01, ue14SC/01, ue39SC/01 e ue52SC/01). Na zona nascente do compartimento não foram totalmente removidas uma lixeira e a fossa de cinzas. A escavação neste compartimento terminou neste ponto. A presença de carvões na terra argilosa avermelhada associada às telhas pode indicar que a cobertura seria feita com traves de madeira, sobre as quais era colocado o caniçado e aplicada uma argamassa de impermeabilização da estrutura.

A ue52SC/01, camada que ocorria principalmente na zona poente do salão, tinha algumas características que chamaram a atenção: é uma terra argilosa, semi-compacta com abundantes carvões, moluscos, telhas de meia cana e cerâmica, cascalho e blocos de barro cozido. Analisando os fragmentos cerâmicos recolhidos, verificamos que 17/47 eram elementos pertencentes a peças que continham água (ou outros líquidos).

Figura 123: Fossa oblonga e despejo de cinzas na zona central e restos queimados na zona poente do salão da Casa I

Alguns apresentavam ligeiras marcas de fogo que podem ser fruto da sua proximidade de uma zona de fogo durante o seu manuseio ou ainda consequência da destruição do edifício. Por outro lado, 15/47 fragmentos correspondem a recipientes de cozinha, todos com abundantes

marcas de uso ao fogo. Foram ainda identificados 3 fragmentos correspondentes a um alguidar. A estes elementos acresce a louça de mesa (7 exemplares) e os indeterminados.

Pela análise conjugada dos dados arqueológicos referidos, adiantamos a hipótese de que o espaço do salão tivesse sido adaptado num segundo momento de ocupação a uma actividade alternativa, como, por exemplo, a laboração de um forno. Assim se explica a abertura de passagem para o átrio, criando um acesso direto ao exterior. Interpretamos este compartimento como um salão, quer pela sua dimensão, como pelo facto de possuir dois umbrais de acesso ao pátio. Encontram-se espaços com as mesmas características nas casas 1A, 1B, 3D e 5N da cidade de Saltés (Bazzana e Bedía, 2005).

A casa I encontra semelhanças com a habitação 5N da cidade de Saltés, cujos elementos construtivos apontam para o período almóada (Figura 124). Curiosamente, os arqueólogos consideram esta casa como modelo no processo de urbanização da cidade. Tem de área 80m^2 e os compartimentos com cobertura de uma água, rodeiam o pátio central descoberto com 19m^2 (maior que o pátio da casa I com 16m^2). As paredes interiores tinham revestimento de reboco de gesso pintado de branco e vermelho. O salão, no lado oposto à entrada da casa (o que não acontece na casa de Cacela), tem duas alcovas nas extremidades e dois vãos de acesso ao pátio. Curiosamente, a casa localiza-se num bairro artesanal da cidade (Bazzana e Bedía, 2005: 170-186).

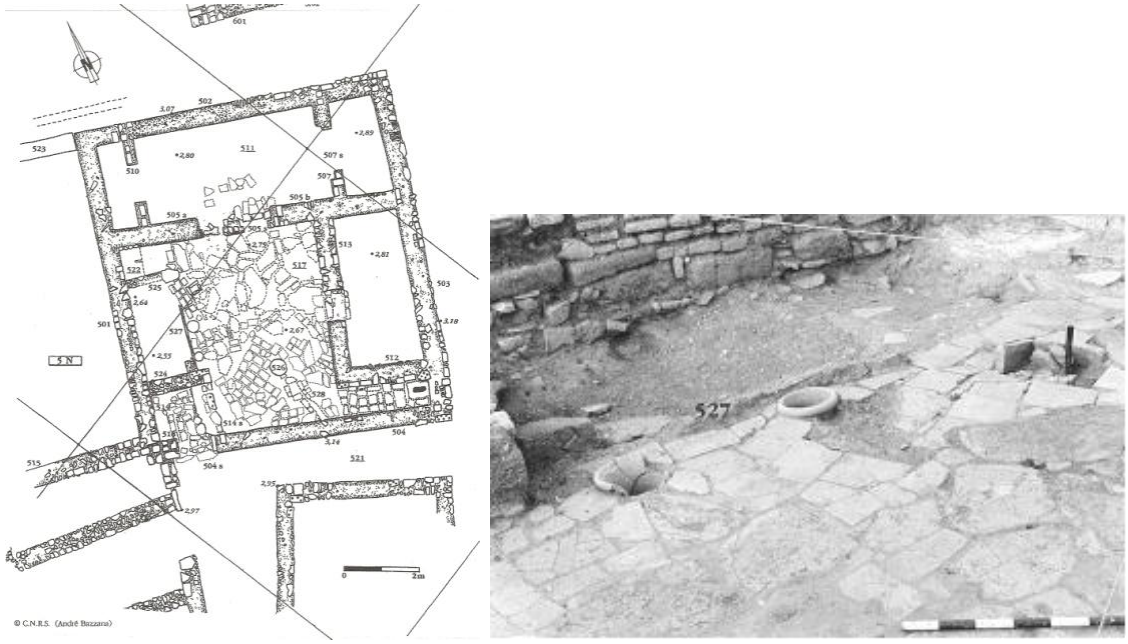


Figura 124: Casa 5N da cidade de Saltés (Bazzana e Bedía, 2005: figuras 161, 168)

Casa II

A casa II encontra-se implantada em patamar superior relativamente à casa I e aparentemente é mais estreita que esta. De planta quadrada, com a área mínima de 52m^2, nela foram identificados 4 compartimentos, átrio, pátio, cozinha e divisão de função indeterminada. A leitura da organização do espaço doméstico desta habitação foi dificultada pela alteração dos alinhamentos estruturais para instalação da necrópole cristã. Desconhece-se igualmente se existiriam outras divisões na fachada sul, onde foi aberto o caminho.

O acesso à habitação, pela Rua Poente/Nascente, far-se-ia por um átrio e corredor, que, virando à direita, encaminharia para o pátio. Este corredor tem a largura de 1,80 metros, mas a entrada seria mais estreita, a avaliar pelos blocos deslocados da sua posição original para delimitar a sepultura 52. Encontramos este modelo de casa de corredor com pátio lateral nas casas 3D e 3E de Saltés, cujos corredores de acesso têm 1m e 1,20m de largura (Bazzana e Bedia, 2005: 135-141).

A partir do pátio, com a cota 11,97m, acede-se às divisões da casa. No pátio foi posto a descoberto um pavimento lajeado muito degradado e remendado (ue64SC/01), sob uma fina camada compacta de terra argilosa amarela, caliço e reduzidos fragmentos de conchas (ue40SC/01), que pode corresponder a vestígios do revestimento do muro sul da cozinha (Figura 125).

Figura 126: Mó calcária encontrada na cozinha da Casa II.
Foto de Miguel Godinho (CMVRSA).

Sobre o pavimento de terra argilosa, de tonalidade amarela compactada com caliço e carvões (ue15SC/01), foi encontrado um moinho manual em calcário (Figura 126)[52]. No canto sudeste do compartimento encontrava-se a superfície achatada de forma circular de uma grande laje enterrada, rodeada de blocos calcários e pequenos fragmentos de telhas, estando todo este espaço salpicado de cinzas. Este tipo de lareira encontra semelhanças na zona de fogo da cozinha da casa II do bairro da Alcáçova de Mértola (Macías, 1996: 103).

As soleiras das portas da cozinha e do compartimento têm a largura de 0,74 m. A soleira do compartimento compunha-se de uma grande laje e sobre ela foi encontrada uma telha decorada com ondulados reentrantes (Figura 127). Aparentemente, o pavimento caracterizava-se por terra amarela muito compacta misturada com cascalho. Nele estavam depositados 5 blocos de terra cozida com dimensões variadas: adobe 1: 16cm x 15cm x 8cm; adobe 2: 14cm x 12cm x 6cm; adobe 3: 15cm x 12cm x 9cm; adobe 4: 20cm x 19cm x 8cm; adobe 5: 27cm x 15cm x 9cm. Este compartimento foi parcialmente escavado.

[52] Elementos comuns nos ambientes domésticos algarvios desde a época romana. Cf. Vasconcelos, 1983:13.

Figura 127: Compartimento da casa II

A largura média das paredes da casa é 0,50 m, semelhante à casa I. Foram ainda encontrados restos de taipa que completariam a estrutura vertical. A cozinha tinha cunhais reforçados em pedra talhada. A presença de grandes pedras cortadas leva-nos a admitir que este cuidado se alargava ao resto da habitação. Quanto à cobertura, as telhas desta casa não apresentavam decoração, com exceção do exemplar já referido. Envolvido nos derrubes, foi encontrado um fragmento de barrote de madeira com cerca de 20 cm de largura, que provavelmente pertenceu à cobertura (Figura 128).

O muro poente da casa II (M21) confina com a casa III. A sua escavação ficou-se pela camada de areia solta com moluscos [ue05SC/01], que não foi totalmente removida. Este muro integra a fiada H do quadriculado implantado, deixado como testemunho, pelo que não foi possível reconstituir este sector.

Figura 125: Revestimento de parede de argamassa de cal depositado sobre pavimento do pátio da casa II e lareira da cozinha

A cozinha encontrava-se selada pelo derrube das paredes, composto por calhaus calcários e restos de argamassa de cal (ue06SC/01), associado a restos de taipa, terra misturada com areão, cerâmica, caliço e razoável quantidade de moluscos triturados (ue31SC/01).

Figura 128: Barrote de madeira visível no meio dos derrubes da casa II

O pátio e compartimento 3 foram alvo de aterro e compactação recente [ue17SC/01], executados sobre níveis de areia [ue5SC/01].

Casa III

Esta habitação tinha dois compartimentos. Acede-se ao seu interior a partir da Rua Poente por um degrau (Figura 129). A soleira da entrada, com 1,04 m de largura, tinha grandes lajes calcárias, uma com a marca do encaixe da dobradiça da porta. Já no interior do compartimento verificou-se que era um espaço amplo de planta rectangular, medindo 4,60m x 1,90m.

Figura 129: Rua Poente com canalização e soleira da entrada da casa III.

As paredes estavam revestidas com fina camada de reboco de cal, conforme testemunho encontrado na parede sul (Figura 130). O pavimento era feito de terra argilosa amarelada compactada (ue08/98).

Figura 130: Revestimento em argamassa do paramento sul do compartimento da casa III.

Esta forma simples de revestimento dos pavimentos encontra semelhanças no bairro almóada do Empreendimento do Castelo, em Silves (Santos e Abranches, 2010), nas cozinhas e alguns átrios do bairro da Alcáçova de Mértola (Macías, 2006: 162) e em alguns compartimentos da

alcaria de La Almagra (Vidal *et al*, 2008: 69). A área do compartimento encontrava-se selada por derrubes mistos de telhas de meia cana com decoração rectilínea nos bordos transversais e blocos pétreos sobre um nível de areia calcinada (ue42/98). Posteriormente, sobre estes níveis, depositou-se nova camada de areia, onde posteriormente foi implantado o espaço sepulcral (Figura 131**Erro! A origem da referência não foi encontrada.**).

Figura 131: Camada de areia fossilizada sobre derrubes do compartimento da casa III. Ossário localizado entre Casa III e Estrutura IV

Em época pós-medieval, foi aberta uma vala que continha restos ósseos provenientes da limpeza do espaço sepulcral cristão (ue39/SP/01), que danificou as construções islâmicas, impedindo a compreensão da sua articulação interna.

Este compartimento dava passagem a uma segunda divisão. Neste espaço foi escavada uma camada de terra castanha pouco compacta com cascalho e fragmentos de tijolo (ue59SP/01), aparecendo a camada de telhas da cobertura, mas os trabalhos foram interrompidos neste ponto.

A porta da entrada desta casa III localizava-se no extremo poente da fachada, desalinhada da porta interior de acesso ao segundo compartimento. Encontramos em Saltés uma construção semelhante, a casa 1C, integrada num quarteirão composto por mais duas casas de maior dimensão, as casas 1A e 1B (Bazzana e Bedia, 2005: 114). Este espaço 1C pode ter servido como anexo de apoio a uma ou ambas as casas. Igual função de armazenamento pode ter tido esta construção em Cacela.

Construção IV

A poente da casa III foi identificado à cota elevada dos 13,00m, um lajeado de xistos e grés de Silves, muito degradado e reparado com pedaços de telha, seixos da ribeira e argamassa de cal (ue51SP/01). O assentamento do lajeado foi preparado com base numa camada de terra com carvões, cal, conchas e alguma cerâmica (ue61SP/01). O pavimento estava selado por uma camada de telhas muito fragmentadas, calhaus, caliço, terra misturada com cinzas e fauna de grande porte (ue48SP/01).

Figura 132: Construção IV delimitada a nascente por muro separador (M11) da casa III

Este espaço com cerca de 3,33 m de lado tinha orientação ligeiramente diferente da casa III. Acresce que a rua Poente, com a qual esta estrutura confinava, sofreu igualmente um desvio nesta zona. Em suma, desconhecemos as funções deste eventual alpendre localizado no extremo poente da área intervencionada, a meio caminho do castelo (

Figura 132).

Ruas Poente e Nascente

Abertas no nível Miocénico, as ruas possuíam condutas de escoamento de águas pluviais. A Rua Poente tinha a largura média de 1,50m e conservava uma extensão de 6m no sentido poente/nascente (Figura 133).

Figura 133: Rua Poente e nível de incêndio (ue21SP/01) visível no corte.

Ao longo da rua passava uma canalização com 0,50 m de largura. Foi feita a partir do alinhamento de duas fiadas paralelas de pedras, às quais foram sobrepostas lajes calcárias. A construção da conduta (ue52SP/01) assentou na preparação prévia do terreno, através da abertura de vala e aplicação de uma camada de terra castanha arenosa misturada com areão, conchas e pedacinhos de cerâmica (ue53SP/01). A presença de uma bolsa compactada de areão (ue56SP/01) poderá corresponder a uma reparação e nivelamento do piso. A fogueira (ue55SP/01) foi contemporânea desta reparação. Estas canalizações de pedra para escoamento de águas pluviais existem igualmente no Castelo de Salir (Catarino, 1997-98: 452).

Esta via encontrava-se parcialmente selada por derrubes compostos por manchas de terra semi-arenosa com muitos carvões, telhas pouco fragmentadas, cerâmica (ue21/98) e terra avermelhada argilosa, com carvões, pedras calcárias e telhas fragmentadas (ue26/98). Como já foi referido, a rua Poente entroncava a leste com a rua Nascente (Figura 134), situando-se este troço a cerca de 12m da ribeira de Cacela.

Figura 134: Rua Nascente

Aqui existe uma bifurcação de duas vias distintas, em que o vértice desta bifurcação se encontra assinalado pela esquina de uma construção em alvenaria calcária. No meio da via corre a mesma canalização da Rua Poente que vai entroncar num ramal de maior largura, com 0,90m, direccionado para a ribeira. Esta rua nascente dirige-se para o exterior do bairro e para a foz da ribeira das Hortas.

5.2- O abandono e a derrocada do bairro

Nesta fase ocorreram os momentos de abandono do bairro e a derrocada gradual das construções. Inicialmente, individualizou-se o grupo de níveis estratigráficos associados ao momento de abandono, como já foi referido, mas posteriormente verificou-se a ineficácia na obtenção de elementos relativos a este momento arqueologicamente cirúrgico.

Pouco depois do abandono, terras vermelhas argilosas com cinzas, associadas a pregos de ferro curvados, envolvendo telhas e pedras sucederam-se a cobrir os níveis de pavimentos, até acontecer a derrocada total das construções. Estas terras parecem ter sido utilizadas na impermeabilização da cobertura e as cinzas seriam os restos das traves de madeiras que as sustentavam. Estas camadas incluíam os derrubes das paredes de pedra calcária e dos telhados com telha de meia cana, misturados com forte profusão de materiais arqueológicos. Foram ainda identificados testemunhos de taipa associados a estes derrubes.

As unidades estratigráficas pertencentes a esta fase foram agrupadas, analisadas e interpretadas no enquadramento das habitações e respectivos compartimentos.

Foram identificadas e analisadas as seguintes unidades estratigráficas:

a) Casa I | Pátio:

[03/98] - É uma mancha de terra castanha acinzentada, bastante compacta, com fauna malacológica e cerâmica, interpretada como lixeira, depositada directamente sobre o lajeado do pátio;

[31/98] - Derrube do telhado da cozinha no canto e vão poentes do pátio, constituído por abundantes blocos de pedra de médias e grandes dimensões, envolvidos por terra arenosa castanha junto do muro 1;

[02/98] - Bolsa de terra acinzentada com abundante fauna malacológica, cerâmica e carvão, depositada sobre derrubes anteriores;

[30/98] - Derrube de telhado, corresponde a terra castanha com abundantes fragmentos de telhas de grandes dimensões, que caiu posteriormente no buraco aberto por abalo sísmico;

b) Casa I | Cozinha:

[35/98] - Lareira localizada no canto norte e composta por nível de telhas carbonizadas;

[41/98] - Nível de cinzas e carvões, correspondentes à eventual limpeza da lareira;

[29/98] - Terra argilosa castanha compacta com nódulos vermelhos e carvões que cobria as camadas anteriores;

[16/98] e [16SN/01] - Pedras e terra argilosa avermelhada com algumas cinzas, com textura muito semelhante à [52SC/01], no salão;

[12/98] - Abatimento da cobertura, camada de abundantes telhas fragmentadas com alguns carvões, blocos de pedra de tamanho médio e restos de argamassa;

[14SC/01] – idem;

[24SC/01] - segundo momento de derrubes de blocos pétreos e telhas fragmentadas em secções mais reduzidas; esta camada cobre os restos do muro 3 (já derrubados) e tapa parcialmente a cozinha e o salão;

[36SC/01] – idem;

[37SC/01] – terra solta castanha escura argilosa sem materiais cerâmicos;

[38SC/01] - lixeira doméstica despejada nos derrubes, composta por mancha de carvões, cinzas, caliço e cerâmicas com vestígios de fogo;

c) Casa I | Salão:

[15/98] - Camada de terra castanha com muitas telhas fragmentadas;

[13/98] – Taipa composta por terra castanha clara compacta, com abundantes carvões, depositada sobre a anterior e abrangendo toda a metade nascente do compartimento;

[14SC/01] – Aglomerado de telhas de meia cana com calhaus calcários e restos de argamassa;

[20/98] - Terra argilosa vermelha semi-compacta com abundantes carvões e cinzas localizada na zona central do salão;

[45/98] - Matéria carbonizada que aparece igualmente sobre a 20/98;

[44/98] - Camada de terra argilosa castanha semi-compacta, com fragmentos de cerâmica em conexão no vão poente;

[22SC/01] – Lixeira composta por terra castanha arenosa com carvões, cerâmicas queimadas, moluscos e cascalho;

[39SC/01] – Derrube composto por calhaus e terra castanha arenosa pouco compacta, com cinzas e cerâmicas, sem materiais orgânicos;

[46SC/01] – Derrube composto por terra castanha clara, argilosa pouco compacta, com alguns carvões, moluscos, caliço e calhaus a envolver telhas de meia cana;

[47SC/01] – Derrube composto por terra castanha clara argilosa, semi-compacta, com telhas de meia cana, restos de argamassa, carvões, fauna e cerâmica comum;

[50SC/01] – Lixeira composta por terra argilosa compacta, com caliço e cinzas;

[51SC/01] – Derrube composto por aglomerado de telhas de meia cana e calhaus;

[52SC/01] – Abandono e derrube, composto por terra argilosa, semi-compacta com abundantes carvões, moluscos, telhas de meia cana e cerâmica comum, cascalho e blocos de barro cozido, que ocorre na zona poente do salão; aparentemente, as camadas 20/98 e 13/98 são semelhantes a este nível;

[57SC/01] - Revestimento exterior em argamassa de cal do muro 18;

[15SN/01] – Mancha de cinzas;

[16SN/01] – Derrube de telhado, composto por camada densa de telhas de meia cana com carvões;

d) Casa II | Pátio:

[06aSC/01] - Amontoados de calhaus calcários, terra castanha clara semi-argilosa, restos de argamassa com manchas amareladas;

[40SC/01] – Eventual revestimento do muro 15, composto por mistura compacta de areia, caliço e reduzidos fragmentos de conchas;

[64SC/01] – Restos de pavimento lajeado;

e) Casa II | Cozinha:

[06bSC/01] - Amontoados de calhaus calcários, terra castanha clara semi-argilosa, restos de argamassa com manchas amareladas;

[06cSC/01] - Amontoados de calhaus calcários, telhas quase completas e terra castanha clara semi-argilosa, restos de argamassa com manchas amareladas;

[15SC/01] – Taipa composta por terra amarela argilosa compacta com caliço e carvões;

[61SC/01] – Soleira da porta, laje de pedra depositada entre os muros 15 e 17;

f) Casa II | Compartimento:

[06aSC/01] - Amontoados de calhaus calcários, terra castanha clara semi-argilosa, restos de argamassa com manchas amareladas;

[53SC/01] – Provável pavimento composto por terra amarela muito compacta com cascalho;

[58SC/01] - Soleira de porta, composta por grande laje;

g) Casa III | Compartimento:

[25/98] - Camada de terra avermelhada semi-argilosa, com carvões, pedras calcárias e telhas fragmentadas;

[26/98] – Idem; abrange casa IV;

[25SP/01] - Terra castanha semi argilosa com fragmentos de telhas de meia cana e alguns calhaus calcários;

[37/98] - Camada de terra castanha arenosa com abundantes fragmentos de telhas de grandes dimensões e grandes blocos;

[37SP/01] - Camada uniforme de telhas de meia cana pouco fragmentadas;

[08/98] - Terra de côr amarelada compacta, interpretada como piso;

[57SP/01] - Alinhamento de cal argamassada da parede sul;

[59SP/01] – Terra castanha com cascalho e fragmentos de tijolo;

h) Estrutura IV:

[06SP/01] - Terra compactada com muitos carvões, caliço, moluscos e cerâmicas; base de assentamento do lajeado.

[51SP/01] – Pavimento composto por lajes de xisto, calcário e grés, intercaladas por areão e fragmentos de telhas argamassadas;

[60SP/01] – Abandono composto por terra castanha pouco compacta, granulometria fina com cascalho, carvões, cerâmicas e alguns calhaus calcários;

[48SP/01] - Camada de telhas muito fragmentadas, calhaus, caliço, terra acinzentada muito solta, com fauna de grande porte, que se prolonga para compartimento 2 da casa III;

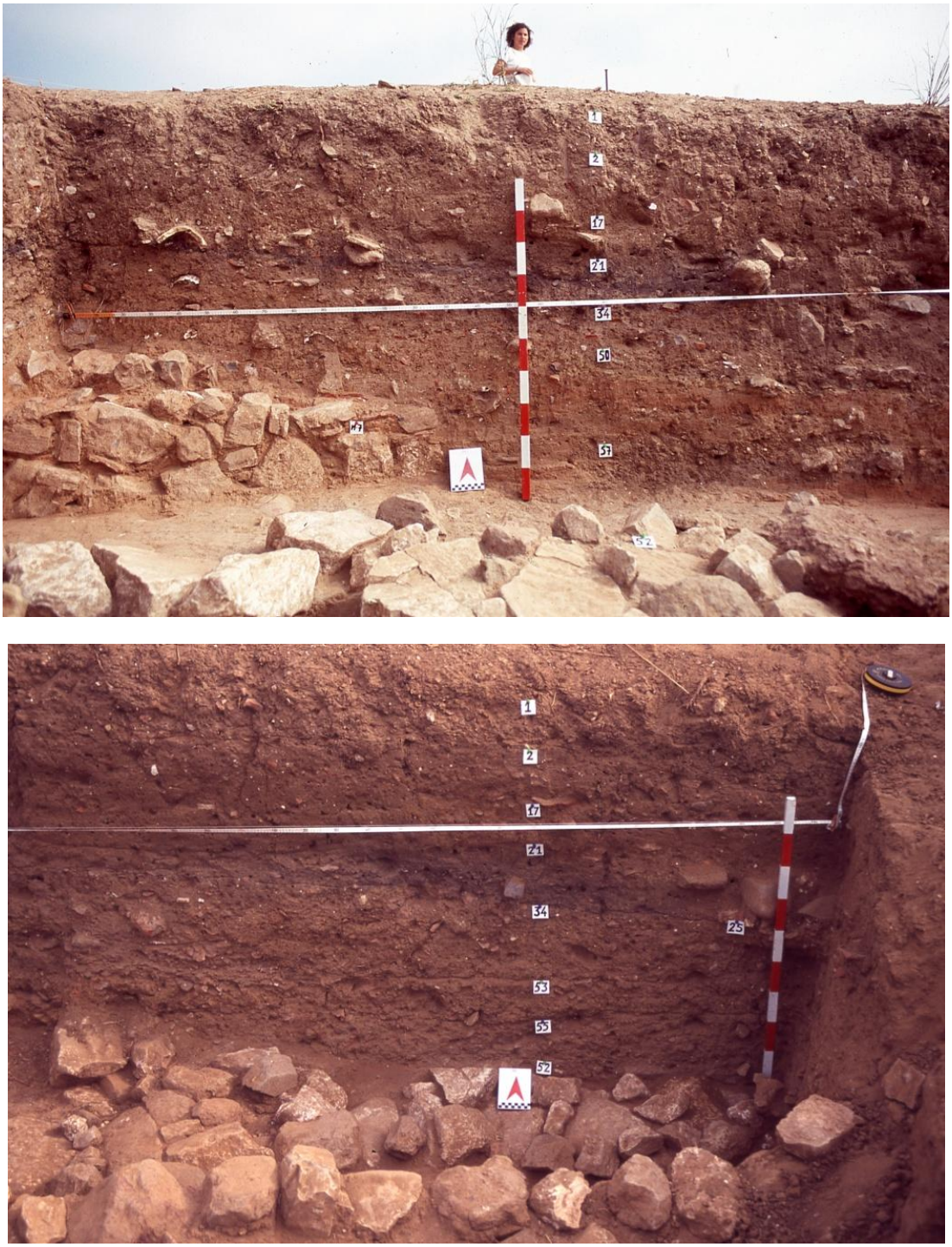


Figura 135: Corte norte na Rua Poente. Lado oeste em cima, lado este em baixo.

i) Ruas Poente e Nascente (Figura 135):

[17/98] – Terra castanha semi-compacta com fragmentos de telhas e pedras e alguns carvões;

[21/98] – Derrube do telhado, camada de terra semi-arenosa com muitos carvões, telhas pouco fragmentadas e cerâmicas;

[26/98] - Camada de terra avermelhada semi-argilosa, com carvões, pedras calcárias e telhas fragmentadas;

[34SP/01] - Terra semi-compacta castanha, com caliço, telhas, fauna e cerâmicas;

[49SP/01] - Derrube de calhaus e blocos calcários. Vestígios de caliço;

[50SP/01] – Restos de taipa, terra argilosa muito compacta de côr amarela e avermelhada com caliço, fragmentos de carvão e areão;

[19/98] – Terra castanha escura semi-compacta com algum material cerâmico;

[52SP/01] - Alinhamento de lajes calcárias não argamassadas depostas sobre caleira de pedras;

[53SP/01] – Preparação de assentamento de canalização, composta por terra castanha arenosa misturada com areão pouco compacta com alguma fauna e cerâmica;

[55SP/01] – Lixeira composta por terra castanha arenosa pouco compacta, com muitos carvões e cerâmicas;

[56SP/01] - Bolsa muito compactada de areão referente a repavimentação;

[04SN/01] - Terra castanha semi-argilosa solta, com carvões, fauna, alguma cerâmica, vários pregos e escórias;

[05SN/01] – Lixeira composta por mancha carbonizada com carvões, cerâmicas, ossos e elevada quantidade de conquilhas;

[07aSC/01] – Conduta principal;

[07bSC/01] – Conduta secundária;

[13SN/01] – Pavimento de terra amarelada semi-argilosa compacta;

5.2.1 Os objectos de metal e osso

Entre os elementos metálicos recuperados predominam os pregos, cerca de 66 elementos. Foram encontrados maioritariamente entre os derrubes de paredes e telhados (6SC/01; 14SC/01) e níveis de abandono localizados na via pública (ue4SN/01; ue34SP/01).

Estes materiais encontravam-se na generalidade em mau estado de conservação, pelo que, do conjunto, 23 pregos não puderam integrar a tipologia. Foram identificados os seguintes tipos de pregos (Figura 136):

- Tipo 1: Prego de cabeça circular achatada e haste de secção circular. Os comprimentos variam entre 77,44/90,17mm; encontrados principalmente junto das entradas das casas I e III. Foram registados 17 exemplares.

- Tipo 2: Prego de cabeça circular achatada e haste de secção quadrangular. Tem o comprimento médio de 52,29/58,00mm e diâmetro médio da cabeça de 20,51/21,11mm. Foram identificados 12 exemplares, sobretudo no derrube da cobertura da cozinha da casa I e derrube associado às casas III/IV (na via pública). Esta tipologia encontra-se igualmente no castelo de Albufeira (Gomes, 2012: 11).

- Tipo 3: Prego de cabeça dupla quadrangular e haste de secção quadrangular. Mede de comprimento 31,69mm e a cabeça mede 24,90mm x 26,91mm de lado. Foram identificados apenas 2 exemplares na camada de abandono na Rua Nascente (ue04SN/01).

- Tipo 4: Prego longo de cabeça achatada circular e secção quadrangular. Tem de comprimento médio 114,00mm e o diâmetro da cabeça oscila entre 18,40mm e 20,19mm. Foram identificados 4 exemplares nos derrubes da casa I.

- Tipo 5: Prego curto de cabeça achatada circular e haste de secção quadrangular. Comprimento médio entre 27,96mm e 46,77mm e diâmetro médio da cabeça de 20,00mm. Associados ao derrube da cobertura da cozinha da casa I e derrube Casa IV. Foram registados 8 exemplares.

Figura 136: Pregos tipo 2, 3, 4 e 5 encontrados nos níveis de abandono

Na cozinha da casa I, foram encontrados materiais que podem estar relacionados com um sistema de armazenamento de alimentos (como os pregos de tipo 5 que faziam parte de um armário ou arca).

Foi ainda recolhido um gancho, possivelmente de suspensão de uma vasilha, e um ferrolho de porta com vestígios de madeira junto da soleira da cozinha (Figura 137). Junto na entrada da casa I foi recolhido, na via, um fragmento de ferrolho de porta em ferro.

Figura 137: Gancho de cobre e ferrolho de porta achados na cozinha da casa I.

Dois brincos de campânula esférica também faziam parte do espólio da cozinha (Figura 138).

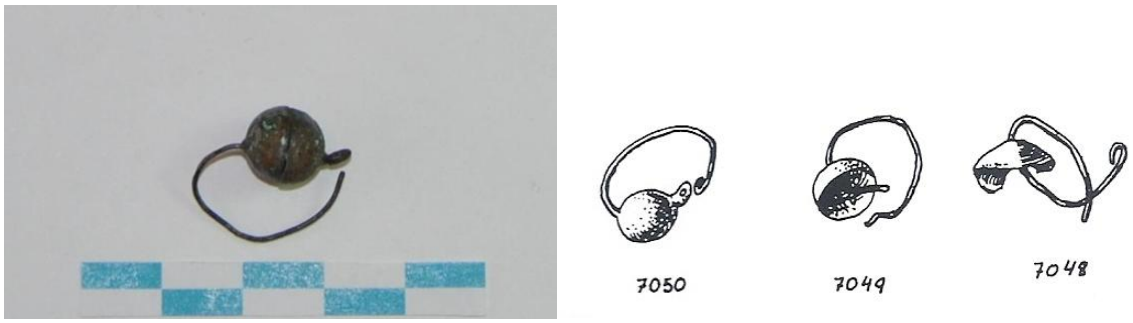


Figura 138: Brinco com campânula de Cacela e brinco em cobre de Jijona (Azuar, 1989: 204)

Este tipo de brinco é muito comum nas povoações do al-Andalus, associado a cerâmicas almóadas, com cronologia de finais do século XII e primeira metade do século XIII. É o caso dos brincos em bronze encontrados em Mértola ou no Castillo de la Torre Grossa, na região levantina (Rafael, 2001: 179; Azuar, 1989: 204).

Foi ainda na casa I que se encontraram utensílios relacionados com a pesca e a agricultura, como uma relha de arado e uma agulha de pesca em cobre (Figura 139).

Figura 139: Relha de arado e agulha de pesca (ue35/98) encontrados no salão e cozinha da casa I

No salão da casa I foram recuperados um fragmento de cabo de faca e dois fragmentos de torre de roca em osso, estes com vestígios de contacto com o fogo (Figura 140). Estes materiais encontram semelhanças nos achados de Mértola e El Castellar e Castillo de la Torre Grossa na região levantina, associados a materiais cerâmicos claramente almóadas (Macías, 1996: figura 3.28; Azuar, 1989: 156, 212).

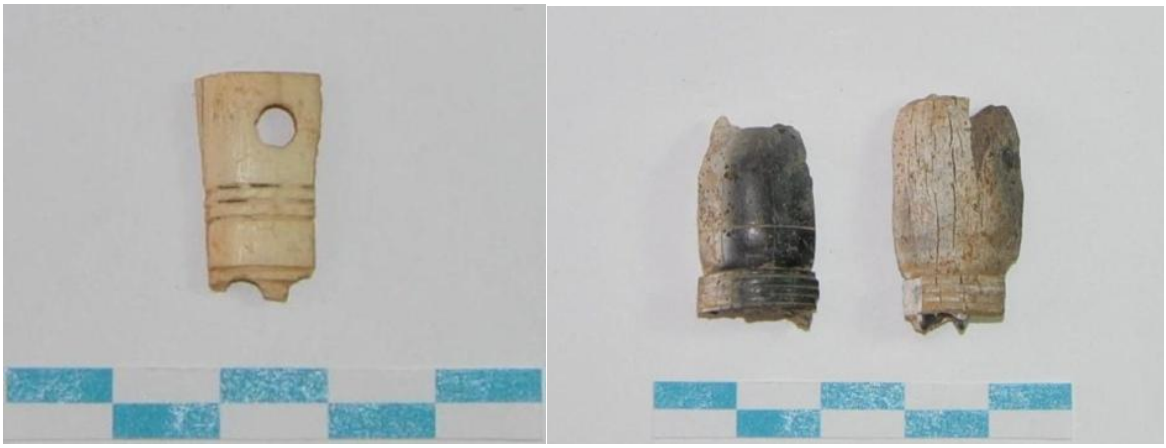


Figura 140: Fragmentos de cabo de faca decorado com linhas incisas e torres de roca

As pontas de fuso estavam presentes nos pátios das casas I e II (Figura 141).

Figura 141: Pontas de fuso encontradas nas casas I e II

Nas Ruas Nascente e Poente foram encontrados vários elementos metálicos. Entre os fragmentos mais interessantes, destacamos um prego possivelmente do tipo 2 associado a um pedaço de madeira (restos de um armário ou de uma arca?) e uma ponta de fuso em cobre. Foram ainda encontradas duas peças que classificamos como acessórios de vestuário, um possível elemento de fivela e um fragmento de colar (Figura 142).

Figura 142: Elementos de fivela (72P/01) e de colar (67P/01)

Foram registadas 17 escórias nas vias, das quais 11 elementos aglomeravam-se na camada de abandono (ue4SN/01) situada sobre o pavimento da Rua Nascente (ue13SN/01) e 3 peças localizavam-se nos derrubes da Rua Poente (ue34SP/01). Esta camada incluía ainda dois curiosos elementos pétreos em anfibolite, um bloco coberto de concreções calcárias com pequena cavidade de formato rectangular (79P/01) e um fragmento talhado (Figura 143). Neste ponto, importa registar que a camada de abandono (ue04SN/01) depositada na Rua Nascente e a camada de derrocada (ue34SP/01), localizada na Rua Poente, têm em comum a textura e cor das terras e a presença de elementos metálicos.

Figura 143: Hipotético molde de fundição (79P/01) e pedra tallhada (90P/01)

Foram ainda encontrados fragmentos residuais de vidro de tonalidades azul e amarelado, associados aos níveis de abandono na Casa I e Rua Poente. Ainda nesta via (ue49SP/01) foram recolhidas duas pequenas vértebras de peixe, das quais se desconhece a espécie (Figura 144). Estes objectos surgem nos sítios arqueológicos islâmicos desde a região valenciana até ao extremo ocidental do Gharb[53], abrangendo um tempo dilatado entre os séculos X e XIII, comprovando a larga perduração e tradição do uso destes objectos, conforme anotação de R. Azuar (Azuar, 1989: 210).

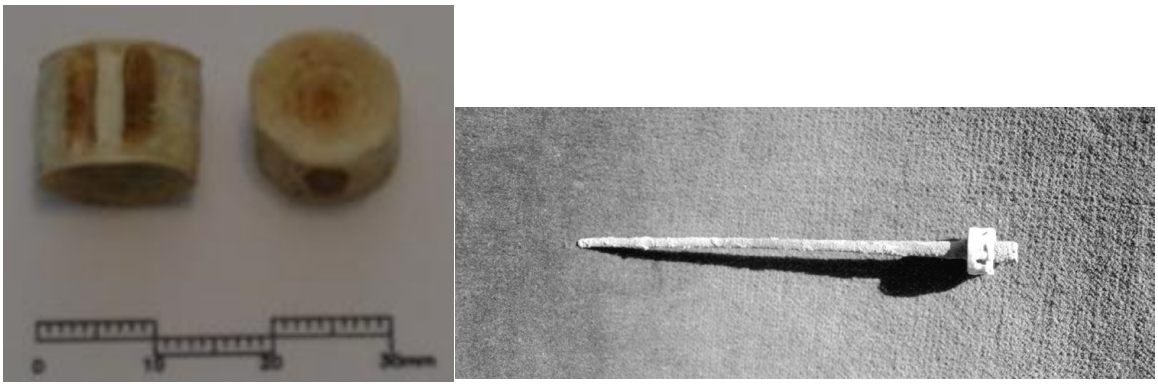


Figura 144: Vértebras de peixe (99P/01) de Cacela e ponta de fuso e anel de ajuste de vértebra encontrados em Saltés (Bazzana e Bedia, 2005: 342).

[53] No Castelo de Salir (Catarino, 1997-98: 1222), foram encontradas 4 vértebras, em que uma tinha perfuração central, indiciando esta função de complemento da agulha.

Este autor relaciona ainda estas peças com rosários muçulmanos, todavia poderão ter tido outras funcionalidades. Por exemplo, em Saltés foi encontrado um exemplar semelhante em conexão com uma ponta de fuso, que os investigadores interpretaram como um anel de ajuste ou cossoiro (Bazzana e Bedia, 2005: 342). Estes achados confirmam a sua flexibilidade em se adaptar a diversos usos, de maneira que conservavam-se nos espaços domésticos.

5.2.2 A fauna

O inventário e a identificação da colecção óssea foram elaborados por Jonathan Haws e por Hugo Veríssimo na Universidade do Algarve, em 2004. Foram recolhidos em escavação arqueológica 497 fragmentos ósseos neste nível histórico. Do total recolhido, foram identificados 302 fragmentos (Figura 145). Estes elementos concentravam-se nos derrubes sobre a Rua Poente (233 elementos) e na Rua Nascente (101 elementos).

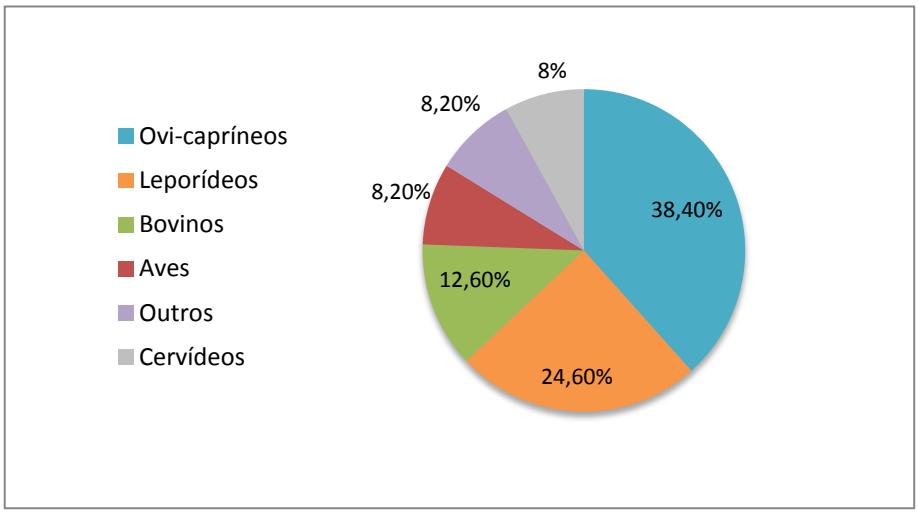


Figura 145: Distribuição percentual da fauna dos níveis de abandono do Poço Antigo

Predominou na dieta alimentar desta comunidade na fase final de ocupação do bairro, no século XIII, o consumo de ovi-capríneos (cabras, *Capra hircus* e em menor quantidade ovelhas, *Ovis aries*) e leporídeos (coelhos, *Oryctolagus cuniculus*), situação semelhante aos achados de Saltés. Entre os ovi-capríneos, a cabra era mais abundante que a ovelha (pouco mais do dobro de ocorrências). Presente ainda na dieta alimentar deste grupo, mas em menor quantidade, encontramos vacas adultas (*Bos taurus*), aves (foram identificados alguns elementos de galinha e perdiz) e cervídeos adultos (*Cervus elaphus*). Os ossos dos bovinos, ovi-capríneos e cervídeos

apresentam, com frequência marcas de corte na epífise, talvez para facilitar a preparação dos alimentos.

Haws e Veríssimo (2004) afirmam que "… as espécies domesticadas presentes reportam-se principalmente aos ovicaprídeos, aos bovídeos e equestres. A presença de ovicaprídeos poderá dever-se ao aproveitamento dos produtos secundários como o leite e a lã, existindo também a possibilidade de consumo da carne destes animais. Por outro lado, surgem também os bovídeos e os equestres, em muito menor número. A presença destes animais deverá ter uma relação directa com o aproveitamento da sua força de tracção para o trabalho ou para o transporte. No entanto no caso de necessidade de abate destes animais devido à incapacidade de desempenho das suas funções, seria de esperar o seu consumo".

A elevada presença de aves, nomeadamente galiformes, parece indiciar a presença da domesticação desta espécie para obtenção não apenas de ovos, mas também para consumo directo. Aves da família das perdizes também se encontram presentes, embora estas derivem principalmente da caça.

Os coelhos estão muito bem representados, face às restantes espécies indicando a sua caça e consumo. Embora existam restos faunísticos de coelhos em quantidade superior aos restos faunísticos atribuídos aos ovicaprídeos, não parece provável que a dieta desta população assentasse sobre o consumo desta espécie, uma vez que os índices de quantidade de alimento associado a cada animal são fracos devido ao porte do mesmo" (Haws e Veríssimo, 2004).

Em Saltés também seria comum o consumo de bovinos e aves, mas menos comum foi o consumo de cervídeos (Bazzana e Bedia, 2005: 387). Foram ainda recuperados vários restos ósseos de cavalos (18) e gatos (28). De facto, no bairro do Poço Antigo verifica-se esta situação invulgar de terem sido identificados em diferentes níveis, 10 restos ósseos de cavalos (*Equus caballus*), sendo alguns juvenis.

Curiosamente, foram encontrados restos de texugo, tartaruga e um osso carbonizado de um porco juvenil. Entre as aves recolhidas, foi identificada uma garça-real e uma andorinha-do-mar. A lebre era alimento raro, pois apenas foram registados 3 fragmentos. A presença esporádica de restos ósseos de animais pouco comuns na dieta alimentar humana pode ser reveladora da situação de carência de alimentos que os habitantes do bairro passaram nesta fase. Por outro lado, pode revelar apenas "encontros fortuitos e a sua captura isolada sem que

se possam retirar daí quaisquer ilações mais específicas do que apenas a visualização do ambiente natural que circundava este sítio arqueológico" (Haws e Veríssimo, 2004).

Verifica-se ainda a existência de um gato e alguns cães. As marcas de dentes em vários ossos revelam a presença de animais domésticos na comunidade. Apareceram ainda dois ossos de cão roídos.

Em Mértola, para este mesmo período, coincide o consumo maioritário de ovi-caprídeos (40,1%), leporídeos (40,9%) e perdizes. A vaca era igualmente consumida em pouca quantidade (10,8%). Ainda em Mértola, foram encontrados alguns vestígios de peixes, de habitat marítimo e ribeirinho. De facto, fazia parte da dieta desta população almóada o consumo do barbo retirado do Guadiana, mas também chegava a Mértola a sardinha, o sargo e o besugo. Já a tainha podia ser capturada no rio, em zona de influência das marés (Morales, 1993: 264; Hernandez, 1993: 274).

Entre os restos de peixes recolhidos em Cacela, puderam ser identificadas douradas e raia, denotando que haveria pesca na ria ou próximo da costa.

A malacofauna foi alvo de um relatório realizado pelo investigador Carlos Afonso da Faculdade de Ciências do Mar e do Ambiente da UALG (Afonso, 2004), tendo sido apresentada uma análise preliminar no Encontro de Sabores do Mediterrâneo em Mértola (Garcia *et al*, 2014).

Nesta fase de abandono, encontraram-se vestígios de bivalves em quantidades que atestam o seu consumo por esta comunidade. Os restos de conchas foram encontrados maioritariamente no salão e a cozinha da casa I. Assim, verifica-se o predomínio de consumo das espécies *Cerastoderma edule* (berbigão), *Donax trunculus* (conquilha), *Ostrea edulis* (ostra) e *Pecten maximus* (vieira).

Estes bivalves podem ser capturados em habitat preferencialmente arenoso e de afinidade tipicamente marinha, como é o caso da Ria e da orla costeira entre o Guadiana e Tavira. Muitas conchas de ostras mostram evidências de fractura junto dos bordos, com o intuito de separar as valvas e retirar as partes moles. Estas espécies são comestíveis, têm um rico recurso proteico, são comuns ao longo da costa algarvia ou nas águas da Ria Formosa, tornando-as em alimento preferencial. A conquilha (bem como a *Mactra stultorum,* amêijoa lisa) são espécies típicas de zonas arenosas permanentemente submersas ao longo da costa algarvia, mas surgem

com frequência nas praias em tempo de marés vivas. A conquilha é muito comum nas praias e perto da foz dos canais e facilmente recolhida na baixa-mar.

Na cozinha da casa I foram encontradas ainda várias valvas de vieira junto da lareira. Após a ingestão do seu conteúdo, estas conchas podem ter servido como utensílios domésticos, como colheres. O seu fundo claro permite destrinçar, por exemplo, os eventuais depósitos no azeite ou em outro alimento (Vasconcelos, 1983: 4).

O achado médio de 4/6 unidades por cada espécie, dos bivalves a seguir discriminados, indicia provavelmente a sua presença escassa na costa de Cacela, portanto consumidas em quantidades bastante moderadas: *Mactra stultorum* (amêijoa lisa), *Callista chione* (amêijoa brilhante), *Tapes decussatus* (ameijôa boa) e Chamelea gallina (Pé-de-burrinho).

Os exemplares de castanholas recolhidos, 1 *Glycymeris bimaculata* e 3 *Glycymeris violacescens* correspondem a espécies raras na Ria Formosa e na costa algarvia, sendo que o seu habitat ocorre no Mediterrâneo e no Mar Negro. As conchas terão sido recolhidas na praia e apresentam marcas de uso: têm perfuração, possivelmente para fazer passar um fio e outra tem vestígios de argamassa, pelo que estaria fixa a algo. São conchas espessas e rígidas, pelo que facilmente poderiam ser utilizadas em funções alternativas. Curiosamente, na colecção malacológica de Saltés predominam as castanholas, que podem ter sido utilizadas como pesos de rede (se estiverem perfuradas).

O berbigão-de-bicos *(Acanthocardia aculeata),* e o berbigão lustroso *(Laevicardium crassum)* encontram-se representados em exemplares únicos. A presença de gastrópodes é igualmente exígua, 1 exemplar de buzina (*Charonia lampas)* e 1 exemplar de buzaréu (*Hexaplex trunculus)*. Os berbigões e o buzaréu são espécies comestíveis e podem ser recolhidos desde a baixa-mar até à plataforma continental em fundos arenosos. A buzina é uma espécie marinha de grandes dimensões, com preferência por habitat rochoso (Malaquias, 2007: 214, 228). O limitado volume de achados não permite averiguar o seu valor na dieta alimentar desta comunidade. O berbigão está ausente de Saltés, mas encontram-se alguns exemplares de *Tapes decussatus* (amêijoa boa). Actualmente a amêijoa-boa tem elevado valor económico e é uma espécie cultivada em viveiros em fundos arenosos e areno-lodosos, mas no período islâmico talvez fosse uma espécie com mais afinidades com o meio marinho (Afonso, 2004).

Em Saltés estão bem representadas a *Ostrea edulis,* a *Pecten maximus* e a *Bolinus brandaris* (canilha). A canilha é uma espécie comestível muito apreciada e comum na costa sul da

Península Ibérica, que também pode ser utilizada para o fabrico de tinta para tinturaria, mas curiosamente não se encontra no acervo de Cacela. Igualmente ausente de Cacela (nesta colecção) é a navalha ou lingueirão (*Solen marginatus*?), mas bem representada em Saltés (Bazzana e Bedia, 2005: 385).

Em Mértola, domina o consumo da ameijôa-boa (61% de um total de 93 elementos recolhidos). Em menor quantidade, seria consumido o berbigão-dos-bicos, berbigão comum, vieiras e ostras, entre 9 e 13% (Moreno, 1993: 286).

5.3- A fase de deposições arenosas

Após o abandono e a derrocada parcial do bairro islâmico, areias de proveniência desconhecida foram envolvendo os escombros das casas, acabando por ocultar quase totalmente o aglomerado habitacional. As camadas arenosas atingiram a espessura de 40/80 cm (Figura 146).

Figura 146: Níveis de areias depositados sobre derrubes das construções islâmicas

Inicialmente, foram por nós consideradas deposições marinhas. Mas a consulta aos Professores César Andrade e Conceição Freitas, da Faculdade de Ciências de Lisboa, revelou uma realidade diferente. Segundo estes especialistas, estas areias podem corresponder a escorrimentos de solos miocénicos provenientes da arriba. Contudo, necessitariam fazer recolhas de amostras em contexto arqueológico para analisar e determinar a composição e origem daqueles níveis arenosos.

Ora, nesta camada arenosa foram inicialmente depositadas as sepulturas cristãs medievais de Cacela (Figura 147). Foram efectuadas duas datações de radiocarbono (Tamers & Hood, 2003, vide cap. 6) às sepulturas situadas na cota mais baixa e na cota superior (Anexo 2). Uma das sepulturas mais antigas do conjunto sepulcral, a sepultura 13, forneceu uma data calibrada aproximada de 1240: Intercept of radiocarbon age with calibration curve: Cal AD 1240 (Cal BP 710); 1 Sigma calibrated result (68% probability): Cal AD 1180 to 1270 (Cal BP 760 to 680). A datação na sepultura 53, correspondente a uma das últimas inumações daquele conjunto, apontou para 1260: Intercept of radiocarbon age with calibration curve: Cal AD 1260 (Cal BP 690); 1 Sigma calibrated result (68% probability): Cal AD 1190 to 1280 (Cal BP 760 to 670).

Figura 147: Nível de areias soltas com talha estampilhada e sepultura 43

A conjugação destes dados permite alvitrar que a derrocada parcial da plataforma miocénica e eventual muralha de taipa terá acontecido por volta de 1240. Esta data corresponde, nas fontes históricas, ao ano da conquista cristã de Cacela. Estas actividades aparentemente decorreram de manobras militares que visavam "apagar" a presença das estruturas defensivas e habitacionais no momento de retirada e abandono do castelo de Cacela. Provavelmente, esta pressão exercida pelas manobras militares pode ter provocado o derrube parcial da arriba e o escorrimento de areias e materiais pela vertente nascente.

As camadas da *Fase III* eram caracterizadas por areia fossilizada, areia solta com alguma densidade de moluscos e elementos de caliço, calhaus e cerâmicas (Figura 148). Verificou-se que a areia fossilizada, geralmente, encontrava-se depositada sobre a areia solta. Nesta fase,

ocorreu ainda o despejo aparentemente aleatório de lixos domésticos, constituídos maioritariamente por cinzeiros e concheiros com restos de louça fragmentada, sobre os níveis arenosos. As fossas simples escavadas na areia, correspondentes às sepulturas cristãs foram individualizadas e numeradas.

Figura 148: Nível de areias fossilizadas e areias soltas na zona da casa I.

Deste modo, foram analisadas as seguintes unidades estratigráficas, agrupadas em níveis de deposição:

a) Nível de areia solta: 05SC/01, 21SC/01, 31SC/01, 34SC/01, 44SC/01, 48SC/01, 63SC/01, 06SN/01, 17SN/01 (preenche fossa salão casa I), 05/98, 07/98, 10/98, 18/98, 22/98, 34/98, 36/98, 38/98, 42/98, 05SP/01, 21SP/01, 42SP/01, 54SP/01.

b) Nível de areia fossilizada: 02SN/01, 03SN/01, 02SC/01, 35SC/01, 02SP/01.

c) Manchas de lixo doméstico: 03SC/01 (diversas no sector central), 16SC/01, 29SC/01, 33SC/01, 43SC/01, 06/98, 09/98, 46SP/01.

d) Fossas das sepulturas cristãs: 04SC/01, 07SC/01, 08SC/01, 09SC/01, 10SC/01, 11SC/01, 12SC/01, 13SC/01, 18SC/01, 23SC/01, 25SC/01, 26SC/01, 27SC/01, 28SC/01, 30SC/01, 45SC/01, 49SC/01, 54SC/01, 56SC/01, 59SC/01, 08SN/01, 09SN/01, 10SN/01, 11SN/01, 14SN/01, 11/98, 07SP/01, 23/98, 24/98, 27/98, 32/98, 33/98, 39/98, 43/98.

5.3.1 Objectos de metal e osso

Neste nível recolheu-se elevada quantidade e diversidade de pregos, que seriam aplicados na fixação do travejamento das coberturas de madeira, portas ou móveis de armazenamento de bens como arcas. Predominavam claramente os pregos, 184 exemplares recuperados, dos quais 63 não foi possível caracterizar (Figura 149). Foram identificados os seguintes tipos:

- Tipo 1: Prego de cabeça circular achatada e haste de secção circular. Vários elementos entre os 30 exemplares recolhidos surgiram dobrados. Tem o comprimento médio de 31,30/46,77mm e diâmetro médio da cabeça de 14,00/16,48mm;
- Tipo 2: Prego de cabeça circular achatada e haste de secção quadrangular. Vários elementos surgem dobrados. Tem o comprimento médio de 46,30/56,30mm e diâmetro médio da cabeça de 17,00mm. Foram identificados 53 exemplares.
- Tipo 3: Prego de cabeça dupla quadrangular e haste de secção quadrangular. Mede de comprimento 40,00mm e a cabeça mede entre 20,83mm e 24,18mm de lado. Foram identificados 12 exemplares.
- Tipo 4: Prego longo de cabeça achatada circular e secção quadrangular. Tem de comprimento entre 116,34mm e 144,38mm e o diâmetro da cabeça oscila entre 22,55mm e 24,92mm. Foram identificados 26 exemplares.

Figura 149: Pregos tipo 2 e 4, níveis arenosos.

Os pregos longos de tipo 4 estão, no Castelo de Salir, claramente associados ao travejamento de madeira de uma cobertura (Catarino, 1997-98: 487). A produção de pregos com estas dimensões, remonta, no Gharb, ao período das taifas ou almorávida (Boone, 1993: 63). Verifica-se que os pregos mais comummente utilizados correspondem aos tipos 2 do nível de

abandono e derrocada e aos tipos 1 e 2 do nível de deposição de areias, pregos em ferro de cabeça achatada circular e comprimento médio entre 40 e 60mm. Os pregos de tipo 3 pertencem maioritariamente ao nível arenoso, podendo integrar estruturas especializadas.

Entre os elementos metálicos destacam-se ainda várias ferragens de portas (dobradiças, ferrolhos, fechaduras), ferragens de mobiliário em madeira (provável asa e argola de arca), um fragmento de tempereiro em ferro, lâmina de faca, um bocal de recipiente metálico e 4 fragmentos de ferradura, todos estes materiais em mau estado de conservação (Figura 150). No castelo de Albufeira foi encontrada uma argola de arca semelhante, ligeiramente mais pequena (Gomes, 2012: 11). Foram ainda registadas 19 escórias dispersas por toda a área escavada.

Figura 150: Ferrolho (46P/01) e asa (198C/01), dobradiça (123P/01) e tempereiro (17Nste/01)

Existiam vários objectos relacionados com a tecelagem, nomeadamente agulhas de fiar e pontas de fuso (Figura 151), tendo sido encontrado ainda um alfinete.

Figura 151: Pontas de fuso encontradas em níveis arenosos

Apenas foram encontrados dois fragmentos de anzol relacionados com actividades marítimas. Foram ainda encontrados alguns acessórios de vestuário, como uma fivela e um brinco em

bronze (Figura 152). Foi encontrado em deposição arenosa um dirham em prata (134P/01), que conjuga com a cronologia almóada atribuída a este nível histórico.

Figura 152: Fivela de aro rectangular (23P/01) e anzóis (20Nste/01).

No nível arenoso surgiram escassos fragmentos vítreos translúcidos de cor branca e azul, restos de tecido, madeira carbonizada associada a prego e pequeno fragmento de madeira.

Os artefactos ósseos encontrados em Cacela têm paralelos na produção artesanal das comunidades almóadas do Gharb-al-Andalus. Assim, as contas de colar em osso e concha e a plaqueta em osso polido (Figura 153) são semelhantes a exemplares recolhidos na Casa 1B em Saltés, datadas dos séculos XII/XIII (Bazzana e Bedia, 2005: 693). Em Tavira foram igualmente encontradas diversas plaquetas semelhantes (Covaneiro e Cavaco, 2009: 714).

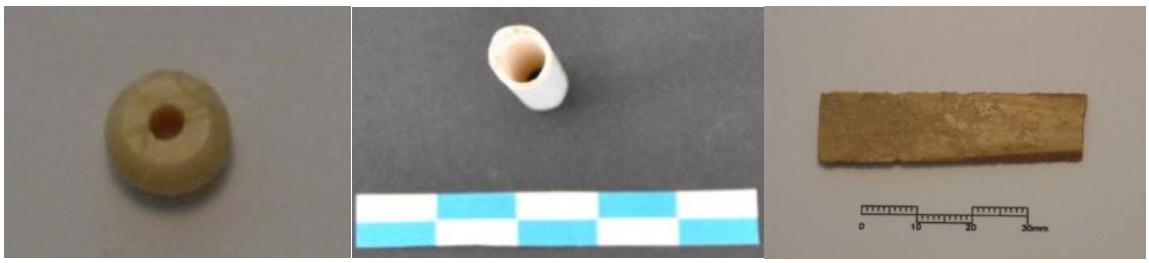


Figura 153: Contas de colar e plaqueta de osso encontrados nos níveis arenosos.

A decoração do cabo de faca de pequenos círculos incisos é muito comum em peças de osso desta época. Foram ainda recolhidos uma ponta de fuso com linhas incisas, um cossoiro e

torres de roca (Figura 154; Figura 155; Figura 156). Este cossoiro com linha incisa é análogo a dois exemplares recolhidos em Saltés, datados do século XIII (Bazzana e Bedia, 2005: 332).

Figura 154: Cossoiros de Cacela (93P/01) e de Saltés (Bazzana e Bedia, 2005: 332)

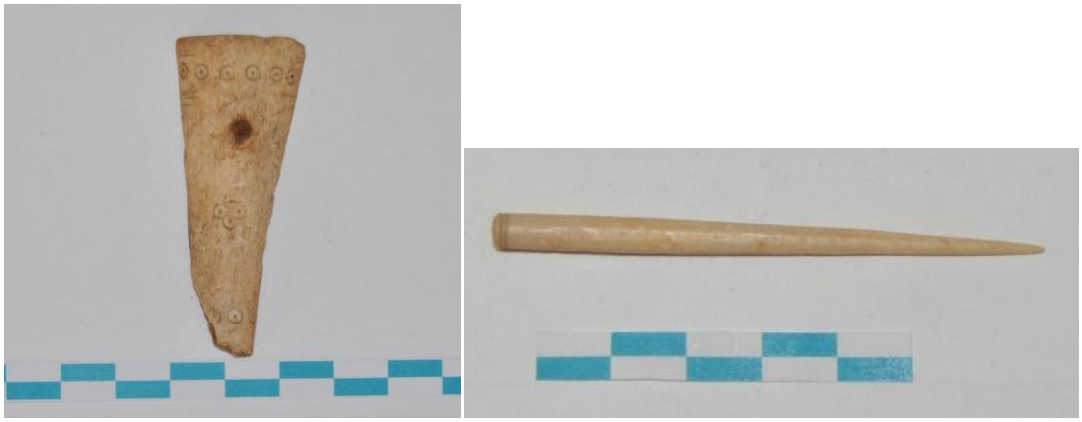


Figura 155: Cabo de faca (193C/01) e ponta de fuso (05C/01)

A torre de roca decorada com perfurações circulares e linhas incisas surge em variados sítios arqueológicos, como por exemplo no Castillo de la Torre Grossa, na região de Denia, em que surgiu integrado na colecção cerâmica almóada (Azuar, 1989: 212). Curiosamente, o Museu Arqueológico de Tetoúan integra na sua colecção várias torres de roca semelhantes, provenientes do sítio arqueológico de Tamuda, no norte de Marrocos. Contudo, as peças estão registadas com uma interpretação funcional diferente: elementos de flauta.

Figura 156: Torres de roca de cacela (5SC/01, 35P/01) e peças do Museu Arqueológico de Tetoúan (Marrocos)

5.3.2 Fauna

As camadas de deposição de areias no bairro islâmico contêm a maior percentagem de restos ósseos e malacológicos do sítio (Figura 157). Foram inventariados 562 fragmentos ósseos e, deste conjunto, foi possível identificar 347 elementos (Haws e Veríssimo, 2004). Os fragmentos predominam claramente nas camadas de areia fossilizada.

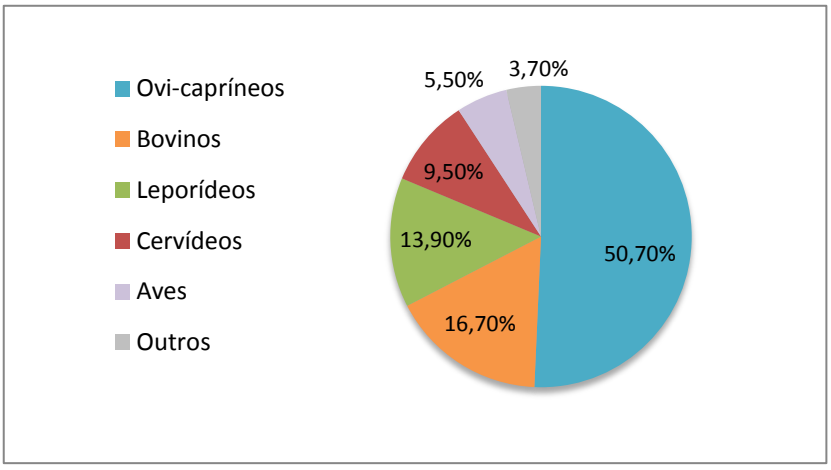


Figura 157: Fauna dos níveis arenosos do Poço Antigo

Verifica-se o aumento exponencial, nesta fase, do consumo de capríneos, indiscriminadamente entre adultos e juvenis. Em menor escala eram consumidas vacas adultas e coelhos (estes maioritariamente adultos). Vários ossos de ovi-capríneos e vacas apresentam marcas de corte, embora em menor quantidade que na fase de abandono do bairro. Eventualmente eram consumidos veados adultos e juvenis, galinhas e perdizes. Foram ainda registadas ossadas de

cavalo (4 conjuntos, um dos quais muito quebrado), de cão (2), de gato, 3 fragmentos de porco (*Sus scrofa*), um exemplar de lebre e um anfíbio. Caso curioso, o aparecimento de osso de lince.

Comparando as duas fases de ocupação medieval de Cacela, os ovi-caprídeos são a componente fundamental da dieta alimentar animal dos dois grupos, predominando o consumo de cabras sobre o de ovelhas. Naturalmente, não corresponde um animal a um fragmento, mas o consumo de bovinos faz parte da dieta alimentar. A caça de animais de pequeno porte constituiu um recurso importante para a sua sobrevivência, mas o consumo de coelhos é menor nas camadas de areia. A caça de animais de grande porte era escassa, mas mantém-se constante nos dois momentos de ocupação. Curiosa a captura de um lince, cujos restos foram depostos no nível de areia. No que se refere às aves, só foi possível identificar metade dos fragmentos, dividindo-se entre galinhas e perdizes, com predomínio ligeiro de galinhas.

No quadro seguinte, é possível comparar a percentagem de elementos faunísticos recolhidos e identificados nos dois níveis de ocupação (Figura 158):

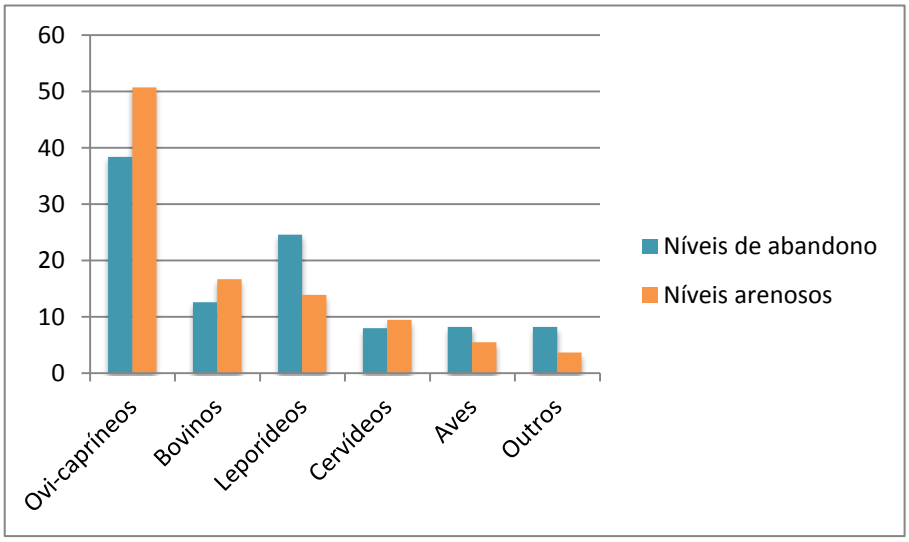


Figura 158: Quadro percentual dos achados faunísticos do Poço Antigo

Foram recolhidos diminutos testemunhos de pescado. Contudo, foram identificados dois mamíferos marinhos, um dos quais um tubarão. O fragmento registado como salmão carece de confirmação.

Nas deposições arenosas, matizadas por conchas de bivalves, verificou-se impraticável a recolha da totalidade dos moluscos. Assim, optou-se por proceder a recolhas por amostragem nas deposições arenosas e lixeiras domésticas.

Existe o aumento considerável no consumo de conquilhas, *Donax trunculus* e ostras, *Ostrea edulis*. As ostras dispersavam-se pelas deposições arenosas (ue2 e ue5) e as conquilhas encontravam-se tanto em deposições arenosas como nas lixeiras. O consumo da vieira (*Pecten maximus*) mantém-se constante nos dois momentos de ocupação. O consumo de berbigão (*Cerastoderma edule*) foi maior nos níveis de abandono.

Verifica-se a presença do berbigão-de-bicos, *Acanthocardia aculeata* (3 exemplares), amêijoa brilhante, *Callista chione* (4 exemplares) e taralhão, *Panopea glycimeris* (2 exemplares) nesta fase. O taralhão é uma concha grande (entre 15 e 20cm) que ocorre no mar Mediterrâneo e Mar Negro em fundos arenosos e lodosos. Esta concha foi recolhida sem a parte comestível, pois verifica-se uma deposição de ostras na concha. Apresentava pequenas perfurações na região dorsal, comprovando a sua utilização como artefacto ou objecto decorativo.

Foi recolhido um exemplar da castanhola *Glycymeris violacescens* e 4 exemplares da castanhola *Glycymeris bimaculata*. Os gastrópodes são espécies raras nos achados arqueológicos do Poço Antigo e de facto, nesta fase, foram registados um buzaréu e dois exemplares do belo gastrópode, denominado ferro de engomar, *Cymbium olla*. É uma concha grande (chega a ter 10 cm de altura) que prefere fundos de areia e cascalho, em águas até 30m de profundidade e que pode ser encontrada na costa atlântica, sendo muito comum na costa algarvia. Normalmente estas conchas são utilizadas com fins decorativos (Malaquias, 2007: 232).

5.4- A análise das cerâmicas

Este conjunto é composto por 966 fragmentos dos níveis de abandono do bairro e 790 peças dos níveis arenosos. As peças, apesar de provirem de distintos níveis de ocupação, são um conjunto homogéneo que integra as produções do período almóada (Figura 159). Deste modo, procurou-se nesta fase obter a caracterização geral da colecção cerâmica islâmica de Cacela.

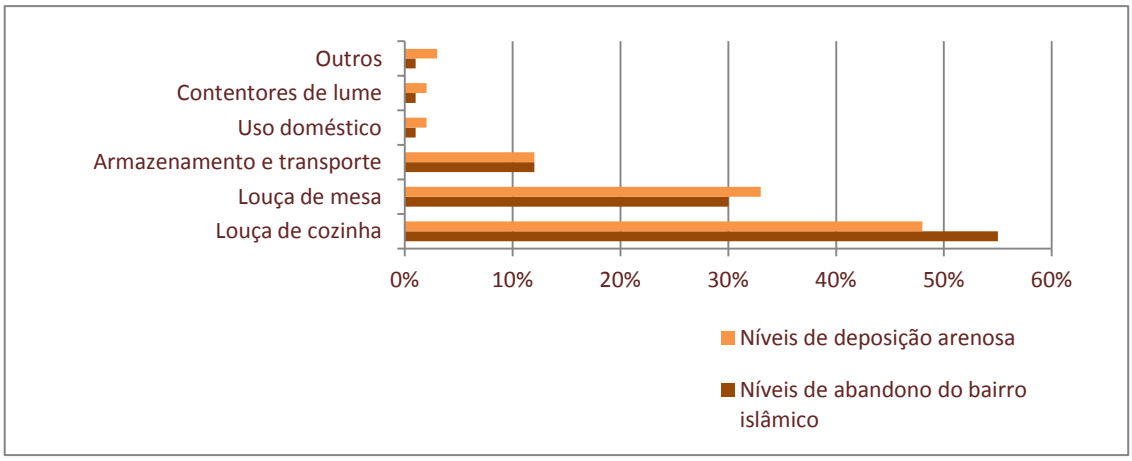


Figura 159: Distribuição tipológica das cerâmicas por níveis históricos no Poço Antigo

Verificou-se que as três classes de utensílios mais utilizados em ambiente doméstico predominam neste conjunto: a louça de cozinha apresenta valores acima da percentagem normalmente atribuída, 50%; segue-se a louça de mesa que ronda os 30% e os recipientes de armazenamento e transporte, com 12% da amostra.

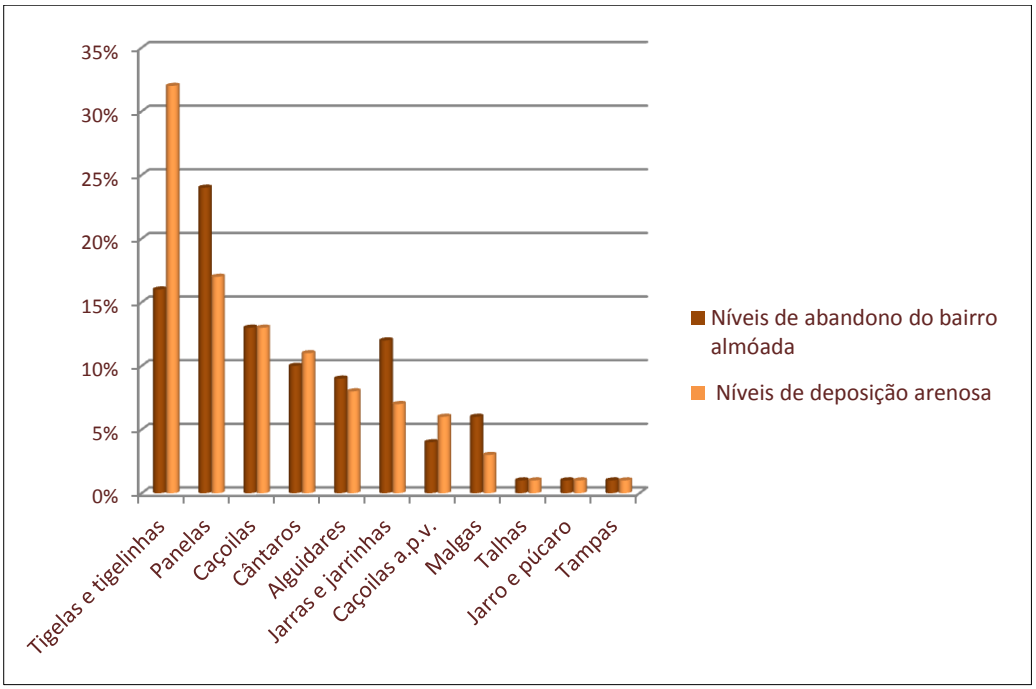


Figura 160: Distribuição de formas funcionais por níveis históricos no Poço Antigo.

As panelas, caçoilas e malgas, tigelas e jarras de diversos tamanhos, cântaros e alguidares seriam utensílios abundantes nas habitações de Cacela-a-Velha (Figura 160). Repare-se na percentagem elevada de tigelas encontradas nos níveis arenosos. Para funções especializadas marcavam presença as talhas, potes, jarro, bilhas, contentores de lume, taças e vasos (Figura 161).

Tipologias	Quantidade	%
Armazenamento …	*211*	*12*
Talhas e tampa	21	1,2
Potes	4	0,2
Cântaros	186	10,6
Louça de cozinha	*897*	*51*
Panelas	358	20,3
Caçoilas	226	12,9
Caçoilas a.p.v.	81	4,6
Alguidares	149	8,5
Malgas	83	4,7
Louça de mesa	*538*	*31*
Tigelas/tigelinhas	334	19
Jarras/jarrinhas	176	10,5
Jarros/púcaros	19	1,1
Outros (bilhas/taças)	6	0,3
Indeterminados	3	0,1
Contentores de lume	*22*	*1,3*
Candil/candeia	18	1,1
Fogareiro/braseiro	4	0,2
Uso doméstico	*29*	*1,6*
Tampas/testo	23	1,3
Outros (trípode/vaso)	5	0,3
Uso lúdico	*6*	*0,3*
Decorados indet.	*40*	*2,1*
Outras cronologias	*13*	*0,7*
Total	**1756**	**100%**

Figura 161: Classificação tipológica e funcional das cerâmicas do Poço Antigo

No âmbito do presente trabalho, foi possível organizar as pastas em função de tonalidades que eram evidentes a olho nu (Figura 162):

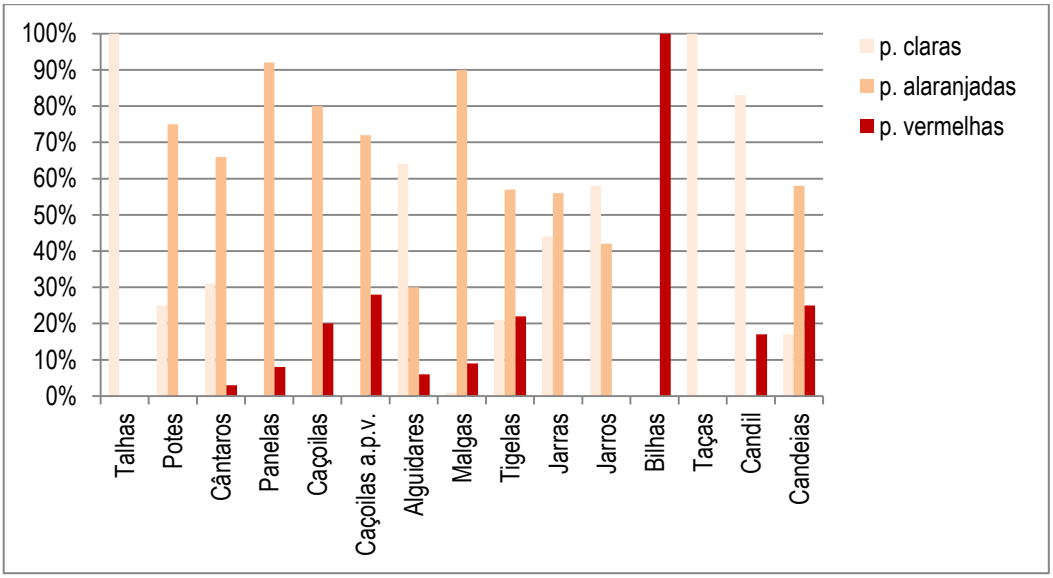


Figura 162: Distribuição de pastas e cerâmica doméstica do Poço Antigo

5.4.1 Recipientes de armazenamento e transporte

Talhas e tampa de talha

O pequeno grupo de talhas, vinte exemplares incluindo uma tampa, corresponde a cerca de 1% da amostra analisada. Este grande contentor parece ocupar normalmente uma pequena percentagem nos espólios arqueológicos, como Arrochela e Residência Paroquial de Silves, Santa Maria de Niebla e La Almagra de Huelva (Gomes, 2011: 28; 2006: 150; Benabat, 1997: 79; Vidal *et al*, 1999: 88).

Os fragmentos analisados têm pastas claras e porosas com predomínio do tom alaranjado claro, encontrando-se ainda pastas branca e bege. Em Cacela encontram-se, até ao momento, ausentes as produções de pastas vermelhas ou alaranjadas, que predominam no castelo de Salir e na Arrochela de Silves. Nesta habitação eram raras as pastas claras de cores branca e bege. Já na Alcáçova e numa pequena habitação de pátio interior escavada junto da Sé, em Silves, predominavam as pastas claras, cores branca, rosada e bege (Catarino, 1997-98: 788; Gomes, 2011: 28, 44; 2006: 144; 2003: 115). Estes objectos têm paredes espessas que variam entre 14 e 26mm.

Encontram-se no Poço Antigo as duas variantes normalmente associadas a estes recipientes:

- **Variante 1:** Grandes recipientes de bordo espesso e saliente, colo cilíndrico e provável corpo bojudo. Foram analisados somente bordos com arranque de colo. São fragmentos sem decoração, com superfícies interior e exterior alisadas e bordos triangulares ou circulares. As pastas brancas de bordo circular, foram revestidas por engobe ou aguada de côr branca. Este tipo de peças predomina nos níveis de abandono da fase final da ocupação almóada (Figura 163).
  Integram-se no tipo II de Cádiz e tipo 1 de Mértola, de bordos salientes de secção circular ou triangular, tendo Cavilla Sánchez-Molero encontrado paralelos em Sevilha, Caños de Meca (Barbate), Niebla e Silves (Cavilla, 2005: 157, 488; Goméz, 2004: 289). Todavia, as peças de pastas bege e brancas de bordos triangulares encontrados em Cacela não encontram paralelos em Cádis. Silves e Mértola já têm peças análogas (Gomes, 2011: 127; 2003: 298, Q29/C2-1; Goméz, 2004: ficha CR/ET/0071). A talha de bordo circular CV/PA/01/2980 tem fortes semelhanças com peças de Silves e Niebla (Gomes, 2003: 54, Co.13/C3-10; Campos *et al*, 2005: figura 169).

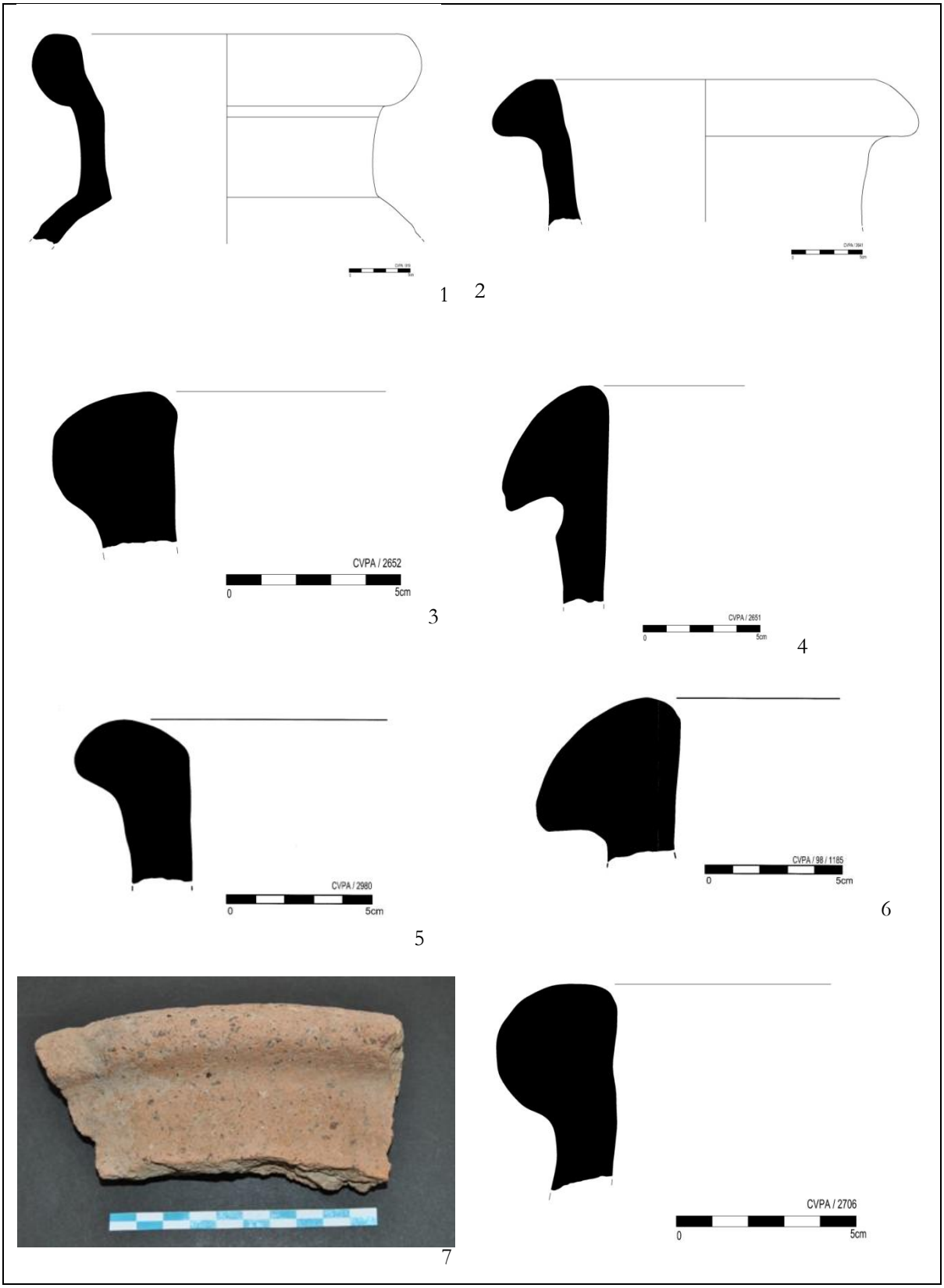


Figura 163: Talhas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 1*: 1-Ref. CV/PA/98/31/919 de pasta alaranjada clara. Ø 290mm. Alt. 172mm. 2-CV/PA/01/47/2641 de pasta bege. Ø boca 240mm; Esp. 19mm. 3-CV/PA/01/52/2652 de pasta branca e engobado branco. Esp. 21mm. 4- CV/PA/01/52/2651 de pasta bege. Esp. 22mm. 5- CV/PA/01/2/2980 de pasta alaranjada clara. Esp. 21mm. 6-CV/PA/98/13/1185 de pasta alaranjada clara. Esp. 23mm. 7-CV/PA/01/52/2706 de pasta branca e engobado branco. Esp. 19mm. Desenhos: PD, CT, RF.

- **Variante 2:** Nos níveis arenosos predominam os fragmentos de talhas de vidrado verde e decoração estampilhada característica da época almóada, com motivos florais, vegetais, epigráficos e geométricos. Estes estampilhados foram largamente difundidos na época almóada e presentes em Silves (Gomes, 1988: 246; 2006: 44; 2003: 249), Faro, Mértola, Niebla, Saltés, Cádis e Sevilha, em contextos da 2ª metade do séc. XII e 1ª metade do século XIII (Figura 164; Figura 165).

Quanto aos desenhos, três fragmentos apresentam losangos geminados, por vezes associados a outros motivos. É o caso do fragmento de tiras epigráficas de pasta bege CV/PA/01/422, que encontra fortes semelhanças com dois exemplares descobertos no castelo e na zona ribeirinha de Silves (Gomes, 1988: 246; 2003: 255, 262; Gonçalves e Khawli, 2004: nºs 3 e 12). Em Tavira foi encontrado um motivo epigráfico semelhante, mas sobre suporte de pasta laranja (Maia, 2012: 90).

Já o fragmento decorado com rosetas encontra semelhança com o fragmento de pasta bege de Niebla, com um fragmento de Cádis e outro do Cuartel del Carmen de Sevilla, em contextos arqueológicos de época almóada final (Campos *et al*, 2006: 255; Cavilla, 2005: fig. 71; Lafuente, 1999b: 141). Foram ainda encontrados paralelos, embora com pastas diferentes em Silves e Faro (Paulo, 2000: 48; Gomes, 2003: 299, 301).

Os arcos lobulados encontram-se presentes, por exemplo, nos achados arqueológicos de Sevilha e Silves (Lafuente, 1999a: 210; Gomes, 2003: 252, 255, 259, 263) e os motivos vegetais encontram semelhanças em peças de Cádis (Cavilla, 2005: Fig. 65).

Finalmente, o fragmento de tampa de talha CV/PA/01/2663 corresponde com dois fragmentos com estampilha de flor de oito pétalas encontrados em Silves e bairro da Alcáçova de Mértola (Gonçalves e Khawli, 2004: 187; Gomes, 2003: 260, 267; Goméz, 2004: ficha CR/ET/0076).

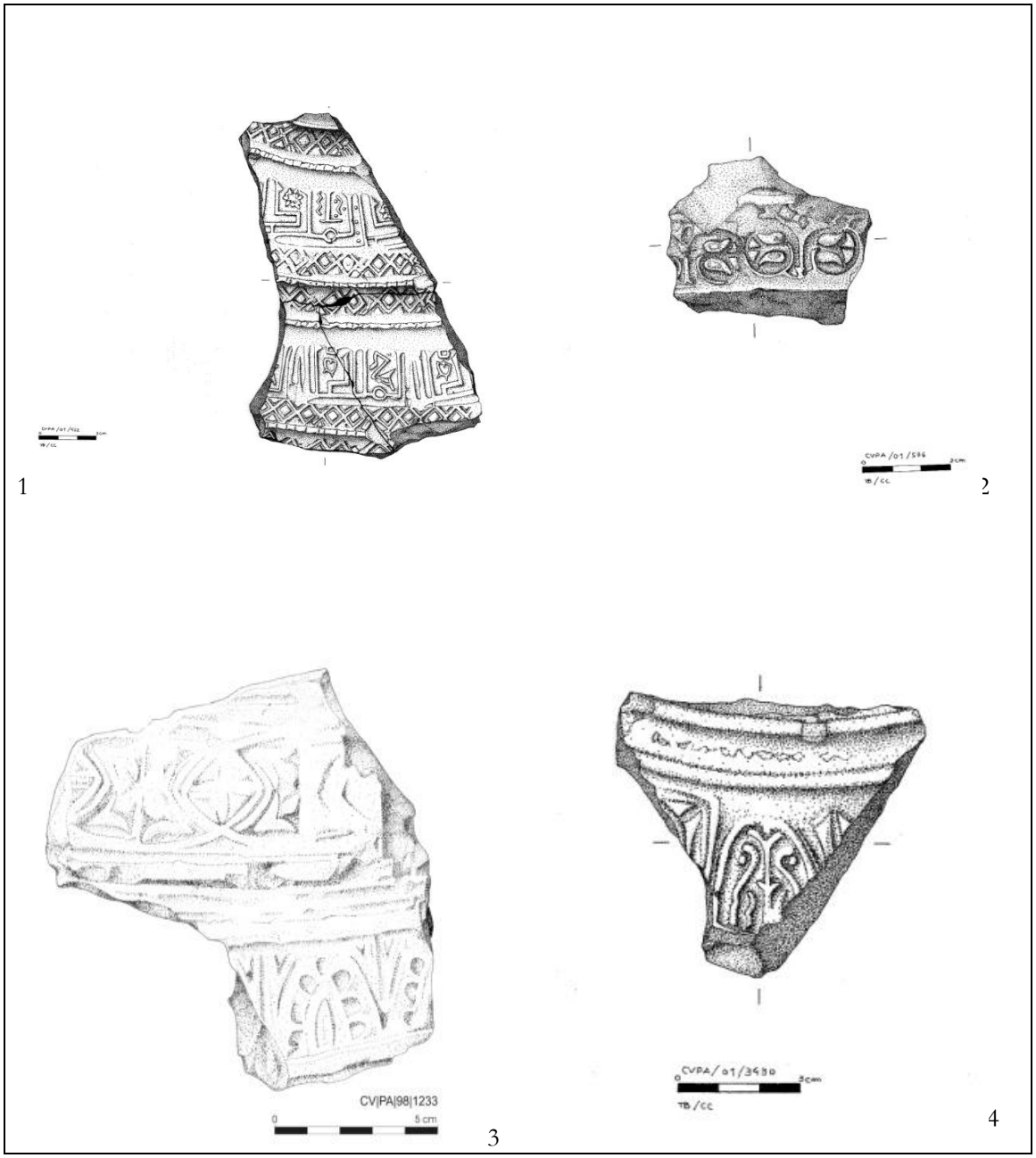


Figura 164: Talhas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 2*: 1-Ref. CV/PA/01/5/422 de pasta bege e decoração geométrica e motivo epigráfico cúfico. Esp. 23mm (TB/CC). 2-CV/PA/01/34/576 de pasta branca e estampilhado vegetalista e em espinha. Esp. 19mm (TB/CC). 3-CV/PA/98/18/1233 de pasta alaranjada clara e decoração com elementos arquitectónicos. Esp. 21mm (CC). 4- CV/PA/01/6/3430 de pasta alaranjada clara. Esp. 18mm (TB/CC).

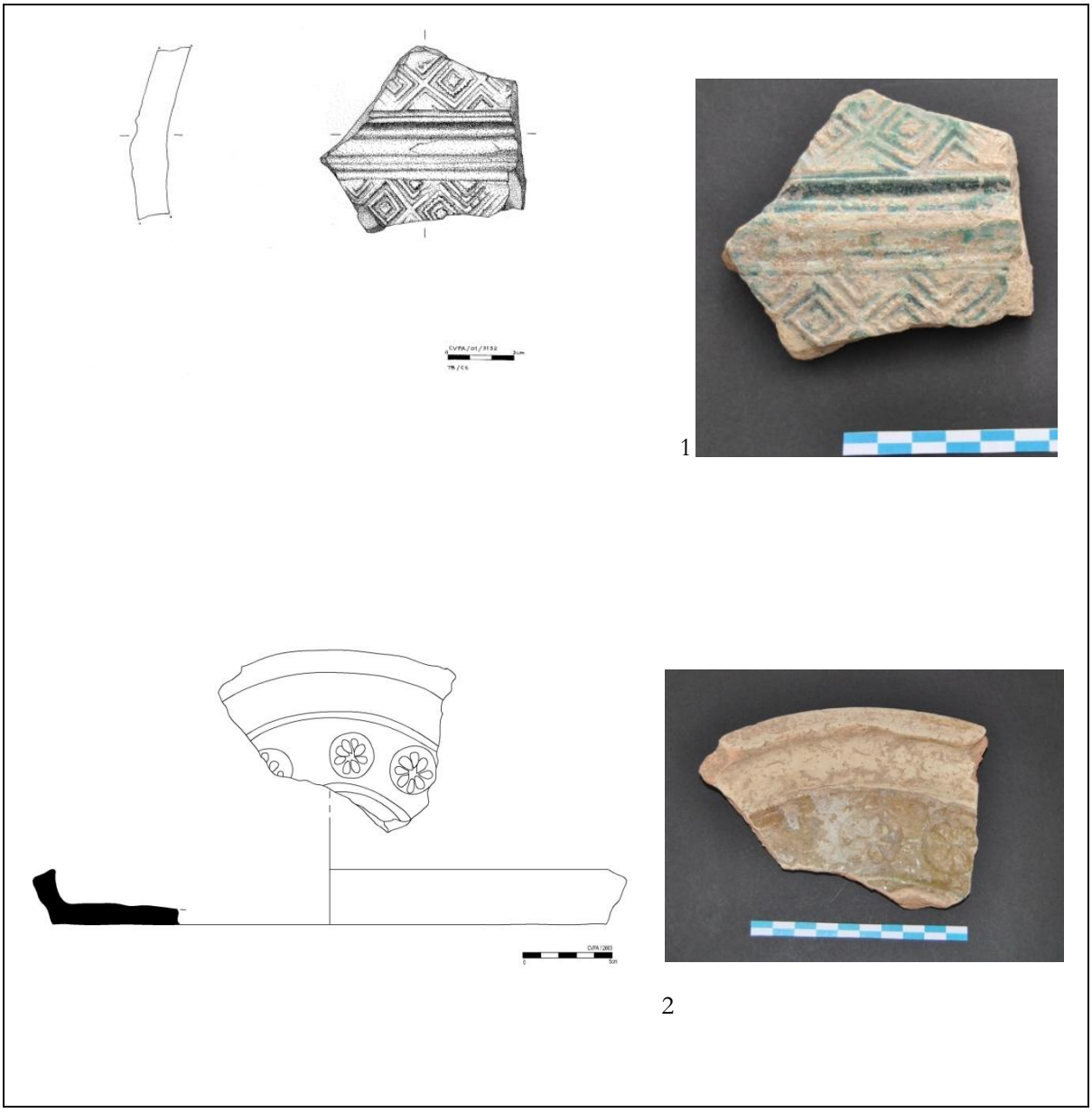


Figura 165: 1- Talhas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 2*: 1-CV/PA/01/2/3132 de pasta bege e estampilhado de losangos geminados. Esp. 15mm (TB/CC). 2- CV/PA/01/52/2663 de pasta alaranjada clara, engobe branco e vidrado sobre estampilhado de flor de oito pétalas. Ø 310mm. Esp. 12mm (PD/RF).

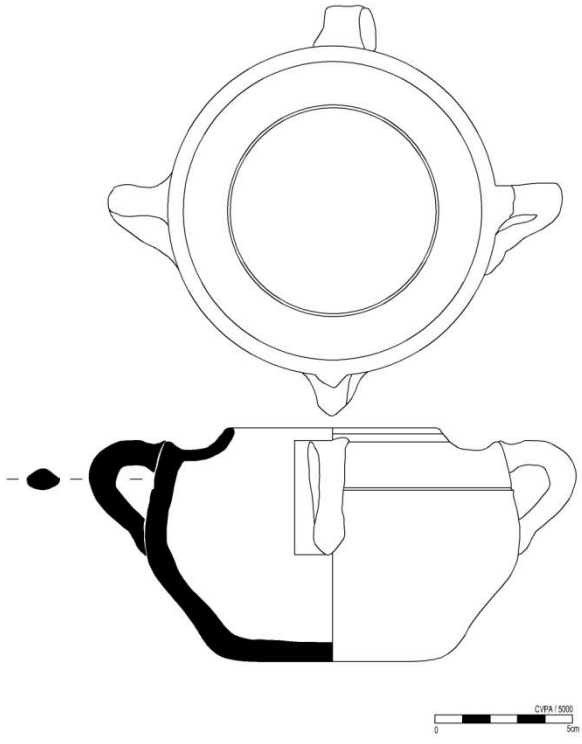
Potes

Os potes são raros na utensilagem doméstica encontrada no Poço Antigo: foram recolhidas duas peças completas e quatro fragmentos diversificados. Em Niebla, apenas foram representados dois exemplares, provavelmente de produção local (Campos *et al*, 2006: 84, 150). Na Arrochela de Silves encontram-se referenciadas poucas peças, mas nas escavações da Torre Albarrã surgiram meia centena de exemplares. Na alcáçova de Silves surgiu um conjunto de potes de cronologia anterior. No castelo de Salir, os potes rondam 4% do total recolhido (Catarino, 1997-98: 489).

Registamos quatro variantes deste grupo:

- **Variante 1:** Pote CV/PA/98/808 encontrado em nível de abandono da cozinha da Casa I. Peça de lábio arredondado e bordo extrovertido, corpo ovóide, estreitamento do fundo com base convexa e duas asas verticais que arrancam do colo. Tem caneluras que se estendem desde o colo até à base (Figura 166). Esta peça foi registada para Mértola, por Khawli (1993: 66). No bairro da alcáçova de Mértola foram encontrados vários exemplares semelhantes, atribuídos à segunda metade do século XII e primeira metade do século XIII. Apresentam pastas bege e alaranjada e caneluras cobrem a totalidade da peça (Goméz, 2004: fichas CR/BR/0005, CR/BR/0030, CR/BR/0023). Helena Catarino considerou este tipo de peças como inovações da época almóada no interior serrano (Catarino, 1997-98: 500, 1195).
- **Variante 2:** Foi encontrado em nível arenoso um pequeno pote carenado com quatro asas, com encaixe de tampa, de pastas alaranjada. Como as quatro asas permitem que seja suspenso no ar e não apresentava vidrado ou vestígios de fogo, foi incluído na série de armazenamento (Figura 166). No castelo de Salir foi encontrado um pote semelhante de pasta bege, quatro asas e pé anelar, integrado no período almóada (Catarino, 1997-98: 780). Em Mértola e Silves foram registadas peças formalmente análogas, mas de pé anelar e vidradas e decoradas e de cronologia anterior (Khawli, 1993: 76; Goméz, 2004: CR/ML/0010; Gomes, 2011: 218, 224).

1



2

Figura 166: Potes do Poço Antigo, Cacela. *Variante 1*. 1-ref. CV/PA/98/12/808 de pasta alaranjada clara. Ø 85mm. Alt. 150mm (PD/CT). *Variante 2*. 2-CV/PA/01/5/5000 de pasta alaranjada. Ø boca 120mm. Alt. 92mm (PD/CT).

- **Variante 3:** Pote vidrado melado em ambas as superfícies, com caneluras e duas asas (Figura 167). Equivalente ao tipo III de Cádis (Cavilla, 2005: 153). Foram ainda encontradas peças semelhantes em Silves e Sevilha (Gomes, 2011: 114; Lafuente, 2003: 282).
- **Variante 4:** Bordo de pote CV/PA/98/15 em rebordo côncavo de pasta alaranjada. Apresenta pintura de côr branca e cordão digitado (Figura 167). Aparentemente este tipo de bordos podia pertencer a contentores de líquidos densos como mel. Por isso, o bordo podia ter a funcionalidade de evitar que o mel escorresse pelas paredes ou podia conter água e evitar a aproximação de formigas, por exemplo (Morais, 2006: 151). Não foram encontradas analogias.

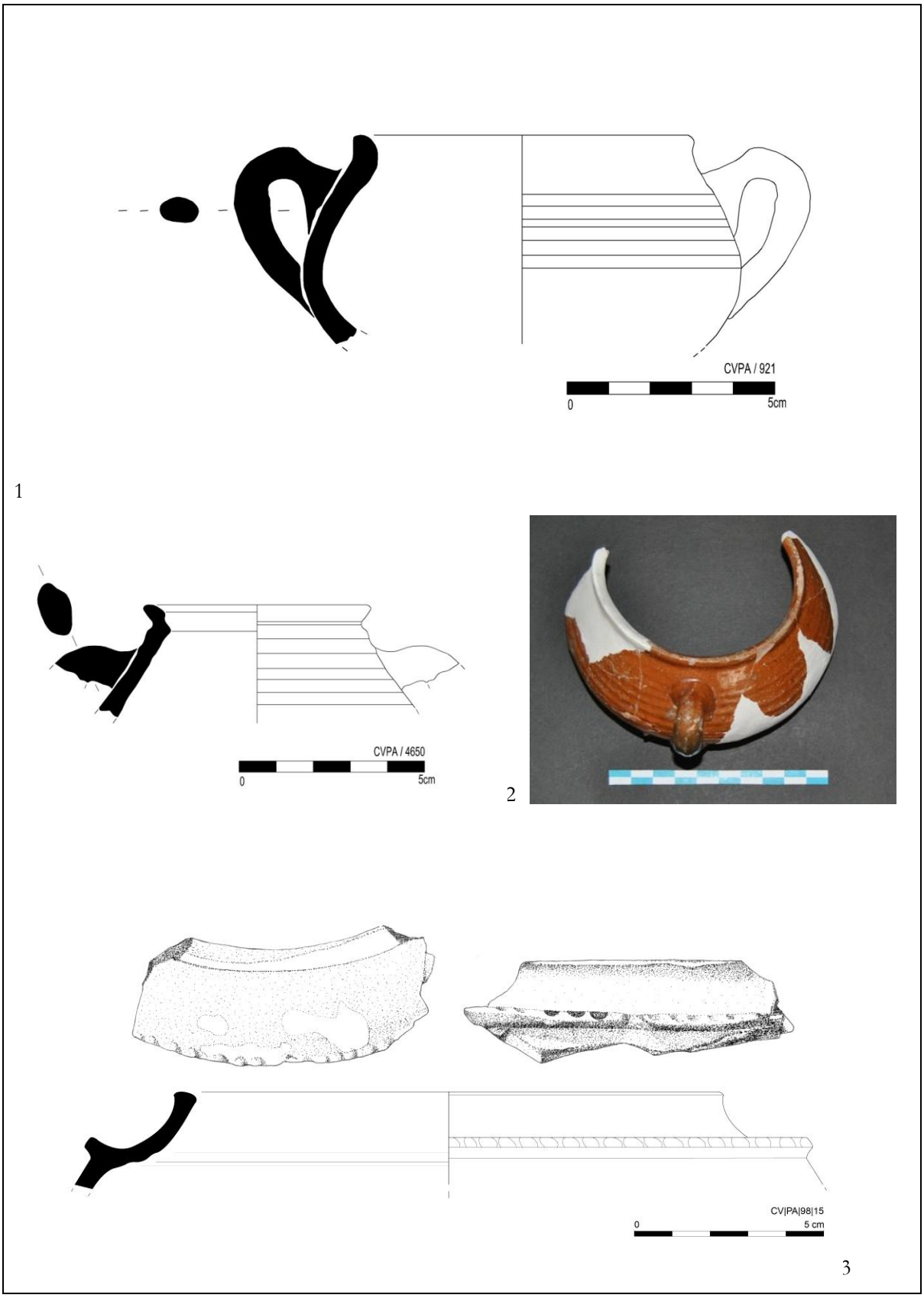


Figura 167: Potes do Poço Antigo, Cacela. *Variante 3*. 1-CV/PA/98/3/921 de pasta alaranjada. Ø 80mm (PD/CT); 2-CV/PA/01/2/4650 de pasta alaranjada. Ø 60mm (PD/CT). *Variante 4*. 6-Bordo de pote; CV/PA/98/9/15 de pasta alaranjada. Ø 141mm (CC).

Cântaros

Foram seleccionadas 183 peças, correspondendo a 10,6% da amostra. Deste conjunto, duas peças completas foram retiradas da cozinha da casa I e 111 fragmentos correspondem a asas, o que dificultou a percepção das formas. No compartimento 13 da Arrochela de Silves, Santa Maria de Niebla e castelo de Salir, a distribuição percentual de cântaros encontrados em escavações aproximou-se de Cacela, 13%, 11,5% e 11,6%, respectivamente (Gomes, 2011: 44; Benabat, 1997: 80; Catarino, 1997-98: 501). Na Residência Paroquial de Silves, os cântaros contabilizavam 18,48% (Gomes, 2006: 150). Em La Almagra de Huelva, foram contabilizados 8,4% (Vidal *et al*, 2010: 88).

Os cântaros identificados caracterizam-se por terem bordo saliente ou em moldura, colo cilíndrico ou troncocónico invertido, corpo de forma globular ou ovóide, fundo plano ou em ônfalo e duas fortes asas. Os diâmetros de boca variam entre 80 e 160mm, medindo a média 100mm.

Predominam as pastas alaranjadas (66%) sobre as pastas claras (31%) e vermelhas (3%). O grupo de pastas claras inclui alaranjadas claras, bege e, em menor quantidade, pastas brancas. As asas de pastas claras têm a forma de "ombro" com nervuras, como se podem encontrar em Sevilha (Lafuente, 1995: 292; 1999a: 213).

Em Santa Maria de Niebla, predominam igualmente as pastas alaranjadas e beges com decoração pintada com óxido de manganés (Benabat, 1997: 80). No Parlamento de Andalucía, as pastas alaranjadas e beges encontram-se na mesma proporção, mas no Cuartel del Carmen predominam as pastas claras (Lafuente, 2003: 273; 1999b: 143). O conjunto de pastas alaranjadas e vermelhas predomina na generalidade dos níveis almóadas escavados na Arrochela, Alcáçova, Torre albarrã e Salão Paroquial de Silves (Gomes, 2011: 28, 44; 2003: 115; 2006: 150). No castelo de Salir, os cântaros têm pastas vermelhas e uma variante de pastas alaranjadas, aparentemente com poucas semelhanças com o grupo de Cacela, não tendo sido encontradas pastas claras (Catarino, 1997-98: 794).

As peças de Cacela apresentam alisamento das superfícies exterior e interior ou caneluras e cobertura com aguada ou engobe de côr branca ou cinzenta nas pastas alaranjadas e engobe branco nas pastas claras. Os motivos decorativos compõem-se por desenhos digitais de linhas, pingos ou círculos de côr branca, preta e almagre.

Identificámos quatro variantes reconhecidas pela dimensão e tipo de bordo no grupo dos cântaros de Cacela:

- **Variante 1:** duas cântaras (pequenos cântaros) de pastas alaranjadas (Figura 168). Foram identificadas por Khawli (1993) em Mértola e por Bazzana na forma 251 (Bazzana e Bedia, 2005: 283-285). Em Tavira foi encontrado um exemplar semelhante, embora de pasta vermelha e com pintura de cor branca (Cavaco e Covaneiro, 2010:107).

Figura 168: Cântaros do Poço Antigo, Cacela. *Variante 1*. 1-CV/PA/98/12/770 de pasta alaranjada. Ø 90mm. Alt: 205mm (CC); 2-idem CV/PA/98/12/913 de pasta alaranjada. Ø 850mm. Alt: 257mm (CC).

- **Variante 2:** cântaros de pasta alaranjada e bordos salientes, perfil triangular ou circular, colo cilíndrico e com pintura branca ou cinzenta (Figura 169). Encontram fortes parecenças com cântaros de Silves, Castelo de Salir e algumas semelhanças com peças de Cádis (Gomes, 2003: 292, C2-7; Catarino, 2000:112; Cavilla, 2005: fig. 46). A peça CV/PA/3341 tem parecença com um recipiente de Mértola, embora este seja de cronologia anterior (Goméz, 2004: ficha CR/PT/0060). Quanto à aplicação plástica do fragmento CV/PA/01/3480, de pasta alaranjada e engobe cinzento, decorado de linhas brancas e semelhante a um cântaro de pasta vermelha de Mértola (Goméz, 2004: ficha CR/PT/0080), poderá igualmente colocar-se a hipótese de integrar uma produção local.
- **Variante 3:** cântaros de pastas claras e alaranjadas, bordos em moldura alongados, caneluras, aplicação de engobe branco e pintura negra, vermelha e branca (Figura 170). Foi identificado como um cântaro clássico, "forma 255", presente em Saltés (Bazzana e Bedia, 2005: 283-285). Encontram ainda paralelos em Sevilha e Silves (Lafuente, 2003: 282; Gomes, 2003: 303, 305, 315, 343: UI-6; 2011: 247: C1-6) e algumas semelhanças com bordos de Niebla e Cádis (Campos *et al*, 2005: fig. 59, 8; Cavilla, 2005: fig.50).

As variantes 2 e 3 têm proximidade morfológica com os materiais da Plaza de Santa Maria de Niebla. Todavia, terão maior afinidade com a série de Silves, comparando os sítios arqueológicos analisados.

- **Variante 4:** cântaros de bordo vertical. Peças de pasta alaranjada, de colo cilíndrico ou convexo (Figura 170). Mértola tinha um forno cerâmico com produção própria de cântaros de pastas vermelhas de tipo ferruginoso com abundantes elementos não plásticos. Os bordos eram verticais, as molduras com estrias horizontais e o colo aproximadamente cilíndrico (Goméz, 2004: 676-678). Pode colocar-se a hipótese que a imagem deste bordo e colo convexo tenha uma tradição de produção, que se estende de Sevilha, Cádis, levante ibérico e norte de África (Cavilla, 2005: 147; Azuar, 1989: 179) aos territórios algarvio e alentejano. Como tal, os cântaros da Cerca do Convento de Loulé (Luzia, 2003a: 54-55) e a peça CV/PA/01/322 de Cacela poderão ser uma produção do sotavento algarvio. No Castelo de Salir existem igualmente exemplares análogos.

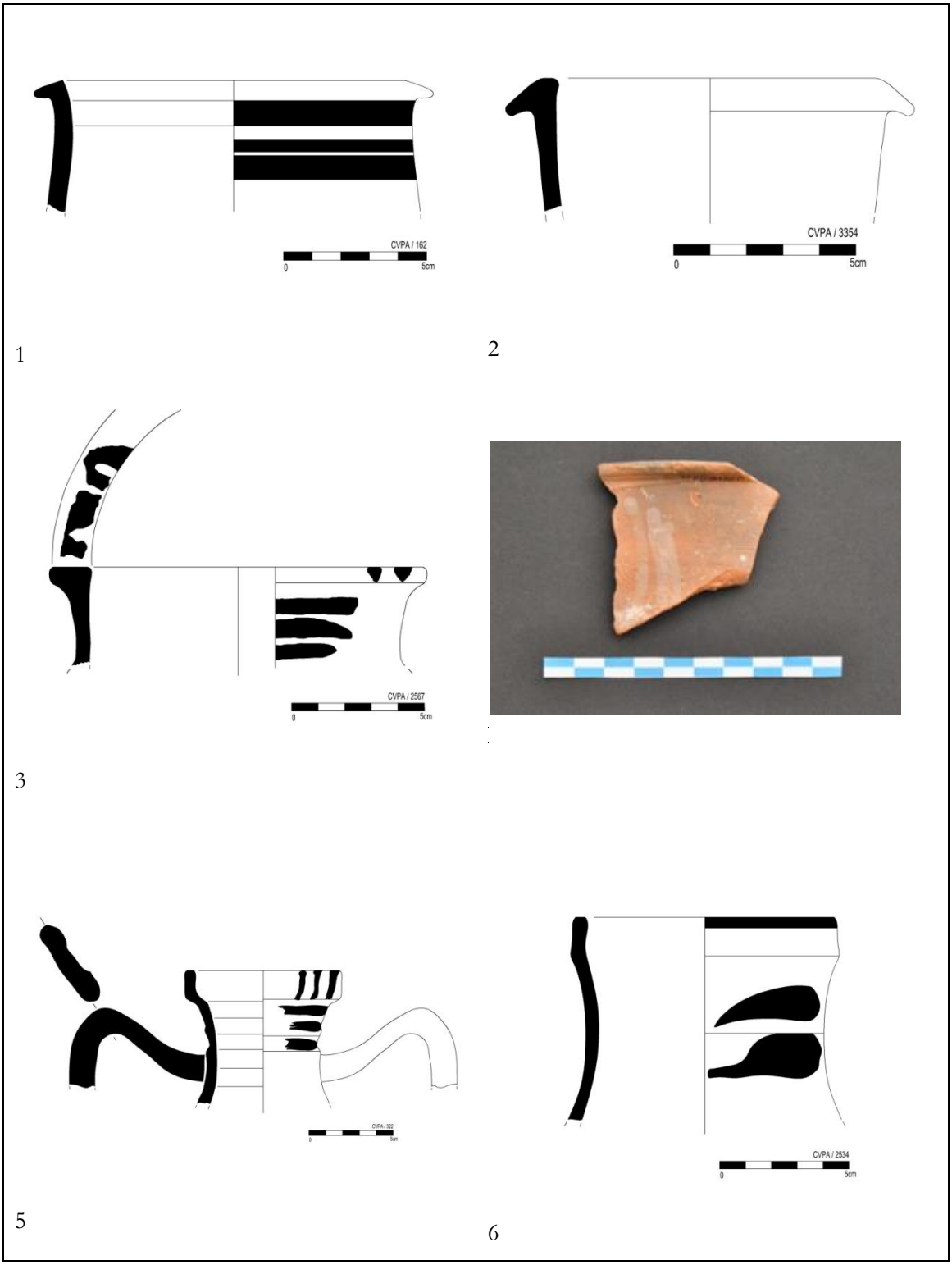


Figura 169: Cântaros do Poço Antigo, Cacela. *Variante 2*. 1-CV/PA/98/12/162, Ø 120mm (PD/CT); 2-CV/PA/01/4/3354, Ø 90mm (PD/CT); 3-CV/PA/01/44/2567 com linhas de côr branca. Ø 140mm (PD/CT); 4-CV/PA/98/37/956 com pintura de linhas de côr branca. V*ariante 4*. 5- CV/PA/01/2/322 com pintura de linhas brancas. Ø 90mm (PD/RF); 6-idem CV/PA/01/39/2534 com engobe almagre e pintura de côr branca. Ø 100mm (PD/RF).

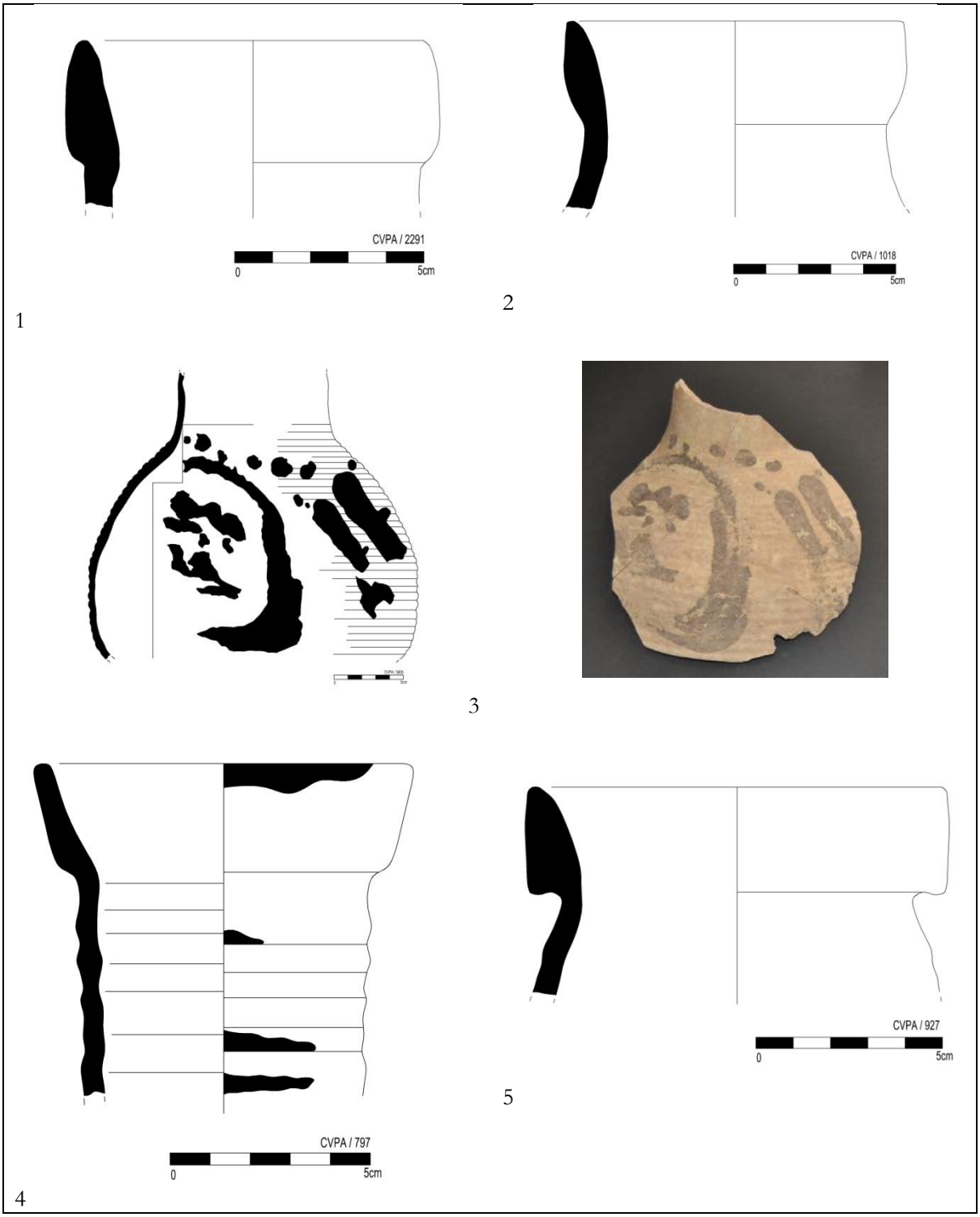


Figura 170: Cântaros do Poço Antigo, Cacela. *Variante 3*. 1-CV/PA/01/6/2291 de pasta alaranjada clara e engobe branco. Ø 90mm (PD/CT). 2-CV/PA/98/10/1018 de pasta alaranjada clara. Ø 100mm (PD/CT). 3- CV/PA/01/6/3435 de pasta bege, corpo globular, engobe branco das superfícies e pintura digitada de côr negra sobre caneluras (PD/CT). 4-CV/PA/01/46/797 de pasta alaranjada clara. Pintura vermelha sobre engobe branco. Ø 90mm (PD/RF). 5-CV/PA/01/48/927 de pasta alaranjada clara e aguada branca exterior. Ø 110 mm (PD/CT).

5.4.2 Louça de cozinha

Panelas

As panelas, com a função principal de cozedura lenta e prolongada dos alimentos sobre um fogo suave de brasas, predominam no conjunto da cerâmica doméstica de uma casa islâmica (Lafuente, 1995: 289; 1996: 175). No Poço Antigo, as 353 peças seleccionadas representam 20% da amostra total, sendo o número nos níveis de abandono, 24% superior aos níveis arenosos, 17%. Três peças correspondem a formas completas e o remanescente do grupo é composto por pequenos fragmentos de bordo e arranque do corpo ou asas, todos com abundantes marcas de fogo.

No castelo de Salir, Santa Maria de Niebla e La Almagra de Huelva, as panelas representam respectivamente, 22%, 23% e 22% do espólio recolhido ou seleccionado. No compartimento 13, unidade 3 da Arrochela e Residência Paroquial de Silves, as panelas atingem 50,7%, 52,8% e 57,2% (Benabat, 1997: 74; Catarino, 1997-98: 489; Gomes, 2011: 44, 78; 2006: 150; Vidal *et al*, 2010: 88).

As pastas destes recipientes são maioritariamente de coloração alaranjada, 92%, de tipo esponjoso e com muitos elementos não plásticos, como ferro, micas e quartzos. Apenas foram contabilizados 30 fragmentos de pasta vermelha, correspondendo a 8% do conjunto.

Na Arrochela de Silves, as panelas são igualmente incluídas no grupo das pastas vermelhas, que englobam, segundo a autora, pastas de côr laranja, vermelha e cinzenta (Gomes, 2011: 44, 78). Em Santa Maria de Niebla, predominam as pastas castanhas, vermelhas e cinzentas (Benabat, 1997: 54).

Na generalidade, as panelas apresentam bordo engrossado, lábio plano, colo cilíndrico curto, corpo globular, fundo plano ou ligeiramente convexo e uma ou duas asas de secção circular ou oval. Em relação aos acabamentos, predomina o alisamento das superfícies exterior e interior, pintura digital de côr branca, linhas e por vezes pingos na superfície exterior das peças. Foram identificados poucos fragmentos de vidrado interior melado ou verde (6), caneluras (6) ou linhas incisas (5) na superfície exterior, talvez, como foi referido, pela particularidade destes fragmentos, que impedem a percepção da totalidade da peça. O diâmetro da boca das panelas varia entre 90 e 160mm, situando-se a média nos 100mm.

O grupo do Poço Antigo aparenta integrar a tipologia das panelas (*ollas*) almóadas características desta região sudoeste do al-Andalus. Contudo, a pouca representatividade das panelas com caneluras sugere que no final do período almóada, no sotavento algarvio, terão tido um decréscimo de fabrico. Esta observação carece de fundamento, até se verificar, de forma exaustiva, as colecções arqueológicas existentes. Verificou-se ainda que a diversidade de bordos identificados em Cacela, não foram encontrados, por exemplo, no Castelo de Salir.

Face à forte analogia formal e técnica das panelas, Pilar Lafuente propôs a existência de centros produtores que podiam abastecer mercados regionais, opinião corroborada pelo estudo da cerâmica islâmica de Mértola (Lafuente, 1999a: 208; 1996: 181; Goméz, 2004).

Deste modo, foram identificadas as seguintes variantes nos fragmentos de panelas:

- **Variante 1:** panela de colo cilíndrico ou ligeiramente troncónico curto e arranque de corpo globular (Figura 171). Pode considerar-se a panela típica almoada da zona do sudoeste do al Andalus (Lafuente, 1999a: 208). Esta peça, também designada "olla o marmita" tem correspondência no tipo III de Cádis, forma 139 em Saltés e tipo 7 de Mértola (Cavilla, 2005: 136; Bazzana e Bedia, 2005: 266; Goméz, 2004: 325).
- **Variante 2:** panela de colo troncónico e lábio triangular (Figura 172). Equivale ao tipo V de Cádis e tipos I e III de Santa Maria de Niebla (Cavilla, 2005: 141; Benabat, 1997: 74-75). Encontram-se ainda exemplares idênticos em Saltés e na Cerca do Convento de Loulé (Bazzana e Bedia, 2005: figura 209; Luzia, 2003: 8). Na Arrochela de Silves foi encontrada em contexto estratigráfico dos séculos XII/XIII, uma peça idêntica (Gomes, 2011: 312).
- **Variante 3:** panela de colo convexo (Figura 172). Variante equivalente ao tipo I de Cádis e tipo III de Santa Maria de Niebla (Cavilla, 2005: 132; Benabat, 1997: lâminas 11 e 14), encontrando-se ainda variados exemplares em contextos almóadas de Silves, como a Residência Paroquial e de Tavira (Gomes, 2006: 211; Cavaco, 2011: catálogo, X). É uma morfologia de longa duração no sotavento algarvio e peças semelhantes foram encontradas nas camadas mais antigas do castelo de Salir e no povoado do Vale do Boto (Catarino, 1997-98: 762). Poderão ainda ser análogas às peças de cronologia califal encontradas em Mértola (Goméz, 2004: fichas CR/CC/0090 e CR/CC/0095).

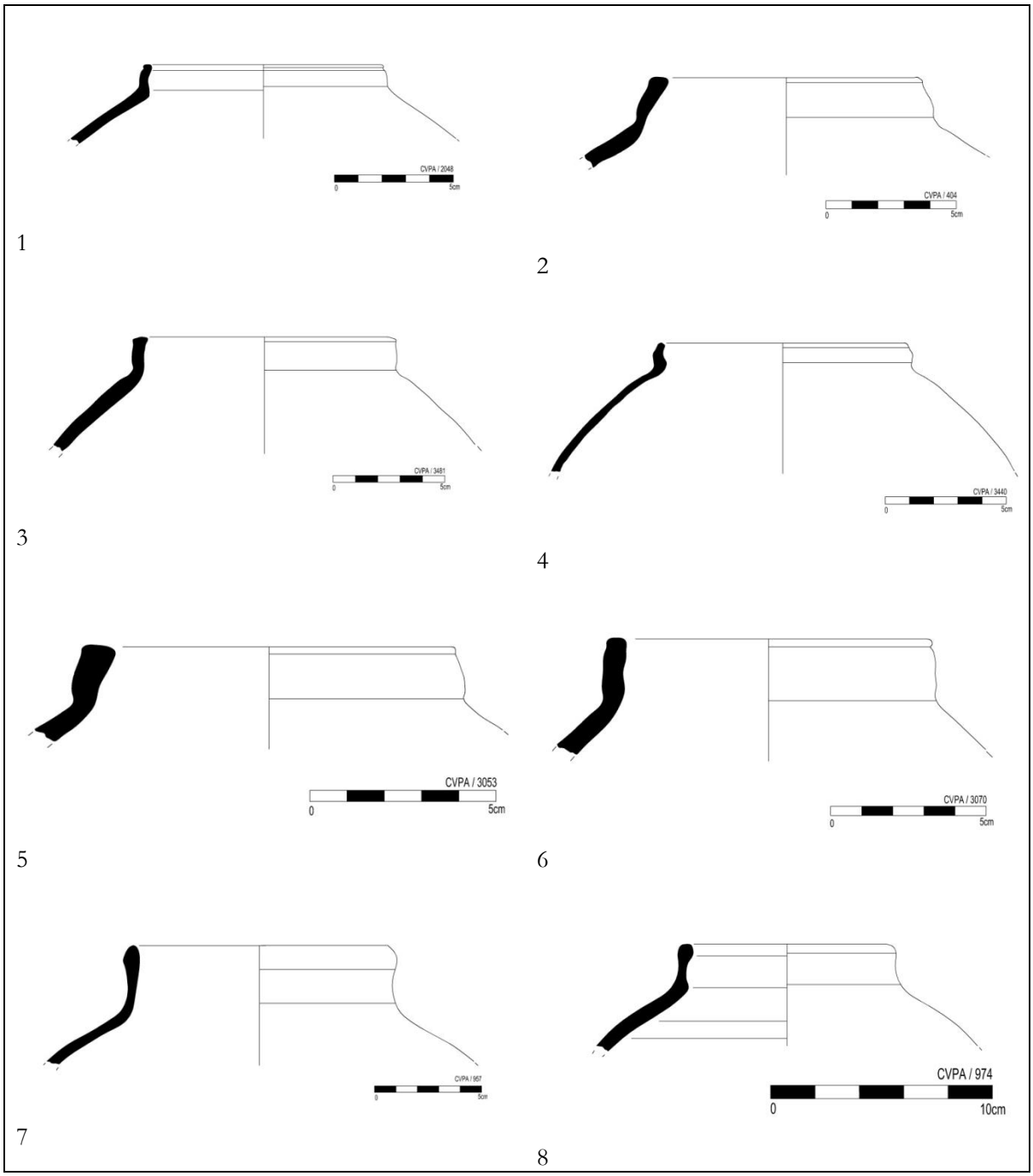
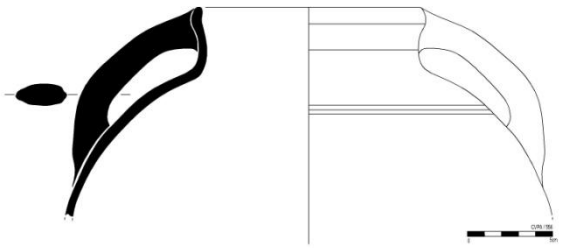
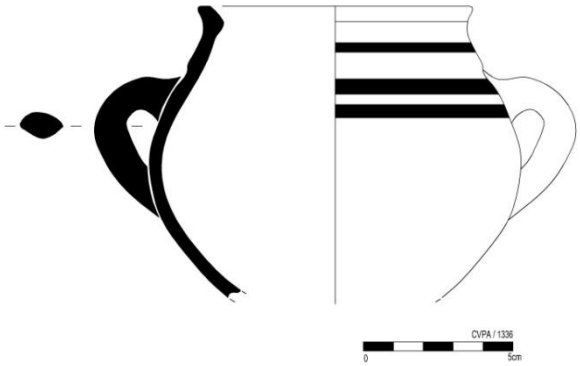


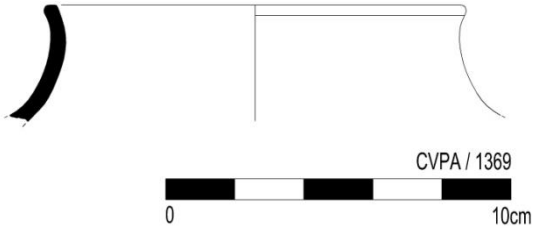
Figura 171: Panelas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 1*. 1-Ref. CV/PA/01/5/2048. Ø boca 100mm (PD/RF); 2- CV/PA/01/2/404. Ø 100mm (PD/CT); 3-CV/PA/01/13/3481. Ø 110mm (PD/CT). 4-CV/PA/01/6/3440 de vidrado verde interior. Ø 100mm (PD/CT); 5-CV/PA/01/2/3053 com pintura de côr cinzenta. Ø 100mm (PD/JV); 6-CV/PA/01/2/3070. Ø 100mm (PD/JV); 7-CV/PA/98/2/957. Ø 120mm (PD/RF); 8-CV/PA/98/2/974. Ø 90mm (PD/RF).

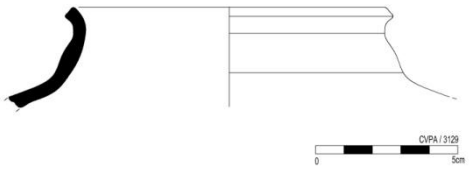


1



2





4

3

Figura 172: Panelas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 2*. 1-Ref. CV/PA/98/24/556 de pasta vermelha decorada com linhas incisas e pinturas de côr branca. Ø 130mm (PD/RF). 2-CV/PA/01/6/1336 de pasta alaranjada decorada com linhas brancas. Ø 90mm (PD/RF). *Variante 3*. 3-CV/PA/01/57/1369. Ø 120mm (PD/RF). 4-CV/PA/01/2/3129. Ø 110mm (PD/CT).

Caçoilas

As caçoilas, 307 fragmentos, correspondem a 17% do total da amostra de estudo. O conjunto inclui maioritariamente bordos e 5 peças semi-completas. Distribuem-se igualmente entre os dois níveis de ocupação. Observa-se a predominância de pastas alaranjadas (78%) sobre as pastas vermelhas (22%). A famosa caçoila almóada vidrada de aplicações plásticas verticais (a.p.v.) encontra-se bem representada, 81 exemplares, que constituem 5% das cerâmicas.

As caçoilas encontradas nas escavações arqueológicas variam nas quantidades. Se no corte de Santa Maria de Niebla, as caçoilas representavam 4,5% (Benabat, 1997: 77), já em La Almagra de Huelva (unidades 8 e 11), ascendem a 42% da amostra estudada (Vidal *et al*, 2010: 88).

O conjunto de Cacela caracteriza-se por peças com bordos variados, corpo carenado de forma troncocónica ou hemisférica, que pode ter asas e o fundo plano ou convexo. No tratamento das superfícies predomina a técnica do alisamento e raros exemplares exibem brunido. Exibem decoração simples com pintura de linhas e pingos de côr branca e algumas de côr cinzenta. Algumas peças apresentam linhas incisas, excisas e caneluras. A maioria dos fragmentos tem marcas de fogo nas paredes exteriores. O diâmetro da boca varia entre 180 e 320 mm, conferindo às caçoilas um trem de variadas dimensões. Quase todos os exemplares de Cacela encontram-se bem representados no contexto almóada do castelo de Salir, de pastas vermelho escuras ou alaranjadas (Catarino, 1997-98: 493-497).

Identificamos cinco variantes de caçoilas em Cacela:

- **Variante 1:** caçoilas vidradas de aplicações plásticas verticais (a.p.v.). Apresentam principalmente pastas alaranjadas, 72% e pastas vermelhas, 28%. Possuem acabamento vidrado em diversos tons de melado e castanho-esverdeado (Figura 173; Figura 174). Em Mértola predominam as pastas vermelhas associadas a esta morfologia e no Castelo de Salir predominam as pastas castanho avermelhadas ou acinzentadas (Catarino, 1997-98: 769). Em Cádis estes exemplares têm pastas vermelhas bem decantadas e vidrado melado consistente de boa qualidade ou vidrados com tons esverdeados de menor qualidade (Cavilla, 2005: 121).

De forma troncónica invertida, podem ter ligeira carena junto do bordo ou na base e fundos planos ou ligeiramente convexos. Os diâmetros da boca variam entre 130 e 310mm. Esta tipologia é característica da zona sudoeste do al-Andalus. As caçoilas de a.p.v. unidas, como as CV/PA/01/616 e CV/PA/98/546, são semelhantes às peças encontradas em contexto almóada no castelo de Aljezur (Silva e Gomes, 2002: 352).

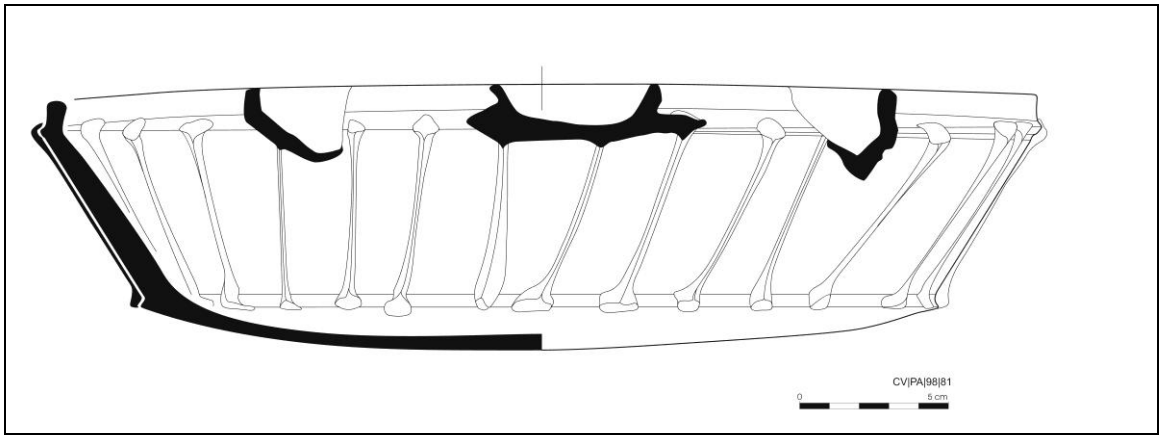
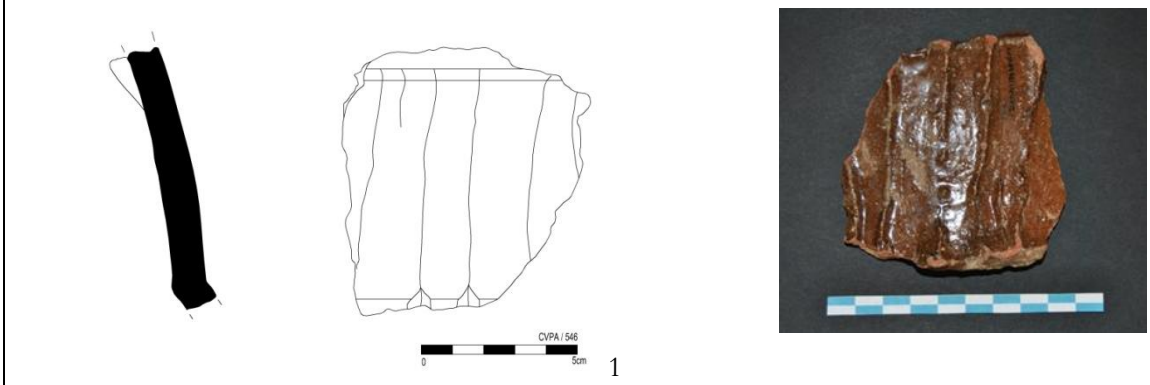
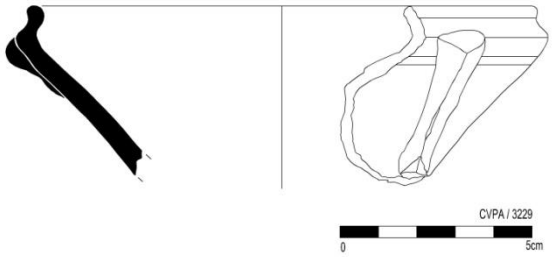


Figura 173: Caçoila de pasta vermelha, variante 1. Ref. CV/PA/98/5/81. Ø 320mm. Alt: 70mm (CC).

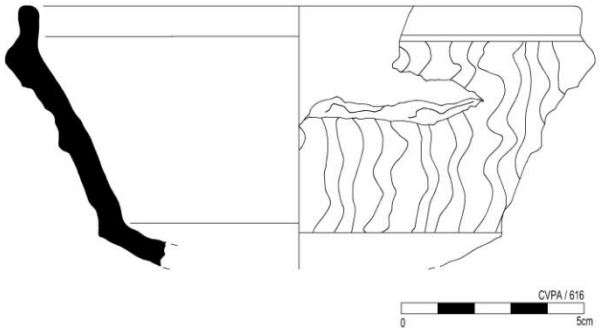
- **Variante 2:** caçoilas carenadas com predomínio de duas asas (foi identificado um exemplar sem asas em Cacela), com tratamento simples das superfícies (Figura 175). Em Mértola, Castelo de Salir (malgas e sertãs com diâmetros superiores a 250 mm), Santa Maria de Niebla e La Almagra de Huelva, existem estas peças carenadas atribuídas ao período almóada (Lafuente, 1996: 178; Goméz, 2004: ficha CR/CC/0107; Catarino, 1997-98: 494; Benabat, 1997: lámina 28, 738; Vidal *et al*, 2010: 74). Foram ainda identificadas em Saltés, tipos 172 e 173 e em Cádis, tipo V de Cavilla (2005: 128; Bazzana e Bedia, 2005: 268, 274).
- **Variante 3:** caçoilas de pasta vermelha, forma hemisférica e vidrado melado ou castanho com manchas esverdeadas nas superfícies exterior e interior (Figura 176). Integram-se no tipo 164 de Saltés e tipo III das caçoilas de Cádis (Cavilla, 2005: 126; Bazzana e Bedia, 2005: 27). Encontram-se estas pastas vermelhas de "tendência cilíndrica" igualmente em Sevilla, Silves e Mértola (Lafuente, 1996: 179; 2003: 272; Gomes, 2011: 113; Goméz, 2004: fichas CR/VC/0002 e 0015). Relacionam-se com a forma 2A das caçoilas vidradas de paredes curvas do castelo de Salir (Catarino, 1997-98: 497).



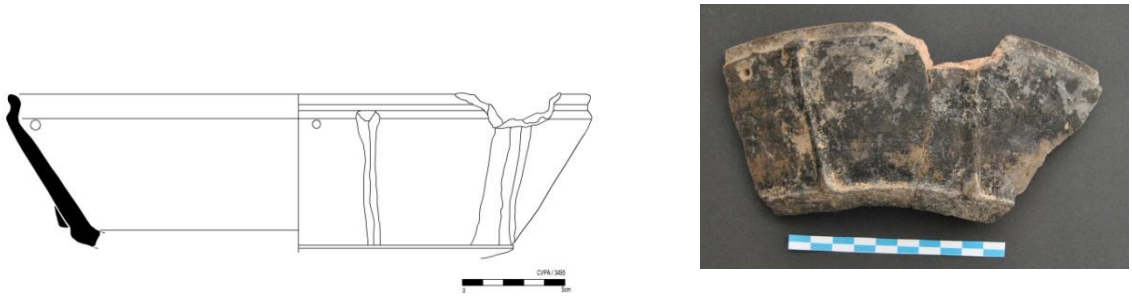
1



2



3



4

Figura 174: Caçoilas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 1*. 1-CV/PA/98/16/546 de pasta vermelha (PD/CT). 2-CV/PA/01/2/3229. Ø 130mm (PD/CT). 3-CV/PA/01/34/616 de pasta alaranjada. Ø 150mm (PD/CT). *Variante 5*. 4-CV/PA/01/13/3495 de pasta alaranjada. Ø 280mm (PD/CT).

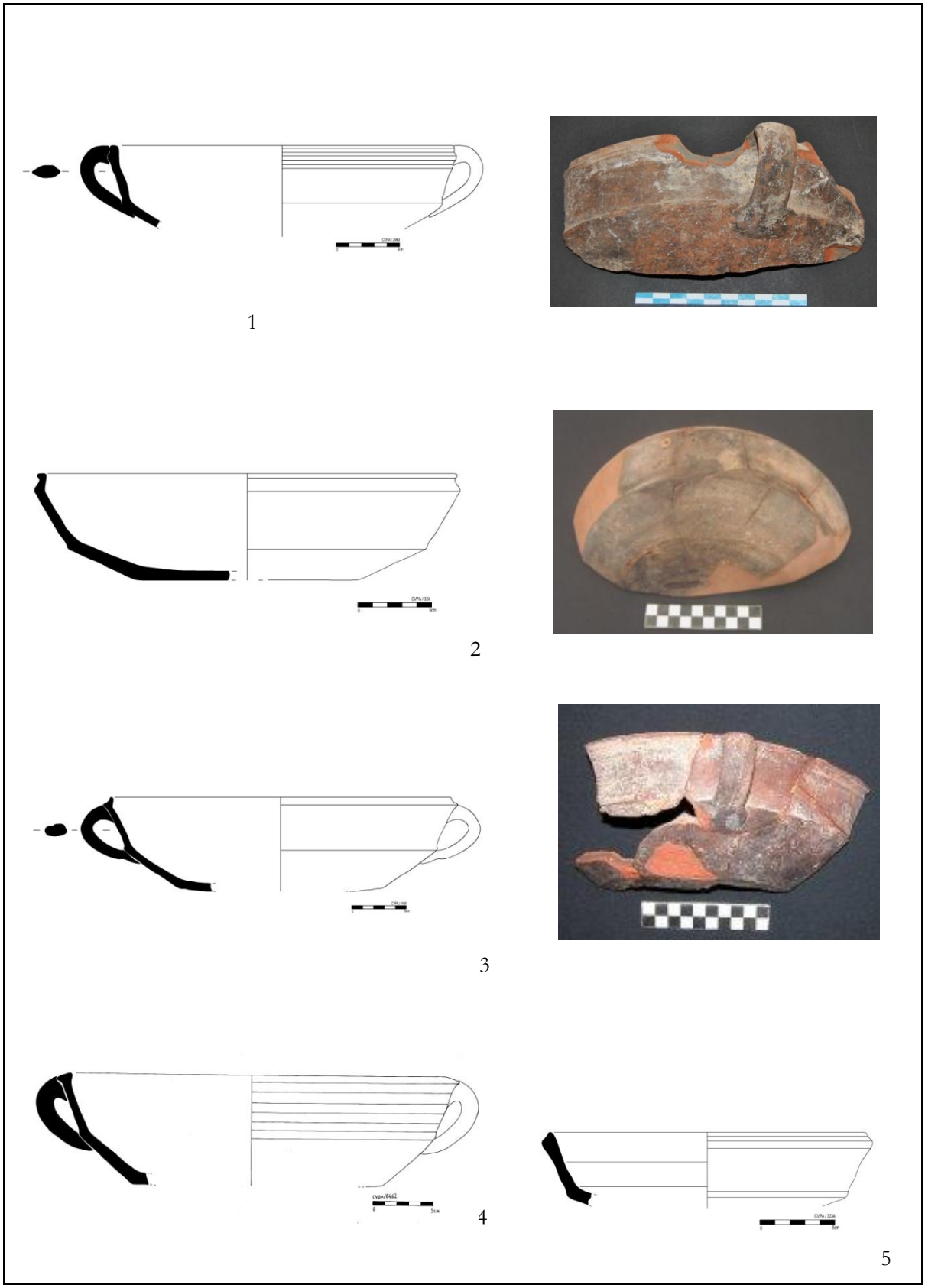


Figura 175: Caçoilas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 2*. 1-Ref. CV/PA/01/2/2949 de pasta alaranjada com linhas excisas. Ø 270mm (PD/RF). 2-CV/PA/01/2/324 de pasta alaranjada, sem asas. Ø 280mm (PD/CT). 3-CV/PA/01/2/4409 de pasta alaranjada. Ø 310mm (PD/CT); 4-CV/PA/01/6/462 de pasta alaranjada, com caneluras. Ø 310mm (PD/CT). 5- CV/PA/01/2/3234. Ø 210mm (PD/CT).

- **Variante 4:** inclui as peças com tratamento simples das superfícies, corpos de forma hemisférica, troncocónica ou cilíndrica e fundo convexo (Figura 177). Encontramos em Mértola exemplares semelhantes, de pastas vermelhas e formas hemisférica ou troncocónica (Goméz, 2004: ficha CR/CC/0174). Surgiram ainda em La Almagra de Huelva, associadas aos tipos II e III (Vidal et al, 2010: 74).
- **Variante 5:** este grupo compõe-se de 11 imitações de caçoilas de a.p.v., de superfícies alisadas sem vidrado (Figura 174). Foram identificadas em Sevilha (Lafuente, 1996: 179) e foi registado um exemplar em Mértola (Goméz, 2004: ficha CR/CC/0108).

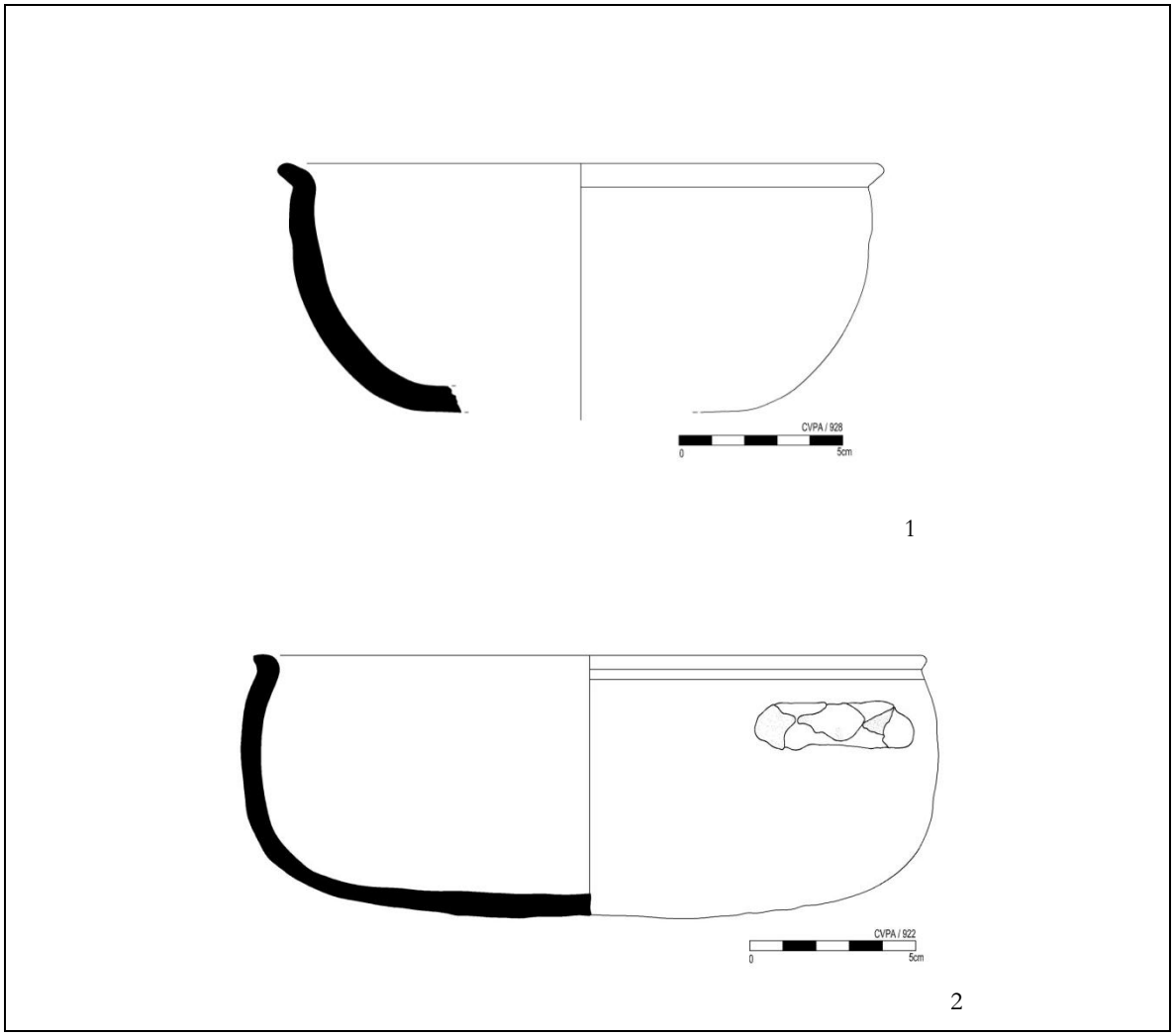


Figura 176: Caçoilas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 3*. 1-Ref. CV/PA/98/2/928 de pasta vermelha e vidrado melado. Ø 185mm (PD/RF). 2-CV/PA/98/18/922 de pasta vermelha e vidrado melado. Ø 200mm (PD/CT).

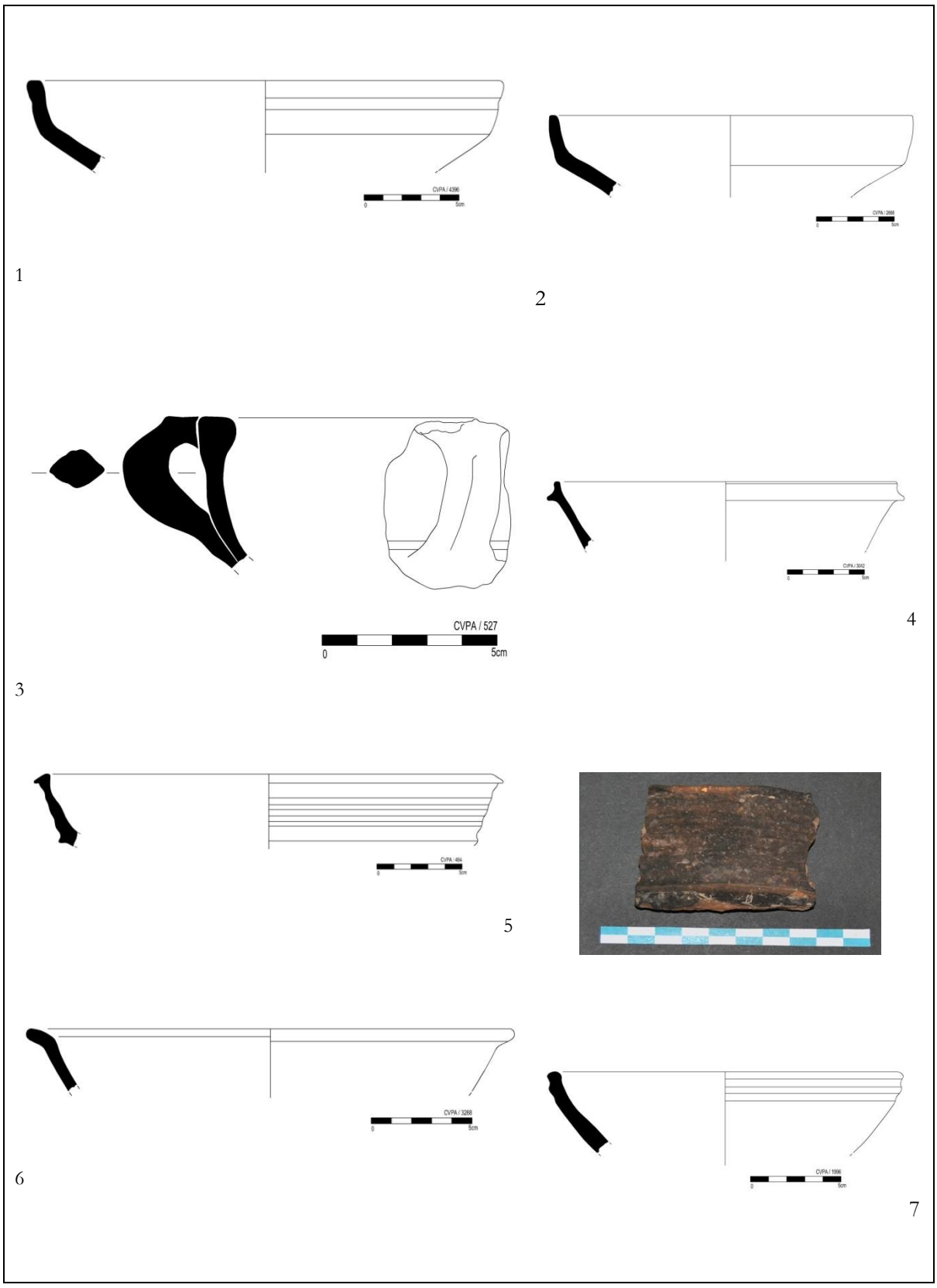


Figura 177: Caçoilas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 2*. 1-CV/PA/01/2/4396. Ø 250mm (PD/CT). 2-CV/PA/01/52/2666. Ø 230mm (PD/CT). *Variante 4*. 3-CV/PA/98/16/527 de pasta vermelha (RA/CT). 4-CV/PA/01/2/3042. Ø 220mm (PD/RF). 5-CV/PA/01/6/464 de pasta vermelha com caneluras. Ø 260mm (PD/RF); 6-CV/PA/01/3/3268. Ø 240mm (PD/RF). 7-CV/PA/01/5/1996. Ø 190mm (PD/RF).

O grupo das caçoilas é muito variado do ponto de vista técnico e morfológico, como refere Lafuente, destacando as caçoilas vidradas de a.p.v. e as formas cilíndricas vidradas com bico vertedor como circunscrita à zona ocidental do al-Andalus. No vazadouro encontrado em escavações no Antigo Hospital das Cinco Chagas de Sevilha, registaram-se tantas caçoilas vidradas como por vidrar. A autora verificou que os exemplares não vidrados de pastas vermelhas predominavam nos primeiros anos do século XII, passando na época almóada a predominar as caçoilas vidradas de pasta alaranjada ou vermelha, mantendo-se todavia a produção conservadora dos não vidrados (Lafuente, 1999a: 209; 1995: 290; 2003: 272; 1999a: 143).

Alguidares

O conjunto dos alguidares compõe-se de 149 elementos, correspondentes a 8,5% da amostra, distribuindo-se igualmente nos níveis de abandono e níveis arenosos. Foi reconstituida uma peça e o resto dos fragmentos compunham-se de bordos e/ou corpo e poucos fundos.

No castelo de Salir e La Almagra de Huelva, os alguidares corresponderam a 9,8% e 5,7% do total de cerâmica recolhida (Catarino, 1997-98: 502; Vidal *et al*, 2010: 88). Na Alcáçova de Silves, os alguidares correspondiam igualmente a 9,8% do espólio, mas na Residência Paroquial e no compartimento 13 da Arrochela, foram registados 1,33% e 0,73% (Gomes, 2006: 150; 2011: 44).

Este grupo de louça de cozinha apresenta pastas mais cuidadas que as caçoilas e panelas, predominando pastas compactas de tom alaranjado claro e alguns exemplares de pasta bege em 64% das peças. As pastas vermelhas (9) e alaranjadas (44) correspondem a 36% da amostra. Estes vasos apresentam dimensões diversas que denotam o seu uso polivalente. Por isso, os diâmetros de boca podem variar entre 250mm e 630mm, predominando os grandes alguidares de diâmetros entre 420mm e 630 mm.

No Hospital das Cinco Chagas de Sevilha predominam, da mesma forma, as pastas alaranjadas, sendo menor o número de casos de pastas vermelha e bege. No entanto, no Cuartel del Carmen os alguidares têm pasta bege de desengordurante médio e algumas intrusões grossas (Lafuente, 2003: 278; 1999a: 148). Em Silves, as pastas vermelhas e alaranjadas chegam a atingir 85% na camada 2 da Alcáçova (Gomes, 2003: 115; 2006: 150, 156, 162; 2011: 42).

De forma troncónica invertida, bordo espessado e saliente de forma circular e fundo plano, no seu acabamento predomina o brunido na face interior e o alisamento exterior em 61% dos exemplares. Os restantes 31% apresentam alisamento superficial e 8% têm engobe de côr branca. Raras peças tinham vestígios de pintura branca ou vermelha e a peça CV/PA/01/630 tinha três linhas curvas no fundo interior. Um elemento decorativo comum nesta amostra é a presença do cordão ou linha incisa na zona exterior do lábio. Surgem algumas variantes, como um fragmento com quatro linhas excisas na zona do colo. São vários os fragmentos que apresentam pequenas perfurações circulares localizadas imediatamente abaixo do bordo.

Esta forma aberta muito comum de tradição tardo-romana sobreviveu até ao século XX com poucas alterações formais. De facto, no Castelo de Salir, foram encontrados em contexto almóada um tipo de alguidar de fabrico grosseiro, pastas de fraca qualidade, pouco homogéneas e abundantes desengordurantes, de côr castanha ou vermelha. Catarino argumenta que estas peças podem revelar a sobrevivência local de fabricos mais antigos (1997-98: 805-807).

Em Niebla, as pastas dos alguidares são muito variadas, abrangendo desde os tons melado, vermelho, alaranjado e tons claros de bege e alaranjado claro (Campos *et al*, 2006). Em La Almagra de Huelva, as pastas apresentam tons vermelhos, alaranjados e castanhos (Vidal *et al*, 2010: 83).

Registamos as seguintes variantes de alguidares:

- **Variante 1**: Alguidar de pastas alaranjadas e vermelhas de bordo espessado e saliente, de secção circular (Figura 178). Forma clássica de alguidar, comum em Niebla, Saltés (forma 475), Cádis (tipo I), outrossim Sevilha e Silves (Campos *et al*, 2006: fig. 72 e 58; 32; 61; Bazzana e Bedia, 2005: 304-306; Cavilla, 2005: 245; Lafuente, 2003: fig. 7; Gomes, 2003: 296; 2006: 87, 193, 218). Presente no Castelo de Salir e La Almagra de Huelva (Catarino, 1997-98: 1210; Vidal *et al*, 2010: 83). Os exemplares de Mértola de pasta vermelha podem ser de produção local (Goméz, 2004: fichas CR/CC/0131 e 0095).
- **Variante 2**: Alguidar de bordo espessado ligeiramente saliente. Pode estar relacionado com formas mais abertas que a variante 1 (Figura 179). Presentes em Sevilha, Niebla, Saltés, Silves e Castelo de Salir (Lafuente, 2003: 278, fig. 7; Campos *et al*, 2005: fig. 25, 314; 78, 49; 175, 533; Gomes, 2003: 312, 337; 2006: 201).

Aparentemente, a forma 475 de Bazzana engloba as variantes 1 e 2 encontradas em Cacela (Bazzana e Bedia, 2005: 304-306). Estas variantes têm ainda afinidade com o grupo de alguidares do Castelo de Salir, de fabrico de boa qualidade, pastas homogéneas de côr alaranjada e frequente decoração incisa ou impressa com corda (Catarino, 1997-98: 807, 1210).

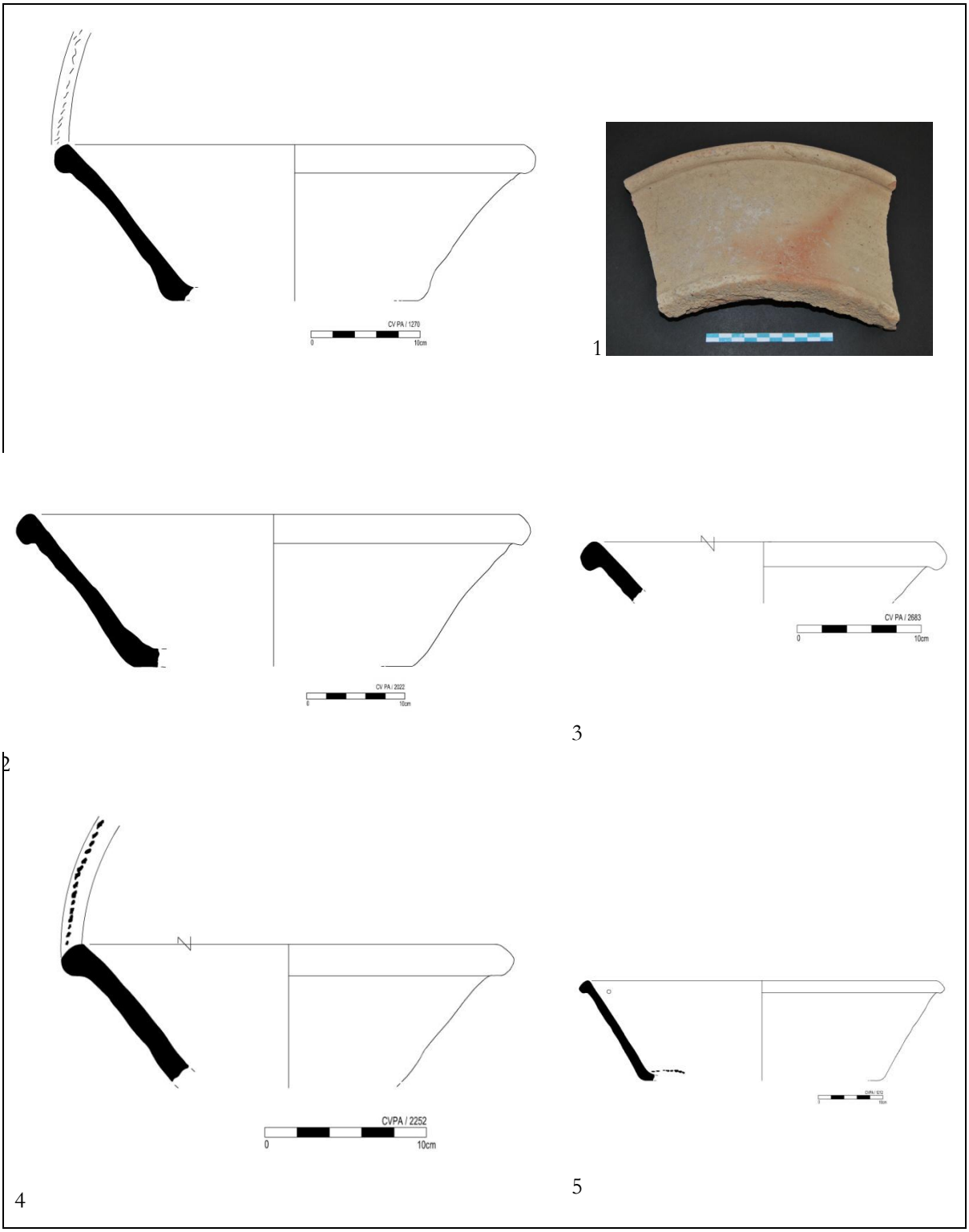


Figura 178: Alguidares do Poço Antigo, Cacela. *Variante 1*: 1-Ref. CV/PA/01/2/1270 de pasta alaranjada clara, engobe branco e cordão inciso no lábio. Ø 420mm. Alt: 100mm (PD/CT). 2-CV/PA/01/5/2022 de pasta alaranjada clara com engobe branco. Ø 500mm. Alt: 142mm (PD/CT). 3-CV/PA/01/52/2683 de pasta alaranjada. Ø 554mm (PD/CT). 4-CV/PA/01/6/2252 de pasta alaranjada. Ø 510mm (PD/CT). 5- CV/PA/01/54/1212 de pasta alaranjada clara e cordão inciso junto da base. Ø 540mm. Alt: 155mm (PD/CT).

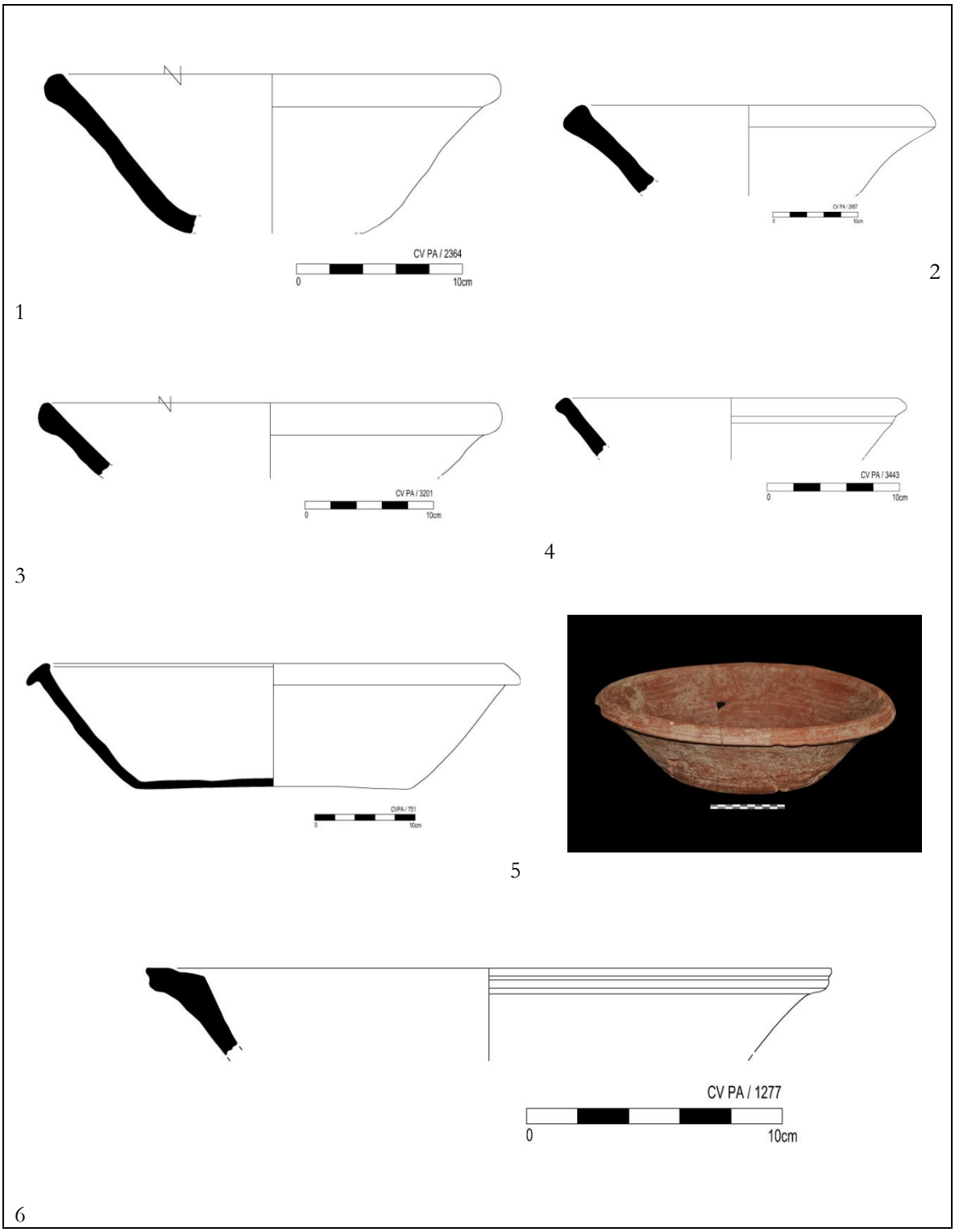


Figura 179: Alguidares do Poço Antigo, Cacela. *Variante 2*: 1-Ref. CV/PA/01/14/2364 de pasta alaranjada clara. Ø boca 526mm. Alt: 100mm (PD/CT); 2-CV/PA/01/2/2957 de pasta alaranjada clara (PD/CT); 3- CV/PA/01/2/3201 de pasta alaranjada clara (PD/CT); 4-CV/PA/01/6/3443 de pasta vermelha (PD/CT). *Variante 3:* 5-CV/PA/98/16/751 de pasta alaranjada. Ø 460mm (PD/CT). *Variante 4*. 6-CV/PA/01/55/1277 de pasta alaranjada. Ø 268mm (PD/CT).

- **Variante 3**: Alguidar de bordo invertido (Figura 179). Este bordo é considerado pouco regular (Lafuente, 2003: 278). Foi identificado como tipo IV de Cádis (Cavilla, 2005: 250). Em Silves foi registado um alguidar de pasta vermelha e em Niebla de pasta alaranjada (Gomes, 2006: 210; Campos *et al*, 2006: fig. 24, 58).
- **Variante 4**: Pequeno alguidar de bordo saliente com canelura (Figura 179; exemplar único). Pode integrar-se no tipo III de Cádis, de pasta alaranjada (Cavilla, 2005: 249). Identificado em Niebla e Silves (Campos *et al*, 2006: fig. 22, 55; 233, 2967; Gomes, 2006: 210).
- **Variante 5**: Alguidar de bordo espessado rectilíneo (Figura 180). Identificado em Niebla (Campos *et al*, 2006: fig. 91, 3634; 223, 1140). Poderá corresponder aos objectos inclusos no tipo II de Mértola, de cronologia claramente almóada, pasta vermelha, podendo ter ornamentação incisa de motivos ondulados ou estampilhados (Goméz, 2004: fichas CR/CC/0082 e CR/CC/0119). Como o seu diâmetro é menor do que os exemplos apresentados, coloca-se ainda a hipótese de ser uma boca de talha.

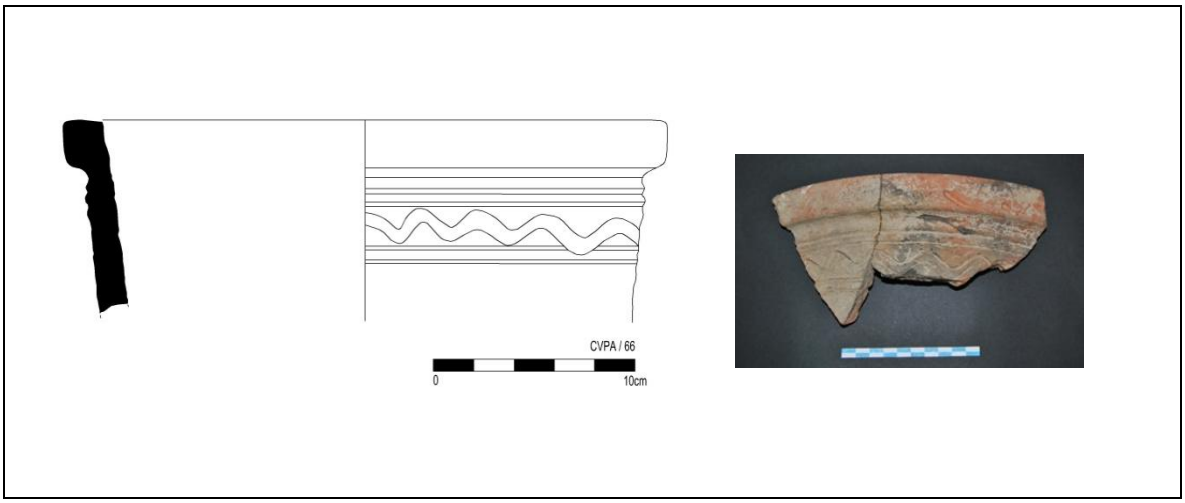


Figura 180: Alguidares do Poço Antigo, Cacela. *Variante 5:* CV/PA/98/2/66 de pasta alaranjada, decoração de linhas incisas. Ø 300mm (PD/CT).

Malgas

Foram analisadas 84 fragmentos de malgas, 5% da amostra em estudo. Os níveis de abandono tinham proporção maior desta tipologia, 68%, que os níveis arenosos, 32%.

Este grupo homogéneo apresenta a forma semi-esférica ou com suave carena, lábios arredondados, bordo introvertido ou extrovertido e fundo ligeiramente convexo e sem asas. O acabamento destas peças era alisado nas superfícies externa e brunido e alisado na superfície interna e decorada com uma linha incisa na superfície exterior. Duas linhas incisas ou linhas e pingos de côr branca são elementos presentes em pouca quantidade. Os diâmetros da boca variam entre 140mm e 320mm. A pasta é alaranjada em 77 exemplares, restando 6 peças de pasta vermelha e uma alaranjada clara. A maior parte dos fragmentos apresenta marcas de uso de fogo.

Bazzana identificou estas peças como "escudilla", formas antigas, de uso comum na alimentação quotidiana do meio rural do al-Andalus (Bazzana e Cressier, 1989: 82). Foram encontrados exemplares filiados na época almorávida em Faro e no castelo de Salir (Gamito, 2007: 139; Catarino, 2000: 117).

As formas 372 e 377, presentes em Saltés, incorporam o conjunto de Cacela (Bazzana e Bedia, 2005: 296). Em Loulé foram encontrados exemplares semelhantes (Luzia, 2003: 44). No Castelo de Salir as malgas surgem em grande quantidade, correspondendo a 18% do material recolhido. Foram encontradas peças de pequenas dimensões de forma hemisférica ou suave carena, pastas alaranjadas, castanhas ou claras e acabamento brunido na superfície interna. Foram ainda registadas malgas carenadas de maiores dimensões e pastas de cor castanha avermelhada ou alaranjada (Catarino, 1997-98: 489, 493, 768). Em Mértola foram registados escassos exemplares (Goméz, 2004: ficha CR/CC/0174). Não foram encontrados paralelos destas peças em Sevilha e Cádis.

Foram identificadas duas variantes de malgas no Poço Antigo (Figura 181):

- Variante 1: Malgas hemisféricas. Identificada no Castelo de Salir e Mértola (Catarino, 1997-98: 493). Encontra-se bem representada na Arrochela de Silves e na Plaza de la Feria de Niebla (Gomes, 2011: 125, 181, 200; Campos *et al*, 2006: 78, 80, 82).

- Variante 2: Malgas de suave carena. Foram encontrados paralelos no Castelo de Salir (Catarino, 1997-98: 118-119). Variante identificada como "cazuela de tipo Id" na Alcaria de la Almagra de Huelva (Nuria *et al*, 2010: 73).

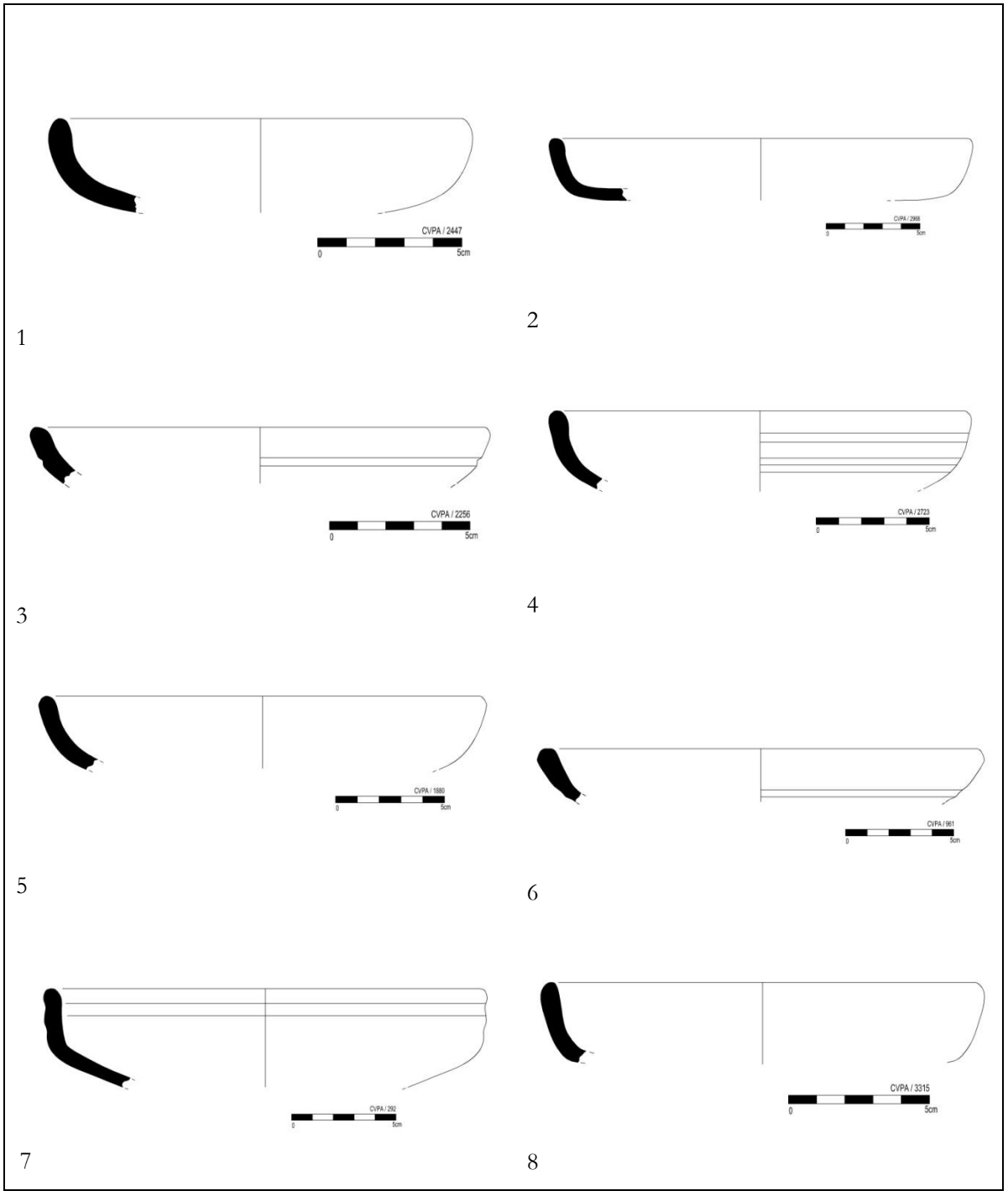


Figura 181: Malgas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 1*: 1-Ref. CV/PA/01/24/2447 de pasta vermelha. Ø 140mm (PD/RF). 2- CV/PA/01/2/2968. Ø 220mm; Alt: 210mm (PD/RF) 3-CV/PA/01/6/2256 de pasta alaranjada. Ø 160mm (PD/RF). 4- CV/PA/01/52/2723 de pasta alaranjada. Ø 180mm (PD/RF). 5-CV/PA/01/2/1880. Ø 200mm (PD/RF). 6-CV/PA/01/49/961. Ø 200mm (PD/RF). *Variante 2:* 7-CV/PA/98/12/292 de pasta vermelha. Ø 210 mm (PD/RF). 8-CV/PA/01/4/3315 de pasta alaranjada. Ø 150mm (PD/RF).

Almofariz

Foram encontrados dois pequenos fragmentos de almofariz de pasta alaranjada com acabamento exterior alisado e interior brunido. É uma peça que rareia nas coleções arqueológicas da região.

5.4.3 Louça de mesa

Tigelas e tigelinhas

As tigelas incluem quase 20% do espólio cerâmico estudado, 334 peças, das quais uma peça estava completa e o restante espólio compunha-se de bordos e fundos. Nos níveis arenosos duplica a quantidade de tigelas, relativamente aos níveis de abandono. Mais de metade deste espólio tem pasta alaranjada, 57%. As pastas vermelhas correspondem a 22% e as pastas claras a 21% da amostra. Deste modo, parece predominar a produção regional e local das tigelinhas. A baixela das tigelas integra diversos tamanhos, desde as tigelinhas, com diâmetros que não ultrapassam os 150 mm, predominando as peças médias com diâmetros entre 200 e 400 mm.

Na Residência Paroquial de Silves, as tigelas ocupam perto de 5% da amostra analisada, tanto no interior da casa como na camada 3 do exterior, existindo alguns exemplares não vidrados de pastas vermelhas, alaranjadas e claras. As pastas vermelhas dominam com 57%. Na Arrochela, ocupam entre 1,75% e 5,34% do conjunto. A maioria pertence ao grupo das pastas claras, cerca de 65% (Gomes, 2006: 150, 156; 2011: 43).

Este grupo das tigelas caracteriza-se por ter bordos variados, corpo de forma carenada ou semi-esférica e pé anelar de pequeno diâmetro. Têm acabamento vidrado nas superfícies exterior e interior, predominando diversos tons de melados e em menor quantidade, os esverdeados. Raros exemplares apresentam ausência de vidrado. A decoração em negro de manganés surge em 65 fragmentos, 20% da amostra. Várias peças apresentam pequenos orifícios no corpo ou junto do bordo, que sugerem o uso prolongado dos utensílios e a consequente atribuição de novas funcionalidades. Podem apresentar elementos decorativos em estampilhas e círculos incisos, muito utilizados na época almóada.

Na generalidade, o grupo de Cacela encontra correspondência nas formas identificadas na alcáçova de Silves e em Saltés. As tigelas do Corte de Santa Maria 7 de Niebla caracterizam-se por terem pastas vermelhas ou laranja, com ou sem cobertura vítrea, sempre com pé anelar (Benabat, 1997: 82).

Identificamos as seguintes variantes no grupo do Poço Antigo:

- **Variante 1:** Tigelas carenadas com vidrados melados e esverdeados (Figura 182; Figura 183). Este tipo de tigelas, características do período almóada, é muito típico do sudoeste andaluz (Lafuente, 1999a: 216).

  O grupo de Cacela enquadra-se na forma 389 de "cuencos" de Bazzana encontrada em Saltés, nas taças carenadas almóadas de Silves e Mértola e no tipo I de Cádis (Bazzana e Bedia, 2005: 299; Gomes, 1991: 395; Torres et *al*, 1991: 500; Goméz, 2004: figura 54; Cavilla, 2005: 159). Em Cádis, as tigelas do tipo I foram fabricadas com pastas vermelhas, alaranjadas, castanhas amareladas e ocres, a maioria tem aplicação de vidrado melado e em menor número verde. O estampilhado surge normalmente associado a vidrado verde. Este tipo também apresenta decoração em negro manganés (Cavilla, 2005: 159).

  Em Mértola, as formas carenadas (tipo 4C) de pastas claras, alaranjadas e vermelhas e vidrados verdes ou melados estavam associados a estampilhados ou manganés e incisões circulares no fundo (Goméz, 2004: 368).

  Encontra ainda paralelos nos níveis almóadas da Alcáçova, Residência Paroquial e Arrochela de Silves (Gomes, 2003: 230-235; 2011: 150, 174, 175). No castelo de Salir as tigelas carenadas de contextos almóadas apresentam quase sempre tratamento em brunido espatulado da superfície interior, mas também vidrados melado e verde, podendo ter decoração de estampilhado (Catarino, 1997-98: 495).

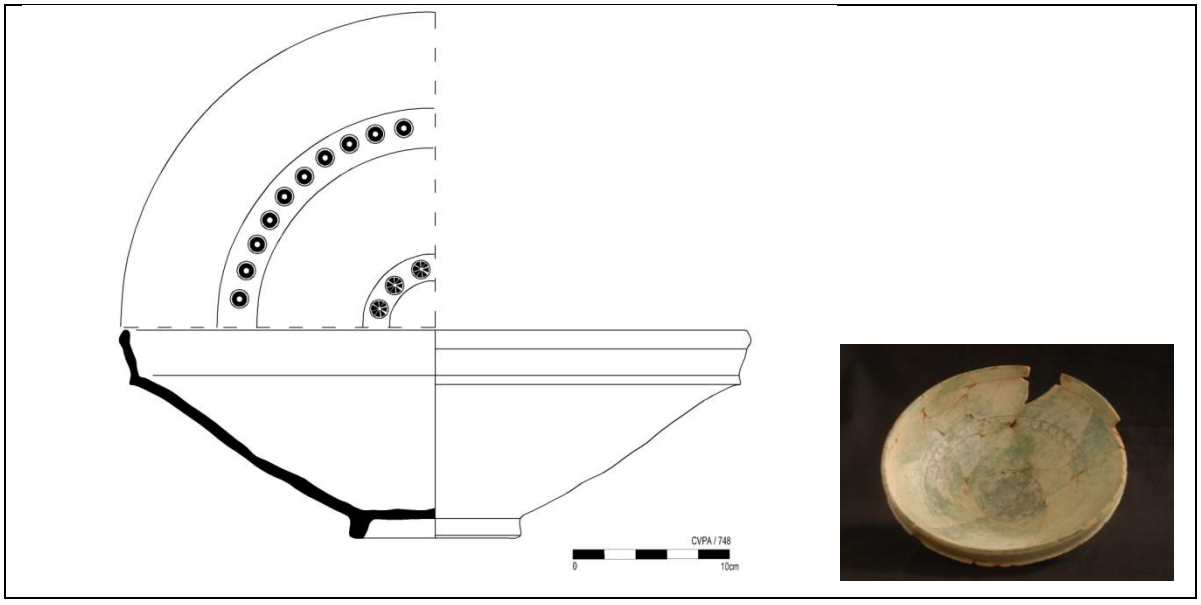


Figura 182: Tigela do Poço Antigo, Cacela. *Variante* 1: 1-CV/PA/98/5/748 de pasta branca, vidrado verde, duas bandas incisas com estampilhas circulares e vegetalistas. Ø 3950mm. Alt: 135mm (PD/RF)

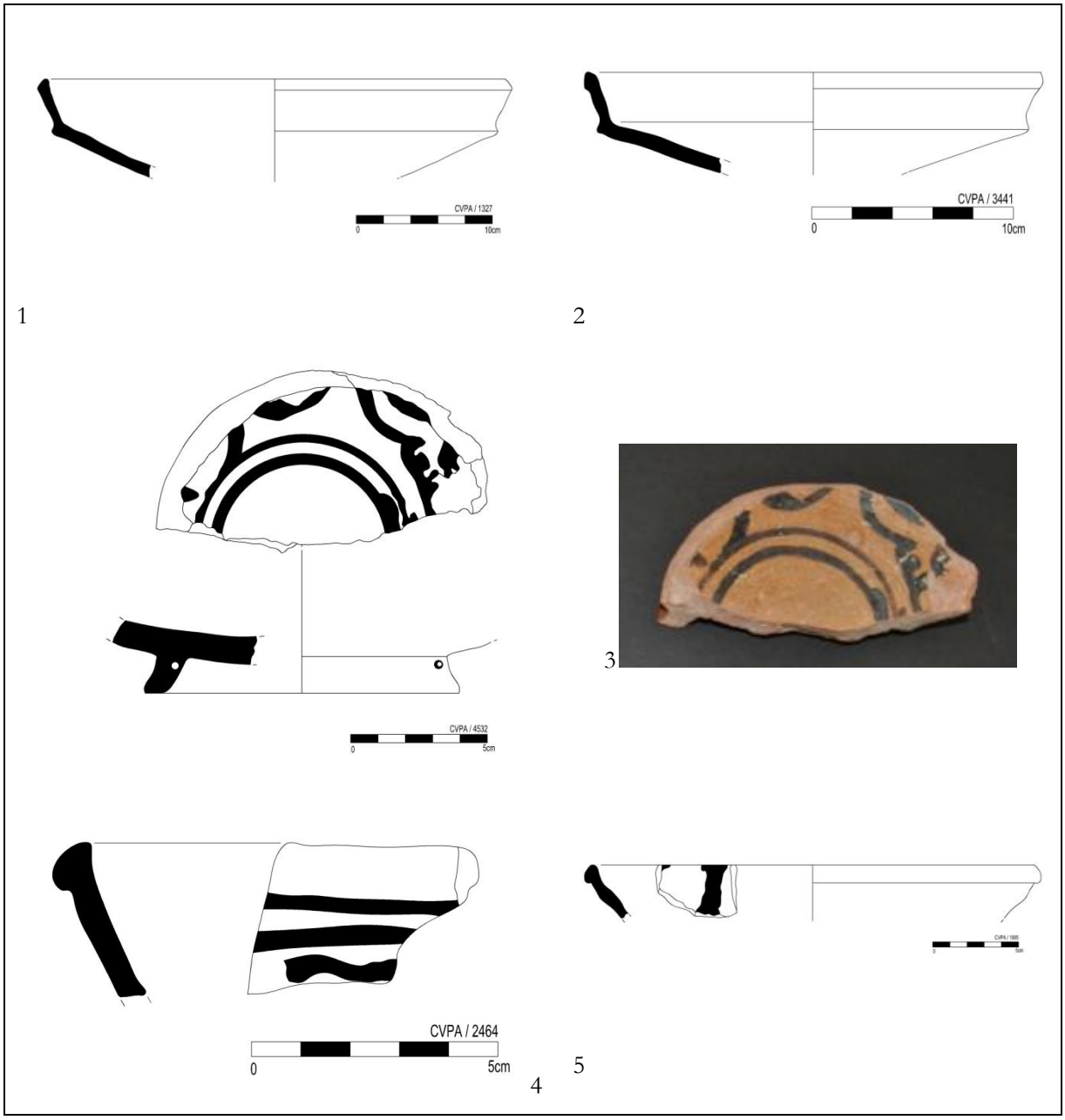


Figura 183: Tigelas do Poço Antigo, Cacela. *Variante* 1: 1-CV/PA/98/2/1327 de pasta vermelha e vidrado melado com manchas verdes. Ø 340mm (PD/RF) 2-CV/PA/01/6/3441 de pasta alaranjada e vidrado melado. Ø 225mm (PD/CT) 3-CV/PA/01/5/4532 de pasta alaranjada, vidrado melado e decoração epigráfica em manganês; Ø base 130mm (PD/CT). 4-CV/PA/01/29/2464 com decoração em manganês (PD/CT); 5-CV/PA/01/2/1905 de pasta alaranjada com decoração em manganês. Ø 260mm (PD/RF).

- **Variante 2:** Tigelas de ligeira carena com superfícies vidradas de melado e verde, que podem ter decoração em manganés (Figura 184). Encontram-se formas semelhantes nos níveis almóadas da Arrochela de Silves e na forma 386 de Saltés (Gomes, 2011: 113; Bazzana e Bedia, 2005: 222). Integram-se nos tipos II e III de pastas vermelhas e castanhas de Cádis e tipo 2 de Mértola (Cavilla, 2005: 164; Goméz, 2004: ficha CR/ES/0049). O tipo III de Cádis, de pastas vermelhas, tem cobertura em vidrado melado e pequenos traços de óxido managanés. Existem ainda em Cacela alguns exemplares com bordos salientes que parecem corresponder ao tipo VIa (Cavilla, 2005: 167-168, 175). No castelo de Salir, estas tigelas têm pastas vermelhas e alaranjadas, existindo um fragmento com vidrado verde sobre estampilhas em palmeta (Catarino, 1997-98: 773).
- **Variante 3:** Tigela de forma semi-esférica (Figura 184), com vidrados de tons melados, e verdes acastanhados, forma antiga que ganha grande difusão no século XIII (Cavilla, 2005: 169). Identificam-se claramente com a forma 382 de Saltés (Bazzana e Bedia, 2005: 222). Encontramos, na variadíssima tipologia de Mértola, estas tigelas de cronologia almóada (particularmente tipos 3Aa e 3Ac) com pastas bege, alaranjadas e vermelhas e vidrados melado e manganés, podendo ainda ter motivos estampilhados (Goméz, 2004: 357, 363, figura 51). Este grupo integra-se ainda no tipo IV de Cádis de pastas que variavam entre alaranjadas, vermelhas e ocres (Cavilla, 2005: 168). Foram identificados paralelos na alcáçova e Arrochela de Silves e Niebla (Gomes, 2003: 212; 2006: 206; 2011: 195; Campos *et al*, 2005: 76). Estas tigelas no castelo de Salir apresentam vidrados de tons melados e verdes e raramente decoração em manganés (Catarino, 1997-98: 496).

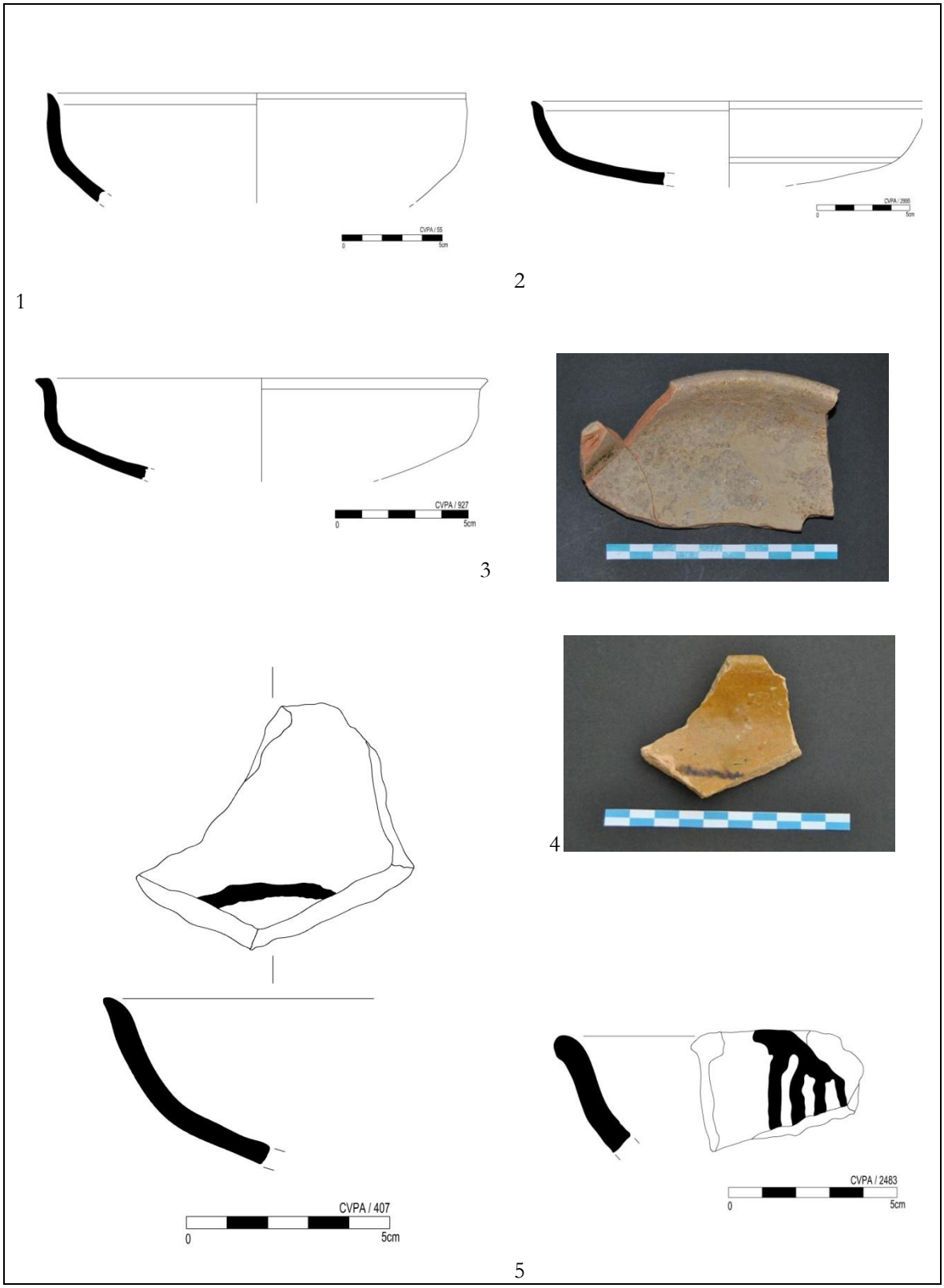


Figura 184: Tigelas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 2*: 1-CV/PA/98/5/55 de pasta alaranjada e vidrado melado. Ø 210mm (PD/RF) 2-CV/PA/01/2/2995. Ø 210mm (PD/CT). 3-CV/PA/98/9/927 de pasta alaranjada vidrada com pingos de manganês. Ø 170mm (PD/CT). *Variante 3*. 4-CV/PA/01/2/407 de pasta bege, vidrado melado e manganês (PD/CT). 5-CV/PA/01/31/2483 com decoração em manganês (PD/CT).

- **Variante 4:** Formas indeterminadas com decoração em manganés (Figura 185; Figura 186). As tigelinhas decoradas com traços secantes de manganés encontram paralelos nas peças de Cádis (Cavilla, 2005: 505; 2010: 47). O fragmento 01/2476 tem a mesma decoração das peças carenadas de Cádis e Jerez de la Frontera (Cavilla, 2005: 490; 2012: 52). A decoração estampilhada da tigela 98/97 de palmetas inseridas numa faixa é semelhante a uma peça encontrada em Silves e a uma tigela carenada de Cádis (Gomes, 2003: 241; Cavilla, 2005: 506).

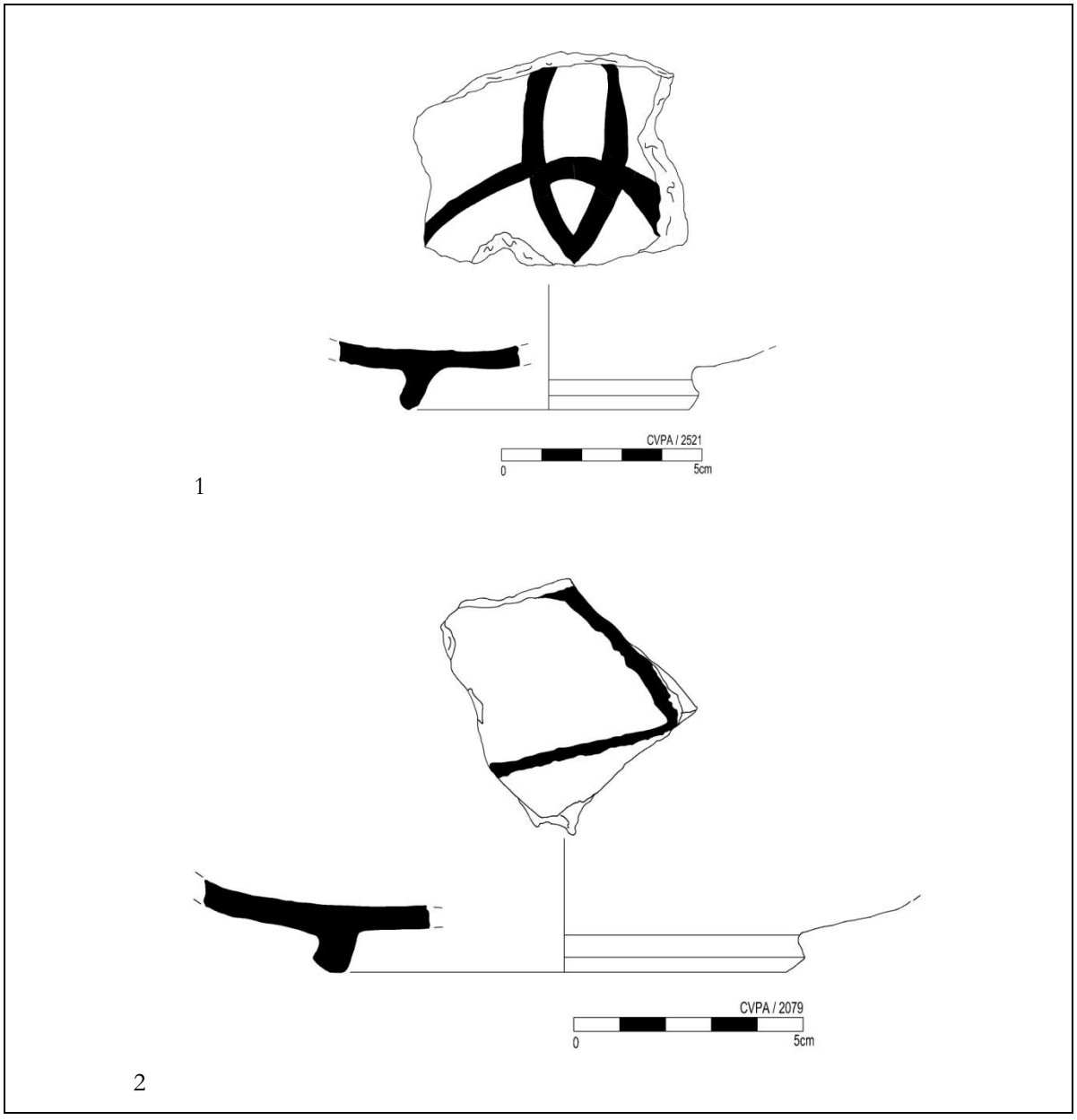


Figura 185: Tigelas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 4*: 1-Ref. CV/PA/01/34/2521 com linhas secantes em manganés (PD/CT). 2-CV/PA/01/5/2079 com decoração a manganés (PD/CT).

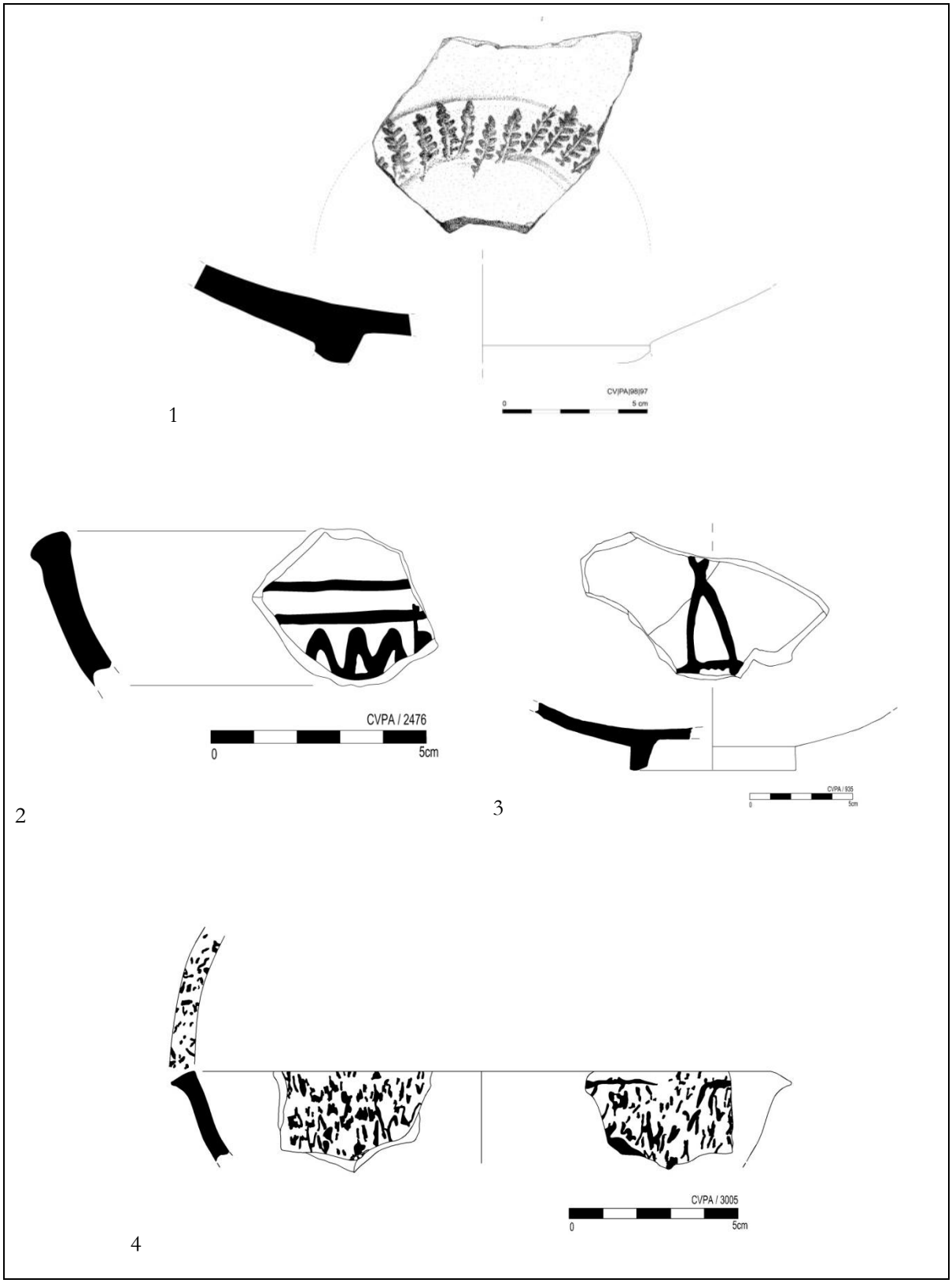


Figura 186: Tigelas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 4*: 1- CV/PA/98/3/97 de pasta vermelha, vidrado castanho esverdeado e friso circular com estampilhas vegetalistas (CC). 2-CV/PA/01/31/2476 de pasta vermelha, vidrado melado e decoração em manganés (PD/RF). 3-CV/PA/98/2/935 de vidrado melado e verde com linhas secantes de manganês Ø base 80mm (PD/CT). 4-CV/PA/01/2/3005 de pasta alaranjada com decoração rara de salpicos de manganês. Ø 170mm (PD/RF).

Jarras e jarrinhas

Foram identificados 176 elementos de jarras e jarrinhas, correspondente a cerca de 10% da amostra. Destes, perto de 60% foram recolhidos nos níveis de abandono. As jarras e jarrinhas têm maioritariamente pastas alaranjadas, 56% e as pastas claras, 44%. As peças de pasta alaranjada têm normalmente acabamento alisado nas superfícies interior e exterior, apresentam linhas e reticulados de côr branca e cinzenta, linhas incisas ou caneluras. Este grupo aparenta ter semelhanças com as jarrinhas de pastas de tonalidades laranjadas do castelo de Salir (Catarino, 1997-98: 498, 780). Os recipientes de pastas claras (bege, branco e alaranjada clara) e muito depuradas apresentam normalmente paredes finas cobertas por engobe branco e podem ter caneluras. Foram identificados 5 fragmentos de vidrado verde sobre as pastas claras. As alaranjadas claras, com alguns defeitos de fabrico, podem ser produção local.

Os diâmetros de boca de jarras e jarrinhas apurados variam entre 80 e 150 mm. Caracterizam-se por lábio arredondado ou biselado, bordo vertical e ligeiramente introvertido, colo cilíndrico, corpo globular e pé anelar ou fundo plano. Os elementos mais resistentes destes utensílios são as asas, que predominam na amostra.

Foram identificadas as seguintes variantes de jarras:

- **Variante 1:** Jarrinhas de pastas alaranjadas, corpo globular e colo cilíndrico (Figura 187; Figura 188). Têm bordo arredondado e introvertido e fundo plano ou ligeiramente convexo e acabamentos de alisamento ou pinturas de côr branca. Enquadram-se na forma 341 de Saltés e nos tipos 1D e 5A de Mértola, embora as peças de Mértola tenham pastas cinzentas e vermelhas (Bazzana e Bedia, 2005: 292; Torres *et al*, 1991: 501; Goméz, 2004: 380, 389). Estas peças encontram semelhanças com materiais da Arrochela de Silves e com os tipos I e II de La Almagra de Huelva (Gomes, 2011: 117; Nuria *et al*, 2010: 80).

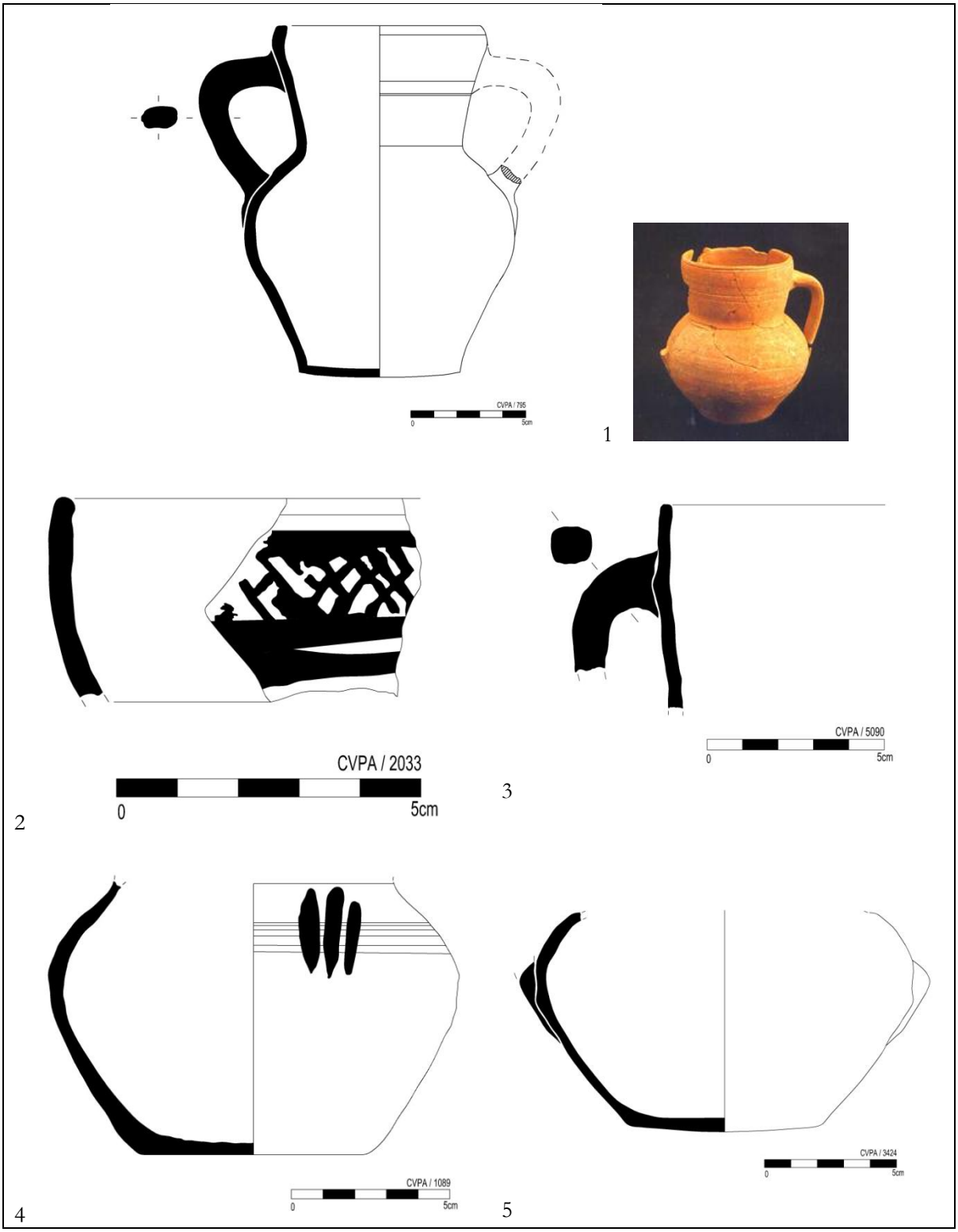


Figura 187: Jarras e jarrinhas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 1*. 1-Ref. CV/PA/98/16/795 de pasta alaranjada e linhas incisas. Ø boca 90mm. Alt: 153mm (PD/CT). 2-Jarrinha CV/PA/01/5/2033 com linha incisa e pintura branca reticular (PD/CT). 3-CV/PA/01/3/5090 de pasta alaranjada (PD/CT). 4- CV/PA/98/2/1089 de pasta alaranjada, decorada com linhas digitais de côr branca. Ø base 70mm (PD/CT). 5-CV/PA/01/4/3424. Ø base 70mm (PD/CT).

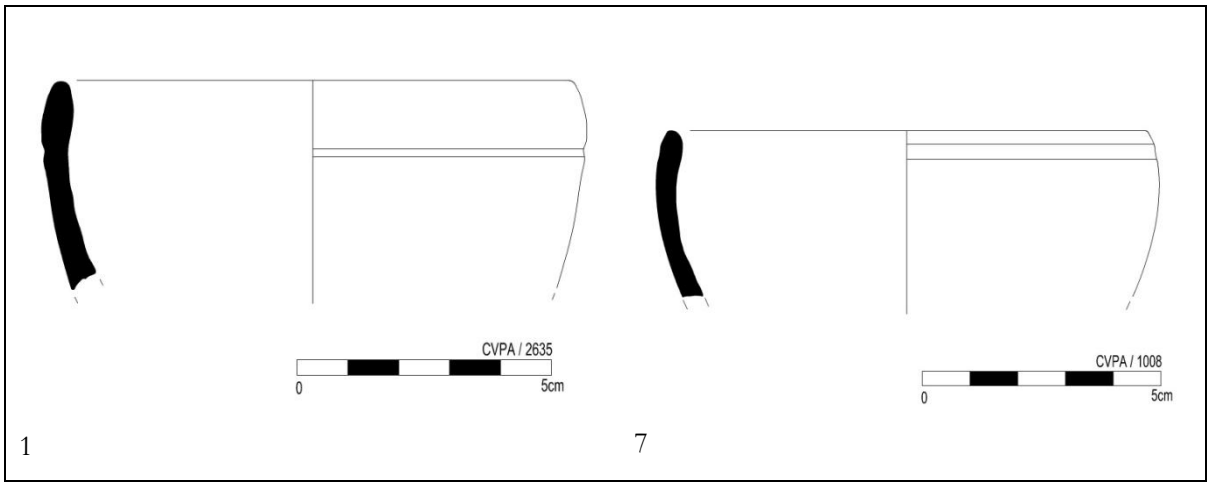


Figura 188: Jarras e jarrinhas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 1*. 1-CV/PA/01/47/2635. Ø boca 100mm (PD/CT). 2-CV/PA/98/13/1008. Ø boca 100mm (PD/CT).

- **Variante 2:** Jarras de pastas claras, fundo plano diferenciado, corpo de forma globular com caneluras e pintura de côr branca (Figura 189).
- **Variante 3:** Jarrinhas de pastas claras e paredes finas (Figura 189). Têm bordo vertical ligeiramente introvertido, colo cilíndrico, corpo de forma globular, pé anelar e engobe branco na superfície exterior. Em Sevilha predominam este tipo de peças, que "trabalhadas com esmero em pastas de qualidade, superam o seu carácter prático" (Lafuente, 1999a: 217). Estas peças integram-se no tipo IX de Cádis, provavelmente na forma 346 de Saltés e tipos I e V de Santa Maria de Niebla (Cavilla, 2005: 199; Bazzana e Bedia, 2005: 292; Benabat, 1997: 85, lâmina 58). Os fundos registados poderão ter semelhanças com o tipo 3E de Mértola e com as peças da Alcáçova e Arrochela de Silves (Goméz, 2004: 385; Gomes, 2003: 289; 2011: 118, 120, 121).
- **Variante 4:** Jarrinha de pasta alaranjada, bordo arredondado introvertido com moldura, colo convexo e engobe branco exterior (Figura 189). Terá semelhanças com a forma 7C de Mértola e peça encontrada em Sevilha (Goméz, 2004: 395; Lafuente, 2003: 281). Peça única.
- **Variante 5:** Jarra de colo alto e estreito, corpo globular e pé anelar (Figura 190). Poderá ser análoga à peça de pintura branca encontrada no castelo de Salir (Catarino, 1997-98: 1195).

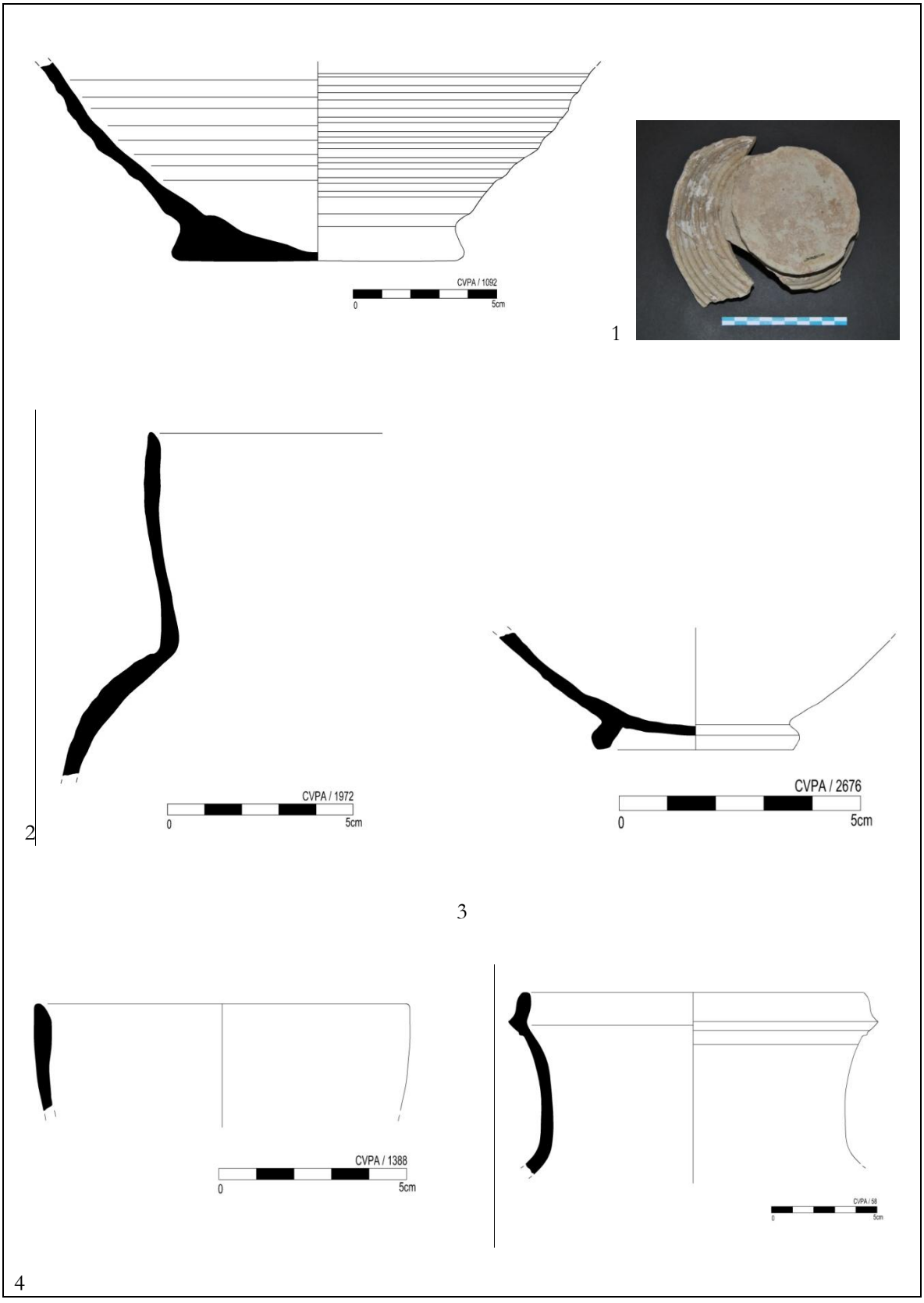


Figura 189: Jarras e jarrinhas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 2*: 1- CV/PA/98/1092 com engobe branco sobre caneluras. Restos de argamassa de cal nas paredes interiores. Ø base 95mm (PD/CT). *Variante 3*: 2- Ref. CV/PA/01/1972 (PD/CT). 3- CV/PA/01/2676. Ø base 40mm (PD/CT). 4- CV/PA/98/1388. Ø boca 100mm (PD/CT). *Variante 4*: 5- Ref. CV/PA/98/58 de pasta alaranjada clara e engobe branco. Ø 160mm (PD/CT).

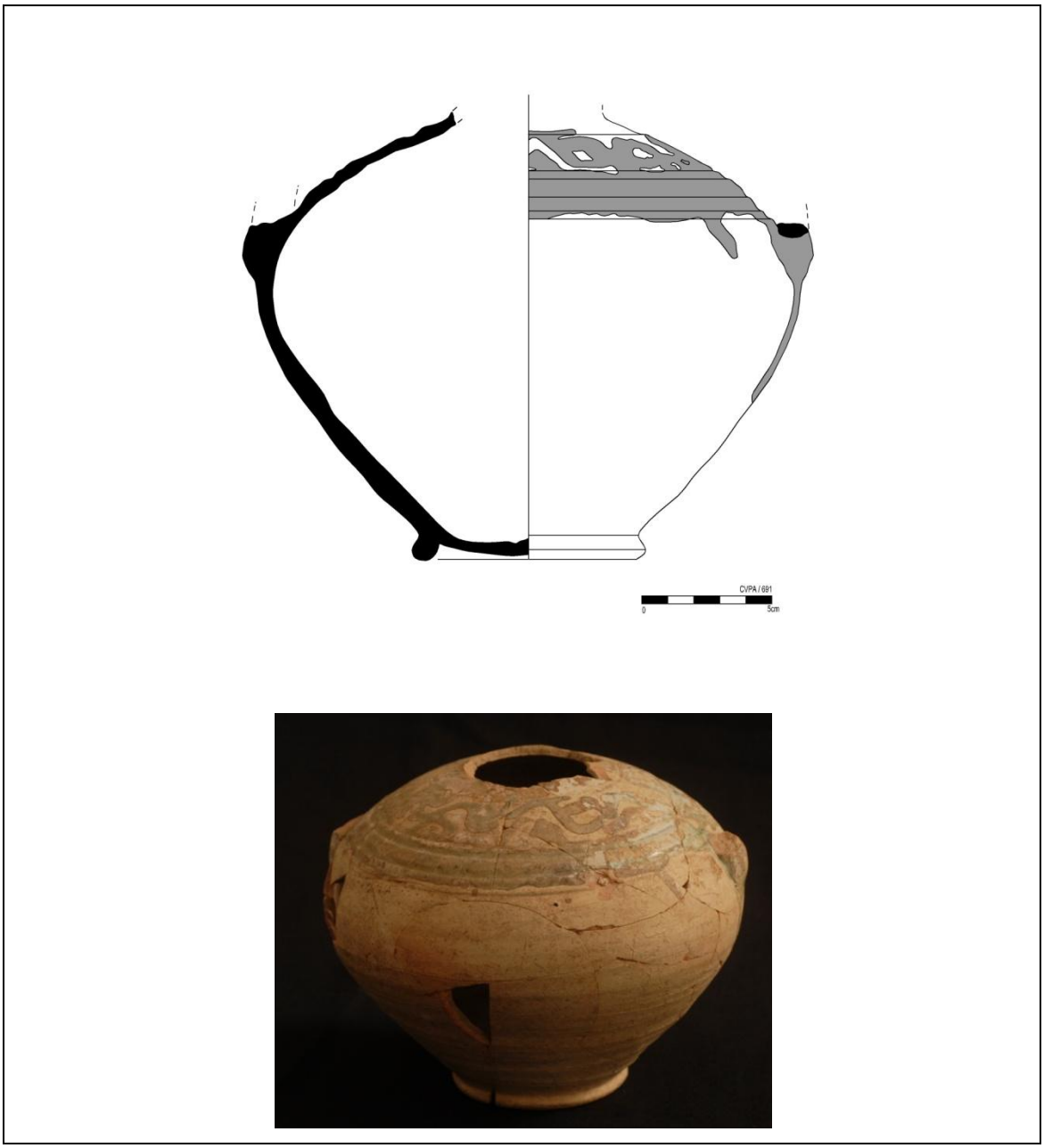


Figura 190: Jarras e jarrinhas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 5*: Jarra CV/PA/98/5/691 de pasta bege e alaranjada clara, engobe branco e possível representação do cordão da eternidade em corda seca parcial, que não resultou bem no processo de cozedura. Ø base 82mm. Alt. 178mm (PD/CT).

Jarros e jarrinhos

Relativamente ao grupo de jarros e púcaros, verifica-se que o púcaro não foi identificado na amostra. Poderá ter existido a tradição de beber líquidos por recipientes de madeira ou cortiça, em substituição do copo ou púcaro.

Os jarros correspondem a 1% do conjunto em análise, 19 fragmentos de reduzida expressão. As pastas claras abrangem 11 exemplares, 58%, e as pastas alaranjadas abrangem 8 exemplares, 42% da amostra. A sua pequena dimensão permitiu realizar uma análise parcial da forma dos objectos, identificando-se as seguintes variantes:

- **Variante 1:** Jarrinhos de pasta alaranjada, bordo extrovertido, colo cilíndrico e uma asa. Apresenta motivos decorativos com pintura branca (Figura 191).
- **Variante 2:** Jarro de pasta alaranjada, bordo ligeiramente introvertido e colo cilíndrico. Apresenta engobe cinzento nas superfícies exteriores com pintura de côr branca (Figura 191).
- **Variante 3:** Jarro de bordo introvertido com moldura, vertedor cilíndrico, colo curto convexo e corpo de forma globular (Figura 192). As peças de pastas alaranjadas têm decoração com caneluras e pintura branca. Os exemplares de pastas claras podem ter engobe branco ou vidrado. Integram-se na forma 218 de Saltés e tipo I de jarros de Cádis (Bazzana e Bedia, 2005: 222; Bazzana e Cressier, 1989: 58; Cavilla, 2005: 203). Na Alcáçova de Silves, os jarros almóadas de pastas vermelhas têm igualmente pinturas de côr branca (Gomes, 1988: 281).

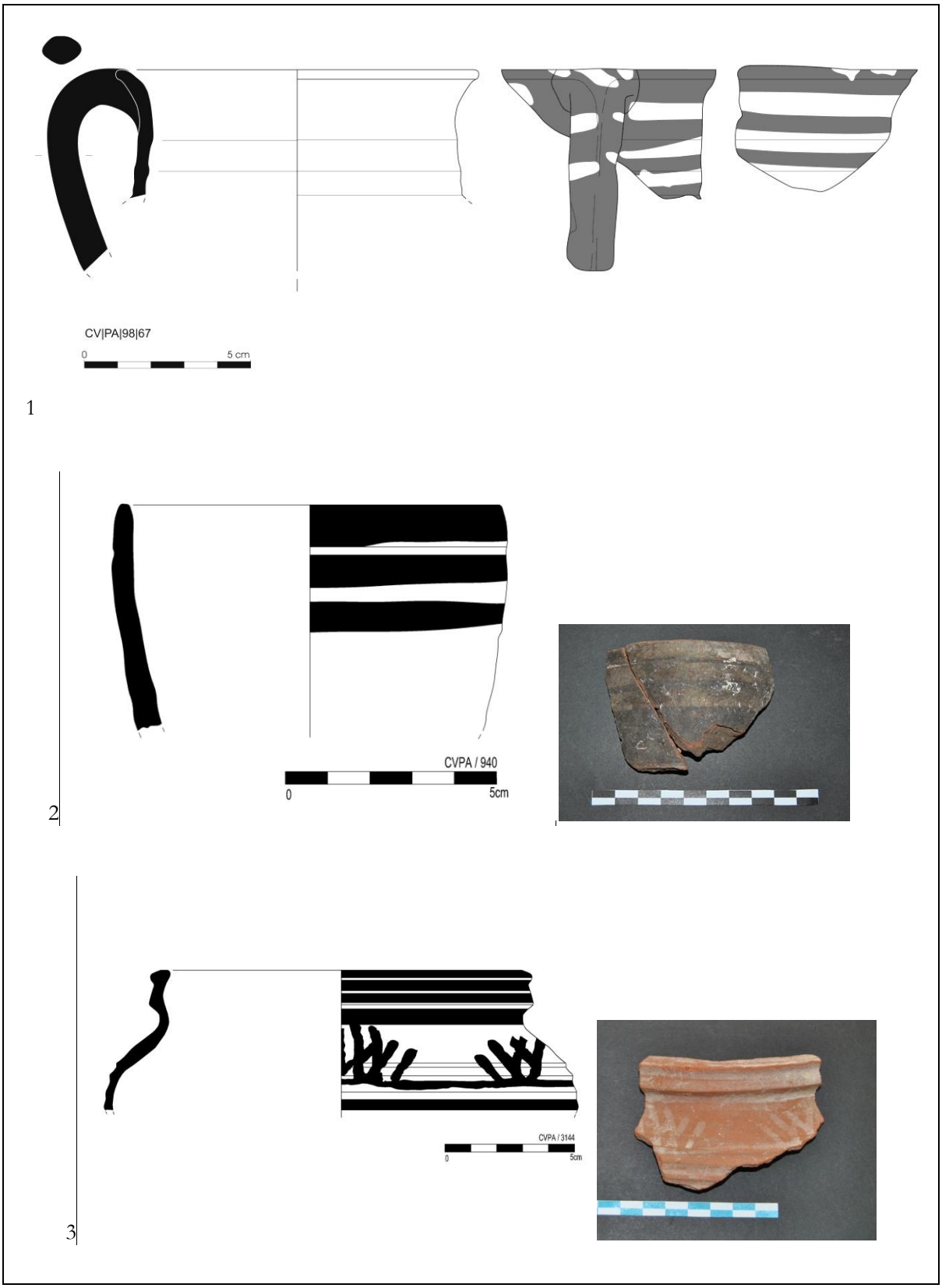


Figura 191: Jarros e jarrinhos do Poço Antigo, Cacela. *Variante 1*: 1-Jarrinho CV/PA/98/2/67 de pasta alaranjada com engobe cinzento e linhas brancas. Ø boca 106mm (CC). *Variante 2:* 2-Jarro CV/PA/98/2/940 de pasta alaranjada e engobe cinzento. Ø 90 mm (PD/CT). *Variante 3*: 3- Jarro CV/PA/01/2/3144 de pasta alaranjada, decorada com pintura de côr branca e caneluras. Ø 140mm (PD/CT).

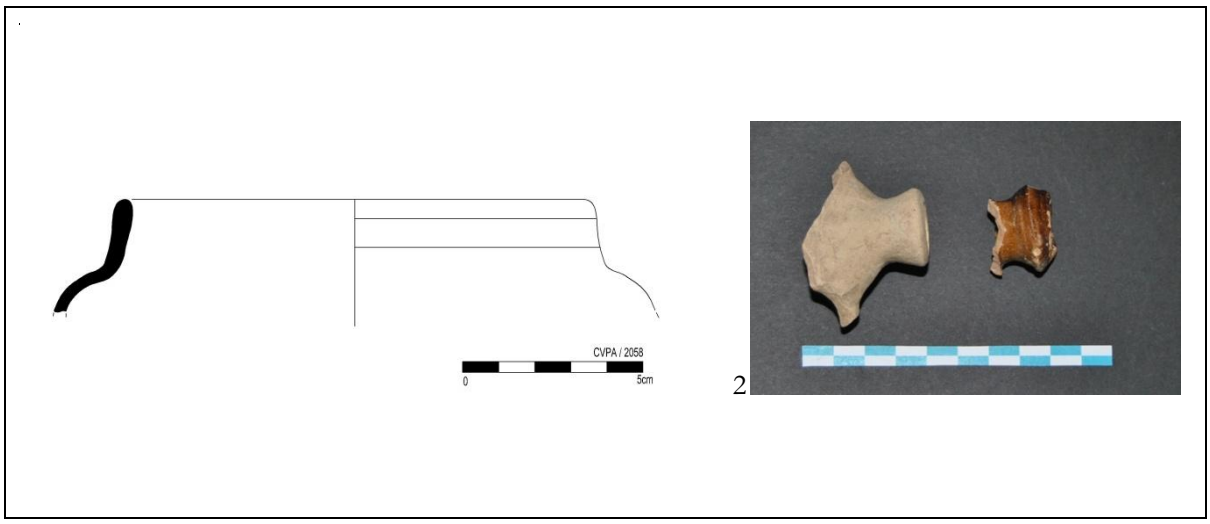


Figura 192: Jarros e jarrinhos do Poço Antigo, Cacela. *Variante 3*: 1-Jarro CV/PA/01/5/2058. Ø 130mm (PD/CT). 2-Vertedores de jarros CV/PA/01/4/3423 e CV/PA/01/4/3406 de pasta bege com engobe branco e vidrado melado (este com decoração em manganês).

Bilhas

Não foram identificados na amostra de Cacela copos ou garrafas.

As duas bilhas encontradas de pasta vermelha e vidrado melado das superfícies com linha incisa têm lábio arredondado, bordo vertical e colo troncocónico (Figura 193).

- **Variante 1:** Bilha de lábio arredondado, depressão no bordo, colo troncocónico alongado e vidrado melado. Integra-se na forma 315 de Saltés, tendo sido encontrada uma peça muito semelhante (Bazzana e Bedia, 2005: 287, 641). Foram ainda encontradas peças análogas em contexto almóada do castelo de Salir e em Mértola (Catarino, 2000: 112; Torres *et al*, 1991: 528).
- **Variante 2:** Pequeno bordo de bilha de boca circular.

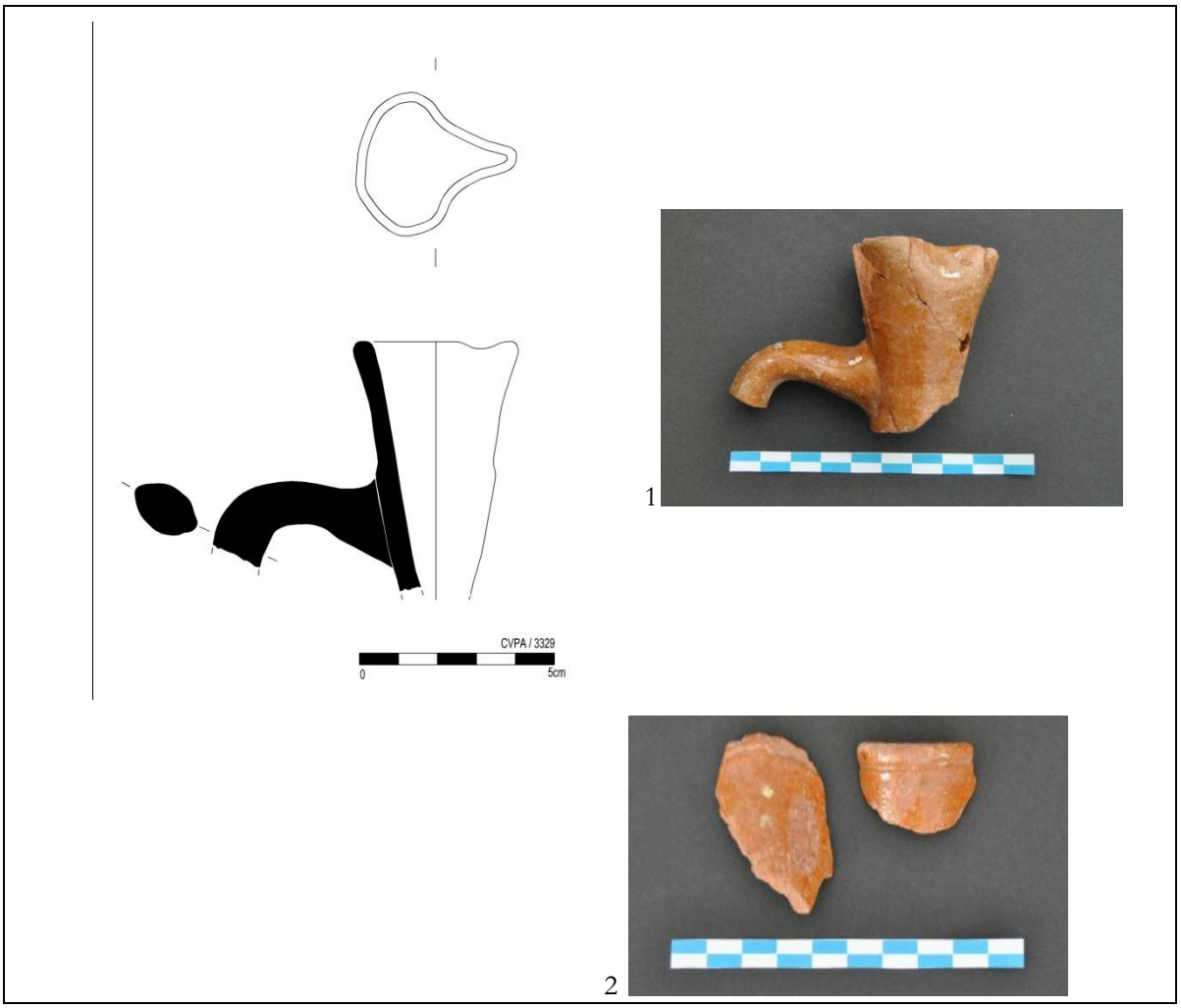


Figura 193: Bilhas do Poço Antigo, Cacela. *Variante 1*: 1-CV/PA/01/4/3329 de pasta vermelha Ø 40mm (PD/CT). *Variante 2*: 2-CV/PA/98/3/1020 de pasta vermelha.

Taças

A dimensão reduzida dos fragmentos de taças aconselha prudência na análise tipológica, optando-se por abster de tecer comentários. Os quatro exemplares de taças surgiram nos níveis arenosos. Os fragmentos tinham pasta branca ou alaranjada clara, associadas a vidrado verde das superfícies exterior e interior.

5.4.4 Contentores de lume

Destas peças especializadas em iluminar ou aquecer os espaços, foram encontradas 22 exemplares, correspondendo a 1,3% do conjunto. A produção de fogo é uma acção que envolve riscos de acidentes graves no espaço doméstico, pelo que seriam utensílios utilizados de forma controlada e em pouca quantidade. Por isso, verifica-se que a percentagem destes objectos encontrados em sítios arqueológicos é reduzida. No castelo de Salir, a percentagem de lamparinas encontradas foi 0,75% (Catarino, 1997-98: 503).

Foram encontrados no Poço Antigo exemplares dos diferentes tipos de lâmpadas do al-Andalus (Figura 194; Figura 195): candil (variante 1), candeia (variante 2) e candeia de pé (variante 3). Os seis exemplares de candil, aparecidos maioritariamente nos níveis arenosos, tinham pastas de côr branca, bege e alaranjada clara e apresentavam engobado de côr branca ou vidrado verde e decoração em corda seca parcial ou manganés. Os candis são de origem antiga. Foram encontrados em níveis estratigráficos do século XI em Mértola e século XI/XII em Silves. Segundo Kemnitz (1993-1994), estes candis com decoração em corda seca parcial foram produzidos na época almorávida, finais do século XI e primeira metade do século XII. Esta tipologia foi substituída gradualmente pela candeia no período almóada.

Foram inventariadas duas candeias de pasta alaranjada e vidrado melado, análogas às candeias de Cádis, muito disseminadas no al-Andalus a partir da segunda metade do século XII (Cavilla, 2005: 234). A candeia de pé representa perto de metade das peças identificadas, sendo talvez este o instrumento mais eficaz na iluminação nocturna. Os fragmentos tinham pasta alaranjada (5) ou pasta vermelha (3) com vidrado amarelado e melado, encontrando-se alguns indícios de manganés. Dois exemplares tinham pastas claras e vidrado verde. Característico do período almóada, propagou-se no al-Andalus (Cavilla, 2005: 241).

As lamparinas encontram semelhanças nos achados de Saltés, Mértola e nos raros exemplares encontrados no castelo de Salir (Bazzana e Bedia, 2005: 314; Goméz, 2004; Catarino, 1997-98: 799).

Foram ainda identificados três fogareiros e um pé de braseiro de pastas alaranjadas, acabamento alisado e um com caneluras, todos com abundantes marcas de fogo (Figura 196). Aparentemente estes fogareiros de câmara dupla pertencem à forma 664 de Saltés ao tipo I de

"anafes" de Cádis, muito comuns do sudoeste peninsular. As peças gaditanas são de pastas vermelhas e tratamento simples das superfícies (Bazzana e Bedia, 2005: 311; Cavilla, 2005: 216).

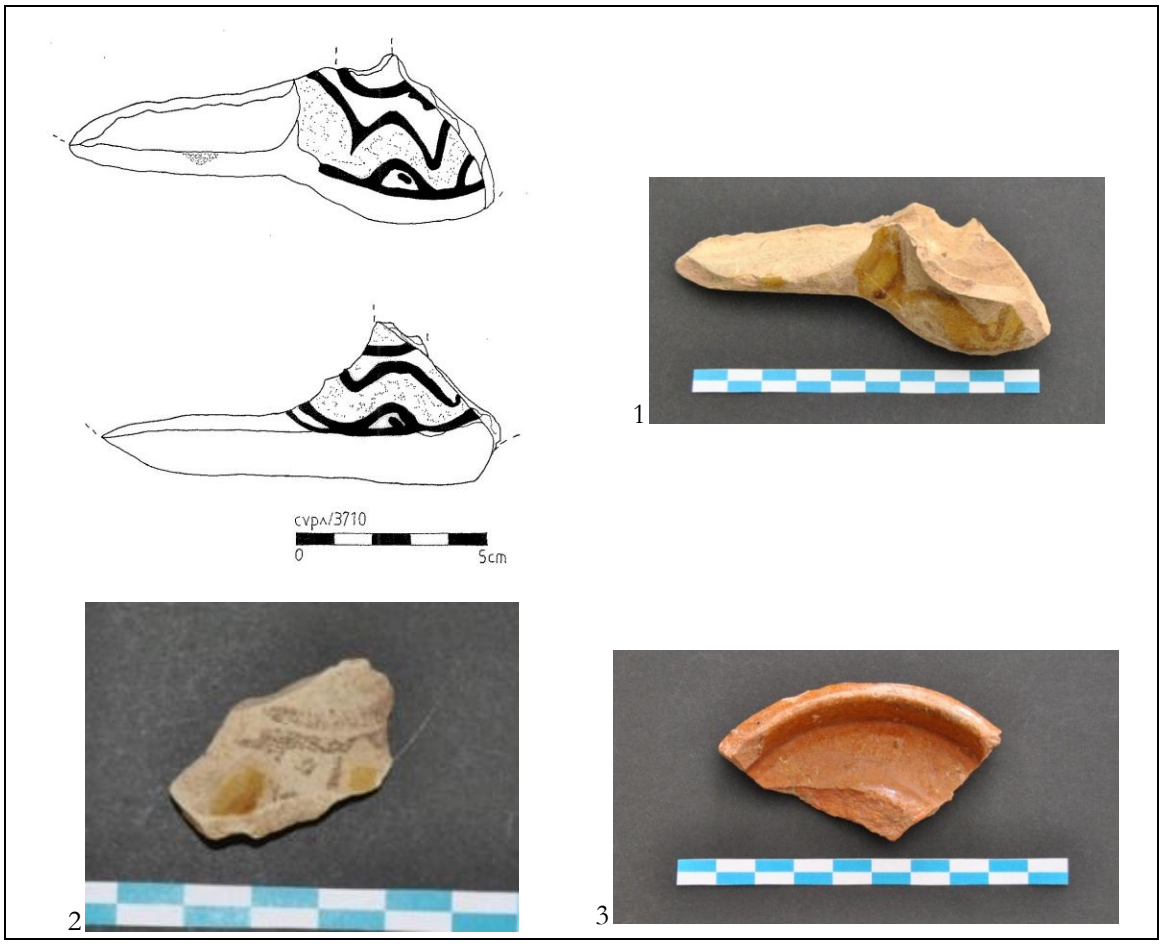


Figura 194: Contentores de lume do Poço Antigo, Cacela. 1-Candil CV/PA/01/2/3710 de pasta alaranjada clara com engobe branco e decoração em corda seca parcial (PD/CT). 2- Candil CV/PA/01/14/2334 de pasta branca e decoração em corda seca parcial; 3- Prato de candeia de pé CV/PA/01/5/2111 de pasta alaranjada;

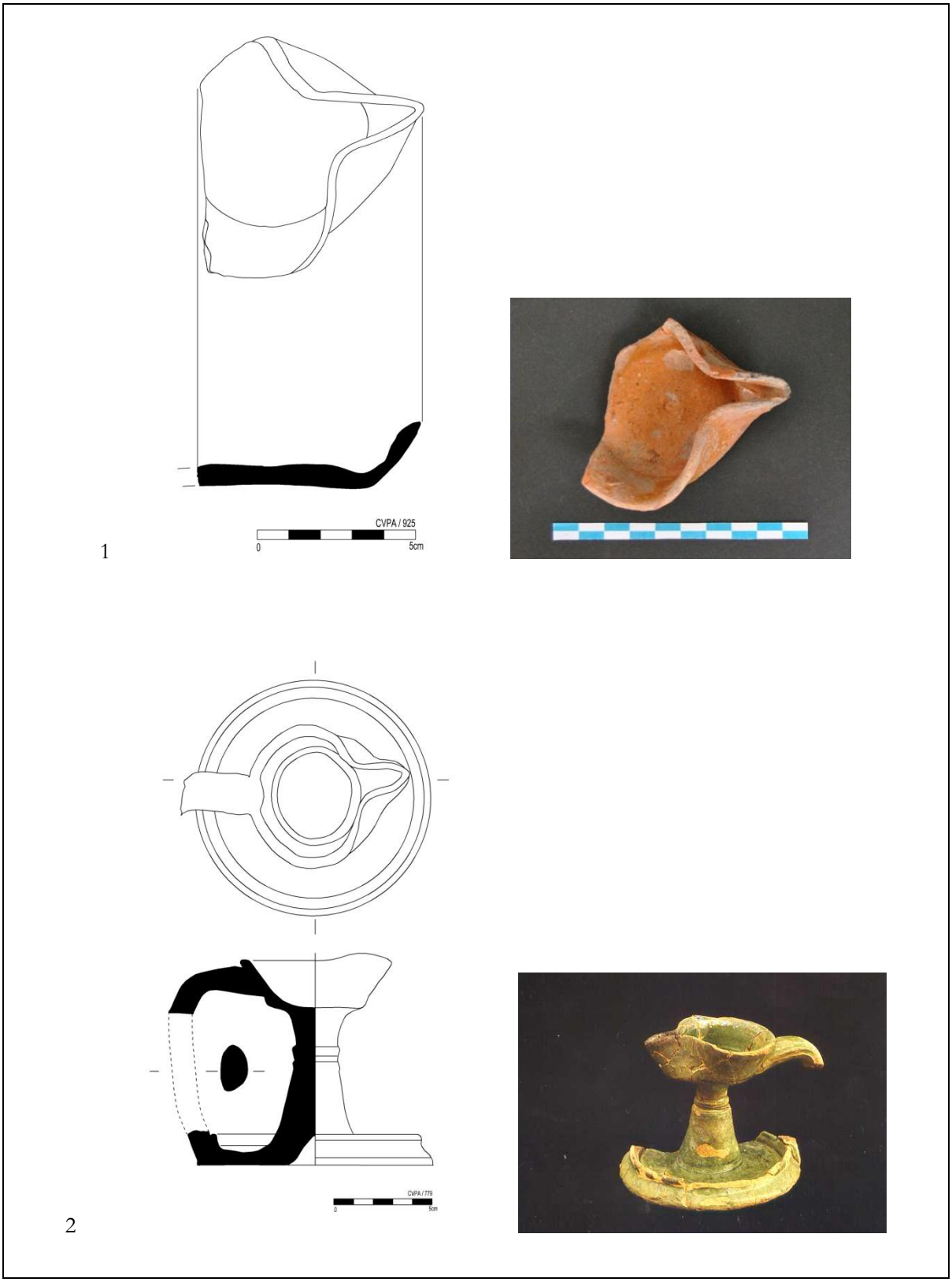


Figura 195: Contentores de lume do Poço Antigo, Cacela. 1-Candeia CV/PA/98/9/925 de pasta alaranjada e vidrado melado (PD/CT); 2-Candeia de pé alto CV/PA/98/16/779 de pasta branca e vidrado verde. Ø base 120mm. Alt: 104mm (PD/CT).

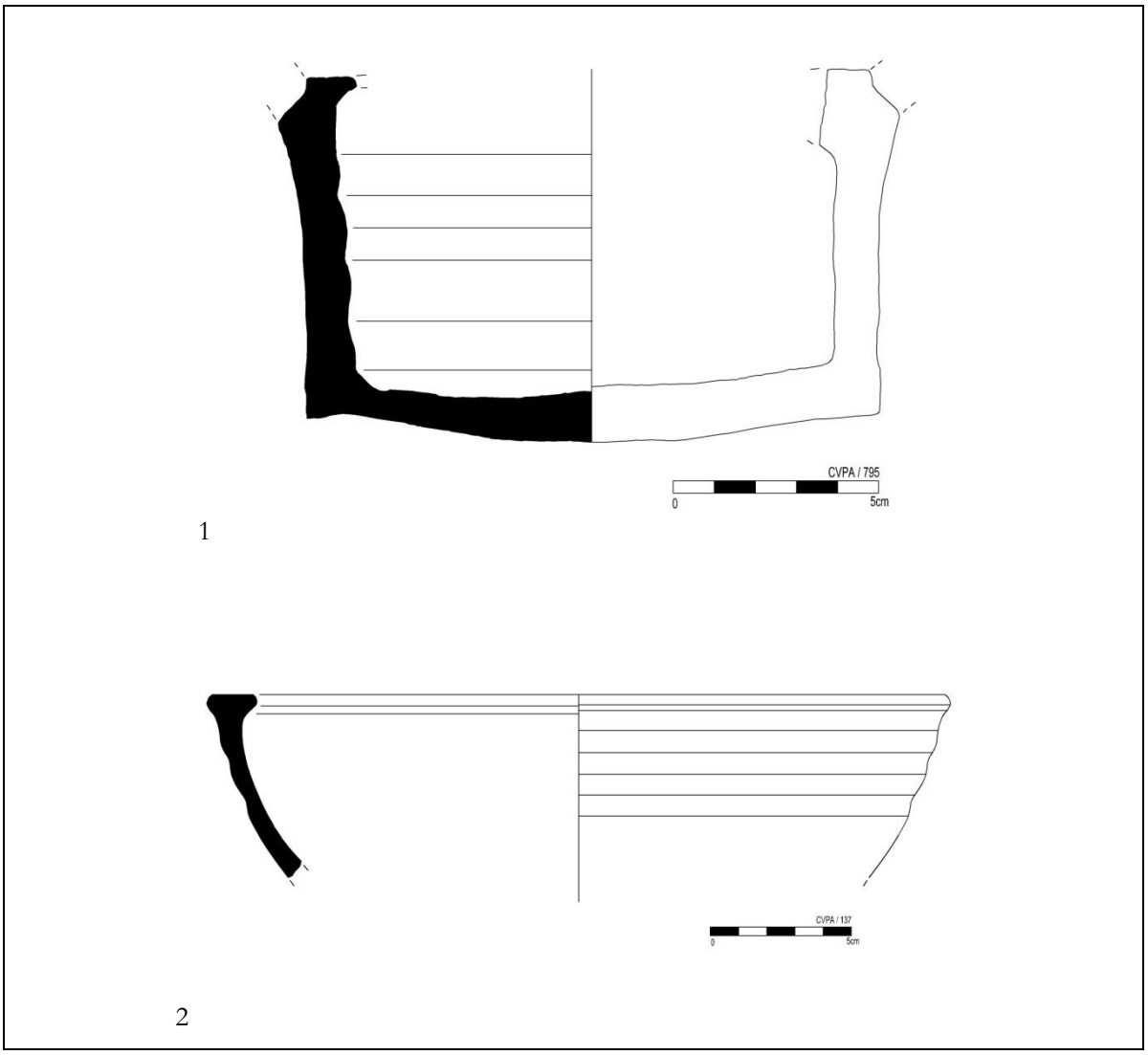


Figura 196: Contentores de lume do Poço Antigo, Cacela. 1-Fogareiro CV/PA/01/46/795 de pasta alaranjada. Ø base 140 mm (PD/CT); 2-Fogareiro CV/PA/98/8/137 de pasta alaranjada. Ø boca: 260 mm (PD/RF).

5.4.5 Objectos de uso doméstico

No grupo dos objectos de uso doméstico, foram encontrados 22 fragmentos de tampas de recipientes, 3 vasos, 3 pés de trípode e um fragmento de piveteiro, no total de 29 fragmentos, correspondentes a 1,6% da amostra (Figura 197). Existiam tampas para vários tipos de recipientes, abrangendo dimensões variadas entre 50 e 160 mm de diâmetro. Abundam os testos de pastas alaranjadas e acabamento alisado no interior e exterior, pintura de linhas brancas e apenas um exemplar apresentava vidrado melado. Os testos de pastas claras, alaranjadas claras e bege, apresentavam engobe branco. Estas peças comuns no al-Andalus serviam para tapar cântaros, jarras ou panelas. Integram a forma clássica de testos, que se podem encontrar em Saltés, "tapaderas" de tipo 1 de Mértola e tipo II de Santa Maria de Niebla (Bazzana e Bedia, 2005: 313; Goméz, 2004: figura 46; Benabat, 1997: 91). No castelo de Salir, os testos maioritariamente de pastas castanho avermelhadas, alaranjada e acinzentada seriam de fabrico local ou regional (Catarino, 1997-98: 803).

Uma tampa de pasta bege e vidrado verde tinha corpo hemi-esférico e seria utilizada para fechar louça de mesa.

Foram identificados no Poço Antigo três vasos (Figura 198). O pequeno vaso de corpo cilíndrico e bordo saliente em aba CV/PA/98/926 surgiu no nível de abandono da Rua Poente. Torres (*et al,* 1991) interpreta esta peça como uma possível medida. Existem paralelos referenciados em Mértola e Niebla (Torres *et al*, 1991: 515; Goméz, 2004: ficha CR/CC/0079; Campos *et al*, 2006: fig. 225, 2015; Benabat, 1997: 92). Os restantes dois vasos foram identificados nos níveis de areia. Estas peças têm pasta alaranjada e vidrado verde. O exemplar CV/PA/98/920 apresenta estampilha de tema vegetal, decoração que se pode encontrar numa talha de Silves e em Sevilha (Gomes, 1981: 243; Lafuente, 1999a: 211).

Os fragmentos de trípodes encontrados tinham pasta alaranjada e acabamento alisado das superfícies.

Foi ainda registado um pé cónico de piveteiro com decoração de motivos recortados na Rua Nascente (Figura 198). Um fragmento semelhante foi encontrado em Cádis. Estas peças surgiram em contextos almóadas urbanos de Sevilha e sudeste peninsular (Cavilla, 2005: 243,

figura 229B). Estes objectos serviam para queimar ervas aromáticas ou perfumes (Rosselló, 1991: 173).

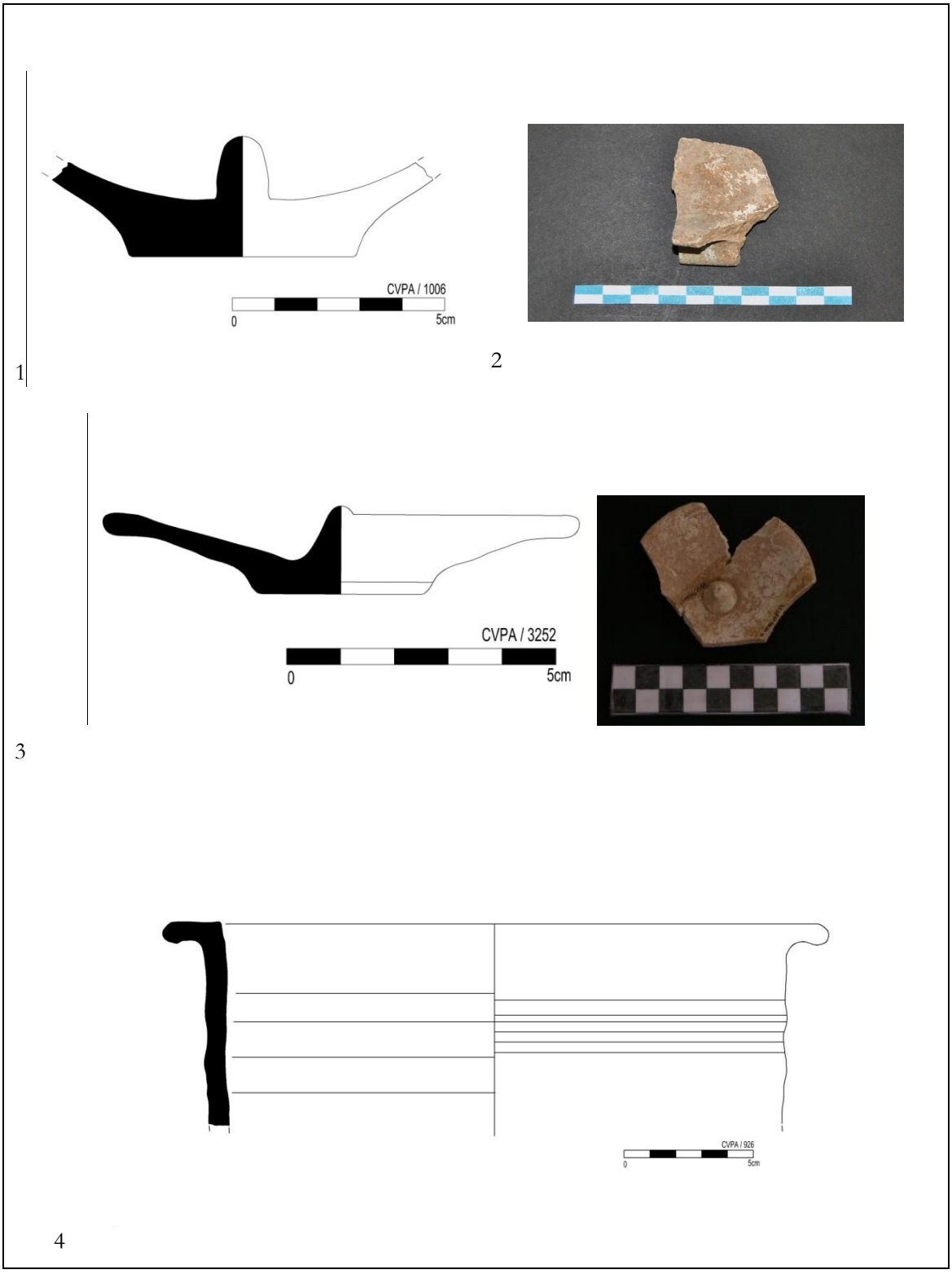


Figura 197: Objectos de uso doméstico do Poço Antigo, Cacela. 1-Testo CV/PA/98/13/1006 de pasta alaranjada. Ø base 52mm (PD/CT). 2-Tampa CV/PA/01/6/2220 de pasta bege e vidrado verde; 3-Testo CV/PA/01/3/3252 de pasta branca e engobe branco. Ø base 30mm (PD/RF). 4-Possível vaso CV/PA/98/26/926 de pasta alaranjada. Ø 250mm (PD/CT).

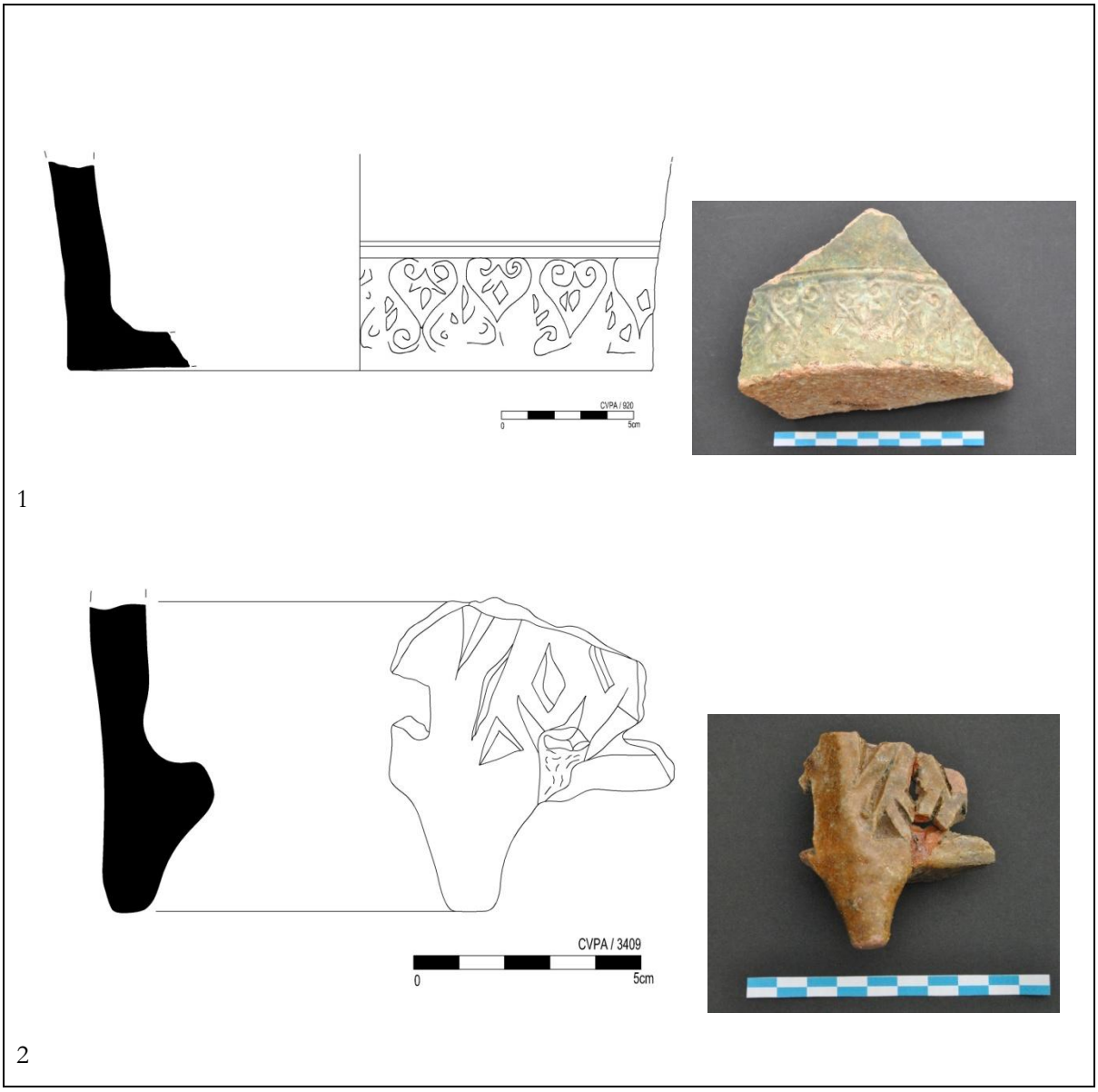


Figura 198: Objectos de uso doméstico do Poço Antigo, Cacela. 1-Vaso CV/PA/98/18/920 de pasta alaranjada clara, vidrado verde sobre estampilhado de motivo vegetalista. Ø base 220mm (PD/JV). 2-Pé de piveteiro CV/PA/01/4/3409 de pasta alaranjada, vidrado melado sobre decoração incisa (PD/RF).

5.4.6 Objectos de uso lúdico

Foram encontradas cinco pedras de jogo de diâmetros entre 20 e 40 mm, recortadas provavelmente de algum recipiente inutilizado. Estas pequenas peças têm pastas vermelha e alaranjada e tratamento com alisamento ou vidrado melado (Figura 199).

Com as mesmas características da louça de mesa, as miniaturas reproduzem as jarrinhas ou potes, parecendo conter essências aromáticas ou outros produtos raros. Existem ainda outras hipóteses de uso como brinquedos ou modelos para fabricar peças de maior dimensão (Lafuente, 1995: 295). Os testemunhos do Poço Antigo são análogos aos exemplares encontrados em contexto almóada na Arrochela de Silves, Tavira e alcáçova de Mértola (Gomes, 2011: 115; Maia, 2003: 310; Goméz, 2004: ficha CR/CSP/0004).

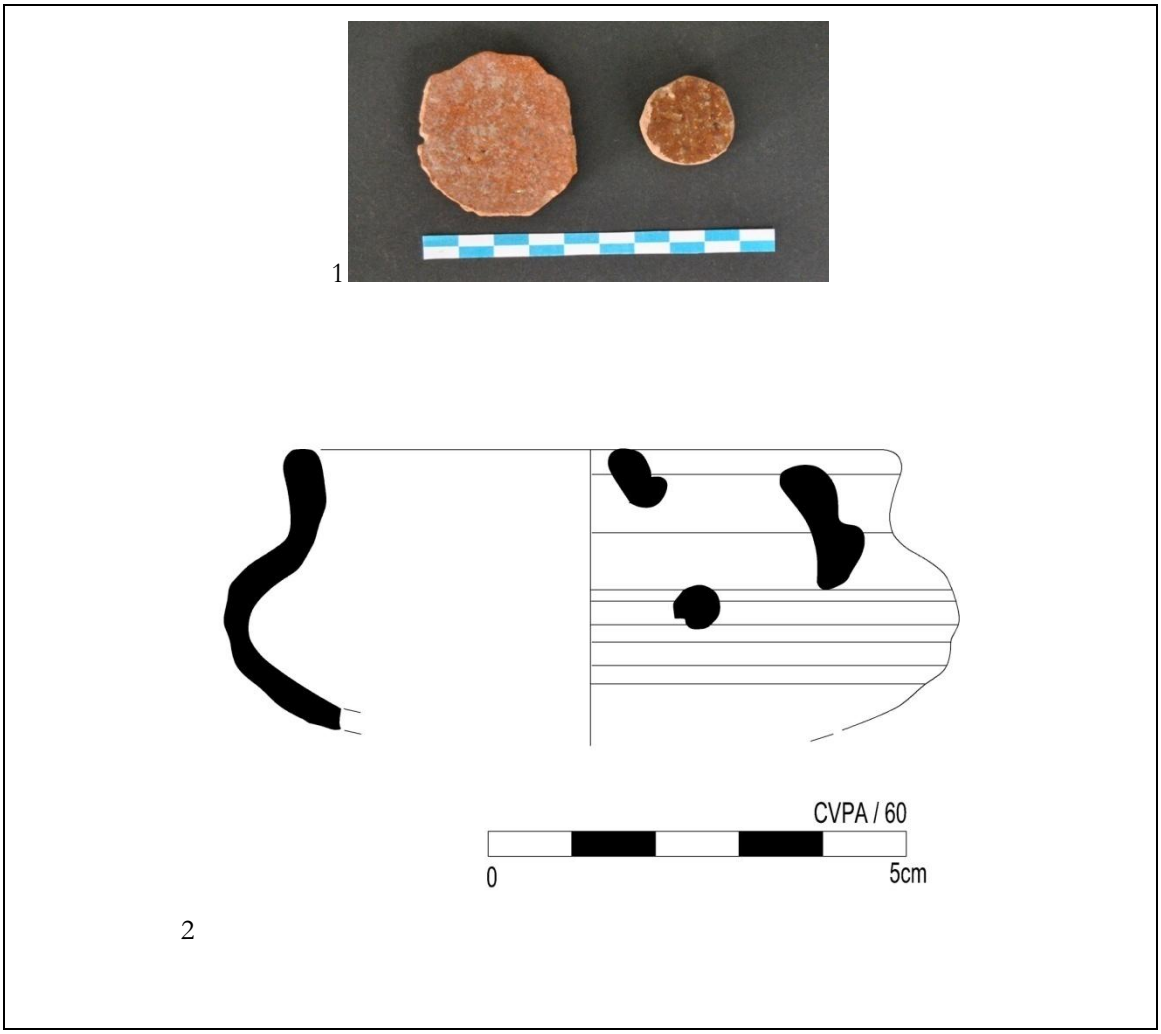


Figura 199: Objectos de uso lúdico e ritual do Poço Antigo, Cacela. 1-Pedras de jogo de forma circular, CV/PA/98/9/937 e CV/PA/98/9/938; 2-Miniatura de jarro CV/PA/98/2/60 de pasta branca e engobe branco com pingos de vidrado verde e caneluras. Ø 70 mm (PD/CT).

5.5- Interpretação histórica

As escavações arqueológicas do sítio do Poço Antigo revelaram um conjunto habitacional andalus pertencente ao castelo de *Qastâlla Darrâj* (Coelho, 1989: 55; Domingues, 1972: 19; Lévi-Provençal, 1938: 192), abandonado no final do período almóada, primeira metade do século XIII.

Este bairro localiza-se fora do perímetro amuralhado da alcáçova, em zona ribeirinha de ria e da ribeira das Hortas (Figura 114). As casas estavam abrigadas dos ventos dominantes de oeste pela presença do castelo, confinavam a sul e a nascente com ambiente marinho e a sua vertente nordeste pode ter sido protegida por fosso. As casas postas a descoberto são de pequena ou média dimensão e correspondem a diferentes tipologias de casas urbanas islâmicas. Foram estruturadas em forma de bairro, que terá sido edificado mediante um programa construtivo de época almóada (Torres, 1992), como tal, obedecendo a algumas regras de organização do espaço, circulação pública e drenagem de águas pluviais.

De facto, o sítio do Poço Antigo tem um declive elevado (45%) e as chuvas características da região, intensas e de curta duração, podem provocar a erosão dos solos. Assim, os arruamentos tinham um sistema de escoamento de águas pluviais com o objetivo de evitar o arrastamento de terras e a afetação da estabilidade das construções.

As casas foram construídas em patamares, acompanhando a inclinação do terreno. Os pátios destacam-se pelos seus lajeados policromáticos de xistos, grés e calcários. Por eles se acedia aos diversos compartimentos. O branco da cal e o amarelo-torrado da rocha-mãe predominam nesta paisagem. Nas paredes, a argamassa de cal cobre o exterior e os interiores são revestidos com fina camada de reboco de cal. Nos pavimentos e na taipa predomina o amarelo da "formação de Cacela".

As telhas encontradas nas três habitações escavadas são desprovidas de decoração, tendo apenas os bordos laterais ligeiramente salientes, encontrando semelhanças com os materiais do Castelo de Salir e Vale do Boto (Catarino, 1997-98: 719).

A ausência de ladrilhos na construção das casas, numa zona com tradição oleira antiga, que remonta à época romana, em nosso entender, reflete alguma urgência na construção das casas e limitação de fabricar as quantidades necessárias em tempo útil.

Deste modo, verifica-se a ausência de ladrilhos e o uso raro de pedra talhada, predominando o aproveitamento das matérias-primas locais. Foi confirmada ainda a ausência de evidências arqueológicas de um sistema de evacuação de águas usadas. Estas características argumentam em favor do carácter rural deste bairro (Acién, 2002: 77-79; Navarro e Jímenez 2007: 207).

O papel da mulher nesta sociedade manifesta-se claramente na organização dos espaços da cozinha, assunto em que o projectista/construtor não interfere, deixando apenas quatro paredes de um espaço minúsculo, não consentâneo com a importância da tarefa que desempenha. Assim, a mulher vê-se obrigada a improvisar:

"*No chão da cozinha, de terra batida, apenas haveria espaço para uma pequena molineta, para um ou dois alguidares e, naturalmente para a lareira (…) todos os objetos de trabalho estão pousados no chão, onde são manipulados pelas mulheres sentadas sobre os calcanhares ou em cima de simples esteiras de palmito*" (Torres, 1992).

O vetusto banco marmóreo colocado no pátio da casa I é o único mobiliário identificado em todo o conjunto.

Veja-se o caso de Mértola, que entre os pavimentos diversificados das casas, argamassados nos salões, lajeados nos átrios e latrinas, as cozinhas são inevitavelmente em terra batida (Macías, 2006: 162).

Como já foi referido, as casas foram construídas num mesmo momento. Não se encontram vestígios de uma longa utilização, como por exemplo, as camadas sucessivas de rebocos que são visíveis na casa 5N de Saltés e nos compartimentos descobertos na plataforma superior do castelo de Cacela. A última fase de ocupação das casas evidencia uma reduzida representação estratigráfica. Nos anos finais de vida do bairro, verifica-se a degradação das estruturas e a fraca manutenção e reparação das mesmas. O ambiente de guerra terá contribuído para a dificuldade em obter materiais de construção ou fabricar louça, pois seria perigoso aventurar-se até aos barreiros e zonas de extração de pedra, situados nas faldas da serra. O abandono das casas terá acontecido de forma gradual.

Encontramos algumas semelhanças da população deste bairro com as populações da alcaria do Castelo de Salir e Villa Vieja (Pozo, Robles e Navarro, 2002: 161 e ss.), localizadas no interior das regiões de Ossónoba e Tudmir, comunidades rurais, com áreas de construção das habitações modestas[54], que utilizam o mesmo tipo de matérias-primas e técnicas construtivas e têm ausência de latrinas[55], apesar de Villa Vieja incluir um sistema viário ortogonal.

Os testemunhos materiais do bairro islâmico do Poço Antigo denotam a forte capacidade de comunicação dos habitantes do al-Andalus. Assim, os pequenos brincos de campânula, as torres de roca ou as plaquetas assemelham-se em detalhe, aos objectos encontrados no castillo de la Torre Grossa, na região valenciana (Azuar, 1989: 183, 204, 212). E os pequenos fragmentos com decoração esgrafitada poderão ser provenientes da região murciana.

Certos objectos possuem uma longa tradição de continuidade no quotidiano das comunidades rurais, como os alguidares, cântaras, tampas e testos, pelo que têm sempre um "ar de família", independentemente da sua proveniência. De forma que a maior parte dos utensílios cerâmicos encontrados em Cacela filia-se no conjunto de louça doméstica do ocidente do al-Andalus.

Os motivos decorativos das talhas estampilhadas são comuns aos exemplares encontrados entre Silves, Sevilha e Cádis. Os potes vidrados melados (variante 3) têm paralelos em Silves, Sevilha e Cádis. No que se refere a louça de mesa, as tigelas de Cacela, sobretudo as tigelas vidradas carenadas, de carena simples ou semi-esféricas com vidrados melados ou esverdeados e decoração em manganés e estampilhada (variantes 1, 2 e 3), as jarrinhas de paredes finas e a jarra decorada em corda seca parcial, são peças associadas normalmente a centros urbanos como Silves, Saltés, Niebla, Cádis e Sevilha. Os contentores de lume enquadram-se nos modelos característicos da época e abundantes nas povoações do sudoeste peninsular.

Os recipientes de serviço na preparação de alimentos apresentam variedade de formas e dimensões. Por isso, as panelas e caçoilas correspondem ao conjunto mais uniforme do ambiente doméstico andalus. Os centros produtores locais que abasteceram Cacela, reproduziram fielmente os modelos adoptados de panelas e caçoilas, incluindo a característica caçoila de aplicações plásticas verticais. As pequenas cântaras e as variantes 2 e 3 de cântaros, as variantes 1 e 2 de alguidares são formas igualmente clássicas do al-Andalus.

[54] Pozo, Robles e Navarro, 2002: Anexo III. De facto, com excepção de duas habitações de maior dimensão (casa 10, 119m2 e casa 13, 404 m2) e outras bastante pequenas que poderão corresponder a oficinas, as casas de Villa Vieja distribuem-se por dois grupos, um grupo de 9 casas com áreas entre 30 e 46 m2 e um segundo grupo de 7 casas com áreas entre 60 e 85 m2.

[55] Mais de metade das casas de Villa Vieja carece de latrina.

Mesmo formas mais raras, como os alguidares de bordo invertido e de bordo saliente em canelura (variantes 3 e 4), estão presentes em Cacela. O pequeno fragmento de piveteiro ou o vaso vidrado e estampilhado denota o requinte presente em alguns ambientes domésticos de Cacela.

As talhas simples assemelham-se às tipologias identificadas em Silves e Mértola. Contudo, as suas pastas claras diferem das pastas vermelhas e alaranjadas de Silves, Mértola e do castelo de Salir. As malgas, utensílios antigos do mundo rural, estão presentes em Cacela, bem como em quase todas as povoações rurais e urbanas do sudoeste ibérico, exceptuando talvez Sevilha e Cádis.

Formas como a tigela carenada sem decoração, as variantes 1 e 2 de jarrinhas, a variante 4 de cântaros, a variante 4 de caçoilas, associada ainda a Mértola e La Almagra de Huelva, a variante 3 de panelas, a variante 5 de alguidar podem representar a marca dos artesãos locais. Estas marcas da produção local podem ser interpretadas como elementos de originalidade criativa ou tão simplesmente sinais de conservadorismo.

Geralmente, os potes surgem em número reduzido nos sítios arqueológicos. Para as variantes 1, 2 e 4 de Cacela, apenas foram encontrados paralelos na região, no castelo de Mértola e no castelo de Salir. O seu fabrico cuidado e a sua beleza podem ser um cunho da capacidade dos artesãos locais.

Finalmente, no Poço Antigo encontra-se bem representado o universo de recipientes cerâmicos necessários ao funcionamento de uma estrutura doméstica na época almóada. Regista-se a ideia de que a região tinha capacidade para fabricar a maior parte da louça de serviço doméstico e tinha acesso a alguma louça de mesa ou grandes talhas estampilhadas de provável importação. O conjunto cerâmico do Poço Antigo coincide pois com os acervos de Silves, Mértola e Niebla/Saltés, em que Sevilha, no papel de capital do império, era o centro difusor de um território coeso com estreitos contactos comerciais (Fernández, 1987: 465, 471). Por exemplo, no porto de Barbate, marcam igualmente presença peças de valor estético, como as tigelas vidradas com decoração em manganés e jarras e jarrinhas de paredes finas. Mas as grandes talhas sem decoração e os alguidares são igualmente análogos às peças do Poço Antigo (Cavilla, 1992: 127, 129-133, 139, 145).

Este elevado grau de estandartização levou as investigadoras S. Gabaldón (1987) e P. Lafuente (1995, 1996) a considerar a hipótese de que um ou mais centros de produção oleira poderiam

abastecer mercados regionais. Fernández adianta que estes centros estariam dotados de personalidade própria, evidente no peculiar tratamento técnico, morfológico e decorativo dado às suas produções (Fernández, 1987: 466).

Assim, a variedade de formas dos utensílios afasta Cacela do estatuto de povoação rural, como o castelo de Salir ou La Almagra de Huelva.

Cacela é uma povoação portuária, portanto, integrada no mundo costeiro da bacia de Cádis e no momento histórico de coesão do poder almóada no ocidente do al-Andalus. Desconhece-se se o caudilho de Niebla, *ibn Mahfuz* se teria assenhoreado da região algarvia em 1234 (Domingues, 1955a), mas seria plausível que os moradores do bairro do Poço Antigo, no momento de partir de Cacela, procurassem destino nas povoações próximas de Saltés, Huelva ou Niebla e Granada ou norte de África como destinos definitivos.

CAPITULO 6
POVOAMENTO RURAL DO ALGARVE ORIENTAL NA BAIXA IDADE MÉDIA: A NECRÓPOLE DE CACELA-A-VELHA

6.1- Introdução

O ponto de partida desta investigação foi a escavação arqueológica da necrópole medieval cristã, localizada junto da fortaleza de Cacela. Foi assim desvelado o testemunho físico da população cristã medieval da banda ocidental do Baixo Guadiana.

Como tal, conduzimos a nossa pesquisa para o processo de reconquista desta região de fronteira, nomeadamente os intervenientes directos, as estruturas físicas, a população e a organização e gestão do território. Neste ponto, interessou-nos caracterizar a comunidade de Cacela do ponto de vista das suas actividades militares, rurais e marítimas para compreender o grau de militarização e povoamento da zona.

Ocupando simbolicamente o espaço anteriormente vivido pela comunidade islâmica (pois sob a necrópole encontravam-se restos do bairro abandonado no final do período almóada), tentámos incutir vida aos defuntos para que nos transmitissem a sua relação com o meio envolvente, do ponto de vista da dieta alimentar e do trabalho.

Na Idade Média, o momento da morte era encarado como o *passamento* ou o *saimento* deste mundo e a passagem a outra forma de existência. As condições precárias de vida e a falta de imunização às doenças, aproximava-a de forma constante da morte. Contudo, a morte tinha um significado especial: abria as portas da eternidade. Os mortos passavam a fazer parte de um mundo invisível, regido por leis cuja compreensão escapava ao comum dos homens (Beirante, 1982; Mattoso, 1997: 5).

Definindo sepultura, Jean Leclerc (1990) outorga-lhe um carácter deliberado de colocação no espaço, em que os restos humanos são acompanhados de um conjunto de traços rituais, como o cortejo fúnebre (condução do corpo até à igreja), as cerimónias da igreja (reza de missas de requiem), o enterramento e a sepultura (Beirante, 1982).

As sepulturas carregam, do passado para o presente, um conjunto de vestígios do mundo simbólico associado à morte e, inerentemente, uma série de eventos da vida das populações desaparecidas, que pode ser descodificado através de uma aproximação antropológica às construções culturais pretéritas. A jornada ao encontro do tempo transcorrido é possível através da paleobiologia (Cunha, 1996), que, descodificando as mensagens insertas nos ossos e nos dentes, faculta o visionamento das populações humanas pretéritas providas das suas faculdades funcionais enquanto comunidades vivas.

De facto, este nível histórico, identificado nas escavações arqueológicas de Cacela, regista a formação de laços identitários numa região ancorada a uma grave situação disruptiva com os sistemas culturais, económicos e religiosos anteriores (período islâmico), através de acções de guerra e conquista com migrações populacionais associadas a este período de transição. O estudo histórico dos remanescentes dos indivíduos constituintes do microcosmo de Cacela é a nossa contribuição para a caracterização das populações do levante algarvio na segunda metade do século XIII.

6.2- Enquadramento histórico

A tomada do castelo de Cacela pela Ordem de Santiago no reinado de Sancho II integrou-se na estratégia das monarquias peninsulares de conquista do al-Andalus. Existiu um longo planeamento que incluiu a inclusão e o reforço do papel das ordens militares peninsulares no processo da reconquista, desde o sucesso de Navas de Tolosa em 1212. Fernando III (1217-1252) iniciou as operações militares para a ocupação do sudoeste da Península Ibérica em 1227 com a conquista de Cáceres, cidade onde foi fundada a Ordem de Santiago (1170), reforçando a linha de controlo do território a sul do rio Tejo.

Concomitantemente, ambos os monarcas esforçaram-se para conquistar as praças fortificadas existentes ao longo da linha defensiva do Guadiana e do vale do Guadalquivir, contando com o apoio das milícias das ordens religiosas (Figura 200). Estas operações militares no Alentejo e no Algarve, ao contrário do que tinha ocorrido a norte, atraíram apenas os contingentes militares permanentes das ordens militares e do rei. Já não existiam condições económico-sociais para migrações importantes e as massas, que já não acreditavam na abundância dos

saques pela guerra, sentiam-se mais atraídas para as grandes cidades. Assim, no caso do sul, a guerra foi feita essencialmente por cavaleiros e peões (Mattoso, 1983).

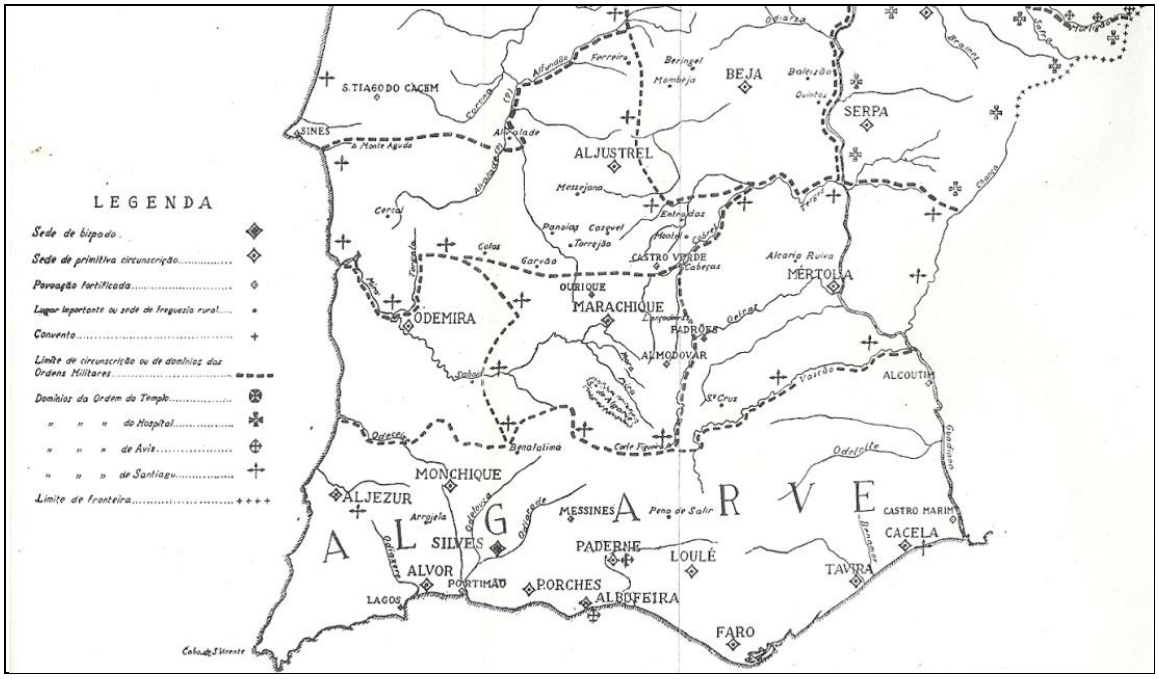


Figura 200: A conquista dos territórios do sul nos séculos XII e XIII. Fonte: Ruy de Azevedo, 1937, adaptado por Garcia, 1986.

A anarquia reinante nos reinos de taifas e a simultaneidade de ataques portugueses e castelhanos, favoreceu o avanço rápido na conquista dos territórios meridionais. A Ordem de Santiago, com sede em Uclés e milícias no território português, associou-se a Sancho II (1223-1245). Em 1229/1230, as praças de Elvas e Juromenha foram conquistadas. Seguiram-se Moura e Serpa em 1232 e Aljustrel em 1234. Consolidadas as posições no Alentejo, Sancho II fechou o controlo da fronteira do Baixo Guadiana, conquistando o território entre Mértola e Alfajar de Pena, a norte e Cacela e Aiamonte a sul, entre 1238 e 1240. Nesta progressão foram certamente utilizadas forças navais (Mattoso, 1983: 145; Brandão, 1976: 144v.).

Os castelos de Cacela e Aiamonte foram doados, ainda naquele ano de 1240, ao comendador-mor português da Ordem de Santiago, Paio Peres Correia, pelo bom serviço prestado ao monarca (Oliveira, 2009b). O termo do castelo de Cacela estendia-se até ao rio Guadiana. O termo de Aiamonte limitava a nascente com o rio Odiel e sustentava militarmente a zona de fronteira com o reino de Niebla (Livro dos Copos, 2006: 327, 701; Cavaco, 1983: 61).

O domínio do levante algarvio teria sido consolidado com a conquista de Tavira entre 1240 e 1242. Lançaram-se então assaltos na zona ocidental e conquistadas as praças de Silves e Paderne (Machado, 1978; Oliveira, 2004: 6). Entretanto, a crescente contestação a Sancho II eclodiu em guerra civil entre 1245 e 1247, até Roma considerar o monarca incapaz de governar e nomear o filho Afonso III em sua substituição. Neste período, a sede da comenda maior da Ordem de Santiago transitou de Palmela para Alcácer e em 1245 estava situada em Mértola.

No lado castelhano, Fernando III conquistou as serras cordobesa e sevilhana, rendendo-se Córdova em 1236. Sevilha foi cercada por via fluvial, pelas naves de Ramón Bonifaz e por terra por Paio Peres Correia, até à sua rendição em 1248 (González, 1985: 167; Tuñon e Dominguéz, 1991: 105).

Afonso III, no início da sua governação, teve como objectivo principal a conquista definitiva do Algarve, o que veio a acontecer na primavera de 1249. A cidade de Faro foi cercada por terra e por mar. Após a sua rendição, submeteram-se Loulé, Albufeira, Alvor, Porches, Silves e Aljezur, o que marcou o fim do governo islâmico no Algarve. As praças conquistadas foram entregues à ordem de Santiago, excepto Albufeira, doada à ordem de Avis e Porches, doada ao chanceler-mor Estevão Eanes (Machado, 1978; Marques, 1986: 7-10). Em 1255, Afonso III confirmou a doação de Cacela àquela ordem militar (Ventura e Oliveira, 2006, vol.2: 270). A extensão territorial das doações régias comprovava o papel decisivo que os cavaleiros de Santiago tiveram na conquista do sul de Portugal (Oliveira, 2009b).

Estabilizada a acção de cruzada no sudoeste ibérico, Afonso III pode empenhar-se na organização administrativa e no reforço das fronteiras. Desde 1250, havia estalado o conflito entre os reis peninsulares, não concordantes com a partilha dos territórios conquistados (Marques, 1986: 11). Este conflito gerou vários confrontos armados em zonas de fronteira. Por exemplo, em carta de 1263, Afonso X de Castela refere o ambiente de divisão e turbulência que se vivia na fronteira, justificando que continuaram a existir actos violentos entre as pessoas: "contendas e queixumes, e danos, e mortes de homens, e roubos, e entregas que acaicieram fasta aqui entre nós e nuestras gentes, e nuestros vassalos, e nuestra tierra de una parte, e entre esse Rey de Portugal, e sus gentes e sus vassalos e su tierra de la outra" (Santarém, 1846: 11).

A nascente do Guadiana, Afonso X tentou manter as populações locais com relativo sucesso. Em 1264, os mudéjares de Andaluzia (e de outras regiões como Múrcia) revoltaram-se contra

as agressões das autoridades castelhanas, obrigando ao avanço militar de Afonso X, submissão, extinção do reino vassalo de Niebla e à migração forçosa de muitos habitantes da região (González, 1991: LXXII; Tuñon e Dominguéz, 1991: 34-35; 171-176).

O levante algarvio e o termo de Aiamonte encontravam-se sob jurisdição eclesiástica e, em 1264, o bispo de Silves e o mestre da Ordem de Santiago estabeleceram um acordo quanto à partilha das rendas das igrejas de Cacela e de Aiamonte (Livro dos Copos, 2006: 398). Afonso III reforçou o seu poder na região, concedendo carta de foral às principais cidades algarvias, Silves, Faro, Loulé, Tavira e carta de foral aos mouros forros das mesmas cidade, em 1266 e em 1269 (Ventura e OLiveira, 2006, vol.I: 414-420).

A partir da Convenção de Badajoz, assinada em 1267, em que Afonso III desistiu da pretensão às terras a nascente do Guadiana, a Ordem de Santiago ficou na frente fronteiriça com Castela. Pretendendo limitar uma eventual aproximação entre os santiaguistas portugueses e a coroa castelhana, Afonso III, em 1271, contestou algumas doações feitas pelo seu sogro e seus antecessores. Esta controvérsia terminou no ano seguinte com a negociação de uma composição: a ordem de Santiago renunciou às doações de Tavira, Cacela, Castro Marim e ficou com o direito dos padroados eclesiásticos e algumas propriedades. A competência religiosa da cidade de Tavira era partilhada com o bispado de Silves. Em troca, ganhou o padroado de Santa Maria de Faro. Este documento definiu ainda o lugar de Castro Marim com entidade territorial própria. (Livro dos Copos: 327; Marques, 1986: 15; Ventura e Oliveira, 2006, vol.II: 295, 302).

Afonso III incentivou o povoamento de Castro Marim, conforme atestam as lápides comemorativas de 1274 e 1279, encontradas na entrada do Castelo de Castro Marim. A lápide de 1274 revela um facto de relevância histórica e foi a primeira inscrição de homenagem de uma acção régia de povoamento (Barroca, 2000, vol.II, t.1: 982-983, 1006).

Em 1277, foi concedida carta de foral a Castro Marim. O monarca revelou uma visão estratégica para o baixo Guadiana. Além de estimular o povoamento, a Coroa tinha como objectivos o controlo mais eficaz da fronteira e das actividades marítimas do Guadiana.

Cacela foi das últimas praças a receber foral, no reinado de Dom Dinis, em 1283, juntamente com Aljezur em 1280 e Porches em 1286. Consolidado o domínio do rei e as atribuições dos restantes intervenientes, Cacela recebeu finalmente carta de povoamento, atraso que terá com certeza adiado a ocupação das terras realengas e desviado entretanto, alguns trajectos de

produtos. Talvez tenha pago o preço por ser o estandarte santiaguista no levante algarvio, quando perdeu o estatuto fronteiriço no reinado de Afonso III (Oliveira, 2009b). Na renegociação do acordo de partilha das rendas eclesiásticas, firmado em 1301 entre o bispado de Silves e a ordem de Santiago, a igreja de Castro Marim já existia e foi acrescentada ao inventário (Livro dos Copos: 398, 724).

O povoamento do interior serrano foi iniciado em época tardia. Em 1302, Dom Dinis mandou povoar o lugar de Alcoutim e doou o padroado das igrejas a construir à Ordem de Santiago. Dois anos depois, foi-lhe concedida carta de foral. Em 1315, a igreja de Santa Maria de Alcoutim já se encontrava construída (Oliveira, 2004; Gradim, 2006: 22).

Relativamente à planura onubense, Afonso X inicialmente aprovou a delimitação dos termos entre Aiamonte, Gibraleón, Huelva, Niebla e Saltés (González, 1991: doc. 354). Posteriormente, em 1295, Alfonso Pérez de Guzmán, combatente heróico nas campanhas do norte de África, cavaleiro com o perfil adequado para manter a defesa da região, recebeu em senhorio, Aiamonte e Lepe (Carriazo e Cuenca, 2004: 154).

O território do Baixo Guadiana não ficou pacificado, continuando a ser cenário de guerra e instabilidade. O castelo de Cacela teve um papel importante na defesa da fronteira portuguesa a sul e os freires portugueses manifestaram sempre o seu apoio ao monarca português. A discussão dos limites entre os dois reinos de Castela e Portugal estendeu-se até 1297, ano em que os monarcas Dom Dinis e Sancho IV assinaram o Tratado de Alcanizes, em que acordaram quanto à definição dos limites entre os reinos. Neste documento ambos assumiram que por razão daquelas contendas nasceram entre eles muitas guerras, de tal maneira que, das terras de ambos muitas foram roubadas, queimadas e estragadas, fazendo morrer muitos cristãos (Santarém, 1846: 61).

A região ocidental da Andaluzia continuou a ser uma das zonas mais inseguras de Castela, situação que se prolongou ao longo do século XIV (González, 1980: 81).

6.3- Os dados da Arqueologia

Os trabalhos de exumação da necrópole foram realizados conjuntamente com o antropólogo biológico Francisco Curate, investigador do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sob a coordenação de Eugénia Cunha. Contamos ainda com a colaboração regular das colegas Alicia Candón e Clara Rodrigues do Campo Arqueológico de Mértola. Posteriormente, o material osteológico foi transportado para o Laboratório da referida Faculdade, em Coimbra, onde foram feitas a limpeza, a catalogação, a inventariação e o estudo paleo-biológico.

A necrópole medieval de Cacela localizava-se no exterior do castelo, junto da ribeira das Hortas, depositada sobre o bairro islâmico do Poço Antigo (Figura 202). Esta aposição poderá encontrar-se relacionada com uma sublimação ou monumentalização da vitória dos cristãos sobre os muçulmanos. Encontramos situações semelhantes em Mértola, Silves e Palmela (Candón, 1999; Gomes, 2006: 221; Fernandes, 2004: 85). Na área escavada (212 m^2) foram exumadas 56 sepulturas e 14 reduções e ossários, das quais se identificaram 74 indivíduos.

As reduções correspondem, de acordo com Duday et al. (1990), a um reagrupamento de todos os ossos de um indivíduo ou, pelo menos, da sua maioria, no interior do espaço adstrito ao depósito original. Relativamente à necrópole de Cacela, as reduções correspondem genericamente aos conglomerados de ossos representando um ou mais indivíduos que se encontram associados a uma sepultura, sendo, portanto, deposições secundárias (*i.e.*, que denunciam dois tempos de inumação) que permaneceram nos locais primordiais de inumação (Figura 201).

Figura 201: Aglomeração de ossos humanos na ue39SP/01 (redução 2), cortando o pavimento da Estrutura IV

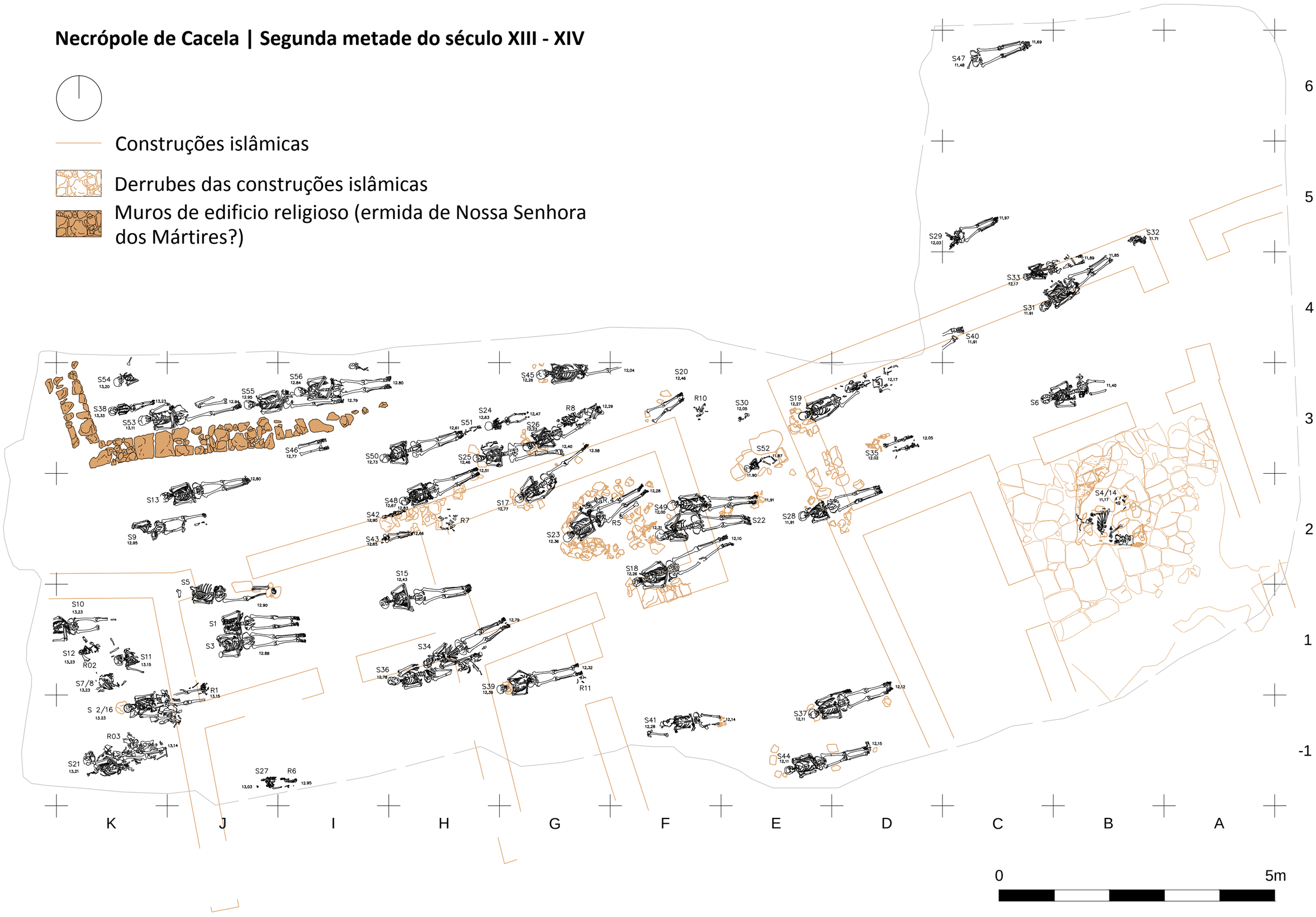
Figura 202

Necrópole de Cacela | Segunda metade do século XIII - XIV

Construções islâmicas

Derrubes das construções islâmicas

Muros de edificio religioso (ermida de Nossa Senhora dos Mártires?)



O termo ossário refere-se a um depósito secundário intencional de material esquelético, representando indivíduos inicialmente depostos num outro local (Ubelaker, 1974), ou seja, neste caso esta designação refere aqueles aglomerados ósseos não adstritos a qualquer sepultura e que presumivelmente foram retirados dos seus locais originais de inumação (*e.g.*, ossários 2 e 7). Neste contexto, as unidades estatigráficas 28/98 e 39SP/01 no sector poente, 20SC/01 no sector central e 12SN/01 no sector nascente aparentavam ser depósitos detríticos, aglomeração acidental de material osteológico misturado com restos cerâmicos e seixos, que não correspondem às definições inclusivas de redução e ossário. Por exemplo, a redução 2, com 25 cm de profundidade, era constituída por ossos humanos, telhas, cascalho, caliço e espólio cerâmico muito fragmentado com marcas de uso, datável dos séculos XI-XIV. Esta fossa aparentava ser uma deposição de materiais provenientes da limpeza da área envolvente, podendo os restos ósseos pertencer às sepulturas que lhes estavam sobrepostas. Com efeito, estes depósitos integravam ossos misturados com outros materiais, como cerâmicas com cronologias que vão até ao século XVI, denotando o uso intensivo e prolongado do espaço sepulcral.

As reutilizações sepulcrais, comuns na Idade Média, contribuíram também para a alteração do espaço funerário, afectando adversamente a preservação dos esqueletos. Verificou-se ainda a normal perda de informação relativa aos ossos das reduções e ossários, em mau estado de conservação (Cunha, 1997: 59).

Figura 203: Vista geral do sector central do Poço Antigo, Cacela

Desconhece-se a dimensão real da necrópole, mas foram detectados restos ósseos humanos a 16 metros a poente da área escavada, durante os trabalhos de colocação de uma vedação em torno da estação arqueológica (Figura 203). Por outro lado, verificou-se que a necrópole estender-se-ia para norte, tendo o terreno sido amputado a sul durante a abertura de um caminho de acesso ao rio. Em face da inclinação acentuada do terreno, as sepulturas distribuíam-se entre as cotas 11,40 m no sector nascente e 13,23 no sector poente.

A necrópole foi aberta numa camada arenosa, que envolvia o conglomerado de habitações almóadas arruinadas. As unidades estratigráficas onde foram abertas as fossas das sepulturas apresentavam, sinteticamente, as seguintes características: areia solta, areia consolidada, terra arenosa com muitos blocos, caliço e fragmentos de telhas, derrubes de alvenarias e coberturas de telha de canudo, correspondentes ao nível de abandono e destruição das habitações anteriormente existentes.

O solo arenoso, sobre o qual foi instalada a necrópole, proporcionou uma preservação excelente dos remanescentes esqueléticos ali inumados. O pH deste tipo de solo é alcalino, o que, associado às condições óptimas de drenagem das águas pluviais tornou este local propício ao resguardo dos ossos humanos aí depositados. Por estas razões, foram pouco destruídos, sendo afectados, sobretudo através da acção humana. A destruição de alguns esqueletos, nomeadamente os que se situavam junto à superfície (a 30 cm), foi certamente provocada pela acção ossífraga do arado, num espaço em que a actividade agrícola foi praticada continuamente, a partir do século XVIII.

Figura 204: Sepultura 14 em buraco aberto no pavimento lajeado da casa I do Poço Antigo

Foram reconhecidas outras modificações nos ossos com explícita índole tafonómica, tais como marcas produzidas por raízes de plantas. Estas alterações estão, no entanto, infimamente representadas nesta amostra esquelética. Acresce a elevada actividade sísmica a que esta região esteve sujeita nos séculos XVI e XVIII, bem documentada pela historiografia, provocando alterações morfológicas significativas na necrópole (Figura 204). Refira-se a título de exemplo, a sepultura 14, depositada sobre o pavimento lajeado da casa islâmica, que deslizou posteriormente para uma vala aberta, possivelmente devido à acção sísmica.

No sector poente, algumas sepulturas estavam sobrepostas e distantes 40 cm. As sepulturas 13 e 15, colocadas ao nível mais baixo, 12,80m, poderiam ser os enterramentos mais antigos da necrópole de Cacela (Figura 205). A sepultura 13, pertencente a um indivíduo adulto do sexo masculino, estava depositada em camada arenosa com alguns carvões e sob camada de fogo, a ue21. A sepultura 15 incluía um sub-adulto feminino, enterrado em fossa de areia misturada com restos de pedras e telhas. No nível superior, sensivelmente na altitude 13,20m, foram registados alguns enterramentos associados a muros de alvenaria em mau estado de conservação, com vão relevado por duas lajes calcárias. A norte dos muros e em alinhamento, estavam encostadas várias fossas contendo adultos do sexo masculino, as sepulturas 53, 55 e 56 (Figura 206).

Figura 205: Sepulturas 13 e 15 no sector poente da necrópole do Poço Antigo.

Figura 206: Muro com soleira e sepulturas 53, 55 e 56.

A sul do muro o topo da camada arenosa, a ue21, com a espessura aproximada de 10 cm, encontrava-se calcinado, sem vestígios de queimado (Figura 207). Este queimado afecta as lajes da soleira, não existindo vestígios nas sepulturas referidas. Este muro pode delimitar o espaço religioso central da necrópole, adro ou ermida. Não foram ancontradas telhas no local. Só o alargamento da área escavada poderia identificar o adro e respectivo edifício religioso.

Figura 207: Ocupação medieval no sector poente e camada de incêndio (ue.21).

Foram realizadas duas datações de radiocarbono às ossadas 13 e 53 pelo laboratório Tamers & Hood (Anexo 2). A datação de radiocarbono aplicada à tíbia direita do indivíduo exumado da sepultura 13, forneceu uma data calibrada aproximada de 1240: Intercept of radiocarbon age with calibration curve: Cal AD 1240 (Cal BP 710); 1 Sigma calibrated result (68% probability): Cal AD 1180 to 1270 (Cal BP 760 to 680). A datação de radiocarbono, neste caso aplicada à tíbia direita do indivíduo masculino da sepultura 53, apontou para 1260: Intercept of radiocarbon age with calibration curve: Cal AD 1260 (Cal BP 690); 1 Sigma calibrated result (68% probability): Cal AD 1190 to 1280 (Cal BP 760 to 670).

O início da utilização do espaço sepulcral parece coincidir com o momento de conquista do castelo de Cacela, segundo as fontes históricas (vide capítulo anterior). Por volta de 1260, terá sofrido um incêndio e consequente destruição, concordante com o ambiente instável existente na região.

6.4- Os rituais funerários

Na necrópole medieval de Cacela todos os indivíduos exumados se encontravam orientados para nascente, depostos em posição de decúbito dorsal com os braços normalmente cruzados sobre o peito ou abdómen, observando-se variações mínimas entre 240º e 270º (Anexo 3). Não foram detectados outros padrões de organização do espaço sepulcral. As orientações lobrigadas no cemitério do Poço Antigo encontram-se obviamente relacionadas com os pressupostos da fé cristã. A orientação dos templos e sepulturas cristãs relativamente a Jerusalém recordam-nos a importância do Oriente na liturgia cristã, já que a segunda vinda de Jesus Cristo e o estabelecimento do seu reino teria ali a sua origem (Mateus 24, 17; Lucas 1: 78-79).

A comprovar-se a eventual existência da igreja matriz primitiva, verifica-se que a disposição das sepulturas no terreno obedeceu provavelmente à orientação poente-nascente do templo. De facto, o lugar da sepultura mais generalizado era o adro que rodeava a igreja paroquial. Era este o espaço sagrado que se reputava como o lugar ideal para proteger os corpos dos mortos.

Figura 208: Fossas parcialmente delimitadas das sepulturas 22 e 49

Beirante cita ainda a Primeira partida de Afonso X, ao justificar que as sepulturas deviam situar-se perto das igrejas "porque os diabos não teriam tanto poder para se chegarem aos corpos dos mortos que estão enterrados nos cemitérios como daqueles que jazem fora" (Beirante, 1982: 380).

Das cinquenta e seis sepulturas identificadas e escavadas, cinco estavam posicionadas em relação aos muros identificados como adro ou igreja. Estes indivíduos poderiam corresponder a pessoas com estatuto social superior, cujo desejo de maior protecção os levou a procurar o interior das igrejas como local do último repouso (Beirante, 1982: 380). Poderão ainda representar momentos diferentes de utilização do cemitério.

Verificou-se uma homogeneidade do tipo de enterramento. As sepulturas caracterizavam-se por fossas simples abertas em solo arenoso, envolvidas pelas ruínas das habitações islâmicas e lixeiras domésticas (Figura 208). Por conseguinte, não estranha que algumas sepulturas surjam parcialmente delimitadas por pedras de calcário, aproveitando os muros de antigas

construções destruídas ou restos de telhados, resultado de um acto consciente ou ocasional. De qualquer forma, há um acto intencional de *compor* a sepultura, dando especial atenção à zona da cabeceira, quer depositando a cabeça sobre uma *almofada* pétrea, delimitando a cabeceira com blocos ou colocando pedras lateralmente para manter a zona frontal da cabeça virada para nascente.

Provavelmente, todos os corpos seriam envolvidos por panos de linho ou lã, as circunstâncias normais de enterramento nesta época (Beirante, 1982: 377), embora os vestígios da sua existência sejam ténues, mais não seja pelo carácter perecível dos materiais. No entanto, foi possível recolher alguns alfinetes, semelhantes aos objectos recolhidos na necrópole da Ermida de São Saturnino em Sintra (Garcia, 1997) e pequenos fragmentos de tecido.

Por outro lado, podem reflectir, apenas, uma parte da teórica solidariedade entre todos os cristãos, que se exprimia muitas vezes e, segundo José Mattoso (2001: 45), "por práticas que acentuavam a coesão entre os fiéis da assembleia visível e os seus mortos, sobretudo entre as classes sociais mais baixas". Esta posição da Igreja surge expressa na Primeira Partida de Afonso X, recomendando o uso de sepulturas sóbrias (cit. por Beirante, 1982).

Verificou-se ainda a repetida reutilização das sepulturas, pela congregação de reduções, normalmente junto dos membros inferiores ou ossários, zonas de depósito de ossos, fruto da limpeza de uma determinada zona sepulcral, já sem qualquer preocupação em ritualizar aqueles conjuntos.

Assim, poderemos particularizar as seguintes variações que parecem obedecer mais a acções ditadas no momento de escolha do local para a sepultura, do que obedecendo a critérios rígidos (Figura 209): valas simples (48%), fossas com aproveitamento do alinhamento de muros, pedras colocadas estrategicamente nas extremas, protecção da zona da cabeceira e colocação de pedras a imobilizar a cabeça (40%).

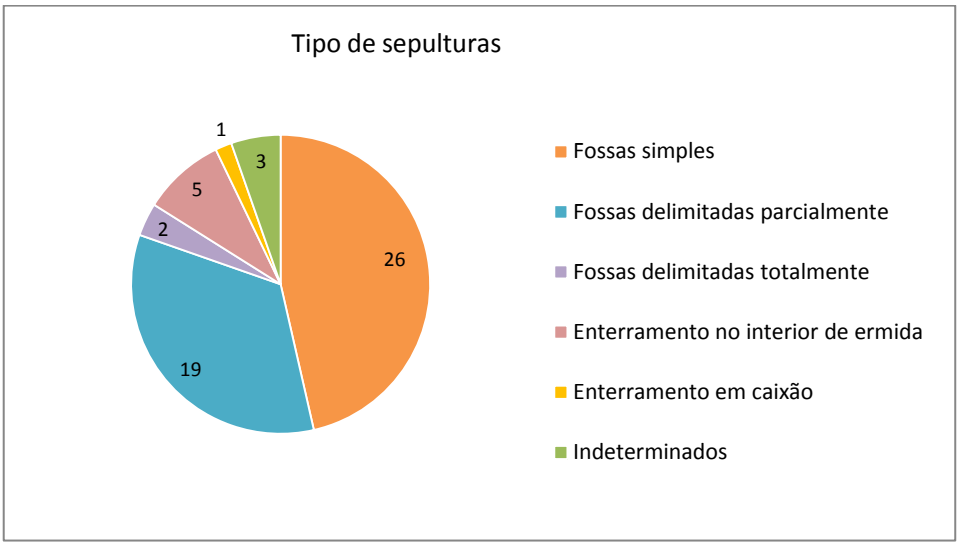


Figura 209: Tipologia de sepulturas identificadas no conjunto exumado

Apenas duas fossas foram totalmente delimitadas, correspondentes às sepulturas 13 e 52. A sepultura 13 (ver cap. 5.3) pertencia a um indivíduo adulto do sexo masculino, que foi recuperado completo e bem conservado. A idade à morte foi estimada entre os 50 e os 59 anos e tinha a estatura de cerca de 1,58m. Foi detectada artrose na coluna vertebral, uma fractura na mão direita e traumatismo numa costela. Este indivíduo apresentava um elevado desgaste dentário, com perda de seis dentes mandibulares *ante mortem* e uma cárie (Curate, 2003).

A fossa da sepultura 52 incluia uma criança com idade compreendida entre os 6 e os 16 meses, que terá sofrido de escorbuto. Encontrava-se totalmente delimitada por pedras calcárias e dois blocos talhados delimitavam a cabeceira e os pés (Figura 210). O escorbuto é uma doença motivada pelo consumo inadequado de vitamina C (ácido ascórbico) por um período prolongado, afectando vários órgãos e provocando uma elevada mortalidade nos casos mais severos. Manifesta-se através da diminuição ou ausência de formação da matriz óssea, ocorrência potenciada no esqueleto em rápido crescimento das crianças. Como a vitamina C é destruída pela exposição ao ar e a temperaturas elevadas, a deficiência no seu consumo manifesta-se mormente em populações que detêm uma dieta bastante rica em produtos cozinhados e pobre em alimentos crus (Curate, 2003).

Figura 210: Sepulturas 52 e 43 da necrópole medieval do Poço Antigo

Foram ainda identificadas sepulturas em proximidade física. Sucede com as sepulturas 1 e 3, bem como com as sepulturas 34 e 36 (Figura 211). Os defuntos 1 e 3 teriam à idade da morte, entre os 20 e os 29 anos. Realça-se os restos ósseos do elemento feminino, que apresentavam várias lesões e marcas de fracturas. A sepultura 34 assentava parcialmente sobre a sepultura 36, correspondendo assim a uma deposição posterior. Correspondia a um indivíduo adulto jovem do sexo feminino, apresentando lesões nas zonas tendinosas e ligamentares na parte distal das tíbias, provavelmente marcas de stress ocupacional. O elemento masculino teria mais de 40 anos de idade e apresentava indícios de artrose nos ossos e elevado desgaste dentário.

Figura 211: Sepulturas 34 e 36 da necrópole medieval do Poço Antigo

Foram encontrados raros materiais associados aos defuntos. Verificou-se a existência de um pendente ou elemento de vestuário em bronze associado à criança da sepultura 16. Foram recolhidas duas argolas de cobre e tecido de linho junto dos ossos da bacia do indivíduo masculino adulto da sepultura 19, incompleto e mal preservado, podendo interpretar-se como elementos de um cinto que cingiriam uma peça de roupa (Figura 212).

Figura 212: Sepultura 19 com duas reduções associadas. Argolas em cobre com tecido (136C/01; 124C/01) encontradas junto da anca e pescoço.

Do conjunto exumado, apenas foi identificado um enterramento em caixão (Figura 213). O elemento masculino adulto enterrado na sepultura 31 constitui esta excepção. O seu caixão foi colocado muito provavelmente sobre uma sepultura, da qual subsistiu apenas o crânio. A presença de pregos de ferro curtos a ladear o corpo, um dos quais associado a um pequeno fragmento de madeira, várias rosetas em ferro e elementos decorativos, são os elementos que induzem à existência de um contentor sepulcral elaborado.

Seria um indivíduo mais velho, com uma idade à morte superior a 50 anos e estatura aproximada de 1,64m. Tinha artrose acentuada na coluna vertebral e desgaste dentário acentuado, com cáries e vestígio de abcesso. Apresentava ainda uma lesão no osso frontal (crânio), consequência provável de uma pancada com um objecto de ponta afiada (Curate, 2003). O braço direito estava colocado ao longo do corpo e o braço esquerdo dobrado sobre o abdómen.

Figura 213: Sepultura 31 e à sua direita, a sepultura 33. Foram encontradas seis rosetas metálicas e um pendente em cobre (88Nste/01) associados à sepultura 31.

Acresce que exibia sobre o peito um pequeno pendente metálico em forma de concha marinha, da classe dos bivalves, *Pecten maximus* (*aka* vieira). Apresentava decoração de nervuras e uma perfuração.

Este símbolo era utilizado pelos peregrinos de Santiago de Compostela. A peregrinação seria um acto pessoal de devoção realizado com assiduidade e, a partir dos fins do século XII, foi correntemente imposta como penitência dos pecados, em toda a Europa ocidental (Gonçalves, 1988). Era habitual para o peregrino compostelano obter uma recordação da viagem com significado religioso, como esta medalha simples. No castelo de Palmela foi identificada a sepultura de um adulto sénior de estatura elevada, que possuía uma insígnia da Ordem de Santiago, objecto de uso restrito dos membros daquela ordem militar (Fernandes, 2004: 209-212).

Este defunto sepultado em caixão (sepultura 31) teria possivelmente um estatuto social mais elevado, no âmbito do grupo em estudo, cujo enterramento poderia obedecer a determinadas prescrições. Pode neste caso, corresponder a um membro da milícia da Ordem de Santiago, que se encontrava instalada no castelo de Cacela.

O indivíduo da sepultura 39 exibia um arranjo peculiar e singular nesta necrópole (Figura 214). O pescoço do jacente estava rodeado por um colar de três pedras calcárias. Um calhau de maiores dimensões foi colocado de forma a tapar a face superior do crânio. Junto dos seus pés, encontrava-se uma pequena redução. Seria uma pessoa envelhecida que teria à morte uma idade compreendida entre 50 e 59 anos e estatura aproximada de 1,60m. O desgaste dentário não era muito acentuado. Possuía artrose na coluna vertebral, periostite activa e acentuada nas tíbias e uma fractura antiga na perna (Curate, 2003).

Figura 214: Sepultura 39 da necrópole medieval de Cacela

Na necrópole medieval de Mértola foram identificadas mulheres sepultadas em posição de decúbito ventral, que foram interpretadas como bruxas (Candón, 1999). No caso de Cacela, esta conformação das pedras não resultou de processos tafonómicos acidentais, o que pode revelar um propósito. Por exemplo, a intenção de evitar que o defunto no momento da Ressurreição consiga orientar-se de forma a atingir o arrais do céu ou evitar que o defunto, ainda enquanto matéria, perturbe os vivos. De facto, esta situação pode advir de uma maldição lançada pelos vivos, em que "o castigo supremo é a aniquilação total, o não ressuscitar dos mortos" (Beirante, 1982: 372). Os rituais fúnebres estavam, pois, inculcados de superstições e crenças de raiz pagã. Existia o medo de contaminação da morte e o desejo de garantir a manutenção da vida na comunidade ameaçada pela morte de um dos seus elementos constituintes. Os mortos em pecado eram verdadeiramente ameaçadores para os vivos e o "ritual de imobilizar o cadáver (era) especialmente necessário, quando o falecido ou falecida tinha poderes especiais de carácter oculto, quando se tratava de uma bruxa ou feiticeiro, quando se tratava de um criminoso, de um suicida ou de alguém morto inesperadamente num acidente" (Mattoso, 1997: 7).

Pela forma como o indivíduo de Cacela foi imobilizado, deveria ter sido um elemento perigoso na comunidade. E a ameaça que foi em vida, manteve-se depois de expirar. Por isso, os membros da comunidade terão procurado intervir no processo de passagem da vida para a morte, resultante da crença que interpretava essa passagem não como um processo imediato,

mas gradual. "A passagem seria como uma viagem longa cheia de peripécias e de perigos. Assim, o espírito não abandonava imediatamente o corpo depois da morte e o morto só o era verdadeiramente quando terminava o processo de decomposição do cadáver, reduzido a ossos. O perigo de perturbação dos vivos pelo morto tornava-se, portanto, especialmente grande durante esse período de transição" (Mattoso, 1997: 8; Marques, 1987: 217).

Assim, as estruturas funerárias registadas são assaz despretensiosas e espelham, porventura, o *status* económico e aspectos do quotidiano da população medieval cristã de Cacela, decorrente do ambiente instável vivido na região por força dos conflitos existentes com o al-Andalus e, posteriormente com Castela.

6.5- Alguns dados paleo-biológicos

No período medieval, a idade das pessoas era repartida pela infância até aos 7 anos, puerícia até aos 14, adolescência até aos 21, mancebia até 50, velhice até 70, sénior até aos 80 anos e até ao fim da vida, decrepitude (Marques, 1987: 209). A partir dos 14 anos, o/a jovem estaria apto a desenvolver actividades próprias de um adulto. Por exemplo, esta era a idade mínima para receber o hábito da Ordem de Santiago (Barbosa, 1998: 174).

No presente estudo, coordenado por Francisco Curate (2003) foram consideradas as seguintes fases etárias: infanto-juvenil até aos 14 anos, jovem ou sub-adulto até aos 20 anos, adultos até aos 50 anos e sénior a partir dos 51 anos. Foram aplicados diferentes parâmetros de aferição da idade, conforme os restos ósseos existentes na colecção, como por exemplo: Ferembach *et al.* (1980), Lovejoy *et al.* (1985), Suchey e Brooks (1990), MacLaughlin (1990), Albert e Maples (1995).

A partir da escavação arqueológica parcial da necrópole, foi possível analisar de forma exaustiva e completa 58 indivíduos esqueléticos (Figura 215): 14 infanto-juvenis (24%), 4 jovens (7%), 24 adultos (41%) e 10 séniores (17%). A morte em mulheres (55%) e homens (35%) ocorria de forma predominante entre os 30 e os 50 anos. Os homens atingiam a velhice em maior número (26%) que as mulheres (18%).

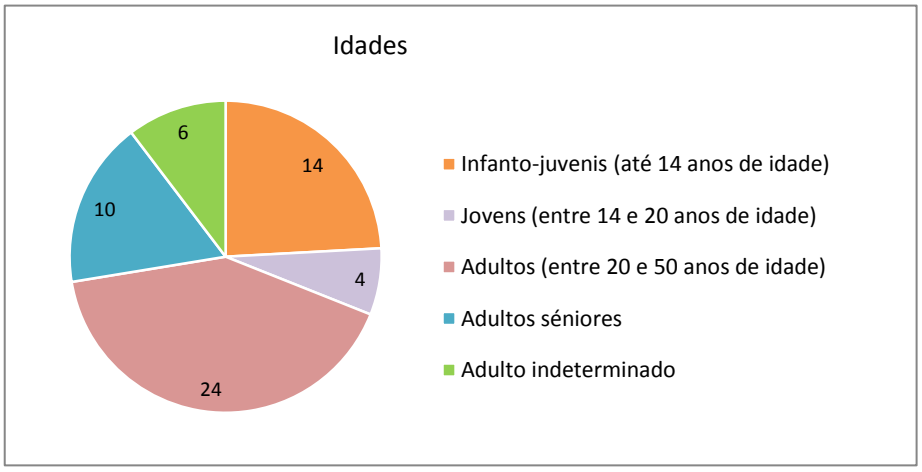


Figura 215: Categorização etária dos 58 indivíduos analisados

A morte de jovens e jovens adultos (entre os 16 e os 30 anos de idade) ocorria em percentagem semelhante para indivíduos femininos (27%) e masculinos (26%). A determinação do sexo foi possível obter nos restos osteológicos de idade superior a 16 anos.

A morte em crianças e jovens até aos 16 anos de idade atingiu 28 % do conjunto exumado e 69% dos sub-adultos morreram com menos de 3 anos de idade. Algumas crianças apresentavam indícios de possível anemia, as sepulturas 16/1 e 24, de idades entre 6 e 16 meses. A sepultura 52, com uma criança de idade entre 12 e 30 meses, apresentava escorbuto. A criança da sepultura 54 (7-11 anos) tinha bastantes hipoplasias do esmalte dentário, indicando que este indivíduo sofreu *stress* fisiológico sistémico durante o seu crescimento, o que poderá estar relacionado com a sua morte no período pré-reprodutivo (Curate, 2003).

Relativamente à distribuição sexual desta amostra, 31 indivíduos foram classificados como masculinos, 10 como femininos e 16 como crianças e jovens até aos 16 anos, em que não foi possível determinar o sexo (Figura 216). Verifica-se, deste modo, uma perspícua desproporção sexual em favor dos homens (rácio sexual de 3-2:1).

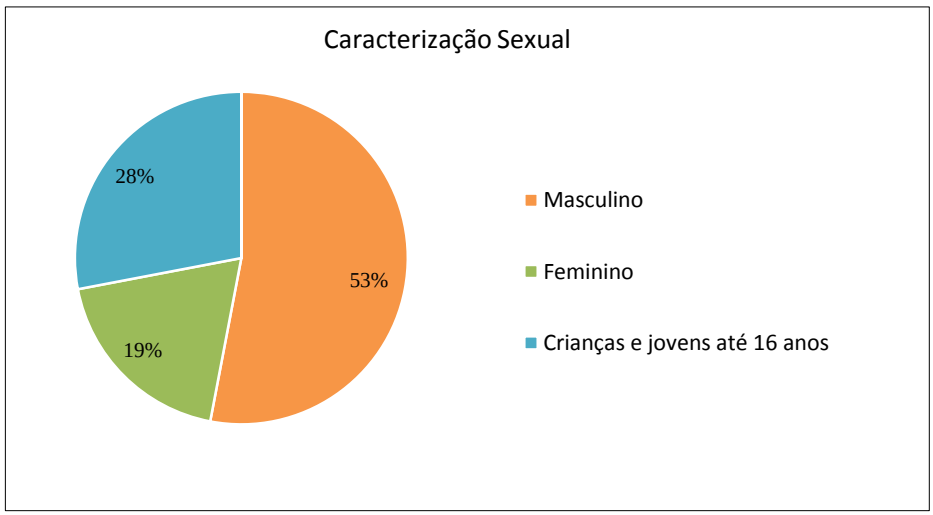


Figura 216: Distribuição sexual da amostra esquelética proveniente de Cacela Velha

Não obstante, a desproporção sexual poderá ser resultado de um erro de amostragem inerente ao carácter fraccionado dos indivíduos escavados – torna-se necessário reconhecer que somente uma porção da necrópole foi escavada e que poderá haver uma distribuição diferencial de homens e mulheres nas diferentes zonas da necrópole. Desse modo, os resultados definitivos acerca deste grupo só poderão ser aventados depois da ampliação da área de escavação deste cemitério.

Apesar da limitada representatividade do conjunto, verifica-se que a morte nas mulheres ocorria com maior frequência na denominada meia-idade, entre os 30 e os 44 anos (Anexo 3).

A sepultura 29, uma mulher com idade superior a 50 anos, conservava uma lesão osteoarticular da brucelose, igualmente conhecida como febre de Malta. A brucelose é uma doença infecciosa que pode ser transmitida dos animais para os seres humanos. É causada por uma bactéria do género *Brucella*, propagada com a domesticação de ovinos e caprinos. A brucelose humana pode derivar do contacto directo com os animais infectados, particularmente as pessoas que exercem este tipo de trabalho ou do consumo de produtos derivados. Esta enfermidade teve provavelmente origem na orla mediterrânica, com incidência elevada em Portugal. Este foi o primeiro caso de brucelose descrito em Portugal pela antropologia biofísica (Curate, 2003/2004).

Ainda nesta colecção foi diagnosticado o primeiro caso de *odontoideum* da literatura antropológica. Esta anomalia foi observada no eixo vertebral da sepultura 25, uma mulher adulta que terá sofrido dor na zona cervical (Curate, 2008).

Os três casos de jovens adultas, fenecidas entre os 20 e os 29 anos, as sepulturas 1, 34 e 48, referenciam o quotidiano feminino neste contexto histórico e a possibilidade de morte relacionada com o parto. As abundantes lesões detectadas são indicadoras de stress ocupacional, associadas a actividade intensa e repetitiva de músculos relevantes (Cunha e Umbelino, 1995: 51), como artrose vertebral, periostite, lesões nos ligamentos amarelos das vértebras (associadas a hérnias) e lesões entesopáticas nos ossos das pernas e calcâneos. Os nódulos de Schmörl, igualmente associados a hérnias, ocorrem a partir dos 30 anos de idade. Aliás, o total da amostra feminina, composta por 11 elementos, detinha este tipo de lesões. Um quotidiano de elevado esforço físico, que afectava também 74% dos homens. Verificou-se que eram mais afectados os membros superiores e os ligamentos amarelos das vértebras (actividades relacionadas com o trabalho) e calcâneo (marcha).

A análise macroscópica e radiológica de 38 indivíduos adultos (28 homens, 10 mulheres) permitiu observar uma prevalência de lesões traumáticas de 50% nos homens (95% CI: 32,6 - 67,4; 14/28) e de 40% nas mulheres (95% CI: 16,8 - 68,7; 4/10).

Os elementos femininos das sepulturas 1 e 34 terão ainda provavelmente sofrido quedas que provocaram a fracturação da tíbia, pé e mão direitas e fractura do perónio e costela esquerda. As duas restantes apresentavam *callus* ósseos somente nas costelas. Estas contusões podem ter

sido causadas por acidentes com maior impacto (como uma queda), provavelmente relacionadas com o modo de vida e a ocupação de carácter marítimo e agrícola da população de Cacela.

Como já foi observado, os elementos masculinos adultos são um conjunto marcado por elevada percentagem de fracturas, apresentando alguns fracturas múltiplas (sepulturas 13, 26 e 39). Verificou-se ainda que a sepultura 18 apresentava fractura de Parry no cúbito direito e as sepulturas 31, 45 e 55 exibiam uma depressão no osso frontal. A fractura de Parry e as lesões nos crâneos podem constituir indícios de violência interpessoal (Curate, 2003). As zonas mais afectadas são os membros, superiores e inferiores, costelas e crânio.

A estatura média foi obtida através do comprimento fisiológico do fémur esquerdo e calculada através de diversos métodos. Assim, nesta amostra, Curate (2003) calculou a estatura média das mulheres em 1,56m (DP=0,2) e nos homens rondava 1,64m (DP=0,7). Comparando as médias de estatura entre homens e mulheres, verifica-se que o dimorfismo sexual de tamanho é de cerca de 9 centímetros (Figura 217). Assim, a estatura das mulheres e dos homens de Cacela corresponde à média da Península Ibérica e sudoeste de França (Cunha e Crubézy, 2000: 154).

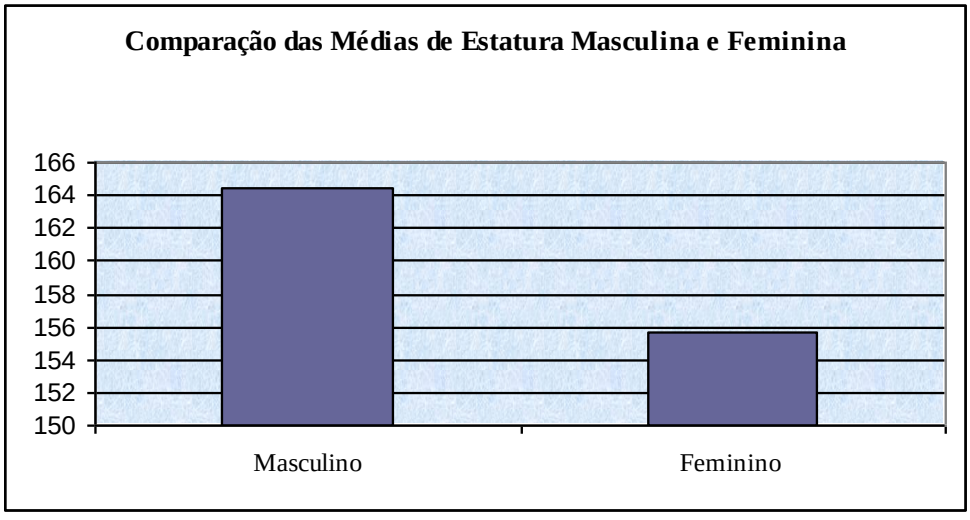


Figura 217: Valores médios de estatura dos indivíduos do sexo masculino e feminino (Curate, 2003)

6.6- Interpretação histórica

A doação de D. Sancho II à Ordem de Santiago do castelo e termo de Cacela em 1240, envolvia um vasto território delimitado entre o rio Guadiana a nascente, a ribeira de Benamor (Almargem) a poente e a ribeira do Vascão a norte, confinando com os termos de Aiamonte, Tavira e Mértola (Cavaco, 1983: documento 1). Os seus limites terão sido definidos com a ajuda *dos mouros sabedores da terra e dos termos,* utilizando a tradição ou os costumes não escritos[56] (González, 1991: doc. 323; Herculano, 1853: 49). Por isso, o território deveria corresponder ao *hisn* de *Qastalla* no tempo da administração muçulmana e o castelo de Cacela continuou a constituir a base da administração e ordenamento do território em época cristã (Marques, 1986). Os dados arqueológicos reforçam a ideia de que o povoamento cristão da região iniciou-se pouco depois da conquista. Assim, o ano de 1240 marca possivelmente a conquista, a reorganização administrativa e o estabelecimento de novos povoadores. O castelo de Cacela e a Ordem de Santiago terão sido no terceiro quartel do século XIII os elementos agregadores e polo religioso dos moradores do levante algarvio e do termo de Aiamonte. O carácter religioso perdurou no tempo, pois ainda em 1482, Cacela era um espaço de devoção que atraía muitas pessoas da região a "*todallas suas festas de todo o ano*" (Oliveira, 2008: 147).

Naquela época, os sítios de Castro Marim, Aiamonte e Alcoutim estariam ainda despovoados. Como já foi referido, o povoamento de Aiamonte terá sido incentivado após 1267 e os primeiros enterramentos em Castro Marim terão ocorrido depois de 1274. Os povoadores de Alcoutim começaram a receber ali sepultura provavelmente após 1315, data em que a igreja de Santa Maria de Alcoutim ficou concluída (Oliveira, 2004: 10; 2008; Gradim, 2006: 22).

Em Alcoutim, os trabalhos de campo de H. Catarino (2004) revelaram que os estratos arqueológicos relacionados com a fundação do castelo correspondiam aos séculos XIV e XV. Escavações arqueológicas realizadas em 2005 no Castelo de Castro Marim, sob a direcção científica de Ana Arruda, revelaram um complexo funerário da Idade Moderna. Deste modo, os habitantes serranos ou de Castro Marim poderiam ter utilizado Cacela para as suas práticas e rituais religiosos na segunda metade do século XIII. A numeração das igrejas algarvias de 1320-1321 incluía então no sotavento algarvio as duas igrejas de Santiago e Santa Maria em Tavira, Santa Maria de Cacela e de Alcoutim e Santiago de Castro Marim (Marques, 1987: 55).

[56] Em 1250, Dom Afonso III doou todos os bens que os mouros *Abozoale e Zaforona, sua mulher tinham em Santa Maria de Faro e em todo o Algarve* (Marques, 1986: 10), denotando o conhecimento do sistema de propriedade islâmico.

Seria igualmente interessante efectuar datações de radiocarbono em alguns elementos do cemitério da alcáçova de Mértola, implantado nas proximidades da igreja matriz na zona intra-muros, sobre as ruínas do bairro almóada (Candón, 1999: 289). No espaço castelhano, o processo formal de organização do povoamento ter-se-á iniciado igualmente nos finais do século XIII (González, 1991: XLVI).

Devemos encarar estes habitantes da raia "num quadro de relações fronteiriças que revela antes práticas de vizinhança que podem chegar mesmo a pôr em causa a efectividade de uma linha de fronteira. Os contactos, os intercâmbios, as relações não terminam com a criação da linha de fronteira" (Ventura, 1998: 52). Existia mobilidade entre os reinos do Algarve e Andaluzia. Na segunda metade do século XIII verificava-se a presença de cavaleiros vilãos e peões portugueses com suas famílias nas principais cidades andaluzas, como Sevilha e Jerez de la Frontera (David, 1986: 53, 68). Em Vejer, junto do cabo de Trafalgar, Gonçalo Peres "portugalés, çibdadano" foi um dos catorze povoadores a receber terras na aldeia de Conil (González, 1980: 148).

Um território não é imutável, as pessoas instalam-se ou partem, aqueles que partem podem ou não regressar e existem elementos da comunidade que participam nele à distância (Cunha, 1997). Assim, o alcaide, os pequenos proprietários ou arrendatários e os mesteirais deviam preferir residir na cidade, Tavira.

O comendador de Cacela seria um freire cavaleiro, a quem a Ordem tinha confiado a missão de gerir e zelar pelos bens da comenda, incluindo os de Castro Marim e Alcoutim. Coadjuvado por outro cavaleiro, podia celebrar contratos de exploração das terras, ordenar reparações consideradas necessárias e devia manter boas relações com os vassalos (Barbosa, 1998: 184, 233). Possivelmente residente numa cidade como Tavira ou Faro, o comendador deslocava-se às propriedades e igrejas da zona raiana de forma intermitente e na cidade se terá feito sepultar.

A primeira referência documental à igreja de Nossa Senhora dos Mártires de Cacela sobrevém numas Visitações da Ordem de Santiago de 1518, que a referem como a igreja antiga da Comenda de Cacela (Cavaco, 1987: 24275). Este topónimo persiste situado *junto da fortaleza de Cacela (…) perto da praia* (Cavaco, 1987: 118; 1990: 243). Esta tradição da invocação dos mártires mortos nas campanhas militares, consagrada a várias paróquias algarvias, como Cacela, Tavira, Silves e Castro Marim, principiou após a conquista de Lisboa em 1147, quando foi criada a paróquia de Santa Maria dos Mártires.

A igreja e o cemitério de Cacela estiveram activas talvez até ao ano de 1586. Nesta data, a imagem da santa poderá ter sido trasladada para a nova igreja matriz, situada na plataforma superior, conforme inscrição existente no frontão renascentista sobre o arco da capela norte. A área funerária junto da ribeira terá sido então encerrada.

A igreja de Nossa Senhora dos Mártires pode, assim, ter sido a primeira paróquia rural da região do Baixo Guadiana. As datações de radiocarbono abonam a favor desta hipótese. As características das sepulturas, maioritariamente compostas por covas simples abertas na areia, reflectem igualmente a sua antiguidade. São parte da população civil do sotavento algarvio, cuja caracterização demográfica, paleopatológica e hábitos alimentares ficaria mais completa, através da escavação arqueológica da totalidade da necrópole.

Para completar o quadro da população local, a carta de foral de Cacela de 1283 menciona uma zona de residência da população mudéjar, a mouraria e os escravos "mouros" da guerra, que habitavam as propriedades. As viúvas deveriam constituir um grupo com peso social e económico, merecendo referência particular nas cartas de foral (Cavaco, 1983: 57-60). Seguramente haveria um número a ter em consideração de viúvas de guerra. Após o ano de luto, a viúva podia entrar num convento, voltar a casar-se ou manter a condição de viuvez. As comunidades da reconquista favoreciam segundas núpcias das viúvas, desde que fossem observadas as regras do decoro e do bom gosto. Os viúvos deveriam ser igualmente um grupo considerável, pois a morte por parto era um acontecimento frequente (Dillard, 1993: 123).

O grupo inumado em Cacela apresentava características de uma população natural estabelecida no território, com algumas semelhanças com as populações islâmicas de Mértola (Candón et al, 2004) e Loulé (Cunha, Marques e Silva, 2002). O desequilíbrio na compartição dos sexos correspondia à fase de povoamento inicial em zona de fronteira, em que o elemento masculino liderava na comunidade, em termos numéricos. Por um lado, a vida comunitária deveria congregar-se em torno das obrigações dos povoadores com os serviços de atalaia e fossado, a construção e a manutenção de muralhas e torres, passando pela logística do abastecimento de água e mantimentos ou pela vinculação dos vizinhos na segurança (Ventura, 1998: 601), tarefas marcadamente masculinas. Por outro lado, os contratos de arrendamento promoviam a lavra, plantação, manutenção dos cultivos, irrigação e colheita das terras. Estes trabalhos incluíam marido e mulher, que podiam contratar trabalhadores, ganhando as mulheres metade do que auferiam os homens (Dillard, 1993:198). Os infanto-juvenis deveriam ajudar igualmente nas tarefas rurais.

A pastorícia seria uma actividade importante na região, surgindo amiúde questões relacionadas com a demarcação dos pastos e a passagem dos gados. Na planura onubense, Afonso X estabeleceu uma comunidade inter-concelhia de pastos em 1268, quando Huelva, Niebla, Gibraleón, Saltés e Aiamonte ainda discutiam os seus termos. Em 1274 a Ordem de Santiago passou a deter o direito de montado na zona levantina (González, 1991: doc. 323, 354, 355; Livro dos Copos, 2006: 174, 693). As mulheres podiam participar na tarefa do pastoreio e ajudar nos partos dos animais, ordenhar, tosquiar e fazer queijo (Dillard, 1993: 200). A presença de uma infecção brucelar num elemento feminino de Cacela (sepultura 29) indicia o contacto estreito entre a população humana e certos tipos de animais domésticos, designadamente as cabras. Este caso poderá ter sido causado pela *Brucella melitensis*, já que é conhecida a disseminação dos rebanhos de caprinos, vectores daquele microorganismo, por toda a orla Mediterrânica.

O conjunto sepulcral exumado pode corresponder à primeira geração de povoadores do sotavento algarvio, na generalidade, economicamente desfavorecidos. Este grupo possivelmente integrava residentes do castelo, camponeses arrendatários, camponeses contratados, pastores, pescadores, artesãos, algum clérigo e elementos da guarnição militar do castelo. Apresentava fortes carências alimentares como o demonstram o elevado número de cáries e hipoplasias. Desenvolvia trabalhos de elevada dureza física, a que nem as crianças escapavam. Com o aumento de idade aumentava também a prevalência de lesões degenerativas, como infecções, artroses, periostites. As lesões devidas ao esforço continuado e repetitivo de certos músculos abundavam igualmente neste grupo, como as lesões entesopáticas e nódulos de Schmörl.

Era recorrente acontecerem acidentes, como quedas, fractura de um pé ou de uma vértebra. O aumento da prevalência de certas lesões com a idade, particularmente nos elementos femininos, pode referenciar a elevada frequência de osteoporose. Os acidentes causavam traumatismos diversos mal consolidados, com quase ausência de cuidados médicos, em que as infecções terão causado sofrimento na vida quotidiana das pessoas. Homens e mulheres, certamente valentes, que desempenhavam as tarefas que lhes eram incumbidas no espaço doméstico, nas tendas ou nas fangas, nos fornos de pão e de telha, nas terras de lavoura, na serra, no castelo, no porto, no rio, ambicionando ascender na hierarquia social em tempo de reconquista.

CAPITULO 7:
GENTE E GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

7.1- As fronteiras marítimas

"Cacela é uma fortaleza à beira-mar. Está bem povoada e há nela muitas hortas e campos de figueiras" (Al-Idrisi, séc. XII. Coelho, 2008: 51).

A trilogia simples de pessoas, terra e mar marcava a estrutura do povoamento do sudoeste algarvio. O metal rareava, as grandes cidades estavam ausentes, a transumância passava ao lado e as rotas marítimas passavam ao largo. Porém, terra com predicados e com proprietários que fixava comunidades agrárias e uma estrutura de poder local. Eixos da região, castelos e pequenas cidades fortificadas distribuíam vias terrestres e davam hospedagem às vias marítimas.

As vias terrestres medievais conservaram as vias romanas, conhecidas principalmente a partir de fontes escritas, o Itinerário de Antonino e o Anónimo de Ravena, e fontes arqueológicas, sobretudo marcos miliários e troços de calçada. Na província de Huelva foi confirmada a existência de um complicado sistema de fluxos canalizados de forma dendrítica até ao mar, destacando-se um centro interior distribuidor situado na margem de um rio navegável, que se liga com outro centro situado próximo do mar, como Niebla e o seu porto exportador de Huelva-Saltés. Haveria ainda ligações terrestres a Sevilha, às regiões serrana e do Andévalo e à planície onubense até à embocadura do Guadiana (Campos e Gómez, 2001: 37; Gómez e Campos, 2002: 141). Gibraleón constituíu no século X ponto de intersecção de vias que conduziam a Beja, Ossónoba, Badajoz e Córdova (Crónica Geral de Espanha, 2009: 69). O geógrafo oriental Ibne Háucal (século X) referia a via terrestre entre Lepe e Ossónoba, que durava 4 dias de viagem e o caminho de Ossónoba a Silves, que durava 6 dias (Domingues, 1972: 10).

O rio Guadiana passava-se de barca em diferentes sítios na zona de Castro Marim[57]. Os vestígios arqueológicos e análise histórico-geográfica indiciam a existência de uma via que

[57] O registo de bens da Comenda de Castro Marim de 1503 refere o cais do "Porto velho", o "porto do Carvalho" e o "porto do Bufo" (Silva e Pimenta, 1992: 85, 93). A Carta Corográfica de Silva Lopes de 1842 tinha a indicação do porto do Azinhal. Existe um troço de via romana no lugar de Sobral de Baixo, em Castro Marim, referenciado na base de dados Endovélico com o código CNS1213.

ligava a São Bartolomeu, Cacela e seguia junto à costa para Tavira, Faro e para as povoações costeiras do barlavento algarvio (Alarcão, 1988: 101; Garcia, 2008: 100, 126; Herculano, 1860-1861: 418; Silva, 2005; 2007: 31). De Faro existia a ligação a Castro Verde, Almodôvar e Beja por Loulé e São Brás de Alportel. Outras vias ligavam ao Alentejo a partir de Tavira e Silves (Oliveira, 2006: 33; Maia, 2000).

Sevilha era a capital do sudoeste peninsular desde o século X. A sua dinâmica comercial assentava na exploração de olivais, figueirais e produção de mel e algodão na planície de Aljarafe, que se estendia até Niebla. O porto de mar constituía a base do intercâmbio inter-regional e além-mar, um dos melhores portos da península, onde os grandes navios podiam fundear (Crónica Geral de Espanha, 2009: 69; Dozy e Goeje, 1866: 214; Lévi-Provençal, 1953: 93).

Na província de Niebla, Al-Razi elogiou as actividades de criação de gado e lavoura de olivais e vinhas. Da flora local era colhido e comercializado o cártamo em quantidade (Lévi-Provençal, 1953: 92).

O olhar sobre o termo de Ossónoba, ultimo bloco ocidental antes de atingir o Mar Tenebroso, era idílico: "suas vantagens fazem dele um dos melhores lugares". O autor exaltava mais as vantagens geográficas que os meios de riqueza: "mui boa terra e mui chã; e de muitas boas árvores e de mui boa sementeira (…) mui boas montanhas onde se poderiam criar muitos gados (…) muitas águas corredias (…) mui boa terra de caça assim de monte como de ribeira (…) É bordejado em toda a sua extensão pelo mar, com as ilhas onde podem ir as barcas[58]. E há aí mui boas hortas regadas e de fontes de água clara. E em seu termo há muitos pinhais (…) No litoral de Ossónoba encontra-se âmbar apreciável. Sob a sua dependência há cidades e castelos, como Silves, que é a maior cidade do Algarve. E está construída sobre uma linha de água onde a maré se faz sentir" (Lévi-Provençal, 1953: 91; Coelho, 2008: 38).

Colocamos as cidades no mapa e assinalamos os castelos, portos e embarcadouros, núcleos de povoamento rural, locais de culto e torres de vigia com o objectivo de obter uma visão do povoamento da orla costeira do sudoeste ibérico (Anexo 1)[59]. Foi um trabalho realizado a título experimental, uma vez que não foi feito o registo completo dos sítios arqueológicos

[58] Pequenas embarcações. Este conhecimento dos fundos baixos da Ria e dificuldades de navegação para embarcações de maior calado é antigo.

[59] Pretendíamos trabalhar um mapa de povoamento do golfo ibero-marroquino, área geográfica natural para a navegação das comunidades ribeirinhas do sudoeste no período em estudo. Ficou dado o primeiro passo da cartografia (incompleta) do sudoeste ibérico medieval. Não nos foi possível por exemplo, incluir as cartas arqueológicas de Sevilha, Jerez e Cádis.

medievais do Algarve e Andaluzia. Em torno da cidade de Niebla e dos portos de Huelva-Saltés nos rios Tinto e Odiel encontra-se alguma densidade de povoamento, assim como na zona do médio e baixo Guadiana, entre o castelo de Mértola e o castelo e porto de Cacela. Por sua vez estes territórios estão ligados aos povoamentos mineiros e pastorícios do Algarve serrano oriental e da serra do Andévalo.

Segundo al-Idrisi, o castelo de Cacela seria o primeiro porto marítimo de entrada no território algarvio, a seguir ao porto de Saltés, conforme a descrição geográfico-marítima da costa do Gharb-al-Andalus:

> *De Algeciras a Tarifa; a al-Rimāl (Os Areais); ao rio Barbate há 28 milhas, ao rio Bakka (rio Beca?) há 10 milhas, à baía de São Pedro há 12 milhas, a Santa Maria del Puerto (al-Qanātir), frente à ilha de Cádiz, há 12 milhas, da ilha de Cádiz à ilha de Saltés há 90 milhas, ao castelo de Cacela (Qastalla) junta à costa há 18 milhas, entre ambos Saltés e o* ***castelo de Cacela*** *está a desembocadura do rio Guadiana no mar, à alcaria de Tavira (Tabīra) há 14 milhas, à cidade de Santa Maria do Algarve (=Faro), Ŝant Mariyya, junto ao mar há 12 milhas, à cidade de Silves (Ŝilb), que está junto ao um rio, que desemboca no oceano há 28 milhas, de Silves a Lagos há 20 milhas, ao Cabo de São Vicente (Taraf al'Urf) há 12 milhas, de ali à igreja do Corvo (Kanīsat al-Gurāb) há 7 milhas, de esta à desembocadura do rio de Setúbal há 40 milhas, ao castelo de Almada (al-Ma'din), ao sul da desembocadura do rio tejo há 30 milhas. A largura do rio desde aqui até Lisboa é de 6 milhas. De Lisboa à cidade de Cintra pela costa há uma etapa ligeira (A*l-Idrisi, 1989: 83*).*

Os relatos dos cruzados do final do século XII que navegavam ao longo da costa algarvia para oriente, referem *Porcimunt* ou *Portinunt* – Portimão como o porto da cidade de Silves. Este porto funcionaria particularmente na baixa-mar, quando os navios ficavam em seco em Silves (Lopes, 1844: 42; Dalché, 2005). A descrição geográfica de Roger de Howden era o olhar de quem navegava com a costa à vista sem conhecimento dos lugares e em que os nomes e as distâncias por vezes se confundiam. Contudo, identificou os cordões dunares que abrigavam rios interiores ou canais, aos quais se acedia por entradas naturais, as barras. A barra de acesso a Santa Maria de Faro conduzia a um rio, por onde as embarcações podiam navegar na direcção oeste ou este da cidade. Como existiam dificuldades na navegação no vazar da maré,

a cidade teria o seu porto a uma distância de três milhas[60]. Tavira era conhecida por ter um "bom porto". Cacela era referida como o porto ("porto bom") do rio Guadiana, um rio largo e profundo que dava acesso a Mértola[61]. Passando a foz do Guadiana, o cruzado referiu alguns pontos conspícuos na navegação até atingir o porto e castelo de Huelva-Saltés e finalmente Sevilha (Dalché, 2005).

Os cruzados frísios que em 1217 fizeram o percurso em direcção à Terra Santa, depois de saquearem Santa Maria de Faro, saíram da barra entre Olhão e Armona e navegaram para oriente, reconhecendo a praça-forte de Cacela e depois Saltés: "… Depois desta acção, o primeiro de Agosto, dia de São Pedro, *ad vincula*, retomamos o nosso derroteiro, deixando à esquerda todas aquelas cidades e praças-fortes a saber: Olhão (?), Armona (?), Cacela, Saltes, assim como Arena de Santa Eulalia com a Grande Hispalis" (Alemparte, 1999: 99).

Quando Afonso III doou em 1255 os castelos de Cacela e Aiamonte "com as suas entradas e saídas por mar e por terra" (Ventura e Oliveira, 2006, vol.2: 270-273), pretendia delegar o controlo do acesso marítimo ao Guadiana nos freires de Santiago em Portugal. Simultaneamente proibiu a saída por mar e por terra de prata em barra ou moeda, peles, panos de côr, coiros, cera e mel, excepto os portos por onde entrassem panos de França. Neste documento enumerou os portos marítimos e alguns portos secos, constando no Algarve oriental, Santa Maria de Faro, Tavira, Cacela e Aiamonte (Marques, 1944: 9).

Os limites do termo de Cacela eram vastos, abrangendo a região desde a foz do Guadiana até Alcoutim, a zona serrana para ocidente, até descer novamente para o mar, pela ribeira de Almargem: *Castellum meum de Cascala cum istis terminis silicet permediam venam fluminis de benaamor quomodo descendit de sumo serre usque ad mare Et termini predictum Castelli juntent se cum terminis de mertola et de ayamonte* (Ventura e Oliveira, 2006, vol.2: 270-273).

A política régia de controlo económico e militar do rio Guadiana ganhou novo impulso quando Afonso III em 1272 negociou uma composição com a Ordem de Santiago, em que a Ordem renunciou às doações de Tavira e Cacela, retendo os respectivos direitos de padroado,

[60] No texto original: (…) *Et in portu illo sunt duo introitus, unus uersus ciuitatem Siluie et alter uersus Sibillam, et inter illos introitus est arena magna, et magne naues non possunt intrare portum illum nisi cum mare fuerit ascensum, et tune possunt applicari sub menibus, et cum mare retractum fuerit naues remanent in sicco* (Dalché, 2005).

[61] No texto original: *(…) Deinde in eaden Hyspania prope mare est ciuitas magna et castellum, clausa muro distans a Tauire per quinque miliaria, que dicuntur Mertel, ibi est bonus portus qui dicitur Castane in portu Dyane. Deinde in eaden Hyspania est portus latus et profundus qui dicitur Hodiene, distans a Mertel per VIII miliaria. Deinde in eadem Hyspania est bonus portys qui dicitur Calite, distans a portu Hodiene per x miliaria, et ad introitum illius portus est castellum quod similiter dicitur Calite* (Dalché, 2005).

bem como das igrejas de Castro Marim e de Santa Maria de Faro (Ventura e Oliveira, 2006, vol.2: 303; Livro dos Copos, 2006: 699). Em 1274 empenhava-se em promover o povoamento de Castro Marim (Barroca, 2000: 982). Em 1277 foi concedida carta de foral com o objectivo de criar uma vila aduaneira e portageira das actividades do Guadiana.

O estuário do Guadiana era formado por um conjunto lagunar, corpos aquosos pouco profundos (canais e esteiros) confinados por bancos arenosos e restingas "definindo um ambiente dinâmico particular": os ventos predominantes de sudoeste eram responsáveis pela corrente e transporte de sedimentos para este, pelo que os bancos de areia estavam em permanente mudança e os canais em migrações rápidas (Andrade, 1990; Boski et al, 2002). O limite oriental deste sistema estava situado na ilha de Higuerita (actual isla Cristina) e o limite ocidental situava-se na zona da Casa da Audiência, onde começa o sistema dunar recente de Monte Gordo (Figura 218).

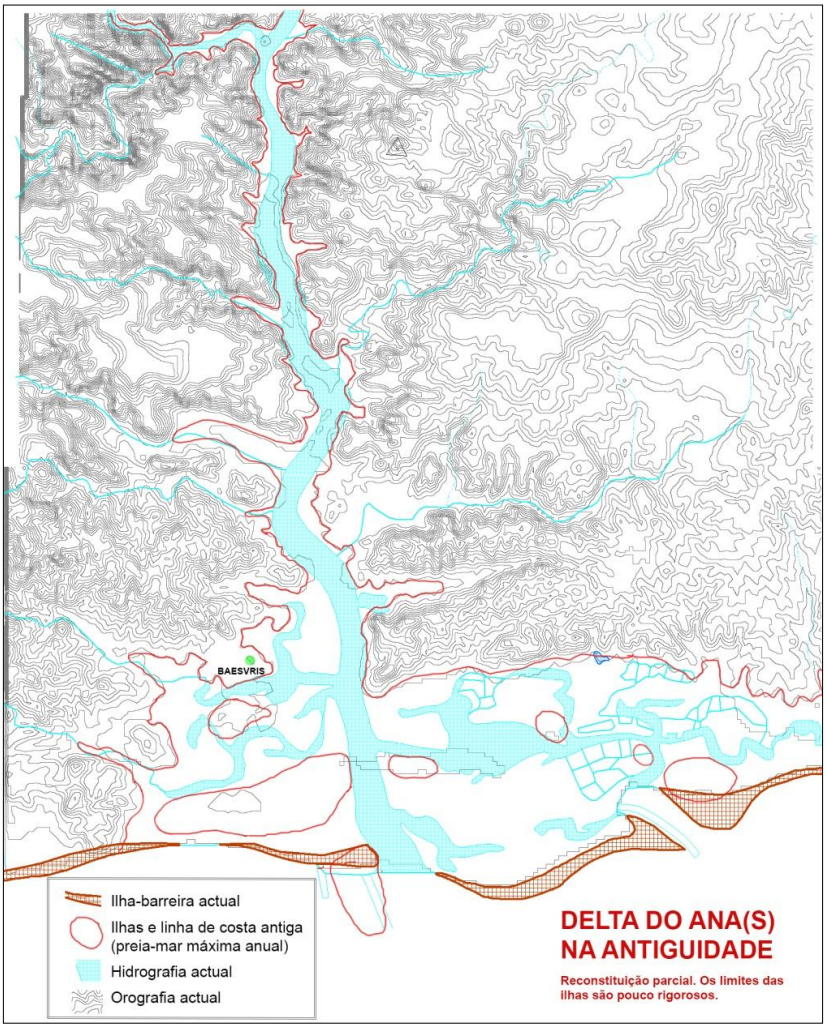


Figura 218: Reconstituição do delta do rio Guadiana na Antiguidade. Estão apenas assinaladas as ilhas e os bancos arenosos que têm maior altimetria ou com vestígios da época romana.
Fonte: Luis Fraga da Silva, 2009.

As embarcações evitavam entrar no Guadiana pela embocadura, cujo fluxo morfológico constante constituía um perigo para a navegação. O acesso ao Guadiana era feito a este pelo esteiro de maré de Canelas, que serpenteava até ao castelo de Aiamonte (Figura 219).

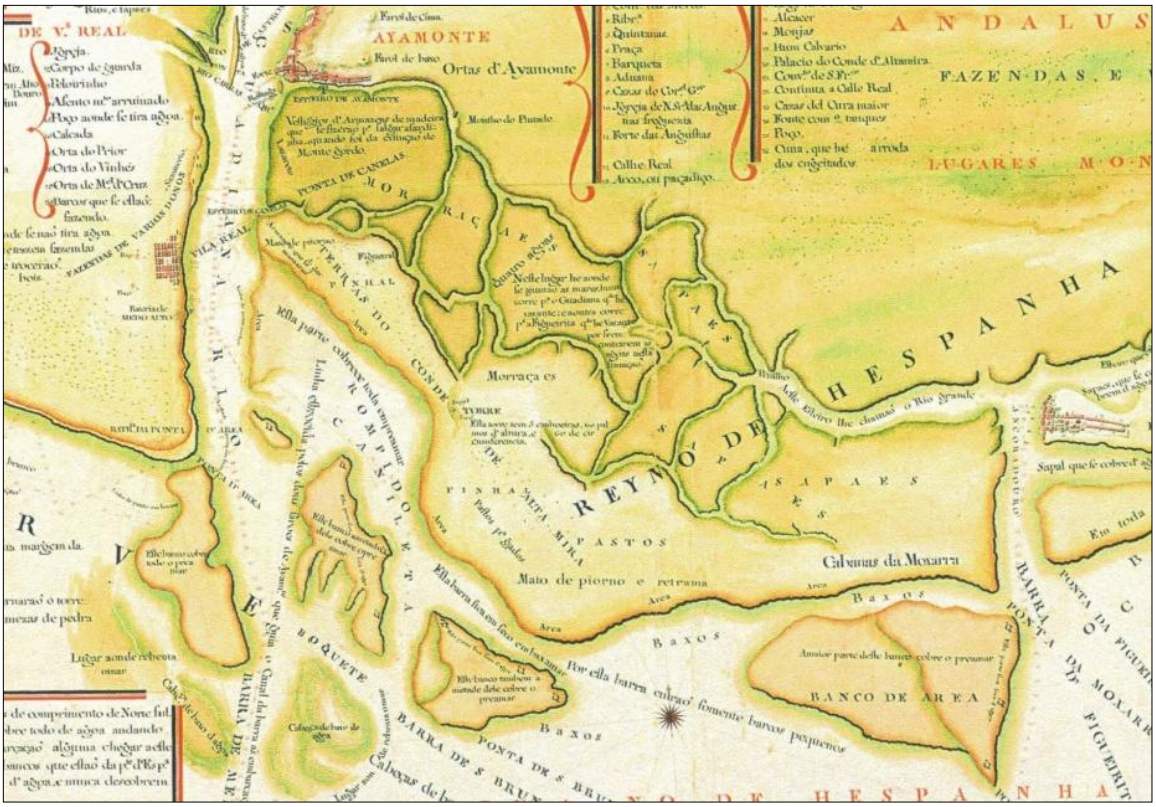


Figura 219: Detalhe do sistema lagunar do Guadiana e esteiros de acesso ao mar no lado oriental. Fonte: Mapa Hidrográfico do Algarve, 1793. Instituto Geográfico e Cadastral.

Existiria outro acesso ao rio a oeste da aldeia piscatória de Monte Gordo, por canal de maré que ligava ao Esteiro da Carrasqueira[62]. Com a criação da vila e termo de Castro Marim, foi definido novo limite, conforme referência existente na Carta Topographica de 1775 (Figura 220). Próximo deste lugar estaria situada a ponta oriental da ilha-barreira que se estendia até ao estuário de Tavira, partindo dali novo cordão arenoso paralelo à costa até Faro[63]. Na ponta

[62] A Carta Topographica desenhada em 1775 pelo Engº. José de Sande Vasconcelos representa os esteiros de Alvacete e da Judia que poderiam fazer a ligação entre o esteiro da Carrasqueira e o mar pela Casa da Audiência. A poente, o topónimo Lagoa referencia um dos vários lagos pequenos de água salobra existentes na vizinhança do estuário do Guadina (Boski et al, 2002). Recorda-se que esta carta foi desenhada após o Terramoto de Lisboa, cataclismo que alterou de forma permanente a geografia costeira da região algarvia.

[63] César Andrade concluiu que a península de Cacela já tinha sido ilha, cuja barra terminal sofreu episódios sucessivos de desactivação. A praia da Manta Rota resultou da deslocação do cordão arenoso de Cacela para terra, formando plataforma litoral (Andrade, 1990: 65-66; 375-388).

oriental, a barra de maré que fazia a ligação entre o oceano e a laguna interior, as embarcações tinham acesso ao canal navegável, o rio de Faro (Figura 222)[64].

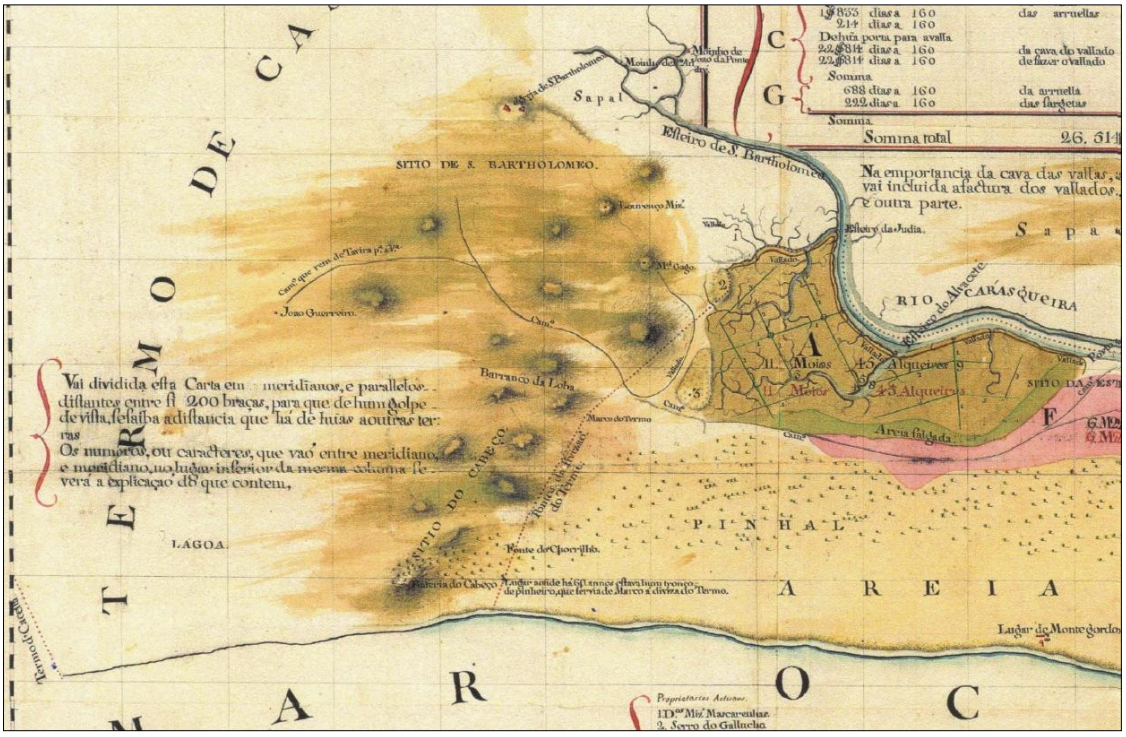


Figura 220: A este do Cabeço, a zona baixa onde passava a antiga demarcação do limite do termo de Cacela pode ter correspondido a linha de água que ligava o mar aos esteiros da Judia e Alvacete. Fonte: Carta Topopgraphica das Terras Incultas e Sapais do termo da Vila de Santo António de Arenilha, 1775. Instituto Geografico e Cadastral.

O rio Guadiana, estreito e profundo, localizado em zona de clima bastante seco, tinha caudal muito variável, com períodos de estiagem prolongados, seguidos, por vezes, de grandes cheias. Tem estuário do tipo mesotidal típico, fazendo-se sentir os efeitos das marés até ao Pomarão. No seu curso predominavam os ventos de Norte e Sudoeste, seguidos, em frequência, pelos ventos mediterrânicos de Sudeste (Camacho, 2004).

As condições de navegação variavam em curtos períodos de tempo, pelo que o porto de Cacela, situado a 2 000 metros do limite oeste da bacia do Guadiana, funcionava como porto de abrigo, onde as embarcações podiam aguardar as condições favoráveis para subir o rio (figura 221).

[64] A Configuração Corográfica do Reino do Algarve datada de 1786, desenhada por José de Sande Vasconcelos, exibe a antiga barra de Cacela com a legenda: "barra velha entulhada".

Figura 221

Povoamento e Paisagem de Cacela na Idade Média

Fonte: Carta Militar de Portugal, folhas 599, 600 e 608. Esc.1: 25000. Serviços Cartográficos do Exército.

◎ Castelo de Cacela

1- Ribeira do Almargem
2- Ribeira do Lacém
3- Ribeira das Hortas
4- Ribeira do Álamo
5- Lagoa
6- Santa Rita
7- Valongo
8- Cumeada
9- Benamor
10- Canada
11- Zambujeira (loc. aproximada)
12- Quinta da Torre
13- Quinta da Torre de Frades
14- Quinta da Manta Rota
15- Casa da Audiência
16- Torre Velha
17- Torre de João Correia (loc. aproximada)

N

Prováveis caminhos antigos

Provável ilha-barreira

0 3 Km

O acordo assinado em 1288, entre representantes régios, estando presentes as vilas de Aiamonte, Castro Marim e Tavira, determinou a livre e segura circulação de barcas e baixeis e de todos os que quisessem saír ou entrar, com ou sem mercadorias, "… **de um castelo como do outro (…) pelas fozes e pelos esteiros**" (Marques, 1944: 273-274).

A carta de confirmação da doação real do castelo e vila de Cacela à Ordem de Santiago em 1297, incluía a expressão "com suas entradas e sapais" (Cavaco, 1983: 62), referindo-se à importante actividade portuária de Cacela.

Esta rede de sapais e esteiros foi afectada por vários factores que contribuíram para o seu assoreamento: factores naturais, actividades das salinas, moinhos de maré, a realização de aterros para a actividade agrícola (Silva e Pimenta, 1992; Borja et al, 1999: 339) e mais recentemente a construção de molhes a oeste do sistema dunar e a sul de Vila Real de Santo António sobre a margem estuarina. A obliteração da barra oriental do sistema de ilhas-barreira terá acontecido com os *tsunamis* de 1722 e 1755 (Andrade, 1990: 67, 72).

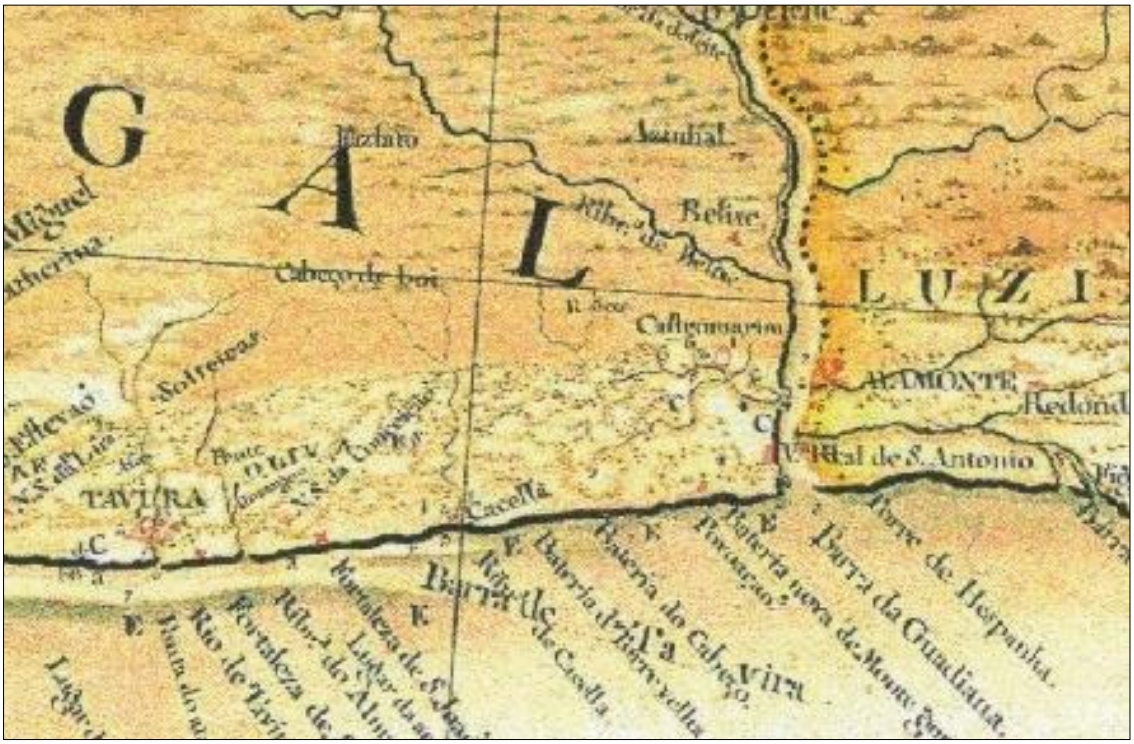


Figura 222: Excerto de mapa com a barra nova de Tavira e número 4 que representa um canal paralelo à costa com a legenda: "barra velha entulhada". Fonte: Configuração Corográfica do Reino do Algarve, 1786. Instituto Geografico e Cadastral.

A cartografia mais antiga conhecida foi produzida nos Países Baixos nos séculos XVI-XVII, da autoria de cartógrafos como Fernando Alvares Seco (f. 1559-1661)[65], Lucas Jansz Waghenaer (1533-1606)[66] e Pedro Teixeira Albernaz (1595-1662)[67]. Apesar da falta de rigor e semelhança dos traçados, a representação cartográfica do cordão arenoso do Rio de Faro[68] prolongava-se até ao estuário do Guadiana. O mapa da Península Ibérica desenhado por Carel Allard e Luggert van Anse por volta de 1703-1704[69], logo, antes do terramoto, apresenta o estuário alargado do Guadiana em conexão com o rio de Faro.

Os trabalhos recentes realizados no domínio da geomorfologia no estuário do Guadiana têm alcançado resultados muito interessantes, dando um contributo igualmente importante para a caracterização do povoamento humano, sua adaptação às alterações do meio ambiente e actividades relacionadas com os recursos naturais.

Uma sondagem -CM2 – realizada a norte do esteiro da Carrasqueira, próximo do topónimo da Torre, permitiu identificar um nível composto por argilas ricas em restos vegetais com muitas conchas de bivalves provenientes de ambiente marinho. Os cientistas identificaram este nível com um paleoambiente de alto sapal, considerando que esta zona deveria integrar-se no vale estuarino do Guadiana (Boski et al, 2002; Camacho, 2004). O cordão arenoso de Monte Gordo – sondagem CM4- resultou da sedimentação arenosa do estuário, onde poderá ter ancorado a barra da ponta oriental da ilha-barreira (Boski et al, 2002).

Recentemente Tomasz Boski[70] realizou três perfurações na margem direita da ribeira de Cacela, no sopé da arriba miocénica. Foi possível obter datações de radiocarbono de conchas recolhidas a 295 cm –sondagem C1- e 350 cm –sondagem C2- de profundidade: 1075 anos calibrados BP e 1030 anos calibrados BP. Estas sondagens confirmam que a sedimentação do canal marinho de Cacela aconteceu de forma progressiva em data posterior ao século X.

---

65 *Portugalliae que olim Lusitania, novissima & exactissima descriptio (…).* Biblioteca Nacional Digital: http://purl.pt/index/cart/aut/PT/46822.html (consultado em 10/10/2014).

66 *Speculum nauticum super navigatione maris Occidentalis confectum (…).* Biblioteca Nacional Digital: http://purl.pt/24046 (consultado em 10/10/2014).

67 *Description del reyno de Portugal y de los reynos de Castilla que confinam com su frontera (…).* Biblioteca Nacional Digital: http://purl.pt/16992/2/ (consultado em 10/10/2014).

68 A designação "Ria Formosa" é recente e será contemporânea da criação de uma marca turística para a região.

69 *Portugalliae meridionales plagae (…).* Biblioteca Nacional Digital: http://purl.pt/4079 (consultado em 10/10/2014).

70 Agradecemos a Tomasz Boski, investigador da Faculdade das Ciências e Tecnologia da Universidade do Algarve, a sua gentileza em conceder informação sobre os dados obtidos em trabalho de campo realizado em 2013 e ainda não publicados.

7.2- As pessoas

Para a milícia da Ordem de Santiago a conquista terrestre do reino do Algarve era estorvada pelo acidente natural da "grande passagem da serra". Apesar de o ocidente algarvio ser mais povoado que a zona oriental, a actividade agrícola do sotavento granjeou um período de tréguas durante a época das colheitas, entre Julho e Setembro (Herculano, 1860-1861: 416-417).

Após a conquista, o território seria uma zona militarizada e tensa com povoadores castelhanos, mouros e portugueses em ambos os lados da fronteira do Guadiana, (González, 1998: 87; González Jiménez, 1991; ver cap.6). A ocupação militar terá implicado a redução à escravatura de muitos muçulmanos e a prática de abusos sobre os vencidos. Afonso III acertou com as comunidades mouras que se tinham mantido no território o pagamento de avenças. Em Faro e Aljezur foi acordado que os habitantes mouros mantinham o pagamento dos foros que tinham no tempo do reinado almóada e da mesma forma se terá passado nas restantes povoações conquistadas (Machado, 1978: 251). As propriedades dos muçulmanos que abandonaram a região algarvia foram redistribuídas entre os companheiros do monarca (Ventura e Oliveira, 2006, vol.2: 64).

As povoações islâmicas terão convivido com as administrações portuguesa e castelhana até à revolta mudéjar de 1264. Então, o povoamento terá sido reorganizado, a população rural islâmica concentrada em povoados e a população urbana em mourarias.

Em Silves, os muçulmanos passaram a residir no arrabalde ocidental (Gonçalves, 2009). Em Faro, a Mouraria localizou-se no arrabalde norte. Em 1302, o alcaide chamava-se *Mafomede Aben Harun*. Em Loulé, a Mouraria situava-se a sul das muralhas, junto da porta de Faro (Barros, 2007: 103, 203). Em Niebla também se terá mantido uma Mouraria, pois um documento de 1304 referia "Abdalla, fijo de Hame, alcallde de los moros" (González, 1980: 70).

A partir de 1266 Afonso III interviu na administração do Algarve e concedeu forais a Silves, Faro, Loulé e Tavira (Ventura e Oliveira, 2006, vol.1: 414-420), com particular incidência no pagamento de portagens sobre o movimento de mercadorias. Os forais algarvios demonstravam o interesse do rei em reforçar a posse dos bens adquiridos pela conquista, o

direito sobre impostos e o monopólio de actividades económicas, "mais do que investir em meios de produção" (Mattoso, 1991: 39).

Em Tavira, Loulé e Silves reservou os reguengos e em Silves mandou dar em aforamento, metade a muçulmanos e metade a cristãos (Ventura e Oliveira, 2006, vol.2: 252). Garantiu a posse de vinhas, hortas e figueirais (exceptuando as vinhas e almuinhas em Silves) e algumas casas. Em Faro, reservou para si as casas e adegas que costumava ter no tempo em que aceitou a cidade dos sarracenos e em Silves, Loulé e Tavira reservou todas as tendas que tinham sido pertença dos reis sarracenos. Manteve os moinhos, azenhas e pisões, salinas, açougues, fornos de pão, banhos e lagares (apenas em Loulé), ficando ainda com o direito sobre as vendas de sal, vinho e a baleação (Barbosa, 1998: 159; Barros, 2007: 35; Rosa, 1974: 241).

Os forais regulamentavam ainda as parcelas de imposto que revertiam para o bispado, concelhos e adoptavam normas de conduta social. Na defesa, o monarca assumia metade da despesa com o serviço de vigilância do território.

A carta de isenção de pagar a oitava de vinho e linho para a jugada dada aos povoadores e vizinhos de Faro, Silves, Loulé, Tavira, Paderne e Aljezur em 1268 (Ventura e Oliveira, 2006, vol.1: 432-433), adviu da necessidade de criar condições mais favoráveis ao povoamento da região. O comendador da Ordem obteve o direito de montado sobre os gados que pastavam nas terras de Castro Marim em 1271 (Livro dos Copos, 2006: 174, 693).

No ano de 1269 foram estabelecidas as condições de permanência dos mouros forros de Silves, Tavira, Faro e Loulé. Estavam sujeitos a encargos sociais, como trabalhar nas vinhas do rei e encargos monetários correspondentes a um morabitino por pessoa e a entregar a décima das suas produções (Ventura e Oliveira, 2006, vol.II: 20; Barros, 2007: 44-53). Os mudéjares do sudoeste peninsular trabalhavam normalmente no campo ou nos ofícios de sapateiro, construção, carpintaria e ferraria (Tuñon e Dominguéz, 1991: 118). O rei assinou ainda um acordo que regulava a fixação dos mouros forros nas terras da Ordem, pretendendo travar a saída de mouros forros das terras realengas (Ventura e Oliveira, 2006, vol.2: 302).

Aljezur (1280), Cacela (1283) e Porches (1286) obtiveram foral no reinado de Dom Dinis. Estes forais são semelhantes entre si e apresentam algumas diferenças em relação aos forais anteriores. Mantem-se a preocupação em cobrar direitos sobre a circulação de mercadorias, como o vinho. Embora as disposições abrangessem todas as vilas, os documentos de Silves,

Castro Marim, Cacela e Porches incluíam referência directa a fornos de olaria que gozavam de isenção de impostos e os fornos de telha que pagavam a dízima.

Cacela foi perdendo parcelas do seu termo e na carta de foral, datada de 1283, tornou-se necessário definir os novos limites, agora encaixados entre os termos de Tavira e Castro Marim (Figura 221): "… *No termo da dita Vila de Cacela que eu, supradito senhor Rei, dou e concedo a vós populações de Cacela, mas que também divido com o termo de Tavira pela torre que foi de João Correia: daí e contra de maneira que o mesmo divida o termo de Tavira com o termo de Cacela; daí de maneira que se contorne o caminho que vai de Tavira para Castro Marim e vai directo à Ribeira do Álamo, e vai pela mesma Ribeira do Álamo assim entrando no mar por baixo do caminho e deve ficar por termo de Cacela, donde deve contornar pelo mesmo caminho directo da Zambujeira que fica abaixo e deve ir directo a Alcaria Ruiva e, de Alcaria Ruiva deve ir directamente à Mouraria; e por que está mais próximo de Tavira e da mesma Mouraria deve subir à Serra, e deve na mesma Serra dividir com Castro Marim, ficando para os de Castro Marim duas partes e a terça parte deve ficar para os de Cacela"* (Cavaco, 1983: 60).

O novo termo de Cacela passou a coincidir com Castro Marim na ribeira do Álamo, onde existiu em tempos a Torre Velha (Garcia, 2008: 155).

Na definição dos limites com o termo de Tavira, a carta de foral de Cacela utilizou topónimos que não foi possível aferir na cartografia moderna e antiga: Zambujeira, Alcaria Ruiva e Mouraria. De acordo com o texto o lugar da Zambujeira localizava-se junto do litoral, quanto a nós a oeste da ribeira do Lacém[71]. Da Zambujeira traçava-se uma linha recta até Alcaria Ruiva, que poderia ser a actual aldeia de Santa Rita, localizada a norte da ribeira. Este lugar teve ocupação humana pré-histórica e romana e nas suas imediações, na Quinta da Torre encontram-se cerâmicas medievais nas camadas superficiais de terra (Garcia, 2008: 102, 131, 136, 141; Oliveira et al, 2013). Esta aldeia de tradição oleira encontra-se implantada sobre solos vermelhos areníticos, que poderão estar na origem da designação original, como Alcaria Ruiva.

Continuando a seguir o texto do foral, da "Alcaria Ruiva deve ir directamente à Mouraria, porque está mais próximo de Tavira". Traçando um paralelo na direcção de Tavira, esta linha acompanha um caminho antigo[72], até um conjunto de lugares situados a este da ribeira do

[71] Antigo ribeiro de Afonso Martins. A oeste desta linha de água, a terra era de olival e existiu um Lagar (Garcia, 2008: 100).

[72] Este caminho encontra-se marcado na Carta Topographica de Cacela, 1775, desenhada por José de Sande Vasconcelos. Fonte Instituto Geográfico Cadastral.

Almargem: Valongo, Quinta da Cumeada e Benamor. Estes sítios com vestígios vários de época medieval[73], podem corresponder à localização da Mouraria, situada no limite oeste do termo. Referência geográfica do termo, a Mouraria acomodava a comunidade muçulmana que pagava o quinto real, conforme consta do foral de Cacela. A dispersão geográfica de vestígios arqueológicos permite inferir que seria uma povoação numerosa, que provavelmente exercia diversos ofícios.

As herdades do termo de Cacela, encaixadas entre a serra e o litoral, seriam poucas mas produtivas: Manta Rota, Torre de Frades/Arrife, Quinta da Torre, Quinta da Fidalga, Serro da Mina e Medeiros seriam exploradas desde a época romana e os vestígios arqueológicos apontam para a continuidade das suas actividades agrícolas no período islâmico (Garcia, 2008: 53, 102, 106, 110-111, 121, 146, 154). O parcelário destas propriedades perdurou e ficou registado na Carta Topográfica do Termo de Cacela de 1775, da autoria de Sande de Vasconcelos. A memória dos topónimos subsiste nas cartas militares executadas pelos Serviços Cartográficos do Exército desde os anos de 1950.

No reinado de Dom Dinis, houve esforço de investimento no desenvolvimento e povoamento do sotavento algarvio. Após a conquista de faro em 1249, foi o único soberano a visitar o Algarve por duas vezes (Iria, 1982: 16). Para lá da carta de foral de Cacela, foram realizadas importantes obras nos castelos de Tavira[74] e Castro Marim[75]. Fez vários arrendamentos de propriedades. A actividade marítima da região justificava a presença de um alcaide de mar em Tavira em 1286 (Marques, 1944: 159). Na viragem da centúria, o porto de Lagos granjeava um papel nas actividades marítimas do Barlavento algarvio. Silves perdia população e importância regional, não sem dar provas de resistência ao tentar recuperar a sua autoridade (Iria, 1982: 17, 29-32, 80).

Niebla, concelho realengo de Afonso X, após a sua morte em 1285 passou a servir de moeda de troca para premiar os nobres pelos serviços prestados à coroa. O desmembramento do

[73] Nestes locais existe elevada densidade de fragmentos cerâmicos medievais no solo. Uma colecção particular de Tavira integra um conjunto de 41 moedas islâmicas e portuguesas (de Sancho II a João I) achadas na Quinta da Cumeada. Desta mesma colecção existem 25 moedas islâmicas e portuguesas (Sancho II a Afonso IV) achadas no Benamor. Junto da Ria, o sítio da Canada congrega 17 moedas islâmicas e portuguesas (Sancho II e Afonso III). Estes achados parecem confirmar a continuidade de povoamento na margem esquerda da ribeira do Almargem. Agradecemos a Luis Fraga da Silva ter disponibilizado a presente informação, aguardando a publicação do estudo desta importante colecção monetária.

[74] Inscrição comemorativa datada de 1293 de obras régias realizadas no Castelo de Tavira (Barroca, 2000: 1092-1094).

[75] Inscrição comemorativa de 1279 da obra de construção do Castelo de Castro Marim. Teria sido um dos primeiros actos do reinado de Dom Dinis (Barroca, 2000: 1006).

território causou a perda de influência do poder concelhio. Deste modo, a campina oriental e importantes nucleos de povoamento costeiro como Palos, Moguer, Huelva e Gibraleón passaram para a posse de particulares. Passou a ser frequente a existência de terras abandonadas e a referência à pobreza extrema da população (Campos, Goméz e Pérez, 2006: 371).

No sotavento algarvio verificava-se uma situação heterogénea. A cidade régia de Tavira era o elemento agregador do território e a vila régia de Castro Marim cumpria a função controladora da fronteira. As vilas de Cacela e Alcoutim pertenciam à Ordem de Santiago. O espaço rural compunha-se de herdades realengas, da Ordem ou de proprietários locais, composto por figueirais, vinhas, hortas e salinas herdadas do tempo dos mouros. Uma rede de caminhos terrestres rurais e vias fluvio-marítimas servia a região, onde pontuavam moinhos, poços de água fresca, fangas, vendas e embarcadouros. Nas margens das ribeiras havia caça (Herculano, 1860-1861: 417) e o gado circulava entre as zonas baixas de sapal e as terras de pasto. Entre o estuário do Guadiana e os canais das Rias algarvia e andaluza navegavam barcas e baixeis num movimento constante de pessoas, mercadorias e vidas.

CAPÍTULO 8:
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pequena aldeia de Cacela-a-Velha evidencia ocupação de época romana e da Antiguidade Tardia. O achado de tanques de salga de pescado e de um forno cerâmico com ocupação provável nos séculos III e IV d.C., prenunciam uma zona fabril situada a oeste do núcleo habitacional. Na aldeia têm sido encontradas bases e fustes de colunas marmóreas, um sem-número das pequenas *tesselae,* fragmentos de louça de mesa de *terra sigillata*, *tegulae* e *imbricae*, indiciando a existência de um conjunto arquitectónico de tipo senhorial. O aparecimento em contexto arqueológico de muro com pintura de côr vermelha associado ao resto de uma canalização e fragmentos de cerâmica de cronologia tardo-antiga, prolongam a ocupação humana nesta fase.

O povoamento da orla costeira algarvia entre o fim do mundo romano e a islamização e arabização do território mantem-se como uma imagem intermitente. O testemunho mais antigo é a pequena placa calcária decorada com folhas de acanto, de influência artística do estilo clássico coríntio, datado da segunda metade do século IX, é o testemunho islâmico mais antigo de Cacela. Os estudos de Helena Catarino na zona serrana revelaram que a islamização do Baixo Guadiana teria ocorrido durante o século IX.

É este o universo de Cacela. Um castelo islâmico com um território associado, cujos limites foram registados nos documentos coevos da conquista: desde o rio Guadiana até ao rio Vascão, depois de Alcoutim, contornando pela serra para oeste até encontrar a ribeira de Benamor (actual Almargem) até ao mar.

O castelo de Cacela existia na época califal. Esta informação indirecta advem da fama e competência do poeta cortesão *Abú Amer Ahmede*, natural de Cacela, descendente da família de governadores locais de linhagem árabe, os *Darrague Alcacetali*. O candil metálico profusamente decorado e a pia de abluções em mármore, embora encontradas avulso, reforçam a integração de Cacela no reino de Córdova.

A missão de *Qastalla* só pode ser entendida pelas características geomorfológicas do meio. Situava-se a pouca distância do extremo oeste do delta do rio Guadiana e na entrada oriental da Ria de Faro, conhecida actualmente por Ria Formosa. Ponto de confluência de um

ecossistema marinho que se estendia cerca de 60 quilómetros paralelo à linha de costa até Faro e de um ecossistema marinho-fluvial, que dava acesso ao interior agrícola e metalífero do Alto Guadiana.

O Castelo controlava o acesso das embarcações ao rio interior que ligava à cidade mercantil de Faro e funcionava como porto de hospedagem das embarcações que aguardavam por condições favoráveis para navegar no Guadiana. Atingir o porto de Mértola no Alto Guadiana exigia perícia. Os mareantes preferiam aguardar pela subida da maré, que influenciava o caudal do rio e as embarcações subiam o rio com a corrente evitando os baixios. Navegar à bolina enfrentando os ventos norte era igualmente tarefa quase impossível, devendo a navegação aguardar por ventos de sudeste ou sudoeste para enfrentar o rio. A descida do rio era mais tranquila, podendo-se apreciar a paisagem.

Os almóadas perceberam bem a competência desta faixa costeira, inserindo-a de imediato na organização estratégica do império. Por ser assim, nos primeiros anos de consolidação política do Al-Andalus, o castelo de Cacela foi ocupado e convertido na base de apoio terrestre e naval das forças almóadas no extremo ocidente. Dali se pôs cerco a Tavira, sede da pirataria que causava fortes danos às actividades marítimas desenvolvidas entre a costa algarvia e a costa marroquina. As transformações em Cacela ocorreram no âmbito da política almóada de fortificação territorial, concentração da população rural junto de núcleos fortificados como Loulé, Salir ou Paderne e reforço das povoações costeiras como Silves, Faro, Tavira, Huelva/Saltés e Niebla.

Seguidamente, castelo e porto foram adaptados a funções consentâneas com os objectivos estratégicos que se pretendiam atingir. O lugar atraíu pessoas. A expansão do povoado foi orientada para o espaço extra-muros, junto do porto na foz da ribeira e ali construído o bairro do Poço Antigo. O planeamento urbano da povoação estava patente na existência de arruamentos com sistemas de escoamento pluvial, contra a erosão das vias e das fundações das construções. Nos três edifícios postos a descoberto, dois seriam espaços de habitação e um armazém, podendo indiciar o carácter misto do bairro portuário, com actividades de apoio aos homens do mar e embarcações. No castelo, os silos constituíam sinais de riqueza dos senhores locais ou sinais dos tempos beligerantes que se avizinhavam.

O castelo de Cacela possuía duas portas, a entrada principal a norte e a "porta do mar" que dava acesso ao bairro portuário. O interior da alcáçova organizava-se em três patamares: no

nível inferior situava-se a zona de alojamento militar, o nível intermédio era o espaço religioso e senhorial e na zona mais elevada situava-se o alcácer.

As construções da zona senhorial e do bairro do Poço Antigo observavam diferenças construtivas: os muros de blocos calcários de formas pouco homogéneas mais ou menos alinhados em fiadas horizontais e agregados com barro, diferiam da construção cuidada do patamar superior, feita de fiadas de pedras aparelhadas e consolidadas com argamassa. Aqui, os compartimentos eram mais espaçosos e pavimentados com espessa camada de argamassa. As paredes revestidas por sucessivas camadas de argamassa de cal e, por vezes, pintadas, denotavam a manutenção periódica dos edifícios. Contrastavam com o chão irregular de terra batida e aplicação de finas camadas de cal directamente sobre as paredes das casas do Poço Antigo. A taipa que completava as paredes de alvenaria tinha a côr amarelada do substrato miocénico.

Em Cacela, as escavações arqueológicas revelaram três níveis estratigráficos com materiais de cronologia almóada: o enchimento dos silos e algumas camadas de abandono na plataforma superior; o nível de abandono das casas do bairro do Poço Antigo e o nível arenoso, possivelmente originário da decomposição da arriba miocénica, cobrindo as ruínas das casas do Poço Antigo. Que poderão corresponder a diferentes momentos da época almóada, incluindo testemunhos de actividades dos elementos que permaneceram no território, os oleiros por exemplo, quando estavam já em curso importantes mudanças de governo.

Colocamos as seguintes hipóteses de ordenamento temporal das camadas estudadas: a) o bairro do Poço Antigo foi o primeiro espaço a ser abandonado pelos habitantes islâmicos antes da conquista do Castelo; b) o nível arenoso corresponde a abatimento parcial da plataforma superior que ocorreu antes da chegada da milícia santiaguista e dos povoadores cristãos; c) os silos foram entulhados após a conquista do Castelo.

As cerâmicas que preenchiam quase exclusivamente estes níveis revelaram diferenças imperceptíveis entre si. No conjunto, Cacela almóada possuía a louça que caracterizava aquele período histórico, revelando um ambiente mundano para a época em estudo. As pastas claras decoradas com estampilhados verdes requintados, como as talhas, candeias de pé, tigelas e tigelinhas, tampas e vasos foram importadas. Assim como as jarrinhas de pastas claras e paredes finas pintadas de côr branca. As tigelas e tigelinhas existiam em variados tamanhos e formas, decoradas com vidrados melados e pinturas em manganés. A decoração em corda seca é rara nesta colecção. Uma jarrinha miniatura decorada com pingos de manganés trouxe à

memória o uso de essências aromáticas naturais. A presença de objectos semelhantes a exemplares encontrados, por exemplo, na região valenciana, confirma a sólida rede de comunicação existente no império almóada, encontrando-se ainda em Cacela representantes do apogeu artístico da época.

Em Cacela confirma-se a teoria de Susana Gabaldón e Pilar Lafuente sobre a existência de centros produtores de abastecimento regional. A louça cacelense tem fortes afinidades, nas pastas e nas formas, com Silves e, terá naturalmente com Faro, Loulé e Tavira. Constata-se a capacidade dos artesãos da região em produzir uma vasta panóplia de peças que integravam a louça doméstica da época. E competência para abastecer os mercados locais, com produções em larga escala, como os cântaros pintados de bordos salientes e perfil triangular ou verticais sobre colos cilíndricos, as panelas de dimensões variadas do colo convexo ao cilíndrico, caçoilas não vidradas de aplicações plásticas verticais ou com carena, variado e polivalente conjunto de alguidares de bordos espessos e salientes, tigelas decoradas, jarrinhas, jarros e, claro, os testos e as malgas.

Encontravam-se bem representadas as caçoilas de aplicações plásticas verticais e vidrados melados. Com a mesma técnica decorativa, um trípode, raro nos achados da região, era usado como utensílio de ir à mesa, para manter os alimentos quentes. Os potes melados escuros, decorados com caneluras ou com quatro asas aparentam ser modelos fabricados na zona de influência de Cacela. Predominam as pastas de cores alaranjadas e claras sobre os poucos objectos de pastas vermelhas, tão comuns nos Castelos de Salir e Mértola, onde o forno encontrado fabricava pastas vermelhas. Os defeitos de fabrico em jarrinhas de pastas alaranjadas, na jarra decorada em corda seca parcial, na candeia de pé alto com aplicação de vidrado melado escuro são exemplos que abonam em favor da produção local ou regional. Os objectos arqueológicos de cerâmica, metal ou osso revelaram contactos com outras comunidades, gostos, valores estéticos e actividades. Aproximaram Cacela dos outros, demonstraram relações de vizinhança com a Andaluzia, numa dinâmica vasta que englobou os povos do Mediterrâneo Central e da costa Atlântica.

Todavia, como notou João Carlos Garcia, o extremo do ocidente ibérico situava-se na margem das comunicações com os centros urbanos, focos de difusão cultural e de emanação de directivas. Um espaço sujeito a descontinuidades na relação com os centros de poder. Esta circunstância consentia a permanência de tradições e características próprias, conjuntamente com a assimilação de forma particular de elementos externos. Conservou a condição

geográfica e humana de um certo recolhimento e constância de práticas antigas, que se reflectiram no parcelário agrário, nas formas de produção e uso dos recursos naturais, no fabrico de objectos e numa determinada forma de olhar os outros. Tradições e objectos do quotidiano que exprimiam a especificidade desta região outrora denominada "terra dos barros".

Após a conquista, Cacela manteve a antiga herança da divisão do termo. A estreita faixa de terra arável encontrava-se distribuída por grandes propriedades ou herdades com cultivos de vinhas, cereais, figueirais e hortas. Entre elas, Manta Rota e Torre de Frades tinham sido antigas *villae*. Nestas e nas quintas de Benamor, João Correia, Quinta da Torre e Medeiros, existiram torres residenciais, quiçá construções do período visigótico e continuaram a ser utilizadas na época islâmica. A serra foi conservada como reserva real de madeira e caça. Onde coelheiros montavam armadilhas e camponeses recolhiam lenha para uso doméstico. Sobravam os morraçais do delta, inundáveis durante a preia-mar, que eram utilizados como pastos salgados do gado ovídeo e caprino.

Os habitantes mouros que permaneceram após a conquista habitavam a Mouraria no termo de Cacela, continuaram a exercer os seus ofícios e a trabalhar a terra. A eles juntaram-se os novos povoadores, que arrendavam terras ou trabalhavam nas propriedades privadas.

Os pescadores permaneceram nos areais entre Cacela e a Isla Canela, lugares de coloridos falares, o andaluz e a algarviada. As pequenas embarcações desempenhavam as tarefas possíveis, entre pescaria com artes da xávega na costa ou com a redinha nos rios e transporte de mercadorias mais ou menos lícitas, num vai e vem de relações transfronteiriças fomentadas entre os vizinhos de ambos os lados do rio.

O castelo de Cacela entrou em perda na segunda metade do século XIII. Estava ausente da disputa territorial que opôs os dois reinos ibéricos e do conjunto de castelos algarvios que Afonso X entregou ao rei português em 1267. Provavelmente o assoreamento gradual do delta e movimentação do cordão dunar já estaria em curso, dificultando a acessibilidade do porto de Cacela ao mar. Castro Marim, situado num cabeço, que ía ficando a descoberto com o abaixamento das águas, tinha a vantagem da proximidade do rio Guadiana e Tavira em breve tornava-se o porto do sotavento algarvio.

O traçado do castelo manteve-se até ao século XVI. O dinamismo empreendedor dos Descobrimentos impulsionou a reforma das fortificações da costa algarvia, abrangendo o

arruinado castelo de Cacela. Despovoado, a muralha tinha deixado há muito de constituir o elemento agregador do núcleo. As obras dividiram o espaço em três arquitecturas independentes entre si: a igreja matriz e construções anexas, a fortaleza de vigilância costeira e as casas concelhias. A antiga ermida de Nossa Senhora dos Mártires permanecia como polo de devoção da região levantina.

O carácter raiano deste território pesava nos seus habitantes. Os funcionários reais e o comendador da Ordem residiam em Tavira, deslocando-se apenas a Cacela para cumprir o protocolo. Os proprietários encontravam-se ausentes. Até ao grande terramoto, a região viveu em crescente isolamento por via da falta de empenho dos senhorios. As pessoas sepultadas em Cacela constituem prova de vidas feitas de intenso esforço físico, em que estiveram ausentes factores de desenvolvimento social, como a protecção das mulheres durante a gravidez ou a organização e aplicação do engenho humano na inovação de artes e técnicas de exploração dos recursos, atenuando o dispêndio de energia e potenciando o rendimento das fainas do campo e do mar.

De tudo o que se fez, ficou ainda mais por fazer. Existem, por exemplo, dados da fauna e malacologia e amostras de solos que, analisados no universo dos sítios arqueológicos algarvios, poderão dar interessante informação sobre a reconstituição paleo-ambiental dos lugares e dieta alimentar das populações medievais. Bem como seria interessante promover a análise alargada das colecções cerâmicas com o objectivo de diferenciar as produções do período almóada das produções dos autóctones islâmicos sob domínio dos reis ibéricos e identificar os centros produtores regionais.

Em forma de conclusão, "a verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido" (Walter Benjamim). E a vida também.

Capítulo 8:

CONSIDERACIONES FINALES

En la pequeña aldea de Cacela-a-Velha existen evidencias de ocupación de época romana y de la Antigüedad Tardía. La localización de piletas de salsa de pescado y de un horno de cerámica de los siglos III y IV d.C., denotan la existencia de una zona fabril situada al oeste del núcleo habitacional. En la aldea se han encontrado basas y fustes de columnas de mármol, un sin número de pequeñas *tesselae,* fragmentos de losa de mesa de *terra sigillata*, *tegulae* e *imbricae*, que indican la existencia de un conjunto arquitectónico de tipo señorial. La aparición en contexto arqueológico de un muro con pintura de color rojo, asociado al resto de una canalización y fragmentos de cerámica de cronología tardo-antigua, prolongan la ocupación humana en esta fase.

El poblamiento de la orla costera algarvia entre finales del mundo romano y la islamización y arabización del territorio se mantienen como una imagen intermitente. El testimonio más antiguo es una pequeña placa calcárea decorada con hojas de acanto, de influencia clásica corintia, datada en la segunda mitad del siglo IX, marca el material islámico más antiguo de Cacela. Los estudios de Helena Catarino en la zona serrana revelaron que la islamización del Bajo Guadiana habría ocurrido durante ese siglo IX.

Este es el universo de Cacela. Un castillo islámico con un territorio asociado, cuyos límites fueron registrados en documentos coetáneos con la conquista: desde el río Guadiana hasta el río Vascão, después de Alcoutim, contornando por la sierra para el oeste hasta encontrar la ribera de Benamor (actual Almargem) hasta el mar.

El castillo de Cacela existía ya en el período califal. Esta información indirecta, llena de fama y de competencia, procede del poeta cortesano *Abú Amer Ahmede*, natural de Cacela, descendiente de la familia de gobernadores locales de linaje árabe, los *Darragᵘe Alcacetali*. Un candil metálico profusamente decorado y una pila de abluciones en mármol, aunque encontrados sin contexto, refuerzan la integración de Cacela en el reino de Córdoba.

La misión de *Qastalla* solo puede ser entendida por las características geomorfológicas del medio. Se situaba a poca distancia del extremo oeste del delta del río Guadiana y en la entrada

oriental de la Ría de Faro, conocida actualmente como Ría Formosa. Punto de confluencia de un ecosistema marino que se extendía cerca de 60 kilómetros paralelo a la línea de costa hasta Faro y de un ecosistema marino-fluvial, que daba acceso al interior agrícola y metalífero del Alto Guadiana. El castillo controlaba el acceso de las embarcaciones al río interior que conectaba a la ciudad mercantil de Faro y funcionaba como punto de refugio de las embarcaciones que esperaban condiciones favorables para poder navegar por el río Guadiana. Llegar hasta el puerto de Mértola en el Alto Guadiana exigía pericia. Los mareantes preferían aguardar la subida de la marea, que influía en el caudal del río y en las embarcaciones que subían el río con la corriente evitando los bajíos. Navegar a bolina enfrentando los vientos norte era igualmente tarea casi imposible, debiendo la navegación aguardar vientos del sudeste o sudoeste para enfrentar el río. El descenso del río era más tranquilo, pudiendo apreciarse el paisaje.

Los almohades percibieron bien la competencia de esta franja costera, y diseñaron de inmediato la organización estratégica del imperio. De esa forma, durante los primeros años de consolidación política de Al-Andalus, el castillo de Cacela fue ocupado y convertido en la base de apoyo terrestre y naval de las fuerzas almohades en el extremo occidente. Desde aquí se bloqueaba a Tavira, sede de la piratería que causaba fuertes daños a las actividades marítimas desarrolladas entre la costa algarvia y la costa de marroquí. Las transformaciones en Cacela se dieron en el ámbito de la política almohade de fortificación territorial, concentración de la población rural en núcleos fortificados como Loulé, Salir o Paderne, y refuerzo de las poblaciones costeras como Silves, Faro, Tavira, Huelva/Saltés y Niebla.

Seguidamente, el castillo y puerto fueron adaptados a funciones relacionadas con los objetivos estratégicos que se pretendían conseguir. El sitio atrajo a personas. La expansión del poblamiento fue orientada al espacio extra-muros, junto al puerto en la desembocadura de la ribera y allí fue construido el barrio de Poço Antigo. El planeamiento urbano de la población era patente en la existencia de callejero con sistemas de conducción de aguas pluviales, contra la erosión de las vías y de la cimentación de las construcciones. En los tres edificios puestos a descubierto, dos serían espacios de habitación y un almacén, pudiendo así indiciar el carácter mixto del barrio portuario, con actividades de apoyo a los hombres de mar y a las embarcaciones. En el castillo, los silos constituían signos de riqueza de los señores locales o de los tiempos beligerantes que se avecinaban.

El castillo de Cacela tenía dos puertas; en la entrada principal al norte estaba la "puerta del mar" que daba acceso al barrio portuario. El interior de la alcazaba se organizaba en tres terrazas: en el nivel inferior se situaba la zona de alojamiento militar, el nivel intermedio era el espacio religioso y señorial, y en la zona más elevada se situaba el alcázar.

Las construcciones de la zona señorial y del barrio de Poço Antigo presentaban diferencias constructivas: los muros de bloques calcáreos de formas poco homogéneas más o menos alineados en filas horizontales ligados con barro, se diferenciaban de la construcción cuidada de la terraza superior, hecha ésta con filas de piedras aparejadas y consolidadas con argamasa. Aquí, los compartimientos eran más espaciosos y estaban pavimentados con una espesa capa de argamasa. Las paredes revestidas por sucesivas capas de argamasa de cal y, algunas veces, pintadas, denotaban el mantenimiento periódico de los edificios. Contrastaban con las formas irregulares de tierra batida y la aplicación de finas capas de cal directamente sobre las paredes de las casas de Poço Antigo. La tapia que completaba las paredes de albañilería tenía el color amarillento del substrato mioceno.

En Cacela, las excavaciones arqueológicas revelaron tres niveles estratigráficos con materiales de cronología almohade: el cremiento de los silos y algunas capas de abandono en la plataforma superior; el nivel de abandono de las casas del barrio de Poço Antigo y el nivel arenoso, posiblemente originario de la descomposición superior miocena, que cubre las ruinas de las casas de Poço Antigo. ¿Qué podría corresponder a diferentes momentos de época almohade, incluyendo testimonios de actividades de los elementos que permanecerán en el territorio?, los hornos cerámicos, por ejemplo, cuándo estaban ya en curso de cambios importantes de gobierno.

Planteamos las siguientes hipótesis para la ordenación temporal de los estratos estudiados: a) el barrio de Poço Antigo fue el primer espacio abandonado por los habitantes islámicos antes de la conquista del Castillo; b) el nivel arenoso corresponde al arrasamiento parcial de la plataforma superior que ocurrió antes de la llegada de la milicia santiaguista y de los pobladores cristianos; c) los silos fueron colmatados después de la conquista del Castillo.

Las cerámicas que rellenaban casi exclusivamente estos niveles revelaron diferencias imperceptibles entre sí. En el conjunto, Cacela almohade poseía la loza que caracterizaba ese período histórico, que revela un ambiente mundano para la época en estudio. Las pastas claras decoradas con estampillados verdes, como las tazas, tinajas, candiles con pie, ataifores, las tapaderas y los vasos fueron importados. Así como las jarritas de pastas claras y paredes finas

pintadas de color blanco. Las ataifores aparecen en variados tamaños y formas, decoradas con vidriados melados y pinturas en manganeso. La decoración con cuerda seca es rara en esta colección. Una jarrita miniatura decorada con puntos de manganeso trae a la memoria el uso de esencias aromáticas naturales.

La presencia de objetos semejantes a ejemplares encontrados, por ejemplo, en la región valenciana, confirman la sólida red de comunicación existente en el imperio almohade, que encuentran también en Cacela representantes del apogeo artístico de la época.

En Cacela se confirma la teoría de Susana Gabaldón y Pilar Lafuente acerca de la existencia de centros productores para el abastecimiento regional. La loza de Cacela presenta fuertes afinidades, en las pastas y en las formas, con Silves y las tendrá naturalmente con Faro, Loulé y Tavira. Se constata la capacidad de los artesanos de la región en producir una vasta panoplia de piezas que integraban la loza doméstica de la época. Es la competencia para abastecer a los mercados locales, con producciones a larga escala, como los cántaros pintados de bordes salientes y perfil triangular o verticales sobre cuellos cilíndricos, las fuentes de dimensiones variadas de cuello convexo a cilíndrico, cazuelas sin vidriar con aplicaciones plásticas verticales o con carena, variado y polivalente conjunto de alcadafes de bordes espesos y salientes, ataifores decoradas, jarritas, jarros y, también, las tapaderas (testos) y las "malgas".

Se encontraban bien representadas las cazuelas con aplicaciones plásticas verticales y vidriados melados. Con la misma técnica decorativa, un trípode, raro en los hallazgos de la región, era usado como utensilio de mesa, para mantener los alimentos calientes. Las orzas meladas oscuras, decoradas con acanaladuras o con cuatro asas parecen ser modelos fabricados en la zona de influencia de Cacela. Predominan las pastas de color anaranjado y claras sobre los pocos objetos de pastas rojas, tan comunes en los Castillos de Salir y Mértola, donde en el horno encontrado se fabricaban con pasta roja. Los defectos de fabricación en jarritas de pastas anaranjadas, en la jarra decorada en cuerda seca parcial, en el candil de pie alto con aplicación de vidriado melado oscuro, son ejemplos que abonan en favor de la producción local o regional.

Los objetos arqueológicos de cerámica, metal o de hueso revelan contactos con otras comunidades, gustos, valores estéticos y actividades. Acercan Cacela a los otros y demuestran relaciones de vecindad con Andalucía, una dinámica amplia que englobaría a los pueblos del Mediterráneo Central y de la costa Atlántica.

Todavía, como denotó João Carlos Garcia, el extremo del occidente ibérico se situaba en el margen de las comunicaciones entre los centros urbanos, focos de difusión cultural y de emanación de directrices. Un espacio sujeto a discontinuidades en relación con los centros de poder. Esta circunstancia permitía la permanencia de tradiciones y características propias, conjuntamente con la asimilación de forma particular de elementos externos. Conservó la condición geográfica y humana de un cierto recogimiento y la constancia en el uso de prácticas antiguas, que se reflejarán en el parcelario agrario, en las formas de producción y en el uso de los recursos naturales, en la fabrición de objetos y en una determinada forma de ver a los otros. Tradiciones y objetos de lo cotidiano que exprimían la especificidad de esta región otrora denominada "tierra de barros".

Después de la conquista, Cacela mantiene la antigua herencia de la división de su término. La estrecha franja de tierra arable se encontraba distribuida en grandes propiedades o heredades con cultivos de viñas, cereales, higuerales y huertas. Entre ellas, Manta Rota y Torre de Frades habían sido antiguas *villae*. En éstas y en las quintas de Benamor, João Correia y Quinta da Torre, existieron torres residenciales, quizá construcciones del período visigótico, y continuaron siendo utilizadas en época islámica. La sierra se conservó como reserva real de madera y caza. Donde los cazadores montaban trampas y los campesinos recogían leña para uso doméstico. Sobraban los espacios marismeños en el delta, inundables durante la pleamar, que eran utilizados como zonas de pastos salados para el ganado ovino y caprino.

Los habitantes musulmanos que permanecieron después de la conquista y que habitaban en la Morería del término de Cacela, continuaron a ejercer sus oficios y a trabajar la tierra. A ellos se unen los nuevos pobladores, que arrendaban tierras o trabajaban en las propiedades privadas.

Los pescadores permanecerán en los arenales situados entre Cacela y la Isla de Canela, lugares de coloridas formas de hablar, la andaluza y la algarvía. Las pequeñas embarcaciones desempeñaban las tareas posibles, entre pesca con artes a la jábega en la costa o con la red en los ríos, y el transporte de mercancías más o menos lícitas, en un va y ven de relaciones transfronterizas fomentadas entre los vecinos de ambos lados del río.

El castillo de Cacela cayó en pérdida en la segunda mitad del siglo XIII. Estaba ausente de la disputa territorial que oponía a los dos reinos ibéricos y del conjunto de los castillos algarvios que Alfonso X entregó al rey portugués en 1267. Probablemente el aterramiento gradual del delta y el movimiento del cordón dunar ya estaría en curso, dificultando así la accesibilidad desde el puerto de Cacela al mar. Castro Marim, situado en un cabezo, que iba quedando al

descubierto con la bajada de las aguas, tenía la ventaja de la proximidad del río Guadiana, y Tavira en breve se tornaba en el puerto del sotavento algarvio.

El trazado del castillo se mantiene hasta el siglo XVI. El dinamismo emprendedor de los Descubrimientos impulsó la reforma de las fortificaciones de la costa algarvía, remozando al arruinado castillo de Cacela. Despoblado, la muralla había dejado hacía mucho de constituir el elemento de agregación del núcleo. Las obras dividirán el espacio en tres arquitecturas independientes entre sí: la iglesia matriz y construcciones anexas, la fortaleza de vigilancia costera y las casas concejiles. La antigua ermita de Nuestra Señora de los Mártires permanecía como polo de devoción de la región levantina.

El carácter fronterizo de este territorio pesaba sobre sus habitantes. Los funcionarios reales y el Comendador de la Orden residían en Tavira, y apenas se desplazaban a Cacela para cumplir con el protocolo. Los propietarios se encontraban ausentes. Hasta el gran terremoto, la región vivió en creciente aislamiento por la falta de empeño de los señoríos. Las personas sepultadas en Cacela constituyen una prueba de vidas hechas de intenso esfuerzo físico, donde estuvieron ausentes factores de desarrollo social, como la protección de las mujeres durante la gravidez o la organización del ingenio humano en la innovación de las artes y las técnicas de explotación de los recursos, para atenuar el gasto de energía y potenciar el rendimiento de las faenas en el campo y en el mar.

De todo lo que se hizo, quedó todavía más por hacer. Existen, por ejemplo, datos de la fauna y la malacología y muestras de suelos que, analizados en el conjunto de los sitios arqueológicos algarvios, podrían dar interesante información sobre la reconstrucción paleo-ambiental de los lugares y de la dieta alimentaria de las poblaciones medievales. Así como también sería interesante promover el análisis general de las colecciones cerámicas con el objetivo de diferenciar las producciones del período almohade de las de los autóctonos islámicos sobre el dominio de los reyes ibéricos e identificar los centros productores regionales.

Como conclusión, "la verdadera imagen del pasado pasa velozmente. El pasado solo se deja fijar, como imagen que relampaguea irreversiblemente, en el momento en que es reconocido" (Walter Benjamim). Y la vida también.

BIBLIOGRAFIA

Dicionários

Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa (ed. MACHADO, José Pedro), 2003 (3 volumes). Lisboa, Livros Horizonte.

Fontes históricas

AL-IDRISI, 1989, *Los caminos de al-Andalus en el siglo XII según Uns al-Muhay wa-Rawd al-Furay* (trad. J. A. MIZAL). Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

BANQUERI, J. A. (trad.), 1802, *Libro de Agricultura de Ibn al-Awam, Sevillano*, dois tomos. Madrid, Imprenta Real.

Una Crónica Anónima de 'Abd al-Rahman III al-Nasir (ed. e trad. E. LÉVI-PROVENÇAL e E. GARCIA GÓMEZ), 1950. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Crónica Geral de Espanha de 1344 (ed. L. F. L. CINTRA), 2009 (4 volumes). Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (2ª edição).

DOZY, R., 1932, *Histoire des musulmans d'Espagne jusqu'à la conquête de l'Andalousie par les almoravides (711-1110)*. Nova edição de Lévi-Provençal, 3 volumes. Leyde, E. J. Brill.

DOZY, R. e GOEJE, M. J., 1866, *Description de l'Afrique et de l'Espagne par Edrisi*. Leiden.

GONZÁLEZ JIMÉNEZ, M. (ed.), 1991, *Diplomatario Andaluz de Alfonso X*. Sevilla, El Monte, Caja de Huelva y Sevilla.

GURÁIEB, J. E. (trad.), 1950, Al-Muqtabis de Ibn Hayyan. *Cuadernos de Historia de España*, vol. XIII, p.157-176. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires.

GURÁIEB, J. E. (trad.), 1952, Al-Muqtabis de Ibn Hayyan. *Cuadernos de Historia de España*, vol. XVII, p.155-166. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires.

GURÁIEB, J. E. (trad.), 1954, Al-Muqtabis de Ibn Hayyan. *Cuadernos de Historia de España*, vol. XXI-XXII, p.329-344. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires.

GURÁIEB, J. E. (trad.), 1955, Al-Muqtabis de Ibn Hayyan. *Cuadernos de Historia de España*, vol. XXIII-XXIV, p.334-347. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires.

GURÁIEB, J. E. (trad.), 1957, Al-Muqtabis de Ibn Hayyan. *Cuadernos de Historia de España*, vol. XXV-XXVI, p.334-342. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires.

GURÁIEB, J. E. (trad.), 1958, Al-Muqtabis de Ibn Hayyan. *Cuadernos de Historia de España*, vol. XXVII, p.166-342. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires.

GURÁIEB, J. E. (trad.), 1959, Al-Muqtabis de Ibn Hayyan. *Cuadernos de Historia de España*, vol. XXIX-XXX, p.338-354. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires.

HADJ-SADOK, M., 1949, *Description du Maghreb et de l'Europe au IIIe = IX siècle*. Alger, Editions Carbonel.

HERCULANO, A., 1860-1861, *Portugalliae Monumenta Historica : a saeculo octavo post christum usque ad quintumdecimum. Scriptores*. Lisboa, Academia Scientiarum.

LÉVI-PROVENÇAL, E., 1938, *La Péninsule Ibérique au moyen-age d'aprés le Kitāb al-Rawd al-Mi'tār fi Habar al-Aktār d'ibn 'Abd al-Mun'im al-Himyarī*. Leiden, Publications de la Fondation de Goeje, nºXII.

LÉVI-PROVENÇAL, E., 1953, La Description de l'Espagne d'Ahmad al-Rāzi. *Al-Andalus*, vol. XVIII, p.51-108. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

LÉVI-PROVENÇAL, E. e GARCÍA GÓMEZ, E. (trad.), 1988, *El siglo XI en 1ª persona. Las "memorias" de 'Abd Allah, ultimo rey ziri de Granada, destronado por los almorávides (1090)*. Madrid, Alianza Editorial.

Livro dos Copos, 2006, Militarium Ordinum Analecta (dir. A. da FONSECA), nº 7. Porto, Fundação Engº António de Almeida.

LOPES, J. B. da S. (ed.), 1999,*A cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo*. Ed. fac-simile de 1844. Lisboa, Távola Redonda.

MACHADO, J. P. (trad.), 1978, Crónica da conquista do Algarve (texto de 1792). *Anais do Município de Faro*, volume VIII, p.239-274. Faro, Câmara Municipal de Faro.

PIMENTA, A. (selecção, prefácio e notas), 1948, *Fontes medievais da História de Portugal. Volume I. Anais e crónicas*. Lisboa, Livraria Sá da Costa.

ROSA, J. A. P., 1974, Pharonensia monumenta historica I. *Anais do Município de Faro*, vol IV, p.238-243. Câmara Municipal de Faro.

VALENCIA, R., 1993, *La Huelva arabe. Antologia de textos*. Diputacion Provincial de Huelva.

VIDAL, E. (trad.), 1982, *Abū 'Ubayd al-Bakrī, Geografia de Espana (kitāb al-Masālik wa-l-Mamālik)*. Zaragoza.

VIGUERA, M. J. e CORRIENTE, F. (trad.), 1981, Ibn HAYYAN de Córdoba, *Cronica del califa 'Abdarrāhman III an-Nāsir entre los años 912 y 942 (al-Muqtabis V)*. Zaragoza, Instituto Hispano-Arabe de Cultura.

ABELLÁN PÉREZ, J., 1986, El despoblado de Beca. *Estudios de Historia y Arqueologia Medievales*, V-VI. Universidad de Cádiz.

ACIEN ALMANSA, Manuel, 1984, La formación y destrucción de al-Andalus. *Historia de los pueblos de España. Tierras fronterizas (I). Andalucía y Canarias* (dir. BARCELÓ, M.), p.21-55. Barcelona, Editorial Argos Vergara.

ACIEN ALMANSA, M., 2002, La ciudad islámica en Andalucía. *Urbanismo islámico en el sur peninsular y norte de África*, p.74-82. Murcia, Comunidad Autónoma de la Región de Murcia.

AFONSO, C., 2004, Estudo da malacofauna descoberta nas escavações arqueológicas de Cacela Velha – campanha 2001/2002. Faro, Universidade do Algarve (relatório).

ALARCÃO, J., 1988, *O domínio romano em Portugal.* Mem Martins, Publicações Europa-América.

ALBERT, A. M. e MAPLES, W. R., Stages of epiphyseal union for thoracic and lumbar vertebral centra as a method for age determination for teenage and young adult skeletons. *Journal of Forensic Sciences,* 40 (4), p.623-633.

ALDANA, P. e MARQUES, N., 2004, *Relatório preliminar das sondagens arqueológicas realizadas no âmbito do projecto Construção de moradia e muro em Cacela Velha – Vila Real de Santo António.* Palimpsesto (relatório).

ALEMPARTE, J. F., 1999, *Arribadas de normandos y cruzados a las costas de la Península Ibérica*. Madrid, Sociedad Española de Estudios Medievales.

ALMEIDA, S. e MARQUES, J. N., 2010, *Relatório preliminar de sondagens de diagnóstico na Casa Firmo, Cacela-a-Velha.* Palimpsesto (relatório).

ALMEIDA S., VALINHO, A., MARQUES, J. N., 2012, *Conjunto medieval cerâmico no contexto da linha de muralha norte de Cacela Velha*. Xº CICM2 (apresentação de poster).

ÁLVARO SÁNCHEZ, R., 2009, Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipologia cerámica del sondeo 1/AO68/UE101 del Museo de Faro. *Xelb. Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, nº 9, p.445-463. Silves, Câmara Municipal de Silves.

AMORES CARREDANO, F. (coord.), 1991, *Andalucia y el Mediterraneo*. Consejería de Cultura de la Junta de Andalucia.

ANDRADE, C., 1990, *O ambiente de barreira da Ria Formosa. Algarve, Portugal*. Lisboa, Departamento de Geologia da Universidade de Lisboa.

ARNAUD, J. M., 2007, In memoriam Teresa Júdice Gamito. *Arqueologia e História*, vol. 58-59, p.9. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

ARRUDA, A., ALMEIDA, R. e FREITAS, V., 2003, O sítio islâmico do Tejo do Praio, Quinta do Lago, Loulé: uma primeira análise e caracterização. *Xelb. Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, nº 4. p.247-264. Silves, Câmara Municipal de Silves.

ARRUDA, A. M. e DIAS, A. C., 1985, O sítio romano-árabe da Lezíria. A "terra sigillata" itálica e sudgálica. *Conímbriga*, vol.XXIV, p.111-124. Coimbra, Universidade de Coimbra.

ARRUDA, A. e OLIVEIRA, C. F., 2011, Património Cultural. *Plano de Urbanização da Herdade de Corte Velho. Relatório ambiental* (alteração). Relatório.

AZUAR RUIZ, R., 1985, *Castillo de la Torre Grossa (Jijona). Catálogo de fondos del Museo Arqueológico.I*. Alicante, Diputación Provincial de Alicante.

AZUAR RUIZ, R., 1989, *Denia Islámica. Arqueologia y poblamiento*. Instituto de Cultura Juan Gil-Albert, Diputación Provincial de Alicante.

BARATA, M. F., 1997, O *Promontorium Sacrum* e o Algarve entre os escritores da Antiguidade. *Noventa séculos entre a serra e o mar* (coord. F. BARATA), p.117-133. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico.

BARBOSA, I. M. C. L., 1998, A Ordem de Santiago em Portugal nos finais da Idade Média (normativa e prática). *Analecta Militarium Ordum*, vol. 2. Porto, Fundação Engº António de Almeida.

BARCELÓ, C. e LABARTA, A. 1994, La lápida árabe del Museo de Silves. *Al-Qanṭara. Revista de estudios árabes*, vol.XV, fasc.1, p.233-235. Madrid, C.S.I.C.

BARCELÓ, C. e LABARTA, A. 1994a, Epitáfio árabe del Museo de Faro (Portugal). *Al-Qanṭara. Revista de estudios árabes,* vol.XV, fasc.1, p.237-239. Madrid, C.S.I.C..

BARROCA, M. J., 2000, *Epigrafia Medieval Portuguesa*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério para a Ciência e Tecnologia.

BARROS, M. F. L., 2007, *Tempos e espaços de mouros. A minoria muçulmana no reino português (séculos XII a XV)*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

BASTOS, C., 1987, *Os montes do nordeste algarvio*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais de Lisboa (tese de doutoramento).

BAZZANA, A. e BEDIA GARCÍA, J. (dir.), 2005, *Excavaciones en la Isla de Saltés (Huelva) 1988 – 2001*. Junta de Andalucia, Consejería de Cultura.

BAZZANA, A., BEDIA GARCÍA, J. e MONTMESSIN, Y., 2005, Materiales arqueológicos. *Excavaciones en la Isla de Saltés (Huelva) 1988 – 2001 (dir.* BAZZANA, A. e BEDIA J.), p.213-346. Junta de Andalucia, Consejería de Cultura.

BAZZANA, A. e CRESSIER, P., 1989, *Shaltīsh / Saltés (Huelva). Une ville médiévale d'AL-Andalus*. Publications de la Casa de Velázquez, 5. Madrid, Casa de Velázquez.

BAZZANA, A. e MONTMESSIN, Y., 2005, La vajilla doméstica de época medieval. *Excavaciones en la Isla de Saltés (Huelva) 1988 – 2001 (dir.* BAZZANA, A. e BEDIA J.). Junta de Andalucia, Consejería de Cultura.

BEDIA GARCÍA, J., 2005, El mobiliario protohistórico y antiguo. Excavaciones en la Isla de Saltés (Huelva) 1988 – 2001 (dir. BAZZANA, A. e BEDIA J.), p.230-259. Junta de Andalucia, Consejería de Cultura.

BEIRANTE, M. Â., 1982, Para a História da morte em Portugal. *Estudos de História de Portugal: vol.I - séculos X-XV*, p. 357-383. Lisboa, Editorial Estampa.

BELTRÁN PINZON, J.M. e GOMÉZ TOSCANO, F., 2005, Urbanismo y arquitectura domestica almohades en el sector murallas del desembarcadero de Niebla (Huelva, España). *Arqueologia Medieval*, nº 9, p.83-97. Campo Arqueológico de Mértola

BENABAT HIERRO, Y., 1997, *El corte Santa María 7: aproximacióm a una tipologia de cerámica islámica de Niebla (Huelva)*. Trabajo de investigación de Tercer Ciclo. Universidad de Huelva

BERMÚDEZ CANO, J. M., 2004, Capiteles precalifales en el Palacio mudéjar del rey Don Pedro: tipos, talleres y reempleo. *Romula*, nº 3, p.257-284. Sevilla, Universidad Pablo Onavide.

BERNUS-TAYLOR, M. (coord.), 2000, *Las Andalucías de Damasco a Córdoba*. Éditions Hazan, Institut du Monde Arab, Junta de Andalucía e Fundación El Legado Andalusí.

BIANCHI, G., QUIRÓS, J. A., 2013, From archaeology of storage systems to agricultural archaeology. *Horrea, Barns and silos. Storage and incomes in early medieval Europe* (eds. VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A., BIANCHI, G. e QUIRÒS, J. A.), p.17-21. Universidad del País Vasco.

BOIÇA, J. e BARROS, M. F., 2002, O castelo de Mértola - estrutura e organização espacial. *Mil anos de fortificações na península Ibérica e no Magreb (500-1500). Actas do Simpósio Internacional sobre castelos* (coord. I. C. FERNANDES), p.579-586. Lisboa, Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela.

BORGES, T. C. (coord.), 2007, *Biodiversidade nas pescas do Algarve* (sul de Portugal). Universidade do Algarve, Faro.

BORJA, F., ZAZO, C., DABRIO, C. J., OLMO, F. D., GOY, J. L. and LARIO, J., 1999, Holocene aeolian phases and human settlements along the Atlantic coast of southern Spain. *The Holocene,* nº9 (3), p.333–339.

BOSKI, T., MOURA D., VEIGA-PIRES, C., CAMACHO, S., DUARTE, D., SCOTT e D.B., FERNANDES, S.G., 2002, Postglacial sea-level rise and sedimentary response in the Guadiana Estuary, Portugal/Spain border. *Sedimentary Geology*, volume 150, p.103-122.

BOTÃO, M.F., 1989, *O foral de Porches*. Faro, Algarve em Foco Editora.

BOTÃO, M.F., 2009, *A construção de uma identidade urbana no Algarve Medieval. O caso de Loulé*. Ed. Caleidoscópio.

BRANDÃO, Frei A., 1976, *Monarchia Lusitana*, 4ª parte (1ª ed. 1632). Lisboa, Imprensa Nacional da Casa da Moeda.

BRAUDEL, F., 1983, *O mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico (*2 volumes). Lisboa Publicações Dom Quixote.

CALLIXTO, C. P., 1982, Apontamentos para a história das fortificações do reino do Algarve. O mapa das fortificações do Algarve desenhado por José de Sande Vasconcelos. *Anais do Município de Faro*, vol. XII, p.295-324. Faro, Câmara Municipal de Faro.

CAMACHO, S., 2004, *Evolução paleoambiental holocénica dos estuários dos rios Guadiana e Arade com base nas associações fósseis de foraminíferos bentónicos*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Marinhos e Costeiros. Faro, Universidade do Algarve.

CAMPOS CARRASCO, J. M., e GÓMEZ TOSCANO, F., 2001, *La Tierra Llana de Huelva: Arqueologia y evolución del Paisaje*. Junta de Andalucía.

CAMPOS CARRASCO, J., GÓMEZ TOSCANO, F. e PÉREZ MACÍAS, J., 2006, *Ilipla-Niebla. Evolución Urbana y Ocupación del Territorio*. Huelva, Universidad de Huelva.

CANDÓN, A., 1999, La colección antropológica del Campo Arqueológico de Mértola (s. II-XVI). Reconstruir la sociedad y los modos de vida a partir del registro funerario. *Arqueologia Medieval*, nº 6, p.277-292. Campo Arqueológico de Mértola

CANDÓN, A., GOMÉZ, S., MACÍAS, S. e RAFAEL, L., 2001, Mértola en torno al ano mil. *Actas del V Congreso de Arqueología Medieval,* vol. 2, p. 559-567. Valladolid, Junta de Castilla y León.

CANDÓN, A., GUIJO, J., PECERO, J., LÓPEZ, I., OTERO, G. e GASENT, R., 2004, El registro funerario de Mértola, Portugal (siglos III-XVI). Análisis preliminar de las necropolis paleocristiana e islámica del Rossio do Carmo. *Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (coord. T. GAMITO), p. 221-231. Faro, Universidade do Algarve.

CARRIAZO RUBIO, J. L. e CUENCA LÓPEZ, J. M., 2004, *Huelva, tierra de castillos*. Huelva, Diputación de Huelva.

CATARINO, H., 1992, A fortificação muçulmana de Salir (Loulé). Primeiros resultados arqueológicos. *Al-'Ulya. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, nº 1, p.9-51. Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

CATARINO, H., 1993, Objectos de osso e de metal recolhidos nas escavações do Castelo de Salir (Loulé). *Al-'Ulya. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, nº 2, p.17-31. Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

CATARINO, H., 1994, O Castelo de Paderne (Albufeira): resultados da primeira intervenção arqueológica. *Arqueologia Medieval*, nº 3, p.73-88. Campo Arqueológico de Mértola.

CATARINO, H., 1995, O Castelo de Salir: Resultados da escavação dos silos. *Al-'Ulya. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, nº 4, p.9-30. Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

CATARINO, H., 1997-98, O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. *Al-'Ulyã, Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé,* nº 6 (3 vols.). Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

CATARINO, H., 2000, O Castelo de Salir: escavações da campanha de 1998. *Al-'Ulyã, Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, nº 7, p. 77-128. Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

CATARINO, H, 2002, Castelos e território omíada na *kura* de Ocsonoba. *Actas do Simpósio Internacional sobre castelos. Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb* (coord. I. C. FERNANDES), p. 29-44. Palmela, Edições Colibri.

CATARINO, H, 2004, Um olhar sobre o castelo de Alcoutim: resumo das intervenções arqueológicas. *Seminário O foral de D. Dinis e Alcoutim Medieval e Moderno*, p.12-19. Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim.

CATARINO, H., ARRUDA, A. M. e GONÇALVES, V., 1981, Vale do Boto: escavações de 1981 no complexo árabe/medieval. *Clio, Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol. 3, p.9-28. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

CATARINO, H. e INÁCIO, I., 2008, A ocupação tardo-medieval e moderna no Castelo de Paderne. *Xelb. Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, nº 8, p.307-332. Silves, Câmara Municipal de Silves.

CAVACO, Hugo, 1983, *A antiga vila de Cacela e o seu alfoz*. Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

CAVACO, Hugo, 1987, *Visitações" da ordem de Santiago no Sotavento Algarvio - Subsídios para o estudo da História da arte no Algarve*. Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

CAVACO, Hugo, 1990, *Cacela no século XVII - Dez anos de governo autárquico*. Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real Santo António.

CAVACO, S., 2011, *O arrabalde da Bela Fria. Contributos para o estudo da Tavira islâmica*. Tese de mestrado apresentada na Universidade do Algarve.

CAVACO, S. e COVANEIRO, J., 2009, Um (novo) olhar sobre aTavira Islâmica. *Xelb. Revista de Arqueologia, Arte Etnologia e História*, n.º 9, p.429–443. Silves. Câmara Municipal de Silves.

CAVACO, S. e COVANEIRO, J., 2010, Materiais cerâmicos provenientes de um silo do bairro almóada do convento da Graça – Tavira. *Arqueologia Medieval*, nº 11, p.103-112. Campo Arqueológico de Mértola.

CAVILLA SÁNCHEZ-MOLERO, F., 1992, *La cerámica hispano-musulmana de Beca (Los Caños de Meca, Barbate, Cádiz)*. Cádiz.

CAVILLA SÁNCHEZ-MOLERO, F., 2005, *La cerámica almohade de la isla de Cádiz (Yazīrat Qādis*). Cádiz, Universidad de Cádiz.

CAVILLA SÁNCHEZ-MOLERO, F., 2010, Cerámicas almohades procedentes del área de Camposoto (San Fernanado, Cádiz). *Estudios sobre Patrimonio, Cultura e Ciencias Medievales,* nº 11-12, p.17-55. Consultado em http://www.epccm.es/index.php?journal=epccm&page=issue&op=view&path%5B%5D=16 em Agosto de 2014.

CAVILLA SÁNCHEZ-MOLERO, F., 2012, Cerámicas musulmanas procedentes de la calle Liebre de Jerez de la Frontera (Cádiz). *Estudios sobre Patrimonio, Cultura e Ciencias Medievales*,

nº13-14, p.19-67. Consultado em http://www.epccm.es/index.php?journal=epccm&page=issue&op=view&path%5B%5D=15 em Agosto de 2014.

CHEIKHA, J., 1997, Silves (Shilb) segundo as fontes árabes. *IIIªs Jornadas de Silves*, p.69-79. Silves, Associação de Estudos e Defesa do Património Histórico-Cultural de Silves.

COELHO, A. B., 1999, *Para a história da civilização e das ideias no Gharb Al-Ândalus*. Lisboa, Instituto Camões.

COELHO, A. B., 2008, *Portugal na Espanha Árabe* (3ª edição). Lisboa, Editoral Caminho.

CORREIA, J. H., 1987, *A arquitectura religiosa do Algarve de 1520 a 1600*. Lisboa, Publicações Ciência e Vida.

COUTINHO, H., 1996, A cerâmica muçulmana do Montinho das Laranjeiras – Alcoutim (1990 e 1991). *Arqueologia Medieval*, vol.2, p.39-54. Campo Arqueológico de Mértola.

COUTINHO, H., 2003, Os buyut do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim) - Escavações de 2000. *Xelb. Revista de Arqueologia, Arte Etnologia e História*, nº3, p.265-278. Silves, Câmara Municipal de Silves.

COVANEIRO, J., CAVACO, S., 2005, Casas Islâmicas da Cerca do Convento da Graça - Tavira. Noticia Preliminar. *Arqueologia Medieval,* nº9, p.77-82. Campo Arqueológico de Mértola.
COVANEIRO, J. e CAVACO, S., 2009, Osso trabalhado de época almóada (Tavira). *Xelb. Revista de Arqueologia, Arte Etnologia e História*, nº 9, p.707-717. Silves, Câmara Municipal de Silves.

COVANEIRO, J., CAVACO, S. e LOPES, G., 2008, O Bairro Almóada do Convento da Graça (Tavira). *Promontoria Monográfica. A ocupação islâmica da Península Ibérica*, n.º11, p.51 – 62. Faro, Universidade do Algarve.

CUNHA, E., 1996, Viajar no Tempo Através dos Ossos: a Investigação Paleobiológica. *Al-madan*, 11ª série, nº5, p.131-141. Centro de Arqueologia de Almada.

CUNHA, E., 1997, Populações medievais portuguesas (séculos XI-XIV). A perspectiva paleobiológica, *Arqueologia Medieval*, nº 5, p.57-83. Campo Arqueológico de Mértola.

CUNHA, E., CRUBÉZY, E., 2000, Comparative biology of the medieval populations (9th-15th centuries) of the Iberian Peninsula and Southwest of France: Problematics and perspectives *Journal of Iberian Archaeology*, Vol.2, p.145-164.

CUNHA, E., MARQUES, C. e SILVA, A. M., 2002, O passado em al-'Ulyā: estudo antropológico de uma população muçulmana. *Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro,* p.143-150. Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

CUNHA, E., UMBELINO, C., 1995, What can bones tell about labour and occupation: the analysis of skeletal markers of occupational stress in the Identified Skeletal Collection of the Anthropological Museum of the University of Coimbra (preliminary results). *Antropologia Portuguesa*, nº 13, p. 47-66.

CURATE, F., 2003, *A necrópole cristã de Cacela Velha. O estudo bioarqueológico* (Parte I). Relatório inédito. Coimbra, Universidade de Coimbra.

CURATE, F., 2003/2004, A brucelose em paleopatologia: um estudo de caso proveniente da necrópole cristã de Cacela Velha. *Antropologia Portuguesa*, vol.20/21, p.209-235. Coimbra, Universidade de Coimbra.

CURATE, F., 2008, A Case of *Os odontoideum* in the Palaeopathological Record. *International Journal of Osteoarchaeology*, vol.18, p.100–105. Publicação online 16 /05/2007 na Wiley InterScience.

DALCHÉ, P. G., 2005, *Du Yorkshire à l'Inde: Une «Géographie» urbaine et maritime de la fin du XIIe siècle (Roger de Howden?)*. Geneva, Droz. http://www.arkeotavira.com/Estudos/Cronicas/De-viis-maris-HispaniaR.pdf. Consultado em Setembro de 2014.

DAVID, H., 1986, Os portugueses nos livros de "Repartimiento" da Andaluzia (século XIII). *Revista da Faculdade de Letras: História*, série 2, vol. 3 p. 51-76.

DIAS, M. A., 1998, Lápide do Bispo Julião. Ficha do Catálogo. *Portugal islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo* (coord. MACIAS, S., TORRES, C.), p.88. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.

DIAS, M. M. e GASPAR, C., 2006, *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa.

DILLARD, H., 1993, *La mujer en la Reconquista*. Madrid, Editorial Nerea.

DOMINGUES, José Garcia, 1955, *Aben Mafom e a conquista do Algarve pelos portugueses na "Adh-dhakhyra as-sanyya.* Lisboa, sep. da revista Brotéria.

DOMINGUES, José Garcia, 1956, *Património Cultural arábico-algarvio*. Estudos algarvios, vol.II. Lisboa, Casa do Algarve.

DOMINGUES, José Garcia, 1960, *O Garb extremo do Andaluz e "Bortuqal" nos historiadores e geógrafos árabes*. Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Julho-Dezembro, p. 327-362. Lisboa.

DOMINGUES, José Garcia, 1972, *Ossónoba na época árabe*. Separata dos Anais do Município de Faro. Faro, Câmara Municipal de Faro.

DUDAY, H.; COURTAUD, P.; CRUBÉZY, E.; SELLIER, P.; TILLIER, A-M., 1990, L'Anthropologie de "Térrain": Reconaissances et Interprétation des Gestes Funéraires. *Bulletin et Mémoires de la Société d´Anthropologie de Paris, tome II, vol. 3-4, p.29-50*.

FEIO, Mariano, 1983, *Le bas Alentejo et l'Algarve (*1ª impressão de 1949). Évora, Instituto Nacional de Investigação Científica.

FEREMBACH D., SCHWIDETZKY I., STLOUKAL M., 1980, Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. *Journal of Human Evolution*, nº 9, p.517–549.
FERNANDES, I. C., 2004, *O Castelo de Palmela: do islâmico ao cristão*. Lisboa, Edições Colibri.

FERNÁNDEZ GABALDÓN, S., 1987, El yacimiento de la Encarnación (Jerez de la Frontera): bases para la sistematización de la cerámica almohade en el S.O. peninsular. *Al-Qantara. Revista de Estudios Árabes*, vol. VIII, p.449-474. Madrid, C.S.I.C.

FIERRO, M., 2009, Algunas reflexiones sobre el poder itinerante almohade. *e-Spania*, nº 8. http://e-spania.revues.org/18653. Consultado em 5 de Novembro de 2010.

FRAGA, L., 2003, *Corpus territorial do Sul*. Consultado em Agosto de 2014 em http://arkeotavira.com/corpus-sul/mem-ecles/Nota.pdf.

FREIRE, T., SILVA, A., VEIGA, M., BRITO, J., 2008, Characterization of Portuguese Historical Gypsum Mortars. *1st. Historical Mortars Conference. Characterization, Diagnosis, Conservation, Repair and Compatibility*. Comunicação. Lisboa, LNEC.

GAMITO, T. J., 1990, Aldeia dos Mouros versus Alcaria Queimada, an ethnoarchaeological case study. *Arqueologia Hoje*, p. 266-281. Faro, Universidade do Algarve.
GAMITO, Teresa, 1994, O povoamento islâmico da serra do Caldeirão. O caso da aldeia dos Mouros (Vaqueiros, Alcoutim), *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*, pp.545-563, Huelva, Universidade de Huelva.

GAMITO, T., 2007, *O Algarve e o Magreb (711-1249)*. Faro, Universidade do Algarve.

GARCIA, C., 1997, Ermida de São Saturnino: breve nota de uma escavação arqueológica na Serra de Sintra. *Arqueologia Medieval*, vol. 5, p.85-101. Campo Arqueológico de Mértola.

GARCIA, C., 2002, Urbanismo islâmico em Cacela, uma intervenção inovadora na região do Algarve. *Urbanismo islâmico en el sur peninsular y norte de África*, p. 21-38. Murcia, Comunidad Autónoma de la Región de Murcia.

GARCIA, C., 2006, Contributo para o estudo e valorização do Castelo de Aljezur. Algumas notas arqueológicas. *Revista Cultural de Aljezur*, nº2, p.119-136. Aljezur, Câmara Municipal de Aljezur.

GARCIA, C., 2008, *Cacela, terra de Levante. Memórias da paisagem algarvia*. Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e Campo Arqueológico de Mértola.

GARCIA, C., 2012, A arquitectura do bairro islâmico do Poço Antigo, Cacela-a-Velha. *Arqueologia Medieval*. Campo Arqueológico de Mértola (entregue para publicação).

GARCIA, C. e CURATE, F., 2010, Resultados preliminares do estudo da necrópole medieval de Cacela Velha. *IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Promontoria Monográfica*, nº 13, p.223-232. Faro, Universidade do Algarve.

GARCIA, C., COSTA, M. R., SINTRA, F. E CARDOSO, A. R., 2002, Plano de Intervenção de Cacela. *Planos de Intervenção das Aldeias do Algarve. Cacela Velha, Odeleite, Vaqueiros e Cachopo* (coord. M. FREITAS), p.8-33. Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

GARCIA, C. e DORES, P., 2013, Arquitectura e quotidiano no bairro almóada de Cacela. Poster apresentado no *I Congreso sobre el espacio doméstico en la Península Ibérica medieval.* Granada, Escuela de Estudios Árabes.

GARCIA, C., DORES, P., OLIVEIRA, C. e GODINHO, M., 2012, Tipologia e funcionalidade nas cerâmicas da casa 1 do Bairro Islâmico do Poço Antigo em Cacela Velha. Poster apresentado no *X Congresso Internacional da Cerâmica Medieval no Mediterrâneo.* Silves, Câmara Municipal de Silves.

GARCIA, C., MACEDO, S. e LOBO, F. S., 2006, Resultados preliminares da intervenção arqueológica realizada na Fortaleza de Cacela. *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Xelb, vol.6, p.179-188. Silves, Câmara Municipal de Silves.

GARCIA, C., DORES, P., OLIVEIRA, C. e GODINHO, M., 2014, Primeiros resultados da análise dos restos faunísticos do bairro islâmico do Poço Antigo em Cacela Velha. *Encontro Sabores do Mediterrâneo. Alimentação e gastronomia medievais*, Campo Arqueológico de Mértola (no prelo).

GARCIA, C., ROMBA, S. e MACEDO, S., 2013, A génese da riqueza de Olhão na época Moderna. *Para uma ética do território* (coord. J. G. JORGE), p.125-138. Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

GARCIA, C., VALENTE, M.J., DORES, P., CURATE, F., VEIA, J., OLIVEIRA, C.,GODINHO, M., GOMÉZ, S., FRAGA, L., MACEDO, S., CALADO, D. e FANTASIA, J., 2013, O estudo arqueológico de Cacela na Idade Média. Actividades de 1998 a 2013. Actas de los *VII Encuentros de Arqueologia del Suroeste Peninsular. Aroche – Serpa, Ayuntamiento de Aroche* (em publicação).

GARCIA, J. C., 1982, *Navegabilidade e navegação no Baixo Guadiana*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

GARCIA, J. C., 1983, *O Baixo Guadiana medieval. Formação de uma fronteira*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

GARCIA, J. C., 1986, *O espaço medieval da Reconquista no sudoeste da Península Ibérica.* Lisboa, Centro de Estudos Geográficos do Instituto Nacional de Investigação Científica.

GARCIA, J. C., 1989, *Alfajar de Pena. Reconquista e repovoamento no Andévalo do século XIII.* Separata da Actas das II Jornadas Luso-Espanholas da História Medieval. Porto.

GARCIA GOMEZ, E. (trad.), 1967, *Anales palatinos del califa de Cordoba al-Hakam II, por* ʻIsā ibn Ahmad al-Rāzī (360-364H./971-975J.C). Madrid, Sociedad de Estudios y Publicaciones.

GARCÍA SÁNCHEZ, E., 1983, La alimentación en la Andalucía Islámica. Estudio Histórico y bromatológico I: cereales y leguminosas. *Andalucia islamica. Textos y estudios*, II-III, p.139-176. Granada, Universidad de Granada.

GARCÍA SANJUAN, A., 2001, Una fetua de época almorávide sobre un pleito surgido en Saltés. *Huelva en su História*, vol 8, p.391-401. Huelva, Universidad de Huelva.

GARCÍA SANJUAN, A., 2002, *La Huelva Islámica. Una ciudad del occidente de al-Andalus (siglos VIII-XIII)*. Sevilla, Universidade de Sevilla.

GHEJNE, A. G., 1999, *Historia de España Musulmana*. Madrid, Ed. Cátedra.

GOES, E. e SILVA, A. A., 1986, Árvores monumentais do Algarve. *4º Congresso do Algarve*, vol. 2, p.719-725. Faro, Racal Clube.

GOMES, M. V., 2002, Castelo de Albufeira: novos contributos para o seu conhecimento. *Mil anos de fortificação na Península Ibérica e no Magreb (500-1500). Actas do Simpósio Internacional sobre*

castelos (coord. I. C. F. FERNANDES), p.337-346. Lisboa, Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela.

GOMES, M. V., 2012, *Silo islâmico de Albufeira (Rua Henrique Calado)*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Arqueologia e Paleociências.

GOMES, R. V., 1981, Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves. *Xelb. Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, nº 1. Silves, Câmara Municipal de Silves.

GOMES, R. V., 1991, Cerâmicas almóadas do Castelo de Silves. *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental* (coord. SILVA, L. A., MATEUS, R.), p.387-403. Lisboa, Campo Arqueológico de Mértola.

GOMES, R. V., 2002, Silves (Xelb), uma cidade do Gharb-al-Andalus: território e cultura. *Trabalhos de Arqueologia*, 23. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

GOMES, R. V., 2003, Silves (Xelb), uma cidade do Gharb-al-Andalus: a alcáçova. *Trabalhos de Arqueologia*, 35. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

GOMES, R. V., 2006, Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: o núcleo urbano. *Trabalhos de Arqueologia,* 44. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

GOMES, R. V., 2011, Silves (Xelb) uma cidade do Gharb Al Andalus: a zona da Arrochela, espaços e quotidianos. *Trabalhos de Arqueologia,* 53. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

GOMES, R. V. e GOMES, M. V., 2005, O ribat da Arrifana, século XII. *Al-Rihana*, vol. 1, p.41-71. Câmara Municipal de Aljezur.

GÓMEZ BECERRA, A., 1997, *Cerámica islámica de Salobreña*. Ayuntamiento de Salobreña (Granada).

GÓMEZ, S. e LOPES, V., 2008, La Torre del Río de Mértola. Una estructura portuaria tardorromana. *Strutture e insediamenti antichi e medievali funzionali alla viabilità commerciale terrestre e marittima.* Atti del Convegno, p.15-48. Roma, Pieraldo Editore.

GÓMEZ MARTÍNEZ, S., 2001, Catálogo de cerâmica. *Museu de Mértola. Arte islâmica* (coord. MACIAS, S. e TORRES, C.,), p.107-167. Câmara Municipal de Mértola e Campo Arqueológico de Mértola.

GÓMEZ MARTÍNEZ, S., 2004, *La cerámica islámica de Mértola: producción y comercio.* Madrid, Universidad Complutense de Madrid. Tese de doutoramento.

GÓMEZ TOSCANO, F. y CAMPOS CARRASCO, J., 2002, Arqueología y antropización del paisaje. La Tierra Llana de Huelva. *Actas del 3º Congreso de Historia de Andalucia*, tomo II, p.341-362. Córdoba, Obra Social y Cultural Cajasur.

GONÇALVES, I., 1988, *Imagens do mundo medieval*. Lisboa, Livros Horizonte.

GONÇALVES, M. J., 2008, *Silves islâmica – a muralha do arrabalde oriental e a dinâmica de ocupação do espaço adjacente*. Tese de mestrado apresentada na Universidade do Algarve.

GONÇALVES, M. J., 2009, Silves islâmica: deambulando pelo Arrabalde Oriental. *Xelb. Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, nº 9, p.489-524. Silves, Câmara Municipal de Silves

GONÇALVES, M. J., KHAWLI, A., 2004, Um lote de Cerâmica Estampilhada de um Arrabalde Islâmico de Silves. *IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Promontoria Monográfica*, nº 13, p.175-192. Faro, Universidade do Algarve.

GONÇALVES, V., 1981, A vigia medieval de Paio Peres Correia, Azinhal, Castro Marim. *Clio, Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, volume 3, p.189-191. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

GONÇALVES, V., CATARINO, H. e ARRUDA, A. M., 1980, O sítio romano-árabe do Vale do Boto. Notícia da sua identificação. *Clio*, *Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol. 2, p.71-80. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

GONZÁLEZ, J., 1998, *Repartimiento de Sevilla*. Colección Clásicos Sevillanos, nº 16. Sevilla, Ayuntamiento de Sevilla.

GONZÁLEZ JIMÉNEZ, M., 1980, *En torno a los origenes de Andalucia: la repoblación del siglo XIII*. Sevilla, Universidad de Sevilla.

GONZÁLEZ JIMÉNEZ, M., 1985, Andalucía Bética. *Organización social del espacio en la España medieval. La Corona de Castilla en los siglos VIII a XV* (dir. J.A. GARCÍA DE CORTÁZAR et al). Barcelona, Editorial Ariel, S.A.

GRADIM, A., 2006, *Alcoutim urbano e rural. Dos finais da Idade Média ao fim do Antigo Regime*. Lisboa, Edições Colibri / Câmara Municipal de Alcoutim.

GUEDES, L. C., 1988, *Aspectos do reino do Algarve nos séculos XVI e XVII. A "Descripção" de Alexandre Massaii (1621*). Lisboa, Arquivo Histórico Militar.

GUERRA, A., FABIÃO, C., 1993, Uma fortificação omíada em Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*, nº2, p.85-102. Campo Arqueológico de Mértola.

GUERREIRO, M. e MAGALHÃES, J. R., 1983, Duas descrições do Algarve do século XVI. *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, vol. 3. Lisboa, Livraria Sá da Costa.

HAGGAR, S. A., 1996, La defensa del litoral a través de al-Ihata de Ibn al-Hatib. *I Congreso Internacional Fortificaciones en al-Andalus*, p.157-167. Algeciras, Fundación Municipal de Cultura "José Luis Caño".

HARRIS, Edward C., 1991, *Principios de estratigafía arqueológica*, Barcelona, Editorial Crítica.

HAWS, J. e VERÍSSIMO H., 2004, *Análise faunística do sítio arqueológico do Poço Antigo de Cacela Velha*. Faro, Universidade do Algarve (relatório).

HERCULANO, A., 1853, *História de Portugal*, tomo IV. Lisboa, Imprensa Nacional.

HERNANDEZ CARRASQUILLA, F, 1993, Los restos de aves del yacimiento medieval de Mértola. *Arqueologia medieval*, nº 2, p.273-276. Campo Arqueológico de Mértola.

HITA RUIZ, J. M. y LERÍA AYORA, A. (coord.), 2011, *Agua, cerámicas y ciudad en la Ceuta medieval*. Ceuta, Museu de Ceuta.

HUICI, A., 1954, Los almohades en Portugal. *Anais*, II série, vol.5, pp.7-74. Lisboa, Academia Portuguesa de História.

HUICI, MIRANDA, A., 1959, Un nuevo manuscrito de "Al-Bayan al-Mugrib". *Al-Andalus*, vol.XXIV, p.63-84. Madrid, Secretaría del Consejo Superior de Investigaciones Cientificas.

HUICI MIRANDA, A., 2000, *Historia Política del Imperio almohade (ed. 1956)*, 2 tomos. Granada, Editorial Universidad de Granada.

IRIA, A., 1982, *O Algarve nas cortes medievais portuguesas do século XIV. Subsídios para a sua história*. Lisboa, Academia Portuguesa de História.

KEMNITZ, E.-M. , 1993-94, Candis da colecção do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*, série IV, nº 11-12, p.427-472. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.

KHWALI, A., 1993, Introdução ao estudo das vasilhas de armazenamento de Mértola islâmica. *Arqueologia Medieval*, vol.2, p.63-78. Campo Arqueológico de Mértola.

KHAWLI, A., 2001, Le Garb al-Andalus à l'époque des secondes taifas (539-552/1144-1157). *Arqueologia Medieval*, nº7, p.23-35. Campo Arqueológico de Mértola.

KOPP, E., SOBRAL, M., SOARES, T. e WOERNER, M., 2000*, Os solos do Algarve e as suas características. Vista geral*. Faro, Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento e das Pescas.

LABARTA, Ana e BARCELÓ, C., 1987, Inscripciones árabes portuguesas: situación actual. *Al-Qantara. Revista de Estudios Árabes*, vol.VIII, p.395-420. Madrid, CSIC.

LAFUENTE IBÁÑEZ, P., 1995, La ceramica almohade en Sevilla. *El ultimo siglo de la Sevilla Islámica. 1147-1248* (coord. M. VALOR PIECHOTTA), p.285-301. Sevilla, Universidad de Sevilla.

LAFUENTE IBÁÑEZ, P., 1996, La cocción de los alimentos. Aproximación al menaje de cocina en una casa islámica (s.XIII). *Arqueologia Medieval*, nº 4, p.175-182. Campo Arqueológico de Mértola.

LAFUENTE IBÁÑEZ, P., 1999a, La cerámica. *Sevilla Almohade* (dir. M. VALOR PIECHOTTA e A. TAHIRI), p.207-223. Rabat, Sevilla.

LAFUENTE IBÁÑEZ, P., 1999b, Cerámica islámica en el Cuartel del Carmen. Sevilla. *Arqueologia Medieval*, nº6, p.141-148. Campo Arqueológico de Mértola.

LAFUENTE IBÁÑEZ, P., 2003, La cerámica islámica. *Arqueologia y Rehabilitación en el Parlamento de Andalucía. Investigaciones arqueológicas en el Antiguo Hospital de las Cinco Llagas de Sevilla* (coord. A. VÁZQUEZ LABOURDETTE), p.271-284. Sevilla, Secretaría General del Parlamento de Andalucía.

LECLERC, J., 1990, La Notion de Sépulture. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris,* t.2, nº 3-4, p.13-18.

LEÓN MUÑOZ, A., 2003, *Las fortalezas de Belalcázar (Córdoba). Análisis arqueológico de su arquitectura (s. IX-XIX)*. Córdoba, Diputación de Córdoba.

LEPIERRE, Charles, 1899, *Estudo chimico e technologico sobre a cerâmica portugueza moderna*. Lisboa, Imprensa Nacional.

LÉVI-PROVENÇAL, E., 1938, *La Péninsule Ibérique au moyen-age d'aprés le Kitāb al-Rawd al-Mi'tār fi Habar al-Aktār d'ibn 'Abd al-Mun'im al-Himyarī*. Leiden, Publications de la Fondation de Goeje.

LÉVI-PROVENÇAL, E., 1953, La Description de l'Espagne d'Ahmad al-Rāzi. *Al-Andalus*, vol.XVIII, p.51-108. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

LÉVI-PROVENÇAL, E. e GARCÍA GÓMEZ, E. (trad.), 1988, *El siglo XI en 1ª persona. Las "memorias" de 'Abd Allah, ultimo rey ziri de Granada, destronado por los almorávides (1090)*. Madrid, Alianza Editorial.

LOPES, David, 1895a, Algumas moedas arabes da Peninsula encontradas no Algarve. *O Archeologo Português*, vol I, nº4, p.97-103. Lisboa, Imprensa Nacional.

LOPES, David, 1895b, Cousas arabico-portuguesas. *O Archeologo Português*, vol I, nº10, p.273-279. Lisboa, Imprensa Nacional.

LOPES, J. B. da S., 1841, *Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do reino do Algarve*. Faro, Algarve em Foco, reedição.

LOPES, V., 2003, *Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvores do cristianismo*. Campo Arqueológico de Mértola.

LÓPEZ AMADOR, J.-J. e RUIZ GIL, J.-. , 2005, Arqueología de la repoblación alfonsí: pocito chico en la laguna del gallo de El Puerto de Santa María (Cádiz). *Revista de Historia de El Puerto*, nº 35, p.11-51. Aula de Historia "Menesteo" de El Puerto de Santa María.

LÓPEZ MELERO, R., 1987, El mito de las Columnas de Hércules y el Estrecho de Gibraltar. *Actas del Congreso Internacional "El Estrecho de Gibraltar" (ed. RIPOLL, E.), p.615-642. Ceuta, Universidad Nacional de Educacion a distanciam*, Ayuntamiento de la ciudad de Ceuta.

LOVEJOY, C. O., MEINDL, R. S., PRYZBECK, T. R., MENSFORTH, R. P., 1985, Chronological Metamorphosis of the Auricular Surface of the *Ilium*: a New Method for the Determination of Adult Skeletal Age at Death. *American Journal of Physical Anthropology, vol.* 68, p.15-28.

LUZIA, M. I., 2002, O passado em al-'Ulya: a escavação arqueológica do cemitério muçulmano. *Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro,* p.151-156. Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

LUZIA, M. I., 2003a, *Cerâmicas islâmicas da Cerca do Convento*. Loulé. Câmara Municipal de Loulé.

LUZIA, M. I., 2003b, Testemunhos da ocupação islâmica em Al-'Ulyà: estruturas e cerâmicas. *Xelb, Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, nº 4, p.219-234. Silves, Câmara Municipal de Silves.

LUZIA, I., 2006, Primeiros dados para o estudo do sistema hidráulico islâmico de Loulé. *Xelb. Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, nº 6, p.83-92. Silves, Câmara Municipal de Silves.

LUZIA, I., 2009, Loulé. Dez anos de arqueologia islâmica. *Xelb. Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, nº 9, p.645-476. Silves, Câmara Municipal de Silves.

MACHADO, José Pedro, 1976, Ensaio sobre a toponímia do concelho de Faro. *Anais do Município de Faro*, volume VI, p.85-137. Faro, Câmara Municipal de Faro.

MACHADO, José Pedro, 1978, Crónica da conquista do Algarve (texto de 1792). *Anais do Município de Faro*, volume VIII, p.239-274. Faro, Câmara Municipal de Faro.

MACHADO, José Pedro, 1997, *Ensaios Arábico-Portugueses*. Lisboa, Editorial Notícias.

MACIAS, S., 1992, Resenha dos factos políticos. *História de Portugal* (dir. J. MATTOSO), vol. 1, p.417-429. Lisboa, Círculo de Leitores.

MACIAS, S., 1993, Silos 4 e 5 de Mértola. Uma proposta de datação do espólio cerâmico. *Arqueologia Medieval*, vol.1, p.27-33. Campo Arqueológico de Mértola.

MACÍAS, S., 1996, *Mértola Islâmica. Estudo histórico-arqueológico do bairro da Alcáçova (séculos XII-XIII*). Campo Arqueológico de Mértola.

MACIAS, S., 2006, *Mértola - o ultimo porto do Mediterrâneo*. Campo Arqueológico de Mértola.

MACÍAS, S. e TORRES, C., 1995, El barrio almohade de la Alcazaba de Mértola: el espacio cocina. *Casas y palacios de al-Andalus. Siglos XII y XIII* (ed. Navarro Palazón), p.165-175. Barcelona, Lunwerg Editores S.A.

MACIAS, S., TORRES, C. (coord.), 1998, *Portugal islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo.* Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.

MACKAY, A., 1977, *La España de la Edad Media. Desde la frontera hasta el império 1000-1500*. Madrid, Ediciones Cátedra.

MACLAUGHLIN, S., 1990, Epiphyseal fusion at the sternal end of the clavicle in a modern Portuguese skeletal sample. *Antropologia Portuguesa*, nº 8, p. 59-68. Universidade de Coimbra, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde.

MAIA, M., 1999, *Catálogo da exposição Lendas das Mouras Encantadas*. Tavira, Câmara Municipal de Tavira.

MAIA, M., 2000, *Levantamento da Carta Arqueológica de Cachopo*. Tavira, Campo Arqueológico de Tavira.

MAIA, M., 2003, Fichas de Catálogo. Época islâmica. *Tavira. Território e poder* (coord. M. MAIA *et al.*), p.299-311. Tavira, Câmara Municipal de Tavira.

MAIA, M., 2012, *Vaso de Tavira*. Tavira, Câmara Municipal de Tavira.

MAIA, M. e MAIA, M., 2002, As muralhas medievais e post medievais de Tavira. *Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro*, p.66-80. Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

MALAQUIAS, M. A., 2007, Gastropoda. *Biodiversidade nas pescas do Algarve. Sul de Portugal* (coord T. C. BORGES), p.196-241. Faro, Universidade do Algarve.

MALATO-BELIZ, J., 1990, A cobertura vegetal primitiva e actual entre Mértola e Sagres-S. Vicente. *Mocárabe em peregrinação a São Vicente*. Lisboa, Associação Caminus.

MANUPELLA, G., RAMALHO, M., ANTUNES, M. T. e PAIS, J., 1987, *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 53-B, Tavira*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

MARINHO, J. R., 1995-1997, Um achado de dirhames do emirado do Ândalus em Castro Marim. *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 13-15, p.441-456. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.

MARQUES, A. H. O., 1987, Para a história do Algarve medieval. *Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia,* p.55-60. Loulé, Câmara Municipal de Loulé.

MARQUES, A. H. O., 1989, Para a história do concelho de Loulé na Idade Média. *Actas das III Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*, p.17-33. Loulé, Câmara Municipal de Loulé.

MARQUES, J., 1986, *Os castelos algarvios da Ordem de Santiago no reinado de Dom Afonso III*. Sep. da Revista Camoniana, ano VIII, nº13, p.9-32. Braga.

MARQUES, J. M. S., 1944, *Descobrimentos Portugueses. Documentos para a sua História*, Volume I. Lisboa, Instituto para a Alta Cultura.

MARTÍNEZ ENAMORADO, V., 1996, La terminologia castral en el territorio de Ibn Hafsun. *I Congreso Internacional de Fortificaciones en al-Andalus*, p.33-78. Algeciras, Ayuntamiento de Algeciras.

MATOS, J. L. , 1983, Malgas árabes do Cerro da Vila. *O Arqueólogo Português*, série IV, nº1, p. 375-390. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

MATOS, J. L., 1991, Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila. *A cerâmica medieval no Mediterrâneo ocidental,* p.429-456. Campo Arqueológico de Mértola.

MATOS, J. L., 1997, O período islâmico no Cerro da Vila. *Noventa séculos entre a serra e o mar* (coord. M. F. BARATA), p.459-467. Lisboa, Ministério da Cultura.

MATTOSO, J., 1983, D. Sancho II, o Capelo. *História de Portugal* (dir. J.H. SARAIVA), vol. 2, p.137-155. Lisboa, Publicações Alfa.

MATTOSO, J., 1987, *Fragmentos de uma composição medieval*. Lisboa, Editorial Estampa.

MATTOSO, J., 1991, *Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal* (2 volumes). Lisboa, Editorial Estampa.

MATTOSO, J., 1997, Pressupostos mentais do culto dos mortos. *Arqueologia Medieval*, nº 5, p.5-11. Campo Arqueológico de Mértola.

MEOUAK, M., 2001, Graneros y silos en las fuentes árabes del occidente islámico medieval. *Anaquel de Estudios Arabes*, vol.12, p.443-447. Madrid, Universidad Complutense de Madrid.

MESQUITA, C. e SOARES, I., 1999, Análise petrográfica sobre amostras de taipa e de argamassa das muralhas islâmicas de Cacela a Velha (dir. V. C. Silva). Oz, Limitada (relatório).

MORAIS, R., 2006, Potes meleiros e colmeias em cerâmica: uma tradição milenar. *Saguntvm. Papeles del laboratorio de Arqueologia de Valencia*, p.149-161. Valencia, Universidad de Valencia.

MORALES MÜNIZ, A., 1993, Estudio faunístico del yacimiento islámico de Mertola: los mamíferos. *Arqueologia Medieval*, nº 2, p.263-271. Campo arqueológico de Mértola.

NAVARRO PALAZÓN, J., 1986, *La cerámica islámica en Murcia. Volumen I: Catálogo*. Murcia, Ayuntamiento.

NAVARRO PALAZÓN, J. e JIMÉNEZ CASTILLO, P., 1995, El castillejo de Monteagudo: Qasr ibn Sa'd. *Casas y palacios de al-Andalus. Siglos XII y XIII*, p.63-103. Barcelona, Lunwerg Editores S.A.

NAVARRO PALAZÓN, J e JIMÉNEZ CASTILLO, P., 2007, *Siyasa. Estudio arqueológico del despoblado andalusí (ss.XI-XIII)*. Granada, Escuela de Estudios Arabes de Granada.

NUNES, H., BEIRÓ, J. e CORREIA, J., 1999, Reconhecimento geotécnico de Cacela Velha. Lisboa, Stap-Geocontrole (relatório).

OJEDA CALVO, R., 1999, El edifício almohade bajo la casa de Miguel de Mañara. *Sevilla almohade* (coord. M. VALOR PIECHOTTA e A. TAHIRI), p.135-146. Sevilla-Rabat.

OLIVEIRA, C., INÁCIO, N., GARCIA, C., DORES, P. e GODINHO, M., 2013, La tradición cerámica en Cacela (Vila Real de Santo António, Portugal). Una aproximación desde los vestigios arqueológicos, fuentes históricas y memorias orales. *Segundo Congreso Internacional*

de estudios cerámicos. Etnoarqueologia y experimentación: mas allá de la analogia. Granada, Universidad de Granada (entregue para publicação).

OLIVEIRA, Francisco X. Ataíde, 1908, *Monografia do concelho de Vila Real de Santo António (*3ª edição, 1999). Faro, Algarve em Foco Editora.

OLIVEIRA, L. F., 1999, Uma fortificação islâmica do termo de Silves: o castelo Belinho. *Arqueologia Medieval*, nº 6, p39-46. Campo Arqueológico de Mértola.

OLIVEIRA, L. F., 2004, A Ordem de Santiago e a conquista de Alcoutim. *Seminário O foral de D. Dinis e Alcoutim Medieval e Moderno*, p.6-11. Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim.

OLIVEIRA, L. F., 2008, A comenda de Cacela e a visitação de 1478-1482. *Sic memorat. Estudos em homenagem a Teresa Júdice Gamito* (org. J. P. BERNARDES), p.139-151. Faro, Universidade do Algarve.

OLIVEIRA, L. F., 2009a, *A coroa, os mestres e os comendadores. As ordens militares de Avis e Santiago (1330-1449)*. Faro, Universidade do Algarve.

OLIVEIRA, L. F., 2009b, A Ordem de Santiago em Portugal: a conquista das terras do Sul (séculos XII-XIII. Comunicação apresentada ao *V Congreso Nacional sobre la Cultura en Andalucia. La Orden Militar de Santiago Fortificaciones Y Encomiendas*. El Castillo de Estepa. Entregue para publicação.

PADRÃO, Joaquim C., 1967, *Prospecção, preservação e recuperação de elementos urbanísticos e arquitectónicos notáveis em áreas urbanas e marginais viárias na região do Algarve. Fase preventiva e de execução prioritária. Cacela*. Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização (relatório inédito).

PAULO, D., 2000, *A Casa Islâmica. Catálogo.* Faro, Câmara Municipal de Faro.

PAULO, L., 2006, *Tavira islâmica. A cidade e o território.* Tese de Mestrado em História e Arqueologia Medievais, apresentada na Universidade Nova de Lisboa.

PÉREZ MACÍAS, J. A., 2002, El asentamiento rural andalus en Vallelejo (Rociana del Condado, Huelva). *Studia E. Cuadrado*, *AnMurcia*, nº16- 17, p.509-522. Murcia

PESSANHA, F., 2012 , *A cidade islâmica de Faro*. Faro, Edições Mandil.

PICARD, C., 1997, *L'océan Atlantique musulman. De la conquête arabe à l'époque almohade*, Paris, Éd. UNESCO.

PICARD, C., 1998, A islamização do Gharb al-Ândalus. *Portugal islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo* (coord. S. MACIAS e C. TORRES), p.25-34. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.

PICARD, C., 2000, *Le Portugal musulman (VIIIe – XIIIe siècle). L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*. Paris, Maisonneuve & Larose.

POZO MARTÍNEZ, I., ROBLES FERNÁNDEZ, A. e NAVARRO SANTA-CRUZ, E., 2002, El despoblado andalusí de Villa Vieja (Hisn Qalashbarra). La transformación de una alquería en un hisn de la cora de Tudmir. *Urbanismo islámico en el sur peninsular y norte de África*, p.146-195. Murcia, Comunidad Autónoma de la Región de Murcia.

POZO, F., CAMPOS, J. M. BORJA, F., 1996, *Puerto histórico y castillo de Palos de la Frontera*. Huelva, Universidade de Huelva.

RAMALHO, M. M., 1987, 400 milhões de anos de História do Algarve. *Anais do Município de Faro*, vol. XVII, p.181-237. Faro, Câmara Municipal de Faro.

REAL, M. L., 1998, Os moçárabes do Gharb português. *Portugal islâmico. Os ultimos sinais do Mediterrâneo* (coord. S. MACIAS e C. TORRES), p.35-56. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.

ROLDÁN CASTRO, F., 1994, Fuentes árabes sobre el suroeste peninsular. *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*, p. 585-595. Huelva, Universidad de Huelva.

ROSSELLÓ BORDOY, G., 1991, *El nombre de las cosas en al-Andalus: una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Maiorca, Govern Balear.

RUIZ MOLINA, L., 2002, Urbanismo islámico en el Cerro del Castillo de Yecla (Murcia). *Urbanismo islámico en el sur peninsular y norte de África*, p. 108-115. Murcia, Comunidad Autónoma de la Región de Murcia.

SALGADO, Fr. Vicente, 1786, *Memórias eclesiásticas do reino do Algarve*. Lisboa, Regia Oficina Typografica. Consultado em Setembro de 2014 em http://arkeotavira.com/corpus-sul/mem-ecles/index-me.html

SANTARÉM, V. de, 1846, *Corpo diplomático portuguez*, tomo I, Portugal e Hespanha. Paris, J.P. Aillaud.

SANTOS, F. C., 2006, O povoado islâmico dos Alcariais de Odeleite. Uma Qarya no Algarve Oriental. Primeiros resultados arqueológicos. *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, ano 4, nº4, p.161-265. Faro, Universidade do Algarve.

SANTOS, F. C., 2007, O povoado rural (Qarya) dos Alcariais de Odeleite. *Vipasca. Arqueologia e História*, n.º 2, 2ª série, p. 571-589. Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel.

SANTOS, F. C., 2010, O povoado rural (Qarya) dos Alcariais de Odeleite. Estudo arqueológico efectuado em contexto de obra. Resumo dos trabalhos de escavação arqueológica realizados no lanço do IC27 entre Odeleite e Alcoutim. Relatório inédito.

SANTOS, M. L. E. da V, 1971, *Arqueologia Romana do Algarve*, 2 vols. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

SANTOS, M. L. E. da V., 1997, Estácio da Veiga, a Carta Arqueológica e o Museu do Algarve. *Noventa séculos entre a serra e o mar* (coord. F. BARATA), p.21-43. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico.

SANTOS, J. C. e ABRANCHES, P. B., 2010, O arrabalde da Silves islâmica. A intervenção arqueológica do empreendimento do castelo. *Arqueologia Medieval*, nº 11, p.89-102. Campo Arqueológico de Mértola.

SERRA, M. J. G. C. B. dos S. , 2013, *Águas do quotidiano. Estruturas habitacionais islâmicas no território algarvio.* Tese de mestrado apresentada na Universidade do Algarve.

SERRÃO, J. V., 1987, *Itinerários de el-Rei D. Sebastião (1568-1578)*. Lisboa, Academia Portuguesa de História.

SIDARUS, A., 1992, Novos dados sobre Ibn Qasi de Silves e as Taifas almorávidas no Gharb-al-Andaluz. *Iªs Jornadas de Silves*, p.35-40. Silves, Associação de Estudos e Defesa do Património Histórico-Cultural de Silves.

SIDARUS, A., 1993, Novos dados sobre Ibn Qasi de Silves e as *taifas* almorávidas no *Gharb al-Ândalus*. *I Jornadas de Silves*, p. 35-40. Silves, Associação de Estudos e de Defesa do Património Histórico-Cultural.

SIDARUS, A., 1994, *Um texto árabe do século X relativo à nova fundação de Évora e aos movimentos muladi e berbere no Ocidente Peninular*. Sep. de A Cidade de Évora XLV-L, p.71-76 (1988-1993). Évora.

SIDARUS, A., 1997, Bibliografia arabística de J. D. Garcia Domingues. *Portugal e o al-Andalus de José Garcia Domingues* (dir. A. Alves), p.17-33. Lisboa, Hugin-Editores Limitada.

SIDARUS, A., 2001, El Alentejo durante las crisis político-sociales de los siglos IX y X. *El Esplendor de los Omeyas cordobeses. La civilización musulmana de Europa Occidental* (coord. M. J. Viguera Molíns e C. Castillo), p. 160-167. Granada, El Legado Andalusí.

SIDARUS, A., 2004, A islamização religiosa do extremo Gharb Al-Andalus (séculos VIII-X). *Portugal, Espanha e Marrocos. O Mediterrâneo e o Atlântico* (ed. de T. J. Gamito), p. 113-32. Faro, UAL/CCAIMed.

SIDARUS, A. e TEICHNER, F., 1997, Termas romanas no Gharb al-Andalus. As inscrições árabes de Milreu. *Arqueologia Medieval*, nº 5, p.177-189. Campo Arqueológico de Mértola.

SILVA, C. T. e GOMES, R. V., 2002, Primeiros resultados das escavações arqueológicas no Castelo de Aljezur. *Mil anos de fortificação na Península Ibérica e no Magreb (500-1500). Actas do Simpósio Internacional sobre castelos* (coord. I. C. F. FERNANDES), p.347-356. Lisboa, Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela.

SILVA, L. F., 2005, *Tavira Romana*. http://www.arkeotavira.com/balsa/tavira/. Consultado em Setembro de 2014.

SILVA, L. F., 2007, Reconstituição geográfica do percurso. *A viagem de Ibn Ammar* (KHAWLI, A., SILVA, L. F. e FERNANDES, M. A.), p.27-45. Câmara Municipal de São Brás de Alportel.

SILVA, L. A., MATEUS, R. (coord.), 1991, *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa, Campo Arqueológico de Mértola.

SILVA, I. L. S. e PIMENTA, M. C. G., 1992, Castro Marim: uma comenda da Ordem de Cristo. *Cadernos Históricos*, vol. III, p.62-97. Lagos, Comissão Municipal dos Descobrimentos.

SILVÉRIO, S., 2001, *Silos islâmicos de Alçaria, Aljezur (séculos VIII-XII)*. Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur, Câmara Municipal de Aljezur.

SUCHEY, J., BROOKS, S., 1990, Skeletal age determination based on the *os pubis*: a comparison of the Acsády-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods. *Human Evolution, vol.* 5, p.227-238.

TABALES RODRÍGUEZ, M.A., 2010, *El Alcázar de Sevilla. Reflexiones sobre su origen y transformación durante la Edad Media*. Junta de Andalucia, Consejería de Cultura.

TEICHNER, F., 1993, Acerca da Vila Romana de Milreu/Estoi. Continuidade da ocupação na época árabe. *Arqueologia medieval*, nº 3, p.89-100. Campo Arqueológico de Mértola.

TORREMOCHA SILVA, A. e MARTÌNEZ ENAMORADO, V., 2001, Candil de Piquera. *El esplendor de los omeyas cordobeses. Catálogo de piezas* (coord. M. CÓRDOBA SALMERÓN), p. 194. Junta de Andalucia, Consejería de Cultura.

TORREMOCHA SILVA, A. e OLIVA CÓZAR, Y., 2002, *La cerámica musulmana de Algeciras. Producciones estampilladas. Estudios y catálogo*. Fundación Municipal de Cultura « José Luis Cano ».

TORRES, C., 1992, O espaço familiar e formas de habitar no Garb al Andaluz. *Actas das Iªs Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, p.33-40. Tondela.

TORRES, C., 1997, O Al Garbe. *Noventa séculos entre a serra e o mar* (coord. M. F. BARATA), p.431-447. Lisboa, Ministério da Cultura.

TORRES, C., GOMÈZ, S. e FERREIRA, M. B., 2003, Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. *Cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Actas das IIIªs. Jornadas* (1997). Tondela, Câmara Municipal de Tondela.

TORRES, C., PALMA, M. P., REGO, M. e MACÍAS, S., 1991, Cerâmica islâmica de Mértola – propostas de cronologia e funcionalidade. *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental* (coord. SILVA, L. A., MATEUS, R.), p.497-536. Lisboa, Campo Arqueológico de Mértola.

TUÑON DE LARA, M., VALDEÓN BARUQUE, J. e DOMÍNGUEZ ORTIZ, A., 1991, *Historia de España*. Barcelona, Editorial Labor.

UBELAKER, D., 1989, Human Skeletal Remains: Preservation or Reburial? *American Journal of Physical Anthropology*, nº 32, p.249-287. Wiley, Association of American Physicians.

VALENCIA RODRÍGUEZ, R., 1998, Lepe árabe (siglos VIII-XIII). *Historia de Lepe. Una proyección hacia el futuro* (dir. J. OTERO PRIETO). Ayuntamiento de Lepe.

VALENTE, M.J., GOMES, J.D., GOUFA, E. e GARCIA, C.T., (em publicação), Primeiros dados sobre as faunas de invertebrados do Largo da Fortaleza de Cacela Velha (Vila Real de Santo António, Portugal): da alimentação à caracterização ecológica. *Actas de los VII Encuentros de Arqueologia del Suroeste Peninsular*. Aroche (2013).

VALENTE, M.J. e MARTINS, S., (em publicação), Os moluscos marinhos como recurso alimentar no Garb al-Andalus: os sítios de Cacela Velha (Vila Real de Santo António) e Castelo de Salir (Loulé). *Actas de la IV Reunión Científica de Arqueomalacología de la Península Ibérica* (Santander, 22-24 de mayo de 2014). Universidad de Cantabria.

VALINHO, A., 2007, Construção de moradia e muro em Cacela a Velha. Relatório de progresso da 2ª fase. Palimpsesto (relatório).

VALLVÉ, J., 1986, *La división territorial de la Espana musulmana*. Madrid, Consejo superior de investigaciones científicas.

VALOR PIECHOTTA, M., 2008, *Sevilla almohade*. Editorial Sarriá.

VALOR PIECHOTTA, M. e RAMÍREZ del RIO, J., 2001, La división geográfico-administrativa de al-Andalus. *El esplendor de los Omeyas Cordobeses. La civilización musulmana de Europa Occidental* (coord. M. J. VIGUERA MOLINS e C. CASTILLO), p.264-273. Junta de Andalucía.

VANNEY, J.-R. E MÉNANTEAU, L., 2004, *Géographie du golfe ibéro-marocain*. Lisboa, Instituto Hidrográfico da Marinha.

VASCONCELOS, J.L., 1902, Candeias arabes do Algarve. *O Archeologo Português*, vol. VII, nºs 4 e 5, p.119-123. Lisboa, Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, J.L., 1917, Coisas Velhas. *O Archeologo Português*, vol.XXII, p.107-169. Lisboa, Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, J.L., 1919-1920, Coisas Velhas. *O Archeologo Português*, vol.XXIV, p.215-237. Lisboa, Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, J.L., 1983, *Etnografia Portuguesa*, vol VI. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

VEIGA, S.F.M. Estácio., 1886-1891, *Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos* (4 vols.). Lisboa, Imprensa Nacional.

VEIGA, Sebastião F.M. Estácio, 1904-1905, Antiguidades monumentais do Algarve (vol.V). *O Archeólogo Português*, série I, vol.9, p.200-210. Lisboa, Imprensa Nacional.

VENTURA, L., 1998, A fonteira luso-castelhana na Idade Média. *Revista da Faculdade de Letras : História*, série II, vol. 15, nº. 1, p. 25-52. Porto, Faculdade de Letras do Porto.

VIDAL CASTRO, F., 2003, Almorávides y almohades en al-Andalus y el Magreb. *Catálogo Triângulo de al-Andalus* (coord. I. CORTÉS), p.75-87. Fundación Legado Andalusí.

VIDAL TERUEL, N., CAMPOS CARRASCO, J., GOMÉZ RODRÍGUEZ, Á. e SÁNCHEZ HERNANDO, L., 2008, Arqueología rural islámica en Huelva. La alquería de la Almagra. *Arqueologia Medieval*, nº10, p.65-104. Campo Arqueológico de Mértola.

VIGUERA, M. J., 1992, Relaciones entre el Magreb y al-Andalus en el siglo XI. *Actas del II Coloquio hispano-marroquí de ciencias históricas, Historia, ciencia y sociedad*, p.357-369. Madrid, Instituto de cooperación con el mundo arabe.

YIN, R. K., 2009, Case study research. Design and methods *(4ª edição). Applied social research methods series, volume 5. Sage Publications, Inc.*

Cartografia

Carta de Capacidade de Uso do Solo, 1959. Folha 50D. Escala 1/50 000. Lisboa, Serviço de Reconhecimento e de Ordenamento Agrário.

Carta Militar de Portugal, 1978. Série M888. Folhas 599, 600, 608. Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército.

MANUPPELLA, G. (coord.), 1992, *Carta geológica da região do Algarve*. Escala 1/100 000. Notícia explicativa. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

OLIVEIRA, J. T., 1987-1988, *Carta Geológica de Portugal*. Folha 8. Escala 1/200 000. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

OLIVEIRA, J.T. (coord.), 1984, *Carta Geológica de Portugal*. Escala 1/200 000. Notícia explicativa da Folha 7. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

VASCONCELOS, José de Sande, 1775, *Carta Topographica das Terras Incultas e Sapais do termo da Vila de Santo António de Arenilha*. Cartografia Antiga. Lisboa, Instituto Geográfico e Cadastral.

VASCONCELOS, José de Sande, 1783, *Configuração Corográfica do Reino do Algarve*. Cartografia Antiga. Lisboa, Instituto Geográfico e Cadastral.

VASCONCELOS, José de Sande, 1793, *Mapa Hidrográfico da Costa do Reino do Algarve*. Cartografia Antiga. Lisboa, Instituto Geográfico e Cadastral.

ZBYSZEWSKI, G., 1971, *Carta Geológica do Quaternário de Portugal na escala 1/1 000 000*. Notícia explicativa. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

INDICE FIGURAS

FIGURA 1: CARTA ARCHEOLOGICA DO ALGARVE DE 1889 DE SEBASTIÃO ESTÁCIO DA VEIGA (PARCIAL RELATIVO AO LEVANTE ALGARVIO). FONTE: VEIGA, 1904-1905. 19
FIGURA 2: FORTALEZA DE CACELA. FONTE: DOMINGUES, 1956 23
FIGURA 3: MICROTOPONÍMIA DE CACELA-A-VELHA. 30
FIGURA 4: PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS EM CACELA-A-VELHA 32
FIGURA 5: QUADRICULAGEM IMPLANTADA NO SÍTIO DO POÇO ANTIGO, CACELA-A-VELHA 39
FIGURA 6: DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA CERÂMICA DO POÇO ANTIGO 44
FIGURA 7: DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA CERÂMICA DO LARGO DA FORTALEZA 45
FIGURA 8: FÁBRICA DE CERÂMICA DE CACELA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX. FONTE: OLIVEIRA *ET AL*, 2013. 48
FIGURA 9: RUA DE OLEIROS EM LOULÉ, 1919 (FOTO DE JOAQUIM NOGUEIRA PUBLICADA NA ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA)..... 49
FIGURA 10: UNIDADES DE PAISAGEM DO ALGARVE: LITORAL, ALGARVE CALCÁRIO E SERRA,..... 52
FIGURA 11: O AL-ANDALUS NOS SÉCULOS XI E XII. FONTE: LÉVI-PROVENÇAL, 1938. 66
FIGURA 12: CANDIL METÁLICO ENCONTRADO NO SÍTIO DA HORTA, CACELA. AO LADO, CANDIL EM BRONZE QUE SURGIU AO LARGO DE ALGECIRAS. ÉPOCA CALIFAL (TORREMOCHA E MARTINEZ, 2001: 194). ... 68
FIGURA 13: CANDIL DE PASTA BEGE COM MOTIVOS ESTAMPILHADOS. CALIFADO, INÍCIOS DO SÉC. X. ENCONTRADO PROVAVELMENTE EM ALVOR (KEMNITZ, 1993-94: 443)..... 71
FIGURA 14: PIA DE ABLUÇÕES DE MÁRMORE COM INSCRIÇÃO NO BORDO DA PALAVRA *BASMALA* (EM NOME DE DEUS). ENCONTRADA EM CACELA (MACÍAS E TORRES, 1998: 265). AO LADO, PIA DE MÁRMORE COM INSCRIÇÃO DE 970/971, ENCONTRADA NA CASA DEL CHAPIZ, GRANADA. MUSEU ARQUEOLÓGICO Y ETNOLÓGICO DE GRANADA (FOTO DA AUTORA)..... 73
FIGURA 15: POSSÍVEL FRAGMENTO DE BILHA VIDRADO MELADO COM DECORAÇÃO EM VERDE E MANGANÉS. REF. CV/PA/98/16/528. AO LADO, FRAGMENTO DECORADO COM VERDE E MANGANÉS. REF. CV/PA/01/2/387. ENCONTRADOS NO BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO. CRONOLOGIA PROVÁVEL: FINAIS DO SÉCULO X/XI. 74
FIGURA 16: LÁPIDE DE MÁRMORE DO BISPO JULIÃO FALECIDO EM 987. ENCONTRADA NA FONTE SALGADA, TAVIRA (MACÍAS E TORRES, 1998: 88). 75
FIGURA 17: BASE DE TIGELA VIDRADA COM DECORAÇÃO EM MANGANÉS. REF. CV/PA/01/2/2991. AO LADO, BASE DE TIGELA COM DECORAÇÃO EM CORDA SECA. REF. CV/PA/98/8/126. PEÇAS ENCONTRADAS NO BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO, CACELA. CRONOLOGIA PROVÁVEL: SÉCULO XI. 77
FIGURA 18: CANDIL DE BRONZE DE DOIS BICOS. ENCONTRADO NA QUINTA DA FIDALGA, CACELA (VASCONCELOS, 1902: 120). AO LADO, CANDIL DE DOIS BICOS COM AVE SOBRE A ASA. ENCONTRADO NA ANDALUZIA. CRONOLOGIA PROVÁVEL: FINAIS DO SÉCULO XI (BERNUS-TAYLOR, 2000: 119). 80
FIGURA 19: MAPA DE AL-IDRISI. FONTE: AMORES, 1991. 87

FIGURA 20: O SUDOESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIII. FONTE: J. C. GARCIA, 1989. 93
FIGURA 21: CACELA-A-VELHA EM 1967. FONTE: J. C. PADRÃO, 1967. 97
FIGURA 22: TESTEMUNHO FOTOGRÁFICO DO TORREÃO SUL, DE CRONOLOGIA MEDIEVAL. 98
FIGURA 23: IGREJA MATRIZ E TORREÃO FRONTEIRO, ENCOSTADO AO MURO. FONTE: J.C. PADRÃO, 1967. 99
FIGURA 24: INTERIOR DA IGREJA MATRIZ DE CACELA. FONTE: J.C. PADRÃO, 1967. 100
FIGURA 25: PLANTA DA FORTALEZA DE CACELA DESENHADA POR JOSÉ DE SANDE VASCONCELOS..... 101
FIGURA 26: EXCERTO DA PLANTA DA FORTALEZA DE CACELA DA AUTORIA DE ALEXANDRE MASSAII, 1621. FONTE: MUSEU DA CIDADE, LISBOA 102
FIGURA 27: FORTALEZA DE CACELA. FONTE: J.C. PADRÃO, 1967. 103
FIGURA 28: CASA PAROQUIAL E CISTERNA. FONTE: J.C. PADRÃO, 1967 104
FIGURA 29: FACHADA SUL DA CASA PAROQUIAL. FONTE:J.C. PADRÃO, 1967. 104
FIGURA 30: NO LADO DIREITO, MURO DE LOGRADOURO DA CASA PAROQUIAL, LADEADO POR APARELHOS DE PEDRA. FONTE: J. C. PADRÃO, 1967. 105
FIGURA 31: PORMENOR DOS APARELHOS DE PEDRA EXISTENTES ENTRE O CEMITÉRIO ANTIGO E CASA PAROQUIAL. FONTE: J. C. PADRÃO, 1967 E C. GARCIA, 2002. 105
FIGURA 32: CASA DA CÂMARA DO SÉCULO XVI. FOTOGRAFIA EM 1998 E FOTOGRAFIA DE J.C. PADRÃO EM 1967. 106
FIGURA 33: PLANTA E ALÇADO DA CISTERNA, DESENHADA EM 1877 POR ESTÁCIO DA VEIGA. 107
FIGURA 34: SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NO LARGO DA FORTALEZA DE CACELA NOS ANOS DE 2004 E 2007 108
FIGURA 35: ESTRATIGRAFIA HISTÓRICA DO LARGO DA FORTALEZA, CACELA-A-VELHA. 110
FIGURA 36: LARGO DA FORTALEZA E MURALHA NASCENTE (2001-2007) 111
FIGURA 37: MURO E4 NO SECTOR SUL, A SER ALVO DE LIMPEZA, ENCOSTA A E1 E ASSENTA NO SUSTRATO ROCHOSO. A NORTE, E4 FOI CORTADO PELO E5. LARGO DA FORTALEZA, 2007. 113
FIGURA 38: MURO E4 ENCOSTA A E1 E SILO 3. LARGO DA FORTALEZA, 2007. 114
FIGURA 39: MURO E7 DELIMITAVA O LIMITE NASCENTE DA PLATAFORMA SUPERIOR. 115
FIGURA 40: FRAGMENTOS DE ESTUQUE PINTADO CAÍDO DA PAREDE E7. LARGO DA FORTALEZA 115
FIGURA 41: TALUDE APÓS A ESCAVAÇÃO COM UE55 AO FUNDO, 2007. LARGO DA FORTALEZA, 2007. 116
FIGURA 42: ESTRUTURA DE CONDUÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS, UE55, 2005. LARGO DA FORTALEZA, 2007. 117
FIGURA 43: INÍCIO DA ESCAVAÇÃO DO TALUDE NA ZONA NORTE DO LARGO DA FORTALEZA, 2007. 118
FIGURA 44: SECTOR SUL DO LARGO DA FORTALEZA, ENCOSTADO À FORTALEZA SETECENTISTA. 119
FIGURA 45: CAMADAS DE REBOCO NA FACE NASCENTE DO MURO E11 119
FIGURA 46: MUROS E1, E3 E E9 CORTADOS E COBERTOS POR UMA CAMADA DE ARGAMASSA. LARGO DA FORTALEZA, 2007. 120
FIGURA 47: NÍVEL DE ÉPOCA MODERNA, COMPOSTO POR MURO E2 E PAVIMENTO UE20. LARGO DA FORTALEZA, 2007. 122

FIGURA 48: CORTE DD' COM A SEGUINTE ESTRATIGRAFIA (DE CIMA PARA BAIXO): SUPERFICIAL UE03, ATERROS UE40 E 45, ABANDONO UE56 E CANALIZAÇÃO UE55. LARGO DA FORTALEZA, 2007. 123
FIGURA 49: MURO E13 SOB MURALHA DA FORTALEZA DO SÉCULO XVIII. LARGO DA FORTALEZA, 2004.... 124
FIGURA 50: MURO E19 SOB ALÇADO NORTE DA FORTALEZA SETECENTISTA. LARGO DA FORTALEZA, 2004. 125
FIGURA 51: ESTRUTURA DE ARGAMASSA COMPACTA E18. LARGO DA FORTALEZA, 2004. 126
FIGURA 52: MURO E21 E PAVIMENTO UE4_05 NO INTERIOR DA FORTALEZA, 2004. 127
FIGURA 53: SILO 1 ANTES E APÓS A ESCAVAÇÃO. LARGO DA FORTALEZA, 2007. 128
FIGURA 54: SILO 2 E CAMADA FINA DE CAL (UE38). LARGO DA FORTALEZA, 2007. 128
FIGURA 55: SILOS 3 E 7 ENCONTRADOS NO LARGO DA FORTALEZA, 2007..... 129
FIGURA 56: FRAGMENTO CALCÁRIO DECORADO EM BAIXO-RELEVO. ALT. 65MM (CC/TB). 130
FIGURA 57: DIFERENTES MOMENTOS DE ESCAVAÇÃO DO SILO 4. LARGO DA FORTALEZA, 2007. 130
FIGURA 58: ESCAVAÇÃO DO SILO 7, APÓS TER SIDO PROTEGIDO COM TÁBUAS DE PINHO. LARGO DA FORTALEZA, 2007..... 132
FIGURA 59: O SILO 9 ESTAVA SOB A MURALHA NOROESTE DA FORTALEZA E APARENTAVA TER SIDO REMEXIDO. PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DO SILO ESCAVADO POR ESTÁCIO DA VEIGA EM 1877. FONTE: SANTOS, 1971: 311. 133
FIGURA 60: VISTA GERAL DA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO LARGO DA FORTALEZA EM 2007..... 135
FIGURA 61: GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE MOLUSCOS NOS NÍVEIS DE ABANDONO DE ÉPOCA MEDIEVAL DO LARGO DA FORTALEZA. FONTE: VALENTE *ET AL*, 2013. 138
FIGURA 62: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE MOLUSCOS NOS SILOS DO LARGO DA FORTALEZA. FONTE: VALENTE *ET AL*, 2013. 139
FIGURA 63: GRÁFICO COMPARATIVO DO PESO DOS MOLUSCOS RECOLHIDOS NO LARGO DA FORTALEZA.141
FIGURA 64: GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA CERÂMICA DO LARGO DA FORTALEZA..... 143
FIGURA 65: DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL DOS UTENSÍLIOS CERÂMICOS DO 144
FIGURA 66: LARGO DA FORTALEZA. 1- BORDO DE TALHA ESTAMPILHADA COM MOTIVOS GEOMÉTRICOS SOB VIDRADO VERDE. REF.CV/FC/07/809 (UE58). Ø BOCA 228MM (CC/TB). 2- FRAGMENTO DE TALHA ESTAMPILHADA DE FORMA AMENDOADA. REF.CV/FC/07/1110 (UE63) (CC/TB). 3- CANTIL. REF.CV/FC/07/397 (UE29) (CC). 145
FIGURA 67- LARGO DA FORTALEZA. 1- CÂNTARO (VARIANTE 3). REF. CV/FC/07/1090 (UE58). Ø BOCA 100MM. 2- FRAGMENTOS DE POTE VIDRADO ESVERDEADO COM CANELURAS. REF. CV/FC/07/1111 (UE63). 146
FIGURA 68: LARGO DA FORTALEZA. PANELAS DE COLO TRONCOCÓNICO (VARIANTE 2) DE PASTA ALARANJADA. REF. CV/FC/07/835 (UE63), PINTADA COM LINHAS DE CÔR BRANCA. Ø BOCA 88MM (CC); REF. CV/FC/07/836 (UE63) COM SUPERFÍCIE EXTERIOR PINTADA DE CINZENTO E LINHAS DE CÔR BRANCA. Ø BOCA 100MM (CC). 147

FIGURA 69: LARGO DA FORTALEZA. PROVÁVEL PANELA DE CORPO GLOBULAR E COLO CONVEXO (VARIANTE 3) DE PASTA ALARANJADA E PINTURA COM LINHAS DE CÔR BRANCA. REF. CV/FC/07/951 (UE63) (CC). 148
FIGURA 70: LARGO DA FORTALEZA. TIGELA CARENADA DE VIDRADO MELADO COM PINTURA EM MANGANÊS 149
FIGURA 71: LARGO DA FORTALEZA. TIGELAS DE VIDRADO MELADO COM PINTURA DE LINHAS SECANTES EM MANGANÊS. A PEÇA CV/FC/07/659 DE LIGEIRA CARENA INTEGRA A VARIANTE 2 DA TIPOLOGIA CACELENSE. Ø BOCA 188MM (CC). 150
FIGURA 72: LARGO DA FORTALEZA. JARRINHA DE COLO CILÍNDRICO ESTREITO (VARIANTE 1), DECORADA COM FAIXA DE INCISÕES FEITAS POSSIVELMENTE COM PUNÇÃO. Ø BASE 53MM. REF. CV/FC/07/832 (UE29) (CC/TB). 151
FIGURA 73: LARGO DA FORTALEZA. COPO COM REVESTIMENTO DE CÔR BRANCA. REF. CV/FC/07/1045. Ø BASE 68MM. 152
FIGURA 74: LARGO DA FORTALEZA. CANDEIA DE PÉ ALTO DE PASTA VIDRADA DE MELADO ESCURO. TEM DEFEITO DE FABRICO NO PÉ. ALT. 78MM. REF CV/FC/07/1107 (CC). 153
FIGURA 75: LARGO DA FORTALEZA. CANDEIA DE PASTA ALARANJADA VIDRADA DE VERDE. APRESENTA SINAIS DE USO INTENSIVO E VIDRADO DETERIORADO. REF. CV/FC/07/1039 (CC). 153
FIGURA 76: LARGO DA FORTALEZA. TAMPA HEMISFÉRICA DE PASTA ALARANJADA REVESTIDA POR VIDRADO MELADO E DECORADA COM TEMA GEOMÉTRICO EM MANGANÊS. Ø 163MM (CC). 154
FIGURA 77: LARGO DA FORTALEZA. TAMPA HEMISFÉRICA EM VIDRADO VERDE, DECORADA COM INCISÕES. REF. CV/FC/07/1105. Ø BOCA 186MM (CC/TB). 155
FIGURA 78: LARGO DA FORTALEZA. FRAGMENTO DE VASO VIDRADO VERDE. 156
FIGURA 79: LARGO DA FORTALEZA. VASO CILÍNDRICO DECORADO EM CORDA SECA TOTAL. CV/FC/07/1106 (UE63). Ø BOCA 250MM (CC/TB). 157
FIGURA 80: LARGO DA FORTALEZA. PEQUENO VASO DE PASTA ALARANJADA ALISADA (UE63). 158
FIGURA 81: LARGO DA FORTALEZA. TRÍPODE DE PASTA ALARANJADA CLARA COM TRÊS APLICAÇÕES PLÁSTICAS VERTICAIS (UE63). Ø BASE 200MM (CC). 158
FIGURA 82: LARGO DA FORTALEZA. MINIATURA DE POTE. 159
FIGURA 83: VISTA GERAL DA SONDAGEM REALIZADA NO BALUARTE SUDOESTE, 2004. 160
FIGURA 84 ..... **ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.**
FIGURA 85: BALUARTE SUDOESTE, 2004. MURALHA E10 E LIGAÇÃO AO TORREÃO E12. 162
FIGURA 86: BALUARTE SUDOESTE, 2004. TORREÃO E12. 163
FIGURA 87: BALUARTE SUDOESTE, 2004. VISTA DOS PAVIMENTOS UE1_12 E 13. À ESQUERDA LOCALIZAVAM-SE AS UE1_21, 22 E 23. A MURALHA E10 AFLORA NO LADO DIREITO. 164
FIGURA 88: JAZIGO DE JOSÉ GIL CARDEIRA DE 1850 NO CEMITÉRIO ANTIGO. 166
FIGURA 89: ESCAVAÇÃO DA QUADRÍCULA A. CEMITÉRIO ANTIGO, 1998. 167
FIGURA 90: QUADRÍCULA A NO FINAL DA INTERVENÇÃO. CEMITÉRIO ANTIGO, 1998. 168
FIGURA 91: FACHADA OESTE DO CEMITÉRIO ANTIGO. FONTE: J.C. PADRÃO, 1967 168

FIGURA 92: CEMITÉRIO ANTIGO, 1998. 1-PANELA DE PASTA AVERMELHADA DECORADA COM CANELURAS (VARIANTE 1). Ø BOCA 190MM (CC). 2-PANELA DE PASTA AVERMELHADA COM INTERIOR VIDRADOMELADO E ESCORRIMENTO NO EXTERIOR (VARIANTE 1). Ø BOCA 106MM (CC). 3- PANELA DE PASTA AVERMELHADA E DECORAÇÃO DE CÔR BRANCA (VARIANTE 1). Ø BOCA 138MM (CC). 169
FIGURA 93: TALHA DE PASTA BRANCA VIDRADA DE VERDE E ESTAMPILHADA. 170
FIGURA 94: ZONA NASCENTE DE CACELA-A-VELHA ANTES DA INTERVENÇÃO DE RESTAURO E REABILITAÇÃO, 1998. 171
FIGURA 95: APARELHO DE PEDRA SOB O EMBASAMENTO DA ESTRUTURA EM TAIPA DO SÉCULO XVI. MURALHA NASCENTE, 2000. 171
FIGURA 96: CALÇADA LOCALIZADA SOB O MURO DE TAIPA. MURALHA NASCENTE, 2000. 172
FIGURA 97: CAMINHO E ESCADARIA DE ACESSO AO CASTELO, SEPARADOS POR PAREDE DE TAIPA. VISÍVEL PROVÁVEL ENCAIXE DE PORTÃO. MURALHA NASCENTE, 2001. 173
FIGURA 98: MURALHA NASCENTE, 2004. EMBASAMENTO DO CORPO DA FORTALEZA, IDENTIFICANDO-SE QUATRO DEGRAUS. 174
FIGURA 99: MURALHA NASCENTE, 2004. DETALHE DO APARELHO PÉTREO E TROÇO DE TAIPA SITUADOS NO FLANCO ORIENTAL DA FORTALEZA. 174
FIGURA 100: MURALHA NASCENTE, 2004. PORTA LATERAL DA 174
FIGURA 101: MURALHA NASCENTE, 2004. PORTA LATERAL DA FORTALEZA VISTA DO INTERIOR. 175
FIGURA 102: PAVIMENTO DE SEIXOS COM MOLDURA ENCONTRADA NO DECORRER DA OBRA DE DRENAGEM REALIZADA NA FALÉSIA EM 1998. 176
FIGURA 103: ARRIBA SUL DE CACELA-A-VELHA, SENDO VISÍVEL ALGUNS BLOCOS ARGAMASSADOS E TROÇO DE MURO JUNTO DA FACHADA SUL DO BALUARTE, 1998. 177
FIGURA 104: MURALHA NORDESTE DE CACELA-A-VELHA. FONTE: J. C. PADRÃO, 1967. 178
FIGURA 105: MURALHA NOROESTE DE CACELA-A-VELHA. FONTE: J. C. PADRÃO, 1967. 179
FIGURA 106. ..... **ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.**
FIGURA 107: MURALHA NORDESTE DE CACELA-A-VELHA. R. GONÇALVES, 2007. 181
FIGURA 108: FACE NORTE DA MURALHA NORDESTE, 2004. 181
FIGURA 109: FACE SUL DA MURALHA NORDESTE. R. GONÇALVES, 2007. 182
FIGURA 110: CONSTRUÇÕES LOCALIZADAS NO INTERIOR DA ALCÁÇOVA. A. VALINHO, 2007. 183
FIGURA 111: TROÇO DA MURALHA NORTE (E13), SOBRE A QUAL ASSENTAVA PAREDE DE TAIPA (UE10_4). VISÍVEL NO LADO DIREITO, O BLOCO DE ARGAMASSA DE CAL (UE10_17). FONTE: ALMEIDA E MARQUES, 2010: 9. 184
FIGURA 112: PAREDE DE TAIPA SITUADA NO SECTOR DA MURALHA NORTE (UE408 A E B). FONTE: ALMEIDA E MARQUES, 2010: 32. 185
FIGURA 113: MURO DE PEDRA (UE513). FONTE: ALMEIDA E MARQUES, 2010: 38. 186
FIGURA 114. ..... **ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.**
FIGURA 115. ..... **ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.**
FIGURA 116: ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO BAIRRO DO POÇO ANTIGO 196

FIGURA 117: PLANTA ARQUEOLÓGICA DO BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO, CACELA-A-VELHA..... 199
FIGURA 118: ENTRADA ENTAIPADA DA CASA I 203
FIGURA 119: PÁTIO DA CASA I COM FUSTE DE COLUNA, COLO DE TALHA E SEPULTURA CRISTÃ 204
FIGURA 120: COBERTURA E LAREIRA DA COZINHA DA CASA I 205
FIGURA 121: SOLEIRA DE PASSAGEM ENTRE O SALÃO E O PÁTIO. REBOCO EXTERIOR DA CASA I. 206
FIGURA 122: MURO POENTE DO SALÃO DA CASA I 206
FIGURA 123: FOSSA OBLONGA E DESPEJO DE CINZAS NA ZONA CENTRAL E RESTOS QUEIMADOS NA ZONA POENTE DO SALÃO DA CASA I 207
FIGURA 124: CASA 5N DA CIDADE DE SALTÉS (BAZZANA E BEDÍA, 2005: FIGURAS 161, 168) 208
FIGURA 125: REVESTIMENTO DE PAREDE DE ARGAMASSA DE CAL DEPOSITADO SOBRE PAVIMENTO DO PÁTIO DA CASA II E LAREIRA DA COZINHA 210
FIGURA 126: MÓ CALCÁRIA ENCONTRADA NA COZINHA DA CASA II. 211
FIGURA 127: COMPARTIMENTO DA CASA II 212
FIGURA 128: BARROTE DE MADEIRA VISÍVEL NO MEIO DOS DERRUBES DA CASA II 213
FIGURA 129: RUA POENTE COM CANALIZAÇÃO E SOLEIRA DA ENTRADA DA CASA III. 214
FIGURA 130: REVESTIMENTO EM ARGAMASSA DO PARAMENTO SUL DO COMPARTIMENTO DA CASA III. 214
FIGURA 131: CAMADA DE AREIA FOSSILIZADA SOBRE DERRUBES DO COMPARTIMENTO DA CASA III. OSSÁRIO LOCALIZADO ENTRE CASA III E ESTRUTURA IV 215
FIGURA 132: CONSTRUÇÃO IV DELIMITADA A NASCENTE POR MURO SEPARADOR (M11) DA CASA III 216
FIGURA 133: RUA POENTE E NÍVEL DE INCÊNDIO (UE21SP/01) VISÍVEL NO CORTE. 217
FIGURA 134: RUA NASCENTE 218
FIGURA 135: CORTE NORTE NA RUA POENTE. LADO OESTE EM CIMA, LADO ESTE EM BAIXO. 224
FIGURA 136: PREGOS TIPO 2, 3, 4 E 5 ENCONTRADOS NOS NÍVEIS DE ABANDONO 226
FIGURA 137: GANCHO DE COBRE E FERROLHO DE PORTA ACHADOS NA COZINHA DA CASA I. 227
FIGURA 138: BRINCO COM CAMPÂNULA DE CACELA E BRINCO EM COBRE DE JIJONA (AZUAR, 1989: 204) 227
FIGURA 139: RELHA DE ARADO E AGULHA DE PESCA (UE35/98) ENCONTRADOS NO SALÃO E COZINHA DA CASA I 228
FIGURA 140: FRAGMENTOS DE CABO DE FACA DECORADO COM LINHAS INCISAS E TORRES DE ROCA 228
FIGURA 141: PONTAS DE FUSO ENCONTRADAS NAS CASAS I E II 228
FIGURA 142: ELEMENTOS DE FIVELA (72P/01) E DE COLAR (67P/01) 229
FIGURA 143: HIPOTÉTICO MOLDE DE FUNDIÇÃO (79P/01) E PEDRA TALLHADA (90P/01) 230
FIGURA 144: VÉRTEBRAS DE PEIXE (99P/01) DE CACELA E PONTA DE FUSO E ANEL DE AJUSTE DE VÉRTEBRA ENCONTRADOS EM SALTÉS (BAZZANA E BEDIA, 2005: 342). 230
FIGURA 145: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA FAUNA DOS NÍVEIS DE ABANDONO DO POÇO ANTIGO 231
FIGURA 146: NÍVEIS DE AREIAS DEPOSITADOS SOBRE DERRUBES DAS CONSTRUÇÕES ISLÂMICAS 235
FIGURA 147: NÍVEL DE AREIAS SOLTAS COM TALHA ESTAMPILHADA E SEPULTURA 43 237
FIGURA 148: NÍVEL DE AREIAS FOSSILIZADAS E AREIAS SOLTAS NA ZONA DA CASA I. 238
FIGURA 149: PREGOS TIPO 2 E 4, NÍVEIS ARENOSOS. 239

FIGURA 150: FERROLHO (46P/01) E ASA (198C/01), DOBRADIÇA (123P/01) E TEMPEREIRO (17NSTE/01).. 240
FIGURA 151: PONTAS DE FUSO ENCONTRADAS EM NÍVEIS ARENOSOS 240
FIGURA 152: FIVELA DE ARO RECTANGULAR (23P/01) E ANZÓIS (20NSTE/01). 241
FIGURA 153: CONTAS DE COLAR E PLAQUETA DE OSSO ENCONTRADOS NOS NÍVEIS ARENOSOS. 241
FIGURA 154: COSSOIROS DE CACELA (93P/01) E DE SALTÉS (BAZZANA E BEDIA, 2005: 332)..... 242
FIGURA 155: CABO DE FACA (193C/01) E PONTA DE FUSO (05C/01) 242
FIGURA 156: TORRES DE ROCA DE CACELA (5SC/01, 35P/01) E PEÇAS DO..... 243
FIGURA 157: FAUNA DOS NÍVEIS ARENOSOS DO POÇO ANTIGO..... 243
FIGURA 158: QUADRO PERCENTUAL DOS ACHADOS FAUNÍSTICOS DO POÇO ANTIGO 244
FIGURA 159: DISTRIBUIÇÃO TIPOLÓGICA DAS CERÂMICAS POR NÍVEIS HISTÓRICOS NO POÇO ANTIGO 246
FIGURA 160: DISTRIBUIÇÃO DE FORMAS FUNCIONAIS POR NÍVEIS HISTÓRICOS NO POÇO ANTIGO. 246
FIGURA 161: CLASSIFICAÇÃO TIPOLÓGICA E FUNCIONAL DAS CERÂMICAS DO POÇO ANTIGO 247
FIGURA 162: DISTRIBUIÇÃO DE PASTAS E CERÂMICA DOMÉSTICA DO POÇO ANTIGO 248
FIGURA 163: TALHAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 1*: 1-REF. CV/PA/98/31/919 DE PASTA ALARANJADA CLARA. Ø 290MM. ALT. 172MM. 2-CV/PA/01/47/2641 DE PASTA BEGE. Ø BOCA 240MM; ESP. 19MM. 3- CV/PA/01/52/2652 DE PASTA BRANCA E ENGOBADO BRANCO. ESP. 21MM. 4-CV/PA/01/52/2651 DE PASTA BEGE. ESP. 22MM. 5- CV/PA/01/2/2980 DE PASTA ALARANJADA CLARA. ESP. 21MM. 6- CV/PA/98/13/1185 DE PASTA ALARANJADA CLARA. ESP. 23MM. 7-CV/PA/01/52/2706 DE PASTA BRANCA E ENGOBADO BRANCO. ESP. 19MM. DESENHOS: PD, CT, RF. 250
FIGURA 164: TALHAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 2*: 1-REF. CV/PA/01/5/422 DE PASTA BEGE E DECORAÇÃO GEOMÉTRICA E MOTIVO EPIGRÁFICO CÚFICO. ESP. 23MM (TB/CC). 2-CV/PA/01/34/576 DE PASTA BRANCA E ESTAMPILHADO VEGETALISTA E EM ESPINHA. ESP. 19MM (TB/CC). 3-CV/PA/98/18/1233 DE PASTA ALARANJADA CLARA E DECORAÇÃO COM ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS. ESP. 21MM (CC). 4- CV/PA/01/6/3430 DE PASTA ALARANJADA CLARA. ESP. 18MM (TB/CC). 252
FIGURA 165: 1- TALHAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 2*: 1-CV/PA/01/2/3132 DE PASTA BEGE E ESTAMPILHADO DE LOSANGOS GEMINADOS. ESP. 15MM (TB/CC). 2- CV/PA/01/52/2663 DE PASTA ALARANJADA CLARA, ENGOBE BRANCO E VIDRADO SOBRE ESTAMPILHADO DE FLOR DE OITO PÉTALAS. Ø 310MM. ESP. 12MM (PD/RF). 253
FIGURA 166: POTES DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 1*. 1-REF. CV/PA/98/12/808 DE PASTA ALARANJADA CLARA. Ø 85MM. ALT. 150MM (PD/CT). *VARIANTE 2*. 2-CV/PA/01/5/5000 DE PASTA ALARANJADA. Ø BOCA 120MM. ALT. 92MM (PD/CT). 255
FIGURA 167: POTES DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 3*. 1-CV/PA/98/3/921 DE PASTA ALARANJADA. Ø 80MM (PD/CT); 2-CV/PA/01/2/4650 DE PASTA ALARANJADA. Ø 60MM (PD/CT). *VARIANTE 4*. 6-BORDO DE POTE; CV/PA/98/9/15 DE PASTA ALARANJADA. Ø 141MM (CC). 257
FIGURA 168: CÂNTAROS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 1*. 1-CV/PA/98/12/770 DE PASTA ALARANJADA. Ø 90MM. ALT: 205MM (CC); 2-IDEM CV/PA/98/12/913 DE PASTA ALARANJADA. Ø 850MM. ALT: 257MM (CC). 259

FIGURA 169: CÂNTAROS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 2*. 1-CV/PA/98/12/162, Ø 120MM (PD/CT); 2-CV/PA/01/4/3354, Ø 90MM (PD/CT); 3-CV/PA/01/44/2567 COM LINHAS DE CÔR BRANCA. Ø 140MM (PD/CT); 4-CV/PA/98/37/956 COM PINTURA DE LINHAS DE CÔR BRANCA. V*ARIANTE 4*. 5-CV/PA/01/2/322 COM PINTURA DE LINHAS BRANCAS. Ø 90MM (PD/RF); 6-IDEM CV/PA/01/39/2534 COM ENGOBE ALMAGRE E PINTURA DE CÔR BRANCA. Ø 100MM (PD/RF). 261

FIGURA 170: CÂNTAROS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 3*. 1-CV/PA/01/6/2291 DE PASTA ALARANJADA CLARA E ENGOBE BRANCO. Ø 90MM (PD/CT). 2-CV/PA/98/10/1018 DE PASTA ALARANJADA CLARA. Ø 100MM (PD/CT). 3- CV/PA/01/6/3435 DE PASTA BEGE, CORPO GLOBULAR, ENGOBE BRANCO DAS SUPERFÍCIES E PINTURA DIGITADA DE CÔR NEGRA SOBRE CANELURAS (PD/CT). 4-CV/PA/01/46/797 DE PASTA ALARANJADA CLARA. PINTURA VERMELHA SOBRE ENGOBE BRANCO. Ø 90MM (PD/RF). 5-CV/PA/01/48/927 DE PASTA ALARANJADA CLARA E AGUADA BRANCA EXTERIOR. Ø 110 MM (PD/CT). 262

FIGURA 171: PANELAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 1*. 1-REF. CV/PA/01/5/2048. Ø BOCA 100MM (PD/RF); 2- CV/PA/01/2/404. Ø 100MM (PD/CT); 3-CV/PA/01/13/3481. Ø 110MM (PD/CT). 4-CV/PA/01/6/3440 DE VIDRADO VERDE INTERIOR. Ø 100MM (PD/CT); 5-CV/PA/01/2/3053 COM PINTURA DE CÔR CINZENTA. Ø 100MM (PD/JV); 6-CV/PA/01/2/3070. Ø 100MM (PD/JV); 7-CV/PA/98/2/957. Ø 120MM (PD/RF); 8-CV/PA/98/2/974. Ø 90MM (PD/RF). 265

FIGURA 172: PANELAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 2.* 1-REF. CV/PA/98/24/556 DE PASTA VERMELHA DECORADA COM LINHAS INCISAS E PINTURAS DE CÔR BRANCA. Ø 130MM (PD/RF). 2-CV/PA/01/6/1336 DE PASTA ALARANJADA DECORADA COM LINHAS BRANCAS. Ø 90MM (PD/RF). *VARIANTE 3*. 3-CV/PA/01/57/1369. Ø 120MM (PD/RF). 4-CV/PA/01/2/3129. Ø 110MM (PD/CT)..... 266

FIGURA 173: CAÇOILA DE PASTA VERMELHA, VARIANTE 1. REF. CV/PA/98/5/81. Ø 320MM. ALT: 70MM (CC). 268

FIGURA 174: CAÇOILAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 1*. 1-CV/PA/98/16/546 DE PASTA VERMELHA (PD/CT). 2-CV/PA/01/2/3229. Ø 130MM (PD/CT). 3-CV/PA/01/34/616 DE PASTA ALARANJADA. Ø 150MM (PD/CT). *VARIANTE 5*. 4-CV/PA/01/13/3495 DE PASTA ALARANJADA. Ø 280MM (PD/CT). .. 269

FIGURA 175: CAÇOILAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 2*. 1-REF. CV/PA/01/2/2949 DE PASTA ALARANJADA COM LINHAS EXCISAS. Ø 270MM (PD/RF). 2-CV/PA/01/2/324 DE PASTA ALARANJADA, SEM ASAS. Ø 280MM (PD/CT). 3-CV/PA/01/2/4409 DE PASTA ALARANJADA. Ø 310MM (PD/CT); 4-CV/PA/01/6/462 DE PASTA ALARANJADA, COM CANELURAS. Ø 310MM (PD/CT). 5- CV/PA/01/2/3234. Ø 210MM (PD/CT)..... 270

FIGURA 176: CAÇOILAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 3*. 1-REF. CV/PA/98/2/928 DE PASTA VERMELHA E VIDRADO MELADO. Ø 185MM (PD/RF). 2-CV/PA/98/18/922 DE PASTA VERMELHA E VIDRADO MELADO. Ø 200MM (PD/CT). 271

FIGURA 177: CAÇOILAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 2*. 1-CV/PA/01/2/4396. Ø 250MM (PD/CT). 2-CV/PA/01/52/2666. Ø 230MM (PD/CT). *VARIANTE 4*. 3-CV/PA/98/16/527 DE PASTA VERMELHA (RA/CT). 4-CV/PA/01/2/3042. Ø 220MM (PD/RF). 5-CV/PA/01/6/464 DE PASTA VERMELHA COM

CANELURAS. Ø 260MM (PD/RF); 6-CV/PA/01/3/3268. Ø 240MM (PD/RF). 7-CV/PA/01/5/1996. Ø 190MM (PD/RF). 272
FIGURA 178: ALGUIDARES DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 1*: 1-REF. CV/PA/01/2/1270 DE PASTA ALARANJADA CLARA, ENGOBE BRANCO E CORDÃO INCISO NO LÁBIO. Ø 420MM. ALT: 100MM (PD/CT). 2-CV/PA/01/5/2022 DE PASTA ALARANJADA CLARA COM ENGOBE BRANCO. Ø 500MM. ALT: 142MM (PD/CT). 3-CV/PA/01/52/2683 DE PASTA ALARANJADA. Ø 554MM (PD/CT). 4-CV/PA/01/6/2252 DE PASTA ALARANJADA. Ø 510MM (PD/CT). 5- CV/PA/01/54/1212 DE PASTA ALARANJADA CLARA E CORDÃO INCISO JUNTO DA BASE. Ø 540MM. ALT: 155MM (PD/CT). 276
FIGURA 179: ALGUIDARES DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 2*: 1-REF. CV/PA/01/14/2364 DE PASTA ALARANJADA CLARA. Ø BOCA 526MM. ALT: 100MM (PD/CT); 2-CV/PA/01/2/2957 DE PASTA ALARANJADA CLARA (PD/CT); 3- CV/PA/01/2/3201 DE PASTA ALARANJADA CLARA (PD/CT); 4-CV/PA/01/6/3443 DE PASTA VERMELHA (PD/CT). *VARIANTE 3:* 5-CV/PA/98/16/751 DE PASTA ALARANJADA. Ø 460MM (PD/CT). *VARIANTE 4*. 6-CV/PA/01/55/1277 DE PASTA ALARANJADA. Ø 268MM (PD/CT). 277
FIGURA 180: ALGUIDARES DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 5:* CV/PA/98/2/66 DE PASTA ALARANJADA, DECORAÇÃO DE LINHAS INCISAS. Ø 300MM (PD/CT). 278
FIGURA 181: MALGAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 1*: 1-REF. CV/PA/01/24/2447 DE PASTA VERMELHA. Ø 140MM (PD/RF). 2- CV/PA/01/2/2968. Ø 220MM; ALT: 210MM (PD/RF) 3-CV/PA/01/6/2256 DE PASTA ALARANJADA. Ø 160MM (PD/RF). 4- CV/PA/01/52/2723 DE PASTA ALARANJADA. Ø 180MM (PD/RF). 5-CV/PA/01/2/1880. Ø 200MM (PD/RF). 6-CV/PA/01/49/961. Ø 200MM (PD/RF). *VARIANTE 2:* 7-CV/PA/98/12/292 DE PASTA VERMELHA. Ø 210 MM (PD/RF). 8-CV/PA/01/4/3315 DE PASTA ALARANJADA. Ø 150MM (PD/RF)..... 280
FIGURA 182: TIGELA DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE* 1: 1-CV/PA/98/5/748 DE PASTA BRANCA, VIDRADO VERDE, DUAS BANDAS INCISAS COM ESTAMPILHAS CIRCULARES E VEGETALISTAS. Ø 3950MM. ALT: 135MM (PD/RF)..... 283
FIGURA 183: TIGELAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE* 1: 1-CV/PA/98/2/1327 DE PASTA VERMELHA E VIDRADO MELADO COM MANCHAS VERDES. Ø 340MM (PD/RF) 2-CV/PA/01/6/3441 DE PASTA ALARANJADA E VIDRADO MELADO. Ø 225MM (PD/CT) 3-CV/PA/01/5/4532 DE PASTA ALARANJADA, VIDRADO MELADO E DECORAÇÃO EPIGRÁFICA EM MANGANÊS; Ø BASE 130MM (PD/CT). 4-CV/PA/01/29/2464 COM DECORAÇÃO EM MANGANÊS (PD/CT); 5-CV/PA/01/2/1905 DE PASTA ALARANJADA COM DECORAÇÃO EM MANGANÊS. Ø 260MM (PD/RF). 284
FIGURA 184: TIGELAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 2*: 1-CV/PA/98/5/55 DE PASTA ALARANJADA E VIDRADO MELADO. Ø 210MM (PD/RF) 2-CV/PA/01/2/2995. Ø 210MM (PD/CT). 3-CV/PA/98/9/927 DE PASTA ALARANJADA VIDRADA COM PINGOS DE MANGANÊS. Ø 170MM (PD/CT). *VARIANTE 3*. 4-CV/PA/01/2/407 DE PASTA BEGE, VIDRADO MELADO E MANGANÊS (PD/CT). 5-CV/PA/01/31/2483 COM DECORAÇÃO EM MANGANÊS (PD/CT)..... 286
FIGURA 185: TIGELAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 4*: 1-REF. CV/PA/01/34/2521 COM LINHAS SECANTES EM MANGANÉS (PD/CT). 2-CV/PA/01/5/2079 COM DECORAÇÃO A MANGANÉS (PD/CT).287

FIGURA 186: TIGELAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 4*: 1- CV/PA/98/3/97 DE PASTA VERMELHA, VIDRADO CASTANHO ESVERDEADO E FRISO CIRCULAR COM ESTAMPILHAS VEGETALISTAS (CC). 2-CV/PA/01/31/2476 DE PASTA VERMELHA, VIDRADO MELADO E DECORAÇÃO EM MANGANÉS (PD/RF). 3-CV/PA/98/2/935 DE VIDRADO MELADO E VERDE COM LINHAS SECANTES DE MANGANÊS Ø BASE 80MM (PD/CT). 4-CV/PA/01/2/3005 DE PASTA ALARANJADA COM DECORAÇÃO RARA DE SALPICOS DE MANGANÊS. Ø 170MM (PD/RF). 288

FIGURA 187: JARRAS E JARRINHAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 1*. 1-REF. CV/PA/98/16/795 DE PASTA ALARANJADA E LINHAS INCISAS. Ø BOCA 90MM. ALT: 153MM (PD/CT). 2-JARRINHA CV/PA/01/5/2033 COM LINHA INCISA E PINTURA BRANCA RETICULAR (PD/CT). 3-CV/PA/01/3/5090 DE PASTA ALARANJADA (PD/CT). 4- CV/PA/98/2/1089 DE PASTA ALARANJADA, DECORADA COM LINHAS DIGITAIS DE CÔR BRANCA. Ø BASE 70MM (PD/CT). 5-CV/PA/01/4/3424. Ø BASE 70MM (PD/CT). ... 290

FIGURA 188: JARRAS E JARRINHAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 1*. 1-CV/PA/01/47/2635. Ø BOCA 100MM (PD/CT). 2-CV/PA/98/13/1008. Ø BOCA 100MM (PD/CT). 291

FIGURA 189: JARRAS E JARRINHAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 2*: 1- CV/PA/98/1092 COM ENGOBE BRANCO SOBRE CANELURAS. RESTOS DE ARGAMASSA DE CAL NAS PAREDES INTERIORES. Ø BASE 95MM (PD/CT). *VARIANTE 3*: 2- REF. CV/PA/01/1972 (PD/CT). 3- CV/PA/01/2676. Ø BASE 40MM (PD/CT). 4- CV/PA/98/1388. Ø BOCA 100MM (PD/CT). *VARIANTE 4*: 5- REF. CV/PA/98/58 DE PASTA ALARANJADA CLARA E ENGOBE BRANCO. Ø 160MM (PD/CT). 292

FIGURA 190: JARRAS E JARRINHAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 5*: JARRA CV/PA/98/5/691 DE PASTA BEGE E ALARANJADA CLARA, ENGOBE BRANCO E POSSÍVEL REPRESENTAÇÃO DO CORDÃO DA ETERNIDADE EM CORDA SECA PARCIAL, QUE NÃO RESULTOU BEM NO PROCESSO DE COZEDURA. Ø BASE 82MM. ALT. 178MM (PD/CT). 293

FIGURA 191: JARROS E JARRINHOS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 1*: 1-JARRINHO CV/PA/98/2/67 DE PASTA ALARANJADA COM ENGOBE CINZENTO E LINHAS BRANCAS. Ø BOCA 106MM (CC). *VARIANTE 2:* 2-JARRO CV/PA/98/2/940 DE PASTA ALARANJADA E ENGOBE CINZENTO. Ø 90 MM (PD/CT). *VARIANTE 3*: 3- JARRO CV/PA/01/2/3144 DE PASTA ALARANJADA, DECORADA COM PINTURA DE CÔR BRANCA E CANELURAS. Ø 140MM (PD/CT). 295

FIGURA 192: JARROS E JARRINHOS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 3*: 1-JARRO CV/PA/01/5/2058. Ø 130MM (PD/CT). 2-VERTEDORES DE JARROS CV/PA/01/4/3423 E CV/PA/01/4/3406 DE PASTA BEGE COM ENGOBE BRANCO E VIDRADO MELADO (ESTE COM DECORAÇÃO EM MANGANÊS). 296

FIGURA 193: BILHAS DO POÇO ANTIGO, CACELA. *VARIANTE 1*: 1-CV/PA/01/4/3329 DE PASTA VERMELHA Ø 40MM (PD/CT). *VARIANTE 2*: 2-CV/PA/98/3/1020 DE PASTA VERMELHA. 297

FIGURA 194: CONTENTORES DE LUME DO POÇO ANTIGO, CACELA. 1-CANDIL CV/PA/01/2/3710 DE PASTA ALARANJADA CLARA COM ENGOBE BRANCO E DECORAÇÃO EM CORDA SECA PARCIAL (PD/CT). 2-CANDIL CV/PA/01/14/2334 DE PASTA BRANCA E DECORAÇÃO EM CORDA SECA PARCIAL; 3- PRATO DE CANDEIA DE PÉ CV/PA/01/5/2111 DE PASTA ALARANJADA; 299

FIGURA 195: CONTENTORES DE LUME DO POÇO ANTIGO, CACELA. 1-CANDEIA CV/PA/98/9/925 DE PASTA ALARANJADA E VIDRADO MELADO (PD/CT); 2-CANDEIA DE PÉ ALTO CV/PA/98/16/779 DE PASTA BRANCA E VIDRADO VERDE. Ø BASE 120MM. ALT: 104MM (PD/CT). 300
FIGURA 196: CONTENTORES DE LUME DO POÇO ANTIGO, CACELA. 1-FOGAREIRO CV/PA/01/46/795 DE PASTA ALARANJADA. Ø BASE 140 MM (PD/CT); 2-FOGAREIRO CV/PA/98/8/137 DE PASTA ALARANJADA. Ø BOCA: 260 MM (PD/RF). 301
FIGURA 197: OBJECTOS DE USO DOMÉSTICO DO POÇO ANTIGO, CACELA. 1-TESTO CV/PA/98/13/1006 DE PASTA ALARANJADA. Ø BASE 52MM (PD/CT). 2-TAMPA CV/PA/01/6/2220 DE PASTA BEGE E VIDRADO VERDE; 3-TESTO CV/PA/01/3/3252 DE PASTA BRANCA E ENGOBE BRANCO. Ø BASE 30MM (PD/RF). 4-POSSÍVEL VASO CV/PA/98/26/926 DE PASTA ALARANJADA. Ø 250MM (PD/CT). 303
FIGURA 198: OBJECTOS DE USO DOMÉSTICO DO POÇO ANTIGO, CACELA. 1-VASO CV/PA/98/18/920 DE PASTA ALARANJADA CLARA, VIDRADO VERDE SOBRE ESTAMPILHADO DE MOTIVO VEGETALISTA. Ø BASE 220MM (PD/JV). 2-PÉ DE PIVETEIRO CV/PA/01/4/3409 DE PASTA ALARANJADA, VIDRADO MELADO SOBRE DECORAÇÃO INCISA (PD/RF). 304
FIGURA 199: OBJECTOS DE USO LÚDICO E RITUAL DO POÇO ANTIGO, CACELA. 1-PEDRAS DE JOGO DE FORMA CIRCULAR, CV/PA/98/9/937 E CV/PA/98/9/938; 2-MINIATURA DE JARRO CV/PA/98/2/60 DE PASTA BRANCA E ENGOBE BRANCO COM PINGOS DE VIDRADO VERDE E CANELURAS. Ø 70 MM (PD/CT). 305
FIGURA 200: A CONQUISTA DOS TERRITÓRIOS DO SUL NOS SÉCULOS XII E XIII. FONTE: RUY DE AZEVEDO, 1937, ADAPTADO POR GARCIA, 1986. 313
FIGURA 201: AGLOMERAÇÃO DE OSSOS HUMANOS NA UE39SP/01 (REDUÇÃO 2), CORTANDO O PAVIMENTO DA ESTRUTURA IV 317
FIGURA 202: PLANTA ARQUEOLÓGICA DA NECRÓPOLE MEDIEVAL DE CACELA. 318
FIGURA 203: VISTA GERAL DO SECTOR CENTRAL DO POÇO ANTIGO, CACELA 319
FIGURA 204: SEPULTURA 14 EM BURACO ABERTO NO PAVIMENTO LAJEADO DA CASA I DO POÇO ANTIGO 320
FIGURA 205: SEPULTURAS 13 E 15 NO SECTOR POENTE DA NECRÓPOLE DO POÇO ANTIGO. 321
FIGURA 206: MURO COM SOLEIRA E SEPULTURAS 53, 55 E 56. 322
FIGURA 207: OCUPAÇÃO MEDIEVAL NO SECTOR POENTE E CAMADA DE INCÊNDIO (UE.21). 322
FIGURA 208: FOSSAS PARCIALMENTE DELIMITADAS DAS SEPULTURAS 22 E 49 324
FIGURA 209: TIPOLOGIA DE SEPULTURAS IDENTIFICADAS NO CONJUNTO EXUMADO 326
FIGURA 210: SEPULTURAS 52 E 43 DA NECRÓPOLE MEDIEVAL DO POÇO ANTIGO 327
FIGURA 211: SEPULTURAS 34 E 36 DA NECRÓPOLE MEDIEVAL DO POÇO ANTIGO 328
FIGURA 212: SEPULTURA 19 COM DUAS REDUÇÕES ASSOCIADAS. ARGOLAS EM COBRE COM TECIDO (136C/01; 124C/01) ENCONTRADAS JUNTO DA ANCA E PESCOÇO. 328
FIGURA 213: SEPULTURA 31 E À SUA DIREITA, A SEPULTURA 33. FORAM ENCONTRADAS SEIS ROSETAS METÁLICAS E UM PENDENTE EM COBRE (88NSTE/01) ASSOCIADOS À SEPULTURA 31. 329
FIGURA 214: SEPULTURA 39 DA NECRÓPOLE MEDIEVAL DE CACELA 331

FIGURA 215: CATEGORIZAÇÃO ETÁRIA DOS 58 INDIVÍDUOS ANALISADOS 333
FIGURA 216: DISTRIBUIÇÃO SEXUAL DA AMOSTRA ESQUELÉTICA PROVENIENTE DE CACELA VELHA 334
FIGURA 217: VALORES MÉDIOS DE ESTATURA DOS INDIVÍDUOS DO SEXO MASCULINO E FEMININO (CURATE, 2003) 336
FIGURA 218: RECONSTITUIÇÃO DO DELTA DO RIO GUADIANA NA ANTIGUIDADE. ESTÃO APENAS ASSINALADAS AS ILHAS E OS BANCOS ARENOSOS QUE TÊM MAIOR ALTIMETRIA OU COM VESTÍGIOS DA ÉPOCA ROMANA. 345
FIGURA 219: DETALHE DO SISTEMA LAGUNAR DO GUADIANA E ESTEIROS DE ACESSO AO MAR NO LADO ORIENTAL. FONTE: MAPA HIDROGRÁFICO DO ALGARVE, 1793. INSTITUTO GEOGRÁFICO E CADASTRAL. 346
FIGURA 220: A ESTE DO CABEÇO, A ZONA BAIXA ONDE PASSAVA A ANTIGA DEMARCAÇÃO DO LIMITE DO TERMO DE CACELA PODE TER CORRESPONDIDO A LINHA DE ÁGUA QUE LIGAVA O MAR AOS ESTEIROS DA JUDIA E ALVACETE. FONTE: CARTA TOPOPGRAPHICA DAS TERRAS INCULTAS E SAPAIS DO TERMO DA VILA DE SANTO ANTÓNIO DE ARENILHA, 1775. INSTITUTO GEOGRAFICO E CADASTRAL. 347
FIGURA 221: POVOAMENTO E PAISAGEM DE CACELA NA IDADE MÉDIA. 348
FIGURA 222: EXCERTO DE MAPA COM A BARRA NOVA DE TAVIRA E NÚMERO 4 QUE REPRESENTA UM CANAL PARALELO À COSTA COM A LEGENDA: “BARRA VELHA ENTULHADA”. FONTE: CONFIGURAÇÃO COROGRÁFICA DO REINO DO ALGARVE, 1786. INSTITUTO GEOGRAFICO E CADASTRAL. 349

A elaboração da Tese de Doutoramento intitulada

"Cacela-a-Velha no contexto da Actividade Marítima e Povoamento Rural do Sudoeste Peninsular nos séculos XII-XIV"

contou com o apoio da Bolsa com a Ref.ª SFRH/BD/60743/2009,

da Fundação para a Ciência e Tecnologia,

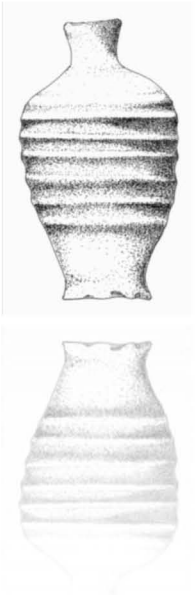
ao abrigo do Programa Operacional POPH, acção co-financiada pela FSE.

Faro, 20 de Dezembro de 2014

Departamento de Historia I

Cacela-a-Velha no contexto da Actividade Marítima e do Povoamento Rural do Sudoeste Peninsular nos séculos XII-XIV

ANEXOS



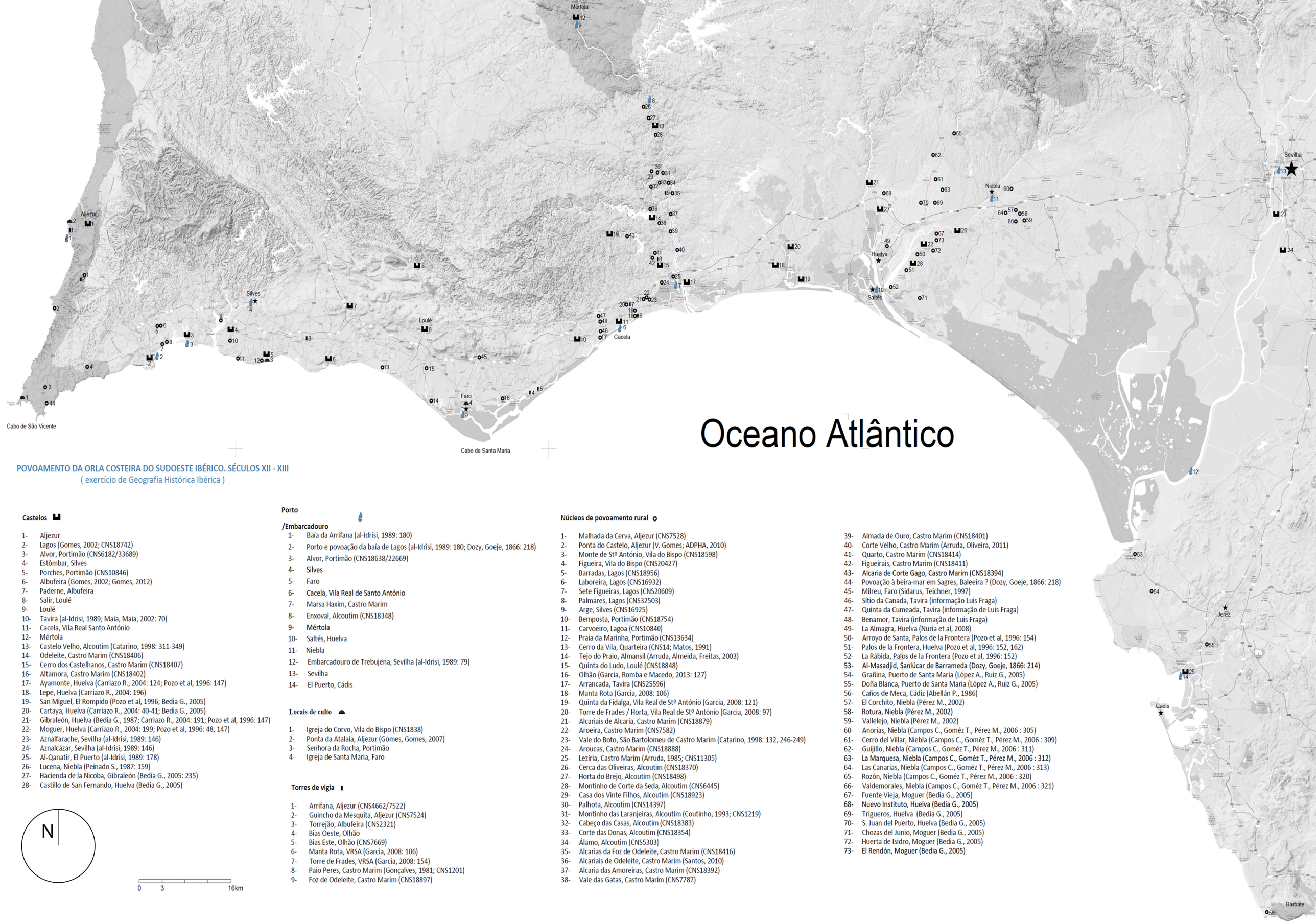
Memoria para optar al grado de doctor presentada por:

Cristina Alexandra Tété Garcia

Bajo la dirección:

Dr. Juan Manuel Campos Carrasco
Dr. Francisco Gómez Toscano

Huelva, 2015



POVOAMENTO DA ORLA COSTEIRA DO SUDOESTE IBÉRICO. SÉCULOS XII - XIII
(exercício de Geografia Histórica Ibérica)

Castelos

1- Aljezur
2- Lagos (Gomes, 2002; CNS18742)
3- Alvor, Portimão (CNS6182/33689)
4- Estômbar, Silves
5- Porches, Portimão (CNS10846)
6- Albufeira (Gomes, 2002; Gomes, 2012)
7- Paderne, Albufeira
8- Salir, Loulé
9- Loulé
10- Tavira (al-Idrisi, 1989; Maia, Maia, 2002: 70)
11- Cacela, Vila Real Santo António
12- Mértola
13- Castelo Velho, Alcoutim (Catarino, 1998: 311-349)
14- Odeleite, Castro Marim (CNS18406)
15- Cerro dos Castelhanos, Castro Marim (CNS18407)
16- Altamora, Castro Marim (CNS18402)
17- Ayamonte, Huelva (Carriazo R., 2004: 124; Pozo et al, 1996: 147)
18- Lepe, Huelva (Carriazo R., 2004: 196)
19- San Miguel, El Rompido (Pozo et al, 1996; Bedia G., 2005)
20- Cartaya, Huelva (Carriazo R., 2004: 40-41; Bedia G., 2005)
21- Gibraleón, Huelva (Bedia G., 1987; Carriazo R., 2004: 191; Pozo et al, 1996: 147)
22- Moguer, Huelva (Carriazo R., 2004: 199; Pozo et al, 1996: 48, 147)
23- Aznalfarache, Sevilha (al-Idrisi, 1989: 146)
24- Aznalcázar, Sevilha (al-Idrisi, 1989: 146)
25- Al-Qanatir, El Puerto (al-Idrisi, 1989: 178)
26- Lucena, Niebla (Peinado S., 1987: 159)
27- Hacienda de la Nicoba, Gibraleón (Bedia G., 2005: 235)
28- Castillo de San Fernando, Huelva (Bedia G., 2005)

N

0 3 16km

Porto /Embarcadouro

1- Baía da Arrifana (al-Idrisi, 1989: 180)
2- Porto e povoação da baía de Lagos (al-Idrisi, 1989: 180; Dozy, Goeje, 1866: 218)
3- Alvor, Portimão (CNS18638/22669)
4- Silves
5- Faro
6- Cacela, Vila Real de Santo António
7- Marsa Haxim, Castro Marim
8- Enxoval, Alcoutim (CNS18348)
9- Mértola
10- Saltés, Huelva
11- Niebla
12- Embarcadouro de Trebujena, Sevilha (al-Idrisi, 1989: 79)
13- Sevilha
14- El Puerto, Cádis

Locais de culto

1- Igreja do Corvo, Vila do Bispo (CNS1838)
2- Ponta da Atalaia, Aljezur (Gomes, Gomes, 2007)
3- Senhora da Rocha, Portimão
4- Igreja de Santa Maria, Faro

Torres de vigia

1- Arrifana, Aljezur (CNS4662/7522)
2- Guincho da Mesquita, Aljezur (CNS7524)
3- Torrejão, Albufeira (CNS2321)
4- Bias Oeste, Olhão
5- Bias Este, Olhão (CNS7669)
6- Manta Rota, VRSA (Garcia, 2008: 106)
7- Torre de Frades, VRSA (Garcia, 2008: 154)
8- Paio Peres, Castro Marim (Gonçalves, 1981; CNS1201)
9- Foz de Odeleite, Castro Marim (CNS18897)

Núcleos de povoamento rural

1- Malhada da Cerva, Aljezur (CNS7528)
2- Ponta do Castelo, Aljezur (V. Gomes; ADPHA, 2010)
3- Monte de Stº António, Vila do Bispo (CNS18598)
4- Figueira, Vila do Bispo (CNS20427)
5- Barradas, Lagos (CNS18956)
6- Laboreira, Lagos (CNS16932)
7- Sete Figueiras, Lagos (CNS20609)
8- Palmares, Lagos (CNS32503)
9- Arge, Silves (CNS16925)
10- Bemposta, Portimão (CNS18754)
11- Carvoeiro, Lagoa (CNS10840)
12- Praia da Marinha, Portimão (CNS13634)
13- Cerro da Vila, Quarteira (CNS14; Matos, 1991)
14- Tejo do Praio, Almansil (Arruda, Almeida, Freitas, 2003)
15- Quinta do Ludo, Loulé (CNS18848)
16- Olhão (Garcia, Romba e Macedo, 2013: 127)
17- Arrancada, Tavira (CNS25596)
18- Manta Rota (Garcia, 2008: 106)
19- Quinta da Fidalga, Vila Real de Stº António (Garcia, 2008: 121)
20- Torre de Frades / Horta, Vila Real de Stº António (Garcia, 2008: 97)
21- Alcariais de Alcaria, Castro Marim (CNS18879)
22- Aroeira, Castro Marim (CNS7582)
23- Vale do Boto, São Bartolomeu de Castro Marim (Catarino, 1998: 132, 246-249)
24- Aroucas, Castro Marim (CNS18888)
25- Lezíria, Castro Marim (Arruda, 1985; CNS11305)
26- Cerca das Oliveiras, Alcoutim (CNS18370)
27- Horta do Brejo, Alcoutim (CNS18498)
28- Montinho de Corte da Seda, Alcoutim (CNS6445)
29- Casa dos Vinte Filhos, Alcoutim (CNS18923)
30- Palhota, Alcoutim (CNS14397)
31- Montinho das Laranjeiras, Alcoutim (Coutinho, 1993; CNS1219)
32- Cabeço das Casas, Alcoutim (CNS18383)
33- Corte das Donas, Alcoutim (CNS18354)
34- Álamo, Alcoutim (CNS5303)
35- Alcarias da Foz de Odeleite, Castro Marim (CNS18416)
36- Alcariais de Odeleite, Castro Marim (Santos, 2010)
37- Alcaria das Amoreiras, Castro Marim (CNS18392)
38- Vale das Gatas, Castro Marim (CNS7787)
39- Almada de Ouro, Castro Marim (CNS18401)
40- Corte Velho, Castro Marim (Arruda, Oliveira, 2011)
41- Quarto, Castro Marim (CNS18414)
42- Figueirais, Castro Marim (CNS18411)
43- Alcaria de Corte Gago, Castro Marim (CNS18394)
44- Povoação à beira-mar em Sagres, Baleeira ? (Dozy, Goeje, 1866: 218)
45- Milreu, Faro (Sidarus, Teichner, 1997)
46- Sítio da Canada, Tavira (informação Luis Fraga)
47- Quinta da Cumeada, Tavira (informação de Luis Fraga)
48- Benamor, Tavira (informação de Luis Fraga)
49- La Almagra, Huelva (Nuria et al, 2008)
50- Arroyo de Santa, Palos de la Frontera (Pozo et al, 1996: 154)
51- Palos de la Frontera, Huelva (Pozo et al, 1996: 152, 162)
52- La Rábida, Palos de la Frontera (Pozo et al, 1996: 152)
53- Al-Masadjid, Sanlúcar de Barrameda (Dozy, Goeje, 1866: 214)
54- Grañina, Puerto de Santa Maria (López A., Ruiz G., 2005)
55- Doña Blanca, Puerto de Santa Maria (López A., Ruiz G., 2005)
56- Caños de Meca, Cádiz (Abellán P., 1986)
57- El Corchito, Niebla (Pérez M., 2002)
58- Rotura, Niebla (Pérez M., 2002)
59- Vallelejo, Niebla (Pérez M., 2002)
60- Anorias, Niebla (Campos C., Goméz T., Pérez M., 2006 : 305)
61- Cerro del Villar, Niebla (Campos C., Goméz T., Pérez M., 2006 : 309)
62- Guijillo, Niebla (Campos C., Goméz T., Pérez M., 2006 : 311)
63- La Marquesa, Niebla (Campos C., Goméz T., Pérez M., 2006 : 312)
64- Las Canarias, Niebla (Campos C., Goméz T., Pérez M., 2006 : 313)
65- Rozón, Niebla (Campos C., Goméz T., Pérez M., 2006 : 320)
66- Valdemorales, Niebla (Campos C., Goméz T., Pérez M., 2006 : 321)
67- Fuente Vieja, Moguer (Bedia G., 2005)
68- Nuevo Instituto, Huelva (Bedia G., 2005)
69- Trigueros, Huelva (Bedia G., 2005)
70- S. Juan del Puerto, Huelva (Bedia G., 2005)
71- Chozas del Junio, Moguer (Bedia G., 2005)
72- Huerta de Isidro, Moguer (Bedia G., 2005)
73- El Rendón, Moguer (Bedia G., 2005)

BETA

BETA ANALYTIC INC.

DR. M.A. TAMERS and MR. D.G. HOOD

UNIVERSITY BRANCH
4985 S.W. 74 COURT
MIAMI, FLORIDA, USA 33155
PH: 305/667-5167 FAX: 305/663-0964
E-MAIL: beta@radiocarbon.com

REPORT OF RADIOCARBON DATING ANALYSES

Dr. Eugénia Cunha

Report Date: 5/1/2003

Universidad de Coimbra

Material Received: 4/3/2003

Sample Data	Measured Radiocarbon Age	13C/12C Ratio	Conventional Radiocarbon Age(*)
Beta - 178034	720 +/- 50 BP	-19* o/oo	810 +/- 60* BP

SAMPLE : CVPA.98.S.13
ANALYSIS : Radiometric-Standard delivery (collagen analysis)
MATERIAL/PRETREATMENT : (bone collagen): collagen extraction with alkali
2 SIGMA CALIBRATION : Cal AD 1050 to 1100 (Cal BP 900 to 850) AND Cal AD 1140 to 1290 (Cal BP 810 to 660)

Beta - 178035	700 +/- 70 BP	-19* o/oo	790 +/- 70* BP

SAMPLE : CVPA.01.S.53
ANALYSIS : Radiometric-Standard delivery (collagen analysis)
MATERIAL/PRETREATMENT : (bone collagen): collagen extraction with alkali
2 SIGMA CALIBRATION : Cal AD 1050 to 1100 (Cal BP 900 to 850) AND Cal AD 1140 to 1300 (Cal BP 810 to 650)

Dates are reported as RCYBP (radiocarbon years before present, "present" = 1950A.D.). By International convention, the modern reference standard was 95% of the C14 content of the National Bureau of Standards' Oxalic Acid & calculated using the Libby C14 half life (5568 years). Quoted errors represent 1 standard deviation statistics (68% probability) & are based on combined measurements of the sample, background, and modern reference standards.

Measured C13/C12 ratios were calculated relative to the PDB-1 international standard and the RCYBP ages were normalized to -25 per mil. If the ratio and age are accompanied by an (*), then the C13/C12 value was estimated, based on values typical of the material type. The quoted results are NOT calibrated to calendar years. Calibration to calendar years should be calculated using the Conventional C14 age.

CALIBRATION OF RADIOCARBON AGE TO CALENDAR YEARS

(Variables: est. C13/C12=-19:lab. mult=1)

Laboratory number: **Beta-178035**

Conventional radiocarbon age[1]: **790±70 BP**

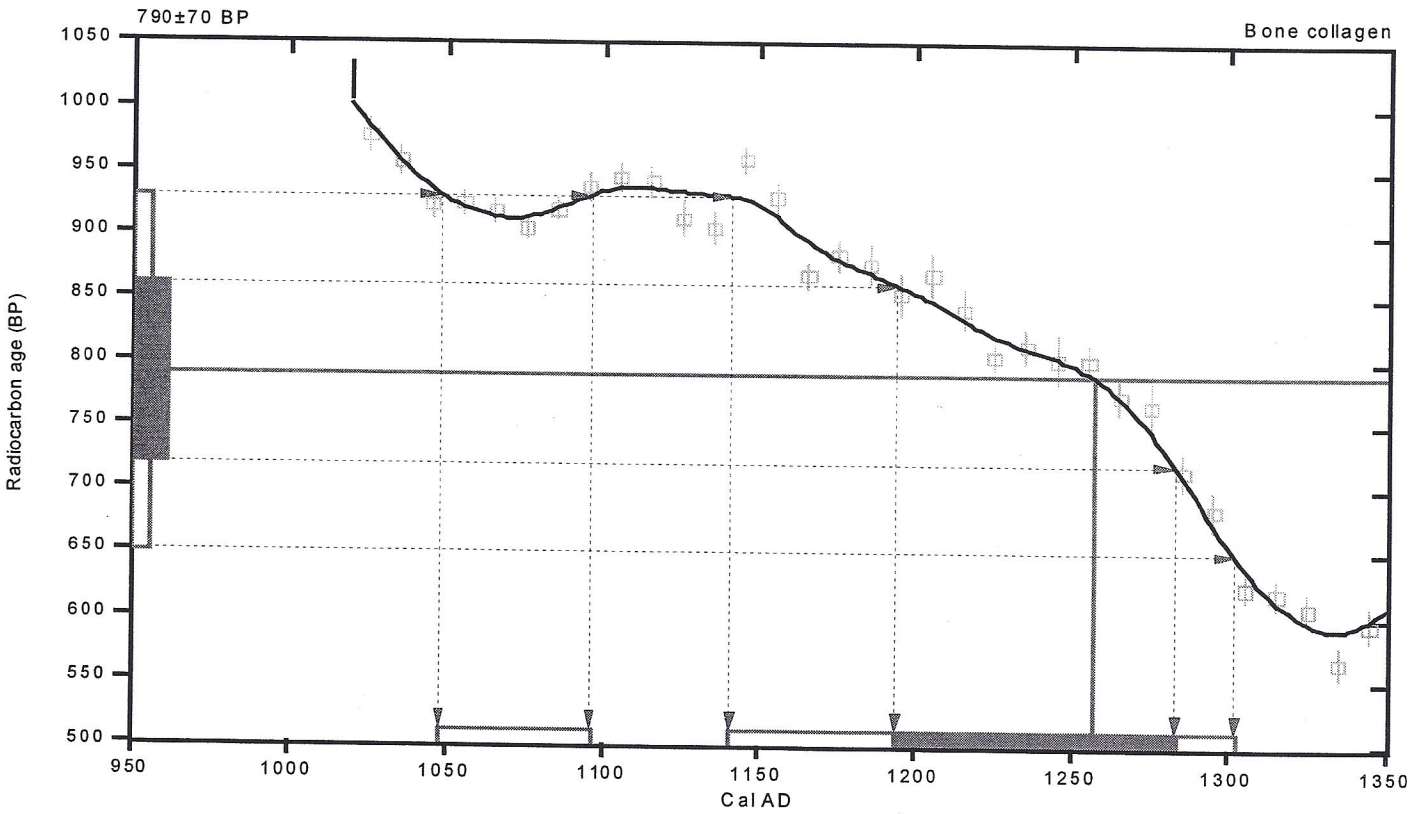
2 Sigma calibrated results: **Cal AD 1050 to 1100 (Cal BP 900 to 850) and**
(95% probability) **Cal AD 1140 to 1300 (Cal BP 810 to 650)**

[1] C13/C12 ratio estimated

Intercept data

Intercept of radiocarbon age with calibration curve: Cal AD 1260 (Cal BP 690)

1 Sigma calibrated result: Cal AD 1190 to 1280 (Cal BP 760 to 670)
(68% probability)



References:

Database used

Calibration Database
Editorial Comment
Stuiver, M., van der Plicht, H., 1998, Radiocarbon 40(3), pxii-xiii
INTCAL98 Radiocarbon Age Calibration
Stuiver, M., et. al., 1998, Radiocarbon 40(3), p1041-1083
Mathematics
A Simplified Approach to Calibrating C14 Dates
Talma, A. S., Vogel, J. C., 1993, Radiocarbon 35(2), p317-322

Beta Analytic Inc.

4985 SW 74 Court, Miami, Florida 33155 USA • Tel: (305) 667 5167 • Fax: (305) 663 0964 • E-Mail: beta@radiocarbon.com

CALIBRATION OF RADIOCARBON AGE TO CALENDAR YEARS

(Variables: est. C13/C12=-19:lab. mult=1)

Laboratory number: **Beta-178034**

Conventional radiocarbon age[1]: **810±60 BP**

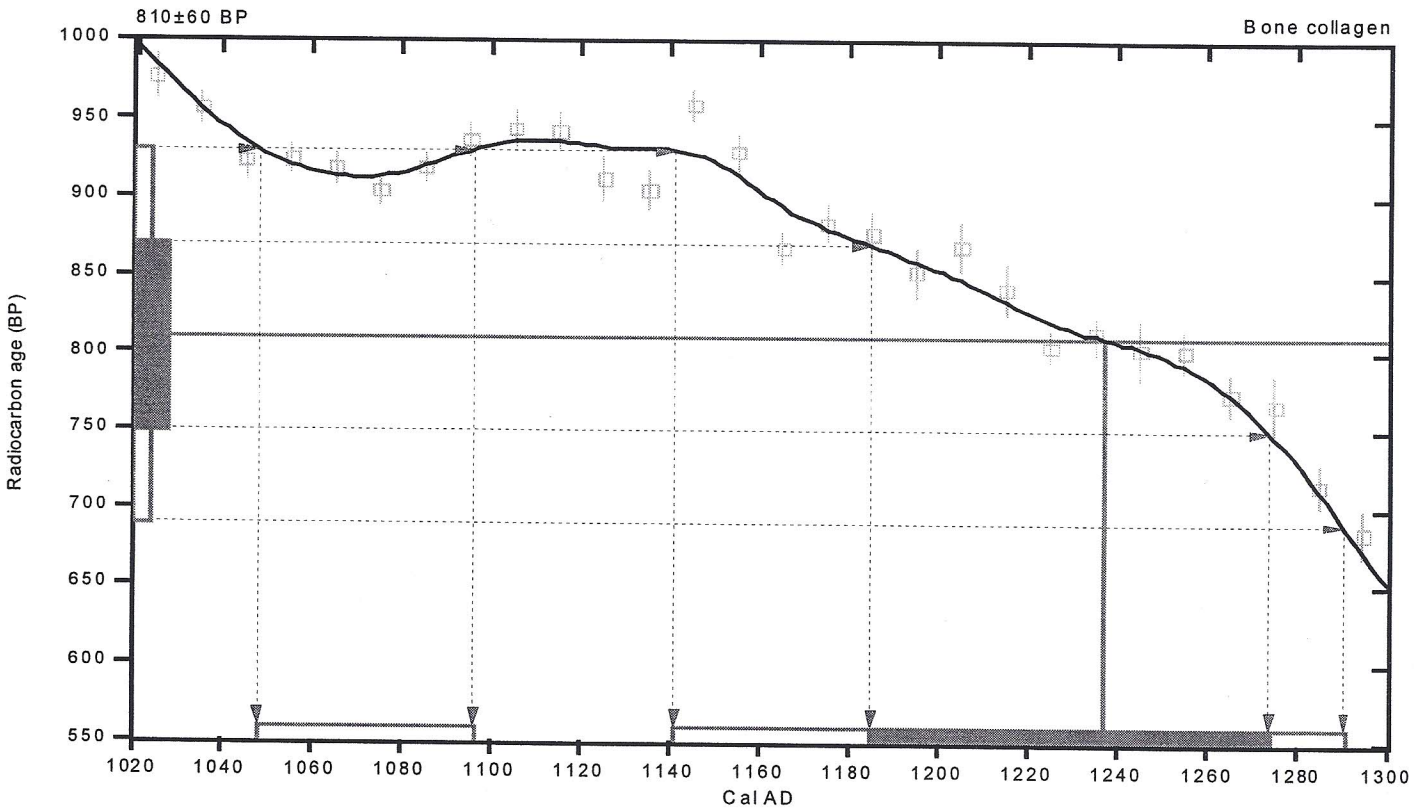
2 Sigma calibrated results: **Cal AD 1050 to 1100 (Cal BP 900 to 850) and**
(95% probability) **Cal AD 1140 to 1290 (Cal BP 810 to 660)**

[1] C13/C12 ratio estimated

Intercept data

Intercept of radiocarbon age with calibration curve: Cal AD 1240 (Cal BP 710)

1 Sigma calibrated result: Cal AD 1180 to 1270 (Cal BP 760 to 680)
(68% probability)



References:

Database used

Calibration Database

Editorial Comment

Stuiver, M., van der Plicht, H., 1998, Radiocarbon 40(3), pxii-xiii

INTCAL98 Radiocarbon Age Calibration

Stuiver, M., et. al., 1998, Radiocarbon 40(3), p1041-1083

Mathematics

A Simplified Approach to Calibrating C14 Dates

Talma, A. S., Vogel, J. C., 1993, Radiocarbon 35(2), p317-322

Beta Analytic Inc.

4985 SW 74 Court, Miami, Florida 33155 USA • Tel: (305) 667 5167 • Fax: (305) 663 0964 • E-Mail: beta@radiocarbon.com

Anexo III

INVENTÁRIO DE SEPULTURAS DESCOBERTAS NO POÇO ANTIGO, CACELA										
N.º	Q.	U.E.	Orientação	Tipologia	Materiais Associados	N.º de Ind.	Sexo	Classe etária	Cota Sup. Máx./Inf. Mín.	Notas
1	-1J	2	250ºE	Fossa simples	---	1	F	Adulto	11,09/11,16m	Completo e bem conservado.
2	-1J/-1K	7	---	Fossa parcialmente delimitada	---	1	M	Adulto	---	Incompleto e fragmentado. Sobre si localizava-se o indivíduo imaturo da sep. 16.
3	1J/1I	2	250ºE	Fossa parcialmente delimitada.	Um prego	1	M	Adulto	10,87/10,91m	Incompleto e fragmentado.
4	2B	5	228ºE	Fossa simples	Cerâmica	1	M	Adulto	---	Incompleto e fragmentado.
5	1J	2	252ºE	Fossa parcialmente delimitada por pedras	---	1	M	Adulto	10,70/10,75m	Incompleto (faltava-lhe o *cranium*) e relativamente mal conservado.
6	---	---	---	Fossa simples	---	1	M	Adulto	---	Bem conservado e completo.
7/8	1K	1	255ºE	Fossa simples	---	1	M	Adulto	---	Bastante incompleto e o seu estado de preservação é deplorável.
9	2J/2K	2	---	Fossa simples	---	1	M	Adulto	11,21/11,22m	Incompleto mas relativamente bem conservado.
10	1K	---	255ºE	Fossa simples	---	1	F	Adulto	---	Incompleto.
11	1K	1	272ºE	Fossa escavada na areia	---	1	M	Adulto	---	Incompleto mas bem conservado
12	1K	33	---	Fossa escavada na areia	---	1	I	Não-Adulto	---	Completo e medianamente conservado.
13	2J/2K	32	---	Fossa delimitada por pedras	Doze pregos	1	M	Adulto	---	Completo e bem conservado.
14	2B	30	---		---	1	I	Não-Adulto	8,82m	Bastante remexido. Mal conservado e incompleto.
15	1I/1H	5		Fossa simples	---	1	F	Não-Adulto		Completo e bem conservado.
16	-1J/-1K	7	No desenho	Parcialmente delimitada por pedras	---	1	I	Não Adulto	13,23/13,15m	Corpo depositado sobre a sepultura 2. Esqueleto incompleto e fragmentado.
17	2G/3G	4	No desenho	Cabeceira e membros inferiores parcialmente delimitados por pedras e telhas	Fragmentos cerâmicos	1	M	Adulto	12,77/12,54m	Esqueleto incompleto (falta a perna direita), mas bem conservado.
18	2E/2F	18	248ºE	Parcialmente delimitada por pedras	---	1	M	Adulto	12,26/12,10m	Completo e bem preservado
19	3D	9	248ºE	Cabeceira delimitada por pedras	Várias tachas e duas argolas de cobre	3	M I I	Adulto N Adulto Não Adulto	12,11/12,19m 12,20/12,19m 12,18/12,15m	Incompletos e fragmentados. Possível enterramento em caixão do indivíduo 1 (?).
20	3F	7	---	Parcialmente delimitada por pedras e telhas	Duas tachas	1	F	Adulto	12,46/12,45m	Incompleto (só se encontram presentes os membros inferiores) mas bem preservado.
21	-1J/-1K	47	253ºE	Fossa simples	Redução #3	1	M	Adulto	13,22/13,14m	Bastante danificado e incompleto. Distúrbios *post mortem* possivelmente provocados por actividades agrícolas (arado).
22	2F	8	255ºE	Fossa simples	Uma tacha	1	M	Adulto	12,32/12,18m	Completo e bem conservado.

N.º	Q.	U.E.	Orientação	Tipologia	Materiais Associados	N.º de Ind.	Sexo	Classe etária	Cota Sup. Máx./Inf. Mín.	Notas
23	2G	10	227ºE	Parcialmente delimitada por pedras	---	1	M	Adulto	12,36/12,23m	Completo e bem conservado
24	3G/3H	12	246ºE	Fossa simples	---	1	I	Não Adulto	12,59/12,46m	Razoável estado de conservação.
25	3G/3H	13	No desenho	Cabeceira delimitada por pedras	Três pregos	1	F	Adulto	12,46/12,32m	Incompleto (faltam a tíbia e pé esquerdos) mas bem conservado.
26	3G	25	260ºE	Cabeceira delimitada por pedras	Pregos	1	M	Adulto	12,34/12,21m	Completo e bem conservado.
27	-1I/-1J	47	245ºE	Fossa simples	Redução #6	1	M	Adulto	13,03/12,95m	Muito fragmentado e muito incompleto.
28	2E/2D	23	242ºE	Delimitada parcialmente (corta um muro)	Algumas pedras de cal de dimensões risíveis	1	F	Adulto	---	Esqueleto completo e medianamente preservado.
29	5C	8	260ºE	Parcialmente delimitada por pedras	Dois pregos associados (rótula e pé esquerdos)	1	F	Adulto	12,03/11,94m	A metade superior continua por escavar, no testemunho. Bem conservado.
30	3E	5	---	Fossa simples	---	1	I	Não Adulto	12,03/12,02m	Muito incompleto e danificado.
31	4B	2	225ºE	Parcialmente delimitada por pedras	Pelo menos quatro pregos, um dos quais associados a uma porção de tecido. Pendente metálico em forma de concha.	1	F	Adulto	11,94/11,85m	Quase completo mas em mau estado de preservação, devido, possivelmente, a perturbações antrópicas relacionadas com as actividades agrícolas
32	4B	2	240ºE	---	---	1	M	Adulto	11,71/11,66m	Extremamente incompleto e praticamente destruído.
33	4B	11	251ºE	Fossa simples. Bloco assinala cabeceira		1	M	Adulto	12,17/11,89m	Completo e bem conservado.
34	1H	2	238ºE	Parcialmente delimitada por pedras	Redução #9	1	F	Adulto	12,82/12,66m	Completa e medianamente conservada. Depositada sobre as pernas da sep. 36.
35	2D/3D	14	---	Fossa simples	---	1	F	Adulto	12,05/12,02m	Extremamente incompleta e praticamente destruída. A perturbação *post mortem* desta sepultura parece estar adstrita ao processo de inumação do indivíduo da sep. 28.
36	1H	2	250ºE	Parcialmente delimitada por pedras. Uma pedra na cabeceira (lado esquerdo).	Prego	1	M	Adulto	12,92/12,71m	Completo e medianamente conservado. As perturbações *post mortem*, foram devidas ao processo de enterramento do indivíduo da sep. 34.
37	2E/2D	5	244ºE	Parcialmente delimitada por pedras (cabeceira)	---	1	M	Adulto	---	Completo e bem conservado.
38	3J/3K	2	251ºE	Fossa simples	Redução #12	1	I	Não Adulto	13,33/13,20m	Completo e bem conservado.

N.º	Q.	U.E.	Orientação	Tipologia	Materiais Associados	N.º de Ind.	Sexo	Classe etária	Cota Sup. Máx./Inf. Mín.	Notas
39	-1G	23	246ºE	Fossasimples. Exibia um cordão de pedras em redor do pescoço e uma pedra sobre o crânio.	---	1	M	Adulto	12,39/12,28m	Completo e bem conservado.
40	4C	2	---	---	---	1	I	Não Adulto	11,91/11,88m	Bem conservado. Foram recuperados somente os pés pois o remanescente do esqueleto permanece sob o testemunho.
41	-1F	26	255ºE	Fossa simples. Com uma pedra a elevar a cabeça.	---	1	I	Não Adulto	12,28/12,13m	Em mau estado de conservação. Incompleto.
42	2H	2	260ºE	Fossa simples. Depositada sobre a face norte do muro 5. Um tijolo elevava a cabeça.	---	1	I	Não Adulto	12,90/12,83m	Incompleto e mal conservado.
43	2H/2I	5	256ºE	Delimitada parcialmente por muro. Depositada sobre face sul do muro 5.	Um alfinete.	1	I	Não Adulto	12,66/12,64m	Incompleto mas bem conservado.
44	1E/1F	24	242ºE	Parcialmente delimitada por pedras	---	1	M	Adulto	12,15/12,06m	Completo mas mal conservado.
45	3G	27	263ºE	Parcialmente delimitada por pedras	---	1	M	Adulto	12,26/12,04m	Bem conservado mas incompleto. O braço e perna esquerdos permanecem sob o testemunho.
46	3I	21	265ºE	Fossa simples	---	1	M	Adulto	12,77/12,77m	Incompleto mas bem conservado.
47	6C	3	---	Fossa simples	---	1	M	Adulto	11,69/11,45m	Não foi recuperada a metade superior do corpo. Medianamente conservado.
48	2H	5	248ºE	Delimitada parcialmente por muro	---	1	F	Adulto	12,67/12,51m	Completa e bem conservada.
49	2E/2F	45	270ºE	Delimitada parcialmente por muro	---	1	M	Adulto	12,00/11,86m	Completa e bem conservada.
50	3H	5	248ºE	Delimitada parcialmente por pedras e telhas (cabeceira)	Dois pregos	1	F	Adulto	12,73/12,61m	Completa e bem conservada.
51	3H	5	270ºE	Fossa simples	---	1	I	Não Adulto	12,58/12,48m	Incompleto e fragmentado. Sobre o úmero esquerdo da sep. 25 e sob os pés da sep. 50.
52	2E/3E	5	248ºE	Delimitada por pedras	---	1	I	Não Adulto	11,93/11,87m	Completo e medianamente conservado.
53	3J/3K	48	264ºE	Parcialmente delimitada por pedras	Um prego	1	M	Adulto	13,11/12,92m	Completo e bem conservado.

N.º	Q.	U.E.	Orientação	Tipologia	Materiais Associados	N.º de Ind.	Sexo	Classe etária	Cota Sup. Máx./Inf. Mín.	Notas
54	3K	49	241ºE	Parcialmente delimitada por pedras	---	1	I	Não Adulto	13,20/13,10m	Bem conservado mas incompleto (só restou o crânio e parte do tórax). Actividade agrícola ?
55	2I/2J	53	265ºE	Parcialmente delimitada por muro	---	1	M	Adulto	12,95/12,75m	Completo e medianamente conservado. Alguma fragilidade devido à humidade do solo na altura do levantamento do indivíduo.
56	3I	54	270ºE	Parcialmente delimitada por muro	Um prego	1	M	Adulto	12,86/12,75m	Completo e medianamente conservado. Alguma fragilidade pelas mesmas razões da sep. 55. Sobre a perna esquerda da sep. 55.

Inventário de sepulturas da necrópole medieval do Poço Antigo, Cacela